



## **CADERNO DE RESUMOS**

VIII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

### **Comissão Organizadora - PPGAS-UFSCar**

Ana Cecília Campos

Bruno Campos Cardoso

Catarina Morawska Vianna

Felipe Vander Velden

Gabriel Sanchez

Luisa Fanaro

Luísa Tui Sampaio

2022



**ReACT**  
Rede de Antropologia  
da Ciência e Tecnologia



Programa de  
Pós-Graduação em  
Antropologia Social  
PPGAS-UFSCar

F A I .UFSCar



**FAPESP**

## **ST01 E pur se muove! Novas tecnologias de parentesco: a ressurreição de um campo**

Márnio Teixeira-Pinto  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
marnio.t.pinto@gmail.com

Carlos Eduardo Ferreira  
Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo (IME/USP)  
cef@ime.usp.br

Adriana Queiroz Testa  
Centro de Estudos Ameríndios da Universidade de São Paulo (CEstA/USP)  
aqtesta@yahoo.com.br

Os estudos de parentesco nascem e se consolidam como campo de controvérsias. A cena contemporânea continua incendiária, uma vez que o destino desse campo é disputado por aqueles que, sucedendo às críticas culturalistas, o condenam à morte e também por aqueles que propugnam sua reabilitação. Diante do vertiginoso desenvolvimento recente de tecnologias da informação que interferem em todos os aspectos das nossas vidas, não surpreende que parte dessas tentativas de resgate dos estudos de parentesco passe pela implosão das fronteiras disciplinares, estimulando o diálogo entre antropologia e computação. Esse diálogo, ancorado nas teorias do parentesco e dos grafos, tem investido na criação de métodos computacionais para o estudo do parentesco e temas conexos, como chefia, xamanismo, ritual, mobilidade espacial, residência, descendência e circulação de coisas alienáveis e inalienáveis, entre outros. Esse horizonte de cooperação interdisciplinar também descortina a possibilidade de retomar, por outros ângulos, relações entre estrutura e história, uma vez que redes de parentesco são fenômenos que evoluem no tempo e que, em termos matemáticos, talvez se comportem como sistemas dinâmicos, para os quais a ciência da computação dispõe de recursos de tratamento. Diante da profusão de potencialidades que as novas tecnologias informáticas trazem para a antropologia, esse seminário está interessado em reunir iniciativas que apostam nesta nova fronteira interdisciplinar.

Palavras-chave: redes, parentesco, ciência da computação

## **Sessão 1: Experimentos computacionais em redes de parentesco**

O problema da retificação dos anéis matrimoniais

Marcio Ferreira Da Silva (Universidade de São Paulo)

Doutor em Antropologia (MN-UFRJ)

Márnio Teixeira-Pinto (Universidade Federal de Santa Catarina)

Doutor em Antropologia (MN-UFRJ)

“Anel matrimonial” é um conceito forjado em região de fronteira entre os territórios da matemática discreta e da antropologia do parentesco. Do ponto de vista antropológico, corresponde a um matrimônio entre pessoas previamente aparentadas. Do ponto de vista matemático, descreve um caminho em um grafo de Ore que não leva em conta a direção dos arcos, no qual nenhum vértice tem grau de saída igual a zero, o último vértice é igual ao primeiro e nenhum vértice entre eles ocorre mais de uma vez. Enfatizando sua origem mestiça, poderíamos defini-lo como um circuito fechado de arcos de filiação e arestas de casamento entre vértices (indivíduos) distintos, representados em uma genealogia, no qual nenhum deles representa uma pessoa solteira sem filhos. Embora a cristalização deste híbrido corresponda a um fenômeno relativamente recente, algumas de suas manifestações são objetos antropológicos com idade provecta, como não desmentem o artigo pioneiro de Tylor (1889), que inaugura a noção de “casamento de primos cruzados”, as conferências de Rivers (1913) sobre a relação entre práticas matrimoniais e classificações de parentesco e o tratado de Lévi-Strauss (1949) sobre os regimes elementares de aliança. Em termos heurísticos, a análise de uma forma circular como um anel requer, como passo inicial, a sua retificação, ou seja, a sua projeção em um segmento de reta, com a preservação de todos os seus vértices. Assim, para estudar um anel, é preciso segmentá-lo em uma de suas conexões e, por convenção, definir o primeiro vértice desta cadeia orientada como Ego e o último como Alter. Em tese, um objeto circular pode ser cortado em qualquer vínculo que o compõe mas, por conveniência, aqui convém cortá-lo numa conexão matrimonial. Neste caso, Ego e Alter são cônjuges entre si. Ora, a antropologia do parentesco tem explorado quase que exclusivamente anéis com uma única conexão matrimonial. Nesses casos, sua retificação corresponde a um procedimento banal. Com a entrada em cena de ferramentas computacionais, capazes de rastrear exaustivamente circuitos de maior profundidade, com dois ou mais casamentos, antropólogos e cientistas da computação voltam a se associar diante deste desafio metodológico de seu objeto híbrido: em um dado anel que contém dois ou mais casamentos, onde o circuito pode ou deve ser cortado? A decisão é crucial para relacionar corretamente os casamentos nos anéis de uma dada rede. Esta comunicação pretende explorar algumas dimensões deste problema.

Palavras-chave: antropologia do parentesco, ciência da computação, anéis matrimoniais

Uma experiência com redes de parentesco totalmente coloridas

Álvaro Junio Pereira Franco (Universidade Federal de Santa Catarina)

Doutor em Ciências da Computação

Marcelo Emilio Vendramin (Universidade Federal de Santa Catarina)

Graduando em Ciências da Computação

As redes de parentesco são grafos com vértices, arestas e arcos. Na sua forma natural, as redes de parentesco podem ser utilizadas para identificar os indivíduos e relações entre esses indivíduos. É comum um arco do vértice  $u$  para o vértice  $v$  representar que  $u$  é pai (ou mãe) de  $v$ ; e uma aresta entre  $u$  e  $v$  representar que tais vértices são casados. Como consequência, os arcos podem ser rotulados com valores do conjunto  $R$ , sendo seus elementos representando as relações possíveis entre os vértices (indivíduos):  $F$ ,  $M$ ,  $S$ ,  $D$ ,  $H$  e  $W$ . Agora considere um conjunto de cores  $C$ . Podemos enxergar os rótulos dos elementos do conjunto  $R$  como cores nos arcos e nas arestas, desde que exista um mapeamento um-para-um entre os elementos de  $R$  e  $C$ . Portanto, podemos usar cores nos arcos e arestas em redes de parentesco sem perder qualquer informação clássica. Além disso, podemos até sugerir novas relações em redes. Como exemplo disso, podemos citar um trabalho do Me. Carlos Melo de Oliveira Paulino, sob orientação do Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva, onde eles trabalharam com relações diferentes daquelas que aparecem no conjunto  $R$ . Isso é equivalente a considerar novas cores no conjunto  $C$  para atender ao mapeamento um-para-um entre os conjuntos. Sobre este olhar, podemos dizer que as redes de parentesco já estão coloridas nos arcos e nas arestas. No entanto, podemos pensar em uma extensão das redes de parentesco colorindo também os vértices. Dessa forma, teremos uma rede de parentesco totalmente colorida nos vértices, nos arcos e nas arestas. A ideia é que a cor de cada vértice dependa de um atributo dele mesmo. Como exemplo, a apresentação deste trabalho propõe um exercício sobre a rede Arara com os dados apresentados pelo Prof. Dr. Marnio Teixeira-Pinto. Nesta rede, todos os vértices foram coloridos a partir dos ancestrais mais antigos. Todos os indivíduos mais antigos receberam uma cor distinta. Consideramos que a cor de um vértice é sempre dada exclusivamente pela sua mãe (ou exclusivamente pelo seu pai). A ideia aqui é analisar sobre os indivíduos casados, o impacto dos indivíduos mais antigos aliado com a passagem dessa ancestralidade a partir das mães (ou dos pais). A análise sobre os indivíduos casados sempre considera os anéis da rede. Portanto, os anéis cromáticos da rede Arara foram enumerados. O exercício é finalizado com uma análise quantitativa sobre os anéis cromáticos dessa rede.

Palavras-chave: redes de parentesco, anéis, experimento

Lo que se ve mejor con computadora, y sin computadora – el caso del sistema de parentesco chimane (Bolivia)

Isabelle Daillant (CNRS, EREA/LESC - Francia)

Doctora en Antropología (Univ. Paris-Nanterre - Francia)

Cuando recopilé los datos genealógicos de los chimanes (Amazonía boliviana), principalmente hace unos 30 años, no existían todavía herramientas informáticas para analizarlos. No eran necesarias para darse cuenta de que los chimanes respetaban de manera muy estricta las reglas matrimoniales dravidianas. Sus prácticas resultaban en una red de parentesco tan ordenada y coherente que las ecuaciones terminológicas podían propagarse y recorrerla, sin tropezar con las contradicciones que en otras sociedades suelen estorbarlas. Era algo que se percibía nítidamente en el campo, y con el tratamiento manual que entonces se podía hacer de los datos. Sin embargo, resultaba mucho más complicado demostrarlo, ya que, por razones que veremos, tal tratamiento manual no permitía elaborar estadísticas significativas, y que mostrar casos no daba cuenta del grado de generalidad de las prácticas, ni de la red en su conjunto. Sobre estos aspectos, el tratamiento informático que se pudo hacer años después (en este caso con el software Puck), con sus resultados sistemáticos y casi instantáneos, fue una ayuda inestimable. No obstante, no sólo permitió confirmar y probar lo que ya se había detectado a mano: también puso a la luz mecanismos que anteriormente habían quedado desapercibidos. Pero, por otra parte, la larga y tediosa exploración que se había hecho anteriormente a mano también había desvelado mecanismos –fundamentales para el funcionamiento del sistema– que, al contrario, no podían ser aprehendidos con el tratamiento informático, precisamente por el carácter sistemático y exhaustivo de sus resultados. Se ilustrarán más precisamente ambos casos.

Palavras-chave: parentesco, sistema davidiano, tratamiento informático, Puck, metodología, chimanes

Um novo alento para decifrar a organização social Mëbêngôkre via PUCK

Juliana P. Lima Caruso (Universidade de São Paulo)

Doutora em Antropologia (USP)

Vanessa R. Lea (UNICAMP)

Doutora em Antropologia (UNICAMP)

Leandro Mahalem (Fundação Getúlio Vargas)

Doutor em Antropologia/FGV)

Pela iniciativa de Klaus Hamberger, um dos desenvolvedores do programa PUCK (Program for the Use and Computation of Kinship data), Lea retomou a primeira parte de seus dados

genealógicos levantados entre o subgrupo Mětyktire dos Měbêngôkre (Kayapó), em Mato Grosso, entre os anos de 1978 e 1982. O conjunto de dados foi publicado no Kinsources em 2020, disponível pelo link: <https://www.kinsources.net/kidarep/dataset-320-mebengokre-kayapo.xhtml>. A partir deste corpus publicado, de outubro de 2020 até maio de 2021 Lea, com a assessoria de Juliana Caruso, já experiente com o programa PUCK, empreendeu uma série de partições dos dados que evidenciou alguns achados importantes. Recentemente, Leandro Mahalem, especialista em análises computacionais e de redes se juntou aos esforços para analisar este complexo corpus empírico. Os Měbêngôkre têm uma organização sui generis, com Casas matrilineares exogâmicas, uma terminologia Omaha – algo associada na literatura antropológica com patrilinearidade, e com a herança vicária patrilinear de amizade formal, algo associada com a prescrição ideal de cônjuges. Tal caracterização foi rejeitada sumariamente por um pesquisador antecessor (Terence Turner), mas a análise com o programa PUCK possibilitou a comprovação empírica da natureza exogâmica dessas matricasas. Os Měbêngôkre são um dos povos Jê Setentrionais, próximos aos Timbira, especialmente os Apinajé, em termos linguísticos, caracterizados ora por uma terminologia Crow, ora por uma combinação de elementos Crow e Omaha. A investigação dos dados levantados por Lea, Caruso e Mahalem pretende contribuir tanto para uma nova compreensão dos Jê Setentrionais quanto à tipologia Crow-Omaha em termos mais amplos.

Palavras-chave: exogamia, mēbêngôkre, PUCK, Crow-Omaha

## **Sessão 2: Novos olhares sobre parentesco a partir das ferramentas computacionais**

Do todo às partes, das relações aos termos: como ensinar vocabulário de parentesco a um processador

Márnio Teixeira-Pinto (Universidade Federal de Santa Catarina)

Doutor em Ciências Humanas (Museu Nacional - UFRJ)

Todo tratamento computacional de redes de parentesco parece encontrar um forte limite na passagem entre o cálculo das relações codificadas numa matriz genealógica e a adoção da linguagem nativa para se referir, mesmo que de modo aproximado, a estas relações. Longe de ser um acessório não obrigatório ao uso de ferramentas computacionais auxiliares à análise de redes de parentesco e casamento, o sistema de termos para as relações de parentesco é fundamental para aproximar as complexidades analíticas do processamento computacional da realidade prática da vida nativa. Um Arara, por exemplo, apenas com algum esforço recupera o percurso de cálculo que faz de uma dada pessoa a "filha da filha do irmão de sua mãe" (uma MBDD, na 'parlance' analítica antropológica). No entanto, e modo inverso, ele é cotidianamente levado a não esquecer jamais que aquela pessoa deve ser tratada e referida por uma específica categoria selecionada no conjunto de termos nativos para as relações de parentesco. Devemos assumir, portanto, que se aproximar cada vez mais da prática nativa é um horizonte fundamental

do desenvolvimento destas novas ferramentas computacionais. Esta comunicação apresentará então um experimento inicial de como ensinar a terminologia de parentesco Arara a uma poderosa engrenagem de cálculo computacional de relações de parentesco e casamento, a MaqPar.

Palavras-chave: parentesco, análise computacional, terminologia de parentesco

¿La regla que confirma la excepción? Un sistema de primos cruzados con primos cruzados

Diego Villar (IICS CONICET-UCA - Argentina)

Doctor en Antropología

Lorena Córdoba (IICS UCA-CONICET)

Doutora em Antropologia

A partir de la importación del modelo terminológico dravidiano para comprender las redes de parentesco de los indígenas sudamericanos, los especialistas no han dejado de destacar los desvíos, los matices y las transformaciones amerindias con respecto a ese modelo de clasificación parental, presuntamente consistente con el matrimonio de primos cruzados. En efecto, a través de las décadas, la etnología de las tierras bajas sudamericanas parece acumular tantas o más excepciones que cumplimientos a la clásica asociación entre nomenclatura dravidiana y matrimonio de primos cruzados, comprobando una y otra vez el carácter flexible y adaptable del sistema y encontrando, en muchos casos, una baja ocurrencia empírica de ese tipo de alianzas. Sin embargo, a partir de un análisis informático preliminar y exploratorio de la red genealógica chacobo (Pano) de la Amazonía boliviana, es posible describir una variación más de esa lógica matrimonial en la cual, no obstante, a través de los años, el matrimonio bilateral de primos cruzados y con parientes próximos mantiene efectivamente una notable incidencia estadística.

Palavras-chave: parentesco, amazonia, Antropología, Indígenas

Metades exogâmicas e outros aspectos do regime matrimonial rikbaktsa

Gabrielle Cardoso Meneses (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutoranda em Antropologia Social (Museu Nacional/UFRJ)

Os Rikbaktsa são um povo de língua Macro-Jê que vive no noroeste do estado do Mato-Grosso. A população atual do grupo é de cerca de 1800 pessoas divididas em pouco mais de 30 aldeias (OPAN 2020). Este trabalho pretende abordar a relação entre metades exogâmicas e regime matrimonial do ponto de vista rikbaktsa. Para tanto, utilizaremos os dados processados pela

MaqPar (Wolthers 2009), o que nos permitirá ter uma noção mais precisa dos casamentos praticados por essa população ao longo de um certo período do tempo (6 gerações). Cotejando esses dados com as informações obtidas por outros antropólogos que trabalharam entre o grupo, perceberemos que a pertinência das metades exogâmicas para a regulação do casamento é bastante reduzida. Isso é consequência de um fato mencionado mas pouco explorado na literatura disponível sobre os Rikbaktsa: as metades são uma invenção recente e, por isso, seu valor institucional é superficial. Além disso, os Rikbaktsa possuem uma terminologia com feições crow e omaha. Eles explicam que no passado não só não existiam metades nem clãs, mas também que costumavam se casar com os primos (casamento bilateral), algo que não consideram mais correto atualmente. Como entender a coexistência, dentro de uma mesma sociedade, desses aspectos interpretados como contraditórios pela literatura clássica? A tentativa aqui é de elaborar a questão pela história. Nossa hipótese é que o que havia entre os Rikbaktsa era um sistema supralocal que dispersava blocos adversários por uma região extensa. Naquele contexto, a aliança se baseava em um regime de troca restrita multilateral sem grupos “formais” bem consolidados, ou, nas palavras de Viveiros de Castro & Fausto (1993:156): “um regime complexo de troca restrita local, que favoriza os ciclos curtos de reciprocidade e não funciona como um algoritmo de integração global do socius” (tradução livre). Veremos que é isso o que alguns dados da rede matrimonial rikbaktsa, quando articulados à história oral, permite supor.

Palavras-chave: parentesco, metades exogâmicas, história, rikbaktsa

Grafos no Rio Purus: análise exploratória de genealogias apurinã

Mario de Azevedo Brunoro (Universidade Federal do Amazonas)

Mestrando

A presente proposta é apresentar o andamento da pesquisa genealógica entre os Apurinã do Médio Rio Purus. Trata-se de uma análise exploratória, que conjuga teorias do parentesco com ferramentas computacionais, com o objetivo de realizar uma primeira aproximação a aspectos do parentesco e da organização social apurinã. Os Apurinã são um povo internamente diverso e ocupam tradicionalmente um vasto território que se estende pela região do rio Purus desde o município de Rio Branco (AC) até Manaus (AM). De acordo com Schiel (2004), existem diferentes formas em que os Apurinã mobilizam sua identidade coletiva: além das metades patrilineares exogâmicas, a parentela e a região de residência são marcadores sociológicos fundamentais e posicionam os parentes em dada rede de alianças. A rede genealógica, resultado da interligação dos diagramas modelados por Schiel (2004), é composta por 633 pessoas, das quais 332 são homens e 301 mulheres; e, por 1143 relações, sendo 284 matrimônios e 859 relações de filiação. Além disso, sabemos ambos avós maternos de 206 pessoas e paternos de 184. A profundidade geracional da rede é, no máximo, de 7 níveis. Do total de 284 matrimônios, 176 estão inseridos em 6953 anéis matrimoniais (Silva & Dal Poz 2008), dos quais 189 são

A1C1; 23 A2C1; e 6741 A2C2. Os 189 anéis A1C1 são compostos por 60 casamentos. Encontram-se casamentos entre primos cruzados em 142 destes anéis, contrastando com os 47 que representam casamentos entre primos paralelos. Apenas quatro casamentos são ambíguos e a depender do anel podem ser interpretados como paralelos ou cruzados. O padrão mais frequente de A1C1 é representado pelo casamento entre primos cruzados de mesma geração (G 0), correspondendo a 52% dos A1C1. Já em relação aos 6741 anéis A2C2, encontram-se 108 casamentos envolvidos na 1ª posição e 157 casamentos envolvidos na 2ª posição, sendo que 91 casamentos aparecem em ambas as posições. O padrão mais frequente deste anel é representado por duas cadeias afins paralelas de uma mesma geração (G 0) com o tamanho médio de 11 conexões. Como passos futuros da investigação espera-se realizar uma etnografia em campo visando tanto a atualização das informações genealógicas quanto da terminologia de parentesco apurinã, cujo material disponível é, até então, incipiente.

Palavras-chave: Apurinã, parentesco, anéis matrimoniais

### **Sessão 3: Circulação, alianças e redes de parentesco**

El ayllu peruano sometido a tratamiento computacional: primeros avances

Pablo Federico Sendon (ICSS-UCA/CONICET - Argentina)

Doctor en Antropología (Universidad de Buenos Aires)

Existe un consenso generalizado en el campo de los estudios antropológicos sobre parentesco de las poblaciones indígenas de las tierras altas de los Andes de que su gran mayoría está –y estuvo– organizada en ayllus. De estricta base parental, los modelos teóricos más sofisticados sobre este tipo de organización social se produjeron a partir del análisis de información relativa a la sociedad inca y procuraron ser identificados, con mayor o menor éxito, en el estudio etnográfico de sociedades indígenas contemporáneas. Siendo este el caso, paradójicamente, no existe consenso sobre el modelo indígena de parentesco prehispánico en los Andes, el peso estadístico sobre el que descansan las conclusiones de la gran mayoría de etnografías dedicadas al parentesco entre poblaciones indígenas contemporáneas es entre débil y nulo y, finalmente, no existe hasta la fecha un consenso preciso acerca de lo que es el ayllu –incluso existiendo explícitos pronunciamientos indígenas sobre la materia–. Ante este estado de cosas, el objetivo de esta comunicación es presentar y discutir parte de la casuística relativa a poblaciones campesino-indígenas del sur peruano pertenecientes a la región del macizo del Ausangate (Cuzco) que, debido al carácter excepcional de la información de base y al tratamiento al que está siendo sometida, permite brindar una serie de respuestas positivas a las incertidumbres mencionadas. Primero, dos estudios de caso de dos poblaciones –organizadas en dos y cuatro ayllus– basados en encuestas genealógicas que han posibilitado la identificación de dos redes de parentesco de 300 y 1000 individuos distribuidos en 5 generaciones. Segundo, libros parroquiales de matrimonio (5) y bautismo (13) que, articulados con la información genealógica

de la segunda red, han permitido ampliarla hasta 6000 individuos cubriendo un arco de 7 generaciones. La información en cuestión ha sido volcada en bases de datos para su análisis en programas computacionales especialmente diseñados para el estudio del parentesco y la alianza matrimonial cuyas posibilidades exploratorias son inmensas y constituyen un hecho inédito en el ámbito de los estudios antropológicos de parentesco en los Andes, los cuales hasta la actualidad se han realizado de manera “artesanal”.

Palavras-chave: ayllu, sur peruano, parentesco, computación, maqpar

Aliança matrimonial e ocupação territorial: um estudo sobre o sul do Amazonas

Edmundo Antonio Peggion (UNESP/PPGAS-UFSCAR)

Doutor em Antropologia (USP)

Os artigos de Claude Lévi-Strauss sobre os povos Kagwahiva que habitavam a região do rio Machado, em Rondônia, indicavam que os grupos locais tinham dois modos distintos e interligados de realizar o matrimônio: com afins distantes e com primos cruzados. Segundo o autor, o primeiro levava a uma regularidade de vínculos entre primos cruzados nas gerações subsequentes, o que, por sua vez, tornava necessário um novo ciclo de alianças entre grupos distantes. Em estudo recente, realizado entre os Tenharin do rio Marmelos, foi possível perceber a constituição de novas aldeias a partir de dissensões ocorridas entre líderes de grupos domésticos. Percebeu-se que os novos locais de moradia sempre remetiam a antigas ocupações ou a grandes chefes que ali viveram. Se em tempos antigos o eixo de referência das aldeias era o rio, hoje é a rodovia BR-230, Transamazônica. Aparentemente, ocorre uma nova configuração relacional com primos cruzados que habitam aldeias diferentes (como afins) e os que habitam a mesma aldeia (como primos cruzados, propriamente), fato que remete às notas de Lévi-Strauss. Uma reflexão interdisciplinar entre antropologia e computação com registros genealógicos de médio prazo poderia ser interessante para compreender se, de fato, há ciclos matrimônios e se eles ocorrem como aqui indicado. Além disso, tais registros poderão ser instrumentos importantes para a comunidade Tenharin pensar sobre a ocupação de seu território ao longo das últimas décadas.

Palavras-chave: Tenharin, aliança matrimonial, território

Redes de circulação entre manivas e mulheres nos rios da bacia do Rio Negro

Lorena França (Universidade Federal de Santa Catarina)

Doutoranda no PPGAS/UFSC

Na bacia do Rio Negro, paisagem etnográfica de povos indígenas multiétnicos, existe um sistema agrícola, do qual foram identificadas mais de 300 espécies cultivadas e mais de centena de variedades da maniot esculenta, a mandioca brava, principal expoente do cultivo local. O sistema pressupõe uma rede de trocas de manivas – nome dado à parte aérea da planta que possibilita a sua reprodução por clonagem –, efetivada principalmente por mulheres. Tal como já argumentado por Chernela (1986), “as alianças matrimoniais criam canais que possibilitam a troca de cultivares de mandioca na bacia do Uaupés”. Onde prevalece a regra de virilocalidade, as manivas são doadas pela mãe e viajam, assim, pelo território com as mulheres. Em outros casos, as mulheres iniciam suas roças com as manivas recebidas de sua sogra, e depois incrementam com as manivas de sua mãe, de parentes consanguíneos ou de afins. As visitas a outras comunidades incluem passeios nas roças de outrem e constituem momentos oportunos de receber exemplares de manivas ainda desconhecidas. O interesse em aumentar a própria coleção é guiado pelo valor de ‘beleza’ de uma roça, posto que uma roça bonita é sempre capinada e com grande variedade de manivas. Cada mulher é a “dona da roça” responsável por cuidar e alimentar suas manivas, estabelecendo uma relação de consanguinidade com essas plantas. Neste trabalho, atualizo a discussão levantada por Chernela e desenvolvida por Emperaire (2010, 2019) com dados de agrobiodiversidade produzidos durante minha pesquisa de doutorado, expostos em duas redes moduladas a partir do programa computacional Pajek. Na primeira, as 150 variedades de manivas identificadas estão em relação com os quatro locais da pesquisa etnográfica no Alto Rio Negro, a saber: uma comunidade no rio Uaupés, duas no rio Negro, uma no Içana e uma no rio Aiari. Observar as manivas compartilhadas por duas ou mais calhas de rio ajuda a refletir sobre as dinâmicas de relações entre as regiões que compõem o Alto Rio Negro. A segunda rede apresenta uma aproximação dos dados por cada comunidade/rio. Como podem ser percebidas as circulações de maniva entre as mulheres doadoras? Notamos que as mulheres que possuem mais variedades de manivas em suas roças são aquelas que estabelecem quantidade mais expressiva de relações sociais. Nesse trabalho, o parentesco não é objeto de análise em primeiro plano, mas se inscreve como pano de fundo das relações que orientam as trocas de cultivares.

Palavras-chave: redes, pajek, manivas, mulheres indígenas, rio Negro

Conexões Controversas entre Chefia e Parentesco Guarani

Adriana Queiroz Testa (Centro de Estudos Ameríndios da Universidade de São Paulo)

Doutora em Antropologia Social (Universidade de São Paulo)

O papel das relações de parentesco na constituição e no exercício da chefia política e religiosa ameríndia aparece nos primeiros registros de viajantes e missionários, flagrando o interesse e até mesmo fascínio despertado por figuras de chefes políticos e religiosos tupi-guarani. Entretanto, é a partir dos estudos de Pierre Clastres e Hélène Clastres que os Guarani se tornam referência para a generalização de um modelo teórico da antropologia política nas terras baixas

da América do Sul. O exame de fontes históricas e etnográficas revela um debate perene, recheado de controvérsias, sobre as conexões entre parentesco e chefia. Nesse sentido, observa-se que os modelos analíticos consagrados na etnologia guarani apresentam conclusões divergentes no que diz respeito à influência do parentesco na transmissão da chefia, bem como às relações entre a chefia política e o xamanismo. Nessa arena de disputas acaloradas, esta comunicação propõe que o uso de métodos computacionais pode ajudar a encontrar novos caminhos para elucidar velhos enigmas. Assim, diante de modelos teóricos conflitantes e em diálogo com etnografias clássicas e contemporâneas, este trabalho explora um corpus inédito de informações etnográficas sobre a chefia guarani com o auxílio das ferramentas computacionais MS-Access, MaqPar e Pajek. O exercício parte de um banco de dados contendo informações genealógicas de 1781 indivíduos, nascidos após a segunda metade do século XIX, e dados sobre o exercício da chefia religiosa e política em cerca de 80 localidades nos países do cone sul (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai). A análise desses dados traz respostas para três problemas persistentes nos debates sobre a chefia ameríndia: (1) o peso da hereditariedade na transmissão da chefia; (2) a influência de alianças matrimoniais na constituição e no exercício da chefia; e (3) a própria natureza das relações entre a chefia política e religiosa – se elas se desenvolvem como forças opostas, conforme o modelo clastriano, se são papéis que se concentram em uma única figura, seguindo as formulações de Curt Nimuendaju e Egon Schaden, ou se os laços de parentesco constituem vias de conexão entre essas duas dimensões da chefia, indicando novas perspectivas analíticas.

Palavras-chave: guarani, parentesco, chefia, ferramentas computacionais

## **ST02 Conhecimento, território e política**

Diego Rosa Pedroso  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)  
diegorpedroso@gmail.com

Geraldo L. Andrello  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Manuel Arroyo-Kalin  
University College London (UCL)

A história/produção das paisagens e sua tradução por meio de técnicas cartográficas são temas que vêm recebendo mais atenção no âmbito dos estudos antropológicos, arqueológicos e históricos, bem como de associações e comunidades indígenas, sobretudo pelo potencial político dos mapeamentos como ferramentas de proteção contra avanços capitalista-extrativistas e de gestão territorial e ambiental. Deste modo, esse ST se volta para as atuais experiências de povos indígenas com a terra, entendida em seus vários sentidos – como paisagem, floresta, espaço, território, planeta, cosmos, universo –, e a tradução dos modos indígenas de viver/habitar a terra por meio das tecnologias cartográficas. Busca-se assim estabelecer um diálogo interdisciplinar e intercultural entre áreas de pesquisa vinculadas à reflexões sobre a terra, seus processos de formação, experiência e significação, com particular interesse nos usos e apropriações de técnicas e codificações cartográficas de conhecimentos indígenas sobre lugares, o potencial político de mapeamentos, e as questões envolvidas nessa apropriação e tradução de conhecimentos. Neste sentido, são bem vindas discussões encaminhadas pela história, antropologia, arqueologia e distintas teorias indígenas acerca das noções de terra, assim como seus significados sociais, cosmológicos, históricos, políticos e ambientais, e os desafios envolvidos na tradução de conceitualizações indígenas sobre lugar e sua codificação em mapas.

Palavras-chave: terra, mapas indígenas, política, tradução, técnicas

## Sessão 1

Hãrãwu e Dahcho: observações sobre a produção cartográfica Kotiria e Kubeo do alto Uaupés (AM)

Pedro Rocha de Almeida e Castro (UFMG)

Doutor em antropologia (Museu Nacional/UFRJ)

Thiago Costa Chacon (UnB)

Doutor em linguística/Universidade do Havai

Nesta apresentação faremos algumas considerações sobre a produção cartográfica dos povos Kotiria (Wanano) e Kubeo, realizada principalmente entre 2014 e 2015, no âmbito do projeto de elaboração da publicação *Água, Terra e Gente: Primeiros Passos Para a Elaboração de um Plano de Gestão Ambiental e Territorial Kotiria e Kubeo* (2021). As línguas Kotiria e Kubeo fazem parte da família linguística Tukano Oriental. Junto com outros povos, os Kotiria e os Kubeo habitam a Terra Indígena Alto Rio Negro, no Noroeste do estado do Amazonas. Seu território é o alto curso do Rio Uaupés, um dos principais afluentes do rio Negro, na faixa de fronteira entre Brasil e Colômbia. Do lado brasileiro, se distribuem em 12 comunidades, sendo 10 Kotiria e 2 Kubeo, totalizando 606 pessoas. Vamos discutir como alguns aspectos da cultura e da organização social destes povos contribuem para tornar o produto final da atividade cartográfica – o mapa propriamente dito – um objeto dinâmico, controverso e provisório, com potencial de reacender ou catalisar disputas acerca de quem teria legitimidade para enunciar qual seria a verdadeira história dos lugares representados. Falaremos também sobre o evidente o potencial político e pedagógico das oficinas de produção dos “mapas mentais” e das expedições de mapeamento realizadas no projeto. Ao conectar diferentes gerações por meio da memória, da fala, do desenho e do manejo de novas tecnologias, estas ocasiões ensejaram uma importante reflexão sobre o território e a territorialidade, além de um novo contexto para a transmissão dos conhecimentos tradicionais. Mapear o território revelou-se, em suma, um processo dialógico, negociado e coletivo, que acabou por refletir paisagens invisíveis que desafiam nossas formas convencionais de representar o espaço.

Palavras-chave: Kotiria, Kubeo, cartografia, território, conhecimento

O que pode um mapa?: Agenciamentos territoriais nos traços e caminhos dos Hupd’äh

Bruno Marques (Universidade Federal de São Carlos)

Doutor em Antropologia (PPGAS, Museu Nacional, UFRJ)

Nesta apresentação, percorreremos os caminhos e lugares traçados em mapas desenhados por comunidades do povo Hupd’äh durante a elaboração do PGTA - Terra Indígena Alto Rio Negro

(Plano de Gestão Territorial e Ambiental) e no decorrer de outros processos que têm como horizonte a proteção territorial dos povos indígenas da região do Rio Negro entre 2015 e 2019. Os Hupd'äh são um povo indígena de 2.634 pessoas (FOIRN e ISA, 2019), da família linguística Naduhup, que em anos recentes viveram um processo de aproximação do movimento indígena na região do Alto Rio Negro, sobretudo no decorrer dos trabalhos de elaboração dos PGTAs das diferentes Terras Indígenas da região (Amazonas, Brasil). Nisso, trabalhos de mapeamento tomaram relevo nas colocações das comunidades, seja como demanda para a incorporação em atividades escolares, seja como mediadores em discussões de ordem mais ampla. Tal centralidade não nos parece acidental, provocando a reflexão antropológica de suas implicações. A descrição será dividida em duas partes: 1- o processo de desenho propriamente dito, o contexto, as agências de diferentes gerações (anciãos, professores e jovens), as técnicas de desenho e narrativa da terra, a composição de conhecimentos diversos...; 2- uma análise dos mapas desenhados, os tipos de lugares e de caminhos na mata, a memória dos sítios antigos (tapiris e malocas), manejo ambiental (caça, pesca, extração de matérias primas), toponímias (lugares hat niyy (“com nome”) e os acontecimentos, os eventos míticos, históricos e cotidianos plasmados no espaço), os donos de lugares (as agências de não-humanos e mais-que-humanos)... Argumenta-se que esses desenhos compõem / são compostos por uma multiplicidade de “agenciamentos territoriais”, deslocando a noção de um mapa como “representação” da terra e de seus usos.

Palavras-chave: mapas, Hupd'äh, Alto Rio Negro, agenciamentos territoriais, terra

Política e tecnicidade dos mapas: sobre o mapeamento participativo em três terras indígenas  
Diego Viana (Valor Econômico)

Doutor em humanidades FFLCH-USP

Maurice Seijas Tomioka Nilsson (FUNAI)

Doutor em humanidades / FFLCH-USP

A Política Nacional de Gestão Ambiental em Terras Indígenas (PNGATI) proporcionou experiências de mapeamento que revelam o alcance político dos mapas como elementos técnicos. Como representações da terra e inscrições de significados atribuídos pelo povo nela residente ou grupos nela interessados, mapas dirigem cargas de sentido, afeto e potencial ativo. Este trabalho se debruça sobre três experiências de mapeamento de terras indígenas no NE: as dos povos Xocó (TI Caiçara/Ilha de S. Pedro), Pankararu (TI Entre-Serras/Pankararu), Xacriabá (TIs Xacriabá, Rancharia e Xakriabá - em revisão de limites). Mediante o conceito de tecnicidade de G. Simondon, o trabalho examina como essas experiências mobilizam sentidos e afetos desses três povos, apropriando-se do mapeamento e atribuindo-lhe teor político. Simondon distingue um gesto originário de atribuição de sentidos ao território, pela inscrição de pontos-chave e momentos reiterados, dividida em seguida em fase técnica, objetiva, e fase

de fundo, subjetiva. Essas fases são articuladas pela atividade estética. Por esse prisma, mapas são elementos técnicos que expõem com símbolos as significações do território, conjugando inscrição e tecnicidade. Conjugam também significações de fundo: pontos que marcam origens, eventos-chave etc. As três experiências estudadas revelam como essa conjugação, operada no elemento técnico, faz do mapa um instrumento de atuação política, realçada pela inserção em conflitos subjacentes. No mesmo elemento técnico, dois regimes de inscrição e significação são contrapostos: os pontos-chave dos povos indígenas e os potenciais de exploração do capital. Cada um produz suas marcas no registro do território. Em paralelo, mapas desenhados à mão precedem as imagens orbitais por apresentarem o território sob a inscrição de seus usuários originários, sendo então postos em simetria com as imagens. Diferentes linhagens técnicas convergem nesses processos, obtendo resultados de teor político e auxiliando os indígenas na luta pela terra. O trabalho examina o vínculo entre tecnicidade e política manifesto nas três experiências. Veremos como o mapa é ferramenta de transformação/planejamento e também de sedimentação e estabilização. É representação de dados objetivos, mas inscreve e comunica desejo e a subjetividade de quem os concebe e utiliza. Partimos das questões: como se dá a inscrição? Como a tecnicidade do mapa se desdobra em instrumento político?

Palavras-chave: tecnicidade, inscrição, mapeamento, território indígena, cartografia, elemento técnico

A transhumanidade tekoaxy e as dádivas em movimento: reflexões sobre imagens da existência colhidas entre os Guarani.

Ana Maria Ramo y Affonso (Sem filiação)

Doutora em Antropologia

O cosmos guarani está dividido em diversos territórios que se interpenetram e se constituem mutuamente, e que se distribuem como plataformas - amba - sobre as quais se erguem cidades, invisíveis ao olho comum, em que habitam os deuses ancestrais. É por causa do movimento das divindades e de suas criações que a vida na Terra (na Yvy Rupa), e com ela, a sociabilidade Guarani, são possíveis. Os diversos coletivos que fazem parte da Yvy Rupa coexistem enquanto peças que se encaixam como transformações umas das outras - continuidade entre heterogêneos. Isso torna imprescindível conhecer os modos, códigos, normas, éticas, etc., dos vários grupos cuja existência se entrelaça, seus modos peculiares de se apresentarem “entre si” e “diante dos outros”. Nesta apresentação, focarei a atenção no conceito de tekoaxy, o qual define a condição de existência na Yvy Rupa e designa uma humanidade que, ao mesmo tempo que difere dos modos divinos, estabelece as bases para o seu próprio aperfeiçoamento. Reflexões sobre a condição tekoaxy nos convidam a vislumbrar o desafio diário do parentesco, a política e a abertura ao outro entre os Mbya-Guarani. Os princípios éticos, morais e sociais que norteiam as estratégias para enfrentar tais desafios - os modos de conhecimento - pertencem ao Mbyareko, o sistema de vida dos Mbya, que aparecerá em minha apresentação como um sistema complexo

de doações e usos, passíveis de serem abordados com o auxílio de algumas imagens conceituais retiradas das teorias sobre troca e reciprocidade na reflexão antropológica. Cabe notar que o conceito Yvy Rupa é definido como suporte ao deslocamento - descrições e reflexões dos Guarani revelam uma ontologia do movimento cuja duração se encontra na reverberação histórica de trânsitos e caminhadas. O profundo emaranhado entre ontologia e movimento não anula a existência de um certo confinamento implícito nas identidades do que vive na Yvy Rupa – a condição tekoaxy. Troca e uso são, me parece, chaves para instituir humanidades possíveis a partir dessa condição transhumana, abrindo caminhos e renovando histórias. Histórias estas que povoam a ‘memória viva’ do tempo-espaço (ara) e se constituem enquanto cartografia da experiência coletiva em um mundo no qual considerar a humanidade alheia é uma estratégia contra o solapamento de territórios parcialmente invisíveis. Dado que palavras atravessam tais territórios, a língua e os modos de expressão constituem mapas relacionais, instituindo e revelando caminhos

Palavras-chave: Guarani-Mbya, território, humanidade, conhecimento, troca, cartografias, linguagem

“Os pontos cardeais e a relação com Nhanderu retã”, territorialidade mbya guarani, conflitos e distintas formas de traduzir e viver (n)a terra

Darci da Silva Karaí Nhe'ery (Universidade Federal de Santa Catarina)

Graduado em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica (UFSC)

Bárbara Elice da Silva de Jesus (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestranda em Antropologia Social/UFSC

Evelyn Martina Schuler Zea (Universidade Federal de Santa Catarina)

Professora no Departamento de Antropologia Social/UFSC)

Tendo como base as interlocuções com os xamoi e jaryi na aldeia Piraí, propomos uma apresentação conjunta a respeito de narrativas da territorialidade mbya guarani e distintas formas de traduzir e viver (n)a terra, partindo do mapa elaborado por Darci da Silva Karaí Nhe'ery, em um experimento de codificação das direções de Nhanderu numa cartografia que mostra as relações de espaço e tempo entre plataformas celestes e os espíritos das pessoas em yvyrupa, na terra.

Na concepção mbya guarani, a direção Leste é a principal, onde está Nhamandu amba. As quatro direções de Nhanderu indicam quatro amba, lugares sagrados de onde vem os nhe'e, espírito. O ritual do Nhemongarai é o momento de revelação do nome da pessoa, o tery, e a descoberta do amba de origem, que vai determinar a personalidade e a vocação durante a vida na terra. A cartografia de Darci da Silva é de orientação cosmológica, elaborada com o objetivo de fortalecer os conhecimentos repassados dentro da opy, casa de reza, dos mais velhos aos

mais jovens. Assim o jovem sabe de onde nasce, de onde vem, de que mundos de Nhanderu ele veio, se fortalece espiritualmente através do Nhemongarai e tem orientação para viver na terra. É um mapa que não cabe no território nos termos operados pelo Estado, mas que conceitua espaço, tempo e vida mbya guarani.

A histórica ausência de diálogo com povos indígenas no Brasil, resultado do processo colonizador, faz o Estado experimentar hoje a incapacidade de compreender formas indígenas de conceber territórios, a falta de articulação política e a fragilidade de documentos oficiais sobre aldeias, como no caso da aldeia Piraí. Muitos dos documentos e registros oficiais sobre a aldeia Piraí foram escritos a partir de relatos não-indígenas e muitas vezes anti-indígenas que, quando analisados mais detidamente, mostram falhas, equívocos e até mesmos pistas a respeito da presença histórica indígena na região do litoral norte de Santa Catarina, Estado no qual hoje diversas comunidades enfrentam a tentativa de anulações das demarcações das terras com base na tese do marco temporal.

Buscamos na recuperação de registros históricos da aldeia Piraí aliada a elaborações cartográficas de autoria indígena problematizar e discutir conflitos e distintas formas de traduzir e viver (n)a terra que possam apontar para possibilidades de articulação em defesa dos direitos territoriais.

Palavras-chave: Tenonderã, yvy rupa, cartografia, pontos cardeais

## **Sessão 2**

Os desenhos-escritos na composição do território e as dinâmicas de conhecimentos no rio Içana (ARN-AM)

Patrícia Regina Vannetti Veiga (UNICAMP)

Pedagoga; Antropóloga; Mestre em Linguística; Doutoranda em Antropologia Social

Esta apresentação pretende fazer breves reflexões a partir das experiências de pesquisa e ação na escola estadual indígena Kariamã de Assunção do rio Içana, em que foi realizada uma viagem pelo alto rio Içana e Aiari com uma equipe da comunidade escolar. Em diálogo com a etnografia rio negrina atual, principalmente Hugh-Jones (2012) e Xavier (2012), busca-se tecer reflexões sobre como os desenhos-escritos (petróglifos), compostos com as paisagens-signos (geografia sagrada), formam o território e atuam na vitalidade e circulação dos conhecimentos que são narrados e praticados em diversas esferas da vida individual e coletiva. O que se pretende aprofundar é de que maneira a própria organização espacial - dando ênfase a espacialização por meio dos desenhos, chamados de sinais ou marcas deixadas pelo demiurgo Nãpirikoli durante a formação do mundo - estimula formas de compreensão e dinamização dos conhecimentos expressos na mitologia, cantos, objetos, etc., e mobilizados nas práticas rituais, cotidianas e também escolares. A multidimensionalidade de sentidos, estéticas, éticas e

interconexões entre os desenhos-signos e os conhecimentos, permitem a construção de uma teia de associações que atua na multiplicação de seus sentidos conforme os movimentos espaço-temporais dos fluxos dos mundos. Pelo o que ouvi entre os Baniwa, esses mundos são compostos pelas dimensões cosmológicas e temporais, de um mundo antigo e atual que constantemente se conectam. Porém, as transformações vindas com a interação com o mundo dos brancos, marcadas pela colonização, escravização e catequização, tornou difícil a união e maiores diálogos entre esses mundos. Iniciativas no âmbito da interculturalidade, em que a escola indígena é um dos seus espaços propulsores (André Baniwa, 2019), buscam vitalizar o mundo antigo por meio da construção de novas conexões, processo no qual as imagens desenhadas nas pedras são ensinadas nas escolas indígenas como uma forma de alfabetização, buscando estimular a leitura de mundo ancestral, que permite às crianças conhecerem as histórias antigas, ativando as memórias e práticas transmitidas por meio destas linguagens imagéticas e dos conhecimentos que elas mobilizam. Em suma, pretende-se discutir como as imagens-escritas atuam hoje na territorialização, considerando o contexto da busca pelo fortalecimento de novas dinâmicas de vida para um bem viver nos fluxos do mundo de hoje.

Palavras-chave: dinâmicas de conhecimento, território, escritas indígenas, educação indígena, Baniwa

Cartografia aural: a circulação de cantos e lugares na pessoa tikmũ,ũn

Douglas Ferreira Gadelha Campelo (Universidade Federal de Santa Catarina)

Pós-doutorado em Antropologia (PPGAS-UFSC)

Os povos originários da Austrália vivenciaram um processo político e jurídico de demarcação das suas terras no qual os cantos foram de fundamental importância para reafirmar perante o Estado seus vínculos ancestrais com a terra. “Temos cantos, então temos terras” é a afirmação sintetizada em um artigo de Grace Koch (2013) para dar conta desse processo. Em uma tese recentemente defendida, Lima Rodgers (2014) parte de uma longa análise dos territórios acústicos experimentados pelos Enawene e ensaia uma crítica às formas preponderantes de representação das territorialidades indígenas que tendem a reiterar um modelo concêntrico que acaba por fim a representar pontos de ocupação e linhas que passam por esses pontos. O esforço do presente trabalho para este G. T é partir de uma representação concêntrica que mostra lugares de ocupação tradicional de uma terra tikmũ,ũn nos confins do nordeste mineiro e sul da Bahia que ficou fora da linha demarcatória de sua terra no final dos anos 90. Estes pontos são memoriados por longas narrativas estruturadas por cantos que atravessam a relação com diferentes povos-espírito, os yãmĩxop. Entretanto, apesar da importância desses pontos, a terra tikmũ,ũn vivenciada através dos cantos não se resume a ela e seria de uma ordem muito mais complexa. O desafio é fazer atravessar esses pontos mapeados em conjunto com orientadores tikmũ,ũn com inúmeras outras linhas que os atravessa por inúmeros outros cantos que dão conta de outras formas estético-sensoriais de estabelecer relação com lugares.

Palavras-chave: cartografia, constituição de lugares, cantos, Tikmuun, nordeste mineiro

Trilhas pelo território: andanças dos Pataxó contadas em narrativas

Karla Cunha Pádua (Universidade do Estado de Minas Gerais)

Doutora em Educação/UFMG

Maria Clara Fernandes Rarez (Universidade do Estado de Minas Gerais)

Graduanda em Pedagogia e Bolsista de Iniciação Científica - CNPq/Faculdade de Educação (FaE/UEMG)

São bastante conhecidos os deslocamentos dos Pataxó e dos Maxakali pelo território compreendido pelos vales do Mucuri, Doce e Jequitinhonha. Do século XVII ao início do século XIX, esta região foi intencionalmente utilizada pela colônia portuguesa como área intocada, repleta de uma densa mata atlântica e com inúmeros povos bravios, como forma de dificultar o acesso até a região do ouro, em especial nas Minas Gerais (Campelo 2021). Esta área só começou a receber incentivos da Coroa para a sua ocupação, a partir dos séculos XVIII e XIX. Paraíso (2014 apud Campelo 2021) destaca o aspecto errante dos povos indígenas que circulavam neste território, transitando entre o sul da Bahia e o Norte/Nordeste mineiro, por áreas tão distantes como a do rio Pardo (Bahia), do Mucuri (Minas Gerais e Bahia) e do Doce (Minas Gerais e Espírito Santo). Há também registros de vívidas memórias dos Pataxó e dos Maxakali acerca das andanças de seus antepassados pelos Sertões do Leste e até mesmo dos yãmĩyoxop, ou seja, como deslocamentos no tempo e no espaço dos diversos coletivo-espírito. Ao longo dessas andanças, cada caminhante deixa uma trilha que é possível recuperar (Ingold 2015 apud Campelo 2021), sendo uma das formas a cartografia participativa, que, associada às narrativas orais, nos ajudam a mapear esses caminhos e as referências paisagísticas mais significativas situadas ao longo do território. De acordo com Andrello (2012), a inscrição de histórias na paisagem natural nos permite associar a história e a geografia, por meio da memória social registrada em rios, serras, cidades, pedras e outras referências capazes de capturar o olho ou engajar a imaginação. A memória necessita desse tipo de elementos impressionantes e surpreendentes para impulsionar as lembranças provocadas pela viagem: “viajar no espaço é, por isso, viajar no tempo, e ler na paisagem os eventos dos tempos passados” (Andrello 2012, p.14), favorecendo a conexão entre a paisagem e as narrativas. Nesse sentido, as histórias contadas pelos mais velhos ajudam a relacionar os detalhes daquilo que foi visto e experimentado em viagens passadas, por esse motivo, a inclusão dos elementos da paisagem em mapas não pode prescindir desse trabalho da memória. Em nossa pesquisa, utilizamos narrativas orais de dois professores(as) Pataxó como forma de registrar algumas referências da paisagem que marcaram sua primeira viagem da Bahia para Minas Gerais, as quais iremos apresentar neste trabalho.

Palavras-chave: território, andanças, povo Pataxó, narrativas

No caminho dos documentos: mobilidade e política entre os Yuhupdeh

Michel Paes Barbará (Universidade Federal de São Carlos)

Doutorando em Antropologia Social (UFSCar)

Este trabalho pretende discutir os usos e apropriações de documentos escritos como forma de ação política pelos Yuhupdeh, povo indígena do Alto Rio Negro. A incorporação de conhecimentos e tecnologias tornou-se fundamental para as formas de organização e mobilização política dos movimentos indígenas, como a proteção dos territórios por meio de técnicas cartográficas que permitem traduzir os modos de viver e habitar indígenas, servindo tanto para a proteção como para a gestão ambiental e territorial. Do mesmo modo, as experiências indígenas de apropriação da escrita e da burocracia como tecnologias ou conjunto de técnicas capazes de agir sobre pessoas e coisas possibilitam estabelecer certos paralelos entre modos de ação encontrados em contextos rituais, formas de mobilidade territorial e discursos e práticas políticas. Na região do Alto Rio Negro, a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), uma das maiores associações indígenas no Brasil, evidencia a importância do agenciamento da lógica burocrática e da manipulação de documentos escritos como forma de fazer política. Por outro lado, os usos e apropriações da escrita não se dão apenas no âmbito dos movimentos indígenas institucionalizados, mas a partir das próprias comunidades que agenciam essas tecnologias como forma de criar canais de comunicação com agências e agentes estatais em torno de direitos, denúncias e solicitações. Os Yuhupdeh, caracterizados pela intensa mobilidade territorial, passaram a realizar viagens cada vez mais frequentes a São Gabriel da Cachoeira (AM) na última década, após a ampliação do acesso a empregos e benefícios sociais, assim como aumentaram a participação política e as demandas por projetos específicos para suas comunidades, o que ocasionou algumas transformações na relação com o território e com outros grupos indígenas na região. Nesse sentido, o trabalho pretende discutir como a produção e circulação de documentos escritos relaciona-se com as formas de mobilidade territorial e os discursos e práticas políticas dos Yuhupdeh, considerando tanto as relações com o Estado como as relações com outros grupos regionais.

Palavras-chave: Yuhupdeh, Alto Rio Negro, documentos, burocracia, mobilidade territorial, política

Gente perigosa: cuidado e engano entre os Hupd'äh do Alto Rio Negro

Rafael Moreira Serra da Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutorando em Antropologia Social pelo Museu Nacional (PPGAS/MN/UFRJ)

Neste trabalho, proponho uma discussão sobre os Hupd'äh de Santa Cruz do Cabari, comunidade no médio Uaupés formada por um conjunto de baixa hierarquia dessa população,

baseada na relação desses indígenas com seres denominados no idioma nativo de *yo'óm ãh*. Este termo, cuja glosa possível é “gente perigosa”, é um operador socioscomológico que revela um conjunto de relações assimétricas envolvendo uma miríade de seres: não indígenas, indígenas e “espíritos” que habitam praias, serras, rios, etc. Esta categoria nos conduz a repensar a noção de hierarquia e território no Alto Rio Negro, uma vez que correlaciona-se a uma gama de situações envolvendo os *Hupdáh* e outros povos, fato bastante destacado na literatura etnológica do rio Negro em relação os tukano oriental (Buchillet 1997; Cayón 2020; C. Hugh-Jones 1979; Goldman 1968; Jackson 1983; Ramos et al 1980; Ribeiro 1995; S. Hugh-Jones 1979, dentre outros), mas pouco tratado em outros contextos de assimetria. Isto é, desde a relação entre clãs de alta e baixa hierarquia *hupdáh*, entre animais de caça e espíritos protetores, envolvendo lideranças indígenas e o cuidado comunitário, comerciantes e o controle de mercadorias, dentre outras interações nas quais os *Hupdáh* engajam-se, tanto na cidade quanto na floresta, com diferentes tipos de *yo'óm ãh* como chefes, donos e patrões. Objetivo explorar esse tema com base na noção de predação familiarizante (Fausto 1997; 2008), que opera segundo o esquema da “filiação adotiva”. Neste modelo, relações de assimetria e predação envolvendo xamãs e espíritos auxiliares, donos e xerimbabos, guerreiros e cativos de guerra, dentre outras situações, transformam-se em formas de controle e/ou proteção. Para além desses atributos, proponho que o conceito de *yo'óm ãh* remete a ideia de ter atenção ou cuidado em situações envolvendo um conjunto de sujeitos perigosos. Isto ocorre uma vez que esses seres podem enganar os *Hupdáh* ou levá-los ao equívoco tanto na floresta quanto na cidade, situações onde os indígenas assumem ora uma posição ativa ora passiva.

Palavras-chave: cuidado, engano, hierarquia, território

Perspectivismo multinaturalista como fundamento para una contracartografía audiovisual y conceptual latinoamericana

Carlos Mario Márquez Sosa (Universidade de São Paulo)

Doutor em Filosofia

El propósito de mi presentación es vincular dos ideas metodológicas a una propuesta substantiva. Como ideas metodológicas argumento, primero, a favor de la utilización de cartografías como formas de integrar y contrastar perspectivas epistemológicas enraizadas en el sur global (Basualdo, Domenech e Pérez, 2019); segundo, a favor de la utilización de documentos de etnografía visual y documental audiovisual como método de exploración de formas de vida específicas (Salles 2004). Como propuesta substantiva, argumento a favor de la conveniencia de utilizar las categorías perspectivismo y multinaturalismo (Viveiros de Castro 2002, 2017, 2018) como marco teórico para el desarrollo de una propuesta conceptual integral desde el sur global. El perspectivismo multinaturalista, en tanto apropiación conceptual del pensamiento de diversas comunidades amerindias, atenta contra el cimiento de las construcciones éticas, epistémicas, políticas, estéticas y ontológicas hegemónicas del norte

global. En contraposición al supuesto de un mismo mundo real interpretable desde múltiples puntos de vista, asume que la misma condición -el potencial de ser persona- se instancia en múltiples modos específicos en el que el cuerpo, sus habilidades y sus disposiciones habita un entorno. Si la forma de ser real es siempre dependiente del cuerpo (con sus habilidades y posibilidades de acción) que instancia la potencialidad de ser una persona, entender y conocer al Otro consiste en descubrir en qué sentido instancia atributos intencionales de agencia. La forma del Otro es la persona: el cuerpo como un vórtice de agencias. ¿Cómo estudiar al Otro como persona? Un archivo documental de audiovisuales del perspectivismo multinaturalista latinoamericano debería presentarse en consonancia con su contenido desde una forma situada e incorporada, i.e., como una narrativa cartográfica. El compendio de un archivo en este sentido puede contribuir a la reconstrucción de procesos migratorios latinoamericanos, pero también a la constitución de conocimientos vinculados a procesos de experiencia local, una verdadera herramienta de contramapeo en el sentido de Basualdo, Domenech e Pérez (2019). Proyectos de contramapeo audiovisual se tornan necesarios para revelar, más que diferentes formas de ver, diferentes formas de estar en el mundo. Brevemente, la propuesta consiste en desarrollar un proyecto de contracartografía audiovisual como forma de capturar lo Otro como un vórtice de agencias.

Palavras-chave: perspectivismo, multinaturalismo, contramapeo, etnografía visual, documental

A pesca artesanal em Cabo Verde como obstáculo ao estratagema do progresso: uma reflexão etnográfica sobre a atualidade do “arcaico” e o atraso do “moderno” na gestão estatal das pescarias.

João Paulo Araújo Silva (Universidade Federal de Minas Gerais)

Doutorando em Antropologia/UFMG

Este trabalho objetiva discutir as possíveis articulações entre a escassa base de conhecimento antropológico e histórico sobre a pesca artesanal em Cabo Verde e a ausência de representação política dos atores sociais que a compõem em um contexto de acirramento das disputas pelo pescado da região. De nossa perspectiva, a apreensão etnográfica deste universo pode contribuir de maneira singular para a problematização do conflito socioambiental vivido pelos pescadores artesanais do arquipélago em função da sobreposição da pesca industrial nacional e estrangeira nas áreas tradicionais de captura e da conseqüente escassez estrutural do pescado que esta intrusão tem acarretado. Apesar de amplamente presentes em todas as ilhas do arquipélago, em termos sociais e políticos tem sido possível identificar os atores da pesca situados em uma espécie de margem social que oblitera o caminho para que suas práticas e saberes sobre o mar sejam levados em conta nas formulações da gestão estatal do espaço marítimo que nas últimas décadas vem apostando fortemente em um processo de comoditização deste espaço, aprofundando a disputa pelo pescado a patamares dramáticos. No âmbito desta disputa, as comunidades de pesca têm sido capturadas nas teias de uma guerra classificatória que

acionando imagens arcaicas do passado colonial das ilhas, as tem associado, com uma frequência desconcertante, a imagens de um primitivismo técnico e social que estão longe de corresponder ao que o trabalho etnográfico que venho realizando junto a estes coletivos é capaz de demonstrar.

Palavras-chave: território, conflito, pesca artesanal

## **ST03 Dispositivos socioquímicos no capitalismo tecnocientífico: substâncias, corpos e agenciamentos (im)possíveis**

Cíntia Liara Engel

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

cintiaengel@gmail.com

Rosana Castro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

rosana.rc.castro@gmail.com

Rogério Azize

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

rogerioazize@hotmail.com

A vida é composta por recorrentes alterações químicas, assim como o solo, os rios, as plantas e os corpos humanos e não humanos. Correntes de ar, marítimas e sanguíneas têm seus fluxos constantemente transformados por interações com sistemas econômico-industriais e de desenvolvimento agenciados por substâncias, que co-produzem fluxos de capital, políticas de estado, a constituição e a destruição de coletivos, biomas e microbiotas. Ao olhar para históricos e continuidades dessas composições entre substâncias, sujeitos, instituições e dinâmicas de poder, podemos observá-las reinventando lógicas coloniais racistas e movimentando a máquina capitalista. Consumo, criação, distribuição, proibição, liberação, inequidade de acesso e desigual distribuição de substâncias nos territórios compõem e caracterizam um tipo de capitalismo biomolecular. Em larga medida, as substâncias funcionam como dispositivos socioquímicos do capitalismo tecnocientífico. Nesse GT, convidamos etnografias com o enfoque dos estudos sociais da ciência e tecnologia a discutirem esses muitos agenciamentos e composições a partir das substâncias, sejam elas fármacos, agrotóxicos, alimentos, vitaminas, drogas, poluentes, resíduos químicos etc. Chamamos ao debate trabalhos que reflitam sobre uma ou mais das seguintes provocações: como as substâncias são agenciadas enquanto dispositivos socioquímicos do capitalismo tecnocientífico? Com elas ou na negação de seu acesso, como processos coloniais se atualizam em sua mistura com corpos, ambientes e futuros? Como substâncias e outras materialidades podem cooperar para a resistência ou enfrentamento a essas dinâmicas em diferentes contextos?

Palavras-chave: dispositivos socioquímicos, capitalismo biomolecular, substâncias

## **Sessão 1: Intoxicando paisagens e sujeitos**

Compor paisagens intoxicadas: a criação de espaços de monocultivo de soja no Baixo Tapajós (Pará)

Fábio Ozias Zuker (Universidade de São Paulo)

Doutorando em antropologia social (FFLCH-USP)

Realizo meu trabalho de campo na região do Baixo Rio Tapajós, no Oeste do Pará. A pesquisa tenta entender as dinâmicas de expansão das fronteiras do neoliberalismo na região, a partir da perspectiva de indígenas Tupinambá que lutam pela autodemarcação de seus territórios e contra aquilo que consideram uma das maiores ameaças da região: a transformação da floresta em campos de soja.

Este processo sócio-político vem acompanhado de uma expansão sem precedentes na infraestrutura do Estado, com a construção de portos para escoamento da soja, da criação de uma ferrovia para exportação dos grãos, e de projetos de construção de rotas fluviais de navegação para escoamento do grão que implicam na destruição de importantes pedrais, entre outros.

Para abordar esse processo de expansão da fronteira do capitalismo na região escolhi um enfoque, que é o da transformação da floresta em campos de soja. Tenho me debruçado sobre duas reflexões levantadas pelos indígenas Tupinambá que, da margem esquerda do Tapajós, olham assustados para a margem direita, e reconhecem como um possível futuro aquilo que vivenciam aldeias indígenas Munduruku e agricultores tradicionais, como Seu Macaxeira - hoje cercado pela soja lutando para manter uma produção sem agrotóxicos. Se as falas dos Tupinambá estão cercadas de dúvidas quanto ao que o futuro lhes resguarda, no que diz respeito ao avanço da soja, Seu Macaxeira vive na pele este processo. Suas reflexões se centram em dois pontos:

- a) o veneno utilizado na soja estaria expulsando moradores da região do Planalto Santareno para abrir espaço para mais monocultivo da soja;
- b) a dinâmica de criação de vazios a serem ocupados por campos desoja, deixam rastros específico, que Seu Macaxeira denomina como “farsas”: fachadas de comunidades e de florestas remanescentes, sobreviventes, visíveis à beira da estrada, mas que escondem, por trás de si, apenas campos de soja.

Como coloca Michelle Murphy, cabe aqui refletir acerca das condições pelas quais operam no Baixo Tapajós o que ela denomina de um “capitalismo de colonização por povoamento, tal como expresso por relações químicas” (Murphy 2017: 496, tradução minha). Em suma, a proposta desta apresentação é refletir sobre o modo pelo qual a utilização de agrotóxicos no baixo Tapajós opera a criação de espaços vazios. A criação destes espaços possibilita a expansão de mais campos de monocultivo de soja na região.

Palavras-chave: toxicidade, agrotóxicos, soja, Baixo Tapajós, populações indígenas

Tailings and the onset of a Chilean Anthropocene

Sebastian Ureta (Departamento de Sociologia, Universidad Alberto Hurtado, Chile)

PhD en Media and Communications

The ever-growing global demand for refined minerals has produced in parallel massive amounts of chemical residues, chiefly among them tailings. A mixture of crushed rocks, chemical reagents and water, vast accumulations of tailings have become ubiquitous in the vicinity of mining operations. On this piece, I argue that tailings should be seen as more than mere waste but as a leading marker of the onset of the Anthropocene on mining-intensive countries such as Chile. Such status is derived from three main attributes of these compounds: volume, durability, and inequality. First, and through a brief analysis of the tailings produced by a large copper mine in central Chile, tailings will be seen as utterly voluminous entities, presenting multiple inner dynamics and nonlinear processes. Second, and through the analysis of an abandoned tailings pond located in northern Chile, tailings will be presented as entities endowed with a durability that largely surpass most human institutions and regulations. Finally, and through briefly presenting a disaster involving an abandoned tailings pond in southern Chile, tailings will be seen as materializing and extending in time/space the acute inequalities that characterizes everyday life in the country. As the main markers of the Chilean Anthropocene, tailings embody several of the tensions and incongruences that mark this new geological epoch, forcing us to think novel ways to deal with them.

Palavras-chave: tailings, anthropocene, volume, durability, inequality

Undone Science, Unseen Science e o caso das substâncias per- polifluoroalquílicas (PFAS)

Jéssica Ferreira Cardoso (Unicamp)

Mestranda em Política Científica e Tecnológica

Este trabalho propõe discutir as relações entre produção de conhecimento e tomada de decisão acerca de substâncias químicas nocivas à saúde e ao meio ambiente a partir do caso das substâncias per- polifluoroalquílicas, também conhecidas como PFAS. O termo undone science tem sido utilizado para se referir a áreas de pesquisa que são negligenciadas em razão de uma estrutura desigual na produção de conhecimento, que favorece pesquisas sobre temas de interesse das elites políticas e econômicas em detrimento de temas que são considerados relevantes para grupos menos poderosos e marginalizados, como é o caso de pesquisas em torno da saúde e da qualidade ambiental. Contudo, ao abordar os impactos causados pelas PFAS nos

EUA e a ausência de medidas regulatórias sobre elas que perdurou por décadas, Lauren Richter e colaboradores (2018) apontam, não para um saber ainda por ser produzido ou insuficiente, e sim para uma ciência invisível (unseen science), indicando a existência de estruturas que favorecem o acobertamento de evidências científicas e descobertas em torno de questões que podem prejudicar a lucratividade dos negócios, e por isso são mantidas fora do conhecimento público. Neste sentido, as PFAS, que atualmente constituem uma família de mais 3 mil substâncias químicas sintéticas, se mantiveram praticamente desconhecidas por cerca de 60 anos, preservadas como segredo industrial de multinacionais como a DuPont e a 3M, suas principais produtoras. Utilizadas em produtos e processos industriais desde pelo menos a década de 1940, somente nos anos 2000 é que elas se tornaram conhecidas publicamente, após a descoberta dos danos causados ao meio ambiente e à saúde da população do Estado americano da Virginia Ocidental, muitos deles conhecidos há décadas por essas empresas. Desta forma, partindo de resultados preliminares de uma pesquisa em andamento, proponho discutir as ideias por trás dos dois conceitos de ciência e de que maneira a situação das PFAS no contexto brasileiro pode tensioná-los, já que, mesmo diante da mobilização social, científica e regulatória construídas em outros países ao longo desses últimos 20 anos, no Brasil, são escassas as medidas direcionadas para esta família química.

Palavras-chave: PFAS; substâncias químicas tóxicas; undone science; unseen science; ciência invisível

Monstros e fantasmas da mineração de ouro: a multiplicidade dos resíduos em Paracatu - MG  
Isabela Noronha (Unicamp)

Doutoranda em Ambiente e Sociedade (Unicamp)

O domínio político-geográfico do município que hoje se denomina Paracatu está localizado na superfície de uma composição geológica que contém a jazida Morro do Ouro, onde o ouro ocorre associado a segregações de quartzo contendo pirita e arsenopirita. Por conta dessa formação, a cidade hoje abriga a maior mina de ouro a céu aberto do país, mas, contraditoriamente, o ouro é encontrado disperso entre outros minerais na menor concentração em exploração no mundo. Para que a mineração nessas condições seja lucrativa, é necessário um monumental esforço de expor, revolver e triturar essas rochas, para que seja retirada uma ínfima parte com valor econômico - todo o material restante destina-se às barragens de rejeitos. As rochas que ficaram expostas, por sua vez, podem liberar substâncias, como o arsênio, por meio de reações conhecidas como drenagem ácida de mina. Uma vez perturbadas, essas substâncias passam a criar outras formas de relação, e passam a habitar solos, água e corpos. Em Paracatu, diversos habitantes relatam ter desenvolvido doenças que podem estar relacionadas à contaminação por arsênio, e é demandada uma responsabilização da mineradora; a empresa argumenta que o arsênio é uma substância encontrada naturalmente naquela região, e, portanto, ela não pode ser responsabilizada pela composição da rocha. O objetivo deste

trabalho é discutir as controvérsias que irradiam em torno da definição, identificação e gestão desses dois tipos de resíduos da mineração de ouro: os rejeitos, de volume monumental, que demandam expropriações de terra e mobilizam discussões sobre risco de desastres, fiscalização e expertise; e a contaminação por arsênio, que opera fora dos regimes de visibilidade, e que depende de articulações político-científicas para que seja visibilizado. Os dois casos mobilizam questões sobre as consequências a curto e longo prazo das dinâmicas neo-extrativistas, que tornam a cidade dependente das mineradoras ao custo de produzirem ruínas nas paisagens e nos próprios habitantes. Argumento que o que está em questão é mais do que a disputa entre a origem natural/tecnológica dos resíduos, mas a completa indeterminação que está em torno de todos os estágios deste conflito. A característica ‘escorregadia’ dos resíduos para escaparem de mecanismos de regulação; os caminhos pouco claros entre a regulação, a avaliação e os relatórios, bem como as políticas de produção de conhecimento, contribuem para criar um ambiente entrelaçado por ‘slow violences’.

Palavras-chave: mineração, resíduos, contaminação, arsênio

## **Sessão 2: Regulando corpos e substâncias**

Novos modos de sociabilizar antigas drogas: a internacionalização da tradição nos guias e recomendações da OMS

Pedro Crepaldi Carlessi (Universidade de São Paulo)

Doutorando em Saúde Coletiva

Nesta comunicação me dedico a uma etnografia de documentos da Organização Mundial da Saúde (OMS) que tratam da institucionalização do conceito de “tradição” enquanto qualitativo tanto da medicina como do medicamento em suas feições contemporâneas. Meu interesse está precisamente voltado ao modo como este termo tem sido mobilizado no âmbito das recomendações da saúde global e, não menos importante, aos seus efeitos ao passo que se institui enquanto categoria terapêutica. Sigo o fluxo desta categoria por entre documentos físicos e digitais, produzidos desde a matriz da organização até as sucursais regionais da África e Ásia, atento ao modo como a ideia de tradição/tradicionalidade em um aspecto identitário e cultural, também geográfico e temporal, afetivo e inventado, por vezes muito localizado e geralmente mais universal, passa a produzir novas identidades, limites e possibilidades para o medicamento moderno. Não mais restrito a um farmacologismo combativo, indico os novos modos de legitimação terapêutica que passam a valer no contexto da saúde global, do qual a “tradicionalidade de uso” se apresenta como ponto de inflexão para uma nova etapa da vida e história destes objetos técnicos. Na via contrária daquela que levou à purificação do medicamento como algo cindido tanto da natureza como da cultura, atento às políticas de hibridização inscritas nos documentos da Organização Mundial da Saúde como novo regime de verdade instituído no campo terapêutico.

Palavras-chave: etnografia de documentos, medicamentos, medicina tradicional, organização mundial da saúde

A debilitação dos corpos no esporte: sobre os usos da testosterona na construção de uma integridade atlética

Barbara Gomes Pires (Universidade Estadual do Rio de Janeiro)

Doutora em Antropologia Social (Museu Nacional - UFRJ)

O esporte de alto rendimento é um lugar de produção de valor. Ao longo do século XX, instituições esportivas foram se desenvolvendo ao mesmo tempo em que também aprofundavam seus códigos de regras, conduta e profissionalização. Nessa construção do campo esportivo, um aspecto sempre foi muito regulado, os corpos femininos. A dualidade da “proteção/suspeição” norteia até hoje os protocolos e as moralidades dessa regulação da feminilidade no esporte. Na medida em que os processos diagnósticos e terapêuticos iam se transformando, também se atualizavam as maneiras de investigar e conformar essas atletas suspeitas de não pertencerem à categoria feminina. Hoje a chave da investigação se encontra no hormônio androgênico testosterona. Contudo, a centralização de uma vantagem atlética em uma única substância reduz um vasto mundo de aperfeiçoamento do corpo atlético, em termos individuais (técnicos) e coletivos (nacionais), mas principalmente sedimenta algumas combinações morais que possuem uma história bem particular. Fundir excelência esportiva com essência biológica, como na junção da testosterona com o rendimento atlético esperado de corpos mais masculinos, estabiliza qualidades sociais como atributos imutáveis, por exemplo, a virilidade. Essa categoria carrega um peso simbólico e material muito grande, especialmente quando o vigor que a modela aparece entranhado em afetos imperiais, desconfortos raciais e pânico generificados. Neste paper, quero trazer para discussão como as políticas regulatórias mais recentes em torno da elegibilidade feminina no esporte acabam por debilitar corpos diversos sexualmente, muitas vezes racializados, em situações periféricas que os afastam moral e afetivamente dos lugares de circulação e inscrição dos conhecimentos científicos, técnicos e políticos que alimentam as engrenagens das instituições esportivas. Afinal, esses usos de saberes e substâncias também alimentam as imaginações morais responsáveis por sedimentar a “integridade atlética” como valor mais desejável do corpo político do esporte moderno.

Palavras-chave: testosterona, integridade atlética, regulações esportivas, feminilidade, debilitação

Ciências, eficácias e riscos: controvérsias em torno dos procedimentos científicos e regulatórios com Cannabis no Brasil

Hellen Monique dos Santos Caetano (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/UFRN)

Este trabalho teve como principal intuito seguir as controvérsias públicas que envolvem os procedimentos científicos e regulatórios com Cannabis no Brasil entre os anos de 2014-2019. Numa convergência entre Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia e Antropologia da Saúde, consideramos que a Cannabis se configura em um lugar ambíguo, ocupando lugares enquanto uma “droga” e um “medicamento”. As redes formadas em torno da busca pela regulamentação e legalização para fins terapêuticos são marcadas pelo ativismo de pacientes e seus familiares que desenvolveram técnicas para sua utilização, configurando uma inversão na lógica tradicional entre os saberes, participando ativamente dos processos científicos e tecnológicos com tais substâncias. Os diferentes usos da Cannabis e de suas substâncias derivadas, estão envoltos em controvérsias que são alimentadas por diferentes actantes: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, Conselho Federal de Medicina, pesquisadores, associações, empresas farmacêuticas, grupos de pesquisa, pacientes e ativistas. A análise antropológica proposta, realizada durante a pandemia covid-19, foi construída com base em um trabalho de campo que privilegiou documentos, artigos científicos e mídias digitais, traçando a participação desses diferentes actantes no desenvolvimento científico e tecnológico relacionado a Cannabis no País. A escolha do recorte temporal se deu a partir das mudanças regulatórias com as substâncias derivadas de Cannabis a partir de 2014, entendendo-as como parte de um processo simultâneo de pharmaceuticalização, branqueamento e elitização. Neste trabalho, nos filiamos as teóricas dos novos materialismos com o intuito de pensar a Cannabis enquanto um actante que engendra diferentes relações e que, junto de outros actantes e seus processos, acabam promovendo a manutenção das próprias controvérsias, mantendo-as instáveis e em constante mutação.

Palavras-chave: cannabis, controvérsias científicas, antropologia da ciência e tecnologia, medicamentos

Controvérsias sobre o tratamento farmacológico da obesidade: a sibutramina como dispositivo socioquímico em disputa

Lisa Helena Corrêa de Moura (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Nutricionista (UFRJ), Mestranda em Saúde Coletiva (UFRJ)

Entre julho e agosto de 2020, a Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sistema Único de Saúde (Conitec), do Ministério da Saúde, realizou uma consulta pública relativa ao Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas (PCDT) do Sobrepeso e Obesidade em Adultos, a qual obteve 699 contribuições de associações biomédicas, profissionais de saúde, especialistas,

pacientes e seus familiares, amigos ou cuidadores e interessados no tema. No documento apresentado, a CONITEC se opôs ao uso de medicamentos no tratamento de sobrepeso e obesidade, devido a sua baixa eficácia/efetividade na perda e manutenção da perda de peso e o alto risco de eventos adversos. Essa posição gerou grande insatisfação por parte dos participantes da Consulta Pública nº 25, que se manifestaram a favor do tratamento farmacológico. Os conflitos em relação ao uso e a regulamentação de medicamentos voltados para perda de peso não são um fenômeno novo e já foram etnografados no Brasil. Em 2011, a regulamentação dos psicotrópicos anorexígenos foi tema de um longo debate entre a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e associações médicas especializadas no manejo clínico da obesidade. Na época, a Anvisa avaliava a retirada de quatro medicamentos do mercado, mas após pressão de algumas associações médicas e farmacêuticas, optou por manter o registro de um deles, a sibutramina. Quase 10 anos depois, a sibutramina voltou a ser foco de debate entre Ministério da Saúde, associações biomédicas e profissionais de saúde. Dessa vez, apesar de ter seu registro mantido, o medicamento passou a ser formalmente não recomendado pelo Ministério da Saúde. A partir de uma perspectiva socioantropológica, busco investigar neste trabalho o que mudou de lá pra cá em relação à recomendação da sibutramina, analisando os agenciamentos e deslocamentos deste fármaco entre sujeitos, instituições e dinâmicas de poder presentes no debate público da obesidade. Interessa-me responder à questão proposta pelo ST03: como as substâncias são agenciadas enquanto dispositivos socioquímicos do capitalismo tecnocientífico?

Palavras-chave: obesidade, tratamento farmacológico, fármacos antiobesidade

### **Sessão 3: Compendo saúde e pessoas**

“Eu não sentia medo de viver”: uma análise antropológica do uso e efeito de psicofarmacêuticos entre estudantes universitários com diagnóstico depressivo

Igor Holanda (Universidade Federal de Pernambuco)

Doutorando (PPGA/UFPE)

Conforme o campo da antropologia da saúde se adensa e ramifica, a farmacologia surge na antropologia de maneira a problematizar como diferentes tecnologias, objetos e agenciamentos possíveis se inserem no processo de saúde e doença, presente de forma crítica numa escala micro e macro social (Geest et al 1996; Biehl 2011; Benjamin 2016; Hardon e Sanabria 2017). Ao fazer trabalho de campo entre estudantes universitários com depressão, embora muitos não estivessem realizando um tratamento psicoterápico ou psicanalítico, foi quase unânime a presença de psicofármacos que tornavam esses estudantes funcionais e produtivos, trazendo a tona discursos variados sobre a legitimidade da doença mental e a eficácia desses psicofarmacêuticos. Com efeito, a universidade é por excelência um espaço liberal que promove o individualismo, onde estudantes de graduação naturalizam regimes desgastantes de auto-

cobrança, meritocracia e nivelamento pessoal, tornando o adoecimento psíquico fruto da responsabilização individual sobre pré-condições materiais e simbólicas anteriores aos sujeitos. Não é pelo rompimento do ciclo de desgaste e exaustão que se busca uma solução para as perturbações psíquicas (Duarte 1986), mas pelo capitalismo tecnocientífico como solução supostamente prática no uso de psicofarmacêuticos advindos do Norte global, com suas próprias fronteiras, fluxos e limites conceituais sobre saúde, doença e sofrimento, atravessadas por processos transnacionais representativos da hegemonia capitalista contemporânea (Skultans 2003; Lakoff 2004; Halliburton 2020; Peters 2021). Ao longo desse artigo, pretendo demonstrar como o tratamento inserido no percurso pela saúde mental não é tão linear nem tão simples, mas repleto de transgressões, enfrentamentos e ambiguidades, havendo formas com que pacientes engajam e agenciam suas perspectivas sobre o mundo no uso de remédios psicofarmacêuticos (Lefèvre 1983; Mol 2002), de significados e valores morais posicionados em um campo do capitalismo biomédico que transforma e redefine a categoria de doença mental, erigindo “infraestruturas da cura” que compõem um interesse econômico para milhares de pessoas da indústria farmacêutica, interessadas no lucro sobre milhões de pessoas que vivem a “epidemia” de um suposto mal do século.

Palavras-chave: psicofarmacêuticos, depressão, ensino superior, individualismo

Fim prematuro da Aids: a relação entre as biotecnologias e a vida

Wertton Luís de Pontes Matias (Universidade de Brasília)

Mestrando em Antropologia (UnB)

Nos últimos anos, ampliou-se no Brasil a oferta de fármacos como estratégia preventiva a populações vulneráveis ao HIV. Diferente do que vimos no início da epidemia de Aids, o foco das intervenções médico-farmacológicas, nesse caso, passa a ser pessoas soronegativas. Interessado nesta mudança de perspectiva, em 2019 investiguei o processo de implementação de uma dessas tecnologias, a Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP), num hospital público de referência em João Pessoa/PB. A PrEP baseia-se no uso diário de um fármaco (o Truvada®), e aos poucos fui percebendo o quanto representava, no ambiente que fiz pesquisa, a mais importante novidade da biomedicina para o combate à pandemia de Aids. Em campo, identifiquei o impacto institucional e político dessa medida: alinhada a uma perspectiva capitalista liberal de desenvolvimento na saúde, onde o progresso clínico do usuário representa o sucesso da biomedicina, essa estratégia evidencia a ampliação do papel dos medicamentos como principais responsáveis pelo cenário de controle da capacidade de mortalidade do HIV. Não só no caso da PrEP, mas no debate sobre prevenção e cuidado de modo geral, os medicamentos são os atores-chave desse contexto. Cada vez mais a morte some do cenário epidêmico e dar lugar a vidas farmacologicamente dependentes. Tenho por objetivo no trabalho discutir esse cenário a partir da implicação das biotecnologias preventivas como resposta à Aids na vida. Identifico como hipótese que: se a relação entre os medicamentos e a morte eminente

na Aids produziu, nos anos oitenta e noventa, um exemplar resposta social e comunitária à epidemia; a relação entre os medicamentos e a manutenção da vida, nos dias de hoje, produz dependência farmacológica social e comunitariamente aceitável. Utilizo o lugar que a PrEP ocupa na agenda política do Estado como pista analítica para problematizar a narrativa de que, graças ao avanço médico, chegamos ao “Fim da Aids”, dando o devido destaque a vida como objeto de investigação. Enfatizo no trabalho o duplo valor ético e moral que o estar vivo assume neste contexto, onde são feitas escolhas políticas e institucionais que requalificam a resposta brasileira à Aids. Não desconsidero que tais caminhos sejam motivados pela valorização do viver em oposição à certeza de morte característica do início da epidemia, mas sublinho este universo empírico como crucial ao debate sobre medicamentos, saúde pública, o biocapital e a Aids na Antropologia.

Palavras-chave: HIV/Aids, medicamentos, vida, prevenção

Misturas e cortes entre drogas e corpos na produção do “EU”

Wander Wilson (Universidade Federal de São Paulo)

Doutor em Ciências Sociais com área de concentração em antropologia (PUC-SP)

Durante minha pesquisa de doutorado, defendida em setembro de 2019, realizei etnografia em dois ambulatórios para cuidados de pessoas com uso problemático de drogas, seja este uso designado, ou não, por dependência. Ambos os ambulatórios estavam vinculados aos departamentos de psiquiatria de duas universidades público-estatais na cidade de São Paulo. Nestes espaços, foi comum encontrar discursos sobre o Eu unitário de cada um. A psiquiatria carrega na própria formação de seu saber o conceito de “Unidade do Eu”, referindo-se a um mundo interior que se diferencia do mundo exterior, uma oposição entre o Eu e o mundo, mas também a uma constância temporal que nos diz que “sempre se foi Eu mesmo”. Pela voz de profissionais de saúde são frases como: “a gente usa drogas para fugir, mas descobre que não dá para fugir de nós mesmos”. Outras falas apontam para misturas e produções subjetivas variáveis, ou mesmo coexistências entre um Eu e entidades diferentes na mesma singularidade corpórea. R., por exemplo, que frequentava um dos ambulatórios para cuidar de sua dependência de álcool, dizia que quando parava de beber ele deixava de ser ele mesmo, tornava-se outra pessoa, existia uma mutação do Eu pela variação relacional das misturas entre corpos. Outro paciente, ao medicalizar seu Transtorno Bipolar, se questionava frequentemente sobre qual parte do que havia acontecido em a sua história era uma ação sua, e qual parte era uma ação do transtorno, qualificando o transtorno como algo fora do Eu, estrangeiro, mas que habitava seu corpo. Já seu médico afirmava que o transtorno era uma variação na intensidade do seu eu, produzindo uma euforia para mais ou para menos. É a partir desta forma constante do Eu que são produzidas nos ambulatórios as noções de “má adaptação” e “funcionalidade”, referentes aos problemas e sofrimentos de um indivíduo em relação às exigências do mundo externo e à sua própria interioridade, biológica ou não. Daí deriva uma noção de liberdade

definida como produção de escolhas e responsabilidade de escolhas. Esta comunicação pretende revisitar este momento etnográfico, analisando as misturas entre corpos e drogas, assim como os cortes produzidos ambulatorialmente para separar o Eu das coisas. Parte-se do campo para seguir conexões que apareçam por meio da relação entre a ação das drogas e a constituição do Eu, problema presente nos espaços ambulatoriais.

Palavras-chave: drogas, saúde mental, eu, interioridade

Nootrópicos e “smart drugs”: disseminação do aprimoramento cognitivo farmacológico na internet como catalisador de modos de subjetividade na contemporaneidade.

Bruno Pereira de Castro (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Mestre e Doutorando em Saúde Coletiva (IESC/UFRJ)

O uso de substâncias como recurso ao chamado “aprimoramento cognitivo farmacológico” tem se disseminado internacionalmente nas sociedades ocidentais contemporâneas. Entre medicamentos “tarja preta”, suplementos alimentares “nutracêuticos” e substâncias sem qualquer estatuto regulatório nas principais agências de controle sanitário internacionais, proliferam opções de “pílulas ideais”, que são propagadas e comercializadas com a promessa de otimização de processos mentais como estado de alerta, concentração, memória e motivação. O café é um exemplo de bebida que movimentou as políticas econômicas mercantis nas sociedades ocidentais urbanizadas do século XVIII e, na atualidade, é comercializado também como suplemento “turbinado” com vitaminas e sais minerais, em fórmulas especiais para estimular foco e concentração, otimizar a performance cognitiva e aumentar a produtividade. Psicofármacos estimulantes e fármacos sem registro sanitário também são propagados para os mesmos fins, com justificativa de aumentarem a circulação de neurotransmissores envolvidos em tais processos. Se em 2015 estimou-se que as vendas internacionais de suplementos para cognição excederam US\$ 1 bilhão, calcula-se que esse mercado supere US\$ 4 bilhões até 2025. No século XX, o conceito de saúde superou a ausência de doenças e recaiu sobre a responsabilidade do autoaperfeiçoamento. No contexto neoliberal da atualidade, o apelo à farmacologia pretende renovar as possibilidades de neuroplasticidade dos sujeitos. A disseminação de “smart drugs” e nootrópicos se apresenta como ferramenta de “empresários de si” que buscam se adaptar à normatividade “natural” do mercado, sejam eles estudantes em preparação para concursos públicos ou trabalhadores que visam melhores cargos. O presente trabalho analisa a difusão dessas substâncias na internet brasileira, sob a perspectiva de divulgadores e potenciais usuários, a partir de uma pesquisa socioantropológica documental realizada com vídeos, sites e publicações de conteúdo autoral de mídias digitais. O ciberespaço, constituído como tecnologia midiática sob a metáfora do funcionamento neuronal, reifica o autoaprimoramento e projeta a materialidade do cérebro como meio e fim para a constituição de modos de subjetividade, no sentido da maximização da produtividade do “capital humano”. Os nootrópicos representam catalisadores desse processo, em detrimento do acesso desigual a

tecnologias farmacêuticas que se configuram como terapêutica psicofarmacológica.

Palavras-chave: aprimoramento cognitivo, nootrópicos, psicofarmacologia

## **ST04 Sangue, técnica e multiplicidade: vazantes de menstruações diversas**

Daniela Tonelli Manica

Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor); Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

dtmanica@unicamp.br

Luísa Elvira Belaunde

Universidad Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM - Lima, Peru)

lbelaunde@unmsm.edu.pe

Com a ascensão da indústria e o estabelecimento do capitalismo como forma de vida, a ocultação das diferenças provocadas pela vivência do ciclo menstrual, em especial a contenção do sangue, se fez mandatória. No capitalismo tecnocientífico, uma série de produtos industriais foram criados (absorventes e coletores, remédios para cólica, anticoncepcionais), fazendo emergir mundos e sentidos diversos, engendrando relações sociais intrincadas e complexas, e situando as narrativas menstruais em territórios de disputa política e saber.

Pouco ainda se sabe pouco as tecnologias do corpo menstruado desenvolvidas em contextos históricos e socioculturais rurais e urbanos fora do âmbito da tecnobiologia comercial. No Brasil, estudos etnográficos sobre o entrelaçamento de seres humanos e não-humanos (“mãe/dona do corpo”, espíritos, produções artísticas contemporâneas, etc.) apontam para a existência de relações de alteridade internas à feminilidade, que fazem do sangramento um processo sociocosmológico cujo manejo é elaborado criativamente para além das definições médicas de função biológica reprodutiva.

Dando continuidade ao evento “Estranhas entranhas: as múltiplas ontologias do ‘útero’”, realizado no IFCS/UFRJ em novembro de 2016, convidamos pessoas comprometidas com os estudos feministas da tecnociência a apresentarem seus trabalhos se envolverem na construção de conhecimentos de forma inclusiva e generosa, abrindo o horizonte de possibilidades para outras menstruações possíveis.

Palavras-chave: menstruação, conhecimento, corpo, capitalismo, tecnologias

## Sessão 1

Sangue feminino e contágio masculino: técnicas xamânicas e mudança social no noroeste do Amazonas

Luisa Elvira Belaunde (Universidad Nacional Mayor de San Marcos Peru)

Doutora em antropologia

Esta palestra examina as técnicas de cuidado com o sangramento feminino posto em prática por mulheres e homens siekopai (Secoya/Airo Pai), um povo da família linguística Tukano Ocidental da Amazônia peruana. Para o casal, a reclusão menstrual comporta resguardo alimentar, sexual e reclusão respeitados pela mulher e seu marido, já que durante esse período é o esposo quem assume as responsabilidades cotidianas sobre sua esposa e filhos. Além disso, o homem deve cuidar de si mesmo para evitar o contágio com o sangue feminino, que poderia causar-lhe "danos" (dahuë) diversos, sangramento nasal e até a morte. Esta condição de contágio menstrual denota a possibilidade masculina primordial de ocupar a posição do sangrado e, também, a necessidade de lidar com a dinâmica relacional do sangue derramado de forma a manter uma alteridade de gênero adequada às atividades empreendidas por ambos os parceiros no dia-a-dia. A palestra apresenta as técnicas oníricas e xamânicas de cura do "dano do outro" (tion dahuë) que assedia os homens que não cumpriam os devidos resguardos e examina as mudanças recentes surgidas na sequência da adesão dos povoadores siekopai ao culto evangélico pentecostal. Compreender as lógicas culturais que sustentam o recente abandono das técnicas menstruais dos povos amazônicos revela as relações de poder com o entorno humano e não-humano, entendidas como uma cosmopolítica dos corpos imersas nas relações atuais com a colonização.

Palavras-chave: gênero, sangue, Amazônia, xamanismo, evangelismo

Aprendendo sobre o corpo menstruado com os Yanesha da selva central, no Peru.

Cynthia Cárdenas Palacios (Universidade Federal do Amazonas)

Doutoranda em Antropologia Social

Neste ensaio, partindo de minha experiência pessoal de ter entrado no rio estando com meu período menstrual, aproximo-me dos cuidados e proibições que existem no povo yanesha em torno do corpo menstruado para evitar os perigos que o sangue traz. Para os yanesha o sangue menstrual no rio mata os filhos da mãe da água, em vingança ela lança uns dardos que quando entram no corpo, causam doenças na pessoa menstruada ou em outras pessoas que estão perto do local. Algumas das tecnologias usadas para restaurar a saúde são as vaporizações e a ação de um xamã que terá que extrair os dardos do corpo da pessoa afetada.

Palavras-chave: sangue menstrual, cuidados

Sangre menstrual y gobernanza del territorio en el pueblo Iku de Colombia

Ana Milena Horta Prieto (Instituto de Investigación de Recursos Biológicos Alexander von Humboldt)

Doutora em Antropologia Social (UFRGS)

Los iku o arhuaco de la Sierra Nevada de Santa Marta, ubicada en el caribe colombiano, sostienen que el territorio es el cuerpo de la Madre universal. Este cuerpo contiene todos los elementos que pueden curar a los seres del cosmos, así como los cuerpos de todos los seres contienen elementos que pueden curar al territorio. Esta relación de interdependencia que sugiere fractalidad, corresponde con una frase que suelen mencionar los arhuaco “Cada cuerpo contiene el mundo”. En otros trabajos he argumentado que tanto los cuerpos como el territorio son agrupaciones similares de relaciones vitales, tejidos de relaciones según los iku, que se manifiestan en escalas diferentes, interligadas e interdependientes. En este marco, la sangre juega un papel protagónico pues tiene la capacidad de establecer vínculos, de tejer y regular relaciones. La sangre está presente en todos los cuerpos, tanto de humanos, como de seres extrahumanos, y por supuesto, también está presente en el cuerpo de la Madre universal, donde se manifiesta generalmente como el agua, que recorre el territorio estableciendo relaciones entre los seres con los cuales entra en contacto. La sangre menstrual por su parte es una fuerza muy poderosa que puede causar daño, por lo cual debe ser limpiada y equilibrada en el ritual de la menarquia, gracias a la mediación de un mamo, líder espiritual. En este ritual llamado munseymake, el mamo y la mujer menstruante conectan fuerzas opuestas del territorio, fortaleciéndolo. Gracias a esta mediación en la que intervienen las fuerzas y pensamientos de cada uno de los participantes en el ritual, la sangre menstrual potencia su fuerza positiva para dar vida y curar. Este potencial positivo que se logra gracias a los vínculos que se establecen en el ritual, es aprovechado por la Madre, en tanto ve fortalecidos los vínculos que la constituyen y recibe la fuerza de la mujer menstruante; por la mujer, que logra la armonía de su fuerza en tanto se relaciona con fuerzas opuestas del territorio/cuerpo de la Madre; y por el mamo, que equilibra y recibe esta fuerza y puede aprovecharla para curar personas y al territorio. En ese sentido, me propongo explorar la sangre menstrual como una potencia cuyo manejo puede ser considerado como parte de las prácticas del cuidado colectivo del territorio, o gobernanza territorial.

Palavras-chave: sangue, cuerpo, territorio, gobernanza, arhuaco, Colombia

“Sangraban pero poco”: Reflexiones sobre la sangre y los resguardos de las mujeres awajún (Amazonía Peruana)

Maria Ximena Flores Rojas (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Mestre em Antropologia Social

Según la cosmovisión awajún, antiguamente la sangre menstrual era una sustancia que podía limitar la vida larga y el poder de los varones awajún (Brown, 1984). Las mujeres, para contener estos posibles peligros, consumían plantas antihemorrágicas (tsumaik), reducían el consumo ciertos de animales y guardaban distancia con los varones en formación. Si bien, para las abuelas y abuelos awajún de las comunidades nativas de Shimpiyacu, Shampuyacu y Yarau (en la región San Martín), estas prácticas de resguardo han dejado de realizarse; los manejos de la sangre se ven actualizados en otros aspectos de la vida cotidiana.

Esta ponencia presentará, reflexiones iniciales sobre, la compleja relación de las personas awajún y sus plantas. En especial, el de las mujeres awajún que siguen dietas y resguardos para lograr de forma adecuada la siembra, crianza y consumo de las plantas de poder (*Brugmansia suaveolens* y *Banisteriopsis caapi*).

Palavras-chave: Mujer, awajún, sangre, cuidado

Quando a menstruação vira sinônimo de doença: narrativas de menstruações dolorosas

Virgínia Squizani Rodrigues (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestra e Doutoranda em Antropologia Social (UFSC)

Este trabalho é fruto de um estudo mais amplo, no qual analisei os usos e desusos da pílula anticoncepcional por jovens mulheres das classes médias urbanas da cidade de Florianópolis, SC, entre os anos de 2018 e 2019. No presente artigo, entretanto, concentro minhas análises sobre as narrativas de menstruações dolorosas de mulheres que sofrem de dismenorréia, endometriose e/ou displasia mamária e, portanto, consideram a pílula anticoncepcional um medicamento crucial para o tratamento de seus corpos e seus ciclos menstruais. Tais narrativas se contrapõem às narrativas de outras mulheres que, recentemente, têm optado por recusar o uso de contraceptivos hormonais como forma de poder acessar suas menstruações e melhor conhecer seus corpos e libidos. Em contraponto ao que considero uma “recusa” ao anticoncepcional, surge, o que algumas de minhas interlocutoras denominam, a “ditadura anti-pílula”. O sofrimento das mulheres que fazem uso do medicamento contraceptivo como uma forma de controlar seus ciclos aparece de forma dobrada neste trabalho, pois, além de necessitar da pílula, se veem impossibilitadas de recusá-la e moralmente acuadas por aquelas outras mulheres que valorizam o sangramento menstrual. Assim sendo, aqui exploro os modos como a gestão e o cuidado do ciclo menstrual é atravessado por diferentes corporalidades, dispositivos

medicamentosos e moralidades.

Palavras-chave: menstruação, pílula anticoncepcional, medicamentos, corporalidades, moralidades

## **Sessão 2**

Sangre menstrual, “luna” y útero en relatos de mujeres sobre enfermedad y sanación

Tatiana Herrera Rodríguez (Universidad Nacional de Colombia)

Socióloga, Magíster en Comunicación de FLACSO-Ecuador y candidata a maestra en Antropología por la Universidad Nacional de Colombia

A partir de una investigación de corte etnográfico sobre mujeres urbanas en Colombia que padecen enfermedades relacionadas con el útero y practican terapias alternativas, analizo cómo la sangre menstrual cumple una función importante en el proceso de sanación y en la relación de las mujeres con sus cuerpos. Como fluido, esta sangre tiene una dimensión material por su olor, color, cantidad y densidad que permite a estas mujeres saber cuál es su estado físico y también identificar sus emociones. La menstruación se vuelve para ellas “luna” y así experimentan otras formas de sangrar. De esta manera, gracias a una serie de tecnologías terapéuticas para el manejo de su sangre menstrual, elaboran otros sentidos que se distancian de las concepciones clásicas de la menstruación como peligro o suciedad. Durante el proceso de sanación, reconocen además la presencia del útero en sus cuerpos y por ello la sangre cobra este rol clave como mensajera del cuerpo. Desde esta nueva experiencia corporal, las mujeres elaboran narrativas acerca de su vida, y reformulan sus deseos y relaciones. En diálogo con estudios antropológicos con perspectiva de género, presento los relatos de dos de las mujeres entrevistadas, una terapeuta y una paciente, para contrastar sus experiencias en las terapias, su manejo de la sangre y las relaciones que entablaron con sus cuerpos.

Palavras-chave: antropología, cuerpo, perspectiva de género, sanación, sangre menstrual, útero

Sangue, Ervas e Emoções: uma reflexão sobre as construções culturais em torno do sangue menstrual e das emoções a partir da experiência com a “Limpeza do Sangue Menstrual”

Janaina de Araujo Morais (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Doutoranda em Ciências Sociais (PPGCSO-UFJF)

A Limpeza do Sangue Menstrual é um método criado pela terapeuta menstrual argentina, Zulma Moreyra, que consiste em realizar uma limpeza alimentar, junto ao consumo de cinco tipos de

medicinas naturais, que vão atuar em todos os órgãos envolvidos no sangrado menstrual, promovendo uma limpeza física, energética, emocional e espiritual na pessoa, para, posteriormente, colher esse sangue e realizar as medicinas menstruais, tais como cristais, unguentos e tinturas, por exemplo. É considerada uma jornada iniciática dentro dos mistérios do sangue menstrual e das emoções, por possibilitar abrir um campo de conexão com memórias, traumas, medos, raivas e tristezas que antes estavam ocultos para a pessoa, criando uma oportunidade de cura e transformação pessoal, por meio do contato profundo com o sangue, o ciclo e as emoções. Desde 2018, eu realizo grupos online com mulheres e outros corpos menstruantes aplicando o método e as experiências coletivas desse estudo tem revelado o caráter cultural e generificado das emoções, mostrando como a relação desigual de gêneros é capaz de marcar profundamente a vida dessas pessoas, refletindo na relação delas com seu próprio corpo e seu sangue, bem como na manifestação de enfermidades que envolvem os ciclos menstruais. As emoções podem, portanto, ser vistas como elementos de uma linguagem que fala das relações de um sujeito com outros e com o mundo, atrelada a concepções culturais sobre pessoa, expressando visões sobre como e porque as pessoas se comportam, sentem, pensam e interagem. “A verdadeira inovação está em mostrar como os discursos emocionais estabelecem, afirmam, desafiam ou consolidam diferenças de poder ou de status” (Abu-Lughod & Lutz, 2018, p. 24). Dessa forma, por meio deste trabalho de campo, que constitui uma parte das pesquisas empreendidas na construção da tese de doutorado em vias de finalização, o trabalho aqui apresentado busca fazer uma reflexão sobre a construção cultural em torno do sangue, do ciclo e das emoções, e de que formas essas construções tem refletido na saúde das mulheres e corpos menstruantes, a partir das experiências com o estudo da Limpeza do Sangue Menstrual, que se constitui como um campo de criação de novas narrativas e práticas em relação ao sangue menstrual, diferente da lógica medicalizadora, legitimando saberes, sentires e experiências que estavam suprimidos, e, ao fazer isso, desafiam as relações de poder que envolvem um sistema forjado com base nas distinções de gênero.

Palavras-chave: sangue menstrual, emoções, terapia, cura, saúde

O Sangue é Ouro: recuperando o poder da menstruação com Lara Owen

Camilla Zachello (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestre em Psicologia Social e Institucional PPGPSI/UFRGS

Este trabalho tem por objetivo apresentar o livro “Seu Sangue é Ouro: resgatando o poder da menstruação”, escrito por Lara Owen em 1993. Este livro foi resultado de uma extensa pesquisa, em que a autora narra a transformação de sua relação com a menstruação, analisando os efeitos e o modo como a cultura judaico-cristã associou a menstruação a algo pejorativo. Lara busca evidenciar outras mitologias e culturas que valorizam o aspecto natural e sagrado da menstruação, revelando como os arquétipos da Lua, da Terra, do Sangue e da Serpente estão presentes em diferentes ancestralidades que cultuam a fertilidade das mulheres. O título de seu

livro faz uma referência ao mito de criação dos Kogi, para quem o mundo foi criado pela Grande Mãe enquanto menstruava: seu sangue é de ouro e permanece na terra. Os Kogi são os guardiões do planeta e realizam rituais de purificação no alto das montanhas do norte na Colômbia. Lara denuncia como a Igreja e as cruzadas cristãs empreenderam perseguições às práticas religiosas pagãs, que cultuavam sabedorias antigas, reverenciando a figura da mulher e da Deusa. Tais grupos, considerados hereges, foram alvo de extermínios e violências durante o período da Idade Média europeia, como apontam também as pesquisas de Silvia Federici (2017). Durante a Inquisição, com a perseguição aos hereges, nove milhões de supostos bruxos foram mortos, dentre os quais 85% eram mulheres (Owen 1994). Lara Owen (1994) e Silvia Federici (2017) denunciam o massacre dirigido às mulheres e aos seus saberes durante o período medieval, e demonstram como esta perseguição permanece com efeitos até hoje. Na cultura preponderante, o que se fixou foi a ideia da menstruação como uma inconveniência, o que se impulsionou com a industrialização e exploração do trabalho não remunerado das mulheres. Interessa-nos dialogar com a narrativa autobiográfica e com a pesquisa histórica de Owen e de Federici, a fim de pensar como hoje os modos de sangrar ainda são afetados pela dissimulação cultural da tradição judaico-cristã, apontando para outras possibilidades de reconhecer e valorizar o processo da menstruação, observando tradições antigas e pensando sobre a necessidade de educação menstrual, investimento em políticas públicas, luta política por dignidade e equidade e acesso a dispositivos adequados para acolher o sangramento, sendo esta uma questão de saúde pública. Apontarei coletivos de mulheres militantes que têm atuado para valorizar a experiência da menstruação.

Palavras-chave: menstruação, luta das mulheres, feminismo, arquétipos

Plantando a Lua: para além de uma essencialidade

Disney Sophia Araújo Rodrigues de Moura (Universidade Federal de Roraima)

Mestranda em Antropologia Social (UFRR)

A presente comunicação tem como objetivo discutir se o ato de “plantar a lua” — e os argumentos discursivos que o envolvem —, difundido por mulheres aqui do Brasil, representa um mero essencialismo, ou se abre espaço para outras possibilidades, como a de resignificação do sangue menstrual e da relação com o próprio corpo. De outro modo, é também trazer ao debate elementos que esses feminismos de(s)coloniais utilizam e que, em potencial, podem representar um desafio tanto para a teoria quanto para eventuais reflexões sobre a produção de conhecimento em antropologia. A respeito do objeto em si, o plantar a lua constitui um desses saberes construídos no seio do privado, fazendo referência a um ritual oriundo de antigas práticas ancestrais de mulheres indígenas por meio do qual o sangue menstrual é depositado (plantado) na terra por quem menstrua. Embora exista a perspectiva mais racionalista dessa prática, a presente investigação se debruça sobre a vertente que evoca a ancestralidade, o sagrado feminino e a (re)conexão com a natureza. A partir das vivências desta proponente junto

a movimentos feministas da América Latina, bem como atenta à enorme visibilidade — e às trocas de saberes e experiências — que a internet pode proporcionar, a presente pesquisa, ainda em construção, volta-se a analisar os sete vídeos mais visualizados do Youtube, com diferentes protagonistas, a respeito do tema, a fim de contribuir com as reflexões do campo feminista enquanto produções teóricas.

Palavras-chave: menstruação, plantar a lua, essencialismo, feminismos, de(s)colonial

Menstruapps: da datificação de sujeitos menstruantes a biopolítica de si

Nicole Cristine Baumgarten (Universidade de São Paulo)

Mestranda em Antropologia Social (USP)

Menstruapps são aplicativos de monitoramento do ciclo menstrual e estão presentes nas lojas virtuais para smartphones e vem sido problematizados pela bibliografia antropológica pelo eixo da gestão dos corpos com sistema reprodutor feminino na era da farmacopornografia, descrita por Paul Preciado. Este trabalho analisa textos produzidos por um dos aplicativos mais baixados nas lojas virtuais do Brasil e que também produz artigos para uma enciclopédia própria. Seguindo uma lógica iniciada no século XX pela indústria do femcare com absorventes higiênicos, os aplicativos de monitoramento do ciclo menstrual se enquadram no eixo do consumo, ocupando um papel ambíguo para os corpos que menstruam: por vezes podem vir significar facilidade e conforto, como também podem se tornar ferramentas de limitação, normatização e redução de sentidos da experiência de menstruar. O menstruapp Clue se coloca nesse cenário com uma campanha massiva em mídias sociais (Instagram, Twitter e TikTok) e com uma proposta de produção de um retorno para as pessoas que menstruam e utilizam o app, através de artigos, de acesso pago pela plataforma para smartphones. Nesse sentido, investigo que tipo de sentidos são atribuídos à menstruação e aos ciclos menstruais por essa empresa. A partir da leitura sistematizada de 150 artigos que compõem a enciclopédia do aplicativo de monitoramento do ciclo menstrual, Clue, discuto construções contemporâneas de sexo, gênero e sexualidade associados às recentes produções bibliográficas sobre capitalismo de vigilância; quantificação/datificação dos sujeitos; e a biopolítica de si. Então, demonstro a associação da gestão de si com ideias neoliberais de empreendimento, atualização e responsabilidade sobre si nos discursos hegemônicos presentes nas democracias liberais e na atual conjuntura brasileira. Nesse sentido, o autoconhecimento aparece de maneira ambígua no campo: se para muitas vertentes do feminismo conhecer a si própria, a própria menstruação, o próprio ciclo menstrual seria uma chave de empoderamento; para as políticas neoliberais é mais uma face da biopolítica e que toma contornos de individualização extrema das experiências corporais. Assim, este menstruapp parece ser uma tecnologia que se coloca numa importante lacuna: o que existe entre o sujeito e o corpo. Compreender o aplicativo como uma forma de mediação significa assumir sua não neutralidade e sua atuação na vida das pessoas que o utilizam.

Palavras-chave: menstruação, aplicativo de celular, gênero, tecnologia

### Sessão 3

“O que a psicologia tem a dizer sobre isso?”: deslocamentos e provocações sobre pobreza menstrual entre duas psicólogas e um grupo de mulheres universitárias

Gabriela Cabral Paletta (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Mestre em Sociologia com ênfase em Antropologia

Roberta Siqueira Mocaiber Dieguez (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Este trabalho tem por finalidade introduzir e desdobrar uma temática relacionada à menstruação cada vez mais presente nos debates políticos, virtuais, feministas e acadêmicos: a pobreza menstrual. Ao receber pedidos vindos de estudantes de medicina (do sul e sudeste) associadas ao IFSMA Brazil, desenvolvemos duas palestras em eventos universitários com transmissão online no segundo semestre de 2021. O primeiro chamado “Menstruação sem Tabu”, com uma demanda de abordar os “aspectos socioculturais e históricos da menstruação”, foi possível abrir um novo campo para sentir juntas de que formas a menstruação produz afetos através da apresentação de artes menstruais produzidas por brasileiras, imigrantes e pessoas não-binárias, além de pesquisas norte e sul americanas. No outro evento “Simpósio sobre Pobreza Menstrual”, contamos com a participação ativa das alunas na composição da própria demanda: a partir do nosso encontro, as jovens mulheres se organizaram para coletar entre suas colegas relatos e memórias (escritos e não-escritos) a respeito da menarca e ciclos menstruais no geral. Nosso intuito foi produzir uma contração entre nós (psicólogas que supostamente saberiam os “efeitos psicológicos de quem sofre pela pobreza menstrual”) e elas (alunas que “não sabem nada sobre o tema”) para que juntas pudéssemos produzir alguns deslocamentos na compreensão de si e do outro/da outra na relação com o “sofrimento mental que a pobreza menstrual causa”. Ao longo do texto analisaremos os trabalhos feitos nestes eventos, apresentaremos uma breve discussão sobre o que vem se construindo como pobreza menstrual, bem como recortes de classe, raciais e etários, projetos de lei que estão sendo aprovados ao redor do Brasil, além dos discursos que vêm se difundindo nas mídias sociais, o que inclui páginas de empresas, não só de produtos menstruais, mas também aquelas direcionadas aos mais diversos fins. Desse modo procuramos compreender o contexto atual que coloca o tema em evidência, a despeito da invisibilização e dos tabus aos quais a menstruação sempre foi relegada, buscando refletir sobre possíveis contribuições do pensamento feminista na ressignificação dos corpos menstruantes e na afirmação da necessidade de torná-los visíveis.

Palavras-chave: menstruação, pobreza menstrual, psicologia, feminismos

“Tá na TPM”: Estigmas da menstruação na mídia e na escola

Caroline Luiza Willig (Universidade Feevale)

Mestre e doutoranda em Processos e Manifestações Culturais (Universidade Feevale)

Saraí Patrícia Schmidt (Universidade Feevale)

Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A expressão que dá título a este resumo é muito ouvida por pessoas do sexo feminino que desafiam a subalternidade que lhes é imposta. Nestas linhas, problematizo o estigma da instabilidade e da selvageria como um recorte da dissertação “Tá de Chico? Estigmas do Sangue na Mídia e na Escola” (2021). Por meio de teorias interdisciplinares, a pesquisa elenca a cristalização de estigmas atribuídos à pessoas que menstruam. Os caminhos metodológicos percorridos perpassam a também a bricolagem de mídias nos anos de 2019 e 2020 e categorização do conteúdo com inspiração nos métodos de Neira e Lippi (2012) e Bardin (2011). Após localizadas as categorias pelas quais foi possível elencar estigmas, parte do material foi levada para uma formação docente junto de professores e professoras das séries finais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Novo Hamburgo/RS, em 2020, e cujos relatos enriqueceram a análise. As expressões “irritada”, “irritadiça”, “irritado”, “Tá na TPM”, “falta de sexo”, “louca”, “louco”, “enlouquecido”, “enlouquecer”, “histérica”, “bode”, “de lua”, “selvagem”, “estressada”, “bipolar”, entre outros, surgiram 338 vezes durante a sensibilização e revelam o preconceito com as oscilações de humor características do ciclo menstrual. Nas recorrências midiáticas envolvendo os estigmas menstruais, surgiram 40 materiais que apresentaram conteúdo que se enquadra na categoria 3, Instabilidade e selvageria. De forma sucinta, é possível estabelecer paralelos entre os termos que associam os estigmas da instabilidade e selvageria para aproximar as pessoas menstruantes dos animais e da natureza, questionando sua sanidade e sua humanidade de forma a interligar as intersecções sexo, raça, gênero, classe social, território, idade e, também, espécie. O cercamento das pessoas menstruantes a respeito dos saberes sobre seu próprio corpo perpassa a colonialidade do saber e do poder, de território e de corpo enquanto território. Quando a menstruação vaza na mídia ou na escola, adentrando a esfera pública, escancara uma das mais primitivas formas de subalternização colonialista: aquela com justificativa no biológico, que considera o sexo feminino inferior por natureza, evidenciando, portanto, uma questão central do sangue menstrual - a relação complexa cultura e natureza, suas fronteiras e inter-relações.

Palavras-chave: menstruação, estigmas mídia escola

Um ensaio sobre menstruação, transmasculinidades, banheiros públicos e cissexismo

Guilherme Calixto Vicente (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestrando em Antropologia Social (UFSC)

A partir do método autoetnográfico e das provocações de Paul Preciado (2018), que demonstram como banheiros públicos atuam como próteses de gênero, este resumo propõe um primeiro passo para compreender quais as dificuldades que boyceatas e homens trans, mas também algumas pessoas não-binárias, encontram no manejo de seus ciclos menstruais em banheiros públicos masculinos no Brasil, mais especificamente em São Paulo. Evidencia-se aqui não só a própria arquitetura desses banheiros, já que em alguns casos não existem cabines individuais, mas também as condições em que elas se encontram, uma vez que, se possuem cabines, não é rara a ausência de portas - aspectos que impedem o uso para massiva parte dos grupos analisados, além de ter outras consequências - ou mesmo portas que não se mantêm fechadas sozinhas, demandando, portanto, todo um malabarismo do corpo para que a troca do absorvente (seja descartável ou não) ou esvaziamento do coletor seja realizado. Ainda que banheiros públicos femininos também sofram com portas disfuncionais, isso representa uma barreira à mais e particular para a população transmasculina e não-binária, pois implica na vulnerabilização desses corpos, deixando-os, literalmente, expostos às violências cisgêneras masculinas, evidenciado aqui o medo que assola essa população no que diz respeito ao estupro corretivo. Assim, os principais objetivos são: (i) tensionar o debate feito por Preciado à luz da categoria de identidade de gênero, e com isso (ii) contribuir para a consolidação do debate sobre cissexismo assim como (iii) da identidade de gênero não só como marcador social, mas sim como categoria analítica nas ciências sociais e, por fim, (iii) agregar uma visão transfeminista centrada nas transmasculinidades ao debate sobre dignidade menstrual. Enquanto relato autoetnográfico, esse texto possui limites práticos de análise, mas que também são propostas para futuras investigações, já que esta (i) foca na inadequação de estruturas de saneamento do âmbito público e não no doméstico, (ii) não abrange como pessoas trans em situação de rua, em contextos rurais e/ou territórios tradicionais lidam com seu ciclo menstrual e (iii) não objetiva analisar os aspectos biopsicossociais ao redor da menstruação para pessoas trans, investigação esta que não deve focar apenas na patologização do sentimento de disforia de gênero - presente em alguns, mas não todos/os - mas também nas narrativas múltiplas a respeito deste ciclo.

Palavras-chave: transmasculinidades, transfeminismos, dignidade menstrual, cissexismo

Corpos castos, sangues profanos: mulher, menstruação e medicina na américa portuguesa do século XVIII

Christian Fausto Moraes dos Santos (Universidade Estadual de Maringá)

Doutor em História das Ciências

Gessica de Brito Bueno (Universidade Estadual de Maringá)

Graduanda em História/UEM)

O conceito de ciclo menstrual foi se construindo, ao longo dos séculos, e incorporando significados concebidos a partir do imaginário social e religioso. Foi objeto de censura e, muitas vezes, de medo nos meandros da sociedade mineira na América portuguesa do século XVIII. Esse tema recebeu atenção no manual de medicina setecentista Erário mineral (1735) do cirurgião-barbeiro Luís Gomes Ferreira, que aborda o assunto e descreve como se deve tratar essas alterações fisiológicas. Deste modo, propõe-se, enquanto projeto de pesquisa, compreender como a medicina estava organizada no setecentos, qual o paradigma médico dominante nas academias e em quais teorias os praticantes da colônia mineira se pautavam, pretendendo, também, assinalar as manifestações do útero que moldaram a desqualificação/inferiorização das mulheres. A metodologia adotada pela pesquisa é a descritiva, onde se procurou fazer um levantamento das descrições sobre a menstruação e as consequências do contato com esse sangue, bem como, a explicativa, examinando as descrições para apreender o conceito de menstruação no setecentos, quanto compreender as relações que situam o sangue menstrual com doenças patológicas, físicas e mentais. A pesquisa concluiu até o momento que a Teoria Humoral Hipocrático-Galênica foi o paradigma médico dominante desde o século V AC até a primeira metade do século XVIII, onde os manuais de medicina que circulavam na colônia mineira na América Portuguesa, trabalham as doenças com base nessa teoria, bem como, devido ao complexo contexto do setecentos, no que tange aos campos de conhecimento que buscavam explicar a saúde e a doença, havia diversos personagens na colônia que atuavam na terapêutica, tais como poucos médicos, muitos cirurgiões, boticários e atuantes na ilegalidade, como curandeiros, benzedeiros e parteiras. A medicina portuguesa baseada nos princípios hipocráticos enquadrava a menstruação feminina na teoria, a enxergando como uma catarse, um fluido venenoso que se formava todo mês em seu útero e necessitava ser evacuado, a mulher era vista como uma doente desde seu nascimento por sua fisiologia, o mesmo fluido causava-lhe doenças físicas, incluindo diversos sintomas como dor e epilepsia, até as mentais como histeria e desordens mentais.

Palavras-chave: menstruação, medicina, século XVIII

Vazando gêneros: corpo e menstruação em campo

Clarissa Reche Nunes da Costa (Universidade Estadual de Campinas)

Doutoranda em Ciências Sociais (IFCH- Unicamp)

Neste ensaio, analiso falas públicas de antropólogas (entrevistas a revistas, falas em mesas redondas e eventos, etc) sobre experiências de menstruação durante trabalho de campo em contextos etnológicos. Tais trajetórias menstruais revelam tensões entre, por um lado, o confinamento da menstruação como experiência exclusivamente individual de caráter feminino, demarcadora de uma noção genérica de mulher que é constitutiva do pensamento não-indígena e, por outro lado, a instabilidade de gêneros possíveis nas cosmopolíticas indígenas, sobretudo com relação a corpos estrangeiros, bem como o caráter público do ciclo menstrual. Este constante reposicionamento do gênero é, muitas vezes, expresso pelas antropólogas como uma experiência de corpo andrógono (Corrêa 2003). Argumento que a experiência de menstruação em campo tensiona a vivência do tempo e do espaço, constituindo um modo estético de produção do conhecimento capaz de confundir sensualidade e trabalho, o que traz desafios às possibilidades de pesquisas baseadas em “saberes localizados” (Haraway 2009) dentro de instituições acadêmicas com modelos racionalistas de recompensa por produtividade. Por fim, apresento uma experimentação estético-sensual com meu sangue menstrual como protótipo de produção científica difratária (Barad 2017).

Palavras-chave: menstruação, corpo, etnologia, trabalho de campo, conhecimento

#### **Sessão 4**

O inhengue e o tornar-se mulher: rituais de iniciação feminina entre mulheres Guarani em Santa Catarina

Viviane Coneglian Carrilho de Vasconcelos (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestre em Antropologia (UFSC) e Doutoranda em Antropologia Social (UFSC)

Este trabalho tem por objetivo compreender, os conhecimentos de corpo e significados do ser mulher na sociedade Guarani a partir da análise das narrativas do processo ritual de iniciação feminina, o inhengue – a menarca (primeira menstruação), com base em teorias antropológicas e registros etnográficos relacionados aos momentos dos rituais de iniciação da mulher. Para compreender representações dos significados de ser mulher e seu papel na sociedade Guarani acompanhei as mulheres em seus cotidianos e realizei entrevistas semiestruturadas. Sendo assim, as análises etnográficas se fundamentam em observações e diálogos, atentos para não tomar por instrumento de análise modelos de relações ocidentalizadas de gênero. O ritual de iniciação feminina realizado atualmente pelas mulheres Guarani do litoral de Santa Catarina, o inhengue, caracteriza-se pelo isolamento para o resguardo no primeiro ano de menstruação, momento em que as meninas têm seus cabelos cortados, geralmente por suas avós, que marca

a mudança de status para a idade adulta. A primeira menstruação, inhengue, inhembe (ou ainda kain), requer uma série de regras e prescrições e inclui a importante relação entre avós e netas para o sucesso da realização do ritual. A relevância deste ritual observada entre as mulheres Guarani está associada à importância que elas atribuem aos cuidados corporais e à importância dos momentos dos resguardos. Tais recolhimentos, designados pelas mulheres Guarani por resguardos, possuem amplo e profundo significado e são respeitados, por estarem associados ao bem estar e saúde plena – vy'a porã ete – e por afastarem doenças – atchy, ou atchy vaikue. Os rituais e os processos de iniciação feminina, temas relevantes para a compreensão dos significados de ser mulher nas sociedades indígenas, possuem antiga tradição antropológica, porém abordados, até pouco tempo, de uma perspectiva predominantemente masculina e não indígena. Mesmo com aumento das pesquisas e consolidação de um campo de estudos sobre mulheres indígenas, a maioria dos estudos etnográficos sobre o ritual da menarca em comunidades Guarani ainda não problematiza sua contribuição para a instituição, organização e dramatização da diferença entre os gêneros para os estudos antropológicos.

Palavras-chave: etnologia indígena, mulheres guarani, rituais de iniciação, sangue menstrual

Menga: notas sobre o sangue menstrual e a binaridade múltipla de gênero em um terreiro de Umbanda

Bianca Zacarias França (Universidade Federal de Minas Gerais)

Mestre e doutoranda em Antropologia (UFMG)

A presente proposta compõe um trabalho etnográfico mais amplo, buscando uma reflexão acerca da organização ritual baseada no gênero, à luz da percepção nativa sobre a dualidade feminina e masculina, presente em um terreiro de Umbanda Esotérica na cidade de Belo Horizonte. Essa dualidade está intimamente relacionada à noção de pessoa, aos fundamentos doutrinários, mágicos e à própria cosmologia desta linha da Umbanda que é intensamente múltipla e genderizada, influenciando na composição e topologia de forças do próprio terreiro. Esse estilo afro-universalista e confluyente, no qual nem tudo que se junta se mistura, une religiosidades orientais, Cristianismo, Ocultismo, Ifá, astrologia, oráculos - como tarô, quirologia e oponifá, sociedades antiquíssimas como a Atlântida e Lemúria e os conceitos esotéricos de Helena Petrovna Bavatsky. Como um cosmograma, refletindo o modo como essa comunidade entende Deus Uno Solar e Andrógeno, polarizado em feminino e masculino, o terreiro e a pessoa umbandista materializam essa dualidade. Nesse contexto ritual, as mulheres são entendidas, por natureza, como seres lunares, ou seja, os atributos femininos estão intimamente relacionados ao aspecto reprodutivo/menstrual, que possui similaridades com o ciclo de revolução de 28 dias da lua. A passividade, a natureza, as emoções, o negativo, a imaginação, a vaidade, que são características tidas como femininas, se opõem ao ativo, ao espiritual, ao racional, ao positivo e ao estável, que são propriedades ligadas ao princípio masculino solar base dessa doutrina religiosa. O corpo feminino, que menstrua, lidando com a

vida e a morte, é cercado de cuidados e tabus por ser um aspecto tão perigoso, poderoso e liminar. Entretanto, mesmo com as pertinentes críticas feministas referentes às essencializações que cercam a feminilidade e a masculinidade, o terreiro nos mostra o quanto essa binaridade pode ser profundamente múltipla em um contexto das religiosidades de matriz afro. Um discurso com ares científicos permeia as explicações relativas às diferenças de gênero, hormonais, comportamentais, físicas e energéticas entre homens e mulheres e suas funções rituais específicas, sendo, no contexto do pluralismo religioso vivido no terreiro, uma forte influência e tendência de princípios teosóficos e esotéricos. Assim, a pessoa umbandista também é fractal, não existindo um homem ou mulher per se, uma vez que um gênero também contém seu oposto, revelando uma natureza complementar e andrógena.

Palavras-chave: umbanda, gênero, menstruação, corpo aberto

Sustancias, potencias, tradición y conflicto interétnico a través de las narrativas de indígenas Kaingang de la TIX, diagnosticados con diabetes mellitus.

Sandra Carolina Portela García (Universidad Externado de Colombia)

Doctora en Antropología Social - Universidade Federal de Santa Catarina

Desde un enfoque etnográfico, esta comunicación busca analizar a partir de las narrativas de algunos Kaingang de la TIX, cómo la diabetes, entendida como exceso de azúcar en la sangre, es asociada a la introducción de patrones alimenticios que se busco leer como el recibimiento de un “don envenenado” por parte de los blancos, y que se combate con el uso de otras sustancias “foráneas” o propias de la “tradición”. Esta “lucha” de sustancias cargadas de potencias particulares, tensiona la noción de tradición, evidencia la actualización cosmológica del mundo y de los contextos de intermedicalidad existentes en la región, y muestran como la sangre, ahora impregnada de azúcar, carga consigo sentidos que expresan y denotan la historia del conflicto y del contacto interétnico en la región, por fuera del discurso biomédico que responsabiliza individualmente al paciente y sus decisiones en el consumo de alimentos y sustancias por su enfermedad.

Palavras-chave: sangue, diabetes, kaingang, substancia

Para que ella coja esa costumbre: narrativas de menstruação das mulheres Murui.

Juana Valentina Nieto Moreno (Universidade Federal de Santa Catarina/Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Brasil Plural)

Doutora em Antropologia Social, PPGAS/UFSC

Francy Silva Zafirekudo (Universidad Nacional Abierta y a Distancia-UNAL Colômbia.)

Indígena Murui e estudante de graduação em Artes Visuais na Universidad Nacional Abierta y a Distancia-UNAL Colômbia.

A partir de conversações com mulheres murui de diversas gerações falaremos sobre os conselhos, práticas, relações, e transformações históricas da menarca. Levando em consideração a pluralidade de vocês, contradições, lembranças, nostalgias, silêncios, a menstruação se revela como um evento importante na formação de corpos e pessoas e na reprodução da vida e do cosmos murui. Porém, também emerge como um fenômeno social, complexo, dinâmico e criativo. As mulheres maiores lembram dos conselhos, práticas e curações que suas mães, avós e avôs sabedores fizeram para diminuir o sangramento, afastar os comportamentos e forças inadequadas e incorporar as desejáveis e assim se formar fortes, saudáveis, reprodutivas e produtivas. As memórias de suas experiências na menarca contrasta com a experiência de suas filhas e gerações mais novas. Elas lamentam a falta de recursos, de um rio perto, de roça, a ausência de xamãs e avôs para fazer as curações, a escolarização, a urbanização, como algumas das causas destas mudanças. Algumas jovens desconhecem a potencia dos saberes de suas avós mas também falam de sua experiência, dos novos significados que a escola, os meios de comunicação e as vida nas cidade dão a este evento. Como uma forma de honrar os saberes das avós, e dialogar com as novas gerações, trabalhamos junto com a segunda autora, uma jovem murui, na elaboração de uma animação audiovisual para contar e recriar estes saberes e refletir sobre suas transformações.

Palavras-chave: mulheres murui, menarca, conselho

## **ST05 Tecnopolíticas, Cosmopolíticas: conflitualidades, modos de saber e tecnologias face ao plantationceno**

Henrique Zoqui Martins Parra  
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)  
henrique.parra@unifesp.br

Alana Moraes  
Museu Nacional (MN-UFRJ); Rede Latinoamericana de Estudos em Vigilância, Tecnologia e Sociedade (LAVITS)  
alana.ufrj@gmail.com

Rafael Malhão  
Grupo de Antropologia da Economia e da Política da UFRGS (GAEP); Laboratório de Tecnologia, Política e Conhecimento da Unifesp (Pimentalab)  
malhao.rafael@gmail.com

Se cada forma de vida é indissociável da produção de tecnologias e infraestruturas que sustentam um mundo comum, nos parece então urgente investigar a hipótese de uma conflitualidade técnica afixando a Guerra de Mundos em curso. Mbembe indica a necessidade de pensarmos a partir do devir-artificial da humanidade, a infraestrutura material da nossa existência e os regimes de toxidade e asfixia que hoje caracterizam os exercícios das formas de poder e a própria soberania fazendo funcionar a apropriação do inapropriável. A tecnoesfera - a ordem técnica do mundo - adquire uma força descomunal na confluência da tecnociência, da financeirização, da militarização e do extrativismo ampliando dispositivos de conversão do vivo em recurso. Com o simpósio temático, convidamos ao diálogo reflexões sobre zonas de conflitualidades emergentes nas quais dissensões ontológicas, técnicas e políticas arrastam para a cena a defesa e sustentação do Comum a partir de redes heterogêneas entre humanos, outros que humanos, arranjos sociotécnicos, territórios, infraestruturas. Quais os desenhos possíveis de outras práticas de conhecer e das tecnologias necessárias que possam apontar para rotas de fuga do capitaloceno-plantationceno e das formas renovadas de dominação, domesticação e extração racializadas? Como acompanhar e fortalecer a tecnodiversidade reivindicada por coletividades que interrogam a monocultura tecnocientífica diante das catástrofes? O que poderia ser também uma perspectiva tecnopolítica decolonial que percorra as reflexões sobre "decrecimento", "pós-crescimento", as alternativas às imaginações do "progressismo", do "tecnosolucionismo" e do "aceleracionismo" que apresentam-se como horizonte da governamentalidade de crise do capitalismo pandêmico?

Palavras-chave: tecnopolítica, lutas cosmopolíticas, plantationceno, extrativismo, formas-de-vida

## **Sessão 1: Ecologia política e Guerra de Mundos: entre extrativismos, monoculturas e novas trincheiras**

Discursos ambientalistas e controle sexual-reprodutivo: disputas/experiências e impasses a partir do Sul Global

Lígia Amoroso Galbiati (Unicamp)

Doutoranda em Ambiente e Sociedade (Unicamp - IFCH/Nepam)

Ariana Oliveira Alves (Unicamp)

Doutoranda em Ciências Sociais/ Unicamp

Os discursos ambientais que embasam o conceito de desenvolvimento sustentável ainda carregam vestígios de uma perspectiva malthusiana, que associa a degradação ambiental com o crescimento populacional, resultando em mecanismos de gestão sobre os corpos e territórios, especialmente de mulheres do campo, indígenas e quilombolas, ao mesmo tempo que resultam também em movimentos de resistência desses sujeitos, que trazem para a arena de disputa e luta política outras perspectivas cosmológicas. Em contrapartida, no campo ecofeminista, parte-se do pressuposto que as estruturas de opressão (capitalista, patriarcal, racista, heterossexista e antropocêntrica) estão entrelaçadas, logo, a superação da estrutura de dominação entre humanos e sobre não-humanos só pode ocorrer de forma sistêmica. Nesse sentido, partimos de uma visão ecofeminista e de uma ecologia política feminista latinoamericana, e assim, da impossibilidade de pensar as tecnopolíticas de desenvolvimento e ambientais, tal qual as tecnologias de expropriação e de extrativismos, de forma indissociada das práticas de poder e violências que incidem sobre os territórios e corpos, em suas intersecções com gênero e raça. Juntamente ao debate da interseccionalidade e a justiça reprodutiva, que ao articularem categorias da diferenciação ao princípio de justiça social, tornam-se uma lente para apreender a multiplicidade de opressões e como elas reverberam no planejamento sexual e reprodutivo tal qual nas garantias para gestar e parir em segurança, para aquelas que assim escolheram. O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as aproximações entre as discussões sobre controle sexual-reprodutivo e os discursos ambientalistas em contextos latinoamericanos. À vista disso, pretende-se investigar como os entrelaçamentos entre controles sexuais-reprodutivos e discursos ambientais ocorrem nos territórios, a partir de um olhar para movimentos, práxis e conhecimentos de mulheres que ao mesmo tempo sofrem com violências em seus corpos e territórios, mas também propõem práticas insurgentes e reivindicações de direitos, como no caso das mulheres da Zona de Sacrificio de Quintero-Puchuncaví, no Chile, e da retirada de crianças indígenas Kaiowá e Guarani (MS) de suas mães e famílias.

Palavras-chave: extrativismo, américa latina, corpo-território, ecofeminismos. direitos sexuais e reprodutivos

## A trincheira dos porcos na Guerra de Mundos: territórios suinícolas no México, Brasil e Argentina

Allan Rodrigo de Campos Silva (Universidade Estadual Paulista)

Doutor em Geografia Humana

A globalização da suinocultura na esteira da modernização está na raiz de conflitos na América Latina. Nesta apresentação, tomamos os territórios da suinocultura no México, no Brasil e na Argentina para refletir sobre a ecologia política das suas paisagens. O Brasil, grande exportador de suínos, conta com um rebanho de 40 milhões de animais, criados por meio de um sistema de integração produtiva entre as corporações monopolistas e pequenos produtores rurais. A Argentina, cujos rebanhos são compostos por cerca de 350 mil animais, prepara-se para entrar de vez no circuito suinícola global por meio de investimentos diretos da China. Como mostra o antropólogo Alex Blanchette, a suinocultura hoje é uma atividade central não só para o agronegócio global mas para todo o sistema capitalista mundial, uma vez que suas atividades estão integradas aos mercados financeiros, aos sistemas alimentares, aos circuitos de produção de insumos como a soja, à mercantilização do solo, e aos seus conflitos fundiários subjacentes e à uma série imensa de outros circuitos relacionados às suas mercadorias correlatas, como ossos utilizados na fabricação de asfaltos para estradas e o biogás produzido nas instalações da suinocultura, apropriados como compensações ambientais pelos mais diversos atores. A suinocultura intensiva, o modelo que se tornou global após a 2ª G.M., se inscreve em um regime de emergência e proliferação de uma dezena de doenças infecciosas já responsáveis pelo sacrifício sanitário de milhões de porcos e pela pandemia de influenza de 2009, que levou cerca de 500 mil humanos à morte. A origem desta cepa foi identificada em fazendas de suínos operadas pela corporação Smithfield, no México, ainda que sua estrutura genética remeta a uma colagem de pedaços de vírus humanos, suínos e avícolas da Europa e dos EUA. Em que pese o posicionamento largamente apologético à suinocultura industrial da parte dos governos nacionais e das instituições pesquisa agropecuária, diante da elaboração da intrusão da suinocultura intensiva em seus territórios, movimentos sociais no México, na Argentina e no Brasil passaram a se posicionar contra esta atividade. Tomados como particularidades da Guerra de Mundos, os territórios da suinocultura nos ajudam a desenhar o campo de conflitualidades inerentes às suas práticas, assim como as frentes de resistência que se fazem existir.

Palavras-chave: modernização, brasil, argentina, suinocultura, ecologia, saúde pública, epidemiologia

Colonialidade, apropriação da terra e resistências de mulheres camponesas através da agroecologia

Josiane Carine Wedig (Universidade Tecnológica Federal do Paraná)

Doutora em Ciências Sociais (CPDA/UFRRJ)

Neste ensaio apresento uma análise sobre as transformações provocadas pela agricultura colonial/moderna/capitalista, a partir das plantations, na vida de povos e na subordinação de mulheres. Parto da perspectiva decolonial e dos estudos feministas da ciência e da tecnologia, produzindo uma discussão sobre a separação dicotômica entre humanos e natureza, racional e irracional, homens e mulheres dentre outras. De acordo com Donna Haraway (2016), a partir do colonialismo, foi instituído o Plantationoceno e o Capitaloceno, que produziram transformações devastadoras do planeta, oriundas de formas extrativas em que a maioria das reservas da terra foram drenadas, queimadas, esgotadas, envenenadas, exterminadas e exauridas, destruindo os espaços-tempos de refúgio para as pessoas e os outros seres. A agricultura de plantations, que se propagou com o colonialismo, está centrada nas monoculturas e nas commodities para o comércio internacional, principalmente para o abastecimento das metrópoles e, posteriormente, dos países centrais do sistema mundo colonial moderno. Esse modelo se alicerçou na violência do trabalho escravo, marcado pela exploração de povos indígenas da América e da África. Além disso, constituiu o latifúndio, a concentração de terra e o controle do poder econômico e político nas mãos de um número reduzido de homens, brancos, europeus e cristãos. Anna Tsing (2015) define as plantations como sistemas de plantio ordenado realizado por mão de obra de não proprietários e direcionados à exportação, nas quais as plantas cultivadas são exóticas e o trabalho é realizado à força por meio da escravidão. Para a autora, a empresa monocultora foi o motor da expansão europeia, pois as plantations produziram a riqueza e o modus operandi desse domínio. Como contraponto a esse modelo de agricultura monocultural e extrativa – dos corpos, do trabalho e da biodiversidade –, discuto a agroecologia enquanto prática, movimento e ciência, que passa a se conectar a conhecimentos ancestrais de agriculturas, nos quais o protagonismo de mulheres camponesas é central. A agroecologia pode apontar caminhos para compreendermos questões de gênero, ciência, tecnologia e relações entre humanos e extra-humanos.

Palavras-chave: colonialismo, colonialidade, plantations, agroecologia, mulheres camponesas

Ecologia Política Sob a Queda do Céu

Renan Nery Porto (Universidade de Westminster)

Doutorando

A proposta dessa apresentação é explorar o conceito de ecologia apresentado por Davi

Kopenawa em seu livro coproduzido com Bruce Albert, *A Queda do Céu*. Tal conceito é discutido em relação aos conceitos de natureza e entropia. Busco fazer isso amparado pela etnologia ameríndia desenvolvida por Bruce Albert e Eduardo Viveiros de Castro e pelo trabalho filosófico de Marco Antônio Valentim. Com isso, busco um conceito não-antrópocêntrico de ecologia que desafie nossas concepções de ciência e política tão centradas em nós humanos enquanto únicos agentes históricos. Tal antropocentrismo característico da ciência e da política ocidentais não tem feito mais do que pôr em risco as nossas próprias condições de existência neste planeta. A concepção de ecologia apresentada por Kopenawa desafia esse quadro de risco existencial e nos propõe outros caminhos de lidar com a entropia cósmica.

Palavras-chave: ecologia, cosmopolítica, entropia, antropocentrismo, natureza

Monoculturas: um exercício de figuração especulativa feminista

Marina Bohnenberger (Universidade de São Paulo)

Mestranda em Antropologia Social

"Imagine-se localizada em uma estrada de terra no Sul ou Centro-Oeste do Brasil, diante de uma cerca sinalizada com uma placa da Pioneer Sementes que marca o perímetro de uma paisagem assustadoramente homogênea, onde cresce uma plantação de soja. Mais à direita, uma cerca menor, feita de um arame mais rústico tecido entre tocos de madeira não uniformes, afasta as galinhas e porcos de uma pequena plantação de hortaliças diversas: cebolinha, camomila, salsa, beterraba, alface, rúcula. De volta à paisagem monofônica, o olho agora é capaz de observar uma planta que cresce acima e a despeito da homogeneização, em pontos dispersos em meio à soja: é a buva, planta resistente aos químicos herbicidas e a outras técnicas de extermínio, pertencente ao grupo chamado de “plantas invasoras”. Abaixo, a seus pés, uma miríade de insetos caminha ao largo dos limites da plantação de soja; outras ervas desobedientes, rastros de animais e a microbiota não observável compõem um cheiro bom de terra que chega às narinas."

O exercício de figuração tem sido uma forma de especular sobre o que mais pode ser dito sobre uma história que parece, à primeira vista de modos politicamente unívocos de descrição, apenas destrutiva. Tendo percorrido o já repisado mas sempre necessário caminho da crítica às supostas determinações ontológicas do maquinário tecno-científico-mercadológico, um novo desafio se coloca: como reativar, em nossos feitiços de linguagem, as materialidades que emergem de relações atravessadas por contradições? Se a racionalidade é um dos deuses idolatrados pelas políticas de morte, como salvar o pensamento da captura de representar um mundo já dito; como reunir as palavras na tessitura da existência e refazer o vínculo fecundo das histórias? Minha proposta é experimentar com algumas cenas, imagens e narrativas que circundam a ideia de monocultura, baseada em materiais de minha própria observação, em leituras feministas, em

manifestos em mídias digitais e em minha pesquisa teórica na antropologia, buscando desmanchar linhas e costurar incômodos inesperados em modos simplificados de encarar problemas tão conhecidos.

Palavras-chave: monoculturas, figuração especulativa, feminismo especulativo

## **Sessão 2: Cosmopolíticas, esquivas e lutas terranas**

Pensando o comum com Ostrom e Gutiérrez a partir de lutas territoriais de povos e comunidades costeiras em Ubatuba (116c)

Patricia de Menezes Cardoso (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra)

Mestre em Direito do Estado, área de concentração direito ambiental-urbanístico, pela PUC/SP. Doutoranda do Programa Pós-Colonialismos e Cidadania Global do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra - CES/UC com acolimento pela Pós- Geografia da Universidade Federal Fluminense – Instituto de geociências da UFF/RJ

O trabalho dialoga com as contribuições ao debate do comum de Elionor Ostrom e Raquel Gutiérrez para situar e pensar o comum junto a experiências de lutas caiçaras, quilombolas e Guarani Mbya pela retomada e permanência nos territórios tradicionais.

Meu lugar de fala, é o da assessoria jurídica popular, que atua junto a alguns casos de conflitos fundiários coletivos e conflitos socioambientais, em uma zona de contato que simboliza como poucas no Brasil os dilemas do des/envolvimento do país. Região em que a cosmopolítica e projetos de futuro de diferentes povos são contrapostos a projetos extrativistas imobiliário-turísticos nacionais e transnacionais da geopolítica da energia, notadamente o petróleo e gás do Pré-Sal.

Nesse contexto, as lutas costeiras pelo direito ao território são analisadas como expressão do direito ao inapropriável. Lutas simbolizadas pela (re)existência contra os ciclos contemporâneos de expropriação violenta, estatização e privatização dos territórios de vida, cuidados e produzidos a partir de práticas e saberes dos povos formadores de nossa sociedade. Territorialidades essas tecidas por vínculos de pertencimento e interação com os ciclos das terras, águas e florestas. Ontologias e episteologias fraturadas desde o tecido comunitário face à disputa permanente pelas estruturas de poder de dominação patriarcal, racial, colonial e heteronormativa. Contexto em que os conhecimentos tão ancestrais quanto futuristas, de tecnologias de reprodução da vida, ganham maior relevância enquanto biblioteca descolonial face a catástrofe do “antropoceno”. Diálogo, a partir desse repertório, com as relevantes contribuições de duas mulheres para o debate do comum. A primeira focada na eficiência e sustentabilidade da auto-gestão dos comuns, entendidos como recursos naturais pela abordagem neoinstitucionalista ostroniana. A segunda abordagem focada nas redes comunitárias de reprodução da vida, em que o comum emerge enquanto relações sociais de compartilhamento,

cooperação e cuidado que desafiam as relações capitalistas num momento de profundo antagonismo social.

Palavras-chave: lutas territoriais

Cosmopolíticas no norte de Moçambique: fricções entre capitalismo, Estado e a política entre o visível e o invisível.

Daniel de Jesus Figueiredo (Universidade Federal de Minas Gerais)

Doutor em antropologia (UFMG)

Na província de Nampula, no norte de Moçambique, existem ao menos dois modos distintos de se produzir a política. Uma do mundo visível, que é produzida atualmente por meio do Estado moderno, do formalismo da democracia e dos sedimentos das formas anteriores de organização do campo político; e uma cosmopolítica que é produzida como forma de mediação, na tentativa de se exercer algum equilíbrio temporário entre dois mundos sobrepostos – o reino visível (que é nosso mundo ordinário) e o reino invisível, que é o mundo dos “espíritos” e das entidades cabíveis a ele. Com a chegada do neoliberalismo e da abertura do mercado ao capital estrangeiro, nos anos 1990, surge um contexto relacional onde um modo de existência capitalista atravessa mundos ontologicamente distintos como o Estado e o reino invisível, interpondo-se entre a democracia, a atualização da chefia, o discurso do “desenvolvimento” e o discurso da feitiçaria. Ao acompanhar os modos de atuação de diferentes agentes: políticos, empresários, empresas internacionais, autoridades tradicionais, partidos políticos, etc. pude seguir as diferentes maneiras como cada um deles se relaciona com a política estatal e tradicional, o capital estrangeiro, o comércio e as relações econômicas locais (perpassadas pelos modos de produção, tanto do capitalismo, como da re-produção coletiva) e a forma como as relações capitalistas, no norte de Moçambique, friccionam com os modos de produzir propriedades, posses e pessoas segundo os termos e os valores da tradição. Desta maneira, por meio de distintas metafísicas, desenha-se diferentes modos de se definir uma realidade para o poder. Essa dimensão da política, onde operam distintas formas de determinação do poder, acarreta a produção de valores diversos que, de certo modo, são divergentes e irreduzíveis uns aos outros, a gerar um campo de orientações de sentidos para as ações dos atuantes políticos que promove o surgimento de uma vasta arena de conflitos e de disputas. O trabalho a ser apresentado se insere em uma etnografia sobre a produção da política na cidade de Nampula, defendida como tese de doutorado no final de 2020 no Programa de pós-graduação em antropologia da UFMG. O estudo é fruto de um trabalho de campo feito entre 2016 e 2017, onde morei no Palácio Municipal da cidade e acompanhei de perto o cotidiano da vida política e a atuação de distintos políticos/empresários, dentre eles, o então presidente do município, Mahamudo Amurane, assassinado em outubro de 2017.

Palavras-chave: cosmopolítica, relações de poder, propriedade e posse, capital estrangeiro,

feitiçaria capitalista

Esquivas e usos coletivos de dinheiro para a manutenção do nhandereko entre xs Guarani Mbya

Carlos Melo de Oliveira Paulino (Universidade Federal de São Carlos/Funai)

Doutorando em antropologia (UFSCar) / Mestre em antropologia (USP)

Partindo da pesquisa que realizo entre o povo Guarani Mbya, a comunicação buscará refletir sobre as formas econômicas guarani, sobretudo com relação ao dinheiro, em que situações o utilizam e para quê, em que situações preferem não utilizá-lo. A maneira como as pessoas trocam coisas depende não somente do preço ou do valor que dão a elas, mas também da forma como estabelecem relações com essas coisas, e com relação aos atos de dar e receber. Os(as) Guarani incorporam o dinheiro em suas vidas em diálogo com seu modo de vida e seus valores tradicionais (nhandereko), buscando em alguma medida uma esquiva com relação ao padrão das relações econômicas de mercado. À forma Guarani de lidar com dinheiro, tentarei opor o mito da origem do dinheiro a partir do escambo, entendido como uma troca entre dois itens considerados de igual valor, e colocado pelo mito no lugar de ideal de troca universal, inerente à racionalidade humana. Nesse contexto, o dinheiro aparece como um mero facilitador, totalmente neutro, desses escambos. A maneira como os(as) Guarani lidam com dinheiro pode nos ajudar a enxergar de outra forma esse mito que fundamenta a maneira como os mercados e estados capitalistas fazem e lidam com dinheiro. O incentivo à atividade individual visando lucro, que está no cerne da economia de mercado capitalista, está intimamente ligado às ideias postuladas pelo mito, mas é rejeitado pelos(as) Guarani. Seguindo Desan (2014), entendo ser possível e preciso pensar o dinheiro como uma ferramenta para organizar relações econômicas e dispor de recursos, como uma forma de governar. O dinheiro não surge de forma neutra de um ideal de troca universal inerente à racionalidade humana (o escambo do mito), ele possibilita, de acordo com a forma como é feito e usado, que certas trocas específicas aconteçam e impossibilita outras. Diante dessa perspectiva, argumento que a ideia, bastante específica, do que seja o dinheiro nos mercados capitalistas, tende a organizar os recursos e relações econômicas de maneira predatória, levando à exploração do mundo e das pessoas e às crises ambientais e políticas que vivemos. Por outro lado, os usos desse mesmo dinheiro pelos(as) Guarani implicam no reconhecimento e na esquiva de diversos perigos inerentes a esse uso, ao mesmo tempo que visam organizar as relações e recursos econômicos dentro de suas comunidades priorizando o coletivo acima do individual, a preservação e o respeito à terra e à vida acima do lucro e da acumulação.

Palavras-chave: guarani, dinheiro, esquiva, capitalismo

Mulheres que curam: o lugar da cura e dos saberes ancestrais na relação com a terra e nas cosmopolíticas

Maria Aline Sabino Nascimento (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/MN/UFRJ)

Em dezembro de 2019, o mundo presenciou os primeiros alertas sobre os casos do novo Coronavírus (COVID-19), que rapidamente se tornou uma pandemia. Considerando o contexto de crise sanitária mundial somado a uma crise civilizatória, com destaque para as questões ambientais, este trabalho volta sua análise para as práticas de cura vindas de saberes ancestrais protagonizadas principalmente por mulheres e as plantas. Esta é uma reflexão que nasce da minha pesquisa de doutorado, na qual me debruço sobre as práticas de cura na produção de mundos, vida, gênero e política, tomando como foco o Brasil e, principalmente, o sertão nordestino, em um estudo transdisciplinar focado nas figuras de mulheres curandeiras e na sua relação com as plantas. Dito isto, este texto traz algumas inferências que puderam ser realizadas no contexto da pandemia da COVID-19, em 2020 e 2021, a fim de compreender qual as relações entre essas mulheres com suas plantas e o lugar da cura no vínculo com a terra. Se para estas mulheres curar está diretamente ligado à terra, o que nos diz as práticas de cura – agenciadas também por plantas, espíritos, elementos da natureza - sobre as lutas históricas de povos tradicionais e as realidades que estão disputas? Trazendo como elementos centrais de análise a radicalidade das plantas, as mulheres curandeiras, a terra/natureza e o que chamo de “práticas anticoloniais de cura”, considero pertinente lançar mão das discussões sobre a chamada plantation agromineral e nossas formas societárias estabelecidas, essencialmente, por uma metafísica e colonialismo ocidental na instituição de uma monocultura da vida, de mundo, de corpo, de natureza e outras categorias tocadas neste trabalho. Assim, discuto como a temática da cura e saberes ancestrais traz luz ao debate da domesticação, nossa concepção de agricultura e o que o meu campo compreende por natureza. Diante disso, este trabalho traz questionamentos a respeito da reprodução de uma lógica colonial, atualizada constantemente por uma metafísica ocidental, que tem em seu cerne o excepcionalismo do humano e as tensões geradas, a partir disso. Como refletir sobre o que Ailton Krenak chama de “máquina devoradora de mundo” a partir de um olhar lançado para práticas anticoloniais de cura? Como a experiência com o mundo, com o mover-se na terra, relacionar-se com as plantas nos orientam sobre isso? Como isso foi evidenciado durante a pandemia da COVID-19? São questionamentos desenvolvidos ao longo desta pesquisa.

Palavras-chave: mulheres, cura, terra, plantation, cosmopolíticas

Vida nas ruínas: afetos no encontro entre pesquisadores e a população de rua de Brasília

Joana Mostafa (UNICAMP)

Doutoranda em Sociologia

Este artigo analisa e fabula em torno dos encontros iniciais de uma pesquisa com populações em situação de rua no centro de Brasília. A pesquisa de campo conta com a mediação de uma associação que realiza ações de redução de danos junto àquela população. Os embates políticos e porosidades entre a superfície dos sujeitos “pesquisadores”, a liderança da associação “mediadora”, ela mesma ex-moradora de rua, e do “objeto” “população de rua” são o foco deste texto. A pesquisa pretende investigar a relação das pessoas em situação de rua com as instituições públicas a partir de suas narrativas e práticas cotidianas. A intenção é de experimentar com as estratégias de negociação das categorias, protocolos, narrativas e práticas que tecem o encontro entre população em situação de rua e as instituições públicas. Dito de outra forma, interessam as traduções e os acontecimentos que surgem entre os dispositivos dos serviços institucionais e as pessoas em situação de rua, que propiciam, ao contrário da ideia de exclusão, algum vínculo, alguma troca, alguma política. É nesta política que se afirmam vidas de uma população que se localiza e disputa a fronteira entre casa-rua, trabalho-vadiagem, proteção-risco, legalidade-ilegalidade, entre outras. Em sua minoridade-quase-ínfima, carrega uma enorme potência de vida nas ruínas do capitalismo pandêmico. Mas por que esse problema interessaria a pesquisadoras “como eu”? Qual a posição ética, política e institucional que instaura mediações e divide o sujeito e o objeto da pesquisa? Como me tornar hábil para responder pelos efeitos, maquínicos e enunciativos, do conhecimento gerado pela pesquisa? Quais técnicas podem revelar a parcialidade, a posicionalidade e os efeitos de poder da minha fala e texto a fim de que eu possa alcançar uma “objetividade” que não negue história e luta ao outro pesquisado? Este texto trabalha no sentido de desatar esses “nós” a partir da literatura de análise de implicação e do pensamento posicionado feminista. Também busca colocar em presença posições irreconciliáveis de diferentes perspectivas cosmopolíticas numa fabulação em que ratos, população de rua e pesquisadores travam um embate nas mídias digitais. Desejo, com isso, abrir caminho para afetos e pensamentos que desloquem as superfícies prévias entre sujeito-objeto de pesquisa, ao seguir a pista de minha interlocutora, ao longo dos primeiros dias, em que me contou sobre a superfície bastante tênue entre ratos e humanos.

Palavras-chave: população de rua; pensamento posicionado; análise de implicação; cosmopolítica

### **Sessão 3: Tecnopólicas e Resistências Tecnológicas: neocolonialismo, capitaloceno e subversão técnica**

Construindo outro mundo possível: o desafio da descolonização dos conhecimentos que sustentam o projeto tecnológico

Cristiano Cordeiro Cruz (Instituto Tecnológico de Aeronáutica - ITA)

Doutor em Filosofia (FFLCH-USP)

A reflexão filosófica sobre as práticas tecnológicas (i.e., engenharia, arquitetura, design etc.) e os seus produtos principais (i.e., tecnologias) reconhece, em autores como Andrew Feenberg, não apenas o aspecto sociotécnico de qualquer solução tecnológica, como também o imperativo de se organizarem mobilizações ou lutas políticas, se alguma alteração na tecnologia (ou sistema tecnológico) convencional for buscada. A razão disso é que o status quo tecnológico não é um resultado fortuito de disputas locais ao longo do processo de seu desenvolvimento. Ao contrário, ele é fruto e suporte das estruturas de poder hegemônicas, de modo que lutar-se por transformações, mesmo locais, requer o enfrentamento, menos ou mais direto, de tais estruturas. Esse entendimento, quando confrontado com a teoria descolonial, dá conta de trabalhar, ao menos parcialmente, os três âmbitos da colonialidade – poder, saber e ser –, fazendo-o, além disso, de maneira articulada. Assim, nas mobilizações de pessoas em torno de certa pauta sociotécnica, a articulação possibilita algum grau de transformação da identidade das/os participantes e o confronto, ainda que local, da estruturação do poder. Tais coisas possibilitam novos projetos sociotécnicos que, uma vez implementados, apoiarão ou emularão esses desvios ou transformações no domínio do poder e do ser. Essas compreensões, contudo, apresentam ao menos duas limitações. A primeira delas, que elas próprias costumam reconhecer, é a de como saltar das pequenas subversões (em relação ao poder, saber e ser) para transformações estruturais, radicais. Feenberg, nesse sentido, sustentará que esse passo só parece ser possível via revolução. A segunda limitação dessas compreensões é apenas raramente percebida como tal pelas/os filósofas/os. Trata-se de como proceder à descolonização do conhecimento técnico-científico, de modo que outros mundos (com suas respectivas estruturas de poder e subjetividades) sejam sociotecnicamente emuláveis. É nesse ponto que o presente trabalho irá se focar: problematizando a perspectiva descendente da tecnodiversidade de Yuk Hui; apresentando abordagens descoloniais do projeto técnico que são ascendentes (i.e., que se fundam no diálogo de saberes); evidenciando como essas abordagens permitem alcançar a descolonização dos conhecimentos técnico-científicos que suportam as práticas tecnológicas; e apresentando questões, aparentemente endereçáveis apenas a partir da antropologia, que permanecem em aberto nesse campo.

Palavras-chave: filosofia da engenharia, projetos técnicos descoloniais, descolonização do conhecimento técnico-científico, Yuk Hui, Andrew Feenberg

Padrões de aniquilação: economia e biotecnologia na era do capitaloceno

Magda dos Santos Ribeiro (Departamento de Antropologia e Arqueologia, UFMG)

Doutora em Antropologia (USP)

Manuel Ramon Souza Luz (Universidade Federal do ABC)

Doutor em Economia/ UNICAMP

As formas de aniquilação próprias e constitutivas da ordem capitalista atravessam diferentes universos do conhecimento. Em esforço interdisciplinar pretendemos percorrer dois eixos analíticos distintos, colocando-os em paralelo como forma de explicitar o que chamamos de padrões de aniquilação. Nossos esforços se dirigem para a compreensão de dois campos relevantes: biotecnologia e economia. Na biotecnologia, em particular no campo da produção de Organismos Genéticos Modificados (OGMs) observamos o processo contraditório da tríade biodiversidade-biotecnologia-monocultura, onde os resultados (monocultura) aniquilam a própria fonte de sua existência (biodiversidade). Ao mesmo tempo, a discussão contemporânea em economia a respeito da natureza pluralista do pensamento econômico dominante (chamado mainstream) carrega elementos contraditórios por meio da seleção de teorias e perspectivas que dizem respeito a seus próprios objetivos restritos. Como no caso da biotecnologia, o processo contraditório pluralismo-mainstream-monismo coloca em evidência que os resultados (monismo) aniquilam a fonte de sua existência (pluralismo). O movimento dialógico e comparativo aqui proposto aponta para as importantes relações entre variação e uniformização, estabilidade e inconstância, multiplicidade e singularidade e sobre diferentes práticas que se distinguem sobretudo pela prerrogativa de animar ou de aniquilar organismos e seres. Nesse exercício reflexivo, propomos por meio de uma discussão que perpassa as relações entre antropologia, economia e biotecnologia, compreender padrões de repetição nada aleatórios ou imprevisíveis. Trata-se de modos de operação dirigidos à aniquilação de seres, existências e teorias que confrontam a ordem determinante de um mundo parvo e único.

Palavras-chave: pluralismo econômico, biodiversidade, biotecnologia, antropologia

Tempo Ogúnico: uma interpretação da agenda neocolonial contemporânea a partir de personagens conceituais do Candomblé Nagô

Luiz Carlos Pinto (Universidade Católica de Pernambuco)

Doutorado em Sociologia (UFPE)

Prever e modificar o comportamento humano, controlar mercados e influenciar escolhas políticas de países inteiros. Essas são algumas das principais características do que vem sendo chamado de capitalismo de vigilância - há muitos outros nomes para as consequências das mudanças em andamento no Capitalismo em função das tecnologias da informação e

comunicação e suas conexões com processos extrativos e financeiros de produção de valor. Todo o amplo e complexo conjunto de fenômenos associados pode ser interpretado como um neo-colonialismo muito específico: um colonialismo baseado na extração dados pessoais em grandes proporções. Como em outras etapas colonialistas, esta também se caracteriza por se constituir num investimento na morte, a partir de um modelo de dominação que elimina seres e atenta contra subjetividades; tal investimento reflete uma conhecida matriz de dominação e, por fim, nos demanda uma resposta educativa. Tais características são exploradas no artigo. Se a problemática neocolonial nos cobra uma resposta pedagógica, esta terá mais chance de ser bem sucedida se for baseada em referenciais subalternos cruzados com os referenciais hegemônicos de compreensão do capitalismo de vigilância. Isso significa pautar a emergência de um mundo pluriversal, plurilinguístico mas também poli-racional: quais são as táticas e tradições tecnológicas operadas nas margens – em especial nas margens afro-indígenas – que nos podem orientar a compreender mas também a dar respostas às novas ameaças à vida e suas pluralidades? O que acontece se lermos esse processo a partir de uma cosmologia não ocidental? Mais especificamente: que elementos do Candomblé Nago (ketu), e das cosmotécnicas associadas, nos ajudam a recontextualizar as tecnologias atuais e reagir em sintonia com a tradição latino-americana de insurgência contra-colonial? O artigo, assim, propõe um interpretação do tempo em que vivemos a partir de uma invocação filosófica associada ao panteão do Candomblé Nagô e seus personagens. Nele ganha relevância o protagonismo do Orixá Ogum - o intercessor de processos de aprendizagem com tecnologias; mas também o orixá das contradições, das ambiguidades, das guerras e da solidão. O herói civilizador cuja sina é acompanhar a humanidade e morar nos caminhos do mundo, apesar de ser rei; banhar-se de sangue, apesar de ter água em casa; o monarca que usa palhas secas para se proteger do frio; o que vence guerras, mas dispensa os espólios do conflito.

Palavras-chave: Ogum, contra-colonial, neo-colonialismo, tecnodiversidade, civilização

Choque de infraestruturas: desafios da introdução dos bancos de perfis genéticos para identificação criminal no Brasil

Vitor Simonis Richter (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutor em antropologia (UFRGS)

Desde 2009, após um acordo de colaboração com o FBI, o Brasil aumentou seus esforços para introduzir bancos de DNA em seu cenário técnico-legal. Em 2012, após em um rápido processo legislativo, o Brasil autorizou o funcionamento da segunda maior rede deste tipo de banco de dados em único país, conectando 20 estados ao Banco Nacional de Perfis Genéticos (BNPG). Nesta comunicação descrevo os desafios práticos da instalação da infraestrutura desta tecnologia e os efeitos para a coleta, inserção e circulação de perfis genéticos nesta infraestrutura. Ao voltar as atenções para as infraestruturas que fazem com que os perfis genéticos circulem com maior ou menor facilidade, é possível refletir sobre o terreno político

que emerge e se configura a partir da introdução desta tecnologia em um contexto técnico-legal que não compartilha necessariamente todos os pressupostos legais, morais e técnicos daquele no qual a tecnologia foi desenhada. A descrição do processo de introdução desta tecnologia permite refletir sobre como a adoção de um modelo de bancos de DNA para investigações criminais, privilegiado em países como Inglaterra e Estados Unidos, foi feita sem atenção aos dilemas e desafios da justiça criminal brasileira, bem como às particularidades da organização institucional das polícias e do cotidiano dos presídios no país. Diante disto, argumento que a idealização do encontro entre as infraestruturas da genética forense, da polícia e do sistema carcerário brasileiro foram cruciais para tornar mais lento o processo de composição dos bancos de DNA com perfis de presos. Uma idealização baseada no pressuposto da tranquila e imediata disponibilidade dos corpos da população carcerária brasileira às práticas periciais necessárias para a composição dos bancos de DNA. Atentar para as materialidades e suas circulações na infraestrutura de bancos de perfis genéticos no Brasil permite percebermos os nós, conexões, sujeitos e relações que criam resistências à maior agilidade na introdução desta tecnologia no Brasil e às condições que os especialistas da genética forense e da polícia brasileira consideram ideais para fazer a identificação genética para fins de investigação criminal no Brasil.

Palavras-chave: bancos de DNA, genética forense, infraestruturas, vigilância, identificação

Sobre gambiarras: improvisações criativas e apropriações críticas “à brasileira” das tecnologias digitais de comunicação

Leonardo Feltrin Foletto (Universidade de São Paulo)

Doutor em Comunicação (UFRGS) / BaixaCultura / LabCidade (FAU-USP)

Diversas são as ações tecnopolíticas que buscam romper a ordem estabelecida, seja no norte ou no sul global. Táticas e estratégias (De Certeau, 1984) são comumente usadas por grupos de todos os tipos para expressar sua singularidade na construção de significado e práticas. É o que acontece, por exemplo, na reconstrução de objetos técnicos a partir da bricolage de materiais diversos e nos usos desviantes destes objetos para fins que não os inicialmente pensados por seus fabricantes.

Este trabalho busca dar continuidade as ações e as práticas desviantes conhecidas no Brasil como “gambiarra”, uma palavra aplicada a uma miríade de improvisações, geralmente materiais e técnicas referentes à escassez de todos os tipos. Rosas (2006) e Clinio (2011) definem, por exemplo, gambiarra como um “do it yourself à brasileira”, em que as limitações técnicas são superadas pela solução criativa diante de situações desafiadoras, enquanto Bruno (2017), ao mesmo tempo que também a caracteriza como a prática cotidiana de solucionar um problema ou de reparar de forma improvisada e ágil um objeto que não “funciona bem”, a apresenta como “um modo de produzir e usar tecnologias, objetos, serviços que não poderiam ser adquiridos ou comprados” (Bruno 2017).

A partir das inspirações teóricas de De Certeau sobre táticas e estratégias e das reflexões de Escobar (1995) e Mignolo (2019) sobre “epistemologias do sul global”, entendo a gambiarra como um exemplo de manifestação crítica do sul global que busca ressignificar o mundo a partir da tecnologia digital, em diálogo tanto com o comum quanto com a cultura livre de origem hacker. Argumento que os usos gambiarrísticos, rebeldes e frutos de uma apropriação crítica nas tecnologias de comunicação digital só são possíveis em contextos desafiantes (técnico, social e economicamente) e, por conta disso, um fenômeno característico de zonas situadas fora de contextos dominantes ocidentais. Nesse sentido, busco neste texto o diálogo com termos que designam práticas semelhantes em outras regiões e línguas, como o rebusque na Colômbia e o jugaad na Índia, com o intuito de fortalecer o diálogo que compreenda as táticas e estratégias de resistência e recombinação tecnológica no planeta em conversa com a ideia de “cosmotécnica” (Hui, 2020), tecnologias desenvolvidas em contextos locais e particulares que poderiam conter saídas para a atual crise ecológica, política e social do planeta e estabelecer rotas de fuga do capitalismo neoliberal

Palavras-chave: tecnopolítica, apropriação, sul global, comunicação digital

#### **Sessão 4: Ciências especulativas, coreografias tentaculares e práticas de conhecimento**

Cartografia destrutiva: pedagogias críticas e formas de solidariedade em território(s) e coletividades

Cristina Thorstenberg Ribas (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutora em Artes (Goldsmiths College University of London)

Cartografias destrutivas são gestos, formas de vida, sementes cultivadas, alianças. Mas também podem ser as formas de mapear, desenhar, marcar e (per)seguir os fluxos micropolíticos de movimentos em meio a processos de resistência, na dura e dolorosa tentativa de sobreviver sob uma miríade de opressões partilhadas. A cartografia destrutiva tem um poder cognitivo e de recomposição da nossa relação uns com os outros, da relação com os territórios que habitamos e com as coletividades às quais nossas vidas estão conectadas. Neste fragmento de pesquisa quero partilhar um saber incorporado, derivativo, transformativo, ao mesmo tempo inventado (como cartografia crítica) e reinventado (nas articulações com arte, antropologia, psicologia social e movimentos sociais). Com esse fragmento de pesquisa procuro espaço (coletivo) para desenhar as ideias e as práticas ao redor da cartografia destrutiva pensando-a não apenas como ferramenta composicional (acrescentando percepções e formas de vida ao que já nos constitui, aos saberes, ao que está disponível), mas que também tem efeitos recompositivos que acarretam a destruição de modos majoritários, violentos, opressores. Como forma de pedagogia crítica, a cartografia destrutiva pode ser impulsionada pelo desejo de fazer derruir de modos de opressão, controle, submissão, fascismo, misoginia. Mas nem a resistência é total, nem a cartografia é linear. Ela é errante, ela é experimental, ela é inventiva. Mover-se e produzir por meio das

cartografias destrutivas também precisa destruir as neuroses, os niilismos, os impedimentos e os bloqueios subjetivos, como se pudesse liberar a criação, como forma de invenção que é capaz de sustentar a vida, de reproduzi-la; mas também no seu potencial de aliança, de produção de rede, de pactos, de saberes comuns. Tais cartografias destrutivas têm uma ética, são geradas por maquinismos engendrados por aqueles interessados em produzir as suas próprias vidas (e não as vidas de outros). Com a ativação desse olhar corporal, ao mesmo tempo territorial e cartográfico, a vida tornada sempre em débito, exclusão ou aniquilamento diante dos persistentes cálculos do capitalismo pós-industrial, pode dar seu giro, riscar sua encruzilhada. Essa pesquisa conversa com e aprende de Arturo Escobar, Coletivo Orangotango, André Mesquita, Suely Rolnik, Carla Akotirene, Marielle Franco, Iconoclastas, Timo Bartholl, Bureau D'Études, entre outros parceiros de estrada, e de encruzilhada.

Palavras-chave: cartografia, destruição, território, desenho, saberes comuns, pedagogia, metodologia

Futuros Contemporâneos: entre novas tecnologias e novas ontologias

Gustavo Lemos (Universidade Federal de São Paulo)

Doutorando no PPG em Ciências Sociais, EFLCH-UNIFESP e Mestre em Artes Visuais

Atualmente há três grandes temas da ficção científica (FC) especialmente sincronizados às divulgações da ciência especulativa: o pós-humanismo, a colonização espacial e a inteligência artificial. O pós-humanismo é uma crença em que a tecnologia pode transformar o ser humano em algo melhor do que a evolução biológica pôde fazer até agora. A morte seria vencida com nano-robôs restauradores de corpos, e com a possibilidade de digitalizar a consciência e transferi-la entre corpos ou a um servidor de realidade virtual. A colonização espacial retorna à cena com maciços investimentos públicos e privados para estabelecer base na Lua até 2024, e desenvolver tecnologias para viagens mais distantes, como para Marte. Inteligência artificial (IA) é o nome popular de uma máquina digital com capacidade de aprender e lidar com incertezas. Tais sistemas existem apenas para aplicações particulares, não para situações gerais como encontradas em sistemas vivos complexos. As fabulações ao redor do tema variam entre cenários totalitários tanto utópicos quanto distópicos. Estes três temas relacionam-se também com outras narrativas mais amplas que envolvem catástrofes climáticas e/ou sociais, colocam a humanidade sob risco de aniquilação e dirigem as esperanças ou às soluções tecnológicas modernas ou a uma mudança de paradigma tecno-biológico mais amplo, que envolva as outras espécies vivas no planeta. Há ainda atores no setor privado de tecnologia, sobretudo nas áreas de turismo e mineração espaciais, interfaces cérebro-máquina, neuro e biomedicina, inteligência artificial e datificação, que colaboram na produção de narrativas, entramando nelas a inevitabilidade de seus produtos. Hegemonicamente, estas narrativas favorecem cenários de esgotamento dos recursos planetários, crise climática, substituição de ritmos sazonais e biológicos por algoritmos e eliminação das ambiguidades linguísticas e sensíveis para fins de

maior eficiência produtiva; marginalmente, oferece cenários de colaboração multi-espécie e renovação ontológica. O presente estudo parte dos cenários apresentados para propor a análise cruzada de linhas narrativas e tecnologias atualizadas, buscando continuidades e complementaridades, com o objetivo tanto de compreender as transformações que elas propõem nos regimes de sensibilidade, imaginação e produção de conhecimentos, tanto em âmbitos humanos, quanto, se possível, não-humanos; quanto de possibilitar que novas histórias não-hegemônicas sejam contadas.

Palavras-chave: ficção científica, pós-humanismo, inteligência artificial, colonização espacial, algoritmos, antropoceno, narrativas não-hegemônicas

Coreografar a mistura

Marina Souza Lobo Guzzo (Universidade Federal de São Paulo)

Doutora em Psicologia Social

Esse trabalho pretende, a partir do olhar para as plantas, pensar em coreografias possíveis e muitas vezes invisíveis em lugares impensados, como as realizadas em nossas próprias casas, durante o período de isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19. Dançar a mistura é uma brincadeira com as palavras usadas pelo filósofo italiano Emanuele Coccia (2018), que sugere uma metafísica da mistura. Coccia, assim como outros autores da filosofia e antropologia contemporâneas (Stefano Mancuso, Tim Ingold, Anna Tsing, Donna Haraway, Eduardo Viveiros de Castro, Juliana Fausto, entre outras) ,abrem um diálogo entre pesquisas e campos disciplinares aparentemente diversos, propondo alternativas de mundos interespecíficos, feraleis, não humanos, como forma de resistência ao antropoceno/plantationceno/capitoloceno, reunindo perspectivas que apontam cosmopolíticas desde os mundos vegetais e animais. Essas perspectivas, apesar de recentes no pensamento e filosofia ocidental, já faziam parte de uma cosmologia de povos originários, que nunca fizeram essa separação entre cultura, natureza, corpo e cuidado. Como podemos ver em inúmeros trabalhos da antropologia moderna, nas muitas falas, textos e lives de Airton Krenak, e sobretudo na obra "A queda do céu" de David Kopenawa e Bruce Albert (2010), muitas das doenças (xawara) que vivemos hoje, refletem essa exploração e destruição do ecossistema que nos abriga. O que antes era descrito como "selvagem", hoje aparece como saída para (re)aprendermos a misturar e com isso a “dançar” com outros viventes da biosfera, incluindo os vírus. Uma vida pensada/dançada a partir de referenciais da natureza, faz dela mesma, da natureza e do cosmos que a compõem objetos privilegiados de pensamento. Afirmam-nos que só podemos pensar, existir e sentir a partir dessa relação. É, desde a natureza, que nos permitimos habitar nossa condição humana, não separados dela, mas atravessados por toda força física que a atravessa e transforma. A filosofia da mistura proposta por Emanuele Coccia parte da vida vegetal e nos apresenta uma forma de conhecer um mundo pelas plantas, com sua superfície de sensações, com as folhas produzindo a atmosfera, as raízes conhecendo a Terra e as flores como forças cósmicas. Pele, hapticidade

e ecologias menores, para imaginar coreopolíticas de transformação.

Palavras-chave: plantas, coreopolíticas, mistura, dança

The Stack versus The Chthulucene

Pablo DeSoto (Universidade Federal da Paraíba)

Doutor em Comunicación y Cultura

José Pérez de Lama (Universidad de Sevilla, Escuela de Arquitectura)

Doctor en Arquitectura, Universidad de Sevilla

A pandemia global transformou nossas categorias tradicionais. Ao mesmo tempo que um vírus danificava nossos corpos e paralisava nossos movimentos no espaço físico, a digitalização da vida foi intensificada criando formas expandidas de sociabilidade, mas também de exploração e desigualdade. Na frente deste cenário disruptivo são necessários novos aparelhos epistêmicos e sensibilidades com os que imaginar e desenhar a coabitação para futuros possíveis. Este trabalho se propõe como uma exploração teórica das interseções do biológico e o digital e como isto mobiliza uma noção avançada de arquitetura e do espaço urbano. A partir de teorias quasi antagônicas como The stack (Bratton 2015) ou the Chthulucene (Haraway 2016), o trabalho especula quais seriam os fundamentos para imaginar uma escola que se aproxime a cidade desde as humanidades ambientais.

Palavras-chave: digital, antropoceno, chthuluceno, planetary-scale computation, multiespecies, excepcionalismo humano

## **ST06 Tecnologias estatais, resistências e composições contra a dominação da vida**

Stella Zagatto Paterniani  
Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
stella.paterniani@gmail.com

Ana de Francesco  
Fundação Getúlio Vargas (FGV); Centro de Direitos Humanos e Empresas (CeDHE)

Thais Mantovanelli  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); Instituto Socioambiental (ISA)

A produção de populações geríveis e aniquiláveis marca a expansão da lógica da plantation, fundada na predação e escravização de coletivos humanos e não-humanos. Essa tecnologia de expropriação de corpos e energias para maximização de lucros figura o que Donna Haraway e Isabelle Stengers chamam de Plantationceno, cujas práticas de gestão e controle de pessoas, minerais, águas, terras, animais e plantas têm ameaçado a manutenção e proliferação da vida no planeta. A transformação da vida em gestão de dados que justifiquem tecnologias empresariais-estatais de exploração, aniquilação e escravização configura o que Achille Mbembe denomina necropolítica. Contra essa lógica de dominação e controle, coletivos de pessoas têm se mobilizado e se engajado nas mais diversas práticas de resistências e insurgências. Esse ST busca reunir pesquisas sobre essas práticas criativas como contra-usos e dribles das tecnologias estatais-empresariais de confisco da vida. Nossa intenção é fortalecer composições sobre práticas insurgentes e reivindicação de direitos, por meio de etnografias de contra-mapeamentos, contra-surveys, regimes de exibição em reuniões, manifestações políticas e artísticas, criação de formas associativas ou quaisquer ações orientadas pela defesa da vida. Se o “amanhã não está à venda”, como afirma Ailton Krenak, é urgente que os engajamentos mais diversos na defesa da vida tornem-se inspirações para ações concretas de resistência e defesa de regimes de existência e sua multiplicidade.

Palavras-chave: práticas de resistência, ações contra-hegemônicas, tecnologias estatais-empresariais

## **Sessão 1: Desenvolvimento e conflitos cosmopolíticos**

Debatedor: Diego Amoedo

“No quieren entender que somos hijos del río”. Negociación y resistencia de los indígenas achaguas a las técnicas neoliberales del proyecto de Navegabilidad del río Meta, Colombia.

Diana Carolina Ardila Luna (Universidad Manuela Beltrán)

Doctora en Antropología (Universidad de los Andes, Colombia)

Manuel Leonardo Prada Rodríguez (Universidad Manuela Beltrán)

Doctor en Filosofía (Universidad Santo Tomás)

Entre 2002 y 2010 los indígenas achaguas del municipio de Puerto López en el Departamento del Meta participaron en una Consulta Previa con el Instituto Nacional de Vías para acordar las formas de compensación a recibir por los impactos generados por las obras de adecuación para la navegabilidad del río Meta. Los indígenas no se oponían a los objetivos del proyecto e incluso querían hacer parte de este, sin embargo, no aceptaron las propuestas del Estado sin antes exigir incluyeran sus puntos de vista, su concepción del río y demandas puntuales que implicaban una forma de implementación diferente. En esta ponencia presentamos las reflexiones resultado de un diálogo entre la filosofía de la técnica y la antropología ambiental sobre el proceso de negociación y resistencia de los achaguas donde analizamos el proyecto de navegabilidad como una técnica neoliberal. La técnica neoliberal es un concepto que nace con la lectura de Foucault, pero que se alimenta de las discusiones de las filosofías de la técnica heideggeriana y praxeológica que muestran que la técnica ha mediado las relaciones sociales entre actantes humanos y no-humanos de diversas maneras y particularmente en la modernidad el resultado ha sido la cosificación del ser humano, que termina por objetualizar la naturaleza en pro del mercado, asunto que resta posibilidades para la construcción del ser auténtico. Esta perspectiva contribuye a las discusiones de la antropología ambiental sobre la comprensión de las relaciones sociedad y naturaleza y específicamente las relaciones interculturales en el marco de discursos sobre el desarrollo sostenible. De esta manera, el análisis de la técnica neoliberal evidenció que implementar el proyecto sin tener en cuenta el pensamiento achagua, tiene consecuencias culturales y ambientales. Concluimos que la co-dirección del proyecto por parte de los técnicos neoliberales y los achaguas es una manera de corregir la técnica. Así, es viable atender las demandas inmediatas del mercado, que es lo que más interesa al Estado colombiano y también a los achaguas, al tiempo que se respeta la visión achagua y la defensa de su cultura en sus términos.

Palavras-chave: técnica neoliberal, filosofía de la técnica, indígenas achaguas, proyecto de desarrollo, antropología ambiental

Urbanismo climático e contro-experimentações regenerativas em Milão (Itália)

Daniel Delatin Rodrigues (Università degli Studi Milano-Bicocca)

Doutor

A cidade de Milão tem se destacado como uma das cidades mais ativas internacionalmente na adoção de políticas de adaptação a eventos climáticos extremos. Sua área metropolitana é atualmente uma das regiões com maior índice de poluição atmosférica da Europa. Diante deste primado, o município tem promovido políticas de mobilidade de ‘baixo impacto’ e um amplo programa de reflorestamento urbano. Mas esta faceta se conecta, e não contradiz, a uma prática de exploração intensiva do solo urbano e especulação imobiliária incontrolável (definida por ativistas como o ‘Modelo Milano’) - com a consequente expulsão de populações de baixa renda às áreas metropolitanas periféricas. O objetivo do nosso trabalho é aquele de apresentar de que modo os clima-ativistas respondem ao desafio simultâneo de bloquear a ‘máquina do antropoceno’ (Amin e Thrift, 2017) e desertar daquilo que definiremos como ‘socialidades fósseis’ - engajando-se portanto na criação de novos territórios existenciais (Guattari) não mediados pelas redes de dependência (Stengers, 2020) extrativistas. Este trabalho se baseia em um trabalho de campo (presencial e virtual) de 18 meses com os clima-ativistas (a rede ‘Milano per il Clima’) e administradores públicos envolvidos na elaboração de planos de mitigação e adaptação climática (DP Città Resiliente). Para esta apresentação iremos nos concentrar em dois aspectos: em primeiro lugar nas estratégias de resistência dos clima-ativistas para evitar a destruição de áreas verdes urbanas (Bovisa, Baiamonte e Bassini) através bloqueio, ocupação, audiências públicas e manifestações; em segundo lugar, nas práticas de regeneração de áreas abandonadas na periferia da cidade (‘Regeneration Heroes’/Parco della Vettabbia). Se no primeiro caso se trata de seguir o modo como os clima-ativistas buscam enfrentar e desacelerar a ‘máquina do antropoceno’, no segundo caso trata-se de explorar - a partir de um território geograficamente marginal - as experimentações de coexistência multiespécie e de ações coletivas definida por eles como ‘regenerativas’ (como a ‘guerrilha agroflorestal’). O fio que conecta ambas situações é aquele de ‘tornar-se ativo’ (become active) enquanto dimensão subjetiva e material, pessoal e coletiva que ‘arrasta’ estes ativistas em uma trajetória de experimentação de respostas não-bárbaras (Stengers 2009) que, segundo o relato de uma das ativistas, se definia pela urgência de “aprender a viver no tempo do colapso climático e ecológico”.

Palavras-chave: urbanismo climático, clima-ativismo, contro-experimentações

Estaticidade e movimento no reassentamento de Paracatu de Baixo (MG)

Gabriela de Paula Marcurio (Universidade Federal de São Carlos)

Mestranda PPGAS - UFSCar

Pretendo analisar o processo de construção do reassentamento de Paracatu de Baixo, comunidade atingida pelo rompimento da barragem de rejeitos de minério de ferro de Fundão, em Mariana, Minas Gerais. Os moradores foram deslocados compulsoriamente, suas casas foram destruídas, o rio Gualaxo do Norte foi poluído, as roças e as hortas foram contaminadas. Desde 2015, as (os) atingidas (os) vivem em residências espalhadas pela sede municipal, ao passo que nenhuma casa foi construída no reassentamento, coordenado pela Fundação Renova, empresa criada pelas mineradoras para a “reparação” do desastre. Descrevo um problema estético da construção da “Nova Paracatu”, localizada em um terreno íngreme, distante do rio, onde tudo é medido, calculado, desenhado, projetado e planejado pelos técnicos. O espaço é esquadrinhado, a horta definida em metros quadrados, a água calculada em milímetros cúbicos, os terrenos divididos por muros e as casas planejadas. Tenho como ponto de partida o que as empresas anunciam como uma “comunidade com infraestrutura de cidade” ao planejar o sistema de saneamento básico e ao desenhar o projeto de “bens coletivos”, como denominam os prédios públicos. Analiso essa formulação a partir de pesquisa de campo com as (os) atingidos (os), especialmente em reuniões com os técnicos, e de material documental disponibilizado pela empresa. Dessa forma, argumento que a construção do reassentamento segue uma arquitetura que empobrece as relações na medida em que pretende determinar limites às práticas da comunidade. Essas imposições técnicas sobre a vida são questionadas pelas (os) atingidas (os), que formulam uma crítica da escassez de movimento.

Palavras-chave: reassentamento, desastre, comunidade, minas gerais

Preservação, conservação e território caiçara na Baía dos Castelhanos, Ilhabela.

Paula Affonso de Araujo Silva (Universidade Federal de São Carlos)

Projeto de Educação Ambiental Rendas do Petróleo/ FIA

Mestranda em Antropologia Social (PPGAS - UFSCar)

A Baía dos Castelhanos é o território de seis comunidades caiçaras e está localizada na face leste da Ilha de São Sebastião, a maior do município-arquipélago de Ilhabela. Houve uma transformação jurídica dessas terras com a instauração do Parque Estadual de Ilhabela em 1977, que delimitou 85% da área total do município como Unidade de Conservação de Proteção Integral, resultando em implicações no entendimento comunitário do que é ‘ser caiçara’. Isso decorre de um sistema de conservação da natureza balizado em normativas que consideram a presença humana um entrave à preservação. Proponho trabalhar aqui com os papéis

mobilizados pelas comunidades caiçaras em suas estratégias de luta por seu modo de vida. Tomando como ponto de partida o que os caiçaras de Castelhanos me mostram, esse modo de vida diz respeito a uma forma de existir no mundo resistindo às adversidades e conflitos que compõem seu cotidiano. ‘Aqui a gente vive assim’, ‘o caiçara de verdade mesmo não consegue viver na cidade não’; falas como essas são quase sempre acionadas em oposição às formas de existir no mundo que se desvincularam do processo de produção dos alimentos consumidos e que também se afastaram das águas e do navegar, do conhecimento dos remédios fornecidos pela floresta, do cuidado com o solo, da criação e do cuidado dos animais. Enquanto dinâmicas político-administrativas e interesses econômicos se traduziram em estipulações normativas e decretos, ameaçando e regulando as comunidades, as possibilidades de ser caiçara foram alteradas e outros vínculos se firmaram. Interessa a esse trabalho apresentar algumas estratégias caiçaras de resistência às normativas estatais que os excluem.

Palavras-chave: Unidade de Conservação, caiçaras, território

A transferência de tecnologias e os designs da plantation em um programa de desenvolvimento agrícola no norte de Moçambique

Vanessa Parreira Perin (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutora em Antropologia/ PPGSA-UFRJ

Durante a reunião do G8 em 2009, os então primeiro ministro do Japão e presidente do Brasil estabeleceram uma parceria para “desenvolver a agricultura das Savanas Tropicais africanas”. A referência para tal empreendimento seriam as transformações agrícolas iniciadas em meados dos anos 1970 no Cerrado brasileiro, alcançadas através do PRODECER. Também fruto da parceria entre os dois países, este programa de desenvolvimento foi um dos elementos que possibilitaram a consolidação do modelo tecnológico e de gestão da cadeia produtiva do agronegócio no Brasil. No entanto, para que os conhecimentos que permitiram o aumento da produtividade no Cerrado servissem de base para a nova iniciativa nas Savanas Tropicais, foi preciso destacar similaridades entre estas paisagens, de modo a tornar factível a “transferência de tecnologias” e a escolha, enfim, pelo norte de Moçambique como local de sua implementação. Nesse contexto, foi lançado o ProSavana, programa de cooperação técnica internacional, cujo objetivo era promover o desenvolvimento agrícola da região norte deste país africano, conhecida como Corredor de Nacala. Através da “transferência de tecnologias” em agricultura tropical, portanto, os projetos do ProSavana traziam muitos dos elementos de uma ecologia da plantation, pois buscavam replicar seus designs simplificadores sobre as paisagens multiespécies do norte de Moçambique. A partir de meu material etnográfico sobre a implementação deste programa, proponho discutir como as noções de paralelos, corredores e cadeias foram mobilizadas para aproximar tal processo de “transferência de tecnologias” da criação de um ambiente de “investimentos seguros” no Corredor de Nacala. Pretendo ressaltar, por um lado, como tais imagens que implicam em conexão e fluxo permitiram também efeitos

de isolamentos e fixações na escala do território sobre o qual incidiam. Por outro, descrevo a maneira como tais noções foram (re)compostas e articuladas tanto por técnicos e gestores que visavam implementar a proposta de desenvolvimento trazida pelo ProSavana, quanto pelos camponeses definidos como “alvos” de suas atividades e por grupos de ativistas com os quais se uniram. Aponto, assim, uma série de fricção através da diferença, como chama Anna Tsing, que resultaram nas práticas de luta que permearam toda a condução destas intervenções estatal-corporativas no norte de Moçambique.

Palavras-chave: desenvolvimento, cooperação internacional, transferência de tecnologias, ProSavana

## **Sessão 2: Criação e movimento**

Debatedora: Antonádia Borges

A nossa luta é essa: uma etnografia das lutas por moradia do contexto habitacional da SABESP (Heliópolis, Z/S de São Paulo)

Marcos Vinícius Guidotti Silva (Universidade Federal de São Carlos)

Mestre em antropologia (PPGAS-UFSCar)

Nesta comunicação pretendo apresentar o escopo do meu projeto de pesquisa de Doutorado em Antropologia. Com este projeto de pesquisa pretendo realizar uma etnografia com moradores do contexto habitacional da SABESP (formado numa área de 39, 000 m<sup>2</sup>) entre São João Clímaco e Heliópolis (zona sudoeste da São Paulo). O objetivo geral será descrever analiticamente as lutas por moradia dos moradores deste contexto habitacional. Sugiro como hipótese que as lutas por moradia desta região, que apresenta um histórico de conflitos habitacionais, se complexificaram após as intervenções do Programa de Urbanização de Favelas (que é gerido desde 2005 pela Secretaria Municipal de Habitação da cidade de São Paulo). A partir desta hipótese, pretendo desenvolver um trabalho de campo no contexto habitacional da SABESP com o qual objetivarei: verificar quais são as perspectivas de meus interlocutores a respeito das intervenções habitacionais do Programa de Urbanização de Favelas; compreender quais são as táticas, estratégias, recursos e conceitos que compõem para meus interlocutores de pesquisa suas lutas por moradia; recuperar junto de moradores do contexto habitacional da SABESP o histórico de conflitos por moradia da área. Desse modo, almejo contribuir com os debates bibliográficos a respeito das lutas habitacionais e periferias de São Paulo, propondo: 1º) produzir uma etnografia a partir de uma posição de pesquisa que envolve a implicação direta do pesquisador na luta por moradia na periferia da cidade (considerando que sou filho de uma família afetada pelo Programa de Urbanização de Favelas); 2º) descrever e compreender analiticamente uma complexidade em torno das lutas por moradia na periferia que ainda não foi trabalhada pela bibliografia especializada no tema.

Palavras-chave: Antropologia, etnografia, luta por moradia, periferia, Programa de Urbanização de Favelas

Vila Areal - DF em breves histórias: extrativismo na capital modernista, retirada das areias no passado e especulação dos espaços na atualidade

Natália Maria Alves Machado (Universidade de Brasília)

Doutoranda em Antropologia (UnB) e Mestre em Direito (UnB)

Bruno Araújo Lopes (Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais/UnB)

Em histórias que o povo conta, “o Areal tem esse nome porque à época da construção da nova capital, se extraía dali areia para ser utilizada nas obras de soerguimento no Plano Piloto”. Pouco mais do que isso se falava por onde eu transitava para apreender e ser de Brasília em amplo sentido (DF e Entorno), mas algo um tanto “alienígena” me capturou para perceber o Areal, ou Vila Areal como eu preferi chamar, como se eu estivesse vendo tudo pela primeira vez e, ao mesmo tempo, visitando espaços recônditos da memória afetiva, sociológica e até espiritual das areias dentro e ao redor de mim. Para além da casa que me abrigava, espólio de uma matriarca centenária, oriunda do Sertão do Ceará, candanga, ali falecida na década anterior, a rua era muito viva geralmente, tornava a casa viável (apesares) e o desalento improvável.

Na Vila Areal existe o único e maior abrigo para pessoas em situação de rua do Distrito Federal, tais pessoas estavam por toda parte os desabrigados abrigados, pois fora da instituição ali era o universo ‘rua’ mais imediato, compartilhando espaços com as crianças, muitas crianças de todas as faixas etárias, muitos cachorros, às vezes poucos gatos (pois pairava a fama de uma vizinha intolerante a felinos, que os exterminava com venenos), eventualmente galinhas, cavalos e até porcos, pois de vila cercada de chácaras por todos os lados, algumas (talvez várias, não mais que as atuais Igrejas Evangélicas) Comunidades Tradicionais de Terreiro, muitas nascentes e assustadores casos de violência urbana ruralizada ou rural urbanizada, sob a sombra frondosa do campus universitário privado que a separava de Taguatinga, hoje é conhecida por comércio abundante que segue atraindo migrantes goianos, de vários estados do nordeste e até intra-districtais.

Com advento da pandemia, mais do que estranhar o familiar, me vi levada a ficar “ilhada”, compulsoriamente em um campo (em muitos sentidos deste termo), no Areal me sentindo no lugar ideal para uma situação de distanciamento social, pois, sabia que ali seria impossível uma solidão. Os cantos, as rezas os gritos, choro de bebês, inimizades, os “paredões sonoros”, tudo era fácil de se escutar de dentro de casa nos pequenos lotes tamanho padrão ou do portão, ou na padaria, farmácia ou supermercado ou estabelecimentos que vendiam comida (muitos), lugares permitidos de funcionar e considerados de primeira necessidade, contudo, desde antes, pontos fundamentais de interação e lazer, partilhas.

Palavras-chave: modernidade, areia, animais, rural, urbano e capital federal

Reorganização espacial, os cuidados com as crianças e (re)existir através das brincadeiras  
Francisca Raquel de Oliveira Temoteo (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)  
Mestranda em Antropologia Social (UFRN)

Este trabalho é uma continuação da pesquisa sobre a dinâmica infantojuvenil, que havia partido da curiosidade desta pesquisadora a partir do trabalho de extensão realizado na comunidade da Estrada velha/Acarape-CE. Sendo apontado agora as implicações da duplicação da pista entre Pacatuba e Redenção, a qual atravessa a comunidade e, pensando que a partir desta nova estrada, como os processos de mudança no espaço físico podem interferir na circulação e cuidados com o público infanto-juvenil, as brincadeiras e atividades, quanto as implicações para a mobilidade dos moradores de uma forma geral. Além de aponta a forma que estes sujeitos foram informados das mudanças e como foram tratados durante o processo da implementação da CE - 060.

Palavras-chave: comunidade, CE – 060, brincadeiras, infâncias, (re) existir

O avesso do concreto: práticas de insurgência no Muro da Cisjordânia  
Michelle Julianne Souza Ratto (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)  
Doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/UFRN)

Este trabalho toma como objeto de estudo o Muro israelense na Palestina, pensado como parte do dispositivo de controle construído pelo Estado de Israel, em 2001, nos territórios ocupados da Palestina. O Muro possui mais de 700km de extensão e 12 metros de altura, com torres de vigilância cilíndricas, vidros blindados, cercas elétricas, trincheiras, câmeras e sensores de alta tecnologia. Partindo do processo histórico de colonização das terras palestinas, o trabalho apresenta este aparato militar em conjunto com seus pontos de passagem seletiva – os chamados "checkpoints" (postos de controle) – buscando pensá-lo como mecanismo de dominação, vigilância e controle (Michel Foucault 1976) dos palestinos da região da Cisjordânia, cercados em suas próprias terras; assim também como superfície de resistência simbólica contra a Ocupação militar-israelense (poemas, cartazes, prática de grafite, desenhos, pichação, frases de protesto, etc.), além das táticas de burla e dribles do sistema de interdição da passagem e restrição do movimento de pessoas. Conjugando arte, resistência e insubordinação, o povo palestino se insurge contra tais tecnologias e políticas de extermínio – uma necropolítica, para utilizarmos o termo do filósofo Achille Mbembe (2018). Dessa maneira, palestinos e palestinas riscam no concreto do Muro suas possibilidades, ressignificações e devires. Este trabalho tomará por base minha experiência de viagem e trabalho na Cisjordânia ocupada, entre os meses de junho e outubro de 2015, ocasião em que atuei como observadora internacional de direitos humanos, pelo programa de direitos humanos da organização cristã-europeia World Council of Churches (WCC/EAPPI). Além disso, faz parte de uma pesquisa em andamento de doutorado.

Palavras-chave: muro israelense na Palestina, tecnologias de controle, práticas de resistências

Luto e luta: a resistência Guarani-Mbya diante de um empreendimento imobiliário na Terra Indígena Jaraguá (São Paulo/SP)

Bruno Silva Santos (Universidade Federal de São Carlos)

Mestrando em Antropologia / UFSCar

Na primeira hora do dia, com clareza que antecedia o nascer do sol, os Guarani começaram a se posicionar na frente do portão de arame que dá entrada ao terreno de 20 mil m<sup>2</sup> ocupado há mais de um mês pela comunidade Guarani-Mbya habitante na Terra Indígena (T.I) Jaraguá (São Paulo, SP). Descendo a rua, a cerca de 50 metros dali, o efetivo da Polícia Militar (PM) com viaturas, fuzis, espingardas e escudos, concentrava-se fechando a rua Comendador José de Matos, no bairro Vila Clarice, em São Paulo. Naquele dia, seria cumprida a ordem de reintegração de posse emitida em favor da Construtora Tenda, proprietária do terreno que intenta construir ao lado da T.I. Jaraguá onze torres residenciais somando, no total, 880 apartamentos. A reflexão que objetivo elaborar nessa apresentação busca descrever como a resistência guarani contra o capital imobiliário pode ser pensada a partir das relações entre os Guarani e seres outros que humanos. Ao ocuparam o terreno, os Guarani iniciaram um processo de luta em que árvores, abelhas sem ferrão, beija-flores, vento, sol, chuva reuniram-se para desacelerar um processo de urbanização que vinha sendo feito às custas da presença e dos interesses de outros que humanos que não eram e não são previstos ou levados em consideração na arena política. A recusa dos Guarani frente ao empreendimento imobiliário pautou-se justamente, por exemplo, nas relações que engendram a vida de cedros e humanos em uma existência compartilhada – de modo que, após o corte dessas árvores, aos Guarani coube o luto pelas irmãs mortas. Busco descrever como as árvores, sobretudo os cedros (yary), ganharam relevo central na luta contra a transformação dos fluxos vitais que circulam por meio das árvores em recurso apropriável pelo capital imobiliário. A partir de uma leitura das práticas e reflexões de meus interlocutores em relação com as ideias de Ailton Krenak e Carlos Papá, eu sugiro que a cobertura vegetal no terreno do empreendimento imobiliário não é apenas um fragmento de Mata Atlântica; mas sim, antes de tudo, *nhe'ëry*: uma paisagem “onde as almas se banham”, nos termos de Carlos Papá, fazendo circular o princípio vital (*nhe'ë*) que sustenta a vida de humanos e não humanos nesta terra. Nesse contexto, entendo que a resistência guarani não é um processo que se faz como efeito dos empreendimentos de destruição; mas sim, nos termos de Isabelle Stengers, uma “política ontológica” que nos direciona rumo a uma cartografia cósmica da cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Guarani-Mbya, resistência, árvores, capital imobiliário

### **Sessão 3: Violência, guerra e vigilância**

Debatedora: Karina Biondi

O dilema policial entre a vítima e o herói

Carolina Vieira Leones (Universidade Federal Fluminense)

Mestranda em Antropologia (UFF)

Luciano Puccini (Universidade Federal Fluminense)

Graduando em Antropologia (UFF)

Esta pesquisa faz parte de um projeto maior, desenvolvido no âmbito do GEPADIM – Grupo de Estudos em Antropologia do Direito e Moralidades, que tem por objetivo a realização de etnografias sobre as formas de administração institucional de conflitos no Estado do Rio de Janeiro, a fim de apresentar e aprofundar uma discussão em torno das moralidades envolvidas nesse campo. O contexto político no qual essa pesquisa se insere é de inúmeras críticas a Academia, a Defensores dos Direitos Humanos, à Mídia e à população de uma forma geral. Essas críticas mobilizam um discurso acusatório que pressupõe que esses setores se “interessam” mais pela vida de criminosos do que dos policiais, alegando que o criminoso é visto como uma vítima social e o policial enquanto agente repressor do Estado. Este trabalho propõe analisar através dos casos de mortes de agentes policiais o processo em que eles são definidos dentro da categoria “vítima” ou “herói”, partindo do princípio de que essas categorias seriam situacionais (Eilbaum, 2010), sendo mobilizadas em função de determinados contextos e interesses. Sendo assim a pesquisa vem sendo realizada na modalidade remota a partir da análise da repercussão de notícias e casos nas redes sociais de figuras e instituições ligadas a polícia do Rio de Janeiro, entendendo por repercussão como uma categoria analítica que pensa um caso não apenas no seu âmbito de classificação e intervenção, mas também do ponto de vista de diferentes atores, espaços e temporalidades buscando chamar a atenção para os efeitos diversos que um caso pode vir a provocar nesses diferentes âmbitos (Eilbaum e Medeiros, 2017).

Palavras-chave: polícia, vitimização, política, segurança pública

Espionando os de cima: manuais militares estadunidenses, informações digitais e antropologia de guerra.

Érico Sant Anna Perrella (UNICAMP)

Mestrando em Política Científica e Tecnológica

O presente trabalho atende ao chamado de Clastres por uma antropologia contra o Estado e tem como objetivo apresentar uma imersão etnográfica em manuais militares estadunidenses que

tratam da utilização de informação digital em operações político-militares. Me apropriando dos manuais, tirando-os de seu local original de circulação, analiso os documentos das forças de segurança dos EUA da maneira como se analisam materiais capturados do inimigo: buscando entender suas capacidades e fraquezas, assim como os valores e mentalidades que os guiam em combate. Proponho seguir as consequências materiais do termo ambiente informacional, utilizado extensivamente em manuais militares estadunidenses recentes. Definido no Dicionário de Termos Militares do Departamento de Defesa (DoD) dos EUA como “o agregado de indivíduos, organizações e sistemas que coletam, processam, disseminam e agem baseados em informação”, o ambiente informacional tem o potencial de abarcar todo o mundo, tal qual o mapa da fábula de Borges, que de tão detalhado acaba por ter o tamanho e complexidade igual ao território mapeado. Relacionado a um “ambiente de segurança”, o termo foi criado pelo DoD para lidar com os desafios trazidos pela utilização de tecnologias digitais por “adversários” das forças de segurança dos EUA. O termo sugere uma integração entre os ambientes físicos e digitais, civis e militares e cria uma lógica de legitimação e clamor pela atuação sistemática e permanente das forças de segurança estadunidenses também no ambiente online. Inspirado por Clastres, pela proposta de uma antropologia simétrica e pelos zapatistas - que declaram ter aprendido tudo que sabem sobre guerrilha a partir do estudo dos manuais militares dos EUA e da OTAN, busco olhar para a composição cosmopolítica do Departamento de Defesa dos EUA, analisando como os manuais militares fazem fazer “segurança”, ou seja, como os manuais participam de uma articulação entre enunciados e ações. São analisados em conjunto narrativas, registros históricos e tecnologias que participam dessa tentativa estadunidense de estabilização de um “ambiente de segurança” e de um “ambiente informacional”, assim como possibilidades de estratégias insurgentes baseadas na análise das tecnologias e padrões de comportamento das forças de segurança dos EUA, historicamente responsáveis por uma série de violências contra as democracias, os direitos humanos e a justiça social.

Palavras-chave: ambiente informacional, antropologia de guerra, etnografia documental, paz e guerra, insurgência, informações digitais, segurança nacional, departamento de defesa, antropologia contra o estado

Para além dos escombros: tecendo pontes entre ciência, ação política e natureza no espaço acadêmico do Mato Grosso

Valter Cardoso da Silva (Universidade Estadual de Londrina)

Doutorando em Ensino de Ciências e Educação Matemática

Moisés Alves de Oliveira (Universidade Estadual de Londrina)

Doutor em Educação

O Antropoceno tem se apresentado como o tempo das catástrofes. Fruto da união incestuosa entre a ciência e a política moderna, engendra transformações que estão mudando a face do

planeta. Se por um lado, o conhecimento científico aliado ao engenho burguês, foi capaz de consolidar as promessas de pôr fim ao medo da morte por escassez e por doença, por outro gerou transformações radicais na forma como os humanos habitam a Terra. Eles colocaram em risco o delicado equilíbrio vital do planeta com a indústria fóssil, os processos de transformação da química dos plásticos, a agricultura de commodities articulada à bolsa de valores e, as armas de destruição em massa. O anjo da história continua sem poder levantar os caídos. E o século XXI emerge dos escombros com poucos prognósticos positivos. Na impossibilidade de fuga para outro planeta, há que se aprender a permanecer com o problema. No caso deste trabalho, o mesmo está situado no Mato Grosso, ao mesmo tempo um dos campeões nacionais em produção de commodities e devastação ambiental. Buscou-se conhecer a experiência de pesquisadores preocupados com questões ambientais das três Universidades Públicas e do Instituto Federal local. Para além de seu trabalho em distintas áreas do conhecimento, procurou-se acessar a) sua concepção de ciência e ambiente / natureza; b) sua compreensão dos modelos produtivos vigentes (cujos modelos locais mais proeminentes, porém opostos, são o agronegócio e os arranjos similares ou próximos à agricultura familiar), e, c) a necessidade / possibilidade de resistência diante das prementes questões ambientais contemporâneas. Em tempos de Covid 19, optou-se por desenvolver entrevistas semiestruturadas desenvolvidas por meio da plataforma Google Meet. Como resultado tem-se a oportunidade de seguir os rastros deixados na rede de relações entre actantes humanos e não humanos que é inerente à controversa produção de ciência em Mato Grosso. Pode-se afirmar que emergiu uma contraditória string figure: se por um lado a sua produção científica lhes permite fabulações especulativas acerca da necessidade de formulação de um “novo” contrato natural que vá além dos interesses do capitaloceno, por outro se reconhece que a ação política necessária para tal intento ainda está por ser construída. Longe de posições conformistas, os pesquisadores ouvidos têm produzido materiais que apontam para a superação de visões romantizadas de natureza, de humanidade e ação política.

Palavras-chave: antropoceno, ciência, ação política, ambiente

#### Ordinariedade e Violência Extrema na PMMS

Daniel Attianesi (Universidade Paulista/Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

Doutorando em Ciências Sociais (Unesp) - Mestre em Antropologia Social (UFMS)

Esse artigo se propõe como parte de um projeto maior que se estrutura numa tese a respeito das relações entre masculinidades e violência física nos enunciados de policiais militares do Mato Grosso do Sul (PMMS). O artigo se inicia com um relato narrativo que busca adentrar no debate a respeito da pena de morte vista pela posição dos executores diretos dessas ações. Na segunda parte se pretendeu trabalhar com os conceitos de Hannah Arendt, como uma forma de compreender os policiais militares partindo de suas funções dentro do aparato de Estado brasileiro. Se trabalham também os conceitos do livro "purificar e destruir", de Jacques Sémelin

pensando sempre a partir do lado dos agentes executores da violência extrema. Por fim trabalho com a instrumentalização da violência enquanto uma tecnologia de estado em defesa de uma necropolítica com interesses raciais e masculinistas na realidade brasileira contemporânea.

Palavras-chave: estado, polícia, violência extrema, masculinidades

Usos, críticas e controvérsias em torno de dispositivos de (contra)vigilância em favelas no Rio de Janeiro

Apoena Mano (Universidade de São Paulo)

Doutorando em Sociologia

O objetivo deste artigo é mapear usos, críticas e controvérsias em torno do que abordamos como dispositivos de (contra)vigilância em favelas no Rio de Janeiro. Incorporados à experiência cotidiana a partir de um contexto de intensificadas vigilâncias em favelas, objetos como drones e celulares mediam regulações em experiências corporificadas de moradores desses territórios. O termo (contra)vigilância sintetiza dinâmicas sociotécnicas articuladas a partir de dois eixos: dispositivos de vigilância institucionais, como câmeras e drones policiais, que implicam em reações sob formas comunitárias de contra-vigilância, como o intercâmbio de informações por meio de celulares. Sustentamos o seguinte argumento: para compreender as lógicas de ordenamento e controle percebidas em favelas no Rio de Janeiro após a política de segurança pública das Unidades de Polícia Pacificadora, é necessário acompanhar as estratégias de investigação compulsórias que atravessam o cotidiano dos moradores. Para tanto, nos inspiramos em técnicas da etnografia digital e em métodos móveis ao experimentar as continuidades entre o intercâmbio de informações via WhatsApp e as estratégias do dia a dia para deslocamentos em um ambiente tensionado pela violência. A partir de relatos etnográficos, demonstramos que através de técnicas de repressão em múltiplas dimensões – ora pelo uso de veículos blindados, helicópteros ou drones, ora por invasões de privacidade, revistas vexatórias ou prisões pelo uso de celulares – se torna explícita a instauração em favelas de uma lógica formal de confinamento, controle e regulação de determinados corpos. São convertidos em inimigos institucionais os sujeitos mais interessados em buscar instrumentos informais para efetuar mapeamentos de riscos, evitar a proximidade com confrontos e, no limite, garantir a própria sobrevivência.

Palavras-chave: etnografia digital, métodos móveis, processos de investigação, violência urbana, WhatsApp

## **ST07 Aprender na prática: aprendizagem e educação entre técnica, corpo e arte**

Eduardo Di Deus  
Universidade de Brasília (UnB)  
eduardodideus@gmail.com

Mylene Mizrahi  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Isabel Cristina de Moura Carvalho  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Segundo a fórmula de Mauss, técnicas do corpo são “atos tradicionais eficazes”, que mobilizam o humano em sua totalidade. O termo tradicional se dirige menos a um passado estanque e mais a uma dimensão processual de aprendizagem, a “fatos da educação”. Para o mesmo autor, o corpo é o primeiro e mais natural objeto técnico, sendo iluminador dos fenômenos técnicos em geral. Outro aspecto da existência corpórea do humano é sua continuidade com o mundo em que vive e que vive nele, como nos lembra Merleau-Ponty, quando destacou que o corpo humano faz parte da “carne do mundo”. De uma perspectiva maussiana, Gell defende que a arte, enquanto sistema técnico particular, opera por meio de tecnologias de captura e encantamento, de modo que a técnica é dirigida para atender não apenas às necessidades mas ao nosso lado lúdico e imaginativo.

Convidamos pesquisadores que enfoquem processos de aprendizagem em práticas técnicas e/ou artísticas e suas interfaces. Será relevante colocar em diálogo estudos com “comunidades de prática”, nos termos de Lave, que destaquem processos de “educação da atenção”, nos termos de Ingold, com especial a contextos não escolares e seu potencial de crítica ao capitalismo tecnocientífico. Interessa interrogar processos de produção e reprodução de modos de saber e fazer – dos corpos e dos sentidos junto às coisas no mundo – em campos como o trabalho, o artesanato, as artes [inclusive as urbanas], as estéticas [inclusive as periféricas], as relações com o ambiente natural, a educação ambiental, técnica, artística, e tecnológica, os projetos de “transferência de tecnologia”, a arte-educação, entre outros. Serão bem-vindos estudos sobre aprendizagem mais que humana, incluindo processos de aprender de/com plantas e animais e no ambiente.

Palavras-chave: aprendizagem, técnicas, arte, corpo, ambiente

## **Sessão 1: Corpo, aprendizagem e técnica**

A PRÁTICA BRINCANTE: entre dança, manipulação de boneco e espiritualidade no Bumba Meu Boi do Maranhão

Luana Mara Pereira (Universidade Federal do Norte do Tocantins e Universidade Federal do Maranhão)

Mestra em Educação (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC)

O presente trabalho consiste na apresentação de uma pesquisa de doutorado em curso junto ao programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Maranhão. A pesquisa busca compreender como se dá a relação entre dança, animação de boneco e espiritualidade no corpo do “miolo do boi” - pessoa responsável pela manipulação do boneco da personagem boi - durante a brincadeira Bumba Meu Boi do Maranhão. Para tal, adoto a postura de artesã intelectual proposta por Mills (2009), com a estratégia das “bricolagens” metodológicas proposta por Fortin (2009). Nesse processo, aproximo-me da História Social, a partir de Fenelon (1993). Conforme Merleau-Ponty (2011), tudo o que sabemos de mundo, sabemos através de nossas experiências de mundo, através de nosso corpo. A cultura popular tradicional é feita de pessoas, de corpos. A cultura popular não se reduz ao registro que se tem dela, à história que se tem escrita dela, mas é a própria vida desses corpos brincantes, sujeitos históricos singulares. O corpo brincante do “miolo”, marcado pelas experiências que viveu ao longo da vida, carrega a tradição ao mesmo tempo em que a produz. Esse corpo manifesta e é a cultura, podendo ser olhado, como orientou Raymond Williams, como um sistema de significações revelador de modos de vida (Fenelon 1993). Na tradição popular, o processo de aprendizagem se dá na prática, através da experiência comunitária. No Bumba Meu Boi do Maranhão, os corpos brincantes aprendem a dançar, a conectarem-se com o sagrado e, no caso dos “miolos”, também a manipular o boneco, e o presente projeto almeja compreender como se dá esse processo.

Palavras-chave: corpo, dança, animação de boneco, espiritualidade, Bumba Meu Boi do Maranhão

Tornar-se aprendiz do samba: o protagonismo infantil e as aprendizagens de uma escola de samba mirim

Adriane Soares dos Santos (PUC/RIO)

Mestranda em Educação

A criação do samba evidencia a forma de comunicar as experiências, desejos e demandas individuais e de grupo do povo negro, apontando assim o movimento de resistência a partir de seus corpos, de suas danças e musicalidade. Nesse cenário, as escolas de samba foram criadas

nas décadas de 1920/ 1930 e configuram-se como o pulsar da arte e da cultura negra brasileira, envolvendo adultos e também crianças, sendo as últimas os atores principais dos desfiles das escolas de samba mirins, que ganharam o seu protagonismo com a criação da primeira escola de samba mirim Império do Futuro no ano de 1983. Nessa direção, tendo como o enfoque as crianças que compõem a escola de samba mirim Aprendizes do Salgueiro, pontua-se que o presente trabalho é fruto inicial da pesquisa de mestrado que está em andamento e que busca refletir e evidenciar o modo como ocorre os processos de aprendizagens das crianças enquanto aprendizes de sambistas. Como torna-se sambista? Quais são os rituais e processos que tornam as crianças aprendizes do samba? Por que as crianças estão e vão para a escola de samba? A partir de tais questionamentos, as reflexões e estudos iniciais da pesquisa trazem à tona a interlocução com as “técnicas do corpo” apresentadas por Mauss (1934) como a arte de usar o corpo humano, sendo está uma técnica tradicional e eficaz. Pontua-se que as crianças, enquanto aprendizes do samba, tem seus corpos como objeto e como meio de aprendizado das técnicas do tornar-se sambista. As ponderações que estão emergindo no processo da pesquisa, também vai de encontro com as considerações de Gell (1992) ao apresentar a tecnologia da arte como forma de captura que provoca o encantamento, nesse sentido pondera-se no trabalho acerca dos modos e das possibilidades de encantamento das crianças pela arte do samba. Dessa maneira, evidencia-se de modo inaugural na pesquisa que no processo de tornar-se sambistas as crianças com seus corpos infantis apreenderem os saberes do ser sambista a partir das trocas e vivências corporais e das relações intergeracionais compartilhadas nos espaços da escola de samba mirim com seus pares e os adultos sambistas.

Palavras-chave: aprendizagens, escola de samba mirim, infâncias

Espacialidade e incorporação de sensibilidades motoras por dançarinos gays amadores

Maycon Lopes (Universidade Federal da Bahia)

Doutorando em Ciências Sociais (UFBA)

A formação de grupos de dança é muito comum na trajetória de pessoas LGBTQ da periferia urbana do Brasil. Esta comunicação se endereça particularmente a dançarinos amadores, em sua maioria adolescentes, que se autodesignam “flexíveis”. A categoria de reconhecimento advém das técnicas de flexibilidade corporal em que são mestres. Estas técnicas envolvem movimentos que flertam com a ginástica rítmica e com o contorcionismo, costumando ser executadas por esses jovens ao dançarem funk e pagode baiano. Peça de uma etnografia realizada na cidade de Salvador, o artigo tem como foco principalmente sessões de treinamento informal, a fim de compreender como o corpo “flexível” é erigido. Para alcançar tal objetivo, analiso os relatos dos praticantes e minhas próprias observações do processo de aprendizagem da prática. Ambas as perspectivas indicam que a incorporação de habilidades acrobáticas ocorre em um processo em que ser e paisagem se encontram entrelaçados. Informado pelas trilhas abertas por Tim Ingold, argumento que uma abordagem ecológica nos auxilia a elucidar esta

prática cinestésica enquanto uma realização espacial. Chamados de alongamento, os treinamentos que acompanho, onde gays proficientes na flexibilidade se dispõem a colaborar com o crescimento de aspirantes a “flex”, são voltados sobretudo para acentuar a amplitude da abertura do corpo (por exemplo, a abertura de pernas). Essa abertura, que prepara o corpo para as piruetas ginastas e que é cultivada através de intenso trabalho físico, não abre, entretanto, apenas um corpo, como abre um mundo distinto a esse corpo. Em suma, defendo que um corpo flexível é, também, um corpo que aprendeu a compor diferentemente com um ambiente. Ao longo do trabalho procuro enfatizar como as experiências com o som e com a dor – imperativa no desenvolvimento de tais sensibilidades motoras –, se tratam de qualidades de um modo particular de estar no mundo e de explorá-lo. Nessa direção, atender a esse mundo propositivo é ainda revelar a dimensão ricamente sensorial da prática da flexibilidade. Logo, concluo que a espacialidade não é um traço periférico, mas um aspecto central para o entendimento da formação de um gay flexível, como da própria cultura física em questão.

Palavras-chave: corpo, ambiente, aprendizagem, dança, juventude LGBTQ, movimento

A produção do corpo do antropólogo no trabalho de campo: alianças entre Dança e Antropologia

Renato Muller Pinto (Universidade Federal de São Paulo)

Doutorando em Ciências Sociais (Unifesp)

Nesta apresentação, proponho uma reflexão sobre a centralidade e a produção do corpo do antropólogo na pesquisa de campo, a partir de dois movimentos: minha experiência de aprendizagem em atividades de ensino de dança e uma aproximação com o debate promovido por Tim Ingold a respeito da relação entre Antropologia e Educação. O propósito é problematizar de que maneira estas experiências na aprendizagem em dança me permitem refinar uma educação da atenção, a partir de um processo de produção de meu corpo. Trata-se, ainda, de questionar a ideia de que se o objetivo da Antropologia não se esgota na etnografia e na descrição detalhada, mas antes sobre as potencialidades da vida, não deveríamos ser constrangidos por uma certa visão de método que neutraliza a análise dos fluxos da vida e o aprendizado com outras pessoas ou coisas.

Palavras-chave: pesquisa de campo, etnografia, corporeidade, Tim Ingold

Como (aprender a) ser um sertanista/indigenista

Clarisse Jabur (Universidade de Brasília)

Mestra em Antropologia/Universidade de Brasília e Doutoranda em Antropologia/Universidade de Brasília

Esse trabalho é parte de um projeto mais amplo, de uma tese de doutorado, que tem como objetivo principal analisar o relacionamento social, cultural e político entre os povos indígenas isolados e os sertanistas/indigenistas representantes do Estado brasileiro, o qual é engendrado sobretudo com uma comunicação própria, não verbal e mediada a partir de objetos e de sinais, vestígios ou de transformações na paisagem. Nesse bojo, pretendemos discutir como o conhecimento dos sertanistas/indigenistas é elaborado, adquirido e/ou repassado, além de outras questões. Os sertanistas/indigenistas tratados aqui são desde os agentes do Estado que realizavam contatos com os povos indígenas isolados até os que realizam a proteção desses povos dentro de uma nova perspectiva metodológica e política. São agentes públicos que articulam saberes específicos, que podem ser construídos individualmente e/ou coletivamente, quando são elaborados durante a própria ação. Em geral, é um conhecimento autodidata, não acadêmico e não formalizado e que também está em movimento no espaço. O aprendizado vem da observação e da experiência prática. Investigamos questões sobre esse conjunto heterogêneo de conhecimentos, que acessa desde habilidades sensoriais (olfato, audição, visão e tato), habilidades “mateiras” para o deslocamento e a interpretação dos vestígios dos povos isolados, conhecimentos etnobotânicos próprios para “andar em cada mato” e até “coragem” e “sacrifício”. Do mesmo modo, os diferentes estilos de sertanismos também estão articulados em torno desses saberes específicos. Os saberes desses agentes do Estado devem ser (re) conhecidos e valorizados, não de uma maneira caricatural ou heroica. É através dessas ações, executadas a partir de um conjunto de técnicas particulares e personalizadas de levantamento de informações, que a comprovação da existência dos povos indígenas isolados é efetivada e que, daí, advém a garantia de seus direitos. Da mesma maneira, deve ser dada a devida atenção em como esse conhecimento é construído, adquirido e como circula no tempo e espaço.

Palavras-chave: sertanistas, povos indígenas isolados, política indigenista, técnica

"Aprender trabalhando": considerações sobre saberes e técnicas de carapinas no interior de Goiás

Túlio Fernando Mendanha de Oliveira (Universidade Federal de Goiás)

Doutor em Antropologia Social (PPGAS/UFG)

Elencar a polissemia de saberes envolvendo a atividade de carapina (construtor de carro de boi) foi um de meus objetivos em minha tese de doutoramento. Ao conduzir a etnografia, percebi

que para estes mestres de ofício, o trabalho se encaixa como uma dimensão gerativa que aciona uma série de outras dimensões simbólicas, mas que está antes de tudo relacionado a questão da aprendizagem: estes artesãos aprendem e ensinam através do trabalho. Conforme o processo etnográfico mostrou, o trabalho e o trabalhar aparecem enquanto uma das dimensões pelas quais se aprende, e se ensina toda uma gama de saberes relacionados, direta e indiretamente, ao carrear. É por meio do trabalho que carapinas, candeeiros e carreiros (condutores de carro de boi) mais jovens aprendem a escolher a madeira correta e colher esta madeira no ciclo da lua correta. É também através do trabalho diário que os carapinas aperfeiçoam sua técnica. Por se tratar de uma pesquisa desenvolvida em zona rural, notei que o trabalho aparece como rotina de vida pedagógica na apreensão cognitiva das ‘coisas da roça’. Textos clássicos da antropologia tendem a destacar saberes próprios, desenvolvidos no núcleo de sociedades, ditas tradicionais, de modo que estes saberes advêm de uma ampla percepção do ambiente vivido, com idiossincrasias particulares, transmitidas às gerações seguintes através não apenas da fala, mas da prática cotidiana do trabalho visto enquanto processo, pois se torna possuidor e propulsor de múltiplas dimensões culturais, constrói espaços sociais, delimita idade e gêneros, constitui códigos morais de aceitação plena no grupo. Assim o trabalho não se delimita às técnicas; ele é guiado por uma cognição que se expande para além do saber agrônômico, o saber lidar com o gado ou com os carros de boi. Aproxima-se de uma construção cosmológica de mundo. Assim pretende-se demonstrar que a partir de nossa tese, trabalho, corpo, técnicas e o saber fazer se entrelaçam através da atividade de carapina, criando fluxos densos, importantes para (re)pensar categorias caras a antropologia, como aprendizagem, Skill, conhecimentos tradicionais entre outras.

Palavras-chave: aprendizagem, carapina, carro de boi, técnicas, trabalho

## **Sessão 2: Ambiente: animais, plantas e o antropoceno**

Quando as abelhas ensinam os seres humanos: aprendizado técnico como resposta interespecífica a ecologia e a etologia das abelhas nativas sem ferrão no meliponário cantinho do céu

George Arruda de Albuquerque (Universidade Federal do Ceará)

Doutorando em Educação (Eixo de Antropologia da Educação)

A intenção do presente trabalho é descrever e analisar um conjunto de respostas significativas (Van Dooren, Kirskey; Münster 2016) a partir das relações interespecíficas entre seres humanos e “Abelhas Nativas Sem Ferrão” (ANSF) no “Meliponário Cantinho do Céu”. Cotidianamente, à medida que o Seu Antônio (responsável pelo meliponário) interage com as ANSF, desenvolve uma educação da atenção (Ingold 2020), sobressaindo a observação rigorosa da ecologia (Odum 1971) e etologia (Lorenz 1995) das ANSF. Em vista disso, ele aprende a elaborar respostas práticas para o manejo de cada espécie, como por exemplo, a produção de diversos artefatos –

ferramentas, mecanismos hidráulicos, dispositivos de iluminação, cortiços, recipientes de alimentação etc. Tenho chamado esses processos de aprendizado técnico, pois envolvem modos de aprender, de “fazer” e “passar por” algo (Ingold 2020). No que se refere a técnica, opero sob a perspectiva de Sautchuk (2017), percebendo a técnica como “[...] uma relação que abarca humanos e não humanos (ou até mesmo o vivo e o não vivo, em acepções ainda mais alargadas), mediadas ou não por objetos, orientadas por algum tipo de finalidade, eficácia ou devir, e assume um caráter significativo para os modos e existência de seres e coisas envolvidos” (p.11). As ANSF fazem parte do arranjo familiar do Seu Antônio, sendo tratadas como “filhas”, elemento fundamental identificado durante a investigação, interferindo em todas as ações dirigidas a elas. Para Leroi – Gourhan (1984), o gesto é o ato mais emblemático da técnica. No nosso caso, o gesto é o ato técnico/afetivo mais expressivo para o trato com as ANSF. As questões levantadas no trabalho estão inseridas no campo de estudo que diferentes pesquisadores têm denominado de “Estudos Multiespécies” (Kirksey; Helmreich 2020).

Palavras-chave: estudos multiespécies, ANSF, aprendizado técnico, Meliponário Cantinho do Céu

Aprendendo na prática com pescadoras, lagoas e camarões: reflexões a partir da interlocução entre Educação Ambiental e Antropologia

Liza Bilhalva Martins (Universidade Federal do Rio Grande)

Mestre em Antropologia (UFPEL) e Doutoranda em Educação Ambiental (FURG)

Gianpaolo Knoller Adomilli (Universidade Federal do Rio Grande)

Doutor em Antropologia/UFRGS

Este trabalho parte da experiência de pesquisa com pescadoras embarcadas da pesca artesanal lagunar no sul do Rio Grande do Sul e tem como objetivo, a partir de novos horizontes de compreensão, apresentar e refletir sobre como elas fazem a pesca. As interlocutoras exercem atividade socialmente, culturalmente e politicamente associadas aos homens (pesca de captura) e, portanto, propomos evidenciar que o pensamento generificado e o conhecimento corporificado/situado nos levaram a assumir desafios epistemológicos. Adotamos, na investigação, as epistemologias ecológicas (Bateson 2000; Ingold 2015; Steil & Carvalho 2014) e as epistemologias feministas (Lugones 2014; Segato 2012), pois nesse contexto, gênero assume um estatuto teórico e epistêmico que possibilita lançar luz aos aspectos da transformação imposta às vidas que foram capturadas pela nova ordem colonial/moderna. Elas são pescadoras, e essa identidade não vem do campo da representação, mas sim da presentificação. Elas vivem a pesca a partir de seus corpos engajados nos ambientes, e os processos de aprendizagens, segundo Lave (2015), são constantes, dinâmicos e se dão nos emaranhados da vida social, cultural e política dessas mulheres. A partir do Oikos e Logos, estudamos a pesca pela ótica da mulher pescadora e, segundo Merleau-Ponty (1996), essa

percepção só pode se dar em um corpo encarnado, corpo integral e incrustado ao mundo. Corpo em primeira-pessoa, corpo feminino, que implica compreendê-lo em movimento, e, pelo movimento, a pescadora se comunica, se expressa, cria, aprende e se engaja. O que a pescadora faz, as técnicas, habilidades e conhecimentos que desenvolve na pesca com as lagoas, pescados, marés, ventos, luas e estrelas, e na vida cotidiana, em terra e com a sua comunidade, ela absorve, atualiza e comunica. Esse lugar da relação, que nos diz como as pescadoras fazem, é o que pretendemos apresentar a partir do material etnográfico de um dia de pesca do camarão na Lagoa dos Patos, uma vez que, para nós, se constitui o espaço específico da Educação Ambiental aberta a aprender com outras pedagogias que subvertem a ordem imposta pela sociedade moderna capitalista, de lógica patriarcal, exploratória e excludente, e a Antropologia nos auxilia nesse processo, uma vez que é educacional em sua constituição, ela nos educa rumo ao processo de constituição de novas práticas de (re)aprender o mundo.

Palavras-chave: pescadoras embarcadas, aprendizagem, educação ambiental, antropologia

Provocar sentidos, atenção e questionamentos: plantas na moda sustentável

Tatiana Massaro (Universidade Estadual de Campinas)

Doutoranda em Antropologia Social

Na moda têxtil, o tingimento natural possibilita que tecidos sejam coloridos com plantas. Ele carrega em si conhecimentos ancestrais e contempla práticas de educação da atenção e dos sentidos, desenvolvidas por meio de (con)vivências, processos e aprendizados entre humanos, plantas e outros não-humanos. Manual ou industrial, o tingimento natural permite que roupas ganhem cores como o vermelho, o amarelo, o verde e o azul que vêm, respectivamente, a partir de espécies vegetais como pau-brasil, cúrcuma, erva-mate e anileira, para citar algumas. Distanciando-se da indústria têxtil convencional e de seus corantes sintéticos altamente poluentes, o tingimento natural permite diminuir tais impactos em solos e rios, bem como à saúde humana. Nesse tingimento, em suma, pequenos agricultores seguem vivendo com a floresta; tintureiros convivem com corantes e mordentes vegetais; roupas, por sua vez, além das fibras naturais, carregam majoritariamente plantas e no futuro, dada sua matéria, poderão se biodegradar. No Brasil, uma das marcas que tem o tingimento natural em seu cerne é Flavia Aranha - que venho estudando em meu doutorado. Baseada na capital paulista, desde 2009 faz o que emicamente vem nomeando como “roupa viva”, composta com tecidos prioritariamente orgânicos e vegetais e tingida com plantas, cuja cor se transforma com o tempo. Colocando em relação pessoas e plantas, a marca ainda alia tecnologia ao processo, que pode ser manual ou industrial, e atua junto a uma “teia viva” onde estão pequenos agricultores, artesãos, tintureiros, estilistas e outros profissionais. Outras marcas de moda vêm fazendo esse mesmo movimento, entendendo que humanos e roupas são parte da natureza e procurando respeitá-la e regenerá-la a partir da moda. Nessa prática, a um só tempo, se observa e se convive com as plantas, amplia-se os conhecimentos sobre a vida vegetal, os ecossistemas, a biodiversidade e sobre o modo de

se viver com essa malha viva (meshwork) - na expressão do antropólogo Tim Ingold (2011), e observa-se as plantas entremeando e formando as roupas. Conhecida como sustentável, essa moda se relaciona com questões que permeiam a era atual, o Antropoceno, revendo os impactos que a moda convencional tem causado ao longo do tempo. Colocando a natureza, e não o lucro, no centro das decisões, a moda sustentável questiona o convencional e, no limite, o próprio capitalismo que, por muito tempo, conheceu a natureza apenas como recurso natural ilimitado.

Palavras-chave: educação da atenção e dos sentidos; plantas: moda sustentável; tingimento natural

Aprender a responder à intrusão de gaia: práticas de uma horta urbana

Lilian Alves Schmitt (PUC-RS)

Pesquisadora no grupo Cultura, Subjetividade e Políticas de Formação/PUCRS

Doutora em Educação (PUCRS)

Considerando que vivemos a “intrusão de Gaia”, nome que Stengers (2015) dá ao grande acontecimento que se desdobra em ocorrências como o aquecimento global, as extinções de espécies, entre outras catástrofes, uma pergunta parece importante: que respostas locais temos conseguido construir? Este trabalho toma em análise uma experiência de horta urbana localizada na cidade de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul/Brasil, para compreender as aprendizagens de um grupo de praticantes de horta em um território periférico da cidade. Para pensar a experiência aqui narrada, articulamos o vivido na horta comunitária em questão às obras de um conjunto de autores que compõe o horizonte interpretativo denominado por Carvalho e Steil (2014) de epistemologias ecológicas. A pergunta que nos coloca a refletir é: de que modos é possível construir respostas à intrusão de Gaia? Estamos entendendo, a partir de Stengers (2015), que as repostas baseiam-se no engajamento em relação às experimentações que buscam criar possibilidades de um futuro não bárbaro. Seguimos também uma perspectiva ecológica de aprendizagem, baseada na noção de prática em correspondência (Ingold 2020) com diferentes seres. Com as e nas práticas deste particular espaço comunitário foi possível acompanhar o desenvolvimento de habilidades relacionadas à a aprender como aprender a ser, a habitar, e a desenvolver habilidades, ao mesmo tempo em que se constrói vínculos de pertencimento a um lugar, a uma comunidade que coproduz respostas contingentes às lógicas capitalistas, coproduzindo também a si mesma. Experiências como as das hortas urbanas implicam na criação de vida a partir de conexões, do estabelecimento de redes de ação. Vida que explora novas potências de agir, sentir, imaginar e pensar. Práticas dessa natureza parecem povoadas por humanos que tem sido compelidos a tentar mudar modos de viver, afetiva, mas também, politicamente, levando em consideração que para responder à intrusão de Gaia talvez seja necessário agir em correspondência com o outro, com toda a complexidade que isso representa. Adotar essa perspectiva é afirmar que a resposta à intrusão não será aquela de uma

“humanidade enfim reconciliada, reunida sob o signo de uma boa vontade geral” (Stengers 2015: 118), mas será aquela que depende do repovoamento de um mundo que foi devastado e hoje precisa reestabelecer capacidades coletivas de pensar, imaginar e criar.

Palavras-chave: aprendizagem, horta urbana, respostas locais, comunidade

“A gente aprende olhando os outros”: processos de aprendizagem na carneada de ovelhas

Alef Franco Caldeira (Universidade Federal de Pelotas)

Mestrando em Antropologia - (UFPel)

Graciela Froehlich (Universidade de Brasília)

Doutora em antropologia social / Universidade de Brasília

Renata Menasche (Universidade Federal de Pelotas)

Doutora em antropologia social / Universidade Federal do Rio Grande do Sul

As lidas campeiras caracterizam-se por um conjunto de práticas relacionadas ao manejo do gado, sendo compostas por diversos ofícios (Rieth et al 2013), dentre eles a carneada, processo de abate e transformação de animais em alimento. Com base em estudo etnográfico sobre a carneada de ovelhas no município de Jaguarão, Rio Grande do Sul, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a aprendizagem dos carneadores junto às ovelhas. A carneada é composta por uma série de técnicas para a transformação das ovelhas em carne. Por meio da observação, do convívio nas lidas e da repetição, o carneador se torna ágil e habilidoso, qualidades importantes de um bom carneador. Conforme Mauss (1934), o corpo é o primeiro objeto e instrumento técnico dos seres humanos. O autor evidencia que aprender uma técnica faz parte de uma educação do corpo, influenciada pelas práticas e modos de vida em que diferentes coletivos estão inseridos. O carneador, conhecedor das formas de transformação do animal em alimento, aprende a carrear na companhia de outros carneadores, dos animais e da experiência nas lidas campeiras. Em um aprendizado contínuo, eles participam desses eventos desde a adolescência, observando as técnicas de abate. Partindo também da noção de “educação da atenção” (Ingold 2010), busca-se investigar as formas como o carneador aprende as técnicas da carneada junto com as ovelhas. Um dos elementos presentes na aprendizagem da carneada é cuidar e observar a ovelha antes do abate, certificando-se de que o animal esteja forte e sadio. A ovelha não pode estar cansada, estressada ou sofrer violência antes do abate, caso contrário o animal demora para morrer e sua carne pode apresentar má qualidade. A agitação e o desgaste dela decorrente podem causar hematomas na carne, o que fica evidente após retirar o pelego (pele). Para que as ovelhas estejam descansadas quando do abate, elas ficam ao menos por um dia encerradas na mangueira (curral) ou próximo à casa. Isso também permite que o sangue não se disperse pelos músculos, facilitando seu escoamento através da sangria. É a partir de relações de observação, conhecimento e convívio com as lidas e com as ovelhas antes do abate que os

carneadores aprendem a exercer uma carneada bem-sucedida, assim considerada aquela em que o animal morre rapidamente e que produz uma carne de boa qualidade. Investigar tais processos de aprendizagem implicados na carneada de ovelhas é o objeto principal desta apresentação.

Palavras-chave: lidas campeiras, técnicas, relações humano-animais

Um estudo interdisciplinar sobre a construção das mulheres como sujeitos campeiros no extremo meridional do Rio Grande do Sul: gênero, patrimônio e meio ambiente

Marta Bonow Rodrigues (Universidade Federal do Rio Grande)

Doutoranda em Educação Ambiental / FURG

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta para entender de que forma as mulheres que vivem em comunidades rurais do pampa litorâneo localizado no extremo sul do Rio Grande do Sul, cuja principal atividade social, cultural e econômica é a pecuária extensiva, se constroem como sujeitos campeiros, com seus saberes do campo, suas práticas cotidianas e suas histórias, nesse ambiente em constante transformação. Diante da invisibilização recorrente dessas mulheres como detentoras desses conhecimentos, por se tratar de um universo ainda bastante masculinizado, pretende-se, a partir das premissas teórico-metodológicas contemporâneas da Educação Ambiental e das áreas da Antropologia e Arqueologia, assumidas a partir da compreensão e imersão nas epistemologias feminista e ecológica, compreender as relações entre humanos – mulheres – e meio ambiente, buscando evidenciar um modo de vida campeiro de construção social, cultural e educacional dessas mulheres. Assim, evidenciando os múltiplos conhecimentos a partir de temas transversais, considerando os elementos materiais e imateriais, além dos ambientais, que estão postos nessas relações de construção cotidiana dos sujeitos com o meio, e na forma de apreensão dos saberes cotidianos – experiência/vivência – por essas mulheres, possibilita-se uma imersão nesse território para compreender, a partir das noções de pertencimento e identidade dessas pessoas, o seu “estar no mundo”.

Palavras-chave: mulheres campeiras, interdisciplinaridade, cultura como educação, educação da atenção

### **Sessão 3: Arte, imagem e sons**

O impacto do lápis e papel na arte wauja do Alto Xingu: domesticação do traço e transformação da figuração

Aristoteles Barcelos Neto (University of East Anglia)

Doutor em Antropologia Social (Universidade de São Paulo)

A técnica de desenho de lápis sobre papel tem sua introdução no Alto Xingu no fim do século XIX com as expedições etnológicas alemãs. A intensificação de trabalhos de campo de antropólogos a partir da década de 1960 difundiu essa técnica entre quase todos os povos do Alto Xingu, mas foi apenas com a escolarização indígena a partir da década de 1980 que ela foi familiarizada pelos xinguanos. Essa comunicação analisa uma amostra representativa de desenhos produzidos entre 1978 e 2021 pelos Wauja com o objetivo de entender como a aquisição dessa técnica transformou os modos de expressão figurativa da sua arte. A produção de desenhos sobre papel é uma prática extensiva da escolarização indígena, e ela é frequentemente guiada pelas ilustrações dos/para os livros didáticos, os quais tendem a materializar a noção ocidental de que a figuração é um dispositivo narrativo e explicativo mais eficiente que os motivos gráficos geométricos. A documentação histórica da arte wauja, constituída basicamente por duas extensas coleções etnográficas, mostra uma continuidade formal entre motivos gráficos geométricos e figurativos, que pode ser observada tanto em nível composicional quanto interpretativo. A comparação dos desenhos dos Wauja escolarizados e não escolarizados (i.e., pessoas nascidas antes de 1960) permite observar como essa continuidade foi quebrada na medida em que a técnica do lápis sobre papel permitiu a aquisição de outros modos de representação visual do tempo e do espaço. A comunicação também analisa as estratégias pedagógicas wauja de manutenção do potencial narrativo dos desenhos geométricos.

Palavras-chave: Amazonia indígena, Wauja, técnica de desenho, figuração, geometrismo, escolarização

Kãÿãdjua e os contornos de uma pedagogia da defesa.

Paulo Maia Figueiredo (Universidade Federal de Minas Gerais)

Professor Associado (UFMG / Faculdade de Educação) e Doutor em Antropologia (Museu Nacional / UFRJ)

Siwê Alves Braz (Universidade Federal de Minas Gerais)

Mestrando em Educação (PROMESTRE / FaE / UFMG)

Roberto Romero (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutor em Antropologia (Museu Nacional / UFRJ)

A presente comunicação pretende desenvolver alguns dos resultados alcançados pelo projeto “Capturando novos modelos de educação entre minorias indígenas e quilombolas no Brasil” a partir da experiência de pesquisa com a escola/comunidade indígena pataxoo Muã Mimãtxi (Itapecerica, Minas Gerais). Muã Mimãtxi nos ensina pedagogias totalmente sintonizadas com os desafios impostos pelo atual colapso ecológico e pandêmico, dentre as quais, destacam-se, os famosos tehey. Tehey é como os Pataxoo chamam um tipo de rede de pesca mas também

os desenhos através dos quais praticam uma forma própria de escrita, de aprendizagem e de “pescaria de conhecimentos”. Discutiremos aspectos característicos dessa escrita desenhada com destaque para um tehey em particular, a saber, aquele dedicado a personagem da cosmologia pataxoop, chamada Kãyãdjua, uma personagem conceitual correlata àquelas descritas por Davi Kopenawa como seres maléficos xawara. Nas palavras de Dona Liça Pataxoop, Kãyãdjua é “a bichona, um ensino para nós vermos hoje o mundo como que tá”, de onde se depreende os contornos de uma “pedagogia da defesa”.

Palavras-chave: Pataxoop, Muã Mimãtxi, tehey, Kãyãdjua, pedagogia da defesa

Pessoas em situação de rua: um olhar sócio-educacional para a desigualdade

Larissa Vargas Brandão (Universidade de Brasília)

Mestranda em Educação pela Universidade de Brasília

Sabemos como a educação formal e, em destaque, a Educação Básica, tem dificuldades para garantir a livre expressão e compartilhamentos dos corpos de grupos feitos desiguais, como nos aponta o autor Miguel Arroyo. É fácil constatar, entretanto, que, enquanto alguns grupos sociais são marginalizados, outros são sequer vistos. Percebendo a importância de legitimar as falas dos sujeitos em situação de rua e seus processos de escolarização e, sem negar as contradições que irradiam do nosso sistema de educação, este trabalho se constrói na perspectiva de que há que se aprender, e muito, com esta população, produzida por uma sociedade por essência excludente e ainda apegada à ideia de que a escola é o único espaço de conhecimento. O efeito disso acaba sendo uma educação a serviço apenas dos interesses das elites econômicas onde as pessoas em situação de rua e seus corpos, não são considerados sequer como oprimidos. Para isso, será preciso aprofundar a discussão sobre como as violências recaem sobre estes corpos, e recaem sobre o meio ambiente. As crises hídricas, de urbanização, os diversos problemas territoriais e de proliferação de resíduos nas cidades afetam diretamente o ambiente de vivência da População em Situação de Rua. Este “não-lugar” que é a rua, é lar e espaço de convivência e de cultura de milhares de pessoas em Brasília. Logo, parto do princípio de que podemos pensar esses indivíduos e suas práticas, dialogando com eles no nível de uma expressividade individual e uma que os coloque dentro do debate ambiental. Muito longe de buscar resultados quantificáveis e convicta de que a Educação é resultado do diálogo entre diversos saberes, pretendo debruçar-me na tentativa compreender os saberes que emergem das práticas sociais da População em Situação de Rua. Existem muitos universos de saberes se entrecruzando no espaço da rua. Esta complexidade de relações e de papéis desempenhados por cada um que habita o espaço urbano cria um emaranhado de possibilidades de existência, quase nunca absorvidas pelo sistema, se tornando força de trabalho, na obscuridade do mundo além-mercado, a invisibilidade suprime histórias, conhecimentos e direitos.

Palavras-chave: educação, aprendizagem, pessoas em situação de rua, desigualdade

Evocando o conhecimento: cultura material, transmissão de conhecimento e aprendizagem através da Catrevagem

Darllan Neves da Rocha (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutorando em Antropologia (PPGSA/UFRJ)

Illian Narayama Rocha Oliveira (Universidade Estadual do Rio de Janeiro)

Doutoranda em Artes (PPGARTES/UERJ)

Na comunidade artesã do Alto do Moura (Caruaru/PE), reconhecida como principal centro de arte figurativa do Brasil, é socialmente organizada a partir do domínio técnico e conhecimentos da produção em barro de utensílios domésticos, de bonecos e de bonecas. Dentre estes conhecimentos técnicos, a produção de bonecos de barro se destaca pela valorização econômica e prestígios sociais decorrentes da detenção e distribuição do conhecimento. Neste contexto, a técnica e conhecimentos da produção de bonecos de barro se destacam devido ao âmbito simbólico, com reconhecimento e incentivos do campo artístico, de instituições públicas e privadas, e da própria organização social, na qual se estabelece critérios de distinções sociais a partir de prestígios e afrontas sociais como formas de controles na transmissão de conhecimento. Nesse sentido, ao abordar a produção de bonecos de barro como foco de análise, destaca-se a figura do Mestre Galdino que, legitimado distintivamente como “mestre”, desenvolveu a técnica da ‘catrevagem’ como processo criativo, além de um estilo surrealista próprio e distinto do modelo europeu desenvolvido por Breton. Para tanto, partindo que Manoel Galdino faleceu na década de 1990 e que não teria transmitido seus conhecimentos e técnicas para além de seu filho Joel Galdino, como poderíamos compreender o processo de surgimento de novos artesãos e artesãs ao estilo surrealista de Galdino, sem muitos ao menos terem contato com ele, apenas as suas peças no Memorial Manoel Galdino? Como revela conceitos de ‘transmissão de conhecimento incorporado’ (Chamoux 1981), ‘materialidades’ e de ‘coisa’ (Ingold 2012)? A partir das discussões sobre cultura material, transmissão de conhecimento e da antropologia da técnica, objetivamos abordar o processo de aprendizagem e cultura material a partir do conceito de ‘catrevagem’, seu processo criativo e experiências vividas por aprendizes de Galdino. Embora a principal questão seja compreender como a cultura material evoca o conhecimento a ser transmitido, o foco de análise é a ‘catrevagem’ como processo criativo.

Palavras-chave: cultura material, aprendizagem, arte

“Mojar la Mezcla” Relações cosmosônicas na produção dos DJs no sudoeste da Colômbia.

Oscar Giovanni Martínez (Universidade Federal do Rio Grande Do Sul)

Mestre em Antropologia Social

Como as tecnologias intervêm na formação de coletivos e regimes multissensoriais? Em

particular, me pergunto como os DJs Misak, aqueles que fazem soar tecno-sonoridades, ressignificam suas próprias ontologias sonoras com a partir de tecnologias músico-digitais no contexto atual do departamento de Cauca, na Colômbia. Tenho interesse em discutir formas de produção de territórios em que a experiência sonora é mobilizada em diversos processos políticos nos quais participam jovens do povo Misak. Assim, a partir da vivência junto a um grupo de DJs que operam uma emissora de rádio, desenvolve-se uma luta pelo território a partir da mobilização de materialidades e possibilidades sonoras que, como forma de conhecimento na arena das acustemologias (Feld 2015; 2017) transgridem forças dominantes que configuram cenários conflituos na região de Cauca. Essas intervenções políticas baseadas no som mostram que os processos de reivindicação pelo território não se limitam só a questões sobre a terra, pelo contrário, deslizam-se para outras espacialidades. A antropologia do som e os estudos em etnomusicologia têm discutido a centralidade da intersectorialidade nas formas de produzir sons em grupos humanos. Nesse sentido, pretendo resgatar uma categoria sonora nativa que aparece contida nas falas de alguns dos DJs de Misak, que se refere aos vínculos cosmo-sônicos (Stein 2019; 2013) com o lugar, e é a ideia de “Mojar” (molhar) o som digital. Isso se refere a elementos sonoros relacionados às formas que a água adquire no território, e está relacionada ao fato dos misak se pensar como “los hijos del agua”. Tanto o som quanto a água têm a capacidade de circular e adquirir diferentes formas em diferentes lugares. Interpreto essa ideia de “molhar” sons que afetam corpos como uma proposta sônica extensiva em busca de ampliar seu alcance territorial.

Palavras-chave: cosmo-sônica, formações sensoriais, territorialidade, tecnologia e som

Filmar em/o movimento: Aprendizados coletivos de um fazer audiovisual periférico

Diego Edmilson Peralta (Universidade de São Paulo)

Mestrando em Sociologia (USP)

Como os moradores da periferia se deslocam todos os dias pela cidade de São Paulo? Como observar esses deslocamentos no transporte público? E mais, como relatar isso em um filme? Nesta apresentação reflito sobre a produção de um filme documentário realizada por um coletivo de audiovisual periférico em 2019, o Coletivo da Quebrada, enquanto um processo de aprendizado duplo: sobre o próprio fazer audiovisual e também sobre o mundo da vida de suas personagens, moradoras do mesmo bairro em que vivem os membros do coletivo. Discuto como os membros do Coletivo da Quebrada desenvolveram nesse processo as técnicas corporais necessárias a realização do filme – técnicas de filmagem, de escuta, de diálogo, etc. – a partir de um exercício de suas atenções ao mundo que cercava esses deslocamentos diários no transporte público e da colaboração direta de suas personagens. Desse modo, considero que sua experiência de produção audiovisual foi também uma experiência de pesquisa e formação, em que suas concepções sobre seu objeto de interesse – o cotidiano dos sujeitos periféricos no transporte público – mudou qualitativamente a partir dos encontros com essas personagens. Por

fim, em consonância com os estudos de mobilidade, observo como a compreensão de fenômenos móveis, como a mobilidade urbana cotidiana, ganha profundidade analítica quando adotamos metodologias que também são móveis, como, no caso desse filme documentário que acompanha as rotinas de suas personagens em seus deslocamentos.

Palavras-chave: mobilidade urbana, audiovisual, aprendizado, técnica, coletivos culturais

#### **Sessão 4: Espiritualidade, religião, práticas atencionais**

“Ser o olhar doula”: reflexões sobre práticas de aprendizagem na formação de Doulas da Morte

Lucía Copelotti (UNICAMP)

Doutoranda em Antropologia (PPGAS/Unicamp)

Nesta comunicação minha proposta é refletir sobre práticas de educação e aprendizagem em torno da morte e do morrer a partir da crescente diversificação da oferta de cuidados relacionados ao fim da vida. Mais precisamente, tomo como foco de análise a profissionalização de Doulas da Morte (Death Doulas) ou Doulas de fim de vida (End of Life Doulas), profissionais que, de forma similar e antagônica às doulas do nascimento, oferecem suporte e conforto a pessoas no período final da vida e no morrer, e também aos familiares na despedida e no luto. Para tanto, a partir de observações nas aulas do curso de formação de Doulas da Morte, desenvolvido pelo instituto AmorTser, procuro evidenciar como o engajamento do corpo no processo de aprendizado é condição fundamental para o “tornar-se” doula da morte. No contexto da formação, as ferramentas conceituais e as dinâmicas propostas ao longo do curso, tais como meditações, práticas de ancoragem da morte e exercícios de escuta ativa, estão voltadas à incorporação de habilidades técnicas, comportamentais e sensoriais através da experimentação e do treinamento da atenção. Desse modo, pela descrição extensa de tais práticas, sugiro que a emergência do “olhar doula”, qualidade central da prática de doulagem a pessoas em processo de morrer e, portanto, do tornar-se doula, implica na apropriação de uma corporeidade específica e de formas particulares de estar atento a e com o corpo.

Palavras-chave: doulas da morte, aprendizagem, corpo

"A biblioteca é um organismo vivo": leitura como prática da atenção no Mosteiro de São Bento de São Paulo

Pedro H. Galdino (Universidade de São Paulo)

Mestre em Antropologia Social (UNICAMP)

A Ordem de São Bento é uma ordem religiosa católica, cuja origem remete ao século VI. Nesses quinze séculos de existência, desenvolveu-se em seus mosteiros uma notável cultura letrada, constituindo acervos que hoje servem de fontes importantes para estudos históricos no Brasil e no mundo. Essa relação entre monges e livros não é casual: os livros são onipresentes no cotidiano monástico. Da hora que acordam até a hora que se recolhem em suas celas para dormir, os monges obedecem às prescrições contidas em um livro, A Regra de São Bento. Ela normatiza as atividades cotidianas, a organização política e material do mosteiro, o que vestir, como comer, institui uma divisão do tempo vivido e as obrigações com o calendário cristão. Esse dispositivo literário, e biopolítico por excelência, traz, ele também, suas regulações literárias. Ali, determina-se ao lado do trabalho manual, um trabalho meditativo realizado através de uma modalidade de leitura específica, a lectio divina. Essa leitura, cuja técnica precisa o monge aprende ao longo de sua formação, implica um trabalho corporal: enquanto lê, o monge sussurra quase imperceptivelmente até que alguma passagem, frase ou palavra específica se distingue das demais e passa a ressoar de modo diferente. Então o leitor repete insistentemente a passagem para que ela tome um lugar não apenas em sua memória, mas em seu próprio corpo. E é então, quando a palavra escrita é feita carne, literalizando a famosa passagem do livro bíblico de João, que o monge passa ao exercício da contemplação silenciosa, durante os trabalhos manuais.

Esta apresentação procura investigar as relações entre a mídia livro e a leitura monástica, tomando-a como uma prática da atenção e não um exercício intelectual. Partindo de materiais etnografados no Mosteiro de São Bento de São Paulo, como parte da minha pesquisa de doutorado, quero demonstrar como o livro e leitura no claustro engajam outros modos de estar no mundo, questionando fronteiras intelectualistas do universo sensível. Nessa vida entre livros, as palavras ganham vida de muitas formas, e é preciso estar preparado para perceber seus percursos.

Palavras-chave: vida monástica, leitura, práticas da atenção, antropologia da religião

Aprendendo a aprender no candomblé: notas sobre caminhos, conhecimento e a educação da distração

Lucas Marques (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutorando em Antropologia Social (PPGAS/MN/UFRJ)

Neste trabalho pretendo refletir sobre alguns modos de aprendizagem presentes no candomblé, atentando-me para a relação entre ser, fazer e saber que permeiam essa religião. Nesse sentido, argumento que a relação entre "ter caminho" e "saber fazer" é fundamental para compor o sistema de aprendizagem no candomblé, um sistema onde se aprende muito mais fazendo do que recebendo algum tipo de corpus estabelecido de conhecimento, e que envolve um jogo de visibilidades e invisibilidades que, inspirado da obra de Tim Ingold, poderíamos chamar de uma “educação da distração”. Por fim, pretendo reverberar esse modo de aprendizagem para a própria prática etnográfica, pensando-a – a partir das ideias de distração e de caminho – enquanto um procedimento transformativo, um saber-fazer vacilante que é constituído na própria experiência do encontro.

Palavras-chave: aprendizagem; caminho; educação da distração

Aprender um modo de ser yogi e sannyasi – desvendando relações a partir do āśrama Casa do Guru

Lucas Brandao Sampaio Procopio (Krishna) (Universidade Federal de Minas Gerais)

Mestre em Estudos do Lazer (PPGIEL/UFMG)

O yoga se ergue a partir de matrizes epistemológicas e especulações-práticas sobre o cosmos e a vida que nuançam uma relação de simbiose, integração e unidade entre viventes dos distintos reinos, famílias e espécies. Seu complexo sistema metodológico abrange das técnicas corporais (āsana), atravessando a interação com a energia vital (prana) através da manipulação da ação respiratória (prāṇāyāma) e possibilitando alcançar estados de suspensão da atividade sensorial (pratyāhāra) e até mesmo do tempo (kāla) (Niranjanananda 2005; Eliade 2009). O paradoxo da apreensão de tal sistema prático-especulativo, tal qual o yoga, reside na seguinte questão: uma experiência sublinhada e enfatizada a partir da individualidade e subjetividade de quem a vivencia só se assenta, todavia, a partir de um contexto relacional de aprendizagens, estando nela demarcada a presença do/a mestre e dos/as discípulos/as. Ainda, antes que tão somente a aprendizagem técnica da experiência do yoga (fundamental e basilar de sua vivência), compõe também a aprendizagem de modos de fazer e ser que nuançam uma perspectiva identitária. Proponho, portanto, estabelecer um diálogo, tendo como ponto de partida a etnografia que construí entre os anos de 2018 e 2020 envolvendo a minha constituição enquanto yogi e residente do āśrama (espaço onde vivencia-se um modo de vida yogi cotidianamente) Casa do Guru (Serra da Moeda – MG), com as noções de “educação da atenção” de Tim Ingold (2000)

e de “aprendizagem situada” de Jean Lave e Etienne Wenger (1991). O entrelaçamento etnográfico-reflexivo mira trazer a luz aspectos de nossa construção (individual/coletiva) enquanto yogis e sannyasis da tradição de Swami Satyananda Saraswati (Bihar School of Yoga, Munger, Índia) no Brasil. Tal construção, por sua vez, é nuançada por alguns aspectos como o silêncio, a solidão, o autoestudo e o cuidado. Concluo arriscando uma aproximação dessa tessitura etnográfica com pensamentos indígenas (Krenak 2019; Kopenawa & Albert 2015) e não-indígenas (Danowski & Viveiros De Castro 2011; Santos 2019) que também nos provocam a pensar-agir em direção à uma coletividade que permita a sustentação do sistema vida nas décadas vindouras.

Palavras-chave: Yoga, Sannyasa, educação da atenção, aprendizagem situada

“Mente desperta” para “manifestar taiji”: comunidade de prática e “comunidade de afeto” no aprendizado de Chen Taijiquan no Brasil

Gabriel Guarino de Almeida (PUC-Rio)

Doutorando em Educação (PPGE/PUC-Rio)

Neste breve texto, gostaria de apresentar e discutir alguns dados constantes em minha etnografia do aprendizado do Chen Taijiquan, iniciada em julho de ano passado e ainda em curso. Aprendendo esta arte marcial chinesa de forma online, a partir de práticas síncronas e assíncronas, o interesse desta fala é contornar os múltiplos engajamentos do "afeto" neste conhecimento-ação. Gostaria de expor os modos com que aprendizes, iniciantes e experientes, participam da prática da arte marcial por meio do ambiente virtual, relacionado aos atos com que o professor dá acesso ao aprendizado pelo mostrar, descrever e orientar o movimento via voz e imagem. Esta educação da atenção, nos termos ingoldianos, emerge na instrução do professor, orientando os aprendizes a “prestar atenção nas sensações” e manter uma “mente desperta” para que o corpo possa, na movimentação, “manifestar taiji”. Este “taiji” se refere tanto às características da técnica corporal, quanto a uma série de conceitos operados na prática e descritos em livros e manuais acessórios ao aprendizado, referenciados constantemente nas situações de ensino. Além de textos e manuais, outra alusão constante é a figura do Mestre chinês, que aparece: nas histórias contadas pelo professor brasileiro, referente aos períodos de treinamento que ele fez na China com o Mestre; e na recordação dos seminários que o Mestre ministrou no Brasil, nos últimos anos. As histórias, que tomam o “na China” como modelo para a prática brasileira, vêm também dos aprendizes que já estiveram nestas viagens ao vilarejo do Mestre e/ou participaram dos seminários aqui. O professor, ao referenciar o “na China”/“o Mestre” enquanto ensina, atualiza os conceitos do Taijiquan no vocabulário de prática brasileiro, buscando permitir o entendimento “tradicional” da prática. Esta teia de aprendizado, mediada pela “linhagem” chinesa, parte da Escola presencial de São Paulo, de onde o professor transmite as aulas online para diferentes partes do Brasil. Hoje, inclui também um grupo de aprendizes que aos poucos retornam ao ensino presencial, no contexto de pandemia. Neste contexto, as

plataformas virtuais da escola configuram um “local” estável de encontro e conversa, compondo o que chamam de “uma comunidade de afeto”. Esta afetação parece incluir um aspecto sociabilidade que parte da figura do professor/mestre enquanto nóculo conector dos praticantes entre si e, também, como mediador do acesso que têm à “cultura chinesa”.

Palavras-chave: taijiquan, comunidade de prática, afeto, tradição, técnica

Apontamentos antropológicos sobre o aprendizado da arbitragem de futebol

João Cauê Benedeti Morales (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestre em Antropologia Social (UFRGS)

O presente trabalho tem como tema o aprendizado da arbitragem de futebol nas condições que configuram o que coloquialmente é denominado no Brasil como Futebol de Várzea. Trata-se de um desdobramento de uma investigação desenvolvida sobre a atuação de um grupo árbitros de futebol em competições masculinas amadoras na cidade de Porto Alegre-RS (Morales 2020). Partindo do contexto acompanhado nestes torneios, o objetivo desta reflexão é abordar a aquisição de valências necessárias para a atuação por parte dos árbitros alcançados pelo estudo, enfatizando como eles interpretam o próprio percurso formativo. Ao elaborar uma comparação sobre habilidades requeridas para se atuar em dois circuitos distintos - a arbitragem de jogos amadores e profissionais - articulam-se dados registrados em campo com conversas informais mantidas com dois interlocutores. O primeiro é um árbitro em formação com vistas a atuar no circuito de competições profissionais e que recorre aos campeonatos de várzea para adquirir experiência em jogos. O segundo é um ex-árbitro que atuou na primeira divisão do futebol profissional. Sustenta-se que os estágios distintos das carreiras dos interlocutores podem auferir perspectivas sobre a reprodução e as transformações no processo de aprendizado da atuação de um árbitro. O marco teórico-conceitual mobilizado ancora-se nas proposições que procuram aproximar os estudos das práticas corporais/treinamento no âmbito do esporte das reflexões sobre técnica na Antropologia Social (Damo 2006; Deborolli; Sautchuk 2014; Bandeira 2018). Infere-se que para os árbitros, o zelo para com o material de trabalho, a interação com jogadores, campos de jogo e a postura com a qual aplicam (ou não) as regras do jogo são elementos que informam uma leitura técnica da atuação.

Palavras-chave: arbitragem de futebol, aprendizagem, antropologia do esporte

## **ST08 Mundos, descrições, existências: conexões parciais na antropologia das Américas**

Francisco Pazzarelli  
Universidad Nacional de Córdoba (CONICET)  
fpazzarelli@gmail.com

Santiago Martínez Medina  
Instituto de Investigación de Recursos Biológicos Alexander von Humboldt (Bogotá, Colombia)  
santiagommo@yahoo.com

A atual crise ecológica e humanitária forçou os Modernos a se debruçarem sobre outras ontologias e composições de mundos, abordando-as como "inspirações" ou "exemplos". Sempre sob o risco das armadilhas da "tolerância" e dos utilitarismos acadêmicos, os outros mundos e suas verdades tornaram-se interlocutores com os quais dialogar e gerar alianças diante dos desafios impostos à existência comum. Mundo, Ciência e Realidade, entre outros, tornaram-se conceitos que passaram a exigir definições em perspectiva. Estamos interessados em dialogar com experiências de trabalho nas Américas, com povos indígenas e camponeses (embora não apenas) em situações de conflito ou fricção com iniciativas e olhares científicos, médicos, técnicos, entre outros. Trata-se de trazer à discussão as formas concretas, teóricas e etnográficas, em que a antropologia, e ciências de base empírica, abordam a multiplicidade ontológica quando se coloca algum tipo de risco à integridade das existências: quais são as modalidades dessa agência antropológica? Quais ideias, conceitos e alianças emergem deles? Quais são seus efeitos sobre as ideias de diferença, convivência, política, ciência e até mesmo realidade? Também perguntamo-nos pelos esforços específicos de descrição exigidos por situações em que o mundo é mais de um, mas menos de dois/muitos. Quais são as possibilidades de "conexões parciais", "equívocos controlados" e "encontros pragmáticos" entre conhecimentos e existências que não coincidem metafisicamente? Que espaço ocupam as formas contemporâneas do pensamento antropológico na produção dessas conexões? Quais são os efeitos éticos e políticos dessas iniciativas?

Palavras-chave: Ontologias, conexões, alianças, antropologia

## Sessão 1: O avesso dos corpos

Sahumando relaciones entre plantas, humos y humanxs para conectar parcialmente mundos multiespecies

Celeste Medrano (CONICET, Instituto de Ciencias Antropológicas)

Doctora en Antropología, Universidad de Buenos Aires

N. David Jiménez-Escobar (Instituto de Antropología de Córdoba, CONICET, Museo de Antropología, FFyH, Universidad Nacional de Córdoba)

Doctor en Biología / Universidad Nacional de Córdoba

Esta contribución versa sobre los sahumos, unos artefactos confeccionados a partir de plantas, principalmente atados por mujeres –las ‘sahumeras’– quiénes viven en áreas urbanas asociadas al litoral fluvial del río Paraná (Santa Fe, Argentina). Para nosotrxs, las sahumeras eran hippies que aprovechaban arboles, hierbas y yuyos en un montaje new age. Entonces, habitados pero en disconformidad con estas ideas previas e inspirados por Isabelle Stengers, resistimos la herencia de la “erradicación” (Stenger 2008) y nos abismamos al ‘campo’. Participamos de un taller para armar los sahumos, hicimos caminatas al monte, nos sahumaron, nos sahumamos y en el proceso recolectamos plantas con las cuales elaboramos un herbario de referencia. En conjunto, lo que enlazamos nos comenzó a hablar de una teoría en la que el ‘cuerpo vegetal’ –situado en medio de un intrincado sistema de clasificación taxonómica vernácula– posee una potencia capaz de afectar los cuerpos humanos. Aprendimos que el ‘alma vegetal’, generalmente porta una intensión que es transmutada a través del humo cuando se quema la materia vegetal afectando a quiénes se sumergen en dicho ejercicio de diálogo multiespecies. O tal vez tendríamos que decir multi-cosas, porque aquí el humo, que hace presente el espíritu de la planta, también se posiciona como un agente en una red de relaciones. Finalmente, durante uno de los últimos días ‘de campo’, percibimos que esos atados de plantas nos habían empujado al terreno de las “materialidades elusivas” (Martínez-Medina 2016). Se podría pensar también que estábamos en pleno escenario de las ‘equivocaciones’ ya que claramente los sahumos que nosotrxs habíamos atado no eran la misma cosa que los amarrados por las sahumeras y esto sólo se nos hizo evidente en una escena que era, al mismo tiempo y disyuntamente, el acto técnico de secar plantas y un velorio. Así, mientras nosotros habíamos atado un conjunto de especies vegetales, ellas –las sahumeras– amarraban y entrelazaban poderosos cuerpos verdes que, resistiéndose a toda traducción, nos presentaban ‘otra botánica’, una que burla el límite entre lxs humanxs, las cosas y las plantas. Nos deslizaremos entonces hacia esos terrenos con el ánimo de contar relaciones que burlan el desagenciamiento de la ‘naturaleza’ urbana y conecta –al menos parcialmente– las prácticas desplegadas por las sahumeras con las que danzan sociedades de ontologías relacionales.

Palavras-chave: plantas, cuerpos vegetales, humos, materialidad elusiva, equivocaciones controladas

Mundos campesinos en la conservación de los páramos andinos: traducciones y aperturas ontológicas desde la antropología y los STS

Camilo Castillo (Universidad de Linköping)

Estudiante de doctorado

A unas tres horas de Bogotá, la capital colombiana, se encuentra la región de Sumapaz. Lugar clave en la historia que ha configurado los mundos campesinos que hoy día aún existen en esta parte de la alta montaña andina en episodios como: las luchas contra los terratenientes a inicios del siglo XX, la génesis del conflicto armado colombiano en la década de los cincuenta y su recrudecimiento en los noventa. Pero además de ello, Sumapaz también ha sido recientemente el objetivo de las políticas de conservación del estado colombiano, que buscan en nombre del “desarrollo sostenible y humano” imponer una serie de restricciones a las actividades humanas que allí se desarrollan para proteger uno de los ecosistemas insignes de los Andes: los denominados páramos. En medio de esa discusión, escuchar a una campesina decir: “el páramo hay que protegerlo, pero conmigo adentro” exige un ejercicio de recalibración conceptual y práctica para que la antropología no deseche demasiado pronto en sus traducciones las múltiples posibilidades de lo que puede ser un páramo.

Como parte de una etnografía multisituada en curso con científicos, activistas y comunidades campesinas, inspirada por las contribuciones del análisis ontológico en las intersecciones de los STS y la antropología, me pregunto cómo sería posible abrir las fronteras ontológicas y las traducciones con las que usualmente se pone en práctica la conservación de los páramos andinos. Partiendo del reconocimiento de que las diferencias son entre mundos y no simplemente entre perspectivas sobre un mismo mundo, planteo una reflexión donde las “equivocaciones controladas” pueden ser un punto de partida para aperturar la conservación de páramos en los mundos campesinos del Sumapaz que se han tenido que hacer, rehacer y reconstruir por causa de quizá una de las fuerzas más incontenibles de devastación ontológica: la guerra.

Palavras-chave: ontologia, campesinos, conservacion, paramos

Diálogos entre prácticas científicas y rituales mortuorios en el proceso de exhumación, identificación y entierro final de las víctimas de Bojayá, Chocó.

Natalia Quiceno (Universidad de Antioquia)

Doctora en Antropología (Museu Nacional UFRJ)

Pilar Riaño (Universidad de la Columbia Británica)

Doctora en Antropología Universidad de la Columbia Británica

La multiplicidad de modos de existencia que tienen las víctimas mortales de la masacre ocurrida

el 2 de mayo de 2002 en el municipio de Bojayá Chocó, pacífico colombiano, ha ganado nuevos contornos a partir del diálogo emprendido entre profesionales forenses, psicólogos y sabedores afro e indígenas de la mortuoria local. Este diálogo tuvo lugar entre los años 2017 y 2019 en el marco del proceso de exhumación, identificación y entierro final de las víctimas. De ser enunciadas principalmente como números en los diversos intentos de búsqueda de verdad y justicia, han pasado a ser enunciadas, identificadas y reconocidas como restos, cuerpos, fragmentos óseos, espíritus, personas, muertos y ancestros. En esta presentación nos interesa indagar por el lugar de los muertos como mediadores entre conocimientos científicos y rituales alrededor de la muerte, el duelo y la identificación de personas. Reconocer las afectaciones mutuas que tanto prácticas rituales como científicas vivieron en medio de un proceso donde, buscar el descanso de muertos y vivos, implicó agenciamientos colectivos entre ciencia y religiosidad.

Palavras-chave: rituales mortuorios, ciencias forenses, exhumación, duelo, Bojayá.

## **Sessão 2: Políticas do multiverso**

Aldeia dos mortos: intrusão cosmopolítica em uma assembleia indígena apurinã

Mario Rique Fernandes (Universidade Federal do Amazonas)

Doutor em Antropologia Social (Universidade Federal do Amazonas)

Maio de 2019. 400 indígenas apurinãs e jamamadi reunidos durante quatro dias em uma aldeia encravada na floresta às margens do rio Purus. Na pauta da assembleia, temas como “soberania territorial”, “auto-governança”, “sustentabilidade”. Um acidente inesperado (uma intrusão?) no final da reunião transformando toda a cena/cenário dos dias anteriores. Tendo como mote a descrição de uma assembleia indígena situada em uma região ameaçada pelo desmatamento ocasionado pelo avanço da fronteira agrícola no sul do Estado do Amazonas (municípios de Boca do Acre e Pauini), faço uma reflexão acerca dos “vestígios e sinais de modos de vida passados carregados no presente”, ou aquilo que Anna Tsing et al. (2017) nomeiam como “fantasmas do antropoceno soprando sobre paisagens assombradas”. Ao longo de minha pesquisa de doutorado levei anos para entender como os índios Apurinã herdaram as ruínas deixadas pelos seringais que governaram cerca de um século essa região - do final do século 19 até final do século 20. Mas que ruínas? Afinal, estamos tratando de um território que conta com a presença de um mosaico de Terras Indígenas que juntas chegam a quase um milhão de hectares de florestas nativas. Talvez o legado do “tempo dos seringais” não tenha sido propriamente paisagens degradadas, contaminadas ou destruídas, mas paisagens assombradas por modos de vida passados. Como prestar atenção a esse palimpsesto de tempo/espaço presente nas paisagens quando nos propomos a seguir nossos interlocutores ao longo de suas redes terrestres? A história que trago aqui é fruto de um desses meus deslocamentos pelo Purus acompanhando os Apurinã – participando de uma assembleia - deixando-os desdobrar ao longo

dessas linhas o leque de controvérsias nos quais estão metidos (Latour, 2012). A proposta não é adentrar no teor dos debates relacionados ao território ocorridos durante o encontro. O meu interesse está mais em descrever e problematizar as infraestruturas, o chão em que se pisa, enfim, a materialidade que permeia a política indígena, do que propriamente as matérias em pauta. O desfecho da história permite-nos vislumbrar, à maneira dos Apurinã, a “intrusão do Terrestre” como ator-político (Latour, 2020) - ou nos termos de Stengers (2018) uma “intrusão cosmopolítica” - abrindo uma outra dimensão do território e da própria prática política apurinã – uma política terrestre, enfeitada pela terra.

Palavras-chave: Apurinã; Cosmopolítica; Movimento Indígena; Amazônia; Antropoceno.

Las galerías filtrantes de Peñas (Bolivia): Re-emergencia de tecnologías y prácticas ancestrales de gestión del agua y de producción agroecológica.

Hanne Cottyn (University of York - Reino Unido)

Doctora en Historia (Ghent University, Bélgica)

Victor Zenteno (Agronomo investigador independiente; coordinador de la Asociación Integral de Producción Orgánica de Peñas – AIPOP)

Entrando el siglo XXI, una creciente inseguridad y conflictividad por el acceso al agua marca la vida comunitaria en el altiplano boliviano. La comunidad rural de Peñas, situada en el territorio indígena originario campesino Jach'a Marka Tapacari Cóndor Apacheta (Departamento de Oruro), percibe los impactos del auge de la quinua orgánica y de nuevos proyectos de exploración minera. En este contexto de nuevas transformaciones rurales, la comunidad presencia la re-emergencia de una infraestructura de agua ancestral como una apuesta “alternativa” que desafía la lógica y materialidad de infraestructuras modernas. Se trata de una extensa red subterránea de galerías filtrantes que fue construida por las familias de Peñas a finales del siglo XIX y que sigue facilitando la distribución de agua y el riego en todo el territorio comunal hasta el día de hoy. Ante los riesgos de escasez y contaminación de agua relacionados con la expansión minera y motivados por las promesas de la producción de quinua, la comunidad experimenta una revalorización de prácticas de gestión de agua y producción agroecológica relacionadas con esta tecnología ancestral. Este proceso de revalorización es acompañado por un proceso de investigación comunitaria de tecnologías y prácticas llamadas “ancestrales” liderado por la Asociación Integral de Producción Orgánica de Peñas – AIPOP. Si bien esa revalorización apunta a ciertas tensiones ontológicas entre estos saberes ancestrales y métodos modernos, también aprovecha pragmáticamente las “conexiones parciales” entre diferentes sistemas de conocimiento, producción y transmisión. Así, este proceso va entretejiendo saberes “tradicionales” con métodos de la ciencia occidental para identificar y aprovechar plantas medicinales; prácticas agroecológicas con dinámicas del mercado global para promover la producción de quínoa; y archivos republicanos con testimonios orales para

contextualizar la historia de las galerías filtrantes. Esta ponencia presenta un acercamiento histórico y etnográfico a las tensiones y las conexiones que dan forma a un proceso comunitario de revalorización de tecnologías ancestrales.

Palavras-chave: tecnologías ancestrales, agua, agroecología, Bolivia

Para um pensamento-esmeralda: imprevisibilidade e provisionalidade na construção de preços de esmeraldas na Colômbia

Vladimir Caraballo Acuña (Instituto Colombiano de Antropología e Historia - Icanh)

Doutor em Antrpologia (El Colegio de Michoacán)

Na Colômbia, a fim de trocar esmeraldas por dinheiro, os comerciantes na rua recriam uma contradição que constitui o próprio eixo do comércio destas pedras: as esmeraldas podem ser compradas e vendidas, mas não têm preço. A antropologia econômica ensinou-os que qualquer entidade só pode ser trocada por dinheiro se fizer parte de um acordo sobre o que tem preço e o que não tem; mas os comerciantes de esmeraldas não só recriam o desacordo, mas, paradoxalmente, tornam suas trocas possíveis a partir da sua própria impossibilidade. Dessa forma, as esmeraldas circulam como mercadorias devido à contradição não solucionada ou paradoxalmente solucionada.

¿Como eles conseguem isso? O que fazem nas suas trocas é barganha. Barganhando, eles demonstram que, por um lado, o preço não é fixo e que, portanto, devem consertá-lo; e por outro lado, que quando conseguem fazê-lo, que o aquele preço final era impossível de conhecer antes da interação. Desta forma, através de cada interação os comerciantes demonstram o valor das suas interações e criam o preço das esmeraldas como um fenômeno sempre imprevisível por um lado, e sempre provisório por outro.

Nesta apresentação, defendo que aquela forma de construir preços ressoa com a imprevisibilidade e provisionalidade que também os mineiros e entalhadores enfatizam quando encontram e esculpem esmeraldas. Tanto para uns quanto para os outros casos, esses encontros são muitas vezes surpresos que interrompem a espaço-tempo linear do planejamento. Mais especificamente, defendo que através dos seus encontros os comerciantes, mineiros e entalhadores têm construído uma teoria do mundo que eu chamo pensamento-esmeralda, um pensamento que emerge da presença permanente de interrupções, ou seja, da potencialidade de estados intermediários que colapsam binarismos como possibilidade/impossibilidade, comensurabilidade/incomensurabilidade, economia/fantasmagoria.

Assim, vou sugerir que a troca de esmeraldas por dinheiro pode ser entendida como um equívoco controlado (Viveiros de Castro) que está localizado no próprio núcleo da economia para torná-la possível a partir da sua impossibilidade e assim ajudar-nos a interromper criativamente os próprios princípios do pensamento econômico

Palavras-chave: Esmeraldas, preços, imprevisibilidade, provisionalidade, pensamento-esmeralda

### **Sessão 3: Tecnologias de Gaia**

Las dos pachas: notas etnográficas sobre arte, conflictos y comunidades en Salinas Grandes  
José María Miranda (Universidad Nacional de Córdoba)

Doctorando en Ciencias Antropológicas (Universidad Nacional de Córdoba)

En el verano de 2020, el artista Tomás Saraceno llevó adelante un proyecto en Salinas Grandes en articulación con las comunidades locales, llamado Aerocene Pacha. Inspirado parcialmente en la cosmovisión andina, el proyecto fue ideado como una experiencia multidisciplinar y cooperativa, que contó con la participación de artistas, ingenieros, sociólogos, comunidades del salar, entre otros. Uno de sus objetivos era articular los intereses del arte contemporáneo, los debates alrededor de la noción de Antropoceno y las luchas indígenas contra el modelo neoextractivista. Desde 2010, Salinas Grandes es el epicentro de una serie de conflictos con el Estado por proyectos de minería de litio. En este sentido, la propuesta de Saraceno es una de las tantas de origen ‘externo’ que desde hace dos décadas vienen asociándose a las comunidades en el marco de procesos locales de movilización. Estas articulaciones, que convocan los más diversos intereses, tienen como principal eje de referencia el conflicto socioambiental en Salinas Grandes. No obstante, al explorar etnográficamente este punto de aparente convergencia, paradójicamente, son las “diferencias” las que cobran un papel organizador relevante. En esta ponencia, me detendré en algunas de las relaciones que emergieron entre el artista y su equipo con las comunidades del salar. Mi propuesta es que estas relaciones implicaron al menos dos perspectivas, en las que solo en una de ellas (la de Aerocene Pacha) las acciones pueden definirse como motivadas por intereses comunes. Para argumentar esta afirmación, voy a presentar una descripción de los supuestos implicados en la noción de pacha de Aerocene y de las comunidades, así como del uso del ‘desacuerdo’ la organización local. A través de estos materiales, mostraré que la “conexión” que el proyecto impulsó entre estas nociones y prácticas puede conceptualizarse como un “equivoco”, en el sentido definido por Viveiros de Castro. También voy a señalar que estos equívocos no fueron vividos de forma equivalente. Para el artista, algunas de las situaciones producidas por la discrepancia entre sus expectativas y las “fricciones” de los vínculos intercomunitarios, fueron interpretadas como una debilidad organizativa. Por el contrario, para las comunidades estas fricciones son parte de un dispositivo de “territorialización” denominado localmente como ser dueños, que cumple un importante papel en las prácticas cosmológicas y en la defensa del territorio.

Palavras-chave: equívocos, arte contemporáneo, movilización indígena, cosmopolíticas

Cosmo-climatologias menstruais na Amazônia: friagem e conexões entre mundos

Luisa Elvira Belaunde (Universidad Nacional Mayor de San Marcos Peru)

Doutora em antropologia

Juana Valentina Nieto (Universidade de Santa Catarina, INCT Brasil Plural)

Doutora em Antropologia/ PPGAS/UFSC)

Esta palestra explora os outros mundos feitos visíveis e atuantes por meio do fluxo do sangue menstrual, seus tempos e variações. Parte da climatologia dos povos originários de Putumayo, na fronteira peruano-colombiana, para expor concepções amazônicas menstruais que escapam das abordagens biofísicas centrados nos ciclos reprodutivos de organismos individuais e espécies da flora e fauna, já que sustentam uma cosmopolítica das forças e perigos latentes na coexistência parcial de tempos humanos e não-humanos. A cosmo-climatologia dos povos amazônicos articula corporalidades-conhecimentos onde a possibilidade da extensão da experiência do corpo-pessoa ao corpo-território, e vice-versa, é uma chave do emaranhado de mundos, seres e lugares. Que modo de corporificar-conhecer é posto em ação por meio do fluxo do sangue menstrual? De que maneira este fazer corpos-conhecimentos em tempos parcialmente interligados efetua a diferenciação de gênero e, ao mesmo tempo, faz do gênero um modo de conceber a alteridade de múltiplos mundos? Quais são as percepções femininas de seus corpos-conhecimentos estendidos à alteridade? A palestra destaca os desencontros e equívocos entre climatologia científica e cosmo-climatologia amazônica ante a atual crise climática e o desordenamento dos períodos de friagem na Amazônia ocidental.

Palavras-chave: climatologia amazônica, povos indígenas, menstruação, Putumayo

Entre ancestrais e patrimônio: práticas e materialidades que se excedem na indigenização do Museu Mapuche de Cañete

Lucas da Costa Maciel (Universidade de São Paulo)

Doutorando em Antropologia Social (USP)

Criado pelo Estado chileno em 1969 para “valorizar a cultura mapuche” e “conservar bens patrimoniais” associados a ela, o Museu Mapuche de Cañete vive um paradoxo. Desde o ano 2000, a instituição é dirigida por uma equipe de antropólogas e educadoras mapuche que, à medida em que transforma a instituição a partir do mapuchekimvn (conhecimento mapuche), se depara com a impossibilidade de ao mesmo tempo “valorizar a cultura” e “conservar os bens patrimoniais”. Isto porque, considerando os modos de existência mapuche, a “cultura” se torna um impulso anti-patrimonial. Assim, “valorizar a cultura” implicaria uma dissolução do patrimônio que o Museu deveria conservar. Salvaguardar as coleções no Museu coloca, então, uma série de implicações metodológicas e ética que se desdobram do reconhecimento de que

coisas-enquanto-patrimônio não existem separadas das coisas-enquanto-ancestrais. Antes, as diferenças entre elas se supõem como inseparáveis: o patrimônio requer que ancestrais mapuche existam como coisas e estes requerem daquele para se fazerem presentes através do Museu. Reconhecendo seu caráter público, regido por critérios que objetificam ancestrais enquanto patrimônio, o Museu cotidianamente pratica uma série de técnicas de identificação, catalogação e administração de peças, seguindo a legislação chilena. No entanto, também excede essas práticas, atravessando-as com técnicas de subjetificação que posiciona as coisas enquanto ancestrais, fazendo que a face cativo do Museu se atualize. Conservar as “coisas” aponta, da perspectiva da equipe do Museu, para a inseparável ação de ao mesmo tempo administrar o patrimônio e cuidar dos ancestrais. Uma não se faz sem outra no marco das relações coloniais que capturam corpos, coisas e terras mapuche. O cuidado possível aos ancestrais requer, então, que as profissionais mapuche continuem administrando o patrimônio que pertence ao Estado chileno, evitando que este os encapsule de vez na versão unívoca de bem patrimonial. Nesta comunicação, interessa recuperar as práticas do excesso para tornar aparente o modo em que a equipe do Museu Mapuche de Cañete, agenciada pela política dos ancestrais, pratica patrimônio, associando técnicas de conservação ditadas por descrições burocráticas a fim de excedê-las, e, neste sentido, cancelando a univocidade tomada pela legislação chilena.

Palavras-chave: museologia; conservação; conhecimento mapuche; patrimônio; outros-que-humanos; ecologia das práticas

#### **Sessão 4: Atravessamento de mundos**

Con-Figuraciones Amplificación/reducción de la forma de los Bosques de Niebla de la Falla del Tequendama

Juan Camilo Cajigas (Instituto Humboldt)

Doctor en Estudios Culturales Universidad de California, Davis

La emergencia de la forma ha sido un problema tradicional en la filosofía occidental. En la antigüedad clásica el debate entre Platón y Aristóteles dejó sentado que la forma es algo exterior a la materia, y aparece como lo perteneciente al terreno del eidos (ideas). La materia es una instancia pasiva que recibe la forma por parte de una agente externo (artesano, dios, el alma). Aproximaciones recientes al problema en diálogo con la ciencia de los sistemas complejos han llamado la atención sobre la necesidad de dar un carácter más activo a la materia. Así las cosas, la materia no es una entidad pasiva sino que ella misma se auto-organiza. La materia despliega por sí misma su capacidades de organización. En este contexto, la idea de las con-figuraciones se concentra en las maneras en que las prácticas sociales forman parte de las formas de auto-organización de la materia a través de diferentes escalas. Algunas vertientes del pensamiento procesual, las etnografías multiespecies, la biosemiótica y los estudios sociales feministas de la ciencia toman la noción de forma como un motivo para pensar las relaciones humano-no

humano. La generación de la forma es un proceso morfogénico transversal que incluye la actividad humana y no-humana. La presente ponencia (en diálogo particularmente con el trabajo etnográfico de Eduardo Kohn) busca pensar las con-figuraciones (emergencia de la forma) a partir del estudio de caso de las prácticas agrícolas y de restauración ecológica de los colectivos de agroecología activos en los bosques de niebla de la falla del Tequendama. En este sentido, las "con-figuraciones" tienen dos manifestaciones: 1. la amplificación de la forma, cuando las prácticas contribuyen al aumento de la biodiversidad, 2. disminución de la forma, cuando las prácticas homogeneizan y reducen la diversidad de los ecosistemas. Las con-figuraciones son, entonces, el resultado de diferentes coreografías ontológicas de las cuales los conglomerados socioecológicos forman parte.

Palavras-chave: emergencia de la forma, Eduardo Khon, biosemiótica

Na terra de sange de quatro continentes: A dobra afroindígena e os pronomes essenciais em Zaña, Peru.

Luis Reyes Escate (Museu Nacional/ Universidade Federal de Rio de Janeiro)

Mestre em antropologia (UFRGS)

O presente estudo se baseia no trabalho de campo realizado na cidade de Zaña, localizada na costa norte do Peru, a qual é concebida pelos habitantes locais (Zañeros) como um "povoado mestiço" composto de sangue de quatro continentes: América, África, Ásia e Europa. Assim, partindo de eventos etnográficos vividos no povoado de Zaña em relação à tradicional celebração da "Comparsa de Diablicos de Zaña", procuraremos analisar a noção de "cruzamento", entendido como conceito e operação primária que torna habitáveis e essenciais aqueles interstícios que "passam despercebidos" na ontologia dos modernos erguidos sobre rígidas dualidades cartesianas. Da mesma forma, a partir da noção de "cruzamento", procuraremos explorar aberturas ontológicas que nos ajudará a redefinir categorias clássicas como "espaço", "tempo", "corpo" e "alma", do ponto de vista dos Zañeros. Além disso, este estudo sustenta principalmente que a antinomia entre as duas caracterizações dos povos mestiços - ou são povos que passaram por um processo de mistura homogeneizante ou são povos nos quais múltiplas culturas "se inter-relacionam" - pode ser resolvida se considerarmos as dimensões temporal e ecológica dos seres que compõem a terra Zaña.

Palavras-chave: ontologia, Afroindígena, Peru, dobra, cruzamento

Multiversos transversais: ontologia e multiplicidade desde exemplos das Guianas

Rogério Brittes W. Pires (Universidade Federal de Minas Gerais)

Doutor em Antropologia Social (MN/UFRJ)

A chamada virada ontológica (ou antropologia pós-social) abriu espaço para a descrição de alteridades que não seriam mais apenas da ordem do ponto de vista ou lugar de fala, e sim da diferença radical nas formas de instaurar e compor o mundo. A antropologia passa a descrever coletivos não mais como tendo diferentes culturas, e sim como vivendo em diferentes realidades. Disto, decorrem ganhos analíticos e cosmopolíticos, mas também desafios descritivos e teóricos. Focarei em dois: (1) como lidar com seres que habitam simultaneamente diferentes mundos, descritos por coletivos diferentes como uma entidade só, mas que operam de maneiras discrepantes em cada espaço ontológico que lhe é concedido? (2) Como lidar com diferentes modos de existência que compõem uma “mesma” ontologia, quando não são organizados enquanto domínios (como entre os modernos), mas em outras formas de emaranhamento cosmológico? Tatearei esses temas a partir de dados etnográficos extraídos da região das Guianas. Para o ponto (1), apresentarei os bakru, espíritos malfazejos, endêmicos no Suriname e Guiana. Diferentes populações os descrevem de modos diferentes, têm interpretações distintas sobre sua origem, mas concordam acerca de algumas de suas características (são peludos e pequenos; trazem riquezas; mas são traiçoeiros e vorazes). Duas dessas populações – os businenge (“quilombolas” afro-amazônicos) e os indoguianenses (de ascendência indiana) – acusam-se mutuamente de serem os “mestres” dos bakru. Para o desafio (2), focarei no conceito Saamaka (businenge) de *konde* que, em seus diversos usos, pode ser traduzido como “aldeia”, “país”, ou “mundo”. A multivalência do termo incita a pensar a relação entre a alteridade sociocultural e a existencial, pois os Saamaka falam de *nengekonde* (país dos negros, a África) e *bakaakonde* (país dos brancos, a Europa), mas também de *dedekonde* (mundo dos mortos) e *sunjankonde* (mundo dos sonhos). Entende-se que nessas “aldeias” diferentes habitam não apenas pessoas diferentes, mas também forças e divindades diferentes e, logo, podem ter regras diferentes – tanto no sentido de “normas jurídicas” quanto no de “leis da física”. Juntando os pontos, proponho descrever diferenças ontológicas horizontalmente (ontologia saamaka, ontologia indoguianense...) e verticalmente (diferentes planos, como nas versões pragmatistas do multiverso). Tais eixos, decerto, são conectados transversalmente. Talvez por “conexões parciais”.

Palavras-chave: multiverso, ontologia, Guianas, espíritos, comparação

## **ST09 Corpo e técnica: práticas de conhecimento, cuidado e gestão**

Marcos Castro Carvalho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

dabata@gmail.com

Gil Vicente Nagai Lourenção

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Tsukuba University (Japão)

gilvicente@ufscar.br

Buscamos explorações sobre o corpo e suas interconexões em meio aos STS. Do corpo e seus artefatos, em contextos epistemológicos e históricos, como objeto e categoria técnico-científica e em processos de coprodução e transbordamentos. Enfocaremos práticas ‘produtoras’ de corporalidades, de ciborgues, de corpos sem órgãos, de órgãos sem corpos, de máquinas, chips, fitas de DNA, lâminas de microscópios, instrumentos e protocolos clínicos, diagnóstico, burocracias - no imbricamento entre instâncias que configuram o humano e o não-humano, o natural e o cultural, o individual e o social, o universal e o particular. Serão bem-vindas propostas que relacionem o corpo com as dimensões das práticas, técnicas e tecnologias médicas, biomédicas, de saúde, de cuidado, de melhoramentos e gestões físicas, sensoriais, cognitivas, burocráticas e administrativas. Pesquisas que interajam com as produções em laboratórios, laboratórios cidadãos, espaços DIYBio, espaços maker, tratamentos clínicos, terapêuticas, espaços ambulatoriais que interferem, intervêm e elaboram variados usos e manejos para o corpo. Assim, esperamos colaborações que focalizem as interfaces e tensionamentos entre as ciências biológicas, médicas e sociais; entre o mecânico, o orgânico e o informacional; e entre as dimensões materiais e imateriais que envolvem o corpo enquanto categoria tecnocientífica e metáfora cultural. A exemplo dos transhumanismos, corpos experimentais, corpos humanos e não-humanos, corpos e suas coisas.

Palavras-chave: corpo, técnica, conhecimento, cuidado, gestão

### **Sessão 1: Ciência e seus públicos**

Debatedor: Marcos Castro Carvalho (UFRGS)

Cientistas e a ciência da epidemia do vírus Zika: Primeiras notas etnográficas

Soraya Fleischer (Universidade de Brasília)

Professora do Departamento de Antropologia/UnB e Pós-doutoranda no PPGAS/UFSC

Doutora em Antropologia Social (UFRGS)

Entre 2016 e 2019, nossa equipe fez pesquisa de campo etnográfico no Recife/PE junto a

famílias atingidas pela epidemia do Vírus Zika. Revisitamos e acompanhamos 30 famílias em suas atividades realizadas ao redor da metrópole para encontrar formas de cuidar das crianças, acometidas pela Síndrome Congênita do Vírus Zika (SCVZ), um conjunto complexo de muitas deficiências. Uma das principais formas de cuidado encontradas foi a ciência, a pesquisa realizada por pesquisadores que chegaram à capital pernambucana para entender o vírus e suas consequências. Muitos protocolos científicos foram apresentados, muitos convites foram aceitos, mas as famílias que receberam essas pesquisas se queixam da “falta de resultados”. Assim, motivadas por essa interpelação, seguimos duas estratégias metodológicas. Primeiro, para desafiar estudos anteriores, mais concentrados em figuras hagiográficas da ciência do VZ (Diniz, 2017; Löwy, 2019), optamos por localizar (99) e entrevistar (13) pesquisadores locais. Segundo, voltamos ao principal “modo de inscrição” da ciência, o artigo científico (Latour, 2000). Nos respectivos currículos desses pesquisadores, encontramos 50 artigos relacionados diretamente ao VZ e, eventualmente, à SCVZ. Material biológico (como, sangue, urina, derme, saliva, líquido cérebro-espinhal e amniótico) e histórias de vida serviram para produzir dados, carreiras, ciência e produtos tecnológicos. Assim, partiremos da perspectiva dos sujeitos pesquisadores, inspirada por trabalhos da antropologia feminista da ciência junto a atores semelhantes (Manica et al, 2018; Neves, 2008; Rodhen, 2001). E o objetivo será conhecer a ciência do vírus e da síndrome que por eles foi produzida; será entender como foram realizados os estudos, a quais resultados chegaram, se foram planejadas formas de compartilhá-los com os sujeitos pesquisados. Ao seguir os fluxos das substâncias corporais e biográficas de crianças acometidas pela SCVZ, coletadas durante as pesquisas e mencionadas depois das pesquisas (nas entrevistas, currículos e artigos), tentaremos descrever os encontros científicos que aconteceram nas terras recifenses e os significados derivados para pesquisadores e sujeitos pesquisados.

Palavras-chave: Zika; ciência; Recife

Dispositivos experimentais para a cura do HIV: os casos de Berlim e Londres

Kris Herik de Oliveira (UNICAMP)

Doutorando em Ciências Sociais (IFCH/Unicamp)

A cura do HIV (vírus da imunodeficiência humana) é um tema que tem se mostrado atravessado por múltiplos agentes, conhecimentos, práticas, instituições, discursos, imagens, imaginários e afetos. Em quatro décadas da epidemia de HIV/AIDS, ela foi efetivamente alcançada em apenas dois casos, nos pacientes de Berlim e Londres, após procedimentos experimentais envolvendo transplantes de células-tronco. Por meio de uma abordagem socioantropológica, o presente trabalho analisa as narrativas e práticas médico-científicas que compõem estes dois dispositivos experimentais. Tendo em vista um material empírico que reúne documentos científicos, jornalísticos e autobiográficos, argumenta-se que as terapias oferecem elementos singulares que ajudam a pensar sobre processos de adoecimento e cura, materialidades, escalas e

transformações ontológicas do corpo.

Palavras-chave: cura do HIV, narrativas e práticas médico-científicas, corpo

Ossos, corpos e burocratas: identidade e direitos em bioarqueologia

Amanda Domingues (Cornell University)

Doutorando em Estudos da Ciência e Tecnologia

Para um bioarqueólogo – o profissional que reconstrói o passado através do estudo de remanescentes biológicos humanos recuperados em contextos arqueológicos – identificar a raça, sexo e até mesmo patologias de indivíduos por meio da análise de seus restos mortais é uma tarefa cotidiana. Para que essas análises possam ser realizadas, os corpos destes indivíduos precisam passar por uma série de processos que os transformam de habitantes do subterrâneo a objetos da ciência. Neste artigo/apresentação, discuto as dimensões técnicas, científicas e sociais de restos mortais humanos presentes em contextos arqueológicos atribuídas e negociadas por cientistas e profissionais de arqueologia. Tomando como estudo de caso o descobrimento de um cemitério de escravos afro-americanos em uma universidade pública norte americana, este artigo analisa os paradoxos e os desafios de humanos e não-humanos gerados durante a busca pela identidade e pelo conhecimento de como estes indivíduos viviam. Este artigo/apresentação mostra que em bioarqueologia há uma forte relação entre identidade e direitos, pois a determinação da identidade epistêmica, ética e legal de restos mortais está reciprocamente vinculada ao estabelecimento de direitos de comunidades de descendentes, pesquisadores e outras partes interessadas. Mais especificamente, os direitos sobre os restos mortais e os artefatos a eles relacionados são atribuídos levando-se em consideração a inter-relação entre a identidade dos restos mortais – geralmente entendida como raça e genética – e a das partes interessadas. A relação entre identidade e direitos criou dois paradoxos durante o processo de análise dos restos humanos e de consulta aos potenciais descendentes dos indivíduos cujos corpos foram analisados. O primeiro paradoxo aconteceu porque uma comunidade teve que ser constituída para ser consultada, mas a criação da mesma depende de fatores políticos e científicos que estão fora do controle dos próprios membros da comunidade. O segundo paradoxo ocorre porque o DNA, visto por alguns como a única ferramenta que pode estabelecer descendência, somente pode ser extraído antes de qualquer aprovação dos descendentes, violando o próprio princípio da consulta à comunidade. Esta pesquisa se baseou em entrevistas com administradores, professores e alunos da universidade onde os corpos foram encontrados, membros da comunidade local e profissionais de arqueologia. Também foram utilizados de press releases e relatórios oficiais.

Palavras-chave: corpo, ciência, identidade, descendência, DNA

Pesquisa com lideranças na tradução do sensível e uma ciência “cuidadã” no enfrentamento à COVID-19 no Nordeste Brasileiro

Ana Gretel Echazú Böschemeier (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Breno da Silva Carvalho (Universidade Federal de Rio Grande do Norte)

Luan Gomes dos Santos (Universidade Federal de Campina Grande)

Nathalia Maíra Cabral de Medeiros (Universidade Federal de Rio Grande do Norte)

Breno da Silva Carvalho - Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda (Ucsal, Bahia/Brasil). Bacharel, Mestre e Doutor em Antropologia (UFBA) Luan Gomes dos Santos - Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais (UFRN). Doutor em Educação (UFRN). Mestre em Desenvolvimento, Meio Ambiente e Cultura (UFRN) e Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas/UFPel. Nathalia Maíra Cabral de Medeiros - Doutora e mestra em Bioquímica (Departamento de Bioquímica, Centro de Biociências, UFRN), graduanda em Letras Inglês (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN).

Propomos uma exploração epistemológica e política de base descolonizadora, feminista e interseccional da experiência de ciência cidadã no trabalho de lideranças comunitárias que exerceram o papel de bolsistas inscritas/os sob a nova categoria ADC 2 A do Conselho Nacional de Pesquisas (Portaria 500, 07/05 de 2021) no marco do projeto “Boas Práticas de Enfrentamento à COVID-19 - Tradução e Elaboração de Materiais nos Territórios”. A investigação sustenta-se em problematizações transdisciplinares a partir do diálogo entre a antropologia, a saúde coletiva e os estudos da comunicação e tradução. Levantaram-se questões referentes ao imperialismo linguístico, acessibilidade à informação e o protagonismo das comunidades diante das demandas de tradução de informações estratégicas vinculadas à pandemia. Entendemos que a interlocução das lideranças comunitárias possibilitou uma ultrapassagem na compreensão colonial que trata sujeitos e povos como objetos de estudo. Nossa ciência “cuidadã” inclui experiências sociais e de tradição, ampliando a capacidade de produção de cosmopolíticas diversas: essas vozes instauram no interior da pesquisa novos modos de traduzir o mundo, além de todo o ecocídio colonial. Diante dos contextos de excepcionalismo pandêmico (London e Kimmelman 2020) indagamos: qual é o papel de processos tradutórios descolonizadores e reflexivos em corpos e territórios socialmente vulnerabilizados (Krenak, 2020)? A partir de quais sensibilidades foram gerenciados os conhecimentos biomédicos, etnobiológicos, históricos e culturais sobre a COVID-19 junto às lideranças comunitárias? Como impactou a experiência do acesso a uma bolsa remunerada na produção de conhecimento local? Quais tecidos de cuidado (Puig de la Bellacasa 2017) e cidadania foram fortalecidos neste percurso? Nossa aproximação parte de etnografias de encontros virtuais e do material produzido em oficinas de reflexão junto a lideranças bolsistas de comunidades indígenas, ciganas, pescadoras, marisqueiras, catadoras de materiais recicláveis, lideranças do movimento de pessoas em situação de rua dos estados de Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará (julho 2020 a agosto 2021). Salientamos a importância estratégica de uma ciência que cuida, uma produção do conhecimento baseada em regimes de cuidado,

“cuidanias” (Aler 2020) locais e corpo a corpo, representativas das buscas pelo bem viver de lideranças de povos tradicionais e movimentos sociais durante e depois da pandemia.

Palavras-chave: agências de fomento, ciência cidadã, descolonização, cidadania, bem viver, tradução, sensibilidade, boas práticas, COVID-19

## **Sessão 2: Cuidado e suas técnicas**

Debatedor: Marco Antônio Gavério (UFSCar)

Corpo e cuidado: um estudo etnográfico das práticas em enfermagem

Bruna Motta dos Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutoranda em Antropologia Cultural (PPGSA/UFRJ)

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado, que teve como objetivo compreender a corporalidade presente nas práticas características da enfermagem, traçando como foco de análise o entendimento de como a formação destes profissionais estaria atravessada por uma modulação corporal particular. Partimos, assim, da premissa de que o corpo consiste em uma construção social e cultural, entendido não somente como uma superfície na qual os aspectos socioculturais se inscreveriam, mas como uma matriz de sentidos, através da qual a experiência dos sujeitos adquire significado. Nesse sentido, conduzimos nossa investigação através de uma etnografia realizada com estudantes e professores da faculdade de enfermagem de uma universidade pública mineira, perpassando os cotidianos de treinamento nos laboratórios e os contatos iniciais com os pacientes. O estudo permitiu que compreendêssemos como a formação em enfermagem envolvia um processo de aquisição de posturas, gestos e sensorialidades específicas, cujo aprendizado se concretizava de modo efetivo através do engajamento prático dos estudantes nos ambientes de cuidado e do constante treinamento das práticas características da profissão. Através de um aprendizado que abarcava o corpo, os estudantes eram conduzidos pelas professoras que, com corpos já dotados destas habilidades, eram as responsáveis pela condução e pela estruturação de um ambiente físico, guiando-os na percepção das sensações, na atenção à postura e no controle dos gestos e movimentos.

Palavras-chave: corpo, cuidado, enfermagem

## Configurações do Cuidar em Prática de Prevenção do Suicídio

Pedro Fragoso Costa Júnior (Universidade Federal da Bahia)

Mestre em Ciências Sociais (PPGCS/UFBA)

O artigo trata-se da análise de um contexto de prática em uma instituição não governamental cujo objetivo é prevenir o suicídio através do apoio emocional. Para a presente análise, foram privilegiadas as transformações identificadas pelos cuidadores deste serviço ao longo da história da instituição, no qual os aspectos técnicos influenciaram as modificações na produção de cuidado desenvolvendo uma outra configuração e novas políticas. A perspectiva analítica adotada se inspirou em trabalhos que buscaram estudar o cuidado não a partir da noção de uma realidade bem delineada e que corresponde integralmente aos critérios normativos a ele associado, mas acompanhando a ação de cuidar privilegiando as práticas geradoras deste empreendimento e suas complexidades. Os dados foram produzidos através de entrevistas individuais e um grupo focal, além da análise das apostilas utilizadas pelos membros da instituição. A análise constata que as modificações no modo de se produzir cuidado na instituição sofreram significativas influências dos objetos dessa prática, o sofrimento emocional, que por ser uma entidade marcada por instabilidades apontavam necessidade de mudanças em razão dos melhores resultados objetivados pelos cuidadores para a intervenção de ajuda. Nesse sentido, enfatiza-se como as variáveis dessa prática não apenas atendiam passivamente aos desejos dos “governantes”, em vez sua insubmissão desencadeou a reformulação do modelo de intervenção vigente.

Palavras-chave: política ontológica; cuidado; práticas; prevenção do suicídio; pacientismo

## Fissuras tentaculares: os tratamentos cirúrgicos das fissuras labiopalatinas e a resiliência das faces

Marcelle Schimitt (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutoranda em Antropologia (UFRGS)

O tratamento da fissura labiopalatina, malformação facial congênita que ocorre durante a 4<sup>o</sup> e a 12<sup>o</sup> semana de gestação, é composto prioritariamente por cirurgias plásticas e tem início logo nos primeiros meses de vida. Os relatos de pessoas nascidas com fendas no lábio e no palato (céu da boca) e de mães de crianças fissuradas são a base empírica da discussão que proponho. Através das noções de resiliência (Oudshoorn 2020) e de face tentacular (M’Charek 2020), apresento reflexões sobre a centralidade das cirurgias no tratamento das fissuras labiopalatinas e acerca de como estes procedimentos se relacionam à relevância conferida à face. As inúmeras intervenções realizadas no processo de reabilitação das fissuras envolvem não apenas a vontade e predisposição dos pacientes de se submeterem a elas, mas, sobretudo, práticas cotidianas de

cuidado ao longo da recuperação e o exercício de aprender a viver com uma nova face. Pensar estes processos, os quais percorrem toda a infância e adolescência, chegando à vida adulta, não pode se limitar a uma discussão sobre normalização. Nesse sentido, a noção de resiliência, por abarcar de maneira contundente as tecnologias, parece-me um meio possível de refletir sobre esta convivência contínua com os procedimentos cirúrgicos e as possibilidades que eles conferem às pessoas fissuradas. Se os cirurgões são os responsáveis pelas mudanças mais imediatas da face, o trabalho de manejar este novo corpo, após as intervenções cirúrgicas, fica a cargo dos pacientes e dos profissionais que os acompanham cotidianamente. E é nele que mais visivelmente se expressa a resiliência a que Oudshoorn (2020) se refere: um processo, não um traço individual ou uma propriedade de determinada matéria, um trabalho em andamento.

Palavras-chave: cirurgia, face, resiliência, fissuras labiopalatinas

Uma morte coletiva? Corpo, relação e técnica na palição

Salomão Alves Pereira (Universidade de Brasília)

Mestrando em Antropologia Social (PPGAS/DAN/UnB)

Nessa comunicação, revisito material etnográfico construído durante pesquisa de campo em uma unidade de cuidados paliativos. Apresentarei duas inferências que o trabalho etnográfico ensejou: i. na palição, estados e propriedades corporais não estão contidos no indivíduo; ii. em tal prática de saúde, a medida da eficácia técnica, a exemplo do uso de medicamentos, se define por esse escape do corpo em relação ao indivíduo. A primeira asserção, de caráter mais geral e abrangente, dispõe sobre a natureza da palição e deverá resultar em uma chave geral de descrição das relações apreensíveis no universo etnográfico mencionado. Amparando-me em exposição empírica e teórica, procurarei demonstrar que a morte iminente e a situação de cuidado dirimem eventuais distinções conceituais entre o que é um corpo e o que é uma relação. Expressando conceitualmente as práticas de cuidado desse domínio etnográfico, demonstrarei que a corporalidade dos sujeitos em questão é uma relação técnica. Isto é, as habilidades discerníveis nessas práticas recriam e realizam disposições e propriedades corporais que a situação de fim de vida colocara em xeque. A essa recriação atribuirei a transição de um sistema próprio de autocuidado para um sistema distribuído de cuidado. Essa primeira inferência permitir-me-á apontar a emergência de uma normatividade para a morte – o que oportuniza a qualificação da morte como atividade do vivente. A segunda inferência também cumpre o papel de sustentar essa argumentação. Não é empiricamente possível minorar a imbricação entre corpos e objetos técnicos na afirmação da indistinção entre corpo e relação, ou na demonstração da recriação de habilidades e propriedades corporais. A última, por exemplo, depende de distintas relações técnicas com medicamentos; tais relações não apenas permitem a reprodução de qualidades corporais ausentes em função da iminência da morte, mas, principalmente, as recriam por transdução. Por outro lado, a eficácia dos medicamentos administrados não advém exclusivamente da combinação de elementos químicos determinados. Isto é, tal como as

propriedades corporais, sua farmacodinâmica ocorre em acoplamentos que vão além dos limites físicos do organismo que eventualmente ingere o fármaco. A interação entre esses dois aspectos gerais da apresentação permitirá, creio, fundamentar a posição geral de que uma noção individualista de cuidado é impertinente mesmo face aos arranjos alopáticos-estatais das sociedades modernas.

Palavras-chave: cuidados paliativos, morte, técnica

O saber-cuidado em Lélia Gonzalez

Aline Carvalho (Universidade Federal de São Paulo)

Mestranda em Ciências da Saúde

Neste artigo trago alguns recortes do pensamento da escritora, antropóloga, professora e teórica feminista brasileira Lélia Gonzalez, para debater o que aqui chamarei de “saber-cuidado”. Na posição que ocupo enquanto mulher branca, cisgênero e profissional da saúde, e a partir de como as relações de cuidado também me atravessam, inicio aqui um mergulho que dialoga em essência com a perspectiva teórica da escritora e sua principal pauta: a luta por um feminismo afro-latino-americano. Há milênios que as mulheres vêm dedicando suas vidas ao cuidado dos outros e tantas vezes negligenciando, não por escolha, o cuidado de si. O reconhecimento das diferentes condições que vivem as mulheres e os impactos da colonização no que tange a opressão de mulheres negras e indígenas é o ponto de partida para se chegar aos papéis sociais impostos a estas e outras mulheres que dedicam suas vidas ao cuidado desde esta época até os dias atuais. Diante deste cenário, inicio uma investigação que pergunta em primeiro momento: como a experiência do cuidado do outro e de si acontece para as mulheres brasileiras em suas diversas condições biopsicossociais? Que lugares ocupam nos referenciais do saber?

Palavras-chave: saber, cuidado, feminismo afro-latino-americano, Lélia Gonzalez

### **Sessão 3: Corpo-máquina e suas transduções**

Debatedor: Gil Vicente Nagai Lourenção (Tsukuba University/Unicamp)

Robótica social e tecnologias emocionais: um estudo sobre robôs de companhia

Beatriz Yumi Aoki (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Doutoranda em Comunicação e Semiótica (PUC-SP)

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre um dos tipos de robôs que vêm sendo desenvolvidos com o propósito social e de companhia, parte de um mercado cuja oferta de

produtos busca estimular interações sociais e afetivas, em especial no contexto japonês. Estes robôs, classificados por Breazeal (2002) como sociáveis pela capacidade de se comunicar, interagir e relacionar de modo pessoal, têm se tornado, com o avanço tecnológico, cada vez mais presentes na esfera cotidiana. Considerado referência na área de desenvolvimento robótico, o Japão é um dos países pioneiros também na área de robôs sociais, tornando-se objeto de estudo de autores como Junji Hotta (2008), Shin Nakayama (2006), Yuji Sone (2017) e Jennifer Robertson (2018), bem como de projetos como o EMTECH (Emotional Machines: The Technological Transformation of Intimacy in Japan), da Universidade Livre de Berlim. Neste estudo, analisamos o contexto geral de desenvolvimento de robôs sociais no Japão, colocando em evidência Robohon, um robô pessoal utilizado com o propósito de assistência a atividades do dia a dia, oferecendo funções similares às de um smartphone ou computador, e, ao mesmo tempo, de companhia no ambiente doméstico, familiar e de lazer, sendo realizadas viagens voltadas especialmente aos robôs e sessões de fotos temáticas. A metodologia parte da revisão bibliográfica e de uma pesquisa de campo no Japão, possibilitada por meio da Bolsa CAPES de PDSE (Programa de Doutorado-Sanduíche no Exterior), que incluiu a convivência de 3 meses com o robô e a interação com outros usuários por meio de um grupo de Facebook. Como resultado, espera-se apresentar um estado da arte do desenvolvimento de robôs sociais e colocar estas novas formas de relação em evidência.

Palavras-chave: robôs sociais, humano-robô, relações afetivas, tecnologias emocionais

Artificios ontológicos de una consciencia sintética. El imaginario neurotecnológico en la inducción de mundos simulados

CARLOS HUGO SIERRA

Centro de Pensamiento en Ciencia, Tecnología & Sociedad (SOCITEC) Instituto Distrital de Ciencia, Biotecnología e Innovación en Saludos (IDCBIS)-Colombia.

Doctor en Sociología. Universidad del País Vasco-Euskal Herriko Unibertsitatea

El propósito fundamental de esta ponencia es presentar de manera sinóptica algunos de las coordenadas argumentales y tramas narrativas que, en la actualidad, están vertebrando la controversia epistemológica sobre una eventual e inédita transformación en la autognosis corporal y en la percepción de la realidad a partir del avance de sistemas de convergencia artificial mente-máquina (BCI) y de tecnologías de intervención directa sobre localizaciones y conjuntos de conexiones sinápticas y circuitos neuronales del cerebro (neuromodulación artificial). Desde esta perspectiva, se considera que los progresos en ciertos campos de la neurotecnociencia de vanguardia como la neuroingeniería o la neurobiotecnología (implantología neural, reprogramación de circuitos neuronales mediante optogenética, desarrollo de dispositivos neuromórficos, cerebroides de laboratorio, etc), poseen el efecto de suscitar un “convinciente” imaginario especulativo que pone en cuestionamiento, no sólo el

paradigma asociado a la localización de la identidad humana y su consciencia (mente-consciencia) al margen del legado del dualismo psico-físico y antropológico tradicional, sino también el propio estatus ontológico de la realidad. No resulta casual, en este contexto, que se acoja en el seno de corrientes afines al extropianismo (Nick Bostrom, David Chalmers, Barry Dainton, etc.) ciertos planteamientos que alientan la hipótesis fuerte de la simulación o del universo holográfico (puesto a prueba científicamente a través de técnicas de cuadrícula de cromodinámica cuántica) que vienen a determinar la antigua tradición filosófica identificada con el escepticismo gnoseológico y, en la actualidad más inmediata, aquellas posturas que defienden la verosimilitud de un mundo ficcional dentro de una civilización “post-humana” tecnológicamente madura.

Palavras-chave: Neuromodulación artificial, extropianismo, hipótesis de simulación

Tatuagens que curam e ressignificam: o corpo como tela da existência

Ismael Higor Cardoso Duarte (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestrando em Antropologia Social/UFSC

Rebeca de Souza Vieira (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestranda em Antropologia Social/UFSC

A sociedade ocidental contemporânea manifesta um certo grau de dificuldade para a formação da identidade dos indivíduos. Entre eles, os níveis exagerados de consumo e a preocupação com o corpo traz consigo sentimentos de desconexão e inadequação com a realidade material deste, transformando-o em mais um bem de consumo. Se essas questões afetam a sociedade como um todo, o problema aumenta no caso de indivíduos que lidam com traumas. Como por exemplo, depressão, ansiedade, estresse pós-traumático, problemas de saúde em geral e problemas em recuperar a autoestima e a própria identidade. Nesse contexto, a tatuagem aparece como uma alternativa para diversas vítimas, possibilitando que o indivíduo obtenha uma identidade ancorada em si mesmo, e não no evento traumático. Conciliando uma identidade do eu antes, durante e após o trauma em questão, condensando esses elementos em uma entidade única. Assim, a tatuagem permite que o indivíduo construa uma identidade proposital, partindo não apenas do que é como também do que deseja alcançar. Ao mesmo tempo em que a capacidade de exposição tem seu valor, tatuagens também exercem um valor terapêutico na sua aptidão de esconder marcas e sentimentos. Por exemplo a maquiagem permanente que pode redesenhar sobrancelhas perdidas na quimioterapia. Nesses casos, a tatuagem permite que a identidade da pessoa não seja imediatamente associada a uma marca, a uma cicatriz – aquilo deixa de ser a primeira coisa a ser notada nela –. Vemos, nesse sentido, que tanto ao esconder quanto ao mostrarmos traumas e cicatrizes, a tatuagem é usada como um modo de questionar o conceito de corpo ideal. Ao ter a opção de como lidar com a cicatriz, o indivíduo tem o poder de decidir de qual forma sente que seu corpo parece normal para ele. Sendo assim, a pesquisa propõe o

seguinte questionamento: de que modo a tatuagem pode surgir como uma alternativa para ressignificar traumas, seja uma cicatriz ou uma marca emocional, oferecendo a possibilidade de reconstrução de uma auto-identidade?. Para cumprir os objetivos inicialmente proposto será realizado o procedimento de revisão bibliográfica acerca das teorias socioantropológicas do corpo, assim como da prática da tatuagem, com posterior leitura e delimitação do referencial teórico e epistemológico, com uma abordagem qualitativa, se valendo do método indutivo, analisando vários casos específicos no intuito de corresponder ao estudo proposto pelo problema da pesquisa.

Palavras-chave: Corpo e trauma, tatuagem, ressignificação do eu

Corpo e técnica na antropologia filosófica de Álvaro Vieira Pinto

Frederick C. M. van Amstel (Universidade Tecnológica Federal do Paraná)

Doutor em Design

Rafaela Angelon (Universidade Tecnológica Federal do Paraná)

Em “O Conceito de Tecnologia”, o filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto elabora o conceito de técnica a partir de uma antropologia filosófica que abrange a totalidade do ser humano e seu espaço na história, denunciando as construções de desigualdades que perpetuam a realidade subalterna e precarizada dos países subdesenvolvidos. O autor discorre sobre o desenvolvimento biológico e cultural experienciado pelos seres humanos e revela a dialética entre seus corpos e suas relações sociais. A chave para entender o desenvolvimento cultural é o processo de hominização que explica como os órgãos nervosos possibilitaram ao ser humano criar conexões lógicas subjetivas individuais, gerando um tipo de informação que podia ser transmitida para os demais corpos de acordo com um projeto existencial. A comunicação entre corpos humanos possibilitou o desenvolvimento de projetos existenciais coletivos a partir da formação de corpos coletivos com conhecimentos compartilhados. Enquanto corpos coletivos, seres humanos puderam evoluir materialmente sua existência dominando a natureza e criando sociedades com elaboradas tecnoestruturas. Porém, a técnica em Vieira Pinto é o processo e o resultado material advindo das concretudes do corpo individual e, portanto, pode estar em consonância ou contradição com o corpo coletivo. Assim, o corpo técnico ou tecnificado com frequência aparece como um objeto de disputa política. Nesta ambivalência, Vieira Pinto define o corpo do outro como a primeira máquina projetada pelo ser humano na instituição da escravidão ou na instituição do patriarcado. Primordialmente, a técnica humaniza, faz o ser humano como projeto de si mesmo, porém o emprego da técnica é inerente ao seu entorno. A partir das disputas pelas finalidades dos corpos técnicos e tecnificados coletivamente, revela-se as finalidades políticas dos seres humanos que a contemplam. A técnica pode tanto oprimir o corpo como libertá-lo, dependendo da tecnopolítica vigente, porém, só há avanço no processo de humanização, quando a técnica liberta o corpo das suas opressões

Palavras-chave: Álvaro Vieira Pinto, técnica, corpo, corpo coletivo

## **ST10 Ecologia Política das paisagens mais-que-humanas: cosmopolíticas, alianças multiespécies e práticas de conhecimento**

Pedro Castelo Branco Silveira  
Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj)  
pedrocbasilveira@gmail.com

Emmanuel Duarte Almada  
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)  
emmanuel.almada@uemg.br

No seu anúncio-denúncia xamânico, Davi Kopenawa nos alerta que “os brancos dormem muito, mas só conseguem sonhar com eles mesmos”. É um convite para alargarmos nossos modos de existência e práticas de conhecimento, proliferando alianças com os demais viventes dos mundos mais-que-humanos que coabitamos. Este seminário pretende agregar debates sobre paisagens produzidas pelo entrelaçamento de modos de habitar, sobre a produção de paisagens em diferentes regimes cosmopolíticos e sobre os efeitos paisagísticos da diversidade de práticas de conhecimento. Partimos do pressuposto de que a resultante dos modos de viver tornados hegemônicos pelo projeto da modernidade produz precariedade e paisagens simplificadas, como parte do que vem sendo chamado, entre outros nomes, de Antropoceno. Pretendemos, assim, reunir trabalhos que abordem devires de uniformização, regeneração e diversificação de paisagens. Interessam os modos de viver produzidos a partir da instalação de empreendimentos de agronegócio, mineração e infraestrutura, da disseminação de espécies invasoras, dos desastres e dos efeitos de mudanças climáticas. Interessam, por fim, a eco-anthro-política das paisagens florestais e aquáticas, das paisagens indígenas e de povos tradicionais. Esperam-se contribuições inspiradas em redes sociotécnicas, etnografias multiespécies, malhas relacionais, cartografias contra-hegemônicas, ecologias não-deterministas, pedagogias descolonizadoras, ativismos artísticos, entre outras perspectivas.

Palavras-chave: paisagem, ecologia política, antropologia mais-que-humana, pluriverso

## **Sessão 1: Ecologias políticas da água + diálogos multiespécies**

Debatedor: Thiago Cardoso

Entre tentáculos e braços: o despertar da atenção para novas histórias e laços

Natália Bristot Migon (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestra Profissional em Práticas em Desenvolvimento Sustentável / UFRRJ

Renata Tomaz do Amaral Ribeiro (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestra em Desenvolvimento Rural / UFRGS

Situado no campo dos estudos que compreendem a “virada multiespécie” e a “virada ontológica” nas ciências sociais, este trabalho tem como questão central a reflexão sobre os modos de se fazer ciência, dando atenção a perguntas que possibilitem conhecer histórias de involução/coevolução e, assim, quem sabe, contemplar outros laços entre humanos e não humanos. Desse modo, em um contexto de desafios e oportunidades, convivências e ausências despertadas pelo isolamento domiciliar em contexto pandêmico, uma bióloga e uma cientista social, instigadas pela complementaridade de olhares e pelos estudos emergentes da quebra da dicotomia entre natureza e cultura, trocam o perceber pela atentividade, resultando em uma reflexão sobre a ciência e as relações entre natureza e cultura, humanos e não humanos e outras possíveis histórias. Tomamos como ferramenta um documentário audiovisual sobre um(a) polvo – no qual o cinegrafista (inspirado nos autóctones do deserto do Kalahari, que entram “na ciência sutil da natureza”) mergulha e compõe, por instantes, a floresta tridimensional de algas – e empregamos revisão bibliográfica para o desenvolvimento da reflexão. Os resultados dessa abordagem mostram os ganhos de elaborações provenientes do enlace entre tentáculos e braços e das práticas multidisciplinares, que, no contexto dos emaranhamentos entre humanos e não humanos, despertam sutilezas que potencializam a quebra de dicotomias. Afinal, com atenção e tato é possível formular perguntas que possam revelar histórias que propiciem, além da transmissão de fluxo gênico, a contemplação de afetos capazes de garantir a valorização de narrativas que contem quem são esses sujeitos não humanos e quais são as suas muitas formas de se relacionar. Refletimos sobre os relacionamentos (entre humanos, não humanos ou interespecíficos) como sendo transformadores e, portanto, inimigos do projeto de “escalabilidade”, isto é, da noção hegemônica de progresso, expansão e colonialidade/bicolonialidade.

Palavras-chave: relações multiespécies, virada ontológica, ecologia da atenção e do tato, escalabilidade

Novas paisagens aquáticas: plantações de peixes e colheita de commodities para um capitalismo tecnocientífico

Elisa Oberst Vargas (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestre em Antropologia Social (UFRGS)

A aquicultura é considerada a cadeia de produção animal que mais cresce no mundo. No Brasil ela vem prosperando nos últimos anos em meio a uma crise econômica e sanitária, mas principalmente através de políticas de governo neoliberais promovidas por um chefe de Estado notoriamente contrário às pautas ambientais. O trabalho que pretendo apresentar aqui baseia-se na pesquisa de Doutorado em andamento, na qual venho mapeando a atuação da aquicultura como o novo braço do agronegócio brasileiro: espelhando-se nos outros setores do agronegócio, ao mesmo tempo em que busca novas estratégias e formas de atuação. Através de uma etnografia multiespécies, busco compreender como os animais aquáticos são capazes de garantir lucro e competitividade de mercado em um mundo capitalista. Aqui a água não é mero ambiente desengajado, uma paisagem inerte onde deposita-se animais com potencial agentivo. Ela é em si um ator capaz de garantir a sobrevivência dos animais, tanto quanto dos mercados: a água também é capaz de promover alianças entre o mercado do agronegócio e o das hidrelétricas, quando passa-se a criar peixes de cativeiro em reservatórios das usinas. Desta forma, é partindo do questionamento de quais mundos que a água e os animais são capazes de forjar, e como essas plantations aquáticas conformam esses animais em commodities, que o trabalho em questão se situa.

Palavras-chave: Aquicultura, etnografia multiespécies, plantationceno

Em busca de nascentes: narrativas sentipensantes com a água como potência para imaginar mundos

Rafael Nogueira Costa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutor em Meio Ambiente (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ)

Bruno Vilela Vasconcelos (Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Graduando em Ciências Biológicas (UFRJ)

Rios, mares, chuvas e trovões. Ciclagens e fluxos. Hidrata, refresca e limpa. Berçário, substância vital. Poluição, desperdícios e escassez. Disputas e conflitos. Histórias e memórias: água. Por meio dessa fluida mistura de essências e problemáticas, o projeto de pesquisa/extensão imaginamundos, vinculado ao Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade da UFRJ em Macaé, tem como desafio um convite para sentir e pensar a água, encontrar seus sentidos e significados, a partir de fluxos narrativos. O nosso imaginário é como um rio que

nasce limpo, cristalino e percorre caminhos, podendo ser contaminado ao longo de alguns percursos. Uma imaginação poluída e retilinizada pode ser atribuída ao processo de criação do sistema-mundo capitalista moderno/colonial (Grosfoguel 2008) que submergiu e afundou ontologias e saberes metodológicos com a natureza. Os conhecimentos tradicionais e populares, que Nego Bispo (2015) chama de orgânicos, brotam da terra como nascentes. Já os conhecimentos que exploram a natureza, ou seja, sintéticos (Santos 2015), consideram a água como um “recurso hídrico”. Nesse curso, a água vira mercadoria (Kopenawa; Albert 2015), é dominada, engarrafada, histórias são suprimidas. Realidades imersas em injustiças ambientais, como a contaminação de corpos hídricos, reduzem a sociobiodiversidade. Desse mergulho surge a questão: Como ouvir, ver, sentir e imaginar a “pedagogia da água”? Nas correntezas dos rios, é possível percorrer por diferentes dimensões, sejam elas culturais ou naturais. Uma gota conta infinitas histórias. É esse tipo de suspensão do imaginário que admite construções coletivas e confluentes (Santos 2015) para repensar, e re-sentir, caminhos que configuram a relação entre memórias e conflitos. Imersos em uma crise hídrica planetária também em contextos locais, navegaremos pela Bacia Hidrográfica do Rio Macaé. As disputas pela água exigem outras perspectivas que ativem o imaginário (Costa et al. 2021) e suas cartografias (Sato 2011). O fluxo do rio é um convite para propostas sensíveis em cruzo (Junior 2018) com múltiplos saberes coletivos e com a expansão da imaginação. Compreender a hidrosfera também como conjunto de memórias que abarcam diferentes narrativas sobre, e com a água, permite a construção de uma reconexão eco-antro-política sentipensante, pensando-a também como território. Portanto, encontraremos nas águas um potencial reservatório de histórias que contribuam para a construção do imaginário social coletivo?

Palavras-chave: nascentes, fluxos narrativos, pedagogia da água, saberes coletivos, imaginário

Devir-fungo

Melanie Theresia Peter (Universidade Federal do Amazonas)

Mestranda em Antropologia

Uma insurreição fúngica está em curso e ameaça o embrutecimento e a mecanização dos modos de produzir conhecimento. Outras maneiras de fazer são permitidas. Aposto, apoiada em Anna Tsing, no mutualismo e na “imersão apaixonada na vida dos não humanos que estão sendo estudados”. Nos subterrâneos, nas ruínas, enrolados em raízes, em paisagens devastadas, nos cantos úmidos das malhas viventes, junto e dentro dos corpos, nas telas e nos livros, os micélios correm. Eles estão virtualmente em todos os lugares, produzem efeitos plurais; seguem encontrando alteridades, criando solo, consumindo manchas de óleo, transformando insetos em zumbis, embalando viagens psicodélicas, fermentando bebidas, reciclando as sobras da floresta ou da inconsequência humana, escrevendo e reescrevendo as histórias das bordas. Ensinam algo sobre o poder da contaminação, das simbioses e da permanência da vida até mesmo onde a morte já foi decretada. A comunicação aqui proposta coloca em relação temporalidades, fluxos

e fragmentos de mundo a fim de horizontalizar um pensamento “miceliar” a partir de mundos que se perdem ou se transformam, apetites/oportunismos fúngicos e recipientes. O conceito de recipiente vem de Elisabeth Fisher, “Carrier Bag Theory of human evolution”, retomado por Ursula K. Le Guin em *The Carrier Bag Theory of Fiction*. O percurso da fala passará pelo corpo/recipiente/receptáculo acometido por mucormicoses, infecções fúngicas associadas à COVID-19 e também por Ötzi, o homem do gelo (morto a pelo menos 5300 anos), que trazia consigo uma cesta dentro da qual foram encontrados exemplares do fungo *Fomes Fomentarius*. Dos fungos dentro da “sacola” parto para os rizomorfos do Perisi, o fungo que compõem o recipiente (as cestas tecidas pelas mulheres Yanomami) e para a reelaboração dos mitos em torno da coleta desse fungo. As relações transbordam até as quinze espécies de cogumelos coletados para comercialização, em cestas, pelo subgrupo Sâmoa, na região de Awaris - ambiente ameaçado pelo garimpo. Encerro com reflexões Ingoldianas em torno da cesta de coletas como um recipiente cuja malha é cheia de espaços pelos quais os esporos podem vazar por todos os lados e em torno da coleta ou “caça” de cogumelos como uma técnica corporal que remonta porém se difere da caça de animais pois inclui histórias emocionantes, fontes de proteínas, trilhas de vida, esporos dispersos pelo caminho, novas alianças e possibilidades poéticas de habitar o mundo em ruínas.

Palavras-chave: multiespécies, fungos, novas alianças

Área X: assombrações do Antropoceno no médio Tapajós

Carlos Calenti (Universidade Federal do Amazonas)

Doutorando em Antropologia Social (UFAM)

Na sua trilogia de livros *Comando Sul*, o romancista Jeff Vandermeer cria um acontecimento chamado Área X. A Área X é como uma contaminação territorial, uma paisagem de fenômenos estranhos que vai se expandindo lenta mas constantemente a partir do sul da Flórida. Nos três romances, diferentes agentes (uma bióloga, um servidor público, uma antropóloga etc.) se empenham em tentar entender a expansão sem sentido aparente desse evento selvagem. Vandermeer, em um ensaio sobre as obras, liga o fenômeno ao Antropoceno, ambos sendo objetos muito complicados para serem entendidos em sua totalidade, adquirindo, assim, uma característica assombrosa, inquietante. Nesse sentido, ele acredita que a ficção estranha pode fornecer um entendimento mais visceral do Antropoceno.

Continuando meu projeto de friccionar a antropologia com a ficção especulativa, nessa apresentação procurarei relacionar a expansão da Área X, que Vandermeer liga ao vazamento de petróleo no Golfo do México, à expansão das práticas extrativistas na região do médio Tapajós, seja a mineração que contamina o rio, ou a construção de ferrovias, estradas e portos para o escoamento de grãos, ou ainda a assombração das hidrelétricas que ronda a região. Aposto aqui na capacidade da ficção de visibilizar certos fenômenos a partir das afecções que

mobiliza. Nesse caso, a articulação de uma paisagem contaminada.

É claro, uma paisagem contaminada na verdade são todas as paisagens. Anna Tsing fala de perturbações lentas para pensar as formas com que perturbações mútuas produzem habitabilidades multiespecíficas. A própria ideia da Área X parece ciente dessa ambiguidade da contaminação, sendo menos um fenômeno modernizador (usando aqui a carga negativa da palavra), como no Tapajós, e mais um do tipo asselvajante, produzindo paisagens indomáveis – e, é necessário dizer, hostis à seres humanos.

Precisamente por seu caráter múltiplo, a ficcional Área X me parece interessante para pensar nas assombrações do Antropoceno que rondam essa região do Tapajós. Pois certas contaminações são, de fato, horripilantes, destruidoras, capazes de extinguir formas de viver. Vandermeer delinea isso através do horror cósmico (característico das ficções estranhas), permitindo que façamos essa conexão com os horrores capitalistas que se expandem na paisagem tapajônica. Mas ela também nos permite pensar em outro tipo de contaminação, que, nas ruínas capitalistas, possa produzir paisagens mais afeitas às vivências múltiplas.

Palavras-chave: ficção especulativa, paisagem, Área X, Antropoceno, médio Tapajós

## **Sessão 2: Socialidades que produzem paisagem**

Debatedora: Karine Narahara

Regenerando vidas: paisagens indígenas na costa Atlântica do Nordeste

Thiago Mota Cardoso (Universidade Federal do Amazonas)

Doutor em Antropologia Social (Universidade Federal de Santa Catarina)

Susana de Matos Viegas (Universidade de Lisboa)

Doutora em Antropologia /Universidade de Coimbra

Numa região fustigada por processos violentamente contrários aos povos indígenas, como é o caso do Nordeste brasileiro, onde o legado colonial inclui ambos o genocídio e o ecocídio, a existência de paisagens indígenas representa, por si só, um fenômeno de resiliência de longa duração. Nesta comunicação sublinhamos como estas paisagens emergem, tanto a partir de processos persistentes de resistência ao modelo moderno de territorialidade e produção de paisagens cercadas, monoculturais e mononaturais, como a partir de historicidades que escapam à própria matriz historiográfica. Nos propomos delinear os contornos de perspectivas etnograficamente situadas sobre a noção de regeneração, no sentido de renascimento da vida e também como recuperação de algo que foi arruinado ou como ressurgência da vida após transformações, perturbações ou desaparecimentos. Iremos nos focar na região específica da costa atlântica, sublinhando o seu esteio de regeneração da vida. Os casos dos Pataxó e dos Tupinambá no sul da Bahia com quem trabalhamos há longa data revelam vivências, saberes e

projetos de mundo bem diferentes daquelas que a modernidade associou ao Atlântico. Pontuaremos como se deram as temporalidades da sobreposição/justaposição/acúmulo para entender o entrelaçamento das histórias destes povos indígenas pelo lugar de pertença com outros humanos e não-humanos numa determinada paisagem/território. Trata-se de um esforço de encarar um novo estágio no desenvolvimento de investigação sobre os povos indígenas no Nordeste, na compreensão das formas de habitar e se engajar na história e no ambiente, conformando paisagens únicas e ecologias políticas resultantes de projetos de vida diferenciados.

Palavras-chave: paisagens indígenas, nordeste, regeneração, antropologia da vida

Paisagens em festa no Sudoeste Amazônico

Marcos de Almeida Matos (Universidade Federal do Acre)

Doutor em Antropologia Social (Universidade Federal de Santa Catarina)

Beatriz de Almeida Matos (Universidade Federal do Pará)

Doutora em Antropologia Social (Universidade Federal do Rio de Janeiro - Museu Nacional)

A comunicação propõe algumas ideias para a compreensão das formas pelas quais um “cosmopolitismo” ameríndio compõe paisagens/terras/territórios no sudoeste amazônico, partindo de uma análise etnohistórica do caso Manxineru (habitantes das margens do alto rio Iaco, falantes de uma língua arawak) e Matses (habitantes da bacia do rio Javari, falantes de uma língua pano). Festas ou rituais como o ihinika paumari, as festas de iniciação feminina no médio Purus e entre os Arawak do baixo Urubamba, o coidsa madiha, o tamara wari, os hori kanamari (ou os kohana, quando os -tawari visitantes são espíritos), os ritos de katxanawa e de caçada especial entre os Pano do alto Purus e os ritos de visita dos espíritos entre os Pano do vale do Javari, ou o yankwa Enawene-Nawe, podem ser pensados parte de um grande mosaico cosmopolítico, onde afins potenciais ou parentes ritualmente “afinizados” seriam recebidos propriamente e transformados em onças, queixadas, espíritos, plantas e etc ( e vice e versa). O caráter geral desses festivais pode ser atestado pela leitura das etnografias sobre povos indígenas que vivem entre os cursos do alto rio Purus e do alto rio Javari e os seus principais afluentes, solo etnográfico de onde partimos. Amparados pela análise comparativa do que podemos chamar de “rituais de visita”, sugerimos pensar os chamados “subgrupos” da região (conceituados então como “conjuntos” que são parte de “conjuntos de transformação”) como funções (perspectivas) assumidas nesses encontros ou festivais, e buscaremos refletir como tais festivais participam na composição das terras/paisagens, lugares de relação e lugares de moradia. Por fim, esboçamos um contraste entre essas formas de fazer paisagem-floresta e as formas de produzir uma economia-mundo cujas heranças locais são as alterações climáticas e a savanização simplificadora.

Palavras-chave: cosmopolítica, paisagem, territórios, Sudoeste Amazônico

Bacia hidrográfica torna-se palco cenográfico: mimese e improvisação entre ribeirinhos e demais espécies.

Pâmilla Vilas Boas Costa Ribeiro (Universidade de São Paulo)

Doutoranda em Antropologia

A proposta dessa comunicação é abordar o engajamento dos ribeirinhos do Alto-Médio São Francisco com o rio, a lagoa, os encantados, as plantas e outros seres não humanos numa ecologia afetiva que compreende o ambiente como potência de criatividade e improvisação. Nessa ecologia afetiva, a bacia hidrográfica torna-se palco cenográfico e as “imitações no rio” (Valu, 2020) podem ser pensadas como um processo mimético de relacionalidade em que é possível tornar-se outro através da diferença. Esse impulso afetivo revela as afinidades, rupturas, enredamentos e repulsões entre organismos que inventam novas maneiras de viver juntos. Isso se expressa no movimento das ilhas de taboas na lagoa mãe dos pobres, em vias de desaparecimento, por causa das sangrias provocadas pelos fazendeiros e latifundiários da região. Ao abordar o movimento das taboas, o ribeirinho Olímpio Gonçalves oferece uma visão que percebe a potência de criatividade e improvisação na dança das ilhas que se deslocam de acordo com o vento. “Não é igual as ilhas permanentes do rio, na mesma hora que ela está aqui, já está lá. Já ficamos ilhados, ela espreme a gente. Ela anda igual nós tá andando. Se tiver ventando ela anda e leva as redes” (Olímpio 2020).

Tudo muda ao mesmo tempo em que deixa seus vestígios. Existe sempre um fio que puxa a trama dos acontecimentos. É na fluidez das ilhas andantes que os ribeirinhos guardam a raiz dos acontecimentos dos habitantes que conviveram com a lagoa encantada. Elas podem fechar os caminhos e fazer você se perder. Podem imitar uma outra paisagem e fazer os ribeirinhos "variarem" em suas águas. Além de serem as "chefes" da lagoa, são as guardiãs da memória e dos fragmentos do passado prestes a cair no esquecimento e que, hoje, se materializam nos nomes das ilhas (ilha do sapato, ilha da martinha, ilha da onça, ilha do joventó, corredor dos dourados etc). O seu movimento segue o padrão dos ventos, mas elas podem surpreender esse próprio padrão, apontando para a potência de improvisação das paisagens multiespécies.

Palavras-chave: ribeirinhos, improvisação, ecologia afetiva, relações multiespécies

O conceito de povo e seus modos de existência na cosmopolítica afro-brasileira

João Daniel Dorneles Ramos (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutor em Antropologia Social (UFRGS), Pós-Doutorando em Antropologia Social (UFRGS)

Os coletivos afrorreligiosos agregam, em suas relações, uma diversidade de entes, tais como orixás, plantas, animais, espíritos, substâncias, entidades e humanos, constituído-se em uma forma ética e política na qual são cruzadas diversas experimentações de pensamento e práticas de vida. O que se estabelece como religião afro-brasileira vai mais além da “crença” e, mesmo, da própria noção de “religar”: são modos de existência humanos e extra-humanos, em constante interação multiespecífica e pluriversal. Porém, como argumentam vários/as autores/as, o elemento religioso é uma importante estratégia para a continuidade e, certamente, para as formas de resistência, desses coletivos. O que evoco, neste sentido, é a possibilidade de compreensão ampliada de uma territorialidade existencial e de uma episteme afrocentrada, presentes no saber-fazer ancestral afro-brasileiro e que não estão, apenas, alocadas aos atributos humanos. Assim, espaços que estão para além dos terreiros de linha cruzada são pontos de força: ao entrar na mata, por exemplo, deve-se pedir permissão para Oxóssi (orixá da caça) e para todo povo que ali mora; nas encruzilhadas, estão as entidades do povo da rua; nas cachoeiras, praias e mares, há o povo das águas. A etnografia foi realizada entre 2010 e 2019, junto a dois terreiros: o de Mãe Irma d’Oxum, o Centro Espírita Umbandista Reino de Oxum e Ogum Beira-Mar e Seguidores do Sete Encruzilhadas, localizado no município de Mostardas, litoral-médio do Rio Grande do Sul, e o de Mãe Jalba da Iansã, o Ilê África Reino de Iansã e Xangô, Iemanjá e Bará e Seguidores do Sete Encruzilhadas, situado na cidade de Rio Grande, sul do estado. Nessa comunicação, aponto a concepção êmica de povo, enquanto atuação, relação e presença de diferentes existentes, como pretos-velhos, caboclos, pombagiras, exus, orixás, santos/as, ibejis, eguns, entre outros, buscando refletir acerca de alguns caminhos que esses coletivos operam ante o Capitaloceno.

Palavras-chave: antropoceno, religiões de matriz africana, territórios existenciais, cosmopolítica

Remundiar ou Fabular um povo por vir com as educações (ambientais) que emergem das alianças afetivas multiespécies tecidas pela Rede Nacional de Pontos de Cultura e Memória Rurais

Laís de Paula Pereira (Universidade Federal Fluminense)

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense

Ailton Krenak (1992) tece diversas críticas ao projeto moderno capitalista, o qual tenta monetizar, paralisar e generalizar uma rica multiplicidade de existências. Em contrapartida, o líder indígena oferta a maneira do seu povo de criar alianças afetivas, nos convidando a transitar

por diferentes mundos e engendrar alianças mais-que-humanas que evoquem uma certa radicalidade. Um chamado para devir Outrem e remundiar - fazer mundo de outro modo - confluindo interesses em comum que não são os mesmos (Stengers 2015). Um comum capaz de fazer sobreviver narrativas, fazeres e saberes que coabitam uma diversidade de discursos em torno da cosmopolítica, “(...) um movimento do lógos até o phoné, da excepcionalidade humana à animalidade compartilhada” (Fausto 2020: 342). É partindo dessa perspectiva e do desejo de fazer irromper a função fabuladora (Deleuze 1993) que se dá entre os povos da floresta, das águas e do campo - ou seja, dar a ver e ouvir a invenção de um povo por vir que se dá enquanto esses povos tecem alianças afetivas multiespécies -, que evoco para essa escrita a Rede Nacional de Pontos de Cultura e Memória Rurais (RNPCMR). Atualmente a rede é composta por trinta organizações que integram o Programa Cultura Viva e atuam em territórios ameaçados pelos grandes empreendimentos, agronegócio, fechamento de escolas do campo, especulação imobiliária e paralisia na demarcação das terras quilombolas, indígenas e da reforma agrária. Uma rede que se propõe re-existência e que, mais do que ativista ecológica, tem se ativado ecologicamente pelas alianças afetivas multiespécies tecidas nos seus territórios. Desde uma ruptura com os modos usuais com que as questões ambientais vêm sendo discutidas e entendidas na atualidade, proponho uma experimentação dos “pensamentos ecológicos” invisibilizados e desqualificados pelo sistema cientificista-extrativista-industrial mundial. Assim, no encontro com devires-outrem ressaltados pelas linhas de potências das narrativas ecológicas menores proferidas por vozes dissonantes na RNPCMR, busco os vestígios de mundos que os territórios rurais têm produzido a partir dos seus modos de existências singulares e das suas alianças mais-que-humanas. Como o movimento de articulação da RNPCMR tem contribuído para um “remundiar”? Quais paisagens têm sido produzidas pelo entrelaçamento de modos de habitar, ensinar, aprender e fabular mais-que-humanos? Quais educações (ambientais) emergem dessas paisagens tecidas e tramadas pela rede?

Palavras-chave: alianças afetivas, alianças multiespécies, fabulação, educações ambientais, Ponto de Cultura

### **Sessão 3: Manejos e intervenções**

Debatedor: Emmanuel Almada

Quem some com o carbono? Um olhar para as mudas reflorestadas pelos Paiter Suruí (Tupi-Mondé - RO)

Tainá Scartezini (Universidade de São Paulo)

Mestranda em Antropologia Social (USP)

Primeiro tratado internacional a obrigar legalmente seus signatários a comprometerem-se com ações que mitiguem as mudanças climáticas e seus efeitos, o Acordo de Paris tem como

principal meta limitar o aquecimento global a no máximo 2 °C acima dos níveis de temperatura pré-industriais. Por conseguinte, a quantidade de gases de efeito estufa (GEE) na atmosfera, em particular do dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), deve ser reduzida, o que pode ser efetuado de duas maneiras: pela diminuição das emissões, a partir do uso de fontes renováveis de energia e de tecnologias com maior eficiência energética, por exemplo; e pelo sequestro de GEE da atmosfera, seja através de técnicas de geoengenharia, desmatamento evitado ou reflorestamento. Tal cenário viabilizou a criação de um mercado financeiro de compensações de carbono (“carbon offsets”) e um dos primeiros projetos do gênero liderado por populações indígenas foi o Projeto Carbono Florestal Suruí (PCFS). Elaborado pela Associação Metareilá do povo Paiter Suruí (Tupi-Mondé, RO), o PCFS foi um projeto de produção e comercialização de créditos de carbono que se enquadrava na categoria de “Redução de emissões decorrentes do desmatamento e da degradação de florestas” (REDD+) no escopo do setor de Agricultura, Floresta e Outros Usos da Terra (AFOLU), conforme classificação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC). As atividades do PCFS envolveram a coibição da extração de madeira e o reflorestamento de áreas desmatadas na Terra Indígena Sete de Sembro (TISS) através do plantio de mudas de árvores, em sua maioria espécies da família Arecaceae (família das palmeiras). Embora atualmente pausado por conta do avanço extrativista na região, o projeto gerou 299,895 compensações de carbono certificadas entre 2009 e 2014. Isto posto, em diálogo com a virada vegetal e os estudos multiespécie, este trabalho almeja pensar sobre as mudas selecionadas para o reflorestamento e as alianças interespecíficas que possibilitam. Que tipo de relação entre humanos e vegetais a experiência do reflorestamento cria? Seriam elas registros paisagísticos do valor paiter da lentidão? E como tais plantas, cujo ciclo de vida é perene, conferem ritmo e movimento à vida dos Paiter?

Palavras-chave: mudanças climáticas, créditos de carbono, relações ecológicas, estudos multiespécie, Paiter Suruí (Tupi-Mondé - RO)

Sobre o açaí no lago Capanã Grande/AM: relações sociais e circulação de significados e valores em uma cadeia de tradução

André Segura Tomasi (Universidade de Brasília)

Mestrando em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural (PPG-MADER/ UnB)

Mônica Celeida Rabelo Nogueira (Professora Adjunta Universidade de Brasília - UnB)

Doutora em Antropologia / UnB)

O modo de vida coletor ligado ao extrativismo vegetal sustenta relações em torno da vida comum entre espécies há milênios. Humanos e plantas criam espaços de coabitação em torno de paisagens repletas de marcas de um passado mútuo e interacionista, manifesto na longa duração pelo vestígio vivo de arqueologias, histórias, mitos e filosofias de coexistência. Parte desta interação com o mundo consiste na coordenação de grupos e sociedades aos diferentes

ciclos das plantas. A relação humanos e plantas, distribuída em variações culturais diversas pelo globo, suscita interpretações diversas sobre a física e metafísica (ontologias), as regras (epistemes) e o ritmo (repetição) do mundo. A sazonalidade rítmica das plantas, para o nosso caso do açaí solteiro (Euterpe precatória), marca os tempos da vida em sociedade e os arranjos de associação entre pessoas no lago do Capanã Grande, sul do estado do Amazonas. A venda pelas famílias e grupos extrativistas aos comerciantes da região faz com que o açaí deixe de ser apenas parentesco e aliança. O fruto quando vendido passa por sua ontologia valor-preço, associada à sua tradução econômica. O açaí é algo que carrega e circula significado, em descontinuidades e continuidades de interações que o requalificam a cada salto ao longo da cadeia de tradução. A ontologia e semântica culturalmente localizada (expressa por práticas, rotinas, domínios técnicos, representações simbólicas e de valores) interage com os fluxos multi escalares de demanda por alimentos e commodities (mercados, estoques, contratos, indústria de transformação e consumo). Compreender como as sociabilidades florestais culturalmente localizadas interagem com o valor-preço, emulando modalidades de associação entre pessoas, é interpretar as várias traduções que conferem valor ao fruto ao longo de uma cadeia de dupla afetação entre pessoas e plantas. Trata-se de reconhecer um percurso de significados a partir de interações que, para o nosso caso da pesquisa inclui, de um universo de possibilidades de tradução sobre o açaí, o seu valor-reciprocidade e o seu valor-preço. A hipótese formulada diz que a coleta sazonal do açaí desvela um repertório local de reciprocidade = {combinações e prestações (parentesco, aliança e trocas comerciais)} que mobiliza rotinas e práticas sazonais para a coleta e venda do açaí, que possibilita a circulação do fruto por múltiplos circuitos e sistemas de valoração/ significação, mobilizando ontologias, valores, modos de vida e trabalho

Palavras-chave: açaí, extrativismo, reciprocidade, cadeias de valor, tradução

Sistemas de socialidade mais-que-humana nas pescas de cerco de arrasto de praia e cerco fixo flutuante na Praia do Pântano do Sul, em Florianópolis/SC

Beatriz Demboski Búrigo (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestre em Antropologia (UFRJ/Museu Nacional)

A Praia do Pântano do Sul está localizada no extremo sul da ilha, em Florianópolis. Nela, resiste uma das maiores comunidades pesqueiras de Santa Catarina, formada por mais de 200 pescadores artesanais (ou camaradas) e suas famílias. A constituição de sua paisagem é marcada pela sazonalidade de duas técnicas de pesca bastante importantes para a comunidade, a pesca com o cerco fixo flutuante e o tradicional cerco de arrasto de praia. Essas duas técnicas de pesca implicam, cada qual, um sistema particular de socialidades mais-que-humanas, complementares no aspecto da composição da paisagem e comparáveis em seus funcionamentos. Enquanto na pesca de cerco de arrasto de praia a espécie alvo são as tainhas (*Mugil liza*), na pesca com o cerco fixo flutuante a principal captura é o peixe-espada (*Trichiurus lepturus*). Dessa forma, a análise sociotécnica de cada um dos tipos de cerco

contempla, além dos equipamentos e da organização social do trabalho da pesca, essas relações mais-que-humanas: o comportamento de cada espécie e como as armadilhas mimetizam tais comportamentos, as relações de cooperação, competição, oportunismo com outras espécies como botos, baleias, aves e leões marinhos. Já a constituição da paisagem da praia, passa por negociações entre pescadores e suas variadas e sazonais técnicas de pesca com marés, ventos, peixes, outros pescadores e outras pessoas que ocupam a praia por diversas atividades, e negociações econômicas e políticas das quais depende a sobrevivência deste estilo de vida baseado na pesca e da comunidade como um todo. Os pescadores, por dependerem dos saberes locais e percepções do ambiente, atentam para transformações na paisagem que indicam esgotamento tanto da natureza, quanto dos estilos de vida que são cada vez mais subsumidos pela economia global, que os engloba e os prejudica, acabando com diversidades humanas e não humanas. Estas reflexões incipientes partem de pesquisa de campo que está em andamento, no doutoramento em Antropologia Social. Conta com etnografia da comunidade pesqueira e, em aspecto amplo, da paisagem da Praia do Pântano do Sul, iniciada neste ano, seguindo o método etnográfico de imersão, com observação participante conforme as possibilidades em meio a pandemia que vivemos: conversas ao ar livre, com distanciamento e uso de máscara, no ambiente da praia onde acontecem os trabalhos de pesca e as principais relações e trocas constituidoras da paisagem.

Palavras-chave: pesca artesanal, sazonalidade, técnica, socialidades mais-que-humanas

A perspectiva dos Zo'é sobre o que cientistas chamam de “manejo florestal” e sua importância para a conservação biocultural

Leonardo Viana Braga (Universidade de São Paulo)

Doutorando em Antropologia (USP)

Juliano Franco-Moraes (Universidade de São Paulo)

Doutorando em Ecologia

Perspectivas indígenas sobre manejo florestal guiam transformações da paisagem que ocasionam distúrbios florestais, assim influenciando a sucessão florestal. Entretanto, embora avanços ocorreram no campo da etnobotânica indígena, pouco se sabe sobre como povos indígenas descrevem e identificam processos e padrões ecológicos envolvidos na sucessão florestal, de modo que poucos estudos avaliaram o manejo florestal sob a perspectiva indígena. Aqui, apresentamos um estudo articulado entre ecologia, etnologia e, principalmente, a perspectiva zo'é sobre manejo florestal. Os Zo'é, povo indígena que vive no norte da Amazônia brasileira, são praticantes da agricultura, da pesca, da coleta e têm na caça ao macaco-aranha (*Atelles sp.*) uma importante atividade para sua mobilidade territorial. Coletamos informações etnográficas sobre cosmologia, relações sociais, mobilidade e manejo entre eles, e realizamos inventários florísticos em florestas maduras e em áreas de antigos roçados, assim abrangendo

manchas florestais de 9, 17, 28, ~70, ~140 e >140 anos. A análise florística foi realizada considerando-se a classificação da composição florística realizada pelos próprios Zo'é. Mostramos que eles descrevem a sucessão florestal como transformações de relações sociais entre humanos e entre humanos e não humanos, e que reconhecem os efeitos dos seus modos de vida nas mudanças florísticas. Também, mostramos que entendem o manejo florestal como um conjunto de comportamentos a serem praticados com base na moderação enquanto um princípio ético, assim visando uma boa qualidade na promoção de suas relações sociais. Tal promoção ocorre através de transformações florestais influenciadas pela mobilidade dos Zo'é que geram manchas florestais resilientes em diferentes estágios sucessionais, o que resulta em maior diversidade florística. A compreensão do manejo florestal a partir de perspectivas indígenas contribui na avaliação de resultados locais das práticas de manejo sem causar injustiça social. Isto é essencial para respeitar os povos indígenas e evitar que o conhecimento científico prevaleça sobre o conhecimento indígena, assim garantindo a conservação biocultural.

Palavras-chave: povos indígenas, diversidade florística, manejo florestal, conservação biocultural, Zo'é

Abelhas sem ferrão em projetos de reparação na bacia do rio Doce: de serviços ecossistêmicos a conflitos ontológicos

Bianca de Jesús Silva (UNICAMP)

Doutorado em Ambiente e Sociedade - NEPAM/IFCH - Unicamp

Mestra em Ciências Sociais - Universidade Federal do Espírito Santo

Ana Paula Leal Pinheiro Cruz (Unicamp)

Mestra em Urbanismo - PROURB - UFRJ e Doutoranda no Programa Ambiente e Sociedade - NEPAM/IFCH - Unicamp.

Lígia Amoroso Galbiati (Unicamp)

Mestra em Zoologia - UNESP/Rio Claro e Doutoranda no Programa Ambiente e Sociedade - NEPAM/IFCH - Unicamp.

Os rompimentos de barragens de rejeitos de mineração ocorridos nos últimos anos no sudeste brasileiro provocaram uma série de alterações nas localidades atingidas com reverberações nas formas de análise desses contextos. Um dos caminhos possíveis se dá a partir de considerações que derivam do Antropoceno e estão vinculadas à ideia de paisagens em ruínas, na qual emergências, urgências e ressurgências estão impressas nas relações estabelecidas e podem ser vistas enquanto aspectos que compõem o cenário de mudanças e demandas presentes nas ruínas. O texto aqui apresentado tece considerações acerca do rompimento da barragem de rejeitos de Fundão em Mariana/MG, que alterou as vidas, as relações e as expectativas de futuro desde 2015 com o carreamento dos rejeitos de mineração de ferro na bacia do rio Doce. Diante desse

contexto, aponta-se como as implicações do desastre sociotécnico são ampliadas e reproduzidas nas propostas de reparação apresentadas pela Fundação Renova, entidade responsável pela reparação de danos que, inclusive, foi criada em suas formulações sem a participação das pessoas atingidas. O caso em questão está fundamentado nas análises dos documentos e propostas de adoção de abelhas sem ferrão em projeto de reparação em município da foz do rio Doce, no estado do Espírito Santo, e os contornos que essa proposta evidencia. As abelhas, e o trabalho a elas atrelado, são apresentados na implementação do projeto de reparação dentro do eixo de programas socioeconômicos, conduzidos sob demanda econômica voltada para captação de renda. Essa perspectiva encontra-se validada pelo discurso científico centrado no conceito de serviços ecossistêmicos. Assim, aquilo que poderia ser compreendido como uma aliança em divergência entre atingidos, território, abelhas, meliponicultura, assessoria técnica, acaba sendo instrumentalizado por um sistema de mercado focado na noção de pagamento por serviços ecossistêmicos, promovendo uma ontologia-dinheiro. Dessa forma, partindo dos ruídos, problemas e conflitos que serão apresentados pela implementação de projeto com abelhas sem ferrão, levanta-se a discussão sobre o entendimento da Fundação Renova enquanto parte da continuidade dos desastres.

Palavras-chave: desastres, rio Doce, serviços ecossistêmicos, ontologias, conflitos

#### **Sessão 4: Etnografias das paisagens**

Debatedor: Pedro Silveira

O rio no “fim dos tempos”: “entendências” barranqueiras sobre a água e a mudança climática na paisagem Sãofranciscana

Luiz Felipe Rocha Benites (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Doutor em Antropologia Social (Museu Nacional/UFRJ)

Este paper é produto de uma pesquisa em andamento e tem por objetivo expor preliminarmente o emaranhamento do modo de habitar de ribeirinhos do Vale do Alto-Médio São Francisco, também chamados barranqueiros, com as águas e outros entes não-humanos que compõem a paisagem co-construída às margens do rio. O ponto de partida para descrever criticamente esta socialidade mais-que-humana às margens do Rio São Francisco são as “entendências” dos habitantes da Comunidade de Ribanceira, no município de São Romão, em Minas Gerais, sobre as águas em seus fluxos pluviais e fluviais. Imersos na alternância cíclica entre o “tempo das águas” e o “tempo da seca”, que orientam suas atividades de pesca e de roça, os barranqueiros da Ribanceira tem vivenciado fluxos pluviais cada vez menos frequentes e intensos, bem como experimentado o convívio com um rio preocupantemente sem “corrida” que dá cores às narrativas em tons desalentadores sobre a proximidade do “fim dos tempos”.

Palavras-chave: água, socialidade mais-que-humana, rio São Francisco, mudança climática

Observações etnográficas sobre um evento de pescaria coletiva nas ruínas de um grande projeto na Amazônia paraense

Daniel Bustamante Teixeira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutorando em Antropologia / PPGSA-UFRJ

Quando a plantation fracassa, ou quando ela se desloca, o que resta? Esta é uma etnografia de ressurgência, sobre os modos de vida humanos e não-humanos que habitam as ruínas de um grande projeto na Amazônia. Falamos de um dos braços do Projeto Jari, financiado por um magnata norte-americano em plena ditadura militar, em meio a um discurso oficial nacionalista de integração. Abandonado pela empresa em meados dos anos 1980, o projeto São Raimundo deixou apenas ruínas dos grandes diques e antigos campos de arroz que marcam até hoje a paisagem nas margens do rio Arraiolos, e dão uma dimensão de sua grandiosidade. Acompanhei como pesquisador um grupo de pescadores que se deslocaram de Laranjal do Jari até o rio Arraiolos, onde os antigos campos de arroz eram agora lagos habitados por populações de peixes, jacarés, plantas anfíbias e outras formas de vida. Os lagos e os diques abandonados pela empresa, acusados justamente pelo impacto ambiental no tempo de sua implantação, são agora apropriados pelos animais, pelas plantas e pelos pescadores que, tendo crescido na região, desenvolveram um conjunto de técnicas corporificadas, um saber fazer e um saber ver implicados na prática da pescaria coletiva nos lagos do Arraiolos. O trabalho é, nesse sentido, um esforço narrativo e descritivo situado em um contexto ampliado de fechamento de um ciclo de pesquisa. Os dados apresentados referem-se à última incursão a campo, após um período de quatro anos em que moramos efetivamente em Laranjal do Jari. Referimo-nos, já durante a pandemia, aos meses de outubro e novembro de 2020, com ênfase na viagem de canoa pelo complicado trajeto entre o Jari e o Arraiolos, atravessando um antigo canal dragado pela empresa e que vem secando a cada ano. O deslocamento pelo rio com seu ritmo particular e as situações adversas que enfrentamos no trajeto e na pescaria são os rastros que seguiremos e que darão os contornos de uma paisagem multiespécies na qual os pescadores encontram-se enredados. Nas ruínas da paisagem simplificada da plantation emerge a multiplicidade da vida selvagem, para pensar nos termos de Tsing, como exemplos da ressurgência e da diversidade contaminada. Nesse cenário antropocênico, o humano na figura dos pescadores segue atuando na transformação da paisagem de si mesma, não mais como centro ou grande agente financiador de mudanças, mas como nós em uma rede de relações multiespécies. Nosso objetivo neste trabalho é seguir e traçar, ainda que parcialmente, esta rede.

Palavras-chave: ruínas, pesca, paisagem multiespécie, rede, Amazônia

Etnografando paisagens; entre serras e baixões no sudoetes do Piauí

Cristhyan Kaline Soares da Silva (Universidade Federal do Piauí)

Mestranda em Antropologia (Universidade Federal do Piauí)

Este escrito versa sobre a paisagens da região sudoeste do estado do Piauí esta região de cerrado se caracteriza pelo avanço do agronegócio nas últimas décadas. A geografia do cerrado é composta pela geomorfologia característica dos planaltos (chapada), vales e baixões. A chapada possui um solo arenoso, que em sua maioria precisa do acréscimo de nutrientes para o cultivo de monoculturas. Esta parte do cerrado é composta por áreas planas que são permeadas com áreas onduladas, quando, cobertas pela vegetação nativa, apresenta uma mata com árvores de pequeno porte. Nas áreas de chapadas são implantadas as fazendas de monocultura. Já os vales e baixões localizam-se na parte baixa do cerrado, e se caracterizam pela sua umidade e pelos recursos hídricos neles presentes. Os baixões são locais de vivências de povos e comunidades tradicionais que ocupam a região. Tendo a paisagem em seu processo histórico, ecológico e político chamamos atenção para a transformação constante da paisagem, pelas marcas deixadas pela ocupação e pela vivência nos baixões e pelas transformações que se dão por meio da artificialização da paisagem provocado pelas plantations nas áreas das serras. Empreendemos incursões etnográficas na região com intuito de descrever as paisagens da chapada e do baixão. Encaramos a locomoção, o caminhar e o mover-se como práticas etnográficas. Todas as descrições aqui apresentadas são consequência de peripetivas pelos caminhos e trilhas por entre municípios e comunidades da região. Um aspecto importante da composição paisagística da região sudoeste do estado, diz respeito aos caminhos que permeiam toda região. Aprendemos e refletimos com os autores Tim Ingold (2010) e Anna Tsing (2015) que a paisagem é um processo, que conecta várias formas de vidas. Nesse sentido entendemos que a região apresenta um mosaico de paisagens que são ocupadas e vivenciadas de formas diferentes pelos povos e comunidades tradicionais e pelas grandes fazendas de monocultura. Dessa maneira intentamos descrever como essas paisagens são vivenciadas e quais as dinâmicas estão presentes nos processos vitais de cada paisagem. Podemos adiantar para efeito de resumo que as paisagens do baixão e da serra estão conectadas pelos fluxos de pessoas, animais, sentidos e significados que as percorrem.

Palavras-chave: paisagem, etnografia, cerrado piauiense

Maré mosquiteira ou as coisas que a lua faz florescer

Lucas Coelho Pereira (Universidade de Brasília)

Doutorando em Antropologia Social pelo PPGAS/DAN/UnB

Quando a maré começa a crescer – dias antes das luas novas e cheias – pequenos insetos

hematófagos invadem o mangue. Para meus amigos caranguejeiros e para mim – um antropólogo-aprendiz – dias assim eram especialmente difíceis. Levávamos cigarros, repelentes, óleo diesel e fazíamos fumaça com pedaços de mangue morto. Mosquitos e muriçocas têm relação com a maré que, por sua vez, relaciona-se com os ciclos lunares. O vai e vem das águas e as variações da lua ditam ritmos incontornáveis. Neste artigo, reflito como esses movimentos atuam na captura do caranguejo-uçá não apenas propiciando (ou dificultando) o aparecimento das galerias (tocas) desse crustáceo. Minha ideia principal é acompanhar a emergência de insetos hematófagos na constituição de paisagens e práticas intimamente relacionadas às fases lunares e, conseqüentemente, aos fluxos da maré. Assim, inspirado por Anna Tsing, atento aos ritmos das vidas e processos que compõem manguezais no Delta do rio Parnaíba (divisa entre o Piauí e o Maranhão) a partir de engajamentos propiciados pela cata de caranguejo.

Palavras-chave: insetos hematófagos, manguezais, maré, ciclos lunares, pesca artesanal, caranguejo-uçá, etnografia multiespécie

## **ST11 Novas imaginações, outras histórias: especulações sobre capitalismo, tecnologia e ciência**

Catarina Morawska  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)  
morawska-vianna@ufscar.br

Fabiana Maizza  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)  
fabianamaizza@gmail.com

Graciela Froehlich  
Universidade de Brasília (UnB); Instituto Mulheres e Economia (imuê)  
gracielafr@gmail.com

A partir de uma abordagem feminista e generativa ao estudo do capitalismo (Bear, Ho, Tsing, Yanagisako 2015), este ST tem como objetivo aproximar etnografias que, de um lado, descrevam projetos que associam ciência, tecnologia e mercados e, de outro, façam ver experimentos que buscam reagir à "barbárie que se aproxima" por meio de alianças improváveis entre conhecimentos tradicionais e tecnocientíficos (Stengers, 2015). Buscamos aproximar pesquisas em geral apartadas por fronteiras disciplinares - etnografias do capitalismo e/ou da ciência e etnografias sobre modos de vida tradicionais -, procurando atentar para experimentos instáveis, contingentes e inacabados que, ao aliar mundos e práticas de conhecimento das mais diversas, forjam novas paisagens e possibilidades de futuro. O intuito é deslocar o lugar da tecnologia e da ciência como propulsoras unicamente de mercados - cerne do capitalismo tecnocientífico -, bem como tensionar imagens totalizantes do Capital e da Ciência enquanto fenômenos singulares e coerentes. Nos interessa especular em torno da ideia que a Ciência e suas alianças potenciais tomam corpo a partir de projetos divergentes e fragmentados, corporificados também em afetos, encontros para além de humanos, parentescos, negociações, racismos, intersecções de temporalidades divergentes, imaginações de futuro não necessariamente mercadológicas. Assim, convidamos etnografias que procurem "contar outras histórias" (Haraway 2016), em busca de especulações indígenas, quilombolas, camponesas, sertanejas, mais que humanas, ficcional-científicas e outras, que revelem modos de viver que são simultaneamente constituintes e contraditórios ao projeto capitalista, e que ativem imaginações feministas da vida, "futuros próximos, futuros possíveis e presentes implausíveis, porém reais" (Haraway 2016: 136).

Palavras-chave: conhecimentos tradicionais, ciência, feminismo especulativo, capitalismo

## Sessão 1

Águas, bichos e não apenas: desafios em estudos sobre a toxicidade na foz do rio Doce

Eliana S J Creado (Universidade Federal do Espírito Santo/Universidade Federal de São Paulo)

Doutora em Ciências Sociais (Unicamp/UFES)

A poluição marinha é um dos problemas ambientais, nos termos de Hannigan (1995), que prometem ser muito discutidos nesta Década do Oceano, iniciada em 2021. Mais especificamente, interessa-me a toxicidade e a possibilidade de bioacumulação (em organismos) e biomagnificação (em relações alimentares) de metais (Montone, s.d.) - aqui utilizo denominações naturalistas (Descola 2014). A poluição marinha nutre-se de fluxos terrestres-aquáticos e esses fluxos representam e permitem conexões vitais entre humanos e não-humanos, incluindo as relações alimentares (Taddei 2014). Alaimo (2017) reconheceu a importância dessas conexões bem como da circulação das toxinas, que impedem aos humanos imaginar sua própria saúde e seu próprio bem estar desconsiderando outras vidas ou propondo apenas a estratégia de áreas protegidas. Nesta pesquisa, a preocupação com a toxicidade liga-se a um crime-desastre: o causado pela Samarco S.A. e suas parceiras BHP Billiton e Vale S.A. em 2015. Um crime-desastre ligado à mineração e à desregulação do Estado (Creado; Helmreich 2018), bem como a ciclos hidrosociais (Budde; Linton; McDonnell 2014). Não apenas um evento bem demarcado espacial e temporalmente, ele foi construído processualmente (Zhou et al. 2017) e continua a se atualizar. Quanto aos desastres, são muitos os desafios para que sejam evidenciados ou permaneçam relevantes ao longo do tempo. Essa existência pode se dar incompletamente, não sendo reconhecida pela ciência (Taddei, 2020), não sendo politizada (Stengers 2018) ou então sendo apagada (Silva, 2010). Como Silva (2018), Creado e Helmreich (2018) e Araújo (2020) apontaram, pode haver uma desintoxicação simbólica do assunto. Há também a invisibilidade do tema na própria Antropologia (Taddei, 2020). Para esta React, pretendo apresentar os resultados iniciais do meu levantamento sobre artigos científicos que abordam a toxicidade real ou potencial na foz do rio Doce e imediações, publicados em periódicos online desde 2015, junto aos quais efetuo análise de conteúdo. O crime-desastre funciona como um marcador temporal não apenas para os atingidos humanos, moradores da região, mas também para diversas/os pesquisadoras/es (Silva, 2018), incluindo a minha pessoa. Há convergência com o que Harding (2019) coloca sobre a constituição de ciências e sociedades e o que Hannigan (1995) apontou para a constituição de problemas ambientais ao ressaltar a importância da ciência nesses processos.

Palavras-chave: toxicidade, desastres, conflitos socioambientais, relações entre humanos e não humanos

Contranarrativas caiçaras da paisagem: recontando a história da Petrobras no litoral de São Sebastião

Lucas Lippi Silva (Universidade de São Paulo)

Mestrando em Antropologia Social (PPGAS/USP)

Em 2021, completam-se 60 anos desde o início das obras da construção do Terminal Marítimo Almirante Barroso (TEBAR) da Petrobras em São Sebastião, Litoral Norte de São Paulo. A cidade foi um importante ponto na implementação da política econômica desenvolvimentista durante os anos da ditadura civil-militar, o que resultou na sua classificação como Área de Segurança Nacional. No entanto, pouco se sabe sobre os processos envolvidos nessa chegada. Sabe-se, por exemplo, que as obras da petrolífera foram acompanhadas pela pavimentação da BR-101, que serviu como facilitadora da instalação dos oleodutos que ligam a cidade a Cubatão e Santos e intensificou os fluxos migratórios e turísticos para a região. Sabe-se também que, à época, os jornais locais narram a instalação da Petrobras como a chegada do progresso, sem oferecer maiores detalhes sobre o posicionamento dos caiçaras que habitavam o município.

Esta comunicação se propõe a perseguir uma história local sobre esse evento, entender como se desenvolveu, e as maneiras como, aos poucos, a Petrobras passa a ocupar um lugar na paisagem e na memória de São Sebastião. Para isso, lanço mão de materiais produzidos a partir da década de 1960 como parte de minha pesquisa de mestrado em andamento no PPGAS-USP. Entre esses materiais estão conjuntos de jornais, filmes e fotografias, amadoras e profissionais. Somo a esses documentos, relatos orais de caiçaras que vivenciaram a chegada por meio do trabalho de campo. Interessa-me, portanto, questões como: o que é possível saber sobre esse momento por meio do diálogo com a população que vivia ali nas décadas em que a Petrobras se ancorava em solos e águas sebastianenses? O que as encruzilhadas entre história local e história de vida, entre narrativa oral e memória, nos provocam a ver? Quais contranarrativas do desenvolvimento e do progresso esses confrontos produzem?

Quero, por fim, discutir de que modo minha própria trajetória, como alguém nascido e criado em São Sebastião, cujos pais trabalharam na Petrobras durante boa parte de suas vidas, me permitiu travar formas diversas de diálogo com meus sujeitos de pesquisa, frequentemente envolvendo suas relações com familiares e lugares conhecidos.

Palavras-chave: paisagem, memória, petrobras, caiçaras, história de vida

## HOKKAIDO 2041

Mayane Batista (Universidade Federal do Amazonas)

Doutoranda em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas

Laísa Lima (Universidade Federal do Amazonas)

Mestra em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Num futuro próximo robôs de silício viram um problema mundial. Todos os dias, humanos descartam toneladas de corpos robóticos e o planeta se torna um grande depósito de lixo cibernético. Conglomerados se reúnem e dão iniciativa a um projeto denominado “Construindo o amanhã todo de uma vez, em vez de um por um”. Uma convenção que reúne pesquisadoras de pós-graduação de diferentes áreas e de diversas partes do mundo. O projeto NIA, um ser robótico biohíbrido consciente e senciente, da estudante Kaori Lindiwe, é destaque e logo é fabricado em larga escala, no entanto, Kaori descobre que as cópias de NIA são utilizadas para serviços asquerosos, com isso ela reprograma todas as biohíbridos do laboratório para que fujam da redoma, somente um modelo consegue escapar, indo parar em um local desconhecido, uma espécie de outro mundo se abriu diante dos seus olhos, diferentes daqueles da sua programação de fábrica o sistema operacional prevê como falha o não reconhecimento do local e, sua visão computacional se apaga, deixando-a cega. Tateando o úmido solo, fraca sem conseguir se levantar, NIA é encontrada por Sarab, aprendiz de xamã da Vila Hokkaido, para as Hokkaidos só se torna uma xamã quando os espíritos da floresta te ensinam a curar com aquilo que o solo e os habitantes da floresta oferecem. Após apresentar NIA à Ánom, a mulher sábia da vila, está lhe diz que não há cura para o que não é doença. “Sua cegueira não é física, você só ainda não consegue enxergar além do que foi ensinada para ver”.

Palavras-chave: robôs, futurismo indígena, ficção antropocientífica, histórias díspares

Olhando a Terra de cima: tecnologia e capital na produção do agro

Ana Flavia Bádue (City University of New York, The Graduate Center)

Doutoranda em Anthropologia (GC, CUNY)

Desde os anos 1970, o Brasil foi pioneiro em usar dados sobre vegetação e solos produzidos por satélites ópticos para monitorar desmatamento de vegetações nativas. As pesquisas nessa área eram conduzidas sobretudo pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais e por universidades públicas. Nos últimos cinco anos, entretanto, com a expansão de empresas privadas de inovação, como startups de tecnologia, os conhecimentos sobre sensoriamento remoto vêm sendo aplicados para fins comerciais, como na agricultura. Olhar a Terra de cima vai deixando de ser (apenas) questão militar e estatal e vai se tornando um negócio privado. Nesse processo, monoculturas de larga escala são particularmente atraentes para

empreendedores-cientistas que desejam transformar seus conhecimentos em produtos. Como os satélites permitem visualizar vastas superfícies com alto nível de detalhamento, produtores de cana, soja e milho adotam tais tecnologias para saber mais sobre suas terras, e podem fazer isso à distância (Ofstehage 2018). Além dos próprios produtores, instituições financeiras que oferecem crédito agrícola também compram serviços de sensoriamento remoto para acompanhar seus clientes. As tecnologias de satélite, portanto, criam e colocam em movimento toda uma cadeia de pessoas e capitais. Este paper visa explorar esses movimentos a fim de propor uma análise do nexo entre capital e tecnologia que dê conta de seus desejos totalizantes e de suas constantes falências. A partir de uma etnografia de startups brasileiras que desenvolvem tecnologias de sensoriamento focadas no agronegócio, e com base na literatura que defende que o capitalismo é fundamentalmente contraditório, no sentido de que ele se apropria de seu negativo, cria seus próprios antagonismos e age contra eles (Federici 2019; Silva 2019), este trabalho mostra que, ao trazer satélites para a agricultura, empreendedores, investidores, cientistas e produtores rurais compõem um agronegócio que se pretende inequívoco e inescapável (Pompeia 2020). Uma etnografia das tecnologias de sensoriamento remoto, bem como do mercado que estas criam, portanto, dão acesso ao duplo movimento de constituição e tensão do que Harootunian chama de “culturas da abstração (2017). Essa abordagem revela, portanto, que aquilo que é estruturante no nexo capital-tecnologia também é frágil e está sempre na iminência de se romper.

Palavras-chave: capitalismo, sensoriamento remoto, agronegócio

Composições com a "plantation": dilemas de escalabilidade para o desenvolvimento sustentável

Caio do Amaral Mader (Universidade de Brasília)

Doutorando em Antropologia Social / UnB

Este trabalho procura apresentar reflexões em torno de projeto de doutorado em desenvolvimento cujo enfoque teórico é o conceito de “escalabilidade”, tal como postulado por Anna Tsing (2019) para designar o que considera um atributo estruturante do capitalismo desde seus primórdios e que concretizou a máxima “grandeza” como “progresso”. Esse conceito expressa a capacidade de expandir ilimitadamente mantendo inalterados os elementos básicos, o que concretamente significou a criação de economias de escala para maximização dos lucros via homogeneização da produção, sendo a plantation uma das primeiras experimentações de escalabilidade, perpetuando-se através dos séculos. Empiricamente, interessa-me trabalhar com esse conceito a partir da produção da Pimenta Jiquitaia, conhecida popularmente como “Pimenta Baniwa”, que, desde 2013, sob a marca “Arte Baniwa”, vem ganhando notoriedade em círculos de alta gastronomia não só no Brasil, como também no exterior. Produzida pelas mulheres do povo indígena Baniwa, habitante da região do Alto Rio Negro no noroeste amazônico, a pimenta, como um produto comercializável, foi expandida para além do âmbito

local, seguindo uma cadeia produtiva que extrapola fronteiras nacionais, sem, contudo, perder seu valor cultural tanto para esse quanto para outros povos da região que dela fazem uso, desde culinário até ritual. Ao voltar-me para o estudo dos atores que permitem a escalabilidade da produção e comercialização da pimenta, sinto-me provocado a investigar possibilidades de manutenção, e talvez até expansão, da diversidade, contrariamente ao efeito escalável da plantation, para o qual expandir implica inevitavelmente a inalteração de seus elementos nucleares e expurgo do social (Tsing 2019). Avento a hipótese de que essa recente iniciativa pode oferecer pistas de modo a compreender o capitalismo contemporâneo ao potencialmente promover conjunções entre “indígena” e “ocidental” (Blanco e Aguiar 2020) e “local” e “global” (Almeida 1992). Guio-me pelas seguintes questões: como comparar a escalabilidade ao estilo plantation e a de uma iniciativa “indígena sustentável”? Dado que a pimenta é produzida por mulheres indígenas, como os marcadores de gênero e etnia ganham escala, juntamente com a pimenta, nessa cadeia produtiva transfronteiriça e o que isso tem a dizer sobre o capitalismo contemporâneo globalizado em sua interface com diversidades culturais, étnicas, geopolíticas, raciais, de classe, de gênero e sexualidade?

Palavras-chave: capitalismo, plantation, desenvolvimento sustentável, escalabilidade, Pimenta Baniwa

## Sessão 2

“Da próxima vez, fogo!” A propósito de Octavia Butler e o ciclo civilizatório do fogo.

Isabel Naranjo

Universidad Nacional de Córdoba

Doutora em Ciências Sociais (Universidade de Brasília)

A partir do uso e da leitura tergiversada do conceito de desnível prometeico proposto pelo filósofo alemão Günther Anders na sua obra intitulada *A obsolescência do homem* (1956), o presente trabalho propõe uma intersecção entre escritos oriundos da Filosofia e da Ficção científica, permitindo o exercício da função política e cognitiva da imaginação diante da necessidade de uma transformação estrutural do conformismo imposto por uma realidade que se tornou inimaginável. Para tais efeitos acudimos à obra da escritora afro americana Octavia Butler, que no seu livro *A Parábola do Semeador* (1993) ensaia uma visão do destino humano após o colapso socio-ambiental provocado, entre outras coisas, pelo fogo descontrolado avivado por pirômanos usuários de uma substância psicoativa que eleva o prazer na geração e observação dos incêndios. Se o nosso ciclo civilizatório tem sua origem no domínio do fogo entregue por Prometeu à humanidade, é plausível imaginar que o fechamento desse ciclo esteja determinado pela hiperobjetualidade (Morton, 2018) do aquecimento global. É hora então, de evocar a força transformadora da imaginação a partir de uma ficção que ofereça as pautas de uma modesta

reabilitação da terra.

Palavras-chave: ficção científica, desnível prometeico, hiperobjetos, antropoceno, piroceno

Reabrir lugar: espalhando sementes e parentes no Kahu.

Dyedre Alves Pedrosa (Universidade Federal do Amazonas)

Mestranda em Antropologia Social

Neide Imaya Wara Kaxuyana (Universidade Federal do Oeste do Pará)

Graduanda em Licenciatura em História

Os Kahyana coletivo caribe-guianense, habitam desde tempos imemoriais a região do extremo norte do Estado do Pará, na bacia do rio Trombetas (Kahu). Há mais de duas décadas, puderam após um longo exílio em aldeias missionárias, reativar uma extensa rede de parentesco e de alianças para reabrirem e reerguerem alguns de seus sítios históricos: aldeias, roças, acampamentos de caça. Esses lugares e as pessoas estão envolvidos mutuamente em uma malha relacional que os constituem. Como pacto, essa comunicação pretende levar a sério uma reflexão acerca da relacionalidade imersa entre os lugares e as pessoas, o ponto de partida é a reconexão promovida pela transformação das capoeiras (pata), em roças (imoho). Trazemos como relato etnográfico a reabertura de uma aldeia antiga chamada Purho Mitĩ localizada às margens do rio Kahu.

Palavras-chave: redes, multiespécies, lugares ameríndios, Kahyana

Estéticas da catástrofe

Ion Fernández de las Heras (Universidad Complutense de Madrid)

Doutor em Antropologia (Universidad Complutense de Madrid)

Proponho uma especulação em 3 movimentos:

1. Uma constatação filosófica:

Desde que Kant desenvolveu o conceito de “sublime”, a ideia moderna de “beleza” tem ficado unida a certa dimensão escura que deve lhe acompanhar em todo momento, como uma sombra ou reverso; trata-se do “sinistro”. Na obra de arte, o “sinistro” —diz a filosofia estética— “é condição e limite do belo. Deve estar presente em forma de ausência, deve estar velado, não pode ser desvelado” (Trías 1981: 16). Paralelamente, o sinistro, diz Freud, se manifesta com toda a sua força quando a “fantasia” —aquele desejo oculto e proibido— se realiza de forma absoluta. Em suma, a beleza se constitui num limiar condicionado por seu reverso que é, em

certa forma, um desejo reprimido que a destrói quando se torna realidade.

2. Um argumento estético (que será desenvolvido, além de textualmente, por meio de uma série de explorações gráficas que configuram a capa do VIII REACT):

A história da arte considera que a “paisagem” —isto é, o olhar estético sobre um território que pode ser considerado um objeto visual autônomo em vez de um cenário— nasceu na Holanda entre os séculos XVII e XVIII, no mesmo momento em que a ilustração e a industrialização iniciaram a medição e a depredação sistemáticas desse mesmo território. Assim, sugiro que o território virou um objeto potencialmente belo no instante mesmo em que se tornou mensurável e extingüível. Sua destruição sistemática configura então o desejo tecnocientífico oculto que possibilitou 300 anos de estética da paisagem, mas que hoje, finalmente, está prestes a se materializar. O atual tempo das catástrofes, em definitiva, supõe o desvelamento desse desejo sinistro que, enquanto condição e limite estético, põe fim à beleza do território.

3. Um contraponto etnográfico:

Os camponeses do Vale de Araotz (País Basco), conceituam a beleza da paisagem de um modo alternativo. Lá, a dimensão do sinistro parece estar constituída pela possibilidade de que a casa e o bosque peguem fogo. A fantasia do bosque é o incêndio; e a do baserritarra (o camponês), o desleixo. Esta preocupação constante articula a sinistra figura do pirômano, que —como em “O que arde” de Oliver Laxe— quase sempre é um camponês que, além de desleixado, têm um impulso irresistível para o fogo. Nesse contexto, o bosque “belo” —tal e como me foi dito— é aquele que não pode pegar fogo; aquele que se mantém limpo graças ao compromisso ético que o baserritarra assume com o território.

Palavras-chave: estética, sinistro, paisagem/território, experimentação gráfica

Habitar incertezas: modos de problematizar as ciências behavioristas

Camila Montagner Fama (Universidade Estadual de Campinas)

Mestre em divulgação científica e cultural e doutoranda em Ciências Sociais (Unicamp)

O presente trabalho propõe uma torção da abordagem que duas filósofas da ciência, Isabelle Stengers e Donna Haraway, fazem das ciências behavioristas do período pós-Segunda Guerra Mundial para pensar possíveis relações dessas ciências com a cibernética. Formas de habitar as incertezas trazidas pela questão do que podem vir ser as relações entre os organismos e seus ambientes, de modo a não recorrer a sistemas de equivalência que achatem as diferenças unilateralmente, podem ser sugeridos com a recuperação dos modos pelos quais os entraves entre experimentadores, dispositivos experimentais e interrogados se configuraram nas práticas das ciências behavioristas e foram problematizados pelas duas autoras. São ressaltadas as formas como os animais trouxeram para a produção de conhecimento feita pelas ciências behavioristas questões que não estavam previstas. A problematização das ciências behavioristas,

por sua vez, segue pistas sobre como considerar a multiplicidade de afetos, de agências, de mundos que estão em questão, ainda que a proposta não seja partir de um ponto de vista dos animais. A torção proposta pelo presente trabalho vai na direção de pensar como problema os termos de equivalência (como os que colocam, com seus pressupostos, a relação entre organismo e ambiente em termos de comunicação e circulação) que subscrevem a legitimidade que autoriza certos modos de conhecimento se desvencilharem de formas de habitar incertezas em densos emaranhados de relações – congelando transformações, perdas e mudanças que não podem antecipar ou conduzir.

Palavras-chave: ciências behavioristas, multiespécie, comportamento, ciências experimentais

Përisi: considerações sobre possíveis alianças entre mundos divergentes

Mariana Spagnuolo Furtado (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestranda em Antropologia (UFSC), Bacharel em Ciências Sociais (USP)

Em 2019, algumas mulheres yanomami da região de Maturacá, no Amazonas, publicaram um livro no qual apresentam à ciência uma nova espécie de fungo, usado para enfeitar seus cestos. Intitulado Përisi: o fungo que as mulheres yanomami usam na cestaria, o livro é fruto de uma pesquisa intercultural entre integrantes da Associação de Mulheres Yanomami Kumirãyõma e dois biólogos do Instituto Nacional de Pesquisas na Amazônia (INPA) e faz parte da série Saberes da Floresta Yanomami, feita em parceria com o Instituto Socioambiental. Uma característica marcante da publicação está no entrelaçamento de narrativas, o que traz questões interessantes para pensarmos as alianças possíveis entre práticas de conhecimento divergentes. As conexões parciais que emergem daí podem ser potentes, ainda que os conhecimentos atendam a interesses distintos. A proposta de colaboração partiu das próprias Yanomami, no intuito de registrar os conhecimentos das mais velhas e despertar o interesse das mais novas. Além disso, visavam valorizar a cestaria tradicional fora do âmbito da comunidade, uma vez que a venda dos cestos é uma fonte de renda importante face ao garimpo, que no contexto regional ameaça o modo de vida Yanomami. O përisi é apresentado no livro desde a perspectiva das mulheres de Maturacá, mas em diálogo constante com os cientistas do INPA — sem que haja, necessariamente, uma hierarquização entre as formas de conhecer. Ao contrário, são tecidos diversos paralelos entre os pensamentos de uns e outros, fazendo com que a cosmologia yanomami dialogue com a racionalidade científica, mas não se confunda com ela. Ao final, os micólogos descrevem e fazem o registro formal da nova espécie, nomeada *Marasmius yanomami*, como forma de dar reconhecimento e visibilidade aos saberes indígenas. Vemos, assim, um experimento que, repleto de equívocos, abre espaço para a multiplicidade. Seria possível pensar esse diálogo como uma expressão da arte da heterogeneidade de que fala Stengers em sua “Proposição Cosmopolítica” (2018)? Em que medida esse encontro opera uma diplomacia entre mundos? O que isso pode nos dizer sobre a construção de um mundo comum que não apague as diferenças? Partindo da análise do livro e de reportagens publicadas na mídia,

a proposta do presente trabalho é refletir sobre tais questões por meio de uma pesquisa bibliográfica, considerando a impossibilidade atual de estar em campo presencialmente.

Palavras-chave: pesquisa intercultural, conhecimento yanomami, micologia

### Sessão 3

A História da Erva

Ana Lúcia de Oliveira (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestranda em Antropologia (UFSC)

Na esteira dos estudos feministas e das abordagens etnográficas multiespécie e levando a sério a crítica pós-colonial, este trabalho pretende apresentar a história ambiental da maconha, desde o momento em que ela estava limitada a seu ambiente nativo (na Ásia) até os dias de hoje, quando ela se encontra espalhada por todos os continentes, tornando-se a planta mais consumida de forma ilícita no mundo. Tomando, então, essa planta como ponto de partida etnográfico e buscando reunir o máximo daquilo que ela converge em torno de si, pretende-se apresentar uma história enigmática, carregada de mistérios, conflitos e controvérsias científicas. Como uma experimentação etnográfica e um exercício de aproximação entre antropologia e literatura, A História da Erva apresenta um texto onde uma erva conta a sua própria história, ou melhor, a história da relação ancestral que estabeleceu com os seres humanos. Um olhar para os modos de definir das ciências e para os seus processos de classificação caracteriza uma das principais preocupações deste trabalho. Pretende-se, assim, colocar em relação discursos diversos, demonstrando como o debate público foi influenciado pelo conhecimento científico e apontar caminhos contemporâneos para a discussão da temática. Em relação à história brasileira, focando especialmente na chegada dessa planta ao Brasil (tanto por vias europeias quanto por africanas), o texto pretende narrar o processo de proibição no país, apresentando suas controvérsias e argumentando que essa foi uma ação repressiva colonialista e racista, apoiada em produções científicas preconceituosas. A narrativa pretende explorar ainda os efeitos da maconha no corpo humano, seus usos religiosos, terapêuticos e recreativos (sejam eles tradicionais ou modernos) e a sua definição enquanto droga ou remédio, planta de poder e substância psicoativa. Refletir sobre o processo de legalização mundial em andamento e sobre as suas consequências no âmbito nacional também é objetivo do trabalho, bem como atentar para o modo como tudo isso converge no mercado canábico atual, em larga expansão. Acreditando no poder da imaginação, vinculando estética e política, este trabalho aposta na possibilidade de se fazer uma descrição crítica, uma fabulação especulativa, ou então uma ficção científica e com isso ajudar a contar outras histórias. Vislumbra, assim, a possibilidade de se fabricar respostas utópicas ou pelo menos contra-narrativas potentes, derivadas de alianças improváveis.

Palavras-chave: maconha, cannabis, canabis

Interações em rede: ondas gravitacionais e a Antropologia

Wither Favalessa dos Santos (Universidade Federal do Espírito Santo)

Doutorando em Ciências Sociais no PGCS – UFES

A primeira detecção de ondas gravitacionais foi amplamente noticiada em 2016 e, para muitos pesquisadores, representa um grande marco para a ciência contemporânea, comparável aos feitos de Galileu. As ondas gravitacionais são previsões da Teoria da Relatividade Geral de Einstein, segundo as quais o espaço-tempo passa a ser descrito como uma entidade dinâmica e o aparato de detecção de ondas gravitacionais está montado de modo a detectar a elasticidade do próprio espaço-tempo. Devido à mudança na qualidade das observações cosmológicas, antes restritas à luz (ou aos fótons), provocada pela detecção das ondas gravitacionais, abre-se novas possibilidades de estudos cosmológicos que nos provocam a investigar as ondas gravitacionais como um potencial sujeito de estudos da antropologia da ciência e um objeto de análise das ligações entre mudanças na compreensão da cosmologia e a ordem social. As ondas gravitacionais podem participar de importantes diálogos sobre a antropologia, o experimento de detecção é sensível a variações do espaço-tempo em escalas subatômicas detectadas na superfície da Terra e provocadas por grandes eventos em escalas astronômicas, como fusões de buracos negros e colisões de estrelas, comparáveis ao efeito de escala na antropologia, onde o indivíduo se apresenta como uma entidade pequena em relação ao todo que se sabe da sociedade.

Palavras-chave: Antropologia da ciência e tecnologia, relação humanos e não-humanos, ondas gravitacionais

"Nós somos a História": criações e circulações entre batuques e xitikis

Helena Santos Assunção (Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Mestre em Antropologia

Este texto propõe uma reflexão a partir da experiência de um grupo de mulheres que se reúnem para dançar, cantar e fazer xitiki (sistemas de ajuda mútua através de crédito rotativo comuns em diversos contextos africanos). A História é o nome deste grupo de tufo (expressão musical-corporal do litoral norte do país) do qual participei, junto às vizinhas do bairro Litine, na Ilha de Moçambique, entre 2019 e 2020. Os ensaios aconteciam duas vezes por semana, ocasião na qual cada sócia do grupo era tchovelada (recebia o dinheiro); as apresentações que ocorriam nos rituais de iniciação de meninos e meninas (mwali), ou batuques, sempre se iniciavam com a canção de tufo que afirmava "Nós somos a História". A reflexão parte de um argumento

presente na literatura feminista africana que se debruçou sobre a prática do xitiki em Moçambique, descrita como redes de solidariedade e reciprocidade femininas (Cruz e Silva 2002; Loforte 2015; Trindade 2015), mas também como uma tecnologia que dá corpo às "consciências antecipatórias do futuro" e aponta para um paradigma econômico pós-capitalista (Cunha 2017). A prática dos grupos de tufo da Ilha de Moçambique pode ser ouvida como uma alternativa, uma possibilidade de contar "outras histórias" - através da criação das músicas que são dançadas pelo grupo - que não se encerram nas narrativas da pobreza estrutural e da vulnerabilidade econômica feminina da região, nem nas narrativas oficiais coloniais ou socialistas. Detendo-me nas criações dessas mulheres, pretendo contribuir para a discussão da prática de xitiki mostrando como os aspectos expressivos, artísticos, bem como o destino dessas apresentações (ritos de iniciação) estão intimamente conectados. Por outro lado, busco argumentar que, se olharmos para os objetos que circulam durante essas práticas, há aspectos que parecem se "encaixar" em certas dinâmicas do capitalismo como a produção/consumo em série. A necessidade de tchovelar (dar dinheiro/prendas a quem performa bem) igualmente todas as pessoas de um grupo faz proliferar, nesses contextos, objetos de plástico de todo tipo, adquiridos nas lojas dos chineses e indianos na capital da região, Nampula. Desta forma, também procuro pensar mais detidamente sobre a proposição do xitiki como uma prática "pós-capitalista", e elaborar algumas especulações acerca da relação entre os grupos de tufo/xitiki e aspectos materiais do capitalismo, que perpassam a vida das mulheres com quem me relacionei na Ilha de Moçambique.

Palavras-chave: Moçambique, dança, iniciação, xitiki, tufo

Encontros estranhos em tempos mais estranhos ainda: o que brinquedos sexuais para plantas e um inseto robótico ensinam sobre imaginação e sobre comparações na Antropologia

Joaquim Pereira de Almeida Neto (Universidade de São Paulo)

Doutorando em Antropologia (PPGAS USP)

Neste artigo, apresentarei uma descrição experimental de dois conjuntos de encontros mais-que-humanos em tempos antropocênicos: (1) o primeiro envolve brinquedos sexuais, plantas, artistas, designers e patrocinadores envolvidos no projeto Plant Sex Consultancy (2014, Pei-Ying Lin, Spela Petric, Dimitris Stamatis e Jasmina Weiss), um projeto artístico que criou uma série de intervenções de design com o objetivo de melhorar a vida sexual das plantas e (2) o segundo, por sua vez, agrupa o RoboBee, plantas, cientistas, designers e investidores ligados a um projeto científico de Harvard, ainda em desenvolvimento, cujo objetivo é criar um inseto robótico que possa atuar na polinização das plantações. Os conjuntos de encontros em questão aqui têm muito em comum: eles dialogam com a extinção acelerada dos agentes polarizadores que está em andamento e, recorrendo a dados e conhecimentos científicos, oferecem um produto tecnológico de design. As diferenças entre eles também são significativas, especialmente quando se trata do reconhecimento de agências não-humanas e das escalas de

investimento e produção que emergem de cada um desses encontros. Tentando ir além dos procedimentos descritivos baseados no contraste e na aproximação - procedimentos que poderiam levar rápido demais à oposições entre arte e ciência, ficção e fato ou criação artística e capitalismo tecnocientífico - e inspirado pelas maneiras específicas como Donna Haraway constrói histórias/histórias materiais-semióticas em *ModestWitness@Second\_Millennium* (1997), desenvolvo um experimento de escrita que, ao invés de refletir, difrata a respeito desses dois conjuntos de encontros mais-que-humanos. O objetivo final dessa descrição experimental é investigar possibilidades de se imaginar comparações antropológicas que escapem da construção de imagens simétricas invertidas produzidas por mecanismos de reflexão.

Palavras-chave: arte, ciência, tecnologia, extinção de polarizadores, comparação

Que outras histórias são possíveis a partir da feira? Uma revisão teórico-metodológica

Renata Tomaz do Amaral Ribeiro (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestra em Desenvolvimento Rural (UFRGS)

Renata Menasche (Universidade Federal de Pelotas e Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Situado no campo dos estudos que emergem da virada ontológica e virada multiespécie, este trabalho aborda uma revisão teórico-metodológica em diálogo com a pesquisa etnográfica realizada entre os anos de 2018 e 2020 nas feiras ecológicas dos bairros Tristeza e Bom Fim, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, que resultou na dissertação de mestrado: "Novidade na feira: um estudo etnográfico envolvendo Plantas Alimentícias Não Convencionais", defendida em 2020, no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Então vinculada à semiótica (que compreende o estudo da cultura como uma ciência interpretativa, que busca os significados), a pesquisa procurou apreender como as/os agricultoras/es de Ipê e do extremo sul de Porto Alegre/RS percebiam as PANC. Foram empregadas, no referido contexto, as seguintes técnicas associadas à etnografia: observação participante, diários de campo e entrevistas abertas junto às famílias rurais/feirantes. Com a intenção de refletir sobre como os sujeitos humanos e não humanos se relacionam e como resultado da disciplina Antropologia, Bichos e Plantas, cursada em 2021, neste trabalho de revisão trazemos alguns trechos da referida etnografia, em que, na colônia em Ipê e nas feiras ecológicas, o pisacan (*Taraxacum officinale*), a goiaba serrana (*Acca sellowiana*) e a batata-crem (*Tropaeolum pentaphyllum*) aparecem como protagonistas de diferentes histórias. Para tanto, buscamos, por meio dos estudos que emergem da superação da dicotomia entre natureza e cultura, olhar para as trocas interespecíficas de forma relacional e simétrica (atentando para a coevolução/involução entre os sujeitos humanos e não humanos); e empregar, na escrita, mudança de vocabulário. Os resultados mostram que, ao olhar com atenção e sensibilidade para as relações interespecíficas estabelecidas entre os

sujeitos, chegamos a outras histórias, em que a agência de sujeitos não humanos sobre os humanos é fator importante do processo de trocas e complementaridade entre as naturezaculturas.

Palavras-chave: PANC, relações interespecíficas, virada ontológica, virada multiespécie

Xenogênese como alegoria do futuro pós-humano: intersecções de tecnologia e ciência na perspectiva afrofuturista e feminista de Octavia Butler

Camila Americano Lanhoso (Universidade de São Paulo)

Doutoranda em Sociologia pela Universidade de São Paulo

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara e mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais

Focalizamos a trilogia literária *Xenogênese*, de Octavia E. Butler, autora de ficção científica, mulher negra que viveu em Pasadena, na Califórnia, epicentro do capitalismo tardio pós-fordista. Escrita no auge da expansão da indústria das ciências da vida, na década de 1980, a trilogia é formada por *Despertar* (1987), *Ritos de passagem* (1988) e *Imago* (1989), e trata da origem do estranho, do desconhecido, do alienígena. Inscrita em um futuro pós-humano, explora temas de interesse da antropologia e da ficção científica, como a intrincada relação entre capitalismo, raça, gênero, deficiência e biotecnologia (Dowdall 2017), inclusive a alteridade enquanto ética da transformação ontológica da relação do humano com o não-humano, o inumano e o pós-humano (Gomel 2014). Sua personagem principal, Lilith Yiapo, desperta 250 anos após uma guerra nuclear ter devastado a Terra. Sob a guarda dos seres alienígenas Oankali, a protagonista tem a missão de despertar outros humanos sobreviventes da catástrofe e (re)povoar o planeta. Os Oankalis são seres híbridos com tentáculos sensoriais, que viajam pelo espaço intergaláctico em busca de outros seres sencientes para a permuta genética necessária à sobrevivência da própria espécie, composta por machos, fêmeas e ooloi (nem macho nem fêmea); objetivam criar uma nova sociedade híbrida, de humanos e oankalis, os constructos. Todos têm a habilidade de decifrar a bioquímica genética, mas somente os ooloi podem manipulá-la para gerar descendentes. Nossa hipótese tem como base os estudos de Gomel (2014) e Dowdall (2017), que entendem a trilogia como uma narrativa sobre o processo de assimilação (neo)colonial, tecendo críticas ao capitalismo neoliberal norte-americano, em que a biotecnologia extrai o (bio)valor e o explora via tecnologias reprodutivas e racismo científico.

Palavras-chave: Octavia Butler, xenogênese, ficção científica, pós-humanismo

## **ST12 Dos Troços aos Destroços: ciências emergentes e saberes ressurgentes no Antropoceno**

Guilherme José da Silva e Sá  
Universidade de Brasília (UnB)  
guilherme\_jose\_sa@yahoo.com.br

Felipe Sussekind Viveiros de Castro  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Marcela Coelho de Souza  
Universidade de Brasília (UnB)

A reconstituição histórica da noção de wilderness – noção cuja gênese remete à imagem pristina de um mundo idealmente desantropizado e que se refletiu em projetos de gestão de naturezas igualmente apartadas – revela como o par “natureza e cultura” tem sido acionado em diferentes abordagens conservacionistas e ambientalistas ao longo dos séculos XIX, XX e XXI. Não é a toa que esta noção ressurgem em tempos antropocênicos como uma panacéia contra o desengajamento coletivo em relação aos fins de mundos, ou ao verdadeiro “ontocídio” ao qual nos submetemos. Se, como diz a música dos tempos de ameaça nuclear, isso é “Só o fim” (Karl Hummel / Gustavo Mullem / Marcelo Nova), cabe buscar registros etnográficos do que virá depois: aquilo que será um começo. Um início outro, distante das hipóteses já conhecidas; afinal, ao contrário do que evoca a ideia de wilderness, nada será como antes... Partimos do debate acerca da imposição do “evento-momento” Antropoceno em seu caráter histórico-político-científico para explorar suas derivaçõesêmicas e éticas na antropologia das ciências e das tecnologias. É nosso interesse receber propostas de trabalhos que mobilizem categorias já instituídas como “capitaloceno”, “plantationoceno”, e outras que emergem do encontro entre a teoria etnográfica e a vivência nos (con)fins de mundo. São bem-vindos relatos de propostas integrativas e colaborativas dos mais diversos matizes. A partir dessas experiências, nossa intenção é que o Seminário Temático se constitua como um mosaico de iniciativas ligadas aos modos – humanos e extra-humanos – de habitar, resistir e compor nas ecologias que surgem sob a sombra do Antropos, do Capital e da Plantation, assim como em projetos que envolvem formas de restaurar ecossistemas degradados e rever a responsividade humana como parte desses ecossistemas. São esperados trabalhos que tematizem a partir de etnografias as relações entre naturezas e culturas, humanos e não-humanos, percepções das mudanças e transformações ecológicas contemporâneas, a artificialização/artefatualização da vida e a produção de natureza, as articulações entre os conceitos de paisagem e memória afetiva, conservação, restauração, rewilding, o turismo rural, “pós-rural” e ecológico, entre outros temas.

Palavras-chave: antropoceno, ecologias, meio ambiente

## Sessão 1

Desafios humanos e não-humanos na reintrodução de animais silvestres: o caso do retorno das antas às matas fluminenses.

Joana Macedo (Refauna)

Doutora em Meio Ambiente (UERJ)

Em cenários alarmantes de defaunação de ambientes naturais, a reintrodução de fauna localmente extinta constitui importante agenda positiva para as ciências da conservação. No entanto, o sucesso das iniciativas de reintrodução é historicamente baixo. Entre os desafios postos está a adaptação de animais silvestres criados em cativeiro para a vida livre, o que inclui a busca por alimentos, reação à predadores e a desvinculação da figura humana como provedora de alimentação, e o compartilhamento da paisagem com a população humana e seus modos de produção. Neste trabalho apresentarei a experiência de “desdomesticação” de antas (*Tapirus terrestris*) em um projeto de reintrodução desse animal nas florestas do estado do Rio de Janeiro e as impressões dos moradores do entorno da área de soltura. Desde dezembro de 2017, quatorze animais foram reintroduzidos na Reserva Ecológica de Guapiaçu, localizada no município de Cachoeiras de Macacu. A relação de pesquisadores, tratador, moradores do entorno e turistas com as antas foram sendo moldadas com os limites e falhas dos equipamentos de monitoramento, as idiosincrasias comportamentais dos animais e os afetos despertados pela sua presença. O comportamento dócil e a aproximação ativa de antas em busca de alimento trouxeram problemas práticos que demandaram o desenvolvimento de técnicas de afugentamento, e, ao mesmo tempo, provocaram fornecimento de comida, contatos físicos e muitas selfies. Felizmente, os animais foram aos poucos assimilando a nova condição e passando a ter atividade mais noturna e comportamento mais arisco. Nesse novo mundo sem cercas e alambrados, os limites das Unidades de Conservação, lavouras e pomares não existem para as antas, que exploram os elementos atrativos na paisagem. Os limites da coexistência vão sendo traçados entre produtores rurais e os animais reintroduzidos, à medida que se dão os encontros. Assim como a domesticação é um processo, o contrário também é observado. Não tratar como doméstico animais em processo de “desdomesticação” e assumir a independência e as dificuldades da vida na Floresta Atlântica são desafios postos para humanos e não-humanos, no desafio de restabelecer populações silvestres. Nessa nova configuração não cabe pensar em espaços de uso humanos apartados de fragmentos de florestas tropicais, o retorno das antas força o compartilhamento da paisagem com um curioso animal que pode atingir 300 quilos. Estamos preparados?

Palavras-chave: refaunação, anta, coexistência, desdomesticação

Uma ecologia Política da onça-pintada na Mata Atlântica Brasileira: narrativas ambientais para uma conservação convivial

Laila Thomaz Sandroni (Laboratório de Ecologia, Manejo e Conservação da Fauna Silvestre, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo)

Doutora em Ciências Sociais, Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ)

Katia Ferraz (Laboratório de Ecologia, Manejo e Conservação da Fauna Silvestre, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo)

Doutora em Ecologia Aplicada / USP

O presente trabalho compartilha resultados preliminares do projeto de pesquisa intitulado “Rumo à conservação convivial: governando as interações humano fauna no Antropoceno.” (CONVIVA). A proposta da conservação convivial formulada por Bucher & Fletcher (2020) procura estabelecer uma alternativa para a urgente necessidade de frear o processo de deterioração da diversidade da vida no antropoceno para além das perspectivas fundamentadas no protecionismo - que separa dicotomicamente natureza e pessoas - e das soluções baseadas em mecanismos de mercado. A ideia é engajar-se em práticas e ideias para a conservação mais próximas à justiça socioambiental e a um ambiente próspero para as pessoas e a vida ‘selvagem’ em suas interações, partindo de uma perspectiva crítica ao processo de acumulação capitalista. O projeto CONVIVA visa territorializar e reconhecer limites e possibilidades de tal proposta a partir das interações materiais entre pessoas e predadores de topo de cadeia em quatro contextos diferentes, a saber, lobos na Finlândia, leões na Tanzânia (a possibilidade de reintrodução de) ursos na Califórnia e onças na Mata Atlântica Brasileira. Seguindo a trilha da convivialidade, nos engajamos no reconhecimento dos discursos e práticas de conservação da onça-pintada na Mata Atlântica (MA). A partir de um mapeamento dos atores envolvidos, focamos a análise no que identificamos como ‘rede sociotécnica socialmente legítima para a conservação da onça-pintada’ no bioma, conformada por cientistas gestores públicos e organizações privadas e do terceiro setor engajadas diretamente em projetos para conservação da espécie e da biodiversidade na Mata Atlântica. Esses atores conformam uma rede relativamente coerente com base em um conjunto específico de reivindicações de conhecimento e são parte de uma rede de conservação mais ampla. Lançamos mão da metodologia das narrativas ambientais e do pressuposto de que as percepções socialmente válidas sobre um determinado problema ambiental configuram os caminhos considerados possíveis para a sua resolução, neste caso, o decréscimo e risco de desaparecimento da onça-pintada na Mata Atlântica. Através desta perspectiva, examinaremos o processo histórico de circulação e aplicação dos discursos para a conservação da onça-pintada, em suas relações com o contexto mais amplo de extrema fragmentação encerrado pela Mata Atlântica.

Palavras-chave: co-produção de conhecimento, conservação da biodiversidade, redes sociotécnicas, relações saber-poder

“Tem tuba na praia”: relações entre humanos e tubarões nas praias urbanas de Pernambuco/Brasil

Ana Cláudia Rodrigues (Prof<sup>ª</sup> Adjunta da Universidade Federal de Pernambuco / Departamento de Antropologia e Museologia)

Doutorado em Antropologia (UFPE)

Ao longo da orla das praias urbanas de Recife e Região Metropolitana nos deparamos com placas com a seguinte mensagem: Perigo área sujeita a ataque de tubarão. Pernambuco lidera o ranking mundial de mortes por incidentes com tubarões em águas rasas, são 67 casos registrados oficialmente. A convivência com o animal produz formas de relações peculiares que vão desde comportamentos jocosos à conflitos pelo uso das praias. Em julho de 2021, após dois incidentes sucessivos, um trecho de 2, 2 quilômetros na praia de Piedade foi interditado para banho gerando muitos questionamentos sobre políticas públicas para mitigação dos incidentes, territorialidade e evento multiespécie. Este trabalho busca compreender as múltiplas relações entre humanos e tubarões por meio do entrelaçamento de histórias multiespécies e aspectos relacionados ao capitaloceno como as construções de grandes empreendimentos, impactos ambientais e maneiras de Coabitar Mundos. Assim, é lançada a seguinte pergunta: como podemos conviver com os tubarões? As reflexões aqui apresentadas fazem parte de pesquisa etnográfica realizada, desde 2018, pelo AYÉ-Laboratório Interdisciplinar Naturezas, Culturas e Técnicas do PPGA/UFPE.

Palavras-chave: tubarões, incidentes, praias, coabitar

As controvérsias em torno da tauromaquia na Espanha no período de 1991 a 2018

José Adailton Santos (Universidade Federal da Bahia)

Mestrando em Sociologia PPGCS-UFBA

A causa animal passou a adquirir grande relevância na sociedade e acabou por refletir em áreas como a justiça, a literatura, dentre outros. Na política ela também ganhou mais espaço, seja no âmbito municipal, estadual ou federal. Na sociedade os interesses, por vezes, são difusos e contrastantes e essas dimensões também estão presentes nos vários projetos de lei que são elaborados e votados. Então, diante disso, foi preciso acompanhar esse processo no que se refere às políticas voltadas para os animais não humanos. Pois, as legislações também compõem o social e podem estabelecer condutas socialmente aceitáveis e propor sanções para quem descumpri-las. Além disso, modificações estruturais e infraestruturais ou até mesmo a criação de novas instituições podem ser implementadas. As legislações também refletem os anseios de parte da sociedade e parte delas podem ter como destinatários/beneficiários os não humanos, como é o caso das leis relacionadas aos animais. A pesquisa foi desenvolvida através da

metodologia qualitativa centrada na análise de conteúdo. Portanto, para compreender o processo legislativo que suscitou controvérsias em torno da tauromaquia na Espanha entre 1991 e 2018, foi realizada a análise das legislações aprovadas nas Comunidades Autônomas e pelo governo espanhol, bem como as decisões do Tribunal Constitucional sobre as leis aprovadas.

Palavras-chave: controvérsias, tauromaquia, causa animal, leis

Os Ferais contra-atacam nas crateras do plantationceno

Olívia Maria Gomes da Cunha (Museu Nacional, UFRJ)

Doutora em Antropologia

As relações entre criaturas humanas e não-humanas domesticadas e feralizadas e suas relações com a terra e o solo estão imbricadas com as tecnologias de produção e expansão do plantatioceno nas Américas. Do mesmo modo, os dejetos, as ruínas, e os efeitos ambientais produzidos pela implantação de dispositivos de controle sobre os corpos, a terra, sobre o trabalho e o tempo. As experiências contemporâneas dos povos maroon colocam em primeiro plano a reflexão sobre a feralização e o remodelamento das tecnologias do plantationceno. A apresentação pretende colocar em relêvo modos ferais de reverter e recriar os efeitos contínuos da captura por meio de um experimento analítico. Ao descrever como jovens maroon Cottica Ndyuka em Moengo (Suriname) concebem e recriam os efeitos da plantation escravista e da indústria extrativista da bauxita em seus territórios tradicionais, a apresentação propõe desvelar outros modos de compreensão da fuga e da recriação de mundos.

Palavras-chave: maroons, ferais, Suriname, arte, cosmopolítica, bauxita

“De primeiro não era assim” & “Amanhã é um dia maior” – Invocar modos de conhecer, temporalidades e mundificações em um novo regime climático na foz amazônica

Queiton Carmo (Universidade Federal de Minas Gerais)

Mestre em Antropologia & Arqueologia. Doutorando em Ciência e Cultura na História

“De primeiro não era assim”, diz seu Edilson e os demais velhos na Ilha do Pará, Afuá, para tudo que está acontecendo e causando neles um estranho sentimento de perda. A Ilha está em uma fronteira fluvial entre os estados brasileiros do Amapá e Pará na Amazônia, foz do rio Amazonas. Acostumados com os fluxos das marés, das estações do ano que eram bem marcadas, agora tudo parece confuso em que as chuvas há chuvas frequentes no verão, o calor ainda mais intenso da região parece aumentar todos os anos e as secas como as cheias dos rios são imprevisíveis. Os moradores da Ilha queixam-se da falta de caça para comer e da redução de

peixes, que em outros tempos eram abundantes em qualquer paragem do lugar, fazendo com que outros produtos industrializados que não faziam parte de suas dietas agora circulem nas suas vidas cotidianas. Há um sintoma de que nada está mais igual, e que vivemos “outros tempos”. Os mais velhos que saíam para pegar castanhas para fazer azeites, que andavam com cuidado pelas florestas e águas com receio de encontrar com seres que fossem os donos daqueles lugares, como encantados, misuras, visagens, contam agora o quanto essas relações haviam mudado. O açaí produto extraído em uma monocultura intensiva tem impulsionado uma certa aceleração dos modos de conhecer e viver vigente aos antigos costumes praticados. Ao me questionar sobre qual tempo os moradores se referiam, distante das cronologias, tentei relacionar como uma arqueologia e etnografia pode surgir desses encontros na Ilha. Nas histórias ouvidas da Ilha pude perceber que elas rompiam não somente com a cronologia a respeito de acontecimentos “passados”, mas que se faziam também existentes perante uma ontologia mais que humana, fosse ao lembrarmos um material como panelas velhas feitas pelos pais de seus pais, fosse ao olhar para um lugar e enxergar seres de entes que ali habitam. Dessa maneira, ao entender as temporalidades que foram ensinadas na Ilha, seguindo ao que os moradores me dizem sobre “de primeiro era tudo diferente”, persegui a possibilidade de pensar essas histórias como possibilidades sobre modos de conhecer, inscrevendo mundificações, ancestralidades e atravessabilidades. Assim, penso essa metodologia, em que as histórias contadas e ouvidas, questiona não somente possibilidades de futuros possíveis como acentua as necessidades de tempos urgentes e de urgências frente a um novo regime climático para que “o amanhã seja um dia maior” no tempo do “antropoceno”.

Palavras-chave: novo Regime Climático, etnografia, temporalidades, Amazônia

## Sessão 2

A elevação da terra: Crise climática na lógica Avá Guarani

Renan Pinna (PARI-C)

Mestre em Antropologia Social (UFSC)

A proposta dessa pesquisa direciona-se a repensar em termos Avá Guarani as noções que estão relacionadas ao antropoceno e a crise climática. A proposta se estrutura em três momentos, a formação da pessoa e a morte da pessoa guarani, a produção de mortalidades e “a elevação da terra” como uma consequência deste processo histórico, e por último os modos de suspender a destruição de um mundo. As reflexões conjuntamente aqui desenvolvidas junto aos Avá Guarani, povo indígena que ocupa tradicionalmente a região do rio Paraná, e que foi atingido pela maior hidrelétrica da América Latina, Itaipu Binacional, onde ainda buscam reparações pelo alagamento dos seus territórios. Na perspectiva dos Avá Guarani, o “aquecimento solar” está diretamente relacionado à produção de morte das pessoas, que ao serem enterradas faz com que a terra se eleve. Os corpos dos Avá Guarani foram criados pelas divindades a partir da

materialidade da terra (yvy) e nesta lógica ao morrer o corpo retorna ao seu lugar de origem, a terra. Nesse sentido, a produção de mortos faz com que a terra se eleve em direção ao sol, e portanto, o que seria conhecido pelos não indígenas como um "aquecimento solar", para os Avá Guarani trata-se de uma elevação da terra.

Nesse sentido, surge uma sugestão complementar, proposta a partir da leitura etnográfica da elevação da terra, o que seria na tradução do autor o termo “necroceno”, que está diretamente relacionado ao termo antropoceno e que se refere a essa produção constante de morte que produz as mudanças climáticas a ponto de mudar o tempo geológico do mundo. A partir do pensamento Avá Guarani em que as mudanças climáticas são consequências do genocídio e o ecocídio em conjunto, podemos relacionar necropolíticas e racismo ambiental como conceitos relacionais, em que os Avá Guarani são os principais atingidos.

Nesta proposta, em que a morte de humanos e não humanos (as florestas) produzem ainda mais danos e mortes as pessoas pelo resultado da elevação da terra com o sol, pensar a crise climática nos termos indígenas pode render contribuições para se pensar na proposta do “necroceno”, não somente enquanto uma possível comparação ao antropoceno, ou mesmo uma variável distinta, mas sim, tentar pensar de modo original, isto é, levar a sério as contribuições do povo Avá Guarani para que, deste modo, possamos tentar compreender a partir desta etnografia suas percepções conosco compartilhadas.

Palavras-chave: Avá Guarani, antropoceno, a elevação da terra, necroceno

A Terra Doente e retomada Tupinambá

Mariana Vilas Bôas (PPGAN - Universidade Federal de Minas Gerais)

Mestre em Antropologia UFMG; Doutoranda em Antropologia UFMG

Proponho neste trabalho uma reflexão sobre as fricções-atrito decorrentes do contato dos Tupinambá de Olivença com os colonizadores e sobre a retomada de seus territórios a fim de curar a terra adoecida pelos brancos. Os Tupinambá de Olivença, residentes no sul da Bahia, tradicionalmente produziam seu território em uma ocupação cíclica, abandonando os lugares onde a terra se desgastou e abrindo novos lugares, retornando num período de aproximadamente 8 anos ao ponto de partida e assim sucessivamente. Os espaços que deixam para trás seguem fazendo parte de seu território existencial, neles remanesçam árvores de frutos e vestígios de roças com as quais os Tupinambá mantêm laços afetivos. O território Tupinambá, conforme eles dizem, é “pontilhado por pés de frutos” e está em constante fricção-atrito com diversos outros que o compõem - a mata que toma conta da antiga roça, a inserção de árvores e plantas de que gostam à composição da mata, a vida na vila à sua maneira etc. A Terra é a mãe dos Tupinambá e deve ser protegida por eles e pelos espíritos encantados. A partir da década de 1960, os Tupinambá se deram conta de que o processo de usurpação de seu território por não índios estava impossibilitando-os de deslocar-se e de abrir novas roças. Os fazendeiros

impediam que eles cuidassem das árvores que plantaram fora das terras reservadas para sua subsistência. Quando os fazendeiros vendiam suas terras, morriam ou se mudavam, os índios se queixavam do abandono das árvores. (Brasil 2016) A terra dos fazendeiros existe para a plantação, ela é meio de produção e está atrelada a uma visão colonial que legitima a propriedade com base na eficácia produtiva, no seu usufruto privado e no seu valor de mercado. Mas nem por isso ela é menos investida de subjetividade. Descendentes não indígenas das famílias mais tradicionais da região veem seus antepassados como desbravadores e se veem como donos da terra pelo direito que adquirido ao terem-na conquistado, e se sentem roubados pelo Estado quando este demarca as terras para os indígenas. (Alarcon 2013: 117-8) A exploração da terra pelos brancos levou-a ao adoecimento, e os Tupinambá se prontificaram a socorrê-la. O conflito sobre os sentidos do território e sua ocupação constitui o que Marisol de la Cadena (s/d: 7) chama de antrope-cego, dada a “condição de impossibilidade” inerente às posições ontológicas desses “parceiros antagonistas” de compreenderem de forma inequívoca o universo do outro.

Palavras-chave: retomadas indígenas; fricção-atrito; conflitos ontológicos

Lembrar ruínas: ocupações guarani do espaço e relações com turismo em Puerto Iguazu, Argentina

Luna Mendes (PPGAS/MN/UFRJ)

Doutoranda em Antropologia (PPGAS/MN)

Este trabalho deriva de minha pesquisa de campo junto aos guarani mbya na cidade de Puerto Iguazu, Misiones, Argentina. Trato do histórico de uma floresta, habitada pelos guarani, que nos anos 2000 foi parcialmente vendida para o grande capital (redes hoteleiras internacionais) que passaram a explorá-la comercialmente por sua ‘intocabilidade’, vedando aos guarani o acesso a áreas com recursos que sempre estiveram disponíveis: plantas, nascentes, rios. Os guarani foram, evidentemente, extremamente afetados pela invasão hoteleira e o turismo passou a ser uma questão/problema cotidiano. Neste trabalho, passo por problemas como: avaliações dos turistas (em sites como trip advisor) considerando os guarani como uma dentre outras atrações turísticas da cidade, as relações dos hotéis com as aldeias, interesses internacionais no turismo sustentável em aldeias indígenas (e suas noções de preservação); mas enfatizo as estratégias adotadas pelos guarani para sobreviver em meio a essa devastação socioambiental. Escrevo principalmente sobre a aldeia Ita Poty que consiste em uma retomada dentro do que viria a ser a área do hotel Hilton (que teria um campo de golf de 18 hectares com um imenso espelho d’água), os guarani retomaram essa terra quando a destruição já havia sido iniciada: árvores derrubadas, plantações destruídas e um rio desviado para alagar uma área e transformá-la em laguna (tudo feito em uma zona de preservação). A estratégia dos guarani passou por dar visibilidade às ruínas da floresta, ao invés de tentar reconstruir e aterrar o espaço, optaram por fazer da destruição um lugar de memória e fizeram um observatório de aves para onde levam

os turistas em uma caminhada guiada onde contam a história da aldeia e da briga contra o campo de golf. Neste trabalho exploro os caminhos escolhidos pelos guarani, as estratégias inventadas para se movimentar em meio a todos esses atores e como tentam se esquivar do enquadramento e cercamento do turismo criando seus próprios percursos nos espaços que habitam.

Palavras-chave: Mbya-Guarani, paisagem, turismo, ruínas

A composição do Centro de Pesquisa Indígena (CPI): futuro promissor anunciado em um passado recente

Ricardo Alexandre Pereira de Oliveira (PPGAS – Universidade de Brasília)

Doutorando em Antropologia Social (PPGAS-UnB)

Apresento uma síntese do material levantado e alguns caminhos apontados pelos interlocutores que já entrevistei durante a pesquisa de doutorado em andamento no PPGAS-UnB. O objetivo geral é rastrear as associações que tornaram possível a emergência da iniciativa do Centro de Pesquisa Indígena (CPI) e descrever as percepções dos participantes acerca daquela experiência. O CPI executou pesquisas científicas e promoveu formação de lideranças indígenas entre os anos de 1987 e 1995 a partir da coordenação do falecido professor Vanderlei Pereira de Castro, da então Universidade Católica de Goiás (UCG), e de Ailton Krenak, da União das Nações Indígenas (UNI). Baseado em um sítio na região metropolitana de Goiânia (GO), o CPI desenvolveu duas frentes principais de atuação. A primeira executava projetos experimentais, como recuperação de solo degradado com agricultura regenerativa (orgânica), reflorestamento e reintrodução de animais silvestres. Na segunda frente desenvolveram ações de formação de lideranças indígenas em biologia aplicada e em Direito, aproximando alunos dos povos Yanomami (RR), Suruí (RO), Krenak (MG), Xavante (MT), Tikuna (AM), Terena (MS), Bakairi (MT), Kaingang (RS), Baré (AM) e Pankararu (PE). A iniciativa surgiu em meio a diversos experimentos que ocorreram em um período de intensas transformações políticas, econômicas e ambientais em múltiplas escalas. Membros do Núcleo de Direitos Indígenas (NDI-DF) e do Núcleo de Cultura Indígena (NCI-SP), organizações indígenas agrupadas em torno da UNI, um sonho profético de Sibupá - importante pajé Xavante – se associaram a cientistas vinculados à UCG e a organizações internacionais como a Gaia Foundation (Inglaterra) e a Fundação Ford (EUA). A UCG dava apoio a Adrian Cowell e Vicente Rios, que produziram a série de filmes documentários intitulada “A Década da Destruição”, acerca do desmatamento das regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil entre os anos 1980 e 1990. Os filmes detalharam a catástrofe sobre a biodiversidade, os povos indígenas e os seringueiros, inscrevendo esses registros como fatos relativos à interseção entre o ambientalismo e o indigenismo diante da destruição. Lideranças de povos indígenas em todos os biomas brasileiros se associavam em torno da redação da nova Constituição, o que configurou o CPI e a Aliança dos Povos da Floresta como dispositivos voltados a efetivar os direitos ali formulados e a sincronizar as agendas científica, política, ambiental e econômica junto aos povos.

Palavras-chave: Antropologia das ciências, Antropoceno, conservação ambiental, organizações indígenas, gestão territorial

Espessar o presente, retomar o passado, garantir o futuro: uma tentativa de re-ativar estratigrafias de paisagens esvaziadas

Marcus A. S. Wittmann (Museu Nacional/UFRJ)

Doutorando em Antropologia Social (MN/UFRJ)

O Antropoceno não afeta apenas a vida na terra em uma escala climática e geológica, mas também política e científica. A era do Antropoceno é também a era da feitiçaria do capitalismo, da captura de ciências e cientistas em um discurso e práticas voltadas ao progresso cego em direção à expansão do capital e dos lucros. O dito progresso é fruto da degradação do meio ambiente, do etnocídio, do fim de diversas espécies e também de lugares sagrados, paisagens históricas e materiais do passado. Neste ensaio - uma tentativa de desestabilização, de causar incômodo - abordo a participação da arqueologia nesse contexto, e como ela vem construindo uma narrativa inofensiva acerca do passado, esvaziando territórios e paisagens de suas agências não-humanas e assim abrindo espaço para novas paisagens e estratos de um futuro que está nos levando ao fim. Esse exercício teórico, e em parte manifesto técnico-científico, se baseia em etnografias da ciência arqueológica assim como cosmologias e propostas indígenas de reativar materiais e paisagens.

Palavras-chave: Antropoceno, arqueologia, reativar, fim do mundo

Controvérsias das políticas ambientais no território caiçara: reflexões sobre manejo e paisagens arruinadas

Karina Coelho (PPGAS – Universidade de São Paulo)

Doutoranda em Antropologia Social (USP)

As políticas sobre o território caiçara se apresentam sob uma controvérsia: ao mesmo tempo em que territórios de povos tradicionais são sobrepostos por um mosaico de unidades de conservação que restringem seu manejo do mato e do mar através de uma política ambiental conservacionista, existe, ao lado, um dos maiores portos graneleiros do Brasil em plena expansão, e que, para manter seu funcionamento, realiza com frequência operações com alto risco de impactos sobre a baía de Paranaguá, seus recôncavos e seus habitantes, humanos e não humanos.

Em uma conversa com um amigo caiçara sobre as temporalidades do mato, das espécies vegetais e animais, ele compartilhou sua preocupação com a continuidade de determinadas

técnicas de manejo, uma vez que a proibição das roças contribuiu para afastar as pessoas da natureza, de modo que os mais jovens já não sabem como manejar o mato como seus pais. Outro efeito da proibição foi a diminuição da população de espécies de caça, que se alimentavam das roças e viviam em seu entorno. Ao mesmo tempo em que essas políticas ambientais pressionam e restringem modos de existência, o Porto de Paranaguá, que funciona logo ao lado, tem permissão para realizar recorrentes dragagens que garantem a navegabilidade dos navios que o frequentam e a expansão dos empreendimentos portuários.

A fiscalização excessiva sobre os usos e práticas de caiçaras e pescadores artesanais contrasta com a falta de monitoramento das atividades portuárias, como, por exemplo, da água de lastro de navios que vêm de outros países, e que tem resultado na invasão de espécies exóticas na baía de Paranaguá, como o peixe-sapo, cuja existência coloca em risco outras existências, pois se alimentam de espécies marinhas que caracterizam a baía.

As contradições entre a plena expansão do Porto e as políticas conservacionistas, que se fundaram em torno da noção de wilderness, produzem efeitos e transformações sobre as paisagens, entre mato e mar na baía de Paranaguá, e impactam de diferentes formas as vidas das pessoas que ali vivem - além de algumas vezes impossibilitar a continuidade das espécies vegetais e animais cuja existência é o objetivo primordial das unidades de conservação.

A partir desse contexto controverso, proponho refletir sobre os modos caiçaras de resistir e compor com interdições sobre seu modo de vida, e com as paisagens arruinadas produzidas pelas dragagens, derrocagens e águas de lastro do Porto de Paranaguá.

Palavras-chave: território, manejo, unidades de conservação, espécies invasoras

### **Sessão 3**

“Tem uma estrada no caminho”: ciência e conservação no Complexo Florestal Linhares-Sooretama

Mariana Pimenta de Alvarenga Prates \*Universidade Federal do Espírito Santo)

Mestranda em Ciências Sociais (PGCS-UFES)

O dualismo entre natureza e cultura do ocidente nos faz idealizar a primeira como um ambiente intocado pelo ser humano, e, ainda que sociedades que mantêm uma relação mais estreita e perceptível com espécies naturais fazem isso de forma harmônica. Nesse contexto, a criação e manutenção de áreas protegidas têm por objetivo conservar a biodiversidade daquela área, e isso é possível a partir dos estudos tecnocientíficos das espécies vegetais e animais. No norte do Espírito Santo, o Complexo Florestal Linhares-Sooretama representa o maior remanescente de Mata Atlântica protegida do estado e é composto majoritariamente por duas áreas, Reserva Biológica de Sooretama e Reserva Natural Vale. No entanto, embora a primeira área seja listada como uma unidade de conservação de proteção integral por uma regulamentação que proíbe

alterações antrópicas em seus limites, em seu interior há a rodovia federal BR-101 que corta de um extremo ao outro o complexo, cerca de 25 km, e gera distintos impactos negativos para as espécies protegidas, estrada esta que é uma das mais movimentadas do país e está em processo de duplicação. No meio do conflito entre reservas e estrada, há a presença de grupos de biólogos e ecólogos que trabalham com conservação das espécies naturais ameaçadas. Parte considerável dos estudos de monitoramento e proteção ligados a essas espécies concluem por apontar a presença da estrada e sua possível duplicação como uma ameaça significativa à manutenção e recuperação das áreas protegidas. Assim, esse trabalho tem como proposta descrever e analisar as relações entre três grupos de pesquisa que atuam pela conservação de espécies animais ameaçadas na região (os Projetos Harpia Brasil, Felinos e Pró-Tapir) com a presença da estrada, a partir de seus trabalhos tecnocientíficos que visam o monitoramento e conservação do ambiente do complexo, e tendo-se em vista que essas relações envolvem agenciamentos humanos, por parte dos pesquisadores e seus colaboradores, e não-humanos, por parte dos seres da mata. O trabalho ainda está em andamento e para alcançar os objetivos, além de revisão bibliográfica das literaturas pertinentes dentro das ciências sociais, também parte de análise documental de artigos de biologia da conservação e outros documentos referentes ao complexo florestal, além de análise audiovisual de palestras públicas dos grupos.

Palavras-chave: áreas protegidas, conservação, humanos e não-humanos

Plantar sem água e em solo pedregoso: a diversidade biossocial contaminada de um coletivo de permacultores

Gabrielly Merlo de Souza (Universidade Federal de Minas Gerais)

Doutora em Antropologia (UFMG)

A história de ocupação do terreno onde encontra-se o Sítio Entoá foi contada por Gustavo e Christiane (moradores do sítio) em conversas travadas na cozinha, em caminhadas por agroflorestas e em trilhas pelas serras de Minas Gerais. O sítio Entoá é onde uma pequena família neo-rural vive e realiza atividades que giram em torno de conhecimentos pautados em ética ecológica, tal como permacultura, bioconstrução, manejo de plantas medicinais e produção artesanal de produtos fitoterápicos. O trabalho que realizam é em grande medida experimental e seus domínios sobre o trato da terra e manipulação das plantas foram aprendidos ao longo de mais de dez anos de convivência com o cerrado. Ao iniciarem o projeto de transição para o rural, eles ocuparam um terreno que havia sido, décadas antes da chegada deles ao lugar, devastado pela ação de pedreiras clandestinas e aberturas de estradas. A paisagem difícil que encontraram em 2004 os impulsionaram ao trabalho de recuperação da biocenose. A permacultura aparece, então, como um conhecimento que lhes mostraria caminhos para uma regeneração baseada em ética de cuidado e no aprendizado com o ambiente. Os novos tempos se revelaram promissores. No contexto da pesquisa realizada entre os anos de 2015 e 2020, me deparar com essa história ecológica-parcial – que é uma história sobre restauração ambiental e

habitabilidade – me levou diretamente a refletir sobre manejo sustentável, ecológico, agroflorestal, noções caras às práticas dos moradores e que se referem a um modo de ser/estar/cuidar da terra. Em minha etnografia conto uma história de sonho de uma terra habitável não só para os humanos ou comandada por humanos, mas sobretudo uma terra em que os não-humanos são participantes ativos daquele modo idealizado de regeneração. Sigo refletindo como alianças potenciais entre humanos e não humanos em projetos de regeneração ecológica podem ser pensadas como forças insurgentes em tempos de Antropoceno; e ainda, pergunto: estariam práticas de cuidado da terra e compostagem tencionando perspectivas conservacionistas e ambientalistas de paisagem e de biodiversidade?

Palavras-chave: manejo ecológico, permacultura, neo-ruralismo, paisagens multiespécies

Tradução e diplomacia: sobre o contar histórias humanas e outras-que-humanas no instante do perigo

Maurício Sérgio Borba Costa Filho (Universidade Federal do Pará)

Doutorando em Antropologia (UFPA)

Diz-se muito que os ânimos sobre os fins – os fins do mundo, os fins da humanidade – se excitam uma vez mais, de 2020 para cá, por motivos óbvios. Mas essa excitação não é restrita ao contexto da pandemia, e nem tão recente assim, como demonstram, por exemplo, os importantes livros de Deborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro, “Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins”, publicado pela primeira vez no final de 2014 e reeditado em 2017; e de Hicham-Stéphane Afeissa, *La fin du monde et de l’humanité: essai de généalogie du discours écologique*, publicado pela PUF também em 2014, ainda sem tradução. No presente trabalho pretendo levantar algumas questões relacionadas aos desafios do fazer antropológico no Capitaloceno a partir da chave dos fins de mundos. Mais especificamente, gostaria de tatear a figuração da antropologia enquanto uma atividade de tradução e de diplomacia cosmopolítica (num horizonte que extrapola os limites tradicionais da política exclusivamente humana) diante da ciência de que somos contemporâneos ao sexto grande evento de extinção de espécies outras-que-humanas, o primeiro a ostentar raízes antrópicas.

Palavras-chave: Capitaloceno, Extinção.

Lactationceno: à guisa de placas tetônicas em um Faloceno a espumar

Cecilia Cavalieri (PPGAV / UFRJ)

Mestra em Artes Visuais (PPGArtes/UFRJ) e Doutoranda em Linguagens Visuais (PPGAV/UFRJ)

São muitos os mitos de origem que coabitam a história do céu cujas constelações compõem aquilo que chamamos de Via Láctea. Mas nenhuma dessas mitologias fala de leite como a versão grega que a nomeia e que fez seu nome escorrer por todo o ocidente. O caminho de leite da galáxia, do grego “gala”, “galaktos”, leite, foi criado por um jato de leite saído do peito de Hera, madrasta de Hércules que apesar do peito cheio, recusara-se a alimentá-lo. Certa noite, enquanto dormia, Hera foi surpreendida com o bebê Hércules levado sorrateiramente ao seu seio por Zeus. Ao dar-se conta, assustada, Hera tirou o peito da boca do menino e dele saiu um jorro de leite que se espalhou sobre o céu.

Diante desta cena e do atual cenário, em meio a uma miríade de colapsos, falo de uma questão cosmopolítica do feminismo multiespecífico que pensa os leites não-negociados com outras mamíferas, bem como os sistemas de subalternização humana e extrahumana envolvidos na amamentação prolongada e interespecífica mediadas por campos laticidas – tanto para mamíferes quanto para operárias em condições precarizadas de trabalho. Trago a noção de Lactation – a Plantation da metafísica láctea – para pensar o encadeamento especista da ama de leite [no Brasil a mulher negra escravizada] que virou indígena, depois vaca, depois cabra, depois ovelha, e depois grão na dinâmica extrativista dos corpos com tetas da terra, sempre colonizados pelo imaginário de um leite ocidental transcendental. A ideia desta proposição está tanto em pensar essas estruturas mamíferas por meio de placas tetônicas, onde ele sobe aos céus e onde ele desce à terra [a descida do leite, la bajada de la leche / the milk rising, la monte du lait], quanto colocar em prática a afirmação de que todo leite é leite materno, não apenas no sentido da mãe suficientemente boa, mas no sentido de que o mater de materno é também mater de matéria. A maternagem me ensinou a pensar com o corpo e por ele – quem amamenta sabe o quanto de cérebro se esvai junto com o leite e com ele se mistura; a descida do leite é essa descida obrigatória e inexorável à altura do corpo, lá onde mora a magia, nos procedimentos científico-domésticos, cotidianos e ordinários; na maternagem que é matéria roçando matéria, radicalmente imanente, lindamente imanente. Por uma antropologia especulativa das tetas mais que humanas em corpos com e sem útero.

Palavras-chave: lactationceno, maternagem, cosmopolítica, leite, faloceno

Vida vivida nos extremos: contribuições da Astrobiologia para pensar o Antropoceno e suas perturbações

Ana Paula Henrique Salvan (Universidade Federal de Santa Catarina)

Doutoranda em Antropologia Social (UFSC)

Nos seminários semanais do AstroLab – laboratório dedicado exclusivamente à prática astrobiológica e foco de minha etnografia –, termos como “extremo” e “extremófilo” não são novidade. E não é à toa. A ideia de “extremo” é uma categoria-chave para a Astrobiologia, campo de investigação emergente que abriga saberes de distintas áreas para pensar a vida enquanto fenômeno cósmico em vez de exclusivamente terrestre.

Ambientes considerados “extremos” na Terra funcionam como analogias para mundos mais-que-terrestres, como o planeta Marte e o satélite galileano Europa, que por ora permanecem remotos. Tais ambientes funcionam também como palco de simulações experimentais e teóricas em que os astrobiólogos podem testar/atestar a plasticidade da vida e seus mecanismos de adaptação. Ou seja, não apenas ambientes, mas também seus habitantes figuram como importantes pivôs de conexões, negociações e associações no network astrobiológico.

Minha proposta, portanto, é usar essa categoria do “extremo”, tal qual mobilizada pela Astrobiologia, como eixo de análise para pensar as paisagens perturbadas pela ação antropogênica/capitalogênica e as condições de existência e resistência que elas ensejam. Parto do pressuposto de que o Antropoceno, mais que uma época geológica, pode ser pensado como um arranjo gerador de extremos. Do cenário de protoexploração espacial que se desenha — em que uma miríade de actantes se entrelaçam num emaranhado polirrítmico com vistas à exploração de corpos celestes vizinhos e até do espaço em si — à habitabilidade contaminada de zonas de exclusão como a de Chernobyl; os arranjos antropocênicos fermentam as condições propícias para desencadear eventos e reconfigurações outrora tomadas como improváveis.

Meu objetivo, portanto, é pensar a vida vivida nos extremos, com seus modos de estar, resistir e sentir, a partir de chaves conceituais da Astrobiologia como “habitabilidade”, “tolerância” e “mecanismos de resistência”.

Palavras-chave: Antropoceno, extremo, Astrobiologia, habitabilidade, condições de resistência, condições de tolerância

Singularidade tecnológica: uma narrativa contemporânea sobre a supremacia da máquina e o fim do humano

Fabiano Galletti Faleiros (Universidade Estadual de Campinas)

Mestre em Sociologia (UNICAMP)

Neste trabalho, fruto de minha dissertação de mestrado, intentarei perscrutar os enunciados de superação do humano pela máquina definidos pela Singularidade tecnológica, tomando por base a obra de Raymond Kurzweil. Buscarei apresentar as teses defendidas por esse autor, evidenciando o caráter entusiasmado de seus prognósticos sobre o fim da espécie humana: para ele, o iminente crepúsculo da humanidade, o qual será provocado pela irrupção de um avanço tecnológico sem precedentes – uma singularidade –, trará a solução para uma série de problemas imemoriais, como a doença, a fome e a morte. Objetivo, a partir dessa apresentação, relativizar tais prognósticos sobre o futuro, demonstrando que a Singularidade, para além de uma teoria tecnocientífica, constitui uma narrativa contemporânea que pretende conferir um significado transcendente à frenética aceleração de nossos tempos – e, como toda narrativa, ela está imbuída por interesses e sentidos específicos. Buscarei jogar luz sobre tais interesses e sentidos, demonstrando como eles apontam para o aprofundamento das desigualdades, injustiças e destruições do Capital. Ademais, proponho estabelecer uma crítica ontológica, inspirada pela obra do filósofo Gilbert Simondon, aos enunciados singularistas. Para que o fim do humano e a vitória da máquina sejam decretados é preciso supor, como faz o Kurzweil e seus companheiros, que humanos e máquinas sejam iguais e competem uns com os outros. Nossa investigação prima evidenciar que tal maneira de representar humanos e máquinas além de ser reducionista e tecnicamente infundada, corrobora para construção de um ideário tecnocrático, o qual propõe subjugar os objetos técnicos, a natureza e o próprio ser humano.

Palavras-chave: singularidade tecnológica, fim do humano, cosmologias contemporâneas

## **ST13 Plataformização Digital: Trabalho e Consumo**

Luciane Pereira Viana  
Faculdade IENH  
viana.luciane.lu@gmail.com

André Viana  
Universidade FEEVALE

O presente Seminário Temático pretende congrega estudos etnográficos e discussões teóricas na antropologia e áreas afins em torno da plataformização digital e sua relação com trabalho e consumo. A pandemia mundial do COVID19 expos mais acentuadamente algumas inseguranças da vida cotidiana, por exemplo, as incertezas relacionadas à saúde, ao trabalho, a educação, lazer, entre outras. Também destacou a importância das tecnologias digitais e da conectividade principalmente em relação ao acesso no trabalho remoto. Neste período (e ainda continuam) as plataformas agilizaram tarefas e orientaram as interações pessoais e profissionais (comunicação, aprendizado, mobilidade, consumo, entre outros). Mas, antes da COVID19, já se observava um crescimento da plataformização no trabalho e no consumo. Van Dijck (2013) destaca que muitas atividades informais diárias se tornaram atividades formais mediadas por aplicativos e serviços on-line. Para Poell, Nieborg e Van Dijck (2020) alguns exemplos do domínio digital por empresas de plataformas podem ser testemunhados nos novos mercados de publicidade digital, aplicativos, comércio eletrônico e computação em nuvem. O que fez também surgir muitos trabalhadores invisíveis, que são responsáveis pelo bom “funcionamento” das plataformas, dos algoritmos e das métricas das redes sociais e da “uberização”, impactados pelo capitalismo tecnocientífico.

Palavras-chave: plataformização digital, trabalho, consumo, trabalhadores invisíveis, tecnologia digital

### **Sessão 1**

Moderadora: Luciane Viana

Trabalhadores on demand: uma etnografia com motoristas e trabalhadores de aplicativo na Região Metropolitana de Porto Alegre/RS

Jonathan Madeira Rocha (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestre em Políticas Públicas

A Reforma Trabalhista de 2017 prometia um futuro moderno às relações de trabalho no Brasil. Junto a esta modernização, também anunciava a ampliação de postos de trabalho e garantia de direitos. Entretanto, o que vimos foi o aumento do desemprego, perda de direitos e

aprofundamento da insegurança nas políticas trabalhistas. Este fenômeno pode ser entendido como um amplo processo de desregulamentação que abrange diversas áreas, e se caracteriza como um avanço neoliberal sobre políticas de proteção de populações e ambientes. Neste cenário, destacamos a rápida cotidianização de tecnologias digitais em nossa vida social, sobretudo, nas relações de trabalho.

Este processo vem sendo chamado de Uberização, Plataformização do Trabalho e outros termos emergentes. Aqui, nos interessa o controle e gerenciamento do trabalho realizado por processos algorítmicos e como trabalhadores se relacionam com este fenômeno. Para compreender isto, foi realizada uma etnografia durante 14 meses com motoristas e entregadores que trabalham por meio de aplicativo na Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. Este empreendimento acontece em meio à pandemia de Covid-19. A eclosão desta doença infecciosa, que possui escala, mas não efeitos globais, coloca em relevo uma série de problemas já experimentados por esta população.

Assim, identificamos como diferentes riscos e vulnerabilidades são percebidos por estes trabalhadores, e a forma como estratégias de resistências locais são mobilizadas por estes, frente aos mecanismos de controle e gerenciamento algorítmico do trabalho. Por fim, conciliando a pandemia e o avanço de processos desregulamentadores à cotidianização de tecnologias digitais, argumentamos que a precarização do trabalho não é resultado destes, mas sim de uma forma de existência baseada na lógica neoliberal.

Este trabalho se insere na Rede Covid-19 Humanidades MCTI como produto de pesquisa do eixo II: populações em vulnerabilidade e trabalhadores de serviços de entrega e motoristas de aplicativo.

Palavras-chave: trabalho, antropologia, precarização, covid-19, etnografia, políticas públicas

“Uma pontuação que eu não sei de onde é”: reflexões da classificação algorítmica no trabalho de entregadores de um aplicativo de delivery.

Camilla Voigt Baptistella (Universidade Tecnológica Federal do Paraná)

Mestre em Tecnologia e Sociedade

Com a finalidade de pensar sobre o amplo uso das plataformas digitais no cotidiano, assim como seus impactos nas relações de trabalho, intensificadas pela pandemia de COVID-19, este texto busca discutir as supostas pontuações que classificam os trabalhadores vinculados às plataformas de entrega (delivery), com enfoque na empresa brasileira iFood. Trata-se de uma reflexão, a partir dos relatos trazidos em entrevistas realizadas em 2020, do gerenciamento algorítmico como instrumento de prescrição de comportamentos e de desempenho dos trabalhadores. Assim, verifica-se a existência de uma classificação oculta feita pelas plataformas que impacta diretamente o trabalho e a sobrevivência desses trabalhadores ao determinar quem terá ou não acesso à atividade. Além de refletir sobre os procedimentos

disciplinares impostos pelas plataformas, questiona-se a neutralidade das tecnologias, em especial, dos algoritmos, a fim de destacar a incorporação dos valores e preceitos da empresa ao desenvolvimento dos instrumentos e artefatos. Pode-se dizer que, nesse sentido, existe uma relação de subordinação dos trabalhadores à plataforma digital, visto que a empresa impõe, sutilmente, diretrizes de como deve ser realizado o processo de trabalho, o qual é gerenciado e controlado algorítmicamente por ela própria. A discussão apresentada neste artigo se apoia em resultados de uma pesquisa empírica realizada com trabalhadores que utilizaram o aplicativo de delivery do iFood na cidade de Curitiba, em 2020, no contexto da pandemia de COVID-19.

Palavras-chave: trabalho, pontuação, gerenciamento algorítmico, plataforma digital

Jogos digitais e trabalho digital: construindo novos mundos sem custos

Marina Fontolan (Universidade Estadual de Campinas/Unicamp)

Doutore em Política Científica e Tecnológica

Daniela Albini Pinheiro (Doutora em Política Científica e Tecnológica da Universidade Estadual de Campinas/Unicamp)

Manuela Antonia Gomes da Rocha (Doutoranda em Política Científica e Tecnológica da Universidade Estadual de Campinas/Unicamp)

Esta apresentação tem como objetivo analisar o que chamamos de in-game labor na indústria de videogames. Consideramos in-game labor um tipo específico de trabalho não-remunerado resultado da própria mecânica do jogo, que estimula os jogadores a criar objetos, níveis e até jogos inteiros. Para tal, apresentamos um histórico sobre trabalho na indústria de jogos digitais e caracterizamos os diversos tipos de trabalho – formais e não formais – que existem atualmente na indústria. A partir disso, apresentamos a análise de três estudos de caso com os jogos Planet Coaster (Frontier, 2016), Super Mario Maker (Nintendo, 2015) e Crayta (Unit 2 Games Limited, 2020). A análise dos jogos mostra a relação que existe entre o surgimento de vários jogos que exploram a mão-de-obra do jogador e os movimentos de sindicalização dentro da indústria de jogos digitais. Concluimos essa análise exploratória com dois argumentos principais. Primeiro, argumentamos que não há um consenso na literatura sobre a caracterização do in-game labor como trabalho precarizado, mesmo sendo trabalho criativo gratuito que é apropriado pela indústria de jogos digitais. Nosso segundo argumento de que o aumento de relatórios sobre abusos, demissões em massa e condições de trabalho precárias – junto com um movimento de sindicalização – é uma razão (ou está relacionado) ao aumento da quantidade de criação de jogos que incentivam o in-game labor.

Palavras-chave: jogos digitais, trabalho digital, estudos sociais da ciência e da tecnologia

Da guerra virtual às disputas simbólicas: tensões de gênero nos jogos eletrônicos

Xochilt Ibarra Goulart (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestranda em Sociologia (PPGSP-UFSC)

Pretende-se refletir sobre as relações de gênero nos videogames e contribuir na compreensão do que é pesquisar jogos online. Interessa-nos explorar interações nos jogos online analisando a forma de expressão dos afetos no mundo digital tão bem como as formas de comunicação e relações de poder existentes. Importante lembrar que estas interações são constantemente monetizadas naquilo que Illouz nomeia como mercadorias emocionais. O espaço dos jogos eletrônicos já era tóxico antes da entrada das mulheres, porém que tipo de toxicidade diz respeito as mulheres? O campo empírico é uma autoetnografia de uma jogadora de WoW, onde abordou-se “interações entre jogadores homens e mulheres dentro do mundo virtual campo de relações sociais intensas e conflituosas, de disputas de espaços e posições pré-estabelecidas” (Goulart, 2020), articulou-se aqui categorias de gênero e estruturas de poder e dominação que entrelaçam o mundo físico (offline) e o mundo virtual (online). A temática principal do jogo é a guerra e a competitividade, estratégia e violência para os fins necessários. O empírico demonstrou que jogadoras optavam pelo anonimato por diversas razões, desde não achar necessária a identificação quanto para evitar possíveis assédios. Para dar conta dessas narrativas, mobilizou-se Bourdieu para iluminar os critérios de classificação da realidade que tornam a dominação algo ‘natural’. A construção social de sujeitos masculinos e femininos, a partir de certas disposições faz com que a divisão sexual homem/mulher esteja “na ordem das coisas”, como que se fosse algo inevitável, estando presente “ao mesmo tempo, objetivado nas coisas, em todo mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.” (Bourdieu 2003). Assim, não basta afirmar que a dominação masculina existiu e existe, o desafio da pesquisa foi mostrar como ela se atualiza nas práticas diárias de relação entre homens e mulheres e como ela aparece na linguagem, na organização mental dos critérios de classificação da realidade durante o jogo. Interessa-se pelos conflitos entre homens e mulheres além desses campos de batalha do jogo online. O intuito é refletir sobre o mundo virtual como espaço de reflexão da interação de homens e mulheres em diferentes ambientes de trabalho e o quanto os jogos online podem ajudar a pensar esta interação.

Palavras-chave: divisão sexual do trabalho, dominação, gênero, jogos online, sociologia digital

Sharing economy e capitalismo de plataforma: salvamento e selvageria na nova economia

Bruno Tarin (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutor em Comunicação e Cultura (UFRJ)

Foram muitos os nomes e análises que buscavam dar conta das transformações operadas no diagrama rede ou na passagem de uma economia baseada nos processos industriais para uma ‘nova economia’. Como exemplos de tentativas de apreender esse período, evidenciando prioritariamente o papel das novas tecnologias da informação e comunicação na valorização de capital e nos modos de vida e trabalho associados a elas, pode-se citar as ideias de: sociedade de controle (Deleuze 1992); sociedade em rede (Castells 1999); trabalho imaterial (Lazzarato; Negri 2001), capitalismo cognitivo (Moulier-Boutang 2008) e capitalismo maquínico (Pasquinelli 2011). Pretende-se com este trabalho realizar um estudo sobre dinâmicas de um ramo da nova economia denominado sharing economy, normalmente apresentado como baseado na produção colaborativa ou no compartilhamento em rede, observando-o a através da lente teórica do capitalismo de plataforma (Srniczek 2017). Sublinha-se que reconhecemos a recorrência de narrativas apologéticas em diversos âmbitos, destacando-se a literatura do pensamento econômico e artigos do mundo digital dos negócios, onde as plataformas são ressaltadas somente como um grande progresso econômico, social e até ambiental por conta de seus méritos no incremento da produtividade, pela eficiência no uso dos recursos, inovação tecnológica, fomento de práticas de compartilhamento comunitárias, geração de riqueza etc. É nosso objetivo mobilizar um ferramental teórico, a partir de uma leitura crítica, que auxilie na emergência de alternativas a estas narrativas apologéticas, bem como no seu deslocamento enquanto referências para análises e interpretações. Para tal, primeiro, destacaremos a emergência do capitalismo de plataforma como um novo regime de acumulação. Depois delinearemos a sharing economy ou, ainda, a uberização, apresentando suas características gerais. Em seguida, apontaremos como as dinâmicas da sharing economy se materializam através da captura e processamento dos dados informacionais. Para tal, demonstraremos como suas dinâmicas se dão pelo efeito de rede, a mineração de dados, a captura do comum e, finalmente, enquanto um devir rentista do compartilhamento em rede. Por fim, realizaremos uma problematização, a partir do caso de uma plataforma da sharing economy e da ideia de acumulação primitiva, sobre como a nova economia opera diretamente na relação entre inclusão e exclusão apresentando-se simultaneamente enquanto salvamento e selvageria.

Palavras-chave: sharing economy, capitalismo de plataforma, compartilhamento em rede, comum, acumulação primitiva

## Sessão 2

Moderador: André Viana

Subjetividade empreendedora entre fotógrafos e produtores de vídeo no cenário pandêmico: análises preliminares

Cristina Marins (Universidade Federal Fluminense - UFF)

Doutora em Antropologia (UFF)

Gabriela Serafim (Universidade Federal Fluminense)

Heitor Martins Guimarães (Universidade Federal Fluminense)

Victoria Perfeito (Universidade Federal Fluminense)

Neste trabalho, examinamos os efeitos da crise instaurada pela pandemia da Covid-19 sobre o padrão ideológico e vida de profissionais diretamente impactados por ela. A pesquisa, que ainda se encontra em desenvolvimento, focaliza fotógrafos e produtores de vídeo profissionais que atuam no setor de eventos sociais, um dos mais afetados pelas medidas de isolamento social que visavam mitigar as altas taxas de contágio no Brasil. Nossa análise é baseada em dados etnográficos construídos em dois períodos distintos (2016–2018; 2020-2021) e foi orientada pela seguinte pergunta: como se manifesta a subjetividade empreendedora entre tal grupo antes e durante a pandemia do coronavírus? Entre os anos de 2016 e 2018, o trabalho de campo se desenrolou por meio do uso de ferramentas digitais e atividades presenciais. A experiência prévia da utilização de tecnologias de interação digital foi oportuna em 2020 quando reativamos o campo de pesquisa que dispensava o deslocamento dos pesquisadores e nos debruçamos sobre o conteúdo voltado a esses profissionais em sites, grupos de discussão, plataformas de vídeo e redes sociais, bem como em congressos organizados no formato a distância. Desse modo, a pesquisa que embasou nossa análise privilegiou profissionais que, de alguma forma, participassem de circuitos de exposição pública das imagens que produzem, nos permitindo acessar os discursos dominantes de um campo profissional crescentemente mediado por plataformas digitais. O trabalho de fotógrafos e produtores de vídeos sociais não costuma ser associado ao fenômeno de transformações do mundo do trabalho próprio do século XXI. Porém, nas últimas duas décadas, ele tem sido reconfigurado pelo desenvolvimento de tecnologias digitais. Diante da crise instaurada pela Covid-19 e dos prejuízos sofridos pelos trabalhadores, o modelo de trabalho autônomo desprovido de proteções trabalhistas não foi questionado nos espaços de intercâmbio profissional e de construção de reputação observados. Ao invés disso, foi verificada uma aposta dobrada no esforço individual para superação da crise. A confiança agora está sendo depositada no potencial que as plataformas digitais de redes sociais teriam em reerguer os negócios perdidos. O trabalho de campo vem sugerindo que, assim como no período que antecedeu a pandemia, predominam no universo estudado elementos reveladores de uma vigorosa subjetividade neoliberal.

Palavras-chave: subjetividade empreendedora, economia de plataforma, neoliberalismo

## O reaquecimento das assessorias de imprensa em tempos de pandemia

Laura Maria Glüer (IENH)

Doutora em Comunicação

A pandemia trouxe novas oportunidades de trabalho na área da assessoria de imprensa. As organizações públicas, privadas e do terceiro setor foram desafiadas a estabelecer novas formas de comunicação com seus públicos, para divulgar mudanças importantes em sua forma de atuação, como por exemplo, a migração do presencial para o remoto, em muitos casos. Também foi necessário comunicar novos protocolos e negócios que surgiram durante a pandemia, atendendo demandas específicas, a partir da visão inovadora de muitos empreendedores. O aumento de tráfego nas mídias, ocorrido durante a pandemia, deu mais credibilidade ao jornalismo profissional e as boas assessorias de comunicação tiveram de confirmar seu papel de intermediárias qualificadas entre a imprensa e as fontes confiáveis em diferentes ramos de atuação. Isso porque, em momentos de crise como o que vivemos, a imprensa tradicional ganha protagonismo, funcionando como um contraponto às Fake News, sendo considerada mais confiável por uma parcela importante da população, como confirmam dados recentes levantados pelo IBOPE Media. Esse cenário trouxe maior espaço para atuação dos profissionais de assessoria de imprensa, em um nítido reaquecimento do setor. Assessoria de imprensa voltou a ser vista como estratégica em muitos setores da economia e na área da saúde, em especial. A assessoria de imprensa era uma área de formação improvável em boa parte dos cursos de Jornalismo do Brasil, no final do século XX - mesmo com a recomendação da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) da criação de disciplinas sobre o tema. Entretanto, paradoxalmente, o grande campo de atuação que surgia para os egressos dos cursos de Jornalismo, já nos anos 1990, era a assessoria de comunicação. Hoje, segundo dados da FENAJ, aproximadamente metade dos jornalistas graduados atuam em assessoria ou áreas afins. E, nas capitais, este número pode chegar a 60% dos profissionais. Não vislumbrar essa realidade foi um equívoco que perdurou por quase duas décadas nos cursos de graduação em Jornalismo do Brasil, até que as reformas curriculares e os novos cursos surgidos, nos anos 2000, trouxessem um olhar diferenciado para este campo tão importante de atuação para o jornalista, que agora ganha novo impulso.

Palavras-chave: assessoria de imprensa, assessoria de comunicação, pandemia, empreendedorismo

A importância da proposta de valor ao colaborador como um ecossistema de apoio, reconhecimento a equipe

Carla Silvana Gernhardt (Faculdade IENH)

Especialista em Gestão de Pessoas e Liderança Colaborativa. Bacharel em Administração de Empresas pela Faculdade IENH

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciane P. Viana (Faculdade IENH)

Coordenadora do MBA em Gestão de Pessoas e Liderança Colaborativa na Faculdade IENH. Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale.

Este artigo tem como objetivo analisar a percepção do líder sobre os fatores fundamentais para um colaborador sentir-se satisfeito e reconhecido pela empresa. Como metodologia optou-se pela pesquisa descritiva, qualitativa e questionário, realizado em junho de 2020 com líderes que atuam no ramo imobiliário de cinco empresas na cidade de Novo Hamburgo. Para análise dos dados utilizou-se a análise de conteúdo (Marconi e Lakatos 2008). Observa-se que, com a pandemia COVID acentuou-se as discussões sobre busca de felicidade, realizações e satisfação. O Ser humano quer atingir e poder contemplar na totalidade esses sentimentos, em todos os âmbitos de sua vida, inclusive no âmbito profissional. Profissionais passam um terço de suas vidas num ambiente corporativo e, para que permaneçam nas organizações tem que estarem satisfeitos, realizados, sentindo-se parte da mesma. Por sua vez, as empresas necessitam se mostrar ainda mais competitivas, além de produtos de qualidade, precisam uma equipe especializada, eficaz, com custo pertinente. Assim, para reter talentos, a organização precisa ter um diferencial, algo que traga sentido e dê valor para o colaborador optar por fazer parte desta equipe profissional. Uma ferramenta eficaz que vem se destacando é a EVP, ou, Proposta de Valor ao Colaborador. Jouany (2020, online) define “proposta de valor do funcionário é um ecossistema de apoio, reconhecimento e valores que um empregador oferece aos funcionários para atingir seu potencial máximo no trabalho”. Para Medrado (2021, online) “o EVP funciona como um RG cada empresa tem um e é ele que faz a sua empresa ser única entre tantas outras.” Para construir uma EVP, Mendes (2019, online) explica que a empresa precisa montar uma equipe com pessoas chaves dos setores; analisar situações críticas para o negócio, bem como, para o desenvolvimento da EVP; com base em seus propósitos deve definir claramente projetos de gestão de pessoas, talentos e recompensas; investir tempo para saber o que é valor para os seus colaboradores. Depois de tudo planejado a empresa deve realizar o piloto, medir, testar, ajustar, perguntar, observar e monitorar o progresso e estar atento à resposta e à demanda do mercado. Por fim, ressalta-se que os líderes pesquisados percebem a relevância de haver incentivos para motivar os colaboradores, eles elencaram vários benefícios e afirmaram serem importantes para os colaboradores sentirem-se satisfeitos e engajados com as empresas.

Palavras-chave: proposta de valor, retenção de talentos, motivação, liderança

Saúde mental e trabalho: uma revisão por meio da psicologia organizacional e do trabalho

Adriana Eckhardt (IENH - Instituição Evangélica de Novo Hamburgo)

Graduanda em Psicologia

Karen Gregory Mascarello (IENH - Instituição Evangélica de Novo Hamburgo)

Mestre em Educação

A pesquisa aborda o tema da saúde mental, trabalho e a Psicologia. O enfoque teórico e conceitual foi direcionado pela Psicologia Organizacional e do Trabalho, mas não exclusivamente, pois o tema é complexo e vasto. O objetivo do trabalho foi analisar produções científicas nos periódicos brasileiros de Psicologia disponibilizados na plataforma Scielo, dos últimos cinco anos, e estabelecer o estado da arte, como a saúde mental e o trabalho se relacionam, seguindo o eixo da Psicologia Organizacional e do Trabalho. Em termos de método, após busca por termos chaves na plataforma Scielo e seleção dos artigos, a análise se deu por leitura e revisão integrativa, o que possibilitou analisar e interpretar o que foi lido, construindo a análise qualitativa, através de 20 artigos exemplares encontrados durante a pesquisa, relacionados ao tema e ao nosso recorte que relacionava Psicologia e trabalho. Como resultado, percebe-se que as relações de poder dentro das organizações, as mudanças tecnológicas e trabalhistas se mantêm e direcionam as relações de trabalho. A Psicologia Organizacional e do Trabalho precisa estar atenta e instrumentalizada, teoricamente, a fim de primar pela valorização da dignidade humana em seus aspectos psíquicos e pelo resgate do sujeito nas relações de trabalho. Verificamos que a literatura consultada indica como forte a relação entre a saúde mental e o modo de organização do trabalho. A Psicologia pode ser além de uma atuação recuperadora, forma de prevenir tensões nos trabalhadores. Isso confirma o que esperávamos da Psicologia como importante área de atuação institucional e em organizações como forma de aliviar estresses mentais provocados por mudanças e rotinas pesadas (psicológicas) no trabalho.

Palavras-chave: psicologia, saúde mental, trabalho, psicologia organizacional e do trabalho

“O que você usa mais/ prefere: mensagens de textos ou mensagens de voz?”: um estudo sobre a percepção dos jovens em relação ao uso de plataformas de mensageria

Luciane Pereira Viana (Faculdade IENH)

Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social (Universidade Feevale)

Este artigo tem como objeto de estudo a relação juventudes e plataformização digital. E, como foco apresentar dados de um estudo cujo objetivo é identificar a percepção dos jovens brasileiros em relação ao uso de voz e textos nas plataformas de mensagens. Segundo Gillespie 2010; Dijck, Poell, e Waal 2018 estamos na sociedade de plataformas. Conforme a pesquisa

Mensageria no Brasil, realizada em fevereiro de 2021 pela Panorama Mobile Time/Opinion Box, 86% dos pesquisados usam o WhatsApp todo dia, 64% o Direct do Instagram, 22% o Facebook Messenger, 23% o Telegram e 14% o Signal. É possível observar que a interação mediada por plataformas de mensageria se intensificou com o distanciamento social e as orientações sanitárias de prevenção ao contágio da pandemia mundial do COVID-19. Neste período (e ainda continuam) as plataformas agilizarão tarefas e orientarão as interações pessoais e profissionais (comunicação, aprendizado, mobilidade, consumo, entre outros). Assim, neste artigo utilizou-se a pesquisa descritiva, qualitativa, com entrevistas realizadas nos meses de fevereiro a agosto de 2021, de forma online com 20 jovens na cidade de Novo Hamburgo/RS - Brasil. A pergunta realizada aos jovens e analisada foi: “O que você usa mais/ prefere: mensagens de textos ou mensagens de voz? Por quê?” O referencial teórico busca discutir questões sobre juventudes, plataformas de mensageria e inclusão digital, conta com os autores Bauman, Castells, Feixa, Reguillo Cruz, Van Dijck, Poell, Nieborg e Van Dijck, Lemos, Winocur, entre outros. Os resultados apontam que os jovens utilizam diariamente plataformas de mensagens pela praticidade, agilidade e acessibilidade, combinando as duas formas de mensagens: voz e texto. Vale destacar que a escolha entre mensagens de voz e de textos depende da ocasião, do objetivo da mensagem e de quem é a pessoa que receberá a mensagem, pois existe uma preocupação com a interpretação da correta da mensagem, como demonstrar os sentimentos, expressões de fala e a formalidade, caso na ocasião se faça necessário.

Palavras-chave: juventudes, inclusão digital, plataforma digital, mensageria

## **ST14 Descentrando o anthropos: perspectivas técnicas e estéticas**

Rainer Miranda Brito

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF, campus Serra da Capivara)  
rainer.brito@univasf.edu.br

Pedro Peixoto Ferreira

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Este ST acolherá trabalhos que proponham perspectivas sócio-anropológicas interessadas na compreensão da participação de agências não-humanas na gênese e manutenção de processos técnicos e estéticos. Espera-se que tais perspectivas sejam capazes de trazer à luz circunstâncias histórico bibliográficas, teóricas, e/ou etnográficas onde agências não-humanas se manifestem em fenômenos técnicos e /ou estéticos. São esperadas reflexões em torno do protagonismo de agentes não-humanos em processos de invenção e manutenção sociais (o que fazem? quais são seus efeitos?). A proposta do ST é promover a troca de conhecimento e o debate em torno de atribuição, descrição e reconhecimento de agências não-humanas em processos técnicos e estéticos.

Palavras-chave: técnica, estética, sociogênese, agência, não-humanos

### **Sessão 1**

Tecnoestética da precisão: investigação sobre a agência das imagens técnicas na agroindústria  
Evandro Smarieri (Universidade Estadual de Campinas)

Mestre em Sociologia

Este trabalho propõe uma investigação sobre a agência das imagens técnicas, no desempenho da agricultura de precisão. As imagens às quais nos referimos são renderizações de dados obtidos por meio de instrumentos de sensoriamento remoto, que buscam descrever quantitativamente os processos físicos e biológicos que envolvem a prática agrícola. No entanto, a circulação destas imagens não se restringe aos ambientes de desenvolvimento e cultivo, sendo comum observá-las em comunicações públicas. Dentro da proposta deste Seminário Temático, pretendemos abordar estas imagens a partir do conceito de tecnoestética em Gilbert Simondon, a fim de explorarmos os efeitos da associação com estas imagens. Procuramos argumentar que as imagens técnicas produzidas no âmbito da agricultura de precisão são elementos disparadores de uma intuição perceptiva, com implicações na resolução de problemas dentro deste cenário. Buscaremos relacionar este sentimento tecnoestético com a construção de uma objetividade pretensamente neutra, mas notadamente comprometida com o projeto de escala do agronegócio. Neste sentido, estas imagens são concretizações da ideia de precisão. Produzidas a partir do

tratamento algorítmico sobre dados coletados por sensores, elas operam um regime de individualização do conhecimento sobre o mundo, que padroniza as interações em proveito da expansão de um projeto de escala predeterminado, pautado pela eficácia e a eficiência. Mais do que tornar visível fenômenos imperceptíveis aos órgãos de sentido, estas renderizações tornam real uma interpretação específica do mundo. Sua objetividade transforma aquilo que é suposto em algo que é preciso, transforma previsão em predição. Em outras palavras, o processo que produz estas imagens busca tornar real a sobreposição do projeto de escala, próprio do agronegócio, sobre a não-escalabilidade que permeia as culturas agrícolas. As implicações da resolução desta tensão são determinantes não apenas para o coletivo envolvido com a produção, mas para toda a coletividade afetada pela agroindústria. Portanto, a compreensão da agência destas imagens é fundamental para a definição do que denominamos efeito de precisão, ou seja, o produto da ação-rede, materialmente heterogênea, que caracteriza o desempenho da agricultura de precisão.

Palavras-chave: imagens técnicas, tecnoestética, precisão, agronegócio

Simondon, Latour e agência técnica como sede de associações na industrialização da eletricidade

Stefano Schiavetto Amancio (Universidade Estadual de Campinas)

Doutorando em Sociologia (IFCH/Unicamp)

Segundo Simondon, o “objeto técnico primitivo não é um sistema natural, físico; é a tradução física de um sistema intelectual” (MEOT, 2020, p. 90). No registro da primitividade da concretização, a patente pode ser compreendida como o registro do começo absoluto de um vislumbre de possibilidades tecnopolíticas. No século XVIII em diante, mas aqui especialmente tratado o final do século XIX e início do século XX, a patente pode ser compreendida, também, como uma síntese de associações e uma disparação de re-associações. Síntese de associações porque o começo absoluto patenteado é a vitória de uma corrida disputada entre grupos de inventores e seus financiadores, que associam os interesses naturais e técnicos, necessários para um modo de funcionamento exitoso, com interesses de êxitos terceiros: galgarem posições vantajosas em industrializações. Disparação de re-associações porque a tecnicidade individual, em sua natureza técnica depositária de elementos técnicos integrados num meio associado regulador de conjuntos técnicos, exerceu agência tecnoindustrial ao situar a empresa patenteadora numa posição privilegiada para se inscrever como ponto de passagem obrigatória na concretização de conjuntos técnicos comercializáveis e como centro de cálculo na gênese de setores industriais. Por esses motivos, a “tradução física de um sistema intelectual” é mediada por interesses em agência-rede, e o modo de existência dos objetos técnicos (elemental, individual e conjuntural) importa para a compreensão das agências tecnopolíticas. Como casos empíricos, aborda-se as corridas pelo patenteamento e a vida industrial de um dos primeiros elementos técnicos elétricos e um dos primeiros indivíduos técnicos elétricos a ingressarem no

mercado doméstico, a lâmpada incandescente, de Thomas Edison e sua corporação General Electric, e o telefone, de Alexander Graham Bell e sua corporação American Telephone and Telegraph. Conclui-se que tais associações solidificaram: (1) um capitalismo de privatização monopolista da pesquisa, da invenção e da exploração comercial da redução da margem de indeterminação de objetos técnicos elétricos, por grandes corporações que se beneficiaram de políticas estadunidenses de desenvolvimento nacional heroizantes de inventores e de uma nacionalidade “inventiva e líder na indústria de tecnologias”, e (2) uma cultura legitimadora da alienação da invenção técnica a corporações. Uma solidez invasiva do século XX e XXI, agente na disparação da eletrônica.

Palavras-chave: patente, agência técnica, elétrica, indústria, Simondon, Latour

Ritmo de Santos e Ritmos de Vida: considerações sobre aparatos técnicos “pré” e “extra” humanos

Gabriel Bertolo (Universidade Federal de São Carlos)

Doutor em Antropologia Social (PPGAS/UFSCar)

A partir da Dança de São Gonçalo como praticada pelas comunidades caiçaras do litoral sul paulista, dentro do complexo cultural do Fandango, busca-se investigar como, junto aos elementos sonoros, acústicos, imagéticos e estéticos de um estilo e de um gênero musical específico, manifesta-se a agência de São Gonçalo como produtor e regulador do ritmo de vida da comunidade em questão. Por meio de uma dupla experimentação etnográfica, ainda em fase de elaboração, o objetivo é uma consideração conjunta de duas hipóteses, a saber: a ideia de ritmo como um aparato técnico, por um lado; e a ideia de que (a) técnica, a um só tempo, ultrapassa e precede o elemento humano, que por sua vez “se constitui” nas e através das técnicas (específicas). Propõe-se, paralelamente, uma metodologia de pesquisa sobre processos técnicos e estéticos de populações tradicionais e originárias, inspiradas na acustemologia relacional de Steven Feld (2020), que não ignore as agências e posicionalidades “pré” e “extra” humanas - neste caso, principalmente na figura sobre-humana de São Gonçalo - na constituição do saber e das práticas sobre o som, a música e a dança e, no limite, sobre a formação e manutenção da comunidade e de sua(s) história(s).

Palavras-chave: São Gonçalo, fandango caiçara, acustemologia, ritmo, populações tradicionais/originárias

Desenhos produzidos durante ritual transreligioso com plantas medicinais na Arca da Montanha Azul

Frederico Romanoff do Vale (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Mestre em Antropologia PPGSA/UFRJ

Pretende-se demonstrar os resultados parciais da pesquisa de campo empreendida entre os anos de 2018 e 2020 em uma casa transreligiosa no Rio de Janeiro - a Arca da Montanha Azul. Trata-se de um dos diversos centros espiritualistas espalhados pelo Brasil e que fazem o uso da ayahuasca (pensado aqui como um agente não-humano por excelência e ainda como substância capaz de facilitar o contato com outros agentes). Neste trabalho utilizo a expressão proposta por Bia Labate (2004) ao referenciar esses centros como pertencentes as religiões "neo-ayahuasqueiras". Durante o período de pesquisa em campo buscou-se interpretar a produção e o papel dos desenhos em relação ao contexto em que eram criados e de sua participação nas cerimônias. Para tanto tratamos da questão da agência (fazendo referência ao trabalho do antropólogo Alfred Gell (1998)) que esses objetos artísticos podem exercer em relação a comunidade religiosa em estudo. Verificou-se durante a pesquisa que os desenhos produzidos durante as cerimônias sofriam agências não-humanas vinculadas a diferentes tradições religiosas.

Palavras-chave: arte, agência, plantas, estética

## **Sessão 2**

Marafo, espumosa e pito: formas de potencializar encantados em festas no nordeste paraense

Hermes de Sousa Veras (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutorando em Antropologia Social

Festa, como relembra Muniz Sodré, é renovar força. Os terreiros, em certa medida, fazem festa para serem terreiros. O presente ensaio etnográfico apresenta parte do trabalho de campo desenvolvido em São João de Pirabas, Pará, cidade localizada na região do salgado paraense. Apresentarei festas e giras para encantados e outros seres vivenciadas na cidade, mais especificamente em dois terreiros, onde se faz necessário um preparo das filhas e filhos de santo, além da busca de recursos para a confecção das roupas que serão utilizadas pelas entidades encantadas, a bebida e comida que será distribuída na festa. Se busca executar uma festa que seja bonita, mas que ao mesmo tempo carregue e transmita axé e fundamento, o que não se alcança com apenas a reunião de abundância, mas também operando uma boa dose de humildade e bem-viver com as entidades encantadas e a comunidade de terreiro. Diante disso, as entidades encantadas pedem marafo (cachaça), espumosa (cerveja) e o pito (cigarro) para

que possam se divertir mas também agir dentro da vivência ritual da festa, que acontece seguindo a lógica das giras: ao som de tambores, maracás e outros instrumentos de percussão, junto com o entoar de pontos de força e doutrinas destas entidades. As entidades encantadas, quando estão nos corpos das filhas e filhos de santo, encantam estes corpos e participam da gira também cantando seus pontos. Nesse momento acontece aquilo que Paul Gilroy denomina de antifonia, elemento presente e característico da música negra, com seus improvisos, chamadas e respostas que vão para além do recurso e significado verbal. É nesse sentido que apreendo a interação da entidade encantada com a plateia, formada por participantes e filhas e filhos de santo. Portanto, com as conexões entre o preparo das filhas e filhos, o alcançar de recursos e a execução da festa, temos um panorama de como as entidades encantadas são vivenciadas e potencializadas na vida das pessoas que formam os terreiros em São João de Pirabas. A ideia é mostrar como se conectam o festejar, a antifonia (chamado e resposta) e uma estética e ética do viver encantado.

Palavras-chave: religiões de matriz africana, encantaria, pajelança, festa, ética, estética

Tecnologias de autocuidado e tecnologias digitais: agenciamento sóciotécnico, ética do cuidado e colonialidade

Vilbégina Monteiro dos Santos (Universidade do Estado da Bahia/ Universidade Federal da Bahia)

Doutoranda em Comunicação e Culturas Contemporânea (UFBA)/ Mestre em Cultura e Sociedade (UFBA)

Os estudos feministas do cuidado e os estudos feministas da ciência pensam o cuidado com uma tripla dimensão, a saber; estado efetivo vital; obrigação ética e trabalho prático. O cuidado tem sido capturado dentro das relações do capital- virando indústria de serviço, produto, elemento de empreendedorismo liberal- como também habitado e co-produzido por plataformas digitais. Cuidar é uma tecnologia de vida e com implicações materiais vitais para o mundo. O cuidado é sempre situacional e “situar tecnologias é uma tentativa de desconstruir a universalidade que se impõe, violentamente, em diversas esferas da vida” (Hui 2020). Assim, este trabalho se debruçará sobre o elemento autocuidado na tríade que compõem o direito ao cuidado (Pautassi 2007), a saber, direito de cuidar, de ser cuidado e de autocuidado; para assim, discutir as tecnologias do autocuidado em sua composição com plataformas digitais e seus agenciamentos, a partir do diálogo entre a ética do cuidado, proposta por Donna Haraway e Maria Pluig de Bellacasa, e as discussões de colonialidade de gênero, de poder, e cosmogâmica, de Maria Lúgones e Rita Segato. O conjunto de reflexões que apresentaremos será costurado por uma proposta ético-teórica do cuidado feminista (De Bella Casa 2011; Haraway 2019), o que implica maneiras de habitar o mundo no qual se cultive as artes da atenção stengersiana. Atenção ao reconhecimento de outras existências e às multiplicidades de perspectivas sócio técnicas que coengendram o mundo comum. A perspectiva adotada aqui entende que as

maneiras de estudar, analisar, representar diferentes coisas, sejam de humanos ou não-humanos, situações, ambientes, tem efeitos criadores de mundo, em seu aspecto ontológico, metafísico e especulativo do cuidado. Uma noção feminista de cuidado complexifica as questões e assume o compromisso especulativo de pensar fazeres e práticas cotidianas éticas e afetivas; fazeres que encarem os incômodos das existências interdependentes. Esse compromisso articula-se com as discussões do chamado feminismo decolonial Assim, a análise de diversas práticas e experiências de autocuidado co-produzidas por plataformas digitais, a exemplo do instagram, será também costurada pelos estudos acerca da colonialidade do poder/ser/saber/ cosmogônico a fim de indagar os mecanismos mediante os quais a plataformização do autocuidado é produtora de colonialidade e evidenciar possíveis práticas de resistências decolonial com engendramentos inclusivos e afetivos.

Palavras-chave: autocuidado, plataformização, ética do cuidado, colonialidade, agenciamento sócio técnico

Do homem aos peixes: sobre relações multiespécie na arte de Jonathas de Andrade

Hércules Gomes de Lima (Universidade Federal do Ceará)

Mestrando em Antropologia (PPGA UFC-UNILAB)

Esta comunicação discorre sobre as relações entre humanos e animais no campo da arte a partir da obra “O peixe”, do artista brasileiro Jonathas de Andrade, de 2016. Investigo os tipos de engajamentos que ocorrem entre homens e peixes e se aproximam ao que Haraway chamou de “partilha do sofrimento”. Para seguir a argumentação, descrevo brevemente o filme. Depois, acentuo os gestos que tensionam os limites entre as espécies. O filme se inicia por cenas de pescadores chegando a diferentes trechos de pesca, onde prendem os barcos e lançam redes. Enquanto aguardam, cochilam ou observam a superfície da água. Ao capturar, os pescadores seguram o animal em seus braços e abraçam-no, observando-o atentamente, escrutinando seu corpo, até arrefecer. No final, é dado um close-up sobre os olhos de cada homem do grupo de pescadores de Piaçabuçu e Coruripe, entre Alagoas e Sergipe. As cenas, captadas em 16MM e montadas em loop, foram instaladas na 32ª Bienal de São Paulo - Incerteza Viva em 2016. Os gestos que condensam as relações interespecíficas podem ser sumarizadas em cinco: 1) a pesca: põe em relação direta predador e presa. As técnicas empregadas para captura-los diferenciam os agenciamentos entre homens, peixes e armadilhas; 2) o olhar: a cena final dos olhares dos pescadores, no qual este encara a lente da câmera por uns minutos, retorna o olhar ao espectador, agora participante. Argumento que os olhares desviantes marcam o encontro do homem e do peixe e evitam uma familiarização durante a morte em processo, apartando-os; 3) o abraço: o gesto ritualizado – ficcional e real –, antes que afirmar uma resposta à necessidade alimentar, põe em jogo a transformação em curso da morte do animal, por meio de um acompanhamento gradual do sofrimento, fundamental para a interação das espécies; 4) a comunicação: por meio do silêncio, produz-se uma indeterminação, um momento-limite dos pontos de vista anteriores

ao abraço. O corpo de um encontra o outro, se confortando e comunicando; e, por fim, 5) há uma “partilha” entre o homem e o peixe ao acompanhar seu sofrimento para confortá-lo durante o fim iminente. Compreendo o abraço como momento liminar registrado e ficcionalizado, ao mesmo tempo, que atesta o perigo de conversão, sendo necessário uma identificação não mimética durante um período controlado entre as partes.

Palavras-chave: relações multiespécie, antropologia da arte, cinema, arte contemporânea

## **ST15 Etnografias e Saberes Psi: naturezas, culturas, modos de subjetivação**

Maria Carolina de Araujo Antonio  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)  
mariacarol@uel.br

Arthur Arruda Leal Ferreira  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Felipe Sales Magaldi  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional (PPGAS/MN-UFRJ)  
femagaldi@gmail.com

Este simpósio visa refletir sobre tecnologias de cuidado e processos de produção de subjetivação presentes no campo dos saberes e práticas psicológicas, sem qualquer juízo sobre sua cientificidade ou eficácia, ou divisão entre conhecimento legítimo ou ilegítimo. Serão considerados estudos e etnografias voltados aos conhecimentos e práticas das neurociências, psiquiatria, psicologia, psicanálise, que abordem, sob diferentes perspectivas, dispositivos, políticas e técnicas presentes, de um lado, nas práticas terapêuticas, itinerários, agenciamentos sociais, saberes científicos, locais e/ou tradicionais mobilizados por sujeitos e coletividades em relação a processos de saúde-adoecimento; e de outro, políticas públicas e ações do Estado, atravessados por processos de institucionalização e desinstitucionalização de serviços e redes de atendimento em saúde mental. A intenção é ampliar a compreensão e interlocução entre trabalhos que problematizam a construção de saberes e técnicas que tomam a esfera psicológica como campo de atuação e que envolvam questões de gênero, sexualidade, raça, classe, etnia, entre outros marcadores sociais da diferença como experiências de sofrimento, aflição, perturbação e adoecimento enquanto processos de subjetivação. Também serão bem-vindas propostas teóricas e empíricas que articulem a crítica dos binômios indivíduo/sociedade, natureza/cultura e objetividade/subjetividade ao estudo dos modos de subjetivação hegemônicos no capitalismo tecnocientífico.

Palavras-chave: saberes psi, subjetivação, neurociências, saúde mental

## **Sessão 1: Cuidado, Sofrimento e Saúde Mental**

Debatedor: Martinho Braga e Silva (IMS - UERJ)

Desigualdades, “Cuidado em Rede” e Saúde Mental Infantil

Lecy Sartori (Universidade Metropolitana de Santos)

Doutora em Antropologia

Esta comunicação tem por objetivo explorar o modo de produção de um “cuidado em rede” em um Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi), em Campinas. O ponto de partida é apresentar as estratégias terapêuticas da equipe CAPSi descrita em um documento entregue ao Juiz da Vara da Infância. O documento detalha o itinerário terapêutico de uma adolescente assistida pela equipe e que vive, em um abrigo, separada de sua filha de três anos. A estratégia da equipe é produzir um agenciamento social, com a ajuda do Juiz da Vara da Infância, que permita à adolescente e sua filha seguirem juntas no mesmo abrigo. Pretendo, com isso, apresentar as estratégias de “cuidados em rede” que acionam diferentes instituições que acompanham adolescentes institucionalizados em situação de sofrimento psíquico e de precariedade social. Minha ideia é chamar a atenção para o trabalho minucioso de construir um “cuidado em rede” a partir de uma relação de vínculo/proximidade/intimidade mediada por experiências instáveis/frágeis/contingentes de uma adolescente em sofrimento que circula pela cidade, abrigo e CAPSi.

Palavras-chave: “cuidado em rede”, saúde mental infantil, abrigo, desigualdade

Eletroconvulsoterapia e memória: controvérsias e disputas de realidade na prática psiquiátrica

Gustavo Koetz da Rosa (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestre em Antropologia

A Eletroconvulsoterapia (ECT) é uma terapêutica psiquiátrica que se situa de modo controverso no campo da saúde mental. Está inserida em um cenário de disputas na política de saúde mental, por um lado há uma não remuneração da prática pelo SUS, de outro, mais recentemente, há a inclusão do equipamento da ECT como item financiável pelo Fundo Nacional de Saúde. Mais popularmente conhecida como eletrochoque, a prática passou por transformações ao longo do tempo. Principalmente, a partir dos anos 2000, a ECT passou a ser defendida como terapêutica psiquiátrica biológica segura e eficaz, inclusive capaz de superar os psicofármacos na assistência em saúde mental. O Conselho Federal de Medicina do Brasil a regulamentou em 2002 orientando que sua realização se dê com o acompanhamento não só de psiquiatra, como também de anestesista e profissional de enfermagem. De todo modo, embora, a anestesia e os relaxantes musculares tenham transformado a prática, a continuidade da mobilização de

passagem de corrente elétrica no cérebro persiste como produtora de efeitos colaterais indesejados. O ponto a ser analisado parte de uma das questões que tornam sensível o debate: a perda de memória relacionada à ECT. A proposição a ser enfrentada se dá no acompanhamento antropológico das associações que procuram estabilizar a controvérsia em torno da perda da memória e do estatuto da mesma em artigos da neuropsiquiatria, ou de uma psiquiatria biológica, e outrossim, se aproximar da memória nos relatos escritos e gravados de pessoas que experimentaram a ECT. Especificamente, a análise toma como objeto as tensões em torno da mudança na classificação de risco da ECT pela Food and Drug Administration (FDA) do fim da década de 2010. Desse modo, busco uma descrição que percorra a memória em distintos estatutos: Estado, academia, biomedicina e em relatos de pessoas que experienciaram a ECT. Inscrevo-me no movimento antropológico que questiona a univocidade de uma realidade exterior, assim, busco pensar no modo como a memória performa, apresenta e produz realidades e de como são múltiplos os arranjos que fazem existir, não uma, mas múltiplas ECT's.

Palavras-chave: eletroconvulsoterapia, saúde mental, memória, antropologia da ciência

As intermediações entre o coletivo e o individual no sofrimento psíquico de graduandos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP): diálogos antropológicos com campos da saúde mental

Felipe Paes Piva (Universidade de São Paulo)

Mestrando em Antropologia Social (PPGAS-USP)

Esta proposta debruça-se sobre um fenômeno no meio universitário: o sofrimento mental de seus alunos. Com pesquisa empírica junto aos alunos de graduação da FFLCH-USP, a pesquisa visa entender em que medida há uma interação específica entre saúde mental e a experiência de discriminação associada aos marcadores sociais da diferença (raça, classe, gênero, sexualidade, dentro outros) através da convivência e das narrativas destes alunos. Deseja-se apreender o caráter relacional desses sofrimentos que ocorrem no ambiente universitário e as formas complexas como tais marcadores se entrelaçam nessas narrativas. Parte-se do entendimento de que tal fenômeno não se estabelece de forma homogênea entre os alunos, mas as junções de determinados marcadores apontam uma maior suscetibilidade de sofrimento psíquico, derivado de condições precárias específicas de determinados grupos sociais em contraposição a outros no contexto universitário e da precariedade nas estruturas de inclusão e permanência. O conceito de saúde mental tem sido objeto das mais diversas reflexões na antropologia, contudo é usado para contextualizar o universo empírico no qual noções de dor e sofrimento atravessam fronteiras disciplinares de diferentes campos de saber - biomédico, psicologia, psicanálise, psiquiatria, neurociências, saúde pública, dentre outros. A saúde mental é um dos poucos campos de conhecimento e atuação na saúde que são tão complexos, plurais, intersetoriais e transversais de diferentes campos de saber. Assim como debates sobre a medicalização, a

patologização e a terapeutização dos sofrimentos e das subjetividades. Entendo aqui que o sofrimento psíquico no ambiente universitário envolve tanto dimensões individuais, quanto dimensões coletivas e institucionais. O sofrimento tanto pode estar relacionado a questões coletivas envolvendo os diversos marcadores sociais da diferença que fazem a intermediação entre o individual e o coletivo, quanto às questões envolvendo mudanças estruturais das condições de vida, de redistribuição econômica, de reconhecimentos culturais e históricos, do acesso à saúde, à educação e toda uma série de efetivação de direitos. Como também pode estar relacionado diretamente ao contexto estudantil e burocrático universitário. Os dados levantados são resultantes de um formulário que teve 252 respostas e de 13 entrevistas semi-estruturadas realizadas com alunos de graduação da FFLCH que realizei numa iniciação científica e continuo a realizar no mestrado.

Palavras-chave: saúde mental, marcadores sociais da diferença, desigualdades sociais, universidade

O papel do diagnóstico psiquiátrico na construção do ideal de cidadão no Brasil a partir do Estado Novo até a reforma psiquiátrica

Marco Antonio Gatti Junior (Universidade Federal de Minas Gerais)

Mestrando em Antropologia (UFMG)

Marcos Vinícius Thomaz (Universidade Federal de Minas Gerais)

Doutorando em Antropologia (UFMG)

Partindo de uma análise histórica do contexto brasileiro em relação ao encarceramento e segregação à populações historicamente marginalizadas, o trabalho tem o intento de entender qual foi o papel dos diagnósticos no âmbito médico-psiquiátrico para a reverberação da patologização principalmente de pessoas negras e homossexuais e quais mudanças desde o Estado novo até os debates no bojo da reforma psiquiátrica foram importantes para tais construções. No início do século XIX, após o florescimento de ideias iluministas, acontecem mudanças significativas no pensamento científico brasileiro, seja por metodologias lombrosianas ou ideologias nazi-fascistas, principalmente no que tange o fomento da ciência e da figura do médico como autoridade de análise da realidade. Neste período é consolidada a concepção de doença mental, com o modelo biomédico enquanto detentor do poder de definir quem são os sujeitos ideais para a sociedade a partir da cisão entre o normal e o anormal. Tal contexto é fundamental para os rumos da construção social e repressão no país, demonstrando que o saber científico não está apartado dos valores e relações de poder já presentes na sociedade. Desse contexto surgem os debates do código penal brasileiro e a lógica do confinamento psiquiátrico-policia, assim como a criação do diagnóstico do “louco moral” muito utilizado quando não havia provas suficientes para o isolamento do acusado em questão. No contexto de inauguração do primeiro hospício brasileiro, aquilo que era entendido como

prática assistencial em saúde mental, se resumia a internações compulsórias nos manicômios que cresciam e se expandiram pelo país com o avanço dos anos. Dados sobre internações em um recorte dentro deste período mostram que de 1941 à 1978 o número de leitos aumentou substancialmente, sendo maior parte deles, leitos privados financiados pelo estado, ou seja, criou-se um mercado de internações psiquiátricas, em especial no período da ditadura militar. Várias instituições manicomialis foram criadas no país, estas protagonizaram denúncias e relatos de abusos, maus tratos e degradação da integridade humana em suas mais variadas formas de expressão. É possível analisar a partir de tais casos o perfil das pessoas “tratadas” e quais diagnósticos foram acionados para justificar sua internação para controle social em cada contexto a partir de 1930 perpassando o Estado Novo, ditadura militar até os debates gerados no processo da Reforma Psiquiátrica no Brasil.

Palavras-chave: saúde mental, reforma psiquiátrica, louco moral, antropologia, psicologia

## **Sessão 2: Etnografias dos Saberes e Práticas Psi**

Debatedor: Arthur Arruda Leal (UFRJ)

Corpo e percepção na terapia Arte Org: algumas notas de campo

Luis Felipe Kojima Hirano (Universidade Federal de Goiás)

Doutor em Antropologia Social (USP)

Esta apresentação baseia-se em pesquisa etnográfica realizada em mais de oito anos de campo na terapia corporal e perceptiva Arte Org. Essa terapia foi criada há 40 anos por psicólogos brasileiros e chilenos que buscaram atualizar a orgonoterapia de Wilhelm Reich para lidar com o funcionamento humano contemporâneo que, conforme a teoria arteorguiana, mudou desde a época de Reich. Inicialmente, como paciente e posteriormente, como aprendiz no curso de formação da Arte Org, fui aprendendo outra noção de corpo e percepção por meio de exercícios práticos e das discussões de textos nativos. Para além da análise da fala, o tratamento na Arte Org ocorre por meio dos exercícios-procedimentos, que envolvem o corpo e a percepção – visão, audição, tato e outros sentidos –, buscando ao mesmo tempo a uma “presença corporal” e a um acompanhamento da “ausência corporal”, em termos nativos. Grosso modo, no pensamento arteorguiano, o funcionamento contemporâneo estaria produzindo um ser aquém e além do próprio corpo, ao exacerbar um modus operandi que privilegiaria alguns modos de percepção, em detrimento de outros. Sendo assim, os exercícios-procedimentos buscam que seus pacientes voltem a habitar o corpo de outros modos e acompanhar as maneiras com que nos ausentamos do corpo por meio da percepção – por exemplo, ao nos fixarmos nos feeds de redes sociais. Se para Reich, os mecanismos de defesa psíquica descritos por Freud encontravam paralelo no corpo, para a Arte Org, a ausência é a principal forma de defesa do funcionamento humano atual. Em outras palavras, na teoria arteorguiana, a ausência corporal por meio da percepção é

uma dimensão fundamental na compreensão dos modos de subjetivação. Diante dessa constatação, a Arte Org criou uma série de exercícios e conceitos para a análise e acompanhamento de como a ausência acessa diferentes lugares perceptivos e corporais e lugares para além do organismo humano. A experiência de campo nessa terapia tem permitido um frutífero diálogo com antropologias que apresentam alternativas à perspectiva representacionista da percepção, como, por exemplo, as praticadas por Tim Ingold e Gregory Bateson, abrindo caminhos para ampliar a discussão sobre corpo, percepção e modos de subjetivação na antropologia contemporânea.

Palavras-chave: corpo, percepção, modos de subjetivação, terapia Arte Org, Wilhelm Reich

Clínica psi e os modos de articulação entre versões diversas: a circulação plural de pacientes e estagiários

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Mestrando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS)

Arthur Arruda Leal Ferreira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutor em Psicologia / PUC-SP

Laura Petrenko Doria (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Graduanda em Psicologia / IP-UFRJ

Rafael de Souza Lima (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutorando em Psicologia / PPGP-UFRJ

Amanda Nordskog Ribeiro (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Graduada em Psicologia / IP-UFRJ

Paulo Henrique Mendes da Cunha (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Graduado em Psicologia / IP-UFRJ

Este trabalho busca examinar os modos de articulação e de produção de subjetividades gerados entre as diversas versões do campo das psicologias clínicas. Para acompanhar este processo, optamos por realizar uma pesquisa de campo na Divisão de Psicologia Aplicada da UFRJ. Este espaço foi escolhido, pois aí convivem terapias de orientações bem diversas (psicanalíticas, gestaltistas, cognitivo-comportamentais, existenciais, tcicistas, neuropsicológicas e esquizoanalíticas) na oferta de atendimentos comunitários. Por questões de política de pesquisa, houve a decisão de acompanhar este processo por entrevistas e participação em grupos de supervisão. No trabalho de campo nos guiamos por algumas pistas propostas pela Teoria Ator-Rede e Epistemologia Política quanto à simetria entre discursos científicos e discursos correntes.

De modo mais detalhado isto implicou em considerar as narrativas dos seus diversos atores (pacientes, estagiários, funcionários e supervisores) na forma mais simétrica, ou seja, ao considerar estes relatos como os melhores representantes de suas experiências e motivos. Em nossas descrições, foram considerados os modos de engajamento que certas técnicas terapêuticas produzem no intercurso com diversos atores humanos, mas igualmente com dispositivos sociotécnicos (o prédio da DPA, a legislação de estágio e a relação com a universidade). De maneira mais precisa, consideramos os modos de articulação na circulação de pacientes e estagiários entre as diversas versões no campo clínico. Para tal, utilizamos os conceitos de multiplicidade e pluralidade de John Law e Anemarie Mol. Assim pôde ser observada a difícil circulação de pacientes e estagiários pelas mais diversas orientações, assim como a difícil articulação de experiências de diferentes versões por parte dos estagiários e a progressiva composição por parte dos pacientes. Tudo isto conduz a um cenário de pluralidade radical encarnada entre as diversas versões clínicas em psicologia neste dispositivo.

Palavras-chave: dispositivos clínicos, produção de subjetividade, teoria ator rede, epistemologia política

Saberes e discursos da psiquiatria acerca do processo saúde-doença e seus efeitos de mercado: o consumo de psicotrópicos em questão

Marcia da Silva Mazon (Universidade Federal de Santa Catarina)

Doutora em Sociologia Política (UFSC)

Quando falamos de mercado e consumo é mais fácil pensar em prateleiras de supermercado e lojas de roupa do que em psicotrópicos. Pensamos o consumo como algo que diz respeito a uma necessidade do consumidor (para alguns ele é considerado como alguém com preferências dadas e que chega ao mercado para satisfazer necessidades). Os trabalhos de autores das Ciências Sociais dedicados aos mercados apontam para o encontro entre oferta e demanda como algo intermediado pela cultura, crenças compartilhadas. Mais do que o encontro entre oferta e demanda, o que nomeamos objeto de mercado é um arbitrário cultural, construído no curso da própria ação. Transferimos o raciocínio para o consumo de psicotrópicos. Embora constituam um item de mercado como outro qualquer – entramos na farmácia, pagamos e saímos com um medicamento, eles possuem aspectos particulares. São bens credenciais (quem afirma se o bem é adequado ou não, não é o consumidor e sua experiência, mas antes a interpretação de um especialista – psiquiatra - sobre os resultados) e são também bens de prescrição: é necessária uma receita que autoriza a compra deste bem. Partimos de autores como Pierre Bourdieu, Viviana Zelizer, Nikolas Rose e Andrew Lakoff para explorar a construção social dos mercados de psicotrópicos a partir da emergência de um si mesmo neuroquímico e como este discurso aparece tanto nas práticas de prescrição quanto são multiplicados e reforçados pela atuação de influencers digitais nas mídias sociais na era do que Lakoff nomeia como ‘razão farmacêutica’. Aqui interessa-nos destacar os aspectos simbólicos da prescrição assim como os novos aspectos

da prescrição no que diz respeito aos psicotrópicos quando o assunto é o metilfenidato – ou seu nome no mercado: Ritalina. Nos resultados da pesquisa foi possível concluir como a sociedade digital e interconectada coloca em circulação os influenciadores digitais que não só abordam psicotrópicos como apresentam aulas sobre o funcionamento do cérebro e formas de ação dos psicotrópicos contribuindo tanto para o espalhamento e simplificação do uso tanto quanto na naturalização de sintomas e diagnósticos. Estes discursos contribuem para a criação dos psicotrópicos como itens de mercado e para a moralização de sua prescrição mesmo diante das interrogações epistemológicas sobre a relação entre TDAH e imageamento cerebral. Sofrimentos psíquicos relacionados ao contexto social mais amplo são reduzidos a transtornos do cérebro.

Palavras-chave: mercados, efeitos do discurso, prescrição de psicotrópicos, consumo, psiquiatria

Pandemia de Covid-19 e saúde mental: relatos do campo etnográfico

Yuri Coutinho Vilarinho (Universidade Federal Fluminense)

Mestre em Saúde Coletiva (IMS-UERJ) / Doutorando em Psicologia (UFF)

No início de março de 2020, nossa pesquisa de campo estava sendo conduzida, na forma presencial, num ambulatório de saúde mental localizado no Estado do Rio de Janeiro. Em poucos dias, de forma abrupta, toda a configuração da pesquisa foi alterada, devido à pandemia da Covid-19. A partir de então, ficou claro que, se estávamos todos, em termos planetários, em um “mar turbulento”, certamente, não estávamos no mesmo “barco”, visto que vastos grupos e setores da população enfrentaram as ondas no corpo-a-corpo, ficando à mostra os privilégios que uma parcela ínfima manteve ou até mesmo ampliou. O presente trabalho tem como objetivo apresentar e discutir alguns dados etnográficos coletados entre março de 2020 até o momento atual (a pesquisa ainda está em andamento), período no qual acompanhamos o cotidiano de trabalho de uma equipe multiprofissional de saúde mental que “não recuou da linha de frente”. Além das questões pertinentes à própria pesquisa, contemplaremos algumas das dificuldades, problemas e articulações diversas produzidas no contexto de trabalho da equipe, dentre os quais destacamos: os diferentes agenciamentos configurados entre os atores humanos (pesquisador, profissionais e pacientes) e não humanos (tecnologias de acesso à internet, aplicativos, velocidade de conexão etc.), as políticas públicas (municipais, estaduais, federais), os equipamentos de segurança, as incertezas e os medos constantemente enfrentados, o trabalho presencial dos profissionais, os desafios dos que passaram a atender à distância, as emoções e os afetos expressados durante as reuniões virtuais de equipe, a apreensão permanente quanto ao “retorno presencial”, entre outras questões. Em diversas situações, percebemos que as agudizações do sofrimento psíquico dos pacientes recebidos pela equipe tornaram patente a insustentabilidade de algumas dicotomias tradicionais, como a separação entre o que é da ordem do biológico, do psíquico, do social, do individual e do político, uma vez que o vírus abala o

organismo, mas produz impactos tortuosos na psique, os quais são aprofundados, sustentados e amplificados, por sua vez, por uma política oficial da morte. Por fim, fazemos alguns apontamentos sobre a percepção destes profissionais sobre a especificidade do sofrimento mental dos usuários atendidos no contexto pandêmico.

Palavras-chave: etnografia, saúde mental, pandemia, Covid-19, sofrimento psíquico

### **Sessão 3: Redes Sócio-técnicas, Profissionais Psi e Ajuda Mútua**

Debatedor: Felipe Magaldi (MN-UFRJ)

Produzindo saberes sociotécnicos: descrevendo políticas e programas de tratamento para adictos e dependentes tecnológicos

João Paulo Roberti Junior (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestre em Antropologia Social e Doutorando em Psicologia Social.

Disposto a oferecer suporte e tratamento à usuárias/os que abusam da tecnologia, o primeiro núcleo no Brasil, especializado em “Detox digital” e “desintoxicação digital” para a “dependência tecnológica” permite novas visualizações nos modos de governo de tecnologias. Institucionalizado no Rio de Janeiro, o “Instituto Delete” é um programa formado por profissionais da saúde, comunicação e educação (médicos, psicólogos, pedagogos e pesquisadores) que oferecem em sua página, testes para avaliação do que eles denominam de “transtorno de dependência tecnológica”. Por meios de escalas diferenciadas, a iniciativa busca avaliar a “dependência tecnológica” tendo como parâmetro o uso de redes sociais como o Facebook, WhatsApp e sites da Internet. O programa tem por objetivo estimular uma vida social “real” à “virtual” e busca auxiliar na escolha de relacionamentos e amizades “reais” ao invés de “virtuais”. Neste mesmo caminho, o Governo Federal através Secretaria Nacional da Família lançou em 2019 o programa “Reconecte: Usando a tecnologia de forma inteligente!”. O programa visa “reconectar” as famílias e os relacionamentos sociais em geral, conscientizando a população sobre as consequências do uso tecnológico. Segundo o governo federal, o uso imoderado de tecnologia tem interferido negativamente nas relações familiares, tornando o problema, um problema de saúde global. Diante desses dados, este trabalho tem por objetivo problematizar tais políticas e descrever algumas ações destas mesmas políticas, como os testes de avaliação da “dependência digital” e as instruções para uma “educação digital” para adictos tecnológicos. A diferenciação do “real” e do “virtual” é desestabilizada quando o próprio teste para definição do transtorno de “dependência tecnológica” é realizado no site do programa. Além disso o surgimento de híbridos que aparecem nestas campanhas e serviços, como o “detox digital” ou mesmo o “transtorno de dependência digital” reafirmam dispositivos de socialidades online, consolidando assim uma análise sociotécnica que oportuniza a realização de debates sobre os limites de governo no uso de determinadas tecnologias, na diferenciação entre o real e

virtual e no aparecimento de híbridos.

Palavras-chave: dependência tecnológica, redes sócio-técnicas, híbrido

Víctimas y ‘psicólogos comprometidos’ en la Argentina actual

Diego Zenobi (Univ. de Buenos Aires/CONICET)

Doctor en Antropología social

Desde la segunda mitad del siglo XX se ha consolidado la oficialización y legitimación de los saberes psi como un tipo de saber profesional adecuado para el trabajo con personas que han atravesado diversos tipos de violencias. Si bien se trata de un proceso global que tiene al concepto de “trauma” como centro de gravitación, la experiencia argentina tiene un color particular que guarda relación con la formación hacia los años ‘80 de un campo profesional articulado en torno de la relación entre salud mental y derechos humanos. En este trabajo exploro las conexiones entre el ejercicio profesional de las disciplinas psi (psiquiatría, psicología social, psicoanálisis) y la militancia política de esos “psicólogos comprometidos” que formaron parte de la militancia posdictatorial. Me baso en los materiales aportados por mi trabajo de campo en un colectivo de víctimas de un incendio ocurrido en Buenos Aires en 2004 en el que murieron 194 jóvenes y más de 1500 resultaron heridos. Abordo el tratamiento estatal de la salud mental de las víctimas y, en particular, el trabajo de aquellos “psicólogos militantes” que responsabilizaron al estado por el incendio y definieron sus consecuencias como violaciones a los derechos humanos.

Palavras-chave: vítimas, psicologia, compromisso político, Argentina

O uso de bots no enfrentamento à pornografia de vingança

Cristiane Moreira da Silva (Universidade Católica de Petrópolis)

Doutora em Psicologia (Universidade Federal Fluminense)

Sylvio Pecoraro Júnior (Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto)

Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Francyne dos Santos Andrade (Universidade Estadual do Rio de Janeiro)

Mestranda em Psicologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Edson Fernando Sabadin da Silva (Universidade Católica de Petrópolis)

Graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Petrópolis

O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação possibilitou interações com uma multiplicidade de conteúdos e sujeitos, refletindo na redefinição das noções de espaço e tempo e dos limites entre humanos e não humanos, acarretando em transformações nos níveis individual e grupal. Surgiram espaços de interação e exposição que dissolveram as fronteiras entre o público e o privado, contribuindo para a prática conhecida como pornografia de vingança, que consiste no compartilhamento de imagens e vídeos, com conteúdos sexuais, sem consentimento, realizada por pessoa com quem a vítima manteve relacionamento amoroso. Com o objetivo de enfrentar o problema a UNICEF, junto à empresa de comportamento Sherpas, desenvolveu o projeto Caretas que oferece uma experiência de interação, por meio do aplicativo Messenger, com a personagem fictícia Fabi Grossi, vítima de pornografia de vingança que solicita auxílio e revela ideação suicida. Fabi Grossi é um bot, um perfil em uma página no Facebook, que é ao mesmo tempo um robô, uma vez que seus comandos são pré-programados para responder da mesma forma todas as pessoas, com uma roupagem de ser humano, tendo em vista que ganha vida através de áudios, fotos e vídeos performados por uma atriz. Com esta pesquisa buscamos compreender as relações que se estabeleceram entre usuários de redes sociais e o perfil de Fabi Grossi, pensando na perspectiva do ciborgue proposto por Haraway (2000) e também no próprio princípio de simetria ampliado de Bruno Latour (1977). Como metodologia adotamos a etnografia no ciberespaço (Hine 2004) participando do experimento enquanto usuários, acompanhando as interações por meio dos comentários no perfil e aplicando um questionário semiestruturado on-line que foi respondido por 154 pessoas que participaram da experiência. A análise dos dados revelou que os participantes compreendiam que as conversas aconteciam com um robô, mas isso não os impedia de sentir que havia uma humanidade na máquina. Os resultados corroboram com os estudos que indicam o engendramento de humanos e não humanos transformando as interações sociais na contemporaneidade. Concluímos que utilizar os recursos tecnológicos que fazem parte do cotidiano pode ser uma estratégia positiva de enfrentamento à práticas de violência colaborando com a prevenção e promoção de saúde.

Palavras-chave: etnografia no ciberespaço, pornografia de vingança, suicídio

As vozes que fabricam nossas emoções: etnografando um grupo de ouvidores de vozes virtual  
Rafael de Souza Lima (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutorando em Psicologia (PPGP/UFRJ)

Este trabalho busca apresentar algumas situações observadas em um estudo etnográfico, ainda em curso, de um grupo de ouvidores de vozes virtual, que se denomina um grupo de auto e mútua-ajuda e é formado por pessoas ouvadoras de vozes e por algumas que não ouvem vozes mas têm interesses diversos pelo tema. Os participantes se encontram uma vez por semana durante uma hora em um grupo do WhatsApp, com o intuito de discutirem estratégias e sentidos para conseguirem lidar com essa experiência de maneiras mais interessantes, abrangendo modos de compreensão e relação com as vozes diversos. Grupos como este, ligado ao Movimento dos Ouvidores de Vozes - The Hearing Voices Movement, fundado na Holanda em 1987, estão espalhados por vários países, ensejando o compartilhamento dessas experiências particulares de ouvir vozes, tendo como mote a ideia de que o problema principal não é o fato de ouvi-las, mas a dificuldade de lidar com as mesmas, e se distanciando, dessa forma, de concepções estritamente negativas da experiência e das intervenções que visam simplesmente erradicar as vozes. Para a presente discussão, será abordada a chegada de um ouvador de vozes novato no grupo, a sua busca por ajuda no mesmo, por conta da sua voz negativa, e as diversas proposições oferecidas a ele por outras participantes. Dentre elas, a indicação de que as vozes podem possuir conteúdo metafórico e a de conversar com a voz, apresentando motivos para não obedecer às suas ordens ou para afirmar que é ele, o ouvador, quem está no controle da situação, e não a voz que ele ouve. A partir das considerações feitas por Vinciane Despret (2004) em *Our Emotional Makeup: Ethnopsychology and Selfhood*, sobre as emoções, busca-se explorar a trajetória do referido ouvador apontando para a construção de uma experiência de "disponibilidade" em relação à voz que ele ouve, na medida em que passa a explorar outros modos de se relacionar e se emocionar com ela.

Palavras-chave: ouvador de vozes, emoções, etnografia, WhatsApp, mútua-ajuda.

#### **Sessão 4: Loucura, Noção de Pessoa e Cosmologias**

Debatedora: Maria Carolina de Araujo Antonio (UEL)

Loucura, transformação, predação e diferença nas terras baixas da América do Sul

Pedro Roberto Meinberg Garcia Filho (Universidade Federal de Santa Catarina)

Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFSC)

Mestre em Psicologia (UFSC); Mestrando em Antropologia Social (UFSC)

A loucura só existe em uma sociedade, diria Foucault, não existindo fora das formas de

sensibilidade que a isolam, repulsam ou a capturam. Por esse caminho, o trabalho aqui busca investigar a possibilidade de existir ou não um conceito análogo à loucura entre as sociedades indígenas do continente sul-americano. Poderia assim surgir enquanto uma pergunta de pesquisa: como os ameríndios nomeiam e significam, controlam e buscam regular eventos considerados em seus próprios termos atípicos e incomuns para corpos e ações de seus indivíduos? A análise de diversas etnografias realizadas nas TBAS tem me mostrado até então que o que pode ser entendido como loucura no continente passaria por três conjuntos de problemas conhecidos na etnologia regional. No primeiro deles, loucura seria um problema de transformação: uma troca de perspectiva não controlada com outro ente do cosmos pode gerar estados de loucura, do ponto de vista humano. Um mal encontro na floresta (Jarawara), desagradar espíritos-donos algum lugar (Baniwa) ou quebrar um ritual de iniciação (Matses) pode resultar troca de perspectivas descontroladas, provocando diversas formas de crises e mal estar. Para surpresa ou não, existem línguas nas quais sua terminologia análoga à loucura tem o mesmo sentido de “transformar”, “virar”. No segundo conjunto de questões levantadas, o problema da loucura passaria pelo tema da predação: durante as caçadas, há casos de inversão da relação, e quem era predador (no caso, um humano) passa a ser presa (de algum espírito-animal). Assim, num infortúnio, o então caçador pode ser caçado e passa a ser sujeito da relação perspectiva e conseqüentemente sofrer com as crises ocasionadas. Há casos também de se ingerir carne proibida ou de maneira inadequada, atitude que provoca alucinações (Pirahã); ou então se pode ser acometido por estados de loucura após ser vítima de feitiços (Aweti). Se um xamã não intervir a tempo, as crises ou alterações de estado podem resultar em morte. Por fim, esses dois pontos levam a um terceiro, colocando o problema da diferença: refiro-me aqui aos efeitos sociológicos das crises, uma vez que em vários contextos esses eventos evidenciam produção de diferenciações internas ao grupo. A alteridade não está apenas para fora do socius, no Outro, mas também é reproduzida internamente, e não é incomum casos de endoviolência. As etnografias analisadas mostram que o que aparece como loucura na América indígena é também máquina de guerra contra totalizações.

Palavras-chave: loucura, transformação, predação, diferença, etnologia

Levando a sério a obra de Tobie Nathan

Bruno Foureaux Figueredo (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Mestre em Psicologia

Este resumo tem o intuito de ventilar algumas impressões oriundas da pesquisa de doutorado com o trabalho de Tobie Nathan. A etnopsiquiatria – campo a partir do qual o autor publicou muitos de seus livros – teria como uma marca, a despeito da amplitude de definições teóricas e práticas, o fato de estabelecer uma superfície de contato entre nossas estruturas psicopatológicas e as dos outros. Diante de migrantes, refugiados ou de povos originários, pergunta-se: como oferecer um cuidado psicoterapêutico adequado? Qual teoria, de que dispositivo nos valem?

Como considerar o que essas pessoas trazem? Entretanto, diferente de boa parte dos que encamparam a junção etno + psiquiatria, dentro dos quais, curiosamente, o primeiro termo pode variar bastante em suas expressividades, suas sintomatologias (todos possuem cultura), enquanto o segundo se mantém no registro praticamente inabalado de nossa psicopatologia (mas a nossa é a maneira certa de lidar com elas), estou cada vez mais inclinado a pensar que o trabalho de Tobie Nathan “leva a sério” de maneira ampla – no sentido que Viveiros de Castro dá à expressão, de assumir uma igualdade epistemológica radical entre os discursos, fragilizando e permitindo que os conceitos se modifiquem – tanto o que dizem os doentes, quanto seus vínculos e demais dispositivos terapêuticos a eles associados. Em consequência disso, parece-me que o dispositivo criado a partir disso tem a peculiaridade de ser, entre outras coisas, um exercício antropológico – no sentido de que, como coloca Marcio Goldman, no esforço de tentar olhar o mundo desde outro ponto de vista, mesmo que isso não seja efetivamente possível, ele nos tira do nosso lugar. Esse exercício, tendo a crer, tem a capacidade de lançar outros olhares sobre a teoria e a prática na clínica, na forma como se constituem nossos dispositivos terapêuticos e também em como se colocar diante de (e entender) outros dispositivos, se inscrevendo de maneira singular na ideia levantada por Jeanne Favret-Saada de uma antropologia das terapias.

Palavras-chave: Etnopsiquiatria, Antropologia, dispositivos terapêuticos

Dor de cabeça forte: cosmopolíticas, CID e DSM na composição de um diagnóstico entre waiwais

Rui Massato Harayama (Universidade Federal do Oeste do Pará)

Mestre em Antropologia (UFMG)

O presente trabalho apresenta uma reflexão contrastiva entre a literatura crítica à medicalização a partir da antropologia e da literatura sobre saúde indígena. O campo etnográfico em que a análise se baseia é o uso de psicofármacos entre povos waiwai do norte do Pará. Interessa-nos compreender as concepções de indígenas, antropólogos e profissionais de saúde na definição etiológica do sofrimento que articulam fofocas, feitiços, CID e perda cultural no processo diagnóstico. Apesar da literatura tratar o uso de psicofármacos entre povos indígenas e não indígenas como imposição vertical de um modo de vista ocidental e capitalista, os casos dos indígenas no contexto dessa etnografia apresentam o uso como aliança necessária objetivando suprimir o sofrimento e manter a aliança social mantida desde a época do contato com povos não indígenas. E nesse movimento, o uso de psicofármacos articula os ruídos de comunicação acerca dos conceitos de mente, da biomedicina, e alma, indígena, assim como evidenciam os limites da saúde mental diferenciada aventada pela teoria do Bem viver.

Palavras-chave: saúde indígena, medicalização, saúde mental

## **ST16 Políticas das secas e das ecologias resilientes no semiárido**

Natacha Simei Leal

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

natachaleal@univasf.edu.br

Jorge Luan Teixeira

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

jorge.luant@gmail.com

Este seminário temático pretende reunir trabalhos que vêm refletindo sobre diferentes políticas da seca e ecologias resilientes no semiárido brasileiro. Como se sabe, as secas são um tema recorrente na literatura, nas formulações de políticas públicas e são foco de análise de diferentes Ciências Naturais e Humanas. Despertou especial atenção o caso das caatingas, único bioma exclusivamente brasileiro e presente em uma região historicamente tratada como “problema” e marcada por imagens de escassez. Entretanto, se essa região foi tradicionalmente assim pensada, simultaneamente, ela foi palco de diferentes tecnologias que visavam contornar o problema das estiagens periódicas. No plano das políticas públicas, isso passou pela criação de órgãos específicos para lidar com a questão, cujas ações são indissociáveis da implementação de tecnologias como a perfuração de poços profundos, a açudagem, a criação de adutoras, além de recentes empreendimentos como a Transposição do Rio São Francisco e a geração de energias renováveis, como eólica e solar. Concomitantemente, diferentes povos e comunidades que habitam o semiárido, assim como movimentos sociais e outras organizações da sociedade civil, vêm desenvolvendo suas próprias tecnologias para lidar com a sazonalidade climática, como a construção de cacimbas, barreiros, barragens, além de conhecimentos sobre a previsão do tempo. Assim, estamos interessados em reunir trabalhos, de um lado, sobre as ações tecnocientíficas e estatais de combate à seca e, de outro, sobre formas de convivialidade desenvolvidas por populações nativas na sua relação com animais, plantas por elas cultivadas, águas, matas e com projetos econômicos de desenvolvimento.

Palavras-chave: conhecimento, semiárido, seca, política, tecnologia

## Sessão 1

O que sabem e veem os veeiros na caatinga baiana

Gabriel Rodrigues Lopes (Universidad de Buenos Aires)

Doutor em Antropologia Social - UBA

Os veeiros ou vedores da caatinga baiana rastejam (leem, entendem, sentem, decodificam...) a trajetória, localização, espessura, profundidade e velocidade potencial de diversas veias de água subterrâneas, isto é, são afetados por modos de existência de fluxos imperceptíveis a olho nu. Enquanto aparelho de ressonância, seu corpo capta a ação real de fluxos-veias (sensação de tontura, afogamento, vibração), é interpelado pela relação com seus guias (sonhos, intuições, “tino”) –ambos vinculados a um dom imanente que será reconhecido em algum momento de sua vida–, e preparado por meio de ferramentas condutoras do sensível (forquilha de madeira, varas de metal, folhas, pêndulos, terra). Essa ancestral prática revela um diálogo interespecífico e metamórfico com a floresta caatinga, relacionalidade que desempenha um papel relevante na capacidade caatingueira de convivência com o Antropoceno. Indagarei neste trabalho –que conforma um dos capítulos de minha etnografia apresentada como tese de doutorado em antropologia, resultado de 11 meses de trabalhos de campo– como os modos de conhecimentos nativos interpelam alguns pressupostos ontológicos da ciência moderna (identidade, antropocentrismo, antinomia natureza-cultura), a fim de propor que o diálogo dos veeiros com as veias é transversal, ora porque as diferenças são tomadas enquanto tais, sem a necessidade de recorrer a representações e identidades, ora porque esta mesma diferença, em tanto alteridade, é o modo de existência de uma agência que ocupa o ponto de vista na relação veeiro-veia. Ou seja, os caatingueiros reconhecem que a veia é o agente protagonista, o sujeito ativo da relação, é ela quem os afeta, provocando-lhes tontura, sensação de desmaio, quebrando forquilhas, bem como é afetado por humanos, e “decide” desviar seu percurso subterrâneo, tornar-se amarga ou desaparecer. A diplomacia nativa com outros entes, com outras forças e agências que habitam a caatinga não só fazem confluir diferentes mundos, mas, ao fazê-lo, nos recordam que a Vida, que o mundo só existe em co-criação.

Palavras-chave: veeiros, caatinga, rastejar, Antropoceno

Áridas memórias: seca, tempo e história no sertão de Pernambuco

Renan Martins Pereira (Universidade Federal de São Carlos)

Doutorando em Antropologia - PPGAS/UFSCar

A relação entre ‘sertão’ e ‘seca’ como objeto de interesse analítico advém, sobretudo, de uma tradição acadêmica ou teórica que procurou iluminar parte do que ousadamente ela mesma

acreditou poder descrever com veracidade: a ‘história’ do sertão como uma ‘história’ de ‘secas’ e ‘estiagens’. A velocidade com que publicações, estudos e intervenções estatais se avolumaram desde o final do século XIX revela, com efeito, um espectro de pensamentos e de ações voltadas ao combate do assim chamado ‘problema da seca’. Essa imaginação intelectual esconde, entretanto, as particularidades da ‘história’ de ‘secas’ no mundo sublunar da experiência. Algumas etnografias atualmente procuraram direcionar críticas pertinentes à monumentalidade desse pensamento tradicional, entendendo não ser a ‘seca’ um ‘problema’ que se combate e sim um fenômeno com o qual se pode conviver. A minha etnografia sugere uma complexidade de ordem distinta à das perspectivas do combate e do convívio, simultaneamente. Os relatos de meus interlocutores sobre o seu convívio com a ‘seca’ não se deixam diminuir por qualquer imaginação generalizadora, homogênea, imóvel e imemorial de tempo histórico. Ao encontro do que meus amigos e minhas amigas no sertão de Pernambuco pensam a respeito de suas relações com a ‘seca’ e o passado de sua terra e com a experiência desse fenômeno em suas próprias vidas, surge uma memória de dinâmica processual feita a partir de um outro modo de pensar o ‘tempo’ e a ‘história’. No sertão onde faço pesquisa, sem se entregar às conveniências de determinações do passado, lembrar é uma atitude de reflexão e prospecção em que o ‘tempo’ passado muitas vezes se desgarrar do próprio vínculo que costumeiramente se fez entre ‘sertão’ e ‘seca’. No coração de quem se lembra, nem sempre haverá uma ‘história’ de ‘secas’ e de ‘flagelos’. Resta guardada na memória, sobretudo, uma ecologia de relações e de práticas que a vida mesma pode carregar, fazer durar e resgatar. E da vida da qual se lembra, a ‘seca’ é antes uma condição irremediável do presente, nem tão só uma condição incontestável do passado.

Palavras-chave: semiárido, seca, memória, história, ecologia

Ecologias do passado diante de "um mundo que mingua": Resistências quilombolas no Vale do Jequitinhonha- MG

Yara de Cássia Alves (Universidade do Estado de Minas Gerais)

Mestre em Antropologia - USP

Esta proposta tem como objetivo central analisar as lutas e resistências dos quilombolas de Macuco, Mata Dois, Gravatá e Pinheiro, quatro comunidades vizinhas do município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha- MG, diante das mudanças climáticas causadas pelo impacto das agro-florestadoras de eucalipto na região. O ponto de partida é a ótica dos quilombolas sobre a distinção entre dois "tempos" vividos por eles: "o tempo de antigamente", marcado pela abundância de água, colheitas, festas e gente e o "tempo de agora", caracterizado pela seca e escassez (de plantações, eventos e pessoas). Costurados pela memória, esses dois "tempos" fornecem subsídios para uma reflexão constante sobre um mundo em retração, "um mundo que mingua". Longe de criar uma visão fatalista de um fim próximo, gostaria de explorar as estratégias de enfrentamento a esse cenário, tendo como base as teorias locais sobre movimento e moderação. De maneira geral, os quilombolas em questão valorizam o movimento como

princípio central da vida, aquilo que permite boas condições existenciais quando regido pela ética do "equilíbrio" das falas, dos corpos, das relações, das práticas políticas e religiosas. Diante dos múltiplos "desequilíbrios" ambientais que os afetam diretamente, suas lutas e resistências diárias são direcionadas a uma tentativa constante de encontro com o passado. Assim, o que me interessa aqui é explorar essa vivacidade desse "tempo de antigamente", presença diária no cotidiano daqueles que o experimentaram e dos que o encontram e o conhecem por meio das narrativas. Nesse sentido, para explorar esses desdobramentos, mobilizo o conceito de "duração", forjado por Henri Bergson e o aproximo das lutas e resistências de tais quilombolas para que o passado esteja vivo no presente, guiando a busca pelo movimento e pela moderação.

Palavras-chave: temporalidades, mudanças ecológicas, resistências

## Sessão 2

A paisagem da autoestima: tecnologias de convivência com o Semiárido enquanto base histórica e viável, frente a um projeto político de combate à seca

José Moisés de Oliveira Silva (Universidade Federal do Pará)

Doutorando em Antropologia

No sentido da presença humana no Semiárido, é notável a busca pela superação do determinismo biológico e geográfico que se desdobrou e pesou por tanto tempo sobre o povo sertanejo, antes mesmo de ser conceituado pelas escolas de antropologia. O desenvolvimento tecnológico é o mote para essa compreensão, desde os artefatos líticos encontrados na região, à couraça na lida com os espinhos da caatinga sob o sol do Sertão, até as universidades plantadas nesse chão com a intenção de entender e potencializar o que se tem de bom, assim se espera. As longas jornadas para transportar um pote d'água, estereotipada, porém reais, deram lugar a uma paisagem com pontinhos brancos que em forma de política pública armazenam até 16 mil litros de água ao lado da cozinha, encurtando caminhos e representando a democratização hídrica, justamente no quintal de quem em outros tempos cavou açudes em propriedades privadas com dinheiro público. Proponho aqui uma linha que vai dos caldeirões firmados na rocha, utilizando a geologia semiárida, até as cisternas de cal e cimento, essa que compreendo ser a saída para a descentralização das águas no sertão. É da compreensão da longa duração que vem uma nova paisagem, a paisagem da autoestima. E assim que busco em termos etnográficos e etnoarqueológicos apresentar o que entendo enquanto a continuidade do desenvolvimento científico e tecnológico por via da materialidade ou mesmo da cultura material, sendo a inventividade do povo do sertão a grande responsável por sua própria saída em relação ao acúmulo histórico de gestão dos recursos, inclusive hídricos, bem como apontar os usos e abusos da figura do sertanejo cabisbaixo que interessa a outro modelo de paisagem, repleta de açudes cercados e carros-pipa que se apresenta de forma imponente, porém pouco eficiente.

Palavras-chave: semiárido, tecnologia, arqueologia, antropologia, cisterna

Quando os açudes secam: a seca e as estratégias do Comitê Integrado de Combate à Seca frente ao risco de colapso hídrico dos municípios do Ceará (2012 -2018)

Daniele Costa da Silva (Universidade Estadual Vale do Acaraú)

Doutora em Sociologia - UFC

O trabalho analisa a atuação do Comitê Integrado de Combate à Seca, criado no estado do Ceará, em 2012, por iniciativa do governo federal, diante do quadro de “crise hídrica” vivido com a seca. A perspectiva é analisar as múltiplas representações e dimensões da seca construídas pelo comitê, em especial as estratégias por ele definidas para evitar situações de colapso hídrico dos municípios do estado, quando os principais reservatórios secaram ou tiveram seus volumes seriamente reduzidos. A seca, que se alastrou sobretudo de 2012 a 2018, é considerada uma das mais longevas já vividas no semiárido nordestino, com impactos severos sobre o abastecimento de água das cidades e comunidades rurais. Ela colocou em questão a principal “solução” técnica pensada no âmbito do Estado para lidar com as situações de “escassez hídrica” no semiárido – os açudes. A abordagem baseia-se na realização de entrevistas com membros do comitê, realizadas, remotamente, entre abril e junho de 2021, além de levantamento em jornais e documentos oficiais. Os (As) interlocutores (as) revelam uma multidimensionalidade presente nas representações das secas e uma gama ampla de iniciativas técnicas e tecnológicas acionadas para lidar com o vazio provocado pelo “colapso” dos açudes, muitas das quais consistem em tecnologias de pequeno porte, como poços, chafarizes e cisternas. O comitê já dista muito das primeiras iniciativas públicas pensadas e implementadas para responder aos dilemas envolvidos no tema das secas, mas seu título indica a permanência de antigos conteúdos e práticas nas políticas públicas das águas, destacando-se a noção de “combate às secas”. Percebe-se, nas narrativas, tensões entre os paradigmas de “combate” e “convivência” com o semiárido, reveladores não apenas de discursos, mas de práticas coexistentes no território e no interior das instituições estatais. O estudo, em andamento, sinaliza o quão limitado é o critério infraestrutural como garantidor de segurança hídrica. Aponta, igualmente, para dimensões historicamente construídas a respeito das secas e como tais dimensões orientam as ações do Estado, com predomínio do viés da falta d’água.

Palavras-chave: seca, semiárido, políticas públicas, comitê

Genealogias, manejo de água e parentesco no semiárido piauiense. Trajetórias e tecnologias da família Negreiros no povoado de Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato-PI

Natacha Simei Leal (Universidade Federal do Vale do São Francisco)

Professora Adjunta - CANT/Univasf

Fernanda Café dos Santos (Universidade Federal do Vale do São Francisco)

Graduanda em Antropologia - CANT/Univasf

Luiz Alex Guerra Negreiros (Universidade Federal do Vale do São Francisco)

Graduando em Antropologia- CANT/Univasf

Este trabalho pretende analisar, a partir do enfoque etnográfico, saberes e práticas relacionadas ao manejo de água por pequenos criadores de ovinos, bovinos e caprinos no Sudeste do Piauí. Pela revisão do aporte teórico clássico da antropologia rural, que fundamentou-se, sobretudo, pela tríade terra, trabalho e família na constituição das sociedades camponesas (Woortman 1994; Almeida 1986; Heredia 1978) e pela ênfase em uma perspectiva alquímica (Marques e Leal 2018) na produção de parentesco e socialidades, esta pesquisa pretende descrever a centralidade de tecnologias de gestão e manejo da água em pequenos povoados de zonas rurais do semiárido brasileiro e sua relação com a produção de parentesco. A pesquisa está circunscrita a uma localidade do interior da cidade São Raimundo Nonato-PI, onde vivem um conjunto de agricultores familiares descendentes de um ancestral comum, Serapião Negreiros, membro de uma família que migra de Jacobina-BA, ainda em 1896, para o Sudeste do Piauí fundando o povoado hoje nomeado como Lagoa de Fora. Pela descrição da trajetória da família Negreiros, indissociável da fundação de Lagoa de Fora, esta pesquisa tem como hipótese de que o manejo da água, substância e símbolo que se compartilha na localidade pela gestão de barreiros, lagoas perenes, poços e barragens, se fez - e se faz - fundamental para ocupação de territórios, desenvolvimento de práticas, saberes e memórias, e, igualmente, para a produção de dinâmicas de reciprocidade e relacionais.

Palavras-chave: antropologia rural, água, criação, parentesco, Piauí

## **ST17 Alianças para futuros possíveis: diversidades das potências do agir, associativismos e redes de coletivos sócio-técnicos**

Bernardo Curvelano Freire

Laboratório de metodologia, pesquisa e documentação em Antropologia (LaMPDA);  
Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Rede Autônoma Brasileira de Antropologia (RABA)  
[bernardo.curvelano@univasf.edu.br](mailto:bernardo.curvelano@univasf.edu.br)

Luciano Cardenes

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Universidade do Estado do Amazonas (UEA); Rede Autônoma Brasileira de Antropologia (RABA)

Em prosseguimento às discussões já mobilizadas pelo tema acerca das "alianças para futuros possíveis", o presente ST coloca em pauta a composição de coletivos heterogêneos que tenham como objetivo a resolução/problematização de impasses que apresentam-se como obstáculos para a produção dos próprios coletivos e seus projetos e vida. Com o advento do antropoceno, a complexidade das tomadas de decisão e deliberações pragmáticas com vistas nos impasses, por vezes, parece ser a própria tarefa da pesquisa científica em sua arte de tramar alianças, o que desestabiliza a distinção entre ciência pura e ciência aplicada, que não passa de uma expressão dos Grandes Divisores modernos. Com o intuito de mapear e articular diferentes atores e experiências, este simpósio temático tem por objetivo reunir pesquisadores, ativistas, lideranças de movimentos sociais, associações, organizações de representação política e comunitária em uma assembleia, para refletir sobre como construir futuros possíveis em comum – experiências reais ou imaginadas, produção ou articulação de coletivos, redes sócio-técnicas, tecnologias sociais e outros artefatos. Com isso em vista, são bem-vindas as contribuições de organizações comunitárias de povos indígenas e comunidades tradicionais, percepções inclusivas e abertas sobre não humanos numa perspectiva pós-humanista, esforços de intelectuais de coletivos feministas, indígenas, quilombolas, negros e de pesquisa.

Palavras-chave: redes sócio-técnicas, composição de coletivos, agenciamento, práticas de extensão, projetos de futuro

### **Sessão 1: Composições etnográficas**

Ética socioclimática: régua ontoética para metamorfosear novas utopias

Frederico Salmi (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestrando no PPG Sociologia – UFRGS

Jensen e Morita (2015: 85) argumentam que “infraestruturas são espaços onde vários agentes

se encontram [...] e produzem novos mundos”. Andrew Barry caracteriza infraestruturas como “máquinas políticas”. Entendo os instrumentos climáticos - iniciativas e políticas públicas formuladas por uma diversidade de agentes - como máquinas políticas que possuem efeitos na práxis social tanto para humanos quanto para além de humanos. Ao analisar os recentes instrumentos climáticos brasileiros (2019-2021) busquei responder a questão posta por Jensen e Morita: “Como nós podemos viver diferentemente?” (Ibid.: 85). No contexto do colapso climático (Beck, 2016) e a partir da noção de reciprocidade ecológica e justiça multiescala do convivialismo (Internacional Convivialista 2020) e da ética climática (Gardiner 2017; Brooks 2020) apresentarei a “ética socioclimática” como pensamento crítico ontoético e ferramenta analítica política. Como pensamento crítico ontoético busquei compreender as iniquidades socioecológicas das atuais estruturas brasileiras do contexto climático. Iniquidades pautadas por princípios éticos antropocêntricos neoliberais neoextrativas, ou seja, sem a consideração moral de outros agentes. Como ferramenta analítica busquei compreender a formulação de instrumentos climáticos pautados por outras ontologias e outras éticas (Kothari et al. 2019), como as ecocêntricas e multicêntricas. Categorias como pluralidade decisória, localidade energética, acessibilidade epistêmica e material, naturalidade planejada e benefício intra/intergeracional (Salmi 2021) se revelaram eficazes. Lançaram luzes sobre as atuais máquinas políticas brasileiras - que reproduzem as iniquidades socioecológicas no contexto climático - e revelaram éticas emergentes para além da cosmovisão antropocêntrica. Princípios éticos emergentes que geraram minimamente novas possibilidades de práticas socioecológicas, as quais começam a permitir a convivência entre os vários agentes humanos e não humanos. A ética socioclimática como máquina política se revela assim como uma possibilidade de deslocar o caminhar antropocêntrico catastrófico para horizontes utópicos emancipatórios (Beck 2016) ao permitir futuras alianças entre humanos e além de humanos no contexto do colapso climático.

Palavras-chave: ética socioclimática, convivialismo, ecologias políticas, alianças pós-neoliberalismos

Desenhando o entrelaçar do Cerrado goiano com as ruínas: em busca de uma simbiose possível entre humanos e não humanos

Katianne de Sousa Almeida (Universidade Federal de Goiás)

Doutoranda em Antropologia Social

No cenário atual brasileiro estamos diante a um ataque sistemático às ciências humanas, a desqualificação do trabalho científico, além do empobrecimento maciço da população e à destruição visceral do meio ambiente. A partir das provocações evocadas nas reuniões do LABareDA (Laboratório de Antropologia & Desenho – UFPB), principalmente, por meio das leituras compartilhadas de Histórias de Camille (Haraway 2016), me senti motivada a desenvolver uma escrita desenhada criativa, ou seja, seguir o desafio de uma produção viva e irreverente perante as mudanças climáticas irreversíveis e as altas taxas de extinção do Cerrado

goiano. Conforme, exploram os argumentos de Haraway (idem) é preciso responder a questão de como viver nas ruínas e imaginar uma sintonia entre humanos e não humanos, por meio de posturas inovadoras. Desta forma, o artigo busca compreender de que forma se pode forjar revoluções ontológicas para formar parentes. Neste projeto, de compreensão dos conceitos da autora citada quanto a aprender a costurar colaborações improváveis, o desenho tornou-se uma habilidade sensitiva que desafia as epistemologias tradicionais de produção do conhecimento científico. Ora, para além da reflexão da dimensão ficcional de Histórias de Camille, também esteve presente nas produções criativas a dimensão analítica e a dimensão metodológica, uma vez que uma abordagem minuciosa foi se construindo ao longo dos debates sobre a teoria do antropoceno e o fazer etnográfico na Antropologia. Isto posto, levando em conta o estímulo proveniente das leituras, dos debates e da produção dos desenhos, face a face a um planeta danificado precisamos seguir com o problema fomentando outras formas de pensar que possibilitem a construção de tessituras criativas. Assim, como apresenta Haraway (2006) e Ingold (2015) a confecção de redes e ao percorrer caminhos que aproximam as ciências e as artes podemos imaginar um cenário, em que a resistência criativa torna-se uma prática pedagógica para o fazer-aprender-conhecer prospere por meio da simbiose de humanos e não humanos.

Palavras-chave: cerrado goiano, histórias de Camille, desenho, epistemologias, simbiose

Etnografia e loucura: implicações epistemológicas do fazer etnográfico no campo da saúde mental a partir do Hotel da Loucura/RJ

Luciano von der Goltz Vianna (Universidade Estadual do Oeste do Paraná)

Doutorado em Antropologia Social

A partir de algumas questões e problemas originados em meu trabalho de campo com o coletivo do Hotel da Loucura, pretendo ecoar aqui alguns debates epistemológicos atuais e históricos da Antropologia em torno do caráter, natureza, limites e horizontes da etnografia. A questão central levantada aqui é aquela que se pergunta pela possibilidade ou não de grafar, narrar ou interpretar, de alguma forma, a experiência da loucura ao articular duas ciências que se encontram no campo: a Antropologia e a Psiquiatria Transcultural praticada nos Teatros Rituais do Hotel da Loucura. Ao narrar sobre as negociações, impasses e alianças entres essas duas ciências, abre-se a possibilidade de coproduzir uma outra ciência que habita/inventa/cria outros mundos, realidades ou perspectivas (Roy Wagner, Nelson Goodman). O “método da loucura”, em prática no Teatro Ritual, ao encontrar a etnografia, a interpela, questionando sua plausibilidade, seus limites e potencialidades. Uma Antropologia reversa (Roy Wagner) torna-se possível a partir daí, quando o coletivo do Hotel da Loucura se sente implicado em um fazer antropológico que rompe com os limites daquilo que chamamos disciplinarmente de “trabalho de campo”. No lugar de tomar os conteúdos gerados e acionados pelos participantes desse coletivo de pacientes, internos, cientistas e artistas, como metáforas ou mensagens codificadas de sujeitos conectados

conosco por algum chão comum universal, proponho submeter a exame a prática de pesquisa etnográfica concomitantemente com sua prática (Paul Feyerabend), montando-a e desmontando-a. Mais detidamente, viso aqui questionar sobre o que fazer com a incomensurabilidade de mundos existente entre a Antropologia e essas outras realidades, ontologias e epistemologias que habitam o território vasto da loucura, principalmente quando falar em “etnografia” pressupõem um texto plausível, com estatuto de verdade e escrito por alguém treinado a centrar-se e descentrar-se no giro eterno em torno de sua prática narcísica. Portanto, pergunto sobre esse “basta a etnografia” (Tim Ingold), que ressoa ainda na disciplina, e sobre a possibilidade de fazer Antropologia a partir da proposta de promover uma saúde mental coletiva entres todos os seres, defendida e aplicada pelo coletivo do Hotel da Loucura.

Palavras-chave: etnografia, Hotel da Loucura, epistemologia, saúde mental

## **Sessão 2: Sobre o futuro das alianças e a composições-limite das vidas possíveis**

Compondo coletivos inclusivos: experiências de associações parciais e perspectivas para amplas associações

Carla Grião (Universidade de São Paulo)

Mestranda em Culturas e Identidades Brasileiras - USP

Cláudio Bernardino Junior (Universidade de São Paulo)

Mestre em História Social – USP

Este é um trabalho que explora as aproximações dos estudos da deficiência com a antropologia das ciências e das técnicas, campos distintos, porém com intersecções passíveis de serem exploradas. A pesquisa parte de três narrativas a respeito de inserções parciais em coletivos que possuem, a princípio, poucas traduções capazes de garantir acesso amplo aos benefícios sociais: a história de uma mulher com poliomielite de classe média que, nos anos 1980, tentava levar uma vida com autonomia na cidade de São Paulo enquanto militava em um coletivo de pessoas com deficiência que lutava por reconhecimento e inclusão na sociedade paulistana; a experiência de uma mulher de meia idade que vive no Espírito Santo, possui baixa visão e tenta produzir uma dissertação de mestrado para um programa de pós-graduação em uma universidade federal; e a mãe de uma criança com paralisia cerebral, moradora de uma região pobre na periferia de São Paulo, que precisa sustentar a família ao mesmo tempo em que se responsabilizar tanto pelos cuidados diários da filha quanto pela sua educação formal, exigência que se tornou perene durante isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19. A partir das descrições de realidades aparentemente tão distintas, buscaremos compreender as associações e traduções que compõe os coletivos em que essas mulheres estão inseridas, levantando hipóteses a respeito dos valores morais e sociais que circulam pelas conexões de suas respectivas redes sociotécnicas. Concluiremos explorando as potencialidades de inserção

de novas traduções, por meio de tecnologias assistivas, próteses, planejamento urbano e arquitetônico etc., capazes de criar coletivos mais acessíveis com circulação de valores pautados na democracia e na inclusão. Desta forma, objetivamos chamar atenção para as pessoas com deficiência enquanto minoria social cujas especificidades precisam ser levadas em conta para a composição do coletivo. A baixa adesão que o assunto recebe nos campos acadêmicos brasileiros justifica a proposição desse debate em um simpósio de antropologia.

Palavras-chave: pessoas com deficiência, acessibilidade, tradução, redes sociotécnicas

Colectivos heterogéneos y política: análisis de una experiencia de Economía Social y Solidaria

Pablo Piquinela (Facultad de Psicología, Universidad de la República - Uruguay)

Mestre en Psicología Social - Universidad de la República

La exposición presentará el análisis de una experiencia de Economía Social y Solidaria en Montevideo, Uruguay. Para abordar dicha experiencia, se realizó una etnografía multisituada durante 2018 que sirvió como trabajo de campo para la elaboración de la tesis de maestría “Materialidad y política: la carpa de economía social y solidaria como un manifiesto”. La etnografía permite pensar la experiencia a través de su puesta en práctica y sus efectos en lugar de partir de sus determinaciones formales. Asimismo, es una herramienta que habilita procesos de pensamiento en torno a las prácticas y qué mundo posible están practicando. La experiencia de la carpa de Economía Social y Solidaria, en su itinerancia por la ciudad de Montevideo, se nos presenta como la emergencia de un objeto político que constituye un espacio de practicabilidad de un sistema de valorización. Así, esta experiencia no trata de ser una alternativa global ni final al capitalismo sino que propone la puesta en práctica de una serie de encuentros y relaciones que no parte de la idea de maximización de las ganancias como modo de producción de valor. Estos modos de intercambio significan mucho más que eso, teniendo en cuenta que la propuesta de la carpa se constituye como un espacio que porta y traslada un nuevo modo de proponer la vida, concretan nuevas relaciones sociales. En este sentido, la investigación tuvo por objetivo la comprensión de este fenómeno en su carácter político. En su análisis se presenta el modo en que la carpa se practica a partir de una trama de relaciones materiales que hacen a un entramado afectivo que conforma la carpa a modo de composición. Dicha práctica también supone el ejercicio de la Economía Social y Solidaria como un complejo entramado de acciones que se constituye en su practicabilidad, generando una ecología de prácticas entre posiciones políticas, saberes expertos, saberes militantes, legados familiares, materiales y oficios que se compone como un colectivo heterogéneo y que hacen a un modo muy específico de entender y practicar una forma de vida. La idea de que Otro Mundo es Posible, se presenta en la experiencia no como un fin o propósito sino como la puesta en práctica de otro

modo de organizar la realidad. Se puede decir, por tanto, que se trata de una idea cosmogramática (Tresch, 2005), en la medida en que nos propone ciertas relaciones entre objetos, prácticas y personas que dan lugar a un mapa completo del mundo.

Palavras-chave: economía social y solidaria, política, valorización

O encarceramento feminino no Brasil como engrenagem de morte: entre o abandono, o afeto e a sobrevivência

Rebeca de Souza Vieira (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestranda em Antropologia Social - UFSC

Ismael Higor Cardoso Duarte (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestrando em Antropologia Social - UFSC

Diante do crescimento do encarceramento massivo no Brasil, a população prisional feminina aumentou fortemente nas últimas duas décadas, tal cenário é constituído majoritariamente por mulheres negras, que se encontram alocadas em outros marcadores sociais de vulnerabilidade, deste modo, agrupam interseccionalidades, que são essenciais para os estudos que vão contra a lógica hegemônica do sistema, em especial nos países colonizados, como o Brasil, no qual os povos negros eram trazidos para serem feitos de escravos e substrato da exploração desumana; com a abolição da escravidão, estes foram alforriados, mas não foram incluídos nas estruturas sociais como indivíduos possuidores de direitos, assim, invisibilizados diante da elite branca brasileira, que criava mecanismos que impossibilitaram as condições de vida da população negra no país, tais que refletem até hoje em engrenagens de morte. A pesquisa visa observar os impactos do cárcere e da quebra das relações entre internas e suas famílias na manutenção da vida, principalmente, no período da pandemia da covid-19, sendo possível assim perceber como as redes criadas pelas famílias conseguem driblar as engrenagens de morte e descaso criadas no sistema carcerário penal e como as mulheres no sistema sofrem as consequências do abandono quando não existem essas redes. A crise, por conta da pandemia da covid-19, tem gerado uma ampliação dos efeitos nefastos do cárcere, como a falta de assistência médica adequada, a suspensão de visitas por longos períodos que acarretaram na falta de produtos de higiene, remédios, alimentos e consecutivamente na manutenção do vínculo afetivo das internas com suas famílias e da vida. Assim, a pesquisa propõe o seguinte questionamento: de que forma as visitas influenciam na manutenção da vida de mulheres que estão encarceradas e quais as implicações da pandemia da Covid-19 nesta dinâmica?. Para responder a tal questionamento, a abordagem será a qualitativa, combinada com o método indutivo, considerando uma parcela de casos específicos com o apoio dos procedimentos bibliográfico e documental.

Palavras-chave: encarceramento feminino e vulnerabilidades, manutenção da vida, rede

familiar de apoio

## **ST18 Coproduções contemporâneas: Intervenções biotecnológicas sobre o corpo, gênero e sexualidade**

Marina Nucci

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

marinanucci@gmail.com

Fabiola Rohden

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Fernanda Alzuguir

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

fevecchi@iesc.ufrj.br

Em continuidade ao diálogo iniciado em edições anteriores da ReACT, propomos, neste ST, reunir pesquisadore/as que reflitam sobre as intervenções biotecnológicas que incidem sobre corpos, gênero e sexualidade, colocando em debate as diversas esferas envolvidas na construção e difusão do conhecimento e também nas práticas de gerenciamento de gênero, sexualidade e saúde na contemporaneidade. Além disso, estimulamos trabalhos que abordem a articulação de marcadores como classe e raça às reflexões sobre gênero e sexualidade a partir de uma perspectiva interseccional. Interessam-nos, assim, discussões que se aproximem do referencial teórico dos estudos sociais de ciência e tecnologia, estudos antropológicos, bem como investigações que explorem as críticas feministas à tecnociência e a problematização de distinções que reiteram hierarquias de gênero, tais como natureza e cultura. Neste cenário, destacamos a relevância de pesquisas sobre a proeminência dos discursos que privilegiam os hormônios nas explicações sobre os corpos, comportamentos e subjetividades. Estes parecem se sobrepôr a outros modelos de explicação, tanto no discurso científico quanto na divulgação para o público mais amplo. Tais perspectivas têm rendido vigorosas análises sobre temas tais como: envelhecimento, reprodução assistida, transexualidade, intersexualidade, as chamadas disfunções sexuais, entre outros, e os novos desenvolvimentos tecnocientíficos, desde a produção de diagnósticos aos fármacos para a administração bioquímica de si visando o aprimoramento.

Palavras-chave: gênero, sexualidade, corpo, biomedicalização, aprimoramento

## **Sessão 1: Biotecnologias, sociabilidades e subjetividades**

Os limites e dilemas do salvacionismo heroico da biotecnologia

Marisol Marini (Universidade Estadual de Campinas)

Doutora em Antropologia (USP)

A proposta pretende confrontar a experiência de pacientes com trajetórias distintas em termos de classe e raça diante da possibilidade de ter a vida estendida com o implante de tecnologias cardíacas conhecidas como corações artificiais. O entendimento em torno da capacidade sexual será tomado como índice de compreensões mais amplas a respeito da produtividade da vida e das expectativas em torno do que se ganha ao ter a vida prolongada provisória e precariamente. Refiro-me a um cenário altamente experimental de implantação de dispositivos de assistência circulatória destinados a prolongar a vida de pacientes com insuficiência cardíaca grave, que estão à espera ou são inelegíveis para o transplante de órgãos. Por um lado têm-se a emergência de um corpo imunológico, em guerra sistêmica com uma identidade imunológica distinta do próprio corpo; por outro lado institui-se um corpo biomecânico cujo fluxo é transformado. Tratam-se de intervenções de altíssimo custo e risco, cercadas de heroísmo. O implante em pacientes do SUS por um programa de filantropia de um hospital privado tem sido uma estratégia para ampliar o número de implantes, sob o argumento de salvar pacientes que estão morrendo na fila à espera por um órgão. Diante da impossibilidade de coletar e averiguar dados desse emprego um tanto experimental, inspirada na proposta de fabulação crítica proposta por Saidiya Hartman (2020) a reflexão que se apresenta operará nos limites entre o especulativo e os dados etnográficos.

Palavras-chave: corpo, biotecnologia, desigualdade social, tecnologias de aprimoramento/prolongamento da vida

A realidade virtual no treino das habilidades: uma medicina sem corpos, sem pele e sem gênero?

Raquel Littério de Bastos (EMCM / Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Doutora em Ciências da Saúde

O texto versa sobre a etnografia realizada em fevereiro de 2020 com corpos virtuais elaborados em uma das startups que disputam o mercado das tecnologias aplicadas aos treinos das habilidades médicas. As startups são um dos atores que compõem a rede sociotécnica dos laboratórios de habilidades que estão se expandindo e ganhando força econômica, política e pedagógica. O relato do encontro e da interação traz reflexões sobre como os corpos virtuais educam os corpos humanos, redirecionando os nossos olhares sobre os materiais, mesmo que

intangíveis, não como algo socialmente estabelecido, mas se reajustando a nossa percepção e sensibilidade, suscitando a discussão sobre que tipo de subjetividade estaria associado a essas possíveis reconfigurações da natureza, atreladas às questões de gênero e sexualidade. O texto objetivou descrever como ocorriam as modulações do self expresso na corporeidade dos futuros médicos, durante as interações com a tecnologia de realidade virtual (RV). Os resultados apresentados são um fragmento de uma pesquisa maior que investiga como os corpos não humanos educam os corpos humanos na formação médica, entre os anos de 2018 e 2021, período no qual acompanhei o treino dessas habilidades, descrevendo a rotina em um laboratório, a organização das práticas e os treinos. Trata-se de uma etnografia multissituada que se concentrou em dois laboratórios de habilidades em duas universidades públicas, uma no estado de São Paulo e outra no estado do Rio Grande do Norte, e na startup MedRoom. Historicamente, a utilização de corpos no ensino da medicina sempre foi problemática, quase sempre envolvendo questões éticas, estéticas e morais, dividindo opiniões e gerando controvérsias instigantes. Anne Marie Moulin (2011, p. 41) discorre sobre a história do corpo humano como objeto de experimentação ou o que intitula de uma ‘sociedade-laboratório’, em que o olhar para os corpos se metamorfoseou conforme a estruturas políticas e econômicas e socioculturais de cada época. A virtualidade seria o que Le Breton (2003, p. 123) chama de o ‘fim do corpo’? Essa discussão atrai apocalípticos e apologéticos, parafraseando o título do artigo de Jean Segata (2011), mas certamente os corpos virtuais são uma nova página dessas controvérsias: as startups RV, oriundas da gamificação da educação, prometem modificar as interações, trazem o enunciado de novos debates para os espaços destinados ao treino das habilidades médicas, construindo corpos e alterando percepções.

Palavras-chave: corpos, realidade virtual, habilidades, medicina, gênero

Reconfigurando cirurgias plásticas nas mamas: o caso da doença do silicone

Jéssica Brandt da Silva (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutoranda em Antropologia Social - PPGAS/UFRGS

Intervenções biomédicas nos corpos femininos com fins estéticos não são novidade. No cenário brasileiro, nas últimas décadas, assistimos à popularização de uma série de procedimentos, com destaque para as lipoaspirações e os implantes de silicone nas mamas. A facilidade de acesso a esses procedimentos é um dos fatores que os inserem na vida cotidiana, acompanhando alguns dos marcos das vidas de muitas mulheres. Engajando-me em produções que compõem esse cenário, como grupos no Facebook e páginas no Instagram que reúnem pessoas interessadas em implantar silicone, deparei-me com um movimento que tentava dar conta do que acontece quando quem se submete a esse procedimento deseja revertê-lo. Um procedimento tão comum não deveria ser, também reversível, já que é efetuado cotidianamente? Não foi o que me relataram as integrantes de um grupo de apoio para retirada de próteses de silicone no Facebook. Reunidas pela vontade de retirar as próteses de silicone definitivamente, e pelas dificuldades

encontradas para fazê-lo, algumas milhares de mulheres somam esforços para auxiliarem umas às outras na sua busca pela retirada cirúrgica dos implantes mamários, procedimento chamado, nesse contexto, de explante. Exploro nesse trabalho como as aglutinações via redes sociais e a troca de experiências entre mulheres que não encontravam remédio para o sofrimento decorrente de implantes de silicone, dos quais se arrependeram, deram origem ao diagnóstico informal de doença do silicone. Essas conexões ajudaram a popularizar a prática do explante, redefinindo, a partir das experiências ali relatadas, e do compartilhamento de testemunhos na internet, corpos, próteses e práticas de intervenção biomédica estética. Em resumo, entendo a doença do silicone e os explantes da forma como são materializadas correntemente em duas redes sociais digitais e nas trajetórias das mulheres reunidas em torno das práticas aglutinadas com essas redes e esses conceitos. Reflito nesse trabalho sobretudo acerca da materialização do diagnóstico informal de doença do silicone e de seus efeitos, e sobre o papel da internet e das redes sociais nesses processos. Por meio do campo que empreendi enfocando tais processos, faço considerações sobre os impactos das tecnologias nas vidas das entrevistadas, sobre tensões em torno dos implantes de silicone, sobre a criação de possibilidades e sobre as impossibilidades latentes no contexto estudado.

Palavras-chave: doença do silicone, explante, testemunhos, internet, implantes de silicone, mulheres

Tecnologias de Reprodução Assistida e Justiça Reprodutiva na produção da parentalidade e da origem: usos e significados da gestação co-produzida e da gestação de substituição

Aureliano Lopes da Silva Junior (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Doutor em Saúde Coletiva - IMS/UERJ

Mônica Fortuna Pontes (Grupo de Estudos e Pesquisas Subjetividades e Instituições em Dobras - GEPSID/UERJ)

Doutora em Psicologia Social - UERJ

Anna Paula Uziel (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Doutora em Ciências Sociais - UNICAMP

O presente trabalho pretende analisar a construção da parentalidade a partir de experiências no uso da reprodução assistida por casais hetero e homossexuais brasileiros, com destaque especial para a chamada gestação de substituição. Para este fim, foram entrevistados/as: 1) mulher lésbica que teve sua filha através da gravidez de sua companheira, por meio da reprodução assistida com sêmen de doador anônimo; 2) um homem gay que contratou, juntamente com seu companheiro, a gestação de substituição via agência especializada no exterior; 3) uma mulher que realizou a gestação de substituição, no Brasil, para sua cunhada e seu irmão que viviam no exterior e enviaram, de fora, o embrião fecundado para gestação de substituição ; 4) uma mulher

que recorreu à cunhada para ser mãe através da gestação de substituição, tendo a fertilização ocorrido com os óvulos da própria mulher e com o sêmen do próprio marido; 5) a cunhada, citada no item anterior, que experimentou a gestação de substituição para seu irmão e esposa. Nesta análise, nos desafiamos ainda a tomarmos os ditames e provocações da Justiça Reprodutiva para refletir sobre a complexidade do exercício dos direitos reprodutivos e parentalidade. A justiça reprodutiva constitui-se como um referencial teórico-político forjado por ativistas negras na luta não só pela garantia dos direitos sexuais e reprodutivos, mas também pelo fim da opressão que não os permite se realizarem plenamente nos mais diversos contextos (Ross 2017). Assim, esta perspectiva nos permite aventar que, se por um lado, percebe-se um lugar de privilégio social, econômico e racial que inserem os sujeitos entrevistados em um mercado de tecnologias reprodutivas que os possibilitam construir suas desejadas famílias, por outro vemos como tais famílias e parentalidades parecem sempre passíveis de ter sua legitimidade questionada por outrem, seja pela moralidade ainda discriminatória em torno da homossexualidade, seja pelos rearranjos que a gestação de substituição provoca nas relações familiares de casais heterossexuais e suas famílias extensas. Discutiremos como o uso das tecnologias de reprodução assistida construíram a legitimidade de tais parentalidades a partir de seu acesso, manipulação e circulação, o que, por sua vez, produz uma complexa teia de relações pessoais, normativas e legais, profissionais e de mercado, visando, em especial, a construção de uma parentalidade ancorada em torno de uma noção de origem biologicamente constituída.

Palavras-chave: gestação de substituição, tecnologias de reprodução assistida, justiça reprodutiva, parentalidade, homossexualidade, família

Junção de Saberes Generificados: Discurso, Etnografia, Ciência e Estado

Daniel Attianesi (Universidade Estadual Paulista / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Doutorando em Ciências Sociais (Unesp); Mestre em Antropologia Social (UFMS)

Esse artigo se propõe como parte de um projeto maior que se estrutura numa tese a respeito das relações entre masculinidades e violência física nos enunciados de policiais militares do Mato Grosso do Sul (PMMS). O artigo se divide em duas partes, na primeira busco trazer para discussão a perspectiva foucaultiana de análise do discurso para compreensão dos fenômenos. Nele se pretende relacionar uma concepção de pesquisa etnográfica com as categorias foucaultianas de dispositivos e discursos, além disso se pensa no contexto de uma etnografia estatal. Na segunda parte, trabalho com as críticas e concepções de fazer Ciência e conceber o Estado dentro das vertentes das epistemologias feministas, sobretudo numa perspectiva crítica aos moldes tradicionais da produção teórica dos dois conceitos, concluo com questões a pensar para esse campo em específico

Palavras-chave: epistemologia feminista, discursos, etnografia, masculinidades

## **Sessão 2: Produções científicas, seus percursos e controvérsias**

Farmacologia, hormônios e comportamento: José Ribeiro do Valle e a Seção de Endocrinologia do Instituto Butantan (1937- 1947)

Isabella Bonaventura (Universidade de São Paulo)

Doutoranda em História Social - PPGHS-USP

Este trabalho discute os processos de materialização (Barad 2003) da farmacologia no Instituto Butantan, entre 1937 e 1947, tomando como ponto de partida as pesquisas realizadas por José Ribeiro do Valle. Destacaremos como os estudos sobre hormônios adquiriram legitimidade e também as alianças que proporcionaram, em 1940, a criação da Seção de Endocrinologia, chefiada por Ribeiro do Valle. Abordaremos os estudos desse cientista desde a sua entrada no Instituto Butantan (1937), até sua demissão, em 1947, ano em que a Seção de Endocrinologia encerrou suas atividades. Ribeiro do Valle se formou na Faculdade de Medicina de São Paulo e, desde o início de sua carreira, elaborou pesquisas que mesclavam objetos e saberes em circulação no laboratório e na clínica psiquiátrica. Entre 1931 e 1936, este cientista trabalhou no Hospital do Juqueri e também atuou como médico assistente da Assistência Geral a Psicopatas de São Paulo. Em concomitância, Ribeiro do Valle foi assistente de fisiologia na Escola Paulista de Medicina e, em 1937, foi contratado como assistente da Seção de Fisiopatologia do Instituto Butantan. Por meio da trajetória deste cientista, observaremos como foi reputada aos hormônios a possibilidade de estabelecer uma base laboratorial, supostamente objetiva, para a compreensão das descrições clínicas em psiquiatria. A partir das articulações estabelecidas entre hormônios, processos químicos e comportamentos, abordaremos o processo de criação da Seção de Endocrinologia e suas dinâmicas cotidianas. Para tanto, seguiremos as intra-ações estabelecidas entre diferentes agentes, abordados em sua contínua recomposição (Barad 2003). Analisaremos os diferentes posicionamentos adotados pela diretoria do Instituto Butantan que, no início da década de 1940, celebrou os estudos sobre glândulas endócrinas e hormônios. Veremos como se formulou uma determinada concepção de ciência nos estudos de Ribeiro do Valle, bem como, o papel reputado aos hormônios na determinação de comportamentos e enfermidades, compondo o que seria a pesquisa farmacológica no Instituto Butantan. A criação da Seção de Endocrinologia envolveu a compreensão de que as pesquisas farmacológicas sobre hormônios dispunham de um papel estratégico no estabelecimento de uma endocrinologia científica. Deste modo, discutiremos como os estudos em farmacologia realizados por Ribeiro do Valle adquiriram materialidade (Barad 2003) e legitimaram seu espaço no Instituto Butantan, entre 1937 e 1947.

Palavras-chave: Instituto Butantan, história da endocrinologia, história da farmacologia, história das ciências no Brasil, José Ribeiro do Valle

Rastreado os critérios diagnósticos da Síndrome do Ovário Policístico: as múltiplas performances da SOP e seus efeitos

Lucas Riboli Besen (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Pós-doutorando em Antropologia Social – UFRGS

Nas últimas décadas, a Síndrome do Ovário Policístico (SOP) tem sido sobrediagnosticada no Brasil – pelo menos quando comparada aos Estados Unidos. Segundo a publicação “Polycystic Ovary / Ovarian Syndrome (PCOS): Underrecognized, Underdiagnosed, and Understudied” (2019), do Office of Research on Women's Health, que faz parte do National Institutes of Health (NIH) dos Estados Unidos, pelo menos 70% das mulheres americanas com SOP permanecem sem diagnóstico na atenção primária. No entanto, esses dados não correspondem à realidade brasileira, onde a SOP parece afetar até 9 em cada 10 mulheres, segundo publicações de médicos brasileiros em suas redes sociais. Considerando esses cenários, como a SOP pode ser diagnosticada em taxas tão alarmantes, mas em direções opostas? Com base na literatura de Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia (STS), Antropologia Médica e Estudos Feministas, sugiro que essa controvérsia está intrinsecamente ligada aos seus métodos de rastreamento e diagnóstico. Conforme estudos recentes apontam (Lizneva et al 2016; Khorshidi et al 2019), a consideração de diferentes critérios endócrinos/clínicos para o diagnóstico de SOP pode influenciar sua estimativa de incidência e prevalência. Em outras palavras, os critérios diagnósticos empregados afetam não só como a SOP se materializa, mas também como se distribui a sua taxa de incidência. Nesse paper, a partir de uma etnografia de documentos em artigos científicos, traço as construções e as controvérsias dos três principais conjuntos de critérios diagnósticos (National Institute of Health, 1992; Consenso de Rotterdam, 2004; Androgen Excess Society, 2006) da SOP e seus efeitos nas múltiplas performances dessa síndrome. Para entender esse sub/sobrediagnóstico, examino como diferentes políticas ontológicas (Mol, 2002) nos campos médicos produzem a SOP – especificamente como síndrome metabólica. Nessa performance da SOP, os hormônios são vistos como em desequilíbrio no corpo das mulheres – que apresentariam uma presença “baixa” de progesterona e um excesso “indesejado” de testosterona. Esse desbalanço performa um corpo feminino hiperandrogênico, no qual hirsutismo, calvície, pele acneica e amenorreia tornam-se sinais da disfunção hormonal, reiterando a construção binária do corpo sexuado (Rohden, 2019; Jordan-Young, Karkazis 2019). Assim, a SOP é tratada principalmente com terapia hormonal, sendo a testosterona o maior inimigo.

Palavras-chave: critérios diagnósticos, hormônios, síndrome metabólica, políticas ontológicas

Para eles o risco é maior?: Uma análise do debate sobre a avaliação de risco de anticoncepcionais masculinos.

Georgia Martins Carvalho Pereira (Instituto de Medicina Social / Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Doutoranda em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social / UERJ

A pergunta “por que até hoje não temos um novo contraceptivo para homens?” só pode ser respondida a partir da relação de coprodução entre gênero e biomedicina. Nesse contexto, um dos entraves principais para a disponibilização de um novo anticoncepcional masculino reversível é a segurança dos fármacos e dispositivos testados desde meados do século passado. No presente trabalho, busco analisar o debate sobre a avaliação de risco das tecnologias contraceptivas para homens em desenvolvimento. A avaliação de risco dos contraceptivos, tanto para homens como para mulheres, tem predominantemente o indivíduo – e não o casal – como base. Porém, há uma diferença entre os gêneros: no caso deles, os possíveis riscos gerados por contraceptivos são comparados com a condição de homens saudáveis que não utilizam anticoncepcionais; no caso delas, os possíveis riscos causados pela tecnologia são comparados com os possíveis riscos de uma gravidez. Para as mulheres, leva-se em consideração a mortalidade e a morbidade materna, os riscos relacionados a abortos e problemas psicológicos e sociais relacionados à gravidez não planejada. Tal modelo de avaliação com foco no indivíduo e sua capacidade de engravidar legitima que a contracepção biomedicalizada seja aceita e realizada principalmente nos corpos de mulheres cisgêneros, pois enquanto os riscos para os homens cis são superestimados ao serem comparados com um homem saudável, os riscos das tecnologias para as mulheres cis são subestimados ao serem comparados aos riscos de uma gravidez. A avaliação de risco de tecnologias contraceptivas poderia ser igual para homens e mulheres, isto é, seria possível contrapor os riscos de todos os anticoncepcionais aos riscos de uma gravidez, que é o fenômeno que tais tecnologias buscam evitar. A diferença entre os gêneros consistiria no fato de que os homens estariam assumindo um risco para evitar um fenômeno que não ocorre em seus corpos, mas lhes diz respeito como coresponsáveis por uma gravidez. Alguns atores fomentadores de contraceptivos masculinos propõem essa mudança na regulamentação das tecnologias em desenvolvimento. Nesse trabalho, analiso o debate atual sobre a avaliação de risco de novos anticoncepcionais masculinos e busco contribuir com reflexões sobre o caráter generificado de noções como risco, efeitos adversos e segurança.

Palavras-chave: gênero, contracepção, contraceptivos masculinos, risco

Esculpindo corpos e criando normalidades: as cirurgias estéticas íntimas na produção científica da cirurgia plástica

Fabiola Rohden (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutora em Antropologia Social - UFRJ

Camila Silveira Cavalheiro (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Graduanda em Ciências Sociais - UFRGS

Este trabalho parte da constatação do expressivo crescimento do número das chamadas “cirurgias íntimas” no Brasil, país onde mais se realiza este tipo de intervenção. Investiga como a produção científica do campo da cirurgia plástica sustenta tal prática. Por meio da análise dos artigos publicados sobre o tema na Revista Brasileira de Cirurgia Plástica, apresenta os argumentos e o padrão estético que está sendo redefinido e aplicado nos corpos femininos, com importantes consequências em termos de transformações corporais e subjetivas, e (re)definições de normas de gênero e sexualidade. Com base em uma perspectiva centrada na investigação acerca do papel das biotecnologias nas transformações corporais e subjetivas, analisamos os argumentos científicos e éticos, assim como as tecnologias de classificação e de intervenção cirúrgica propostas pelos/as profissionais do campo. A abordagem visa entender como profissionais desta área têm justificado (ou não), no que se refere às indicações médicas, ao acúmulo de conhecimento científico e aos recursos técnicos e tecnológicos, a realização de tais procedimentos. Entre as conclusões, destacamos que, ao produzir uma nova padronização da genitália feminina por meio das intervenções cirúrgicas, os/as cirurgiões/ãs estão construindo uma “aparência de natureza”. Entretanto, não se trata de uma reconstrução de uma natureza anterior, já que ela corresponde, de fato, a uma idealização purificada ou plastificada do que seria o corpo feminino ideal. Os modelos ou referências utilizadas são, em geral, as genitálias que já foram “aperfeiçoadas” com várias intervenções. Têm produzido uma imagem de natureza que oculta qualquer diversidade, em prol da produção de um padrão único, purificado, plastificado. Ressaltamos a eleição de um modelo único de corpo, ou de genitália, que passa a ocupar o papel de referência exclusiva do que venha a representar o feminino, o aceitável e o desejável em nossa sociedade.

Palavras-chave: cirurgias estéticas, sexualidade, gênero

### **Sessão 3: Discursos públicos, redes e efeitos**

Tecnopolíticas Corporais: Análise das narrativas sobre células mesenquimais e terapia celular

Brunno Souza Toledo Pereira (Universidade Estadual de Campinas)

Graduando em Ciências Sociais - UNICAMP

Esta apresentação se refere a investigação Tecnopolíticas Corporais: Análise das narrativas sobre células mesenquimais e terapia celular (Fapesp - 20/14297-9) que foi uma continuação da minha primeira pesquisa de iniciação científica PIBIC/SAE-2019/2020. Em meu último trabalho construí um banco de dados em que agrupei uma série de artigos, dissertações, teses e reportagens sobre a divulgação científica de pesquisas com células troncos e, mais especificamente, células tronco originadas do sangue menstrual no Brasil. Meu enfoque nesse levantamento foram a Revista Fapesp, Revista Faperj, Revista Minas Faz Ciência, Scielo e o Banco de Teses e Dissertações da Capes. Minhas pesquisas nessas plataformas foram guiadas por descritores como “Divulgação Científica Células Tronco”; “Divulgação Científica Sangue Menstrual”; “Divulgação Científica Terapia Celular”; “Divulgação Científica Medicina Regenerativa”. Nesta nova investigação trabalho, principalmente, com as revistas Fapesp e Faperj para pensar quais são as pesquisas divulgadas; onde são feitas; como elas estão sendo faladas; quais especialistas são chamados para comentar; qual a composição deles em termos de gênero e raça; que metáforas são mobilizadas para traduzir as células; como as mesenquimais são apresentadas em comparação com as demais células-tronco; de onde vêm as matérias primas para as pesquisas e como os cientistas justificam a importância da pesquisa. Esta pesquisa tenta, então, a partir dos trabalhos de divulgação científica sobre as células do sangue menstrual, pensar como são performadas e quem controla as fronteiras corporais no campo das tecnociências.

Palavras-chave: sangue menstrual, células tronco, terapia celular

“Cada mamada é uma vacina”: reflexões sobre amamentação, leite humano e anticorpos no contexto da COVID-19

Marina Nucci (Instituto de Medicina Social / Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Doutora em Saúde Coletiva - IMS/UERJ

Fernanda Alzuguir (Instituto de Estudos de Saúde Coletiva / Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutora em Saúde Coletiva - IMS/UERJ

A amamentação é uma prática permeada por diversas noções. Um exemplo comumente observado são as metáforas que se referem ao leite materno como “amor líquido” ou “amor em

gotinhas” – presentes tanto no senso comum, como em discursos oficiais de saúde –, revelando valorações morais a respeito da maternidade. Mas há também a noção corrente de que o leite humano seria uma substância preciosa, dotada de qualidades medicinais. Pesquisas realizadas em UTIs neonatais observam que, por ser o alimento ideal para recém-nascidos internados, neste ambiente a substância se situa em uma fronteira entre alimento e dispositivo terapêutico. Já no livro referência na área da saúde coletiva sobre aleitamento, “Amamentação: um híbrido natureza-cultura” (1999), João Aprígio de Almeida sintetiza as vantagens imunológicas da amamentação com a frase “cada mamada é uma vacina”. A mesma metáfora aparece na versão atual da Caderneta de Saúde da Criança – documento do Ministério da Saúde destinado para famílias acompanharem o desenvolvimento de seus filhos –, sendo o leite materno descrito como “uma verdadeira vacina, protegendo a criança de muitas doenças”. Por fim, outra noção que nos interessa aqui é a do leite como contaminante, por ser uma substância corporal passível de transmitir alguns vírus, como HIV e HTLV. Se tais sentidos já permitiam inúmeras reflexões, em meio à pandemia de COVID-19 a discussão ganha novos contornos. Assim, observamos, no início da pandemia, em reportagens de jornais, notas de órgãos de saúde e postagens em redes sociais, cálculos de risco e benefício do aleitamento, a partir do debate da possibilidade ou não da transmissão do vírus através do leite. Já ao passar dos meses, com o desenvolvimento de vacinas para COVID-19, a discussão se ampliou para a capacidade de transmissão pela amamentação, não do vírus, mas dos anticorpos da doença. Assim, analisaremos diferentes tipos de materiais, como reportagens em jornais, postagens em redes sociais, e materiais educativos, com o objetivo de investigar como estas três diferentes noções em torno do leite humano – “amor líquido”, dispositivo terapêutico/ vacina, ou contaminante – são mobilizadas no contexto da COVID-19. Por fim, refletiremos acerca das possibilidades de produção de biossocialidades a partir do grupo “Lactantes pela vacina”, movimento que se iniciou em redes sociais, reivindicando prioridade de vacinação para lactantes, utilizando, entre outros, o slogan “uma vacina protege dois”.

Palavras-chave: amamentação, leite humano, COVID-19, gênero, vacinação

Política do útero: entre tecnologias e representações de gênero nas campanhas preventivas de HPV e câncer no colo do útero desenvolvidas pelo Ministério da Saúde de 2014 a 2020.

Juliana Rodrigues Vieira (Instituto de Medicina Social / Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Mestranda em Saúde Coletiva - IMS/UERJ

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, e se propõe a analisar as campanhas preventivas de papilomavírus humano (HPV) e câncer no colo do útero (CCU) desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Câncer / Ministério da Saúde, de 2014 a 2020. O objetivo principal é, à luz de um olhar socioantropológico, compreender como estas campanhas acionam representações de gênero, e, enquanto tecnologias de saúde, como co-constroem

sentidos e usuários. Ao passo da preocupação do Estado, as campanhas transparecem uma certa politização do útero – articuladas às noções de medicalização do corpo feminino e, em particular, uma preocupação com a saúde sexual reprodutiva. Entre as controvérsias, deslocamentos e continuidades que atravessam o tema, as campanhas preventivas apontam para uma materialidade que não apenas faz, mas também deixa de fazer – promovendo silenciamentos e ausências. Para tanto, consideraremos os elementos gráficos destas campanhas na tentativa de compreender o lugar do útero nas políticas públicas em saúde. Em adição, apresentaremos também algumas campanhas privadas e não-governamentais, como contraponto à análise. Ainda que o Brasil, historicamente, seja considerado um país que possui uma cultura de imunização, a adesão à vacina do HPV ainda é considerada baixa, e o HPV e o CCU são apresentados enquanto “alarmantes problemas de saúde” e como entrave para o Programa Nacional de Imunizações. As especificidades do contexto brasileiro, de certo modo, embaralham noções de risco e cuidado, proteção e submissão, autonomia e negacionismo. As peças gráficas analisadas iluminam um universo simbólico em relação ao tema e a peculiaridade da biografia da vacina de HPV, atravessando, por exemplo, questões como: o aumento do público alvo das vacinas, com a atual ampliação da vacina para homens, a baixa adesão na segunda e terceira dose, a desconfiança familiar, as influências anti-vacinistas, moralidades em torno de gênero e sexualidade, etc. As campanhas contextualizadas com a história da vacina no Brasil, o atual modo de gestão, e os atores em cena, engendram um fenômeno que merece atenção pelos estudos das ciências humanas em saúde. Portanto, nos debruçaremos justamente na tentativa de seguir a trajetória que as campanhas vacinais de HPV e preventivas de CCU têm traçado no Brasil, principalmente através das articulações estabelecidas entre gênero e saúde, partindo de uma perspectiva que encara ciência e cultura como indissociáveis.

Palavras-chave: gênero, HPV, câncer no colo do útero, campanhas de saúde, vacinação

Como as plataformas digitais têm (re)produzido as lesbianidades? Uma abordagem decolonial dos processos de plataformização das sexualidades

Julianna Paz Japiassu Motter (Universidade Federal da Bahia)

Mestre em Direitos Humanos e Cidadania (UnB); Doutoranda em Comunicação e Culturas Contemporâneas (UFBA)

O objetivo do presente projeto de pesquisa é investigar se, e de quais maneiras, as plataformas digitais têm operado na (re)produção das lesbianidades, através de um mapeamento e documentação que dê conta de como distintas plataformas (re)produzem a lesbofobia. Para isto, serão analisados, ainda, como os processos de colonialidade de dados e de tecnologias atuam em processos de acirramento das discriminações semiótico-materiais contra lésbicas. A pesquisa aborda a incidência desses processos contra lésbicas nas respostas (outputs) de plataformas advindas do Vale do Silício, e presentes em países da América Latina, com ênfase no Brasil, focando especificamente no Instagram e no buscador da Google. Percorreremos,

inicialmente, as plataformas Instagram, buscador da Google, pelos acontecimentos e controvérsias gerados a partir dessas duas plataformas e que foram denunciados por usuárias como demonstrações de expressões lesbofóbicas engendrada em suas estruturas. Através de um enfoque teórico, baseado nas perspectivas decoloniais (Anzaldúa 1987; Lugones 2014; Ricaurte 2019; Quijano 2000; Mignolo 2014) e nos debates sobre enviesamentos algorítmicos (Buolamwini e Raji 2019; Bucher 2018; Noble, 2018; Silva 2019, 2020), analisaremos o enredamento entre os enviesamentos algorítmicos e a colonialidade de corpos, dados e plataformas desde a ótica das lesbianidades. Assim, busca-se compreender, também, de quais maneiras os algoritmos, e demais agenciamentos envolvidos nas plataformas digitais, acrescentam aos dispositivos de sexualidade e gênero (Foucault, 2013). Entende-se, para tanto, que estudar plataformas requer olhar para toda uma rede sociotécnica (Lemos 2013; Lemos e Pastor 2020) e, para tal, propõe-se um método híbrido, de caráter cartográfico-genealógico (Zambenedetti e Silva 2011), inspirado na Teoria Ator-Rede (Lemos 2013).

Palavras-chave: lesbianidades, plataformização, enviesamentos algorítmicos, decolonialidade, (in)visibilidades

## **ST19 Modos de ocupar a etnografia em tempos de pandemia: Cibercultura e redes sociotécnicas**

Theophilos Rifiotis  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
rifiotis@gmail.com

Jean Segata  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
jeansegata@gmail.com

O ST "Modos de ocupar a etnografia em tempos de pandemia: cibercultura e redes sociotécnicas" responde a uma série de demandas em torno dos dilemas colocados pela crise sanitária para a realização da pesquisa etnográfica. Trata-se de criar um espaço de reflexão crítica sobre as redes sociotécnicas - hibridismos, distribuição de agência e simetrização - e o modo como mobilizam possibilidades para a revisão do fazer etnográfico no contexto de pandemia. De um modo mais amplo, trata-se de aprofundar o diálogo entre pesquisas que têm buscado cartografar as políticas etnográficas que se inscrevem no campo dos estudos de ciência e tecnologia de modo geral e da cibercultura em particular, destacando a pluralidade de eleições etnográficas que fundamentam os distintos modos de conduzir e de produzir antropologias do contemporâneo. Concretamente, pretendemos acolher relatos de experiências que problematizem as "perdas" com a falta de contato face-a-face, a impossibilidade de "observação direta e participante", o anonimato, a existência de avatares, etc, e, sobretudo, a mediação técnica como elo preponderante para o estabelecimento da experiência etnográfica. Em termos mais diretos: queremos problematizar o lugar crescente do digital ocupado na pesquisa etnográfica contemporânea. Além disso, o ST será uma oportunidade de reflexão crítica sobre as estratégias de pesquisa antropológica em tempos de pandemia.

Palavras-chave: cibercultura, etnografia, redes sócio-técnicas

### **Sessão 1**

As possibilidades do YouTube enquanto plataforma para uma investigação etnográfica  
Fernanda Luiza Godinho (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestranda em Antropologia - PPGAS/UFSC

A crise sanitária que vivenciamos fez emergir fragilidades referentes àquilo que se considera classicamente como “pesquisa de campo” na antropologia, a saber, o “estar lá” e a “observação direta e participante”, inviabilizando “certa” pesquisa. No entanto, essas fragilidades serviram também como ponto de partida para destacar metodologias de pesquisa alternativas àquelas que

são praticadas mais amplamente. A partir das discussões trazidas à tona na disciplina de Redes Sociotécnicas ministrada no primeiro semestre de 2021 pelos professores Theophilos Rifiotis e Jean Segata, foi possível repensar aspectos metodológicos referente a minha pesquisa de mestrado acerca das controvérsias suscitadas pela realização de um grande empreendimento na região metropolitana do Ceará. As discussões acerca do urbano concebido versus praticado, que são caras à antropologia urbana, são tensionadas, na minha pesquisa, a partir do estudo de caso da implementação da Laguna Smart City, um loteamento misto, habitacional e comercial, destinado para a população de baixa renda. Este tem sido vendido pela incorporadora do projeto, Planet Smart City, como a primeira Cidade Inteligente Social do Mundo. Foi a partir da plataforma do YouTube que encontrei a possibilidade de investigar de que forma são produzidos os discursos de marketing sobre a Laguna Smart City. Ou, como é fabricado este lugar nos termos de ideais. Tenho especificamente levado em conta os vídeos publicados no canal institucional da incorporadora Planet Smart City nos quais são utilizadas narrativas de clientes (futuros moradores e investidores) para atribuir sentido particular e valor ao empreendimento. Isso sem deixar de buscar rastros de outros mediadores que interferem no curso da ação, para além do discurso onipresente da incorporadora. Nesse sentido, estou interessada também em explorar que tipos de contatos são possibilitados pela plataforma do YouTube; o que é possível analisar e inferir a partir não só da análise de vídeos, mas olhando de forma ampliada ao conjunto de atores que compõe o ambiente da plataforma. Usuários, algoritmos, affordances, discursos diversos. Nesse sentido, apostar em uma etnografia em um meio, como o YouTube, onde não se tem contato direto e imediato com aqueles que, no campo clássico, são os atores da pesquisa, tem sido um trabalho investigativo e de busca por rastros de agências.

Palavras-chave: cibercultura, etnografia, Smart City, YouTube

Vaporwave, Ontologia do Assombro e Netnografia

Lucca Palmieri (Universidade de São Paulo)

Graduado em Ciências Sociais - USP

Rose Satiko Gitirana Hikiji (Universidade de São Paulo)

PhD em Antropologia Social - PPGAS/USP

O Vaporwave surge na década de 2010 como um microgênero da música eletrônica a partir de comunidades online como o Reddit, 4chan, Tumblr e YouTube. Utilizando distorções exageradas, som grave e ritornelos repetitivos, o gênero cria a partir da paisagem sônica dos anos 80 e 90 um novo material, que recontextualiza tais sons na Internet contemporânea. A fruição do Vaporwave é justamente vivenciar e transitar nestes espaços de rememoração, reverberação e plasticidade temporal. A partir dos conceitos de Musicar, de Small e Localidade, de Appadurai, é possível afirmar que a partir destas modalidades que o Vaporwave opera uma

localidade nostálgica. Além de sua esfera musical, pode-se notar também uma esfera estética que circunda tais produções, a qual se concentra também nestas referências aos anos 80 e 90. Nesse sentido, são verificáveis produções visuais, como imagens e memes que se enquadram na classificação Vaporwave. Mais adiante, é possível notar que tais referências se enquadram mais especificamente em um extrato particular do passado, mais precisamente nas imaginações de futuro não concretizadas que eram projetadas nestas décadas. Pensando a partir do conceito de Hauntology, de Jacques Derrida, pode-se afirmar que em suas formas estéticas, o Vaporwave estabelece esse diálogo entre o futuro do passado e o presente, os quais, conquanto coincidam temporalmente, são profundamente distintos. Ele brinca com a utopia tecno-futurista já consciente de suas falhas e promessas não entregues. A localidade nostálgica refere-se, portanto, a um extrato particular do passado, no qual se delineava o presente contemporâneo como etéreo, arrojado, confortável e progressista. Por fim, uma área interessante da pesquisa a ser abordada é as apropriações sofridas por esta estética audiovisual por grupos de extrema-direita, que adicionam aos referenciais citados, símbolos e frases frequentemente associados ao neo-nazismo, ao conservadorismo e à supremacia branca. Essa vertente, é chamada de Fashwave, a qual, conquanto é frequentemente associada ao Vaporwave, se configura somente enquanto uma estetização do discurso de ódio, e é profundamente rejeitada pelos produtores do gênero.

Palavras-chave: Antropologia, Vaporwave, netnografia, etnomusicologia, nostalgia, ontologia, arte, música, cibercultura

Em transição: desafios e possibilidades ao deslocar o trabalho de campo para o ambiente digital

Simone Mestre (PPGS / Universidade Federal de Minas Gerais)

Rafael Cerqueira Pinheiro (PPGS / Universidade Federal de Minas Gerais)

Este trabalho propõe contribuir para a análise e a reflexão da incorporação de dispositivos de comunicação remota no trabalho de campo. Para tanto, apresentamos dois relatos de pesquisas em andamento que tiveram suas atividades de campo suspensas em decorrência da pandemia do novo coronavírus e que necessitam readaptar seu desenho metodológico durante o período de confinamento social. Com base na experiência relatada, nosso objetivo é apresentar desafios e possibilidades de conduzir o trabalho de campo em transição, ou seja, quando uma pesquisa iniciada foi suspensa e necessita ser readaptada para ser conduzida de forma remota através do uso de plataformas digitais. Para tanto, versamos sobre os problemas, os limites e as oportunidades que se apresentam quando pensamos em mover uma pesquisa para o ambiente digital diante deste contexto.

Palavras-chave: metodologia, etnografia, trabalho de campo

Etnografia pandêmica: construindo caminhos de pesquisa em tempos de COVID-19

Thiago Luz (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestrando em Antropologia Social - PPGAS/UFRGS

A etnografia é reconhecidamente a espinha dorsal da antropologia, pelo menos desde as clássicas elaborações de Malinowski a respeito das Ilhas Trobriand. A partir disso, “estar em campo” passou a compor o imaginário comum da prática antropológica. Cabe destacar, porém, que “estar em campo” sempre parece vir acompanhado do epíteto fisicamente. Fazer etnografia, ao menos em seu início, foi uma espécie de vai-e-vem corporal entre localidades e/ou territórios. Realizar uma etnografia “digital” ao invés de uma etnografia “presencial” parece, assim, não fazer sentido. Entretanto, a pelo menos duas décadas (Segata & Rifiotis 2016) essa perspectiva – um tanto quanto conservadora – vem sendo desafiada por uma série de pessoas pesquisadoras que vêm realizando suas etnografias em contextos digitais ou online. Na conjuntura atual, na qual estamos imersos na pandemia de COVID-19, que de variadas formas afetou nossos trabalhos etnográficos, tornou-se indispensável criarmos reflexões a esse respeito. Pois, se não totalmente, pelo menos parcialmente nossas pesquisas foram remodeladas, devido ao cenário pandêmico, de modo que o digital passou a integrá-las para que continuássemos a atuar. Desse modo, essa apresentação tem como foco abordar algumas discussões teórico-metodológicas sobre pesquisa em/com meios digitais, através de um movimento dialógico que oscila entre as reflexões da antropologia do digital e minha própria experiência enquanto pesquisador que passou a utilizar-se de ferramentas digitais, embora isso não estivesse, inicialmente, em meus planos de pesquisa. Realizo esse movimento dialógico por compreender a importância de produzir um saber etnográfico contextualizado, ou seja, que se insere nos circuitos de discussão antropológica mais amplos sem negligenciar a singularidade de minha experiência. Para tanto, abordarei três pontos: a) meu campo empírico; b) ética em pesquisa; e, c) reflexividade etnográfica. Escolhi esses três pontos pois são imprescindíveis para uma prática etnográfica atenta e responsável, seja ela realizada em ambientes online ou não. Além disso, me permitirá evidenciar, como propõe Hine (2015), como a maleabilidade e a adaptabilidade são intrínsecas à etnografia. E claro, será possível estabelecer diálogos com outras pesquisadoras, pois esses três pontos, assim como seus desdobramentos, dizem respeito à minha agência enquanto pesquisador e às minhas escolhas enquanto etnógrafo e que, não necessariamente, seriam as de outro etnógrafo.

Palavras-chave: etnografia digital, reflexividade etnográfica, pandemia

Instabilidades etnográficas: os distanciamentos e seus impactos à pesquisa

Marcos Vinícius Sales (Universidade Federal Fluminense)

Mestre em Planejamento Urbano e Regional

O trabalho busca refletir sobre algumas implicações e desafios para pesquisas de campo realizadas remotamente, sem a presença física do pesquisador no campo de seu interesse. Objetiva-se pensar o distanciamento social imposto pela pandemia de Covid-19 no plural, ou seja, enquanto distanciamentos, na medida em que não somente a circulação de pessoas sofreu alterações com o novo contexto, mas também outras nuances da vida e suas respectivas possibilidades de agir e interagir foram modificadas. O cenário apresentado trouxe impactos significativos para etnografias e pesquisas de campo, principalmente o modo como estabelecemos relações de parceria com os interlocutores. Relações mediadas pelas Tics (tecnologias da informação e comunicação) e conexões, muitas vezes, instáveis e inacessíveis, dificultam a apreensão de fluxos e afetos fabricados e envolvidos nos temas de pesquisa investigados remotamente. Nesse sentido, cabe pensar como os esses distanciamentos variados estão produzindo instabilidades etnográficas e como os pesquisadores têm lidado com esta realidade. As experiências usadas como referência foram vivenciadas numa pesquisa de mestrado realizada no decorrer da pandemia de Covid-19 entre 2020 e 2021. A Etnografia e a pesquisa de campo são umas das metodologias mais usadas nas Ciências Sociais e em outras áreas. O novo contexto social é uma oportunidade para aprender novos usos para ferramentas de pesquisa, que precisam corresponder ao momento presente. Estão sendo produzidas diversas reflexões sobre os modos de fazer e viver etnografias, cabe continuar os diálogos e reflexões acerca de um momento que está redefinindo as maneiras de fazer pesquisa.

Palavras-chave: etnografia, distanciamento, tecnologias, conexão

## **Sessão 2**

Sobre repovoar narrativas: o trabalho dos influenciadores digitais a partir de uma abordagem sociotécnica

Sandra Stephanie Holanda Ponte Ribeiro (Universidade Federal de Santa Catarina)

Doutoranda em Antropologia - UFSC

O presente estudo objetivou elaborar uma revisão narrativa da literatura sobre influenciadores digitais e sugerir uma análise inspirada no campo de Science and Technology Studies. A literatura temática mantém o eixo explicativo das pesquisas centrado na figura do influenciador enquanto produtor da ação e usuário das tecnologias digitais. No entanto, argumento que é possível perceber a construção de influência nas plataformas digitais enquanto efeito de uma

vasta rede de elementos heterogêneos e não apenas de um ou mais sujeitos. Proponho que o trabalho dos influenciadores só é possível quando essa rede sociotécnica é acionada de modo que seria interessante do ponto de vista analítico descrevê-la. A partir da literatura, apresento os principais elementos relacionados ao trabalho dos influenciadores digitais e como o tema vêm sendo conceitualizado em estudos recentes. Em seguida, discuto o enquadre da “celebridade”, bastante comum nas pesquisas sobre o tema, e as implicações dessa perspectiva. Por fim, reflito sobre as possíveis vantagens de uma análise inspirada no campo de Science and Technology Studies sobre as interpretações já existentes na literatura temática e sobre o campo de Critical Algorithm Studies. Os principais avanços de uma abordagem sociotécnica, inspirada principalmente na obra de Bruno Latour, seriam não definir agências e assimetrias a priori e superar a dicotomia humano e não humano. Dessa forma, seria possível descentralizar a ação dos sujeitos das descrições e observar as agências no fluxo dos acontecimentos. Essa perspectiva lança o desafio de repovoar narrativas e apontar para outras formas de compreender as associações entre sujeitos e tecnologias digitais. O intuito, porém, não é oferecer uma argumentação definitiva, mas ampliar o debate e contribuir para a construção de um saber sociotécnico.

Palavras-chave: influenciadores digitais, criadores de conteúdo, redes sociais, science and technology studies, teoria ator-rede, revisão de literatura

#CapitalBrasileiradaVacina: análise de posts do governo do Maranhão e da prefeitura de São Luís e dos comentários de seus seguidores no Instagram acerca de compreensões de riscos inerentes ao covid-19

Rejane Valvano Corrêa da Silva (DESOC / Universidade Federal do Maranhão)

Doutora em Antropologia (PPGSA/ UFRJ); Pós doc em Sociologia (Fernand Braudel Center/ SUNY)

Em tempos de isolamento e distanciamento social por conta da pandemia do covid-19, as etnografias em ambientes virtuais parecem, mais do que nunca, uma ótima opção para coletarmos dados antropológicos e pensarmos saúde pública. As análises dos riscos (Beck 1995; Douglas & Wildavsky 2012; Skinner 2000) de contrair uma doença interferem nas decisões a serem tomadas e analisar as medidas recomendadas, bem como críticas a elas, a partir das percepções e compreensões dos riscos revela valores sociais, como prioridades, preconceitos, indiferenças, desigualdades e mesmo projetos de necropolítica (Mbembe 2018). É sabido que as análises dos riscos são feitas tanto por indivíduos, quanto por instituições, revelando uma biopolítica (Foucault 2008), cujo sentido vem sendo alargado por incluir os não-humanos, para além dos humanos (Segata 2020). Ficar em casa não é sinônimo de ficar isolado, pois as pessoas que estão saindo pouco de casa, tem seu mundo offline reduzido, mas uma rede Wi-Fi pode ampliar seu mundo online. A questão desta pesquisa é analisar como a divulgação de dados, compreensões e informações por agentes do governo no Instagram sobre riscos do SARS-CoV-

2 significam e orientam o cotidiano das pessoas, principalmente se estas ficaram a maior parte do tempo dessa pandemia em casa. Partindo da compreensão de que o espaço da internet tem relação com o cotidiano (Hine 2020), e que as pessoas que evitam sair de casa podem estar “isoladas fisicamente” de humanos, porém estão acompanhadas off e online através de actantes que intermediam relações com outros humanos (Latour e Woolgar 1997; Latour 2001) possibilitando existir dentro-e-fora de casa simultaneamente, optei por fazer observação de campo no Instagram. Inicialmente pensando nos moradores de São Luís, MA, decidi analisar discursos em posts do governador do Maranhão (@flaviodino), do prefeito da capital desse Estado (@eduardobraide), bem como de suas páginas oficiais (@prefeiturasãoluís e @governoma), durante o período de março a maio de 2021. A partir da identificação das orientações políticas e das reações dos seguidores aos posts, meus objetivos estão sendo: a) listar os critérios presentes nas publicações de quando se entende que há riscos com a covid-19; b) analisar quais medidas vêm sendo tomadas a partir dessas percepções dos riscos; c) examinar como essas publicações, enquanto relações virtuais, influenciam os seguidores, com os quais também não tenho contato face-a-face.

Palavras-chave: covid19, riscos, cibercultura

Saneamento Básico e a Covid-19: análise dos debates virtuais em torno do “antídoto natural”

Lara Ramos Monteiro Silva (Universidade Estadual de Campinas)

Mestranda em Política Científica e Tecnológica

Rosana Icassati Corazza (Universidade Estadual de Campinas)

Doutora em Política Científica e Tecnológica

A pandemia de Covid-19 se alastra por todos os continentes. “Usar máscaras”, “manter o distanciamento social” e “lavar as mãos” são as orientações oficiais da Organização Mundial da Saúde para que ela seja contida. As infraestruturas de abastecimento de água, portanto, emergem como grandes aliadas no combate à pandemia. Nesse cenário, atores do Setor de Saneamento do Brasil são acionados para promover a prestação continuada do serviço e o atendimento do maior número de pessoas. De forma oportuna, apesar da condição imposta de isolamento social, Eventos Virtuais em diversas plataformas convidam esses atores para o debate público. O presente artigo, portanto, teve como objetivo analisar esses eventos virtuais, buscando compreender como os atores do setor estão interpretando a situação de emergência em saúde pública e quais redes de articulação em torno do saneamento foram criadas e intensificadas. A Etnografia Virtual foi adotada enquanto metodologia de investigação para navegar pelos Eventos mapeados entre Abril e Maio de 2020. Dezesesseis eventos foram identificados nesse período, oriundos de diferentes canais que mobilizam redes de atores atuantes nas grandes temáticas de saneamento e saúde: Grupos de Whatsapp de núcleos de pesquisa, páginas do Facebook de organizações civis do setor, e Newsletters de empresas.

Foram selecionados seis Eventos para a presente análise, os quais trouxeram representantes de agências de regulação, de empresas públicas e privadas prestadoras de serviço e de associações nacionais. Os critérios de seleção para análise foram a disponibilização da gravação e o recorte dos temas debatidos – como governança do saneamento e atendimento de populações em situação de vulnerabilidade. Nestes debates, a discussão prioritária se deu em torno dos consertos técnicos - via mecanismos de regulação, ajustes de tarifas e distribuição de caixas d'água - para garantir o serviço de abastecimento de água no cenário de pandemia. À luz dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia, busca-se enfatizar os limites dos consertos postos e, por fim, justificar a necessidade da articulação de múltiplos conhecimentos. Por fim, é discutido como a Etnografia Virtual se apresentou como estratégia de pesquisa em um contexto de uma dissertação de mestrado em andamento atravessada pela pandemia.

Palavras-chave: saneamento, covid-19, etnografia virtual

A etnografia digital em meio a pandemia: significados sociais compartilhados em grupos do Facebook sobre doenças crônicas

Nathália Caroline Dias (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Mestra em Ciências Sociais - PPGCSO/UFJF

Monique Batista do Nascimento (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Mestranda em Antropologia Social - PPGAS-MN/UFRJ

Nos últimos anos, os processos de saúde-doença transformaram-se em tema de destaque em diversos sites na internet. Sendo organizados e mantidos por diferentes sujeitos sociais, dentre eles pacientes em tratamento ou que já se curaram, tais sites são caracterizados como espaços de trocas de experiências sobre determinada doença. É diante deste contexto que surge a figura do “paciente informado” – a qual já vinha se desenvolvendo, mas ganha visibilidade com a expansão do acesso à internet – para se referir àquela pessoa que aprimorou suas habilidades e conhecimentos a partir de sua vivência com uma doença e dos aprendizados que adquiriu nos diversos espaços por onde circula, exercendo um papel ativo na busca por sua saúde e sua qualidade de vida (Fernandes et al 2018; Pereira Neto et al 2015). Dentre esses espaços, os grupos encontrados na rede social Facebook, além de possibilitarem comunicação, sociabilidade e entretenimento para seus usuários, também são locais nos quais os pacientes buscam e compartilham informações sobre seus sintomas, exames, diagnósticos, tratamentos e formas de prevenção. Nesse sentido, a partir de um fazer etnográfico digital em grupos selecionados do Facebook, a proposta é apreender e interpretar os significados sociais constantemente (re)produzidos sobre as experiências de doença com o câncer de mama e com a dermatite atópica. Apesar de serem doenças crônicas permeadas por simbolismos distintos em nossa sociedade, ambas são abordadas neste trabalho como “perturbações físico-morais” (Duarte 2003), posto que se destacam como eventos anormais, envolvendo e afetando não

somente o corpo das pessoas que as vivenciam, mas também suas moralidades, seus sentimentos e suas identidades pessoais. Destacamos que recorrer à chamada “etnografia digital” se faz necessário, especialmente, no atual cenário de isolamento social devido à crise sanitária mundial do novo coronavírus, pois este tem conferido maior evidência aos grupos online, tornando de imprescindível importância para aqueles que vivenciam o câncer de mama e a dermatite atópica buscarem por espaços de encontros com seus semelhantes, de trocas de experiências e de informações, para além dos espaços oficiais de saúde – os quais estão com acesso limitado.

Palavras-chave: paciente informado, câncer de mama, dermatite atópica, perturbação físico-moral

Conversando com MCs: reflexões sobre entrar em campo em meios virtuais na pandemia de COVID-19

Bruno Affonso Muck (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Bacharel em Música - UFRGS

Este trabalho apresenta um pequeno conjunto de revisões teórico-metodológicas pertinentes para o processo de entrada em campo no âmbito de uma pesquisa etnomusicológica em andamento, iniciada em nível de mestrado durante a pandemia de COVID-19, sobre as práticas sonoro-musicais de MCs e rappers atuantes em Batalhas de MCs na Região Metropolitana de Porto Alegre/RMPA (RS). As Batalhas de MCs, eventos poético-musicais característicos do Rap e da Cultura Hip-Hop, consistem em séries eliminatórias de duelos de rimas improvisadas, realizadas em espaços públicos centrais e contando com o protagonismo de jovens negros e negras moradores das periferias urbanas de Porto Alegre e região desde o início da década passada. A interrupção desses eventos diante da crise sanitária generalizada implicou uma consideração mais atenta ao emprego de tecnologias da informação e comunicação (TICs) no trabalho de campo, com vistas à produção de uma etnografia que problematizasse aspectos da relação entre a experiência da dimensão sonora da vida social em Batalhas de MCs e as dinâmicas contemporâneas de exclusão e marginalização urbana. Concomitantemente à maior atenção destinada às TICs por meio de debates da ciberantropologia e da etnografia e do trabalho de campo virtuais, a assimilação de uma série de deslocamentos conceituais a respeito da noção de campo, elaboradas no âmbito da etnomusicologia anglo-americana a partir dos anos 1990, conduziu ao entendimento da relação de continuidade entre as práticas sonoro-musicais desenvolvidas primordialmente de modo presencial e aquelas que, dependendo de infraestruturas tecnológicas de produção e difusão musical atravessadas por desigualdades socioeconômicas e de poder, circulam preponderantemente no ciberespaço. Se, num primeiro momento, pensava-se a observação participante das Batalhas de MCs como principal meio para a construção de uma rede de relações em campo, entendendo este como um espaço-tempo delimitado, a mudança de enfoque para o acompanhamento em plataformas de streaming e em

sites de redes sociais de produções fonográficas e audiovisuais de rappers e MCs participantes de batalhas na RMPA tem facilitado o estabelecimento de vínculos interpessoais a despeito do distanciamento físico, segundo uma concepção do trabalho de campo como contingente à possibilidade de produzir interações sociais – mediadas, invariavelmente, neste momento, por TICs – e de “estar em campo” como "estar em relação" mais do que "estar lá".

Palavras-chave: batalhas de MCs, etnomusicologia, trabalho de campo virtual, tecnologias da informação e comunicação

## **ST20 Divulgação científica, tecnologias e pandemia**

Carolina Parreiras

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

carolparreiras@gmail.com

Thiago Coacci

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

thiagocoacci@gmail.com

A divulgação científica tem ganhado um papel cada vez maior e mais importante. Em décadas anteriores, a divulgação científica era feita principalmente por meio de jornalistas profissionais e algumas associações científicas. Atualmente, aumenta a pressão para que cientistas, entre eles os sociais, “democratizem” suas pesquisas, compartilhando seus resultados em vários formatos além dos já tradicionais artigos e livros. Algo corriqueiro nos últimos anos é que alguns editais de financiamento de pesquisa demandam explicitamente a previsão de produtos de divulgação científica. Mais recentemente, a pandemia de Covid-19 tem produzido uma série de desdobramentos e impactos na realidade social, sendo que há uma preocupação crescente com o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Assim a produção e a divulgação científicas são diretamente afetadas por esse processo. Por um lado, a pandemia traz os debates científicos e a divulgação científica para o centro de atenção mundial e, por outro lado, ao interromper as atividades presenciais, obriga que os/as cientistas repensem a maneira como divulgam seus trabalhos, levando a uma proliferação de lives no Youtube, criação e expansão de podcasts científicos e outras estratégias, como o uso de redes sociais. Buscamos, assim, reunir, neste Simpósio Temático, trabalhos que reflitam sobre os diversos entrecruzamentos entre pandemia, estratégias tecnológicas e divulgação científica e que apontem para desafios e possibilidades neste processo.

Palavras-chave: divulgação científica, pandemia, tecnologia, TICs, covid-19

### **Sessão 1**

#TeseDaMinhaVida: muito mais do que os bastidores de teses e dissertações, a história de quem pesquisa

Viviane Gonçalves Freitas (Universidade Federal de Minas Gerais)

Doutora em Ciência Política – UnB

Entendo a academia como um lugar de conhecimentos, descobertas, aprendizados, que não ocorrem isoladamente, mas por meio de parcerias, de trocas entre colegas em sala de aula, em grupos de pesquisas, na produção de artigos, nas viagens para eventos, na mesa de bar. Ou seja,

acredito na construção coletiva e no compartilhamento para uma produção rica e que faça a diferença na vida de cada uma/um e na sociedade. Pensando nisso e lembrando de como as amizades e parcerias foram imprescindíveis para mim durante a pós-graduação, nasce o #TeseDaMinhaVida, em agosto/2020, disponível no meu canal no Youtube (<https://www.youtube.com/c/VivianeGoncalvesFreitas>). Em conversas mais informais, pesquisadoras/es de diversas áreas do conhecimento contam um pouco dos bastidores da elaboração de suas teses e dissertações, com os temas das pesquisas sendo abordados tangencialmente. O foco está na trajetória percorrida, nos pesadelos, nos sonhos, nas dúvidas, nas pequenas e grandes alegrias que existem até chegar à banca de defesa. O #Tese surge no início da pandemia da Covid-19, quando ainda tinha esperança de assumir a bolsa de pós-doutorado para a qual havia sido aprovada (que foi se arrefecendo devido a um governo genocida e anti-ciência) e sentia uma grande necessidade de mostrar que havia muito conhecimento e de alta qualidade sendo produzido, principalmente por aquelas pessoas que (ainda) não estavam vinculadas a IES como professoras/es. Tudo isso não estava separado da vida pessoal. Até junho/2021, foram produzidos 27 episódios, cujos títulos são a palavra que resume sua trajetória, segundo cada entrevistada/o (por ex.: Reconstrução; Coragem; Insubmissão). Pesquisadoras/es da Engenharia Mecânica, da Comunicação, da Ciência Política, da Farmácia, da Astronomia e de tantas outras ciências já passaram pelo projeto. O #Tese é um espaço de divulgação científica, mas também de acolhida, de registro de memórias e, principalmente, de busca por uma perspectiva diferente quanto às brigas de egos e competições acadêmicas. Como bem disse Débora Rabello, doutora em Ciências Médicas (UnB), no Episódio #27. Gratidão, “a importância de [se] mostrar os bastidores para aqueles que estão no caminho, quando erram, quando não conseguem uma aprovação, por exemplo, [é] não se sentirem incompetentes por isso [...]. Em todo o caminho, em toda vitória, em todo diploma de doutorado, em toda classe, tem, por trás, erros, dificuldades”. A humanização da pesquisa é possível e necessária.

Palavras-chave: humanização da pesquisa, divulgação científica, pós-graduação, memória, cientistas do brasil

Blog Primavera nos dentes: uma iniciativa de divulgação científica em antropologia da educação

Juliane Bazzo (Universidade Federal da Grande Dourados)

Pós-doutoranda, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal da Grande Dourados (PPGAnt/UFGD); Doutora em Antropologia Social (UFRGS)

Neste trabalho, descrevo e problematizo caminhos que me conduziram à concepção e administração do blog de divulgação científica Primavera nos dentes - Ensaio sobre a escola e a realidade brasileira (<https://blogprimaveranosdentes.wordpress.com/>). Levada ao ar em janeiro de 2020, a plataforma surgiu, a princípio, para contemplar duas frentes acadêmicas que

me são caras. De um lado, a divulgação científica, com a qual me envolvi a partir da graduação em comunicação social, ao atuar com jornalismo ambiental. De outro, a antropologia da educação, que é o subcampo disciplinar ao qual me filio hoje, em decorrência de minha pesquisa de doutoramento. A pandemia da Covid-19 instaurou-se pouco tempo depois do nascimento do blog e, desde então, vem sendo temática dominante nesse espaço, dados os profundos impactos da emergência sanitária sobre o cotidiano educacional, em todos os níveis de ensino. No âmbito desse acontecimento de grandes proporções, além de ofertar conteúdo, inclusive com a colaboração de outras(os) pesquisadoras(es), o blog tornou-se guarda-chuva para o abrigo de outros dois projetos, a saber: o “Escola em quarentena: um registro antropológico de memórias educacionais” e o “Podcast Fazeres etnográficos em tempos de pandemia”. Por intermédio dessa experiência, discuto pontos tais como: (i) o objetivo de fomentar, por meio da divulgação científica, um campo de pesquisas historicamente periférico, que é a antropologia da educação, projetando-a não só à sociedade mais ampla, mas também entre a comunidade acadêmica; (ii) a concretização do blog como um espaço que não só comunica meus achados de pesquisa e vivências de ensino em antropologia, como também busca promover a cooperação acadêmica entre pares; (iii) a possibilidade de o blog abarcar outros subprojetos que, por sua vez, passaram a se articular a outras redes de atores, propiciando assim resiliência acadêmica, frente a uma pandemia que se dá em meio a um governo federal autoritário, negacionista e negligente.

Palavras-chave: divulgação científica, antropologia da educação, blog primavera nos dentes, pandemia de covid-19, cooperação acadêmica, resiliência acadêmica

Divulgação científica na pandemia: Uma análise do centro de ciências itinerante Ciências Sob Tendas

Gustavo Henrique Varela Saturnino Alves (Universidade Federal Fluminense)

Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão / UFF; Doutor em Ensino em Biociências e saúde / Fiocruz

Laura Alves Guimarães (Universidade Federal Fluminense)

Graduanda em Ciências Sociais / UFF

Lucianne Fragel Madeira (Universidade Federal Fluminense)

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão / UFF; Doutora em Ciências / UFRJ

Helena Carla Castro Cardoso de Almeida (Universidade Federal Fluminense)

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão / UFF; Doutora em Bioquímica / UFRJ

Nos últimos anos, com a adesão às redes sociais, a divulgação científica passou a ganhar espaço no ambiente virtual, permitindo uma comunicação mais direta do cientista com o público. Essa

virtualização se tornou ainda mais evidente no contexto da pandemia já que as atividades presenciais foram canceladas por medidas sanitárias. Assim, neste estudo, objetivou-se analisar a virtualização da divulgação científica do Ciências Sob Tendas (CST), que é um centro de ciências itinerante da Universidade Federal Fluminense cujo objetivo é despertar o interesse científico em crianças e adolescentes. Partindo das restrições impostas pela Covid-19 o CST implementou novas estratégias de produção de conteúdo para as redes sociais e sua interatividade com o público. Por isso, buscamos realizar uma análise de tais estratégias durante o ano de 2020, considerando assim, o período pré pandemia (Jan-Mar) e em pandemia (Abr-Dez). Para tanto, utilizamos a metodologia da netnografia proposta por Robert Kozinets aplicada a página no Facebook do CST. A partir disso, estabelecemos categorias de apresentação visual: tipo 1: foto, tipo 2: arte gráfica com texto, tipo 3: arte gráfica com foto e texto, tipo 4: fotografia e texto e tipo 5: arte ilustrativa e texto. E também, categorias de tipo de publicação: Comunicação Organizacional (CO), Divulgação científica (DC) ou ambos. Todas as postagens antes da pandemia tiveram caráter de CO, ou seja, se referem a informações sobre o CST, divulgação de editais, etc. Em meados de Julho é perceptível uma adaptação em que o CST se dedicou mais aos posts de DC, exemplo disso, foi a criação do quadro "Será que a ciência responde?" que busca responder dúvidas científicas dos seguidores. Com isso, no período de Abril à Dezembro 47,7% das publicações foram postagens de DC e 51,4% de CO, houve ainda 0,9% de CO+DC, em que questões científicas eram explicadas por membros do CST. Com relação à apresentação visual, antes da pandemia o perfil era de tipo 1: 41%, tipo 2: 25%, e tipo 3: 33%. Já no período de Abril a Dezembro essa porcentagem foi modificada, tipo 1: 5%, tipo 2: 28%, tipo 3: 39%, tipo 4: 9% e tipo 5: 18%. Nota-se que duas novas categorias foram identificadas, tipo 4 e 5. A redução no percentual de fotos retrata o cenário sem atividades presenciais. Além disso, somente neste período foram compartilhados vídeos. Por fim, constatamos que o CST buscou se adaptar ao período de pandemia, realizando sua divulgação científica no ambiente virtual.

Palavras-chave: popularização da ciência, museu de ciências, redes sociais, netnografia, educação informal

Comunicar ou divulgar ciência: a experiência do Qual Máscara?

Beatriz Klimeck (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Doutoranda em Saúde Coletiva (IMS/UERJ)

Ralph Rocha Holzmann Nader (Universidade Federal Fluminense)

Ralph Rocha (Mestrando em Comunicação / UFF)

O presente trabalho busca refletir criticamente sobre o campo da Divulgação Científica a partir da experiência vivida com o projeto Qual Máscara?, uma das iniciativas que buscam mitigar os efeitos da COVID-19 através da promoção de medidas de prevenção. Mais do que recomendar

simplesmente o uso de máscaras como muitas campanhas governamentais, o projeto busca democratizar o acesso às razões de seu funcionamento e à informação sobre quais medidas de proteção seriam mais efetivas contra o contágio pelo vírus. A partir da lógica do compartilhamento nas redes sociais, refletimos sobre os limites dos divulgadores enquanto sujeitos de influência, sobre os múltiplos afetos engajados nas trocas e sobre as redes autônomas que podem se formar a partir de uma comunicação científica que promove a descentralização e a autonomia.

Palavras-chave: divulgação científica, covid-19, máscaras, comunicação em ciência

Divulgação científica, tecnologias e pandemia: o caso da Marcha Virtual pela Ciência

Anderson Jamar Neves Maciel (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutorando em Antropologia Social - PPGAS/UFRGS

Lilian Sagio Cezar (Universidade Estadual do Norte Fluminense)

Doutora em Antropologia - USP

A pandemia de COVID-19 incidiu significativamente sobre nosso cotidiano e pode ser percebida como um dado transcultural que se perfaz em diferentes escalas (Segata 2020). Dentre os desafios expressos por esse dado transcultural, que ganhou relevância em contexto mundial, está a possibilidade de realizar uma comunicação pública da ciência (Castelfranchi 2010) em um momento de crise sanitária com contorno sociais e políticos, acompanhada de uma superabundância de informações, que a Organização Mundial da Saúde denominou infodemia. Considerando este cenário, a presente proposta busca refletir como mediações sociotécnicas possibilitaram a formação de um coletivo de cientistas brasileiros para a produção de um acontecimento de comunicação pública da ciência, a Marcha Virtual pela Ciência, de 07 de maio de 2020. Acionamos uma abordagem etnográfica ancorada na Teoria Ator-Rede (Latour 2012) para descrever o modo como a rede de vínculos dos atores agregados nesse acontecimento produziram agenciamentos que canalizaram esforços para produzir uma conexão entre ciência e sociedade. Como resultados percebemos que as redes sociotécnicas tecidas durante a Marcha Virtual pela Ciência produziram um engajamento político que pautou a importância da ciência no Brasil, sobretudo para equacionar os dilemas da pandemia de COVID-19, a partir de um ponto de passagem que permite relacionar ciência, vida e democracia como elementos chaves para o enfrentamento desses dilemas, a saber: a construção de um Pacto pela Vida (#paCTopelavida). As conexões tecidas entre ciência e sociedade nesse acontecimento de comunicação pública da ciência colabora para compreendermos como as estratégias tecnológicas de divulgação científica foram acionadas em um momento de crise sanitária e intensificação de tecnossocialidades, assim como possibilita alçar caminhos para novas possibilidades de interação entre diferentes coletivos do debate sobre questões científicas na esfera pública.

Palavras-chave: comunicação pública da ciência, covid-19, marcha virtual pela ciência, participação

## Sessão 2

Podcasts em sala de aula: tecnologias educativas e pedagogias orais

Pedro Bezerra Ribas (Universidade de Brasília)

Mestrando em Antropologia Social - UnB

Ana Luiza Noronha (Universidade de Brasília)

Graduanda em Antropologia - UnB

Essa pesquisa apresenta dados construídos pela equipe do Mundaréu, um podcast de antropologia produzido pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB) e o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (Labjor/Unicamp). Os dados a serem discutidos no presente artigo derivam do projeto "O que faz a Antropologia? Desenvolvimento e estruturação de um podcast como um recurso digital de apoio ao ensino e à aprendizagem", desenvolvido pelo Mundaréu e apoiado pelo CEAD/UnB entre 2020 e 2021. O objetivo do projeto foi conhecer como podcasts podem ser usados em disciplinas e cursos voltados para o ensino da antropologia. Para tanto, foram aproveitados 8 episódios da primeira temporada do Mundaréu (2019-2020) e 9 episódios de sua série Mundo na Sala de Aula (2020). Os episódios foram utilizados em 15 turmas, 10 disciplinas e cerca de 850 discentes de 32 cursos de graduação e pós-graduação da UnB. Cada episódio foi acompanhado de materiais didáticos complementares, como: questionários, roteiros de audição e debates em sala de aula promovidos pelo Mundaréu. Aqui, pretendemos discutir dois conjuntos de dados gerados ao longo do projeto: (i) a avaliação que professores e estudantes envolvidos nas disciplinas fizeram do podcast como ferramenta didática; e (ii) o uso da oralidade e de conteúdos auditivos para construção de planos pedagógicos das aulas de antropologia ofertadas pela UnB durante 2020. Para refletirmos sobre estes pontos, debateremos, em primeiro lugar, sobre o contexto em que o uso de tecnologias digitais vem crescendo nos espaços de ensino. Em segundo lugar, serão apresentadas as diferentes formas como o podcast foi utilizado pelos docentes e discentes a fim de incluir o áudio e a oralidade no ensino de antropologia. Em respostas avaliativas, estes grupos destacaram os materiais pedagógicos não-escritos sendo conteúdos de grande valor pedagógico. Permitir que estudantes interajam com múltiplos meios educativos facilita o engajamento e articulação do conteúdo em sala de aula. Analisamos tais observações com precaução, uma vez que existem desafios para os estudantes consumirem o podcast enquanto material didático. Por fim, refletiremos sobre o conteúdo auditivo e a oralidade em práticas pedagógicas, considerando a possível continuidade do experimento e o convite para a comunidade acadêmica colocar em prática projetos que

incluam podcasts como ferramentas no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: podcasts, ensino, Antropologia, Mundaréu

Bi-biblioteca: divulgação científica sobre bissexualidade e monodissidência no Instagram

Danieli Klidzio (Universidade Federal de Santa Maria)

Licenciada e mestranda em Ciências Sociais - UFSM

Helena Motta Monaco (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestre e doutoranda em Antropologia Social - UFSC

Tendo como contexto a comunicação sobre bissexualidade e outras identidades ou temas que permeiam o universo das monodissidências, objetivamos refletir sobre a divulgação científica em mídias digitais a partir da idealização e administração da Bi-biblioteca. A Bi-biblioteca (@bi\_\_biblioteca) é um perfil criado por nós em janeiro de 2021 na plataforma Instagram a partir da percepção de que existe uma demanda do movimento bissexual por produções científicas sobre bissexualidade ao mesmo tempo que há um aumento de pesquisas acadêmicas sobre o tema, porém, estas são pouco conhecidas entre ativistas e entre a comunidade em geral. Portanto, criamos o perfil com a intenção de facilitar o acesso às reflexões teóricas sobre bissexualidade e como uma devolutiva de nossas pesquisas às pessoas interlocutoras. Em meio ao contexto da pandemia de Covid-19 percebemos e participamos de mobilizações em torno da bissexualidade, onde as mídias digitais têm centralidade. Com a emergência da pandemia e a mudança de muitas atividades do presencial off-line para o on-line, iniciativas locais passaram a se integrar mais facilmente em uma rede de ativismo nacional e em diálogo com a academia. Destacamos a divulgação das produções acadêmicas sobre bissexualidade e monodissidência como estratégia de criação de espaços entre as produções científicas e a agenda do ativismo bissexual, bem como enquanto incentivo à produção de mais pesquisas. A partir dessa divulgação estabelecemos diálogos com ativistas e pessoas que comunicam sobre a bissexualidade, que também se apropriam das teorias apresentadas por nós e outras pessoas pesquisadoras para produzir seus conteúdos, gerando novos entendimentos e mobilizações políticas. Nesse sentido, desenvolve-se uma relação dialógica entre academia, produção de conteúdo e ativismo como resistência entre pares ao mesmo tempo em que se busca a divulgação sobre as pautas para outros públicos. Destacamos as possibilidades de expansão da comunicação a partir das tecnologias, mas ao mesmo tempo, perfis nas redes sociais ficam à mercê da identidade algorítmica e do agenciamento das plataformas que dificultam a “entrega” de conteúdo na medida em que o personalizam.

Palavras-chave: bissexualidade, monodissidência, divulgação científica, mídias digitais, pandemia covid-19

Do Mundaréu ao Mundo na Sala de Aula 2: Experimentando podcasts na graduação

Bruno Campelo Pereira (Universidade Estadual de Campinas)

Mestrando em Antropologia - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH/Unicamp

Irene do Planalto Chemin (Universidade de Brasília)

Licencianda em Ciências Sociais - UnB

Arthur Ulhôa Kurrle (Universidade de Brasília)

Graduando em Antropologia - UnB

Segundo a enquete que fizemos para avaliar as atividades do Mundaréu, em seu primeiro ano de vida, tivemos como nosso principal público ouvinte profissionais de educação. Boa parte das pessoas que nos ouviram relataram ter aplicado o podcast, uma coprodução entre o Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB) e o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (Labjor/Unicamp), em suas atividades pedagógicas. Além de terem nos confirmado o quanto nossos episódios lhes serviram para ter assuntos com outras pessoas, ao facilitarem conversas a partir dos seus conteúdos, atemporalmente disponíveis para (re)visitas e novas indicações. Isto evidencia como podcasts podem ser uma via importante para a produção científica incidir sobre o espaço público, colaborando com atuações voltadas para a construção social. Em tempos de ataques às universidades e, especificamente, às Humanidades, esses dados acentuam a relevância do incentivo a cursos de divulgação científica que nos aproximem das plataformas de mídia digital ao longo de nossa formação, atribuindo um sentido crítico e de responsabilidade perante as ferramentas tecnológicas. Neste trabalho, apresentaremos alguns relatos e reflexões (teóricas e práticas) sobre as experiências com o Mundo na Sala de Aula, série do Mundaréu conduzida por estudantes de antropologia da UnB e da Unicamp. Experimentando processos de produção com sons e gravações, episódios foram criativamente produzidos durante a pandemia da Covid-19, aliando a graduação e a pós-graduação num projeto político de aproximação das Ciências Sociais a um público mais amplo, disputando espaços e significados de escrita e linguagem. Na intenção de abrir para discussões sobre novas acessibilidades e outros protagonismos nas práticas científicas, sugerimos a inclusão da podosfera na graduação como uma alternativa e possibilidade de treinamento para os compromissos que, enquanto pesquisadores, assumimos com a população e a opinião pública.

Palavras-chave: podcast, Antropologia, divulgação científica, mídias digitais

Por uma digital influencer da arqueologia: Barbie Arqueóloga e a comunicação científica na internet

Flora Villas Carvalho (Universidade Estadual de Campinas / Universidade Federal de Minas Gerais)

Mestranda em Divulgação Científica e Cultural - LABJOR/UNICAMP

Carla Matos (Universidade Federal de Minas Gerais)

Lívia Radane (Universidade Federal de Minas Gerais)

Viviane Goulart (Instituto Federal de Goiás)

Joyce Santos (Universidade Federal de Minas Gerais)

Nas últimas décadas e, especialmente, nos últimos meses, as tecnologias de informação e comunicação (TIC) se transformaram drasticamente e se ampliaram em alcance e em simbiose nos corpos e vidas de pessoas em todo o mundo. Passamos a viver em um mundo cada vez mais afetado e constituído na interlocução com as teias de experiências, relações e atividades realizadas na internet. Dentro desse novo cenário, não só o modo de produção de conhecimento tem se modificado, mas as formas de transmissão e comunicação também. Por conta disso, nos últimos quinze anos, a Arqueologia e a Antropologia vêm ocupando a internet de diferentes maneiras, principalmente como plataforma potente de comunicação com diferentes públicos nos mais diversos formatos. Nesse contexto surge o projeto “Barbie Arqueóloga”, que se instala no Youtube, Instagram e Facebook, e se constitui como canal de divulgação científica do curso de Antropologia e Arqueologia da UFMG. Esse perfil digital presente nas redes sociais mais usadas atualmente, nasce de um esforço coletivo entre docentes e discentes do curso em pensar formas múltiplas e criativas de fazer comunicar nossos trabalhos e temáticas. O objetivo é buscar romper com a bolha acadêmica, de modo que a comunicação científica se faça interessante, colorida, cativante, e que possa transmitir um pouco da “magia” presente no trabalho arqueológico e antropológico, que é moldada pelo academicismo das universidades. Por esse motivo, nesse projeto coletivo buscamos explorar múltiplas temáticas das nossas áreas de estudo, em intersecção com as artes visuais, o audiovisual, as tecnologias de informação e comunicação, a partir de referências pop, por meio de experiências visuais e digitais com ilustração, animação, vídeo, arte gráfica, colagem digital e edição, além da programação de mostras virtuais e lives. Os eventos promovidos pelo canal Barbie Arqueóloga são espaços de exposição e reflexão compartilhada sobre os temas e propostas artísticas e interativas. Em três anos de canal já podemos observar um conjunto de efeitos produzidos a partir dessas páginas, tanto com públicos externos, quanto no próprio curso. Defendemos e pretendemos exemplificar aqui a potência da comunicação científica na internet, tal como aquelas que se propõem a explorar a capacidade de engajamento do audiovisual com diferentes públicos, construindo com estes afetos, risos, sensorialidades, lembranças e conexões com as pessoas e suas vidas cotidianas.

Palavras-chave: arqueologia, antropologia, divulgação científica

Monetização de epistemologias: A produção de conhecimento a partir de mídias e redes sociais digitais

Larisse Louise Pontes Gomes (Universidade Federal de Santa Catarina)

Doutoranda em Antropologia

A produção de conhecimento, a construção de uma intelectualidade diversa e a defesa por outras epistemologias nas e a partir de redes sociais promovem um acesso a ideias, leituras e discussões de modo mais tangível e compreensível para quem está principalmente fora das universidades e/ou ainda não têm referências associadas a um modo de vida relegado a outras existências não-hegemônicas. Nesse sentido busco compreender como alguns influencers têm contribuído para divulgação científica através de seus canais, páginas e contas em mídias digitais e, ao mesmo tempo, corroborado com a dinâmica de monetização em rede consolidando uma financeirização ao passo que democratizam o conhecimento na cultura digital.

Palavras-chave: conhecimento, epistemologias, monetização, contra hegemonia, influencers

## **ST21 Experiências sentipensantes: corpos, saberes e ambientes em perspectiva**

Felipe Vargas

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

vargas.felipe@ufba.br

Ângela Camana

Tecnologia, Meio Ambiente e Sociedade (TEMAS/UFRGS)

angela.camana@hotmail.com

Adriano Premebida

Tecnologia, Meio Ambiente e Sociedade (TEMAS/UFRGS)

A VIII ReACT apela às faculdades sensoriais e cognitivas como alerta ao “choque-entremundos”. Na esteira deste apelo, o presente ST tem como locus de inscrição a expressão talvez mais espantosa deste choque: a “crise ambiental”, que impõe repensar o “ambiente” como categoria-chave para ler e enfrentar este cenário. Tecer alianças, espreitar ameaças, desenhar paisagens, misturar os corpos, (com)fabular narrativas. Os entrelaçares possíveis entre formas de conhecer e de experienciar fricções convidam a articular habilidades corpóreo-sensitivas e arranjos materiais-simbólicos concretos capazes de fazer eclodir novos modos de habitar os mundos (possíveis) e, simultaneamente, fazer hesitar os modos de devastação. São bem-vindos trabalhos que, sem cederem à urgência de salvação, se dediquem a eventos empíricos que problematizem problemas ambientais concretos: as transformações do clima, a perda da biodiversidade, as ameaças à soberania alimentar e os efeitos da matriz energética capitalista industrial (megaprojetos hídricos, nucleares, fósseis, de mineração). Serão acolhidos resultados de pesquisas, dilemas e desafios teórico-metodológicos que façam emergir/exigir outros modos de sentir e pensar. Dar-se-à prioridade a trabalhos sob os seguintes eixos analíticos: (i) conflitos ambientais; (ii) habilidades corpóreo-sensitivas; (iii) experiências coletivas de saber; (iv) ambiente matizado por raça, etnia e gênero; (v) tecnologias de - e fugas ao - controle da vida biológica.

Palavras-chave: crise ambiental, sentipensante, corpos

## **Sessão 1: Minérios hoje, solos amanhã: agenciamentos futuros**

Mineração e Justiça: ontologias da terra no contexto do conflito garimpeiro na Terra Indígena Yanomami

Luciana Landgraf Castelo Branco (Université de Paris)

Doutoranda no programa "Saberes, ciências, educação" - CEPED/IRD, Universidade de Paris

O preço do ouro atingiu uma alta histórica de dois mil dólares a onça em 2020, em meio à pandemia. Somada à retórica favorável à exploração econômica de recursos em Terras Indígenas do presidente Jair Bolsonaro, essa conjuntura renova o interesse das empresas em obter concessões e favorece a invasão garimpeira. Hoje, as concessões de mineração e o garimpo ilegal atingem, juntos, mais de 31% de todas as Terras Indígenas no Brasil (Quijano et al, 2020). A Terra Indígena Yanomami (TIY) é a mais afetada: em 2020, foi nela estimada a presença de 20 mil garimpeiros (Hutukara e Wanasseduume, 2021). Os principais impactos do garimpo incluem a contaminação das águas com mercúrio, a transmissão de doenças e, mais recentemente, um conflito armado.

Os conflitos na TIY engendraram uma significativa mobilização política e denúncias perante sistemas jurídicos nacionais e internacionais. As decisões judiciais exigem a desintrusão das terras, já que a exploração econômica de minérios em Terras Indígenas (TIs) não está regulamentada. Se as TIs são reconhecidas no plano abstrato do direito multiculturalista nacional e internacional, concreta e continuamente, uma política desenvolvimentista-extrativista se impõe sobre elas. Desde os anos 90, projetos de lei propõem regularizar essas práticas alterando direitos constitucionais de povos indígenas. A discussão sobre a legalização do garimpo em TIs é, afinal, uma disputa sobre o que é a terra e o que deve ser feito com ela. E a questão sobre como fazer justiça aos povos indígenas só pode ser problematizada em se problematizando o que é a terra. Este não é, porém, um problema exclusivo do contexto brasileiro. Desacordos sobre práticas políticas e comportamentos adequados em relação à terra podem ser compreendidos como conflitos ontológicos. Blaser entende ontologias como maneiras de performar, enactuar o mundo. Conflitos ontológicos são, portanto, conflitos entre realidades múltiplas, performadas de forma diferente (Blaser, 2013).

O que proponho para essa intervenção é, a partir de uma tentativa de contrastar o que é e como se performa a terra para os diferentes atores envolvidos no conflito, uma análise crítica da produção da justiça relacionada ao caso estudado. Esta reflexão fornecerá alguns instrumentos para repensar práticas administrativas e jurídicas relacionadas às terras indígenas, que, ao mesmo tempo em que reconhecem a incomensurabilidade entre tais mundos, esforcem-se no sentido de superar assimetrias.

Palavras-chave: Mineração, justiça, "terra"

A proposta da iniciativa Yasuni-ITT no Equador como possibilidade de um modelo futuro de desenvolvimento voltado ao respeito a “natureza” e a diversidade cultural

Janete Schubert (Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais)

Doutora em Sociologia

O presente trabalho visa discutir a importância do projeto ambiental, conhecido como Iniciativa Yasuni-Ishpingo-Tambococha-Tiputini (Iniciativa Yasuni-ITT), apresentado na Organização das Nações Unidas (ONU) pelo Equador, no ano de 2007. O projeto presumia não explorar um grande depósito de petróleo bruto, localizado em uma zona de alta concentração de biodiversidade e de povos indígenas de recente contato e isolados (não contatados) na Região Amazônica Equatoriana (RAE), em troca de uma compensação financeira da comunidade internacional. A inovadora proposta ambiental do Equador chamou a atenção mundial, representando uma proposta inédita e surpreendente, ao pretender reverter a extração e produção de matérias-primas, ou seja, de bens primários que sustentam uma economia extrativista. O projeto ambiental angariou simpatias, além de ser inovador no Equador, possuía uma transcendência simbólica, “ao representar uma alternativa entre o modelo atual de desenvolvimento, baseado na extração não sustentável de “recursos naturais” e um modelo futuro voltado ao respeito da natureza, a diversidade cultural e a satisfação das necessidades humanas” (Larrea 2007: 28, tradução nossa). A proposição da Iniciativa Yasuni-ITT foi possível no contexto de efervescência política de uma nova Constituição que preconiza os direitos da “natureza” e o Sumak Kawsay/Buen Vivir. No entanto, o “avatar” do desenvolvimento, percebido (quase que exclusivamente) como crescimento econômico mostra a força de sua crença. Os antecedentes históricos relativos à proposta da Iniciativa Yasuni-ITT, com a devastação ambiental e extermínio de povos inteiros, seriam motivos suficientes para que não se explorasse petróleo desta região. Impossível não se aterrorizar com as profundas transformações nos últimos 40 anos na RAE. Nos mapas recentes a região amazônica está quase que completamente dividida em blocos petrolíferos, inclusive os indígenas mais jovens já se localizam no território a partir do número dos blocos petrolíferos. As dinâmicas extrativistas alteram completamente os ecossistemas, causando destruição destes territórios e colocando em risco de desaparecimento povos inteiros. Parece-nos que frente à crise civilizatória (incluindo a ambiental) que vivemos, urge pensar estratégias, mediações, diagnósticos e opções coletivas, bem como, discutir e conhecer práticas sociais que historicamente foram invisibilizadas na América Latina.

Palavras-chave: extrativismo, povos indígenas, natureza, buen vivir

Aprendizagens da recomposição da microvida do corpo e do solo

Tatiana Plens Oliveira (Universidade Estadual de Campinas)

Doutoranda em Educação (Unicamp) e Mestra em Divulgação Científica e Cultural (Unicamp)

Esta pesquisa de doutorado reconhece que vivemos em tempos turbulentos, perturbadores, problematizantes (Haraway 2016) provocados por lógicas violentas de relação entre humanos e terra que nos envolvem na tarefa de inventar outros modos de viver-e-morrer e de aprender com/desta/nesta/para esta terra (Danowski 2019). Diante desse cenário e inserida no campo da educação, ela se constitui, então, como um processo de retomada das práticas do corpo e do solo, do cotidiano e do convívio, como meios de aprendizagem e produção de vitalidade e visa criar condições para a quebra do estado de dormência de outras sensibilidades e ativididades nos corpos humanos. Para tanto, esta investigação se nutre das diferentes práticas agrofloretais e contemplativas vivenciadas cotidianamente pela pesquisadora ao longo do doutorado – meditações, posturas de yoga, formas de taijiquan, posturas e daoyins de taijiwuxigong, plantios, podas, colheitas, capinas e produção de serrapilheira. Bem como se alimenta dos estudos do manejo do solo tropical da agrônoma Ana Primavesi que indicam que o aumento da vitalidade nos seres depende da produção de um meio capaz de gerar e sustentar sistemas dinâmicos e complexos de vida, e das escritas do poeta e etólogo Fernand Deligny, que animam a experienciar a educação como prática de reinvenção do meio. Esta pesquisa é atravessada ainda pelos ensinamentos indígenas e orientais que inspiram a pensar-experimentar um corpo atento ao ínfimo, ao escuro e ao silêncio. Essas práticas e estudos produzem esse percurso como um processo contínuo de desaprendizagem e desnaturalização dos modos de conhecimento e experiência, e de experimentação do corpo e do solo como matérias vivas, ativas e criativas que nos fazem apre(e)nder diferentes qualidades de presença e de atenção e nos tornam capazes de detectar e responder a dimensões mais sutis, complexas e dinâmicas de existência.

Palavras-chave: corpo, solo, aprendizagem, sensibilidade, atenção

## **Sessão 2: Cuidado e sensibilidades: agricultura, espiritualidade e educação**

Relação “Humano-Solo”: práticas inventivas em uma horta na zona rural

Daniela Dalbosco Dell'Aglio (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional - UFRGS

Paula Sandrine Machado (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutora em Antropologia Social - UFRGS

Este trabalho parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, sobre práticas e materialidades envolvidas no cuidado, que se propôs a etnografar o cotidiano de uma comuna,

auto-identificada como anarquista, localizada em um assentamento na zona rural do Rio Grande do Sul. Ao passar um período nessa comunidade, tratei de observar o modo como a categoria “cuidado compartilhado” era performado e atuado. No contexto em questão, entende-se por cuidado compartilhado não só aquele voltado diretamente às crianças, mas tudo que se atravessa para tornar o modo de vida coletiva possível, como a alimentação, a limpeza, a horta, tirar o leite da vaca, as reuniões políticas, a manutenção, entre outras tarefas identificadas. A partir do conhecimento sobre o funcionamento da horta - tendo em vista que o solo deste local é constituído de matéria argilosa e lençóis de água salobra, o que dificulta a prática do plantio – busca-se refletir sobre estratégias coletivas e inventivas utilizadas para torná-la possível. Para tanto, parte-se teoricamente dos feminismos neo-materialistas, conforme proposições inspiradas em Donna Haraway e Maria Puig de La Bellacasa, para analisar os modos como agentes humanos e não-humanos constroem, cotidianamente, em conjunto, a vida comunitária. Para contribuir a essa reflexão, parte-se também do campo da Teoria do Cuidado, especialmente do argumento de Joan Tronto, que nos ajuda a adensar a noção de interdependência. Tal conceito se torna fundamental no sentido de não hierarquizar atividades em uma comunidade e, ainda, para não tomarmos objetos e coisas como “pano de fundo”, mas enquanto agentes que fazem e produzem cuidado. A relação estabelecida pela comunidade com a horta aponta para os modos inventivos de gerir o cultivo e de criar um meio que fornecesse alimentos para seus moradores. Essa experiência nos fornece elementos para pensar na relação “humano-solo”, constituindo o solo não apenas um “recurso”, mas um organismo vivo que só pode existir com e através de uma comunidade multiespécies. A relação com o solo fala, ainda, de temporalidades que resistem à “rapidez” e à “eficiência”, remetendo a algumas inscrições sobre o que possa ser considerado “cuidado” e “compartilhamento de cuidado”. Tais arranjos se atravessam à ética e à política do cuidado, a partir das relações de agentes mais-que-humanos, além do afeto e da criatividade, para que possamos pensar o cuidado enquanto uma prática especulativa daquilo que é possível.

Palavras-chave: Cuidado, feminismos neo-materialistas, solo, humano-solo

Entrelaçando práticas de toque e cuidado: percepções corpóreo-vegetais em Agama-Fo, Maionga e Afeto de Gavinha.

Thiago de Araújo Costa (Instituto Federal Goiano)

Geógrafo e Artista, Doutor em Arquitetura e Urbanismo - USP

Ana Luiza Azevedo Dupas (Universidade Federal de São Paulo)

Eutonista e Mestranda - Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Ciências da Saúde / UNIFESP

Anani Sanouv

Coreógrafo e Educador

Vanessa Oliveira

Ekeledi e Cineasta

Colocando em diálogo três práticas corporais que foram vivenciadas no contexto do Grupo de Estudos de Toque - coletivo interdisciplinar interessado em diferentes acepções do sentido háptico – almejamos compreender como estas experiências de cuidado elaboradas no contexto artístico emergem do contato com seres vegetais, mobilizando percepções que transbordam o contorno do humano. Relacionando as proposições "Maionga" de Vanessa Oliveira, "Agama-Fo" de Ananis Sanouvi e "Afeto de Gavinha" de Thiago Costa, práticas corporais realizadas entre 2018-2019, compartilhamos uma perspectiva sobre plantas e suas potências de afetação do corpo. Maionga é a palavra usada na língua Kimbundu para denominar banhos, para limpeza e purificação, que são realizados em contextos rituais. Junto ao Grupo de Estudos, a artista propôs uma vivência que compreendeu a preparação das folhas para banhos e seus efeitos, passando pelo relato de sua experiência como Ekeledi no Candomblé. Agama-Fo é um método performativo elaborado por Anani Sanouvi que consiste em práticas desenvolvidas a partir de saberes ancestrais de origem africana que se entrecruzam com a dança. Trata-se de uma vivência que acontece por meio de banhos: procedimentos trazidos de rituais terapêuticos praticadas no contexto da etnia Éwé que habita a parte Sul do Togo. Tais banhos são “chuvas intencionais de toques”. Um dos objetivos deste método seria desconstruir tipologias de pensamento e educação coloniais e buscar novas descobertas sensoriais, para, assim, se perder e dançar. Já em Afeto de Gavinha, a intenção foi considerar as estruturas vegetais presentes em diversas plantas trepadeiras para estudar modos de se agarrar às coisas vivas. Esta prática gerou um corpo coletivo, um corpo-agarrado-a-outro-corpo-e-a-outras-coisas”. A ativação e ramificação do tônus para as extremidades do corpo, levando o cérebro para os dedos, pensando com as pontas das unhas e pêlos, foram alguns dos efeitos desta vivência. Esta ação também considerou referências teóricas que propõem uma virada vegetal da filosofia. Nossa intenção ao relacionar três proposições artísticas experimentais é mobilizar outras relações entre corpo humano e vida vegetal, compartilhando registros destas três experiências (relatos textuais, fotografias e vídeos) para elaborar modos performativos de tocar, perceber e consumir as plantas.

Palavras-chave: corporeidades, performatividades, cuidados, vidas vegetais

Escola, territórios e cidades: interlocuções na educação básica

Luis Carlos Sovat Martins (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Mestrando em Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento - UFRJ

Rafael Nogueira Costa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Meio Ambiente

A pesquisa considera os espaços fora da escola como locais para o fortalecimento da educação da atenção (Ingold 2010). Estamos em busca de práticas educativas capazes de promover a sintonia fina ou sensibilização dos sistemas perceptivos (Ingold 2010: 21). Como um rio que nasce nas cabeceiras, seguiremos seus fluxos para apresentar caminhos inovadores no ensino de ciências. Consideramos as aulas de campo como ponto de partida para uma educação em contato com a natureza, articulada com as pesquisas com educação pública, ensino de ciências, educação ambiental nas infâncias e formação nos contextos escolares. Propomos uma investigação utilizando metodologias abertas e experimentais, em busca de instrumentos de investigação, e sobretudo instrumentos de formação, como definiram Finger; Nóvoa (2010). Nossos objetivos são: compreender como aulas de campo contribuem para um/o ensino de ciências mais contextualizado com os territórios; identificar e mapear a diversidade de locais e as naturezas para práticas de interação com crianças; percorrer a Bacia Hidrográfica do Rio Macaé em busca de uma pedagogia da água. Partir dos territórios para efetivação de direitos e buscar neles suas possibilidades educativas, dialogando com as bioculturas em prol do desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens inseridos no sistema educacional, são as flechas que apontam o nosso arco. A apropriação dos espaços públicos e/ou privados disponíveis nas cidades, contribui para uma educação da atenção (Ingold 2010). Tiriba (2018) aponta que a saída é desemparedar as crianças, pois emparedar é uma forma de contenção nos espaços escolares cada vez mais concretados. Com menos tempo para as interações e brincadeiras, atividades eixo da educação com/nas infâncias, e poucas oportunidades para explorarem e aprenderem com o seu território. Acrescentamos uma agenda para o ensino de ciências e educação ambiental que estabeleça articulação entre o ato de desemparedar e o direito ao território. Para Tiriba (2018) a educação deve propor formas nas quais a existência humana sobre a Terra seja uma escolha que rompa com todo controle e dominação sobre a natureza, sobre as classes trabalhadoras, sobre os povos originários, sobre as mulheres e sobre as crianças. Tais formas, passam por educar em uma perspectiva que gere protagonismo para uma nova sociedade sustentável, sendo a escola, necessariamente, acolhida em seu território e na cidade aprendente/educadora.

Palavras-chave: educação ambiental, territórios, ensino de ciências, aulas de campo

Sementes do cuidado no Movimento Ciclovida

Telma Fernanda Avelino Lara Eugenio (Universidade do Estado de Minas Gerais)

Mestranda em Educação - UEMG

Karla Cunha Pádua (Universidade do Estado de Minas Gerais)

Doutora em Educação - UFMG

São muitas as crises que enfrentamos atualmente enquanto humanidade: uma pandemia, a crise ambiental, a crise climática, a crise social. Todas elas têm em comum a mesma lógica capitalista, antropocêntrica e objetivante de relação com o ambiente em que vivemos. Esta pesquisa parte da afirmação de que o capitalismo nos fez esquecer a arte de ter cuidado, priorizando sempre o desenvolvimento e o tal “progresso”. Como resgatar essa arte? Como educar para que ela seja cultivada? Para isso, escolhemos o movimento Ciclovida, que nasceu da inquietação de dois pequenos agricultores com a invasão do campo pelas sementes transgênicas distribuídas pelo governo brasileiro. Em resposta, eles realizam uma viagem de bicicleta pela América Latina para resgatar as sementes naturais. De volta ao semiárido do Ceará, Inácio e Ivânia plantam as sementes resgatadas e estabelecem, no assentamento onde moram, um território de resistência e educação, recebendo pessoas de vários lugares do mundo em encontros, vivências e oficinas. Esta investigação tem o objetivo de analisar, com base em uma metodologia qualitativa, as práticas desenvolvidas pelo movimento Ciclovida que contribuem para o cultivo do cuidado. Para este estudo, temos como ponto de partida a problematização das relações de poder e a lógica de funcionamento do agronegócio, incorporando a educação ambiental feminista, com seus enfoques intuitivo, afetivo, simbólico, espiritual e artístico. Como metodologia de pesquisa qualitativa, escolhemos três procedimentos: análise documental do material audiovisual (o documentário Ciclovida); observação participante da oficina on-line “Memória das Águas”, uma oficina de literatura de cordel oferecida pelo movimento Ciclovida; e entrevistas narrativas a serem realizadas por videoconferência com as lideranças do movimento. Diante das crises mencionadas, é importante pensarmos outras formas de se organizar em sociedade, identificando outros modos de vida que entendam o valor dos outros humanos e não-humanos, em que o capital não seja o elemento regente. Neste trabalho, apresentamos as análises parciais do Documentário Ciclovida e da Oficina “Memória das Águas”, destacando suas contribuições para o campo da educação.

Palavras-chave: cuidado, sementes, educação ambiental

### **Sessão 3: Relações humano e não-humano; Relações campo e cidade**

Deriva social: conservação e conversação entre rapinantes, grandes símios, caranguejos e humanos

Beto Vianna (Universidade Federal de Sergipe)

Doutor em Linguística - UFMG

Assim como é proposta (pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Jorge Mpodozis) uma deriva ontogênica na constituição das linhagens de seres vivos, a configuração dos sistemas sociais (intra ou interespecies) também segue o fluir conductual dos organismos envolvidos. Em sua “Ontología del conversar”, de 1988, Maturana chama a atenção para o entrelaçar entre as emoções e a linguagem no estabelecimento das redes de conversação do humano. Dito de outro modo, como o humano, ao coordenar consensualmente suas ações com outros organismos (humanos ou não), muda ou conserva suas disposições de ação (suas emoções) de modo coerente com essa história de interações, e configura tais regularidades interacionais como objetos, que passam assim a ser parte da experiência do observador, no fenômeno que usualmente conotamos como linguagem. Seguindo esse entendimento das dinâmicas relacionais estabelecidas entre sistemas vivos, proponho visitar três situações – as relações entre rapinantes e falcoeiros, entre grandes símios e cientistas experimentais, e entre caranguejos e catadoras – que apontam para consequências distintas segundo o modo que escolhemos conceber os (e, portanto, operar nos) espaços relacionais inter e multi espécies.

Palavras-chave: deriva social; conversação, rapinantes, grandes símios, caranguejos

Antropozoogênese no cone sul: um processo de Domesticação Cosmopolita

Arthur Arruda Leal Ferreira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Pós-doutorado em Estudos CTS e Produção de Subjetividades

Em muitos países como o Brasil, pelo menos em grandes centros urbanos, os cães vira-latas estão se tornando cada vez mais uma espécie em franca desapareição: os cães só podem habitar o espaço urbano sob a propriedade de algum proprietário ou responsável e aqueles que estão fora desse registro, são confiscados pelo Estado, como se a existência de cães fosse possível apenas como propriedade de um ser humano e vinculada à posse responsável. Restam algumas matilhas em periferias, universidades e comunidades. E os cães que acompanham populações de rua em grandes cidades, o que confirma de alguma forma a perspectiva de seu estatuto como propriedade. No entanto, no Chile (e em algumas cidades do oeste da Argentina), há uma singularidade que já foi descrita por viajantes como David Byrne: a existência de cães nas cidades não está referida apenas a proprietários particulares, mas também é perceptível como

parte integrante das cidades. Nesses casos, se eles não são animais domésticos, qual é o status deles como espécie (doméstica, selvagem ou praga)? Qual é a sua situação em relação a esse espaço supostamente próprio da ecologia humana, isto é, cidades? Que formas singulares esses animais apresentam diante outros canídeos (selvagens e domésticos)? O objetivo deste trabalho é examinar as formas de associação entre cães, humanos e cidades em instancias específicas, como manifestações, praças, ônibus e salas de aula e, a partir dessas descrições, refletir sobre a forma de composição recíproca gerada por práticas de domesticação diversas e singulares, gerando novas formas de vida em comum interespecies. Começarei discutindo aspectos específicos do que proponho chamar de metodologia kiltra (nome dos cães de rua no Chile) numa linha de investigação que desenvolvo a partir da encruzilhada entre a etnografia e etogramas etológicos. Uma atenção especial será dada às configurações presentes nas manifestações ocorridas no Chile desde outubro de 2019. Em sequência, descrevo alguns conceitos derivados dos registros de campo para concluir em forma de quase manifesto.

Palavras-chave: antropozoogênese, socialismo interespecies, políticas coletivas

O consumo da carne de animais silvestres no contexto urbano

Juliana de Nazare Gomes Sarmiento (Universidade Federal do Amazonas)

Mestranda em Antropologia Social - PPGAS/UFAM

O consumo da carne de animais silvestres tem sido alvo de debate no campo das ciências sociais e outras áreas do conhecimento, mas foi após a pandemia causada pela COVID-19 que tal temática ganhou força nas discussões. A qualidade e segurança de alimentos, os conflitos ambientais e, também, o caráter cultural desses hábitos são pontos importantes para compreensão das técnicas que permeiam essa prática. Tendo em vista as dinâmicas sociais e diversidade de saberes presentes nas paisagens urbanas brasileiras, nesta exposição, a proposta é dialogar com os aspectos e problemáticas que envolvem as escolhas por proteínas oriundas da fauna silvestre para fins alimentares em contexto das grandes cidades, mais especificamente, em Manaus-Amazonas.

Palavras-chave: alimentos, cidades, fauna selvagem

#### **Sessão 4: Aprendizados e afetos: a plataforma, o tabuleiro e a rua**

Racismo e vulnerabilidade socioambiental: a Batalha do Crematório como estratégia de resistência e denúncia à ameaça policial e à segregação urbana em Belém/Pará.

Uriel Melquisedeq Lopes Coelho (Universidade Federal do Pará)

Mestrando em Antropologia - PPGA/UFPA

A violência policial nas periferias de Belém é um problema social intimamente ligado às dinâmicas raciais e sócio históricas envolvidas no processo de construção do ambiente urbano. O cotidiano periférico belenense é marcado, deste modo, pelo constante sentimento de medo e incertezas causados pela profunda relação entre vulnerabilidade socioambiental e as sucessivas ameaças realizadas seja pela polícia formalmente constituída, seja pelas milícias que atuam de forma clandestina. Neste sentido, este trabalho busca dar destaque à “Batalha do Crematório” como uma estratégia de articulação cultural e política da juventude negra e periférica de Belém que, através de batalhas de improviso e do hip hop, busca denunciar o racismo, a desigualdade socioambiental e a truculência policial que põem em risco a da população negra nestas regiões. Para tanto, faz-se uso do conceito de práxis de Pierre Bourdieu e são traçados vínculos entre o repertório linguístico dos participantes deste evento e o contexto socioambiental em que se destacam estas ameaças e denúncias. A avaliação destas estratégias é importante pois evidenciam, ao mesmo tempo, a materialidade das relações que conformam a desigualdade socioambiental no contexto periférico amazônico; a atuação da polícia como instituição responsável em parte pela manutenção deste modelo e as possibilidades de utilização da linguagem como uma habilidade corpóreo-sensitiva capaz de se constituir como uma tecnologia culturalmente acessível e eficiente no sentido de viabilizar a articulação política dos grupos socialmente marginalizados.

Palavras-chave: vulnerabilidade socioambiental, racismo, violência policial, estratégias de resistência

Arte, corpo e co-criação em tempos de catástrofe

Flavia Liberman (Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista)

Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP

Marina Guzzo

Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP

Conrado Augusto Gandara Federici

Doutora em Educação pela UNICAMP

Este trabalho se debruça sobre uma experiência promovida pelo Laboratório Corpo e Arte da UNIFESP- Baixada Santista. A partir do contexto imposto pela pandemia e imersos em uma situação de catástrofe, pois o que vírus nos revela é o desastre de uma crise profunda em todo um sistema social, político, econômico, ambiental e ético, um trio de docentes-artistas-pesquisadores criou a proposta intitulada "Metodologias da Presença" que se forjou por meio da plataforma no Google Meet. Esta proposta contou com cerca de 20 participantes e teve como objetivo produzir material artístico, a partir de 3 tarefas, que emergiram do desejo de resistência às moldagens que produzem cada vez mais estados de ausência e despotencialização dos corpos e vidas, revelada e agravada pela pandemia. Tomamos a CRIANÇA, as PLANTAS e o ANIMAL como campos inspiradores para as produções. Assim, foram produzidas composições que envolveram paisagens, objetos, danças, performances, desenhos, que resultaram em criações com diferentes linguagens artísticas. Este material, predominantemente registrado em formato de vídeo, foi postado na plataforma coletiva para apreciação e mútua afetação durante o mês de trabalho. Dentre as questões que temos nos debruçado, interessa-nos pensar e inventar dispositivos de “fuga” que envolvam os corpos e as artes, destacando a indissociabilidade entre arte e vida, a importância de processos de criação individuais e coletivos, que façam emergir outros modos de estar juntos/juntas criando ambientes de confiança, partilha para produção de conhecimento corporificado, crítico e sensível. Outro movimento foi a construção de grupalidade, denominada por nós como “presença comum”, possível mesmo no ambiente virtual em tempos tão complexos. Como efeito da proposta, observamos ainda a potência de experiências que envolvem os corpos, as artes e suas interfaces promovendo outros regimes de expressividade, afetividade e outros modos de sentir, pensar e agir com aquilo que nos acontece em suas dimensões macro e micropolíticas. Assim, testemunhamos nesses encontros, processos de criação coletivos que funcionam como modos de sustentar, elaborar e perseverar nos processos formativos e artísticos, particularmente no Brasil, onde vivemos uma crise sanitária associada a uma crise política, econômica, social, ambiental e existencial. Resistir, criando com "alianças afetivas", como sugere Krenak, para seguir imaginando outros mundos possíveis diante de um tempo de catástrofes.

Palavras-chave: corpo, arte, criação, ambiente virtual, pandemia

A arte do enxadrismo: considerações sobre habilidade, aprendizagem, epistemologia e antropogênese a partir do xadrez.

Gustavo Guedes Brigante (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Mestre em Ciências Sociais com concentração em Antropologia - PUC-SP

A comunicação concerne às práticas e dinâmicas relacionadas ao xadrez moderno, no que se refere à educação da atenção de seus praticantes e ao desenvolvimento de habilidades ao longo de suas vivências com o jogo. Nesta linha, visa-se alçar reflexões sobre as condições e potenciais da vida humana (antropogênese) implicados no transcorrer das aprendizagens de seus jogadores e suas performances. Nos múltiplos desdobramentos desta questão são esperadas, inevitavelmente, discussões e revisões críticas de pressupostos, explicações e conceitos oriundos de paradigmas ainda bem expressivos em ramificações da antropologia, que lidam com assuntos relacionados à percepção, habilidade e aprendizagem. Como o organismo, em sua contínua e polirrítmica atividade, é engajado na prática? Quais os papéis exercidos pelos materiais e estéticas do tabuleiro e suas peças na prática dos jogadores? O que caracteriza a prática habilidosa neste âmbito e diferencia “experts” de “novatos”? Que confluências e dissonâncias existem entre o jogo performado por humanos e máquinas (via Inteligência Artificial)? Como o estudo da prática no xadrez (e esportes afins) podem contribuir para o aprimoramento teórico e melhor compreensão de temas como percepção, corpo, movimento, conhecimento, habilidade e aprendizagem nas ciências sociais? Para realizar aproximações profícuas em direção às perguntas basilares mencionadas, a comunicação se valerá de injunções emergidas de revisões bibliográficas transdisciplinares, elencando importantes contribuições da antropologia (tais quais Anna Tsing e Tim Ingold), psicologia (tais quais James Gibson e Fernand Gobet), filosofia (tais quais Gilles Deleuze e Henri Bergson), biologia (tais quais Francisco Varela e Robert Sapolsky) e neurociências (tais quais Robert Jourdain e António Damásio), que correspondem em diversas medidas a temas como habilidade, percepção, aprendizagem, organismo e enxadrismo.

Palavras-chave: habilidade, antropogênese, aprendizagem, organismo, xadrez

## **ST22 Tecnociência e sistemas agroalimentares**

Marília Luz David

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

marilia.david@ufrgs.br

Julia S. Guivant

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Este simpósio temático busca reunir estudos sobre sistemas agroalimentares no contexto do Capitalismo global e do Antropoceno. Os Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias (ESCT) abordam uma diversidade de fenômenos dos sistemas agroalimentares, por exemplo, como circuitos globais de produção intentam reduzir a complexidade ambiental e colaboram para o surgimento de novos riscos e patógenos; como inovações transformam o provisionamento (e.g. tecnologias que aproximam produtores e consumidores; maior transparência às cadeias produtivas, com a rastreabilidade) e o consumo alimentar (e.g. “carne de laboratório”); como se dá a institucionalização de normas que regem mercados de diferentes setores e seus efeitos na ordem social; e o papel das novas tecnologias (e.g. mídias sociais) em agenciar processos de subjetivação e socialidades relacionados à alimentação. Isto tem permitido entender mais rigorosamente fenômenos contemporâneos tais como as dinâmicas que caracterizam os circuitos globais de produção, distribuição e certificação de alimentos; as disputas e controvérsias científicas associadas a inovações, questões ambientais e saúde pública; relações de confiança entre experts e públicos não especialistas; a emergência de novos modos de ativismo alimentar; assim como transformações em hábitos de consumo e construção do self. O foco deste ST se estende tanto a estudos empíricos quanto a contribuições que discutam perspectivas teóricas sobre estes assuntos.

Palavras-chave: sistemas agroalimentares, tecnociência, alimentação, controvérsia científica, inovações

### **Sessão 1**

“La mise en science du terroir”: implicações entre o conhecimento científico e o fomento das denominações de origem na produção de queijos AOC

Mayra Lafoz Bertussi (Doutora associada ao Centre Européen de Sociologie et Science Politique - CESSP, França)

Doutora em Ethnologie et Anthropologie Sociale pela École des Hautes Études en Sciences Sociales em cotutela com o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas

Como uma estratégia de patrimonialização da produção alimentar, as denominações de origem são uma estrutura de classificação que incide sobre a definição de quais artigos podem ou não fazer parte de um conjunto restrito e mais valorizado de mercadorias. Quando comparados às commodities, os produtos agroalimentares de origem protegida se diferenciam por uma imagem de tipicidade e autenticidade. O presente artigo tem como enfoque o selo de denominação de origem de maior reconhecimento na França, as appellations d’origine contrôlée. Baseada na noção de terroir, essa estrutura de certificação engaja argumentos geográficos, históricos e sociais para sustentar a singularidade do produto protegido. Ideias como tradição, savoir-faire, tipicidade se associam a fim de criar a singularidade do produto alimentar protegido. Interessado nos mecanismos de institucionalização da qualidade alimentar, o artigo investe na compreensão das transformações ocorridas no processo de internacionalização das denominações de origem para os queijos franceses. A inserção desse modelo para além do território francês, com o reconhecimento das appellations d’origine contrôlée junto à União Europeia e à Organização Mundial do Comércio, desencadeou uma série de controvérsias quanto à qualidade alimentar. Na Europa, concomitante à regulamentação dessa certificação para o conjunto de países membros, houve um incentivo para a solidificação da justificativa legal do estatuto privilegiado que as denominações de origem gozavam face às transações comerciais. Nesse contexto, foi estimulado um processo de legitimação dos selos via intensificação de critérios produtivos. A delimitação de raças bovinas tidas como tradicionais, a valorização do capim e do feno como ração de base e a interdição ou diminuição da alimentação fermentada para as vacas, o uso preferencial do leite cru como argumento de preservação da diversidade sensorial, gustativa e cognitiva do terroir, a extensão do tempo de maturação dos queijos são exemplos de critérios incentivados a partir do período de extensão das appellations d’origine contrôlée para Europa. Com uma abordagem etnográfica e uma pesquisa de campo concentrada na região Auvergne, o artigo pretende compreender o papel da expertise científica dentro da justificação de processos considerados tradicionais de produção alimentar.

Palavras-chave: terroir, appellations d’origine contrôlée, expertise científica

Considere a abelha: emaranhados mais-que-humanos na produção de alimentos

Isabella Machado Altoé (Queen's University)

Doutoranda em Estudos Culturais - Queen’s University

Gabriel Menotti (Queen’s University)

Professor Associado do Departamento de Film and Media - Queen’s University

A produção industrial de alimentos é um dos projetos humanos que mais contribuem para a crise ecológica que vivemos. O regime de monoculturas produzido pelo agronegócio não apenas acarreta poluição generalizada, o desmatamento e o aumento da insegurança alimentar,

como também coloca em risco a biodiversidade do planeta, seja pela destruição de habitats ou das próprias espécies. As abelhas, responsáveis por realizar 90% da polinização no mundo, são vítimas colaterais da aplicação de agrotóxico, que visa a eliminar “pragas” e aumentar o controle sobre a lavoura (Shiva 2018). Trata-se da perfeita ilustração de um paradoxo central ao sistema alimentar industrial: o modo como o agronegócio opera no presente, numa busca desenfreada por produtividade, inviabiliza a produção de comida do futuro (Gliessman 2015). Muito antes que a ideia de um Antropoceno fosse concretizada, Albert Einstein já havia alertado para os riscos que o fim da polinização traria para o mundo. A extinção das abelhas configura mais um prenúncio do fim da humanidade em curso. O modo como a indústria agroalimentar busca resolver essa crise se vale da mesma lógica que a gerou: por meio da tecnologia como solução bruta de problemas inerentes ao neoliberalismo. O projeto de abelhas robóticas que salvarão a humanidade já figura obras de ficção, como o seriado *Black Mirror*, e se estende para realidade com cientistas que estão mais preocupados em criar tecnologias para a substituição de abelhas do que fomentar práticas que permitam criar o que Kirskey (2015) chama de oportunidades emergentes para espécies polinizadoras. Nesse artigo, abordamos a abelha como uma entidade que nos convida a pensar a produção de alimentos como uma prática multiespécies, que depende de emaranhados entre trabalho humano, tecnologias e seres mais-que-humanos. A partir de um exame teórico baseado nos trabalhos de Tsing (2015), Haraway (2008; 2016) e Parikka (2010), buscaremos delinear as relações que emergem na produção alimentar, propondo uma crítica ao solucionismo tecnológico neoliberal e explorando como um pensamento ecológico é capaz de juntar os fragmentos de uma realidade que beira a ficção científica.

Palavras-chave: abelhas, agricultura industrial, Antropoceno, tecnologia, ecologia

Para além das evidências: antropologia e questões de certificação

Felipe Puga (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp)

Mestrando em Antropologia Social - PPGAS/Unicamp

Esta apresentação procura colocar os problemas derivados do meu campo etnográfico em diálogo com a discussão antropológica a respeito de métodos e produção de conhecimento. De um lado, agricultores orgânicos de uma organização participativa de certificação procuram ajustar métodos, formulários e procedimentos internos para melhorar a avaliação da conformidade orgânica entre os pares, sem pressupor uma hierarquia de autoridades e expertises. Constantemente, estes esforços colaborativos e voluntários são tensionados pendularmente, seja assegurando a melhoria de avaliações internas a partir da troca de experiências e confiança entre pares, seja orientando-se por normativas institucionais e auditorias de fiscais agropecuários. Do outro lado, antropólogos dedicam-se há décadas para o entendimento da relação com o “Outro” por meio de experiências concretas, alçados pelos tradicionais métodos da observação participante e entrevistas em profundidade com interlocutores. Porém, estas tradicionais

metodologias são alvo de desconfiança por determinadas agências financiadoras e gestores acadêmicos, pois não apresentam protocolos específicos de pesquisa, nem permitem acesso direto aos dados etnográficos. Diante de possíveis casos de fraude e de má conduta, estas questões a respeito de integridade em pesquisa e políticas de dados abertos têm ganhado fôlego num momento de obsessão por transparência. Ao pôr em relação estes dois problemas distintos, procuro me perguntar que tipos de conexões podem ser feitas entre a melhoria de procedimentos participativos de certificação de alimentos orgânicos e as discussões internas da produção de conhecimento antropológico. Ambas as situações lidam com questões de método, produção de “evidências” e garantia de “transparência” a partir da experiência em primeira mão com pessoas e objetos. Embora pressuponham “normas” ou “regras” compartilhadas pelos pares em termos de métodos e procedimentos, minha aposta é que nos dois casos há uma abertura para a realização de experimentos irreduzíveis, cujo valor é mensurado somente pela relação dos envolvidos. Em outras palavras, o que está em jogo é como garantir a confiança das relações a agentes externos.

Palavras-chave: certificação, transparência, confiança, evidência

Ativismo digital afro vegano: uma análise das paisagens participativas de alimentos nas mídias sociais

Arthur Saldanha dos Santos (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestre em Sociedade, Ambiente e Território - UFMG; Doutorando em Sociologia - UFRGS.

A internet remodelou não apenas as formas de sociabilidade, mas também os ativismos políticos dos sujeitos, modificando o alcance desses ativismos, diversificando os modos de articulação social e ampliando o entendimento da sua organização (Rainie; Wellmann 2012; Santos 2020; 2021). Com o advento, ampliação e consolidação das mídias sociais, tornou-se inevitável analisar os processos de contestação, articulação social e transformações dos ativismos nestes espaços (Tarrow 2005; Earl et al. 2010; Bennett; Segerberg 2012; Ruskowski 2018). Mídias sociais como Instagram se tornaram arenas públicas complexas, onde os movimentos sociais apresentam suas reivindicações e manejam estratégias para promover a articulação e o engajamento de novos membros (Boyd 2010). No repertório de ação desses movimentos sociais estão não apenas a contestação pública, mas trocas de experiências que contribuem para o delineamento identitário dos indivíduos. No caso de movimentos alimentares como o veganismo, isso inclui frequentemente a criação do que Mann (2020) chama de “paisagens participativas de alimentos”, nas quais exemplos de reconfiguração de práticas alimentares como cozinhar e comer se tornam o centro do discurso político e, portanto, ativismo digital. É sobre os ativismos veganos em plataformas de mídias sociais que este estudo dedica maior atenção. De modo particular, objetivou-se compreender como os afro veganos, por meio do ativismo digital, problematizam politicamente as práticas alimentares como cozinhar e comer no Instagram. Assim, a pesquisa optou pela articulação das ferramentas analíticas do

procedimento teórico-metodológico da Sociologia Digital, acionando os recursos da Etnografia Digital como alternativa na apreensão dos comportamentos dos sujeitos, símbolos e significados de suas ações sociais na internet. E assim, recorreu-se à Análise de Conteúdo para a investigação dos dados digitais, a partir da coleta de dados de 23 perfis de ativistas do movimento em questão, entre agosto de 2020 e agosto de 2021. Assim, o presente estudo indica a existência da interseção da alimentação com questões de racismo, pobreza, problemas de saúde envolvendo pessoas negras e a diferença nas relações de gênero dentro e fora do modo de vida vegano. Essas percepções apontam para a existência e persistência de um sistema de desigualdades nas práticas alimentares e/ou consumo geral nos veganismos e fora deles.

Palavras-chave: ativismos digitais, afro veganismo, culturas alimentares digitais, movimentos culturais, veganismos

Para além do mito da reparação sociotécnica: Políticas ambientais e (re)configuração das geografias multinaturais na produção de gado bovino na Costa Rica

Luis Miguel Barboza Arias (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestre em Comércio Internacional, Universidade Nacional de Costa Rica

Chamamos de mito da reparação sociotécnica ao conjunto de narrativas, práticas e crenças que defendem a ideia de que a emergência de regimes tecnocientíficos, e sua incorporação ao desenho das políticas públicas voltadas para o desenvolvimento e a sustentabilidade, é uma condição suficiente para assegurar a restauração das paisagens multiespécies no contexto das mudanças climáticas antropogênicas. O mito é sustentado pela formatação de arranjos institucionais e a criação de dispositivos de intervenção estatal que visam alterar as diferentes formas de organização socioterritorial e a coexistência com a natureza a partir do estabelecimento de trajetórias de modernização ecológica. Em período recente, a atividade pecuária de gado bovino na Costa Rica tem sido o foco principal de várias iniciativas público-privadas que objetivam a redução da emissão de gases de efeito estufa. Para tanto, no ano 2015 o país começou a implementação do instrumento conhecido como Ações de Mitigação Nacionalmente Apropriadas para o setor de gado bovino (NAMA, na sigla em inglês), com o propósito de fornecer aos produtores um conjunto de tecnologias sustentáveis para garantir a adoção de soluções de adaptação e mitigação nas unidades produtivas. Embora essa estratégia incorpora um componente de criação de capacidades locais e diálogo com os contextos e atores territoriais, a NAMA acabou por se converter num instrumento de política tecnocrático, e marcado pelo especial interesse na invenção de metodologias e métricas para a quantificação da redução dos GEE. Entretanto, alguns dos produtores que participaram das primeiras etapas da NAMA conseguiram sair da retórica da eco-eficiência e foram partícipes da geração de novidades que trazem novos significados para a compreensão da questão ambiental. Em tais casos, o principal argumento mobilizado é a preocupação pela transformação dos habitats de vida silvestre em função do desmatamento de grandes extensões de terra para criar gado.

Atividades como a plantação de árvores, assim como a reflorestação dos espaços naturais que estão sendo ameaçados pela savanização, trazem consigo uma nova consciência sobre as ontologias do cuidado e a proteção da biodiversidade. Este artigo trata-se do relato dessas experiências e busca refletir acerca da tradução dos repertórios discursivos da NAMA em ações locais que ressignificam a riqueza do cotidiano e do lugar. O trabalho tem uma estrutura ensaística e faz parte de um estudo exploratório em andamento.

Palavras-chave: geografias mais que humanas, ontologias do cuidado, estudos multiespécies, abordagens relacionais, ecologia da paisagem

## Sessão 2

Soberania, segurança alimentar e alimentação escolar no Amazonas

Edson Tosta Matarezo Filho (Universidade do Estado do Amazonas - PPGICH/UEA)

Doutor em Antropologia (USP)

Pesquisas recentes (Rede Penssan, OXFAM) apontam que, além de uma crise pandêmica causada pelo novo Corona vírus, o Brasil passa por um aumento crescente dos casos de insegurança alimentar. Na região Norte os dados são alarmantes, 18,1% dos domicílios desta região encontram-se em situação de Insegurança Alimentar Grave, bem acima da média nacional (9%), já bastante alta (Vigisan 2021: 38). Tal situação nos impõem uma reflexão sobre a produção, circulação e acesso à alimentos saudáveis. Apesar da legislação prever uma adequação da alimentação escolar aos hábitos alimentares das populações atendidas, as denúncias de fornecimento de alimentação inadequada para as escolas da região Norte são muitas. Este cenário começa a mudar em 2009, quando é sancionada uma legislação mais efetiva para a promoção de uma merenda escolar condizente com os hábitos alimentares regionais. Trata-se da Lei n. 11.947 que, em seu Artigo 14, estabelece que ao menos 30% da alimentação escolar deve obrigatoriamente provir de “assentamentos da reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e comunidades quilombolas”. A comunicação proposta neste resumo pretende apresentar alguns casos bem-sucedidos de fornecimento de alimentação escolar por associações de agricultores familiares do Estado do Amazonas, especialmente os produtores indígenas. Tais iniciativas demonstram que as compras públicas de alimentos da agricultura familiar para as escolas públicas tem impactos positivos importantes, como: proporcionar uma alimentação saudável para os escolares; gerar renda para as famílias agricultoras; estimular a agrobiodiversidade presente nas roças e florestas cultivadas pelas comunidades; valorizar os sistemas agroalimentares tradicionais; promover circuitos curtos de comercialização de produtos agrícolas; diminuir o consumo escolar de alimentos ultraprocessados; entre outras vantagens. Além desse quadro geral, dois casos exemplares serão apresentados: a Associação de Mulheres Ticuna (Mapana - AM) e a Comissão de Alimentos Tradicionais dos Povos no Amazonas (Catrapoa – AM).

Palavras-chave: soberania e segurança alimentar, alimentação escolar, associativismo comunitário, Amazonas

O guia alimentar para população brasileira: uma análise de riscos à luz da teoria social

Claudia Ambrosi (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestre em Nutrição e Doutoranda Interdisciplinar em Ciências Humanas

Márcia Grisotti (Universidade Federal de Santa Catarina)

Doutora em Sociologia Política - UFSC

O Guia Alimentar para População Brasileira (GAPB) é um documento oficial que aborda princípios e recomendações de uma alimentação adequada e saudável para os brasileiros, configurando-se como instrumento de apoio às ações de educação alimentar e nutricional no sistema de saúde e outros setores, públicos e privados. É uma cartilha considerada importante mediadora de escolhas e facilitadora na tomada de decisão, para construção identitária do povo, especialmente num país com tanta diversidade. Uma das principais estratégias para implementação da diretriz da Política Nacional Alimentação e Nutrição (PNAN), concebe os múltiplos determinantes das práticas alimentares, a complexidade e os desafios que envolvem a conformação dos sistemas alimentares atuais. Este ensaio teórico versa sobre conceitos de autores dedicados ao estudo da sociologia, escolhidos para análise e problematização das políticas públicas e normativas institucionais no Brasil. Objetivo: Analisar e discutir a formulação do guia à luz de conceitos da teoria social, em especial a reflexividade, construção da identidade, teorias da modernidade e dos riscos. Resultados: Após levantamento e análise das informações contidas no guia, constataram-se vantagens: Foi considerada a diversidade alimentar cultural e biológica das regionais brasileiras, tradicionais e consolidadas. Teve base de referência nos alimentos e não nos nutrientes, facilitando a compreensão das recomendações pelo público. Preocupou-se em evitar inadequações alimentares no cotidiano contemporâneo, considerando a aquisição de alimentos adequados e acessíveis. No entanto, foram visualizados dois graves riscos, sem abordagem: 1) há uma discussão sobre processados e ultraprocessados que não é abarcada; 2) total omissão de alerta referente aos organismos geneticamente modificados (OGMs) conhecidos como transgênicos. Além, evidenciou-se que maioria dos peritos, especialmente nas etapas finais, são técnicos nutricionistas, o que não caracteriza equipe multi/interdisciplinar, conforme proposto inicialmente pelo Ministério da Saúde. Conclusões: Embora essa ferramenta oficial tenha sido construída de forma inovadora ao valorizar a comensalidade e o modo como se come, estimulando tempo, atenção e companhia à mesa. Contudo, a comunicação do guia deixou a desejar, ampliando assim a distância entre a percepção de leigos e peritos. É necessário seja feita uma revisão para incrementar alguns aspectos, especialmente em relação aos riscos aqui apontados.

Palavras-chave: riscos alimentares, modernidade, guia alimentar população brasileira, sociologias da alimentação, escolhas alimentares

Saber de Peixe – Escolhendo peixe entre tradição, familiaridade e confiança nas instituições

Clara Tassinari Alves (Universidade Federal de Santa Catarina - IRIS)

Mestranda em Desenvolvimento Internacional - Wageningen University

Como se interligam as legislações sanitárias, os controles sobre a pesca, conhecimentos locais e redes de relação e tradição nos mercados públicos de peixe? Esse trabalho visa uma comparação entre a região do Algarve, em Portugal, e Florianópolis, no Brasil, encontrando nos conceitos de confiança e familiaridade uma chave para entender como os consumidores escolhem seus pescados. O crescimento do consumo e a problemática acarretada, assim como a preocupação com a sustentabilidade, reverberaram em uma acentuação de legislações no setor. Para salvaguardar os peixes, os períodos de pesca são controlados, o tamanho mínimo em que o peixe pode ser vendido é estabelecido, e os métodos aceitáveis de pesca são definidos. É nos mercados que os efeitos dessas legislações aparecem ao consumidor. Eles são palco histórico do processo da institucionalização do setor. O crescimento dos centros urbanos leva a necessidade de controle sanitário dos alimentos vendidos pelo Estado, que constrói os mercados. Esses viram símbolo de modernidade. Hoje, os supermercados assumem este espaço; mas nos mercados públicos o consumidor local ainda pode usar seus conhecimentos sensoriais e tradicionais para escolher o peixe. Entre essas legislações sanitárias e controle das pescas, consumidores e vendedores negociam com o Estado. O controle sanitário governamental dá aos consumidores confiança na higiene dos produtos, sistema no qual eles não se veem como peritos. Por outro lado, usam de conhecimentos tradicionais para verificar e interagir com vendedores na escolha do melhor peixe, esse sim, um sistema que conhecem amplamente. Uma familiaridade se estabelece, e canais de informação oficial por ONGS ou governo não substituem as conversas amigáveis sobre tempo, maré e praia. Essas interações corpóreo-sensoriais (toques, cheiros), assim como a exposição dos peixes, possibilitam que usem seu próprio conhecimento para reconhecer um ‘bom peixe’. Os mercados municipais de pescados, assim, conseguem manter sua competitividade com os grandes supermercados pela maneira positiva que encaixam a confiança dos consumidores, as práticas de venda e as regulações institucionais e governamentais.

Palavras-chave: pesca, confiança, sustentabilidade, mercado público, conhecimento local

Práticas Alimentares Alternativas: Assinatura de cestas orgânicas na região de Florianópolis durante a Pandemia de Covid – 19

Matheus Britto Froner (Universidade Federal de Santa Catarina)

Bacharel em Ciências Sociais - UFSC

Para abordar as motivações e experiências dos produtores participantes no modelo de venda de

cestas orgânicas no Município de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, durante a pandemia da Covid-19 foram efetuadas entrevistas com oito destes produtores através de meios digitais. Esses dados qualitativos foram explorados utilizando a Análise de Discurso. O referencial teórico para discutir o material foi o da Teoria das Práticas, para que fosse possível tratar das diversas ações e compreensões de mundo presentes no funcionamento dessas redes e o da Perspectiva Multi-Level, que permitiu observar a relação dessas Redes Alimentares Alternativas enquanto nichos perante um momento de mudança de paisagem devido à pandemia da Covid-19. Entre as constatações ressaltamos a preocupação dos produtores com questões de saúde e ambientais, sendo esses os motivadores para a produção orgânica. Já para a escolha de venda através de cestas foi notado um interesse em criar relações diretas com seus consumidores e de valorizar mais a mão de obra necessária para a produção de alimentos, de forma a assegurar uma maior segurança financeira. A pandemia da Covid-19 surgiu enquanto um fator relevante, sendo a venda de cestas um modelo alternativo possível para que os produtores pudessem vender seus produtos de forma a respeitar o distanciamento social. A pandemia também afetou os consumidores, fazendo com que estes buscassem uma alimentação mais saudável, como uma reação à crescente preocupação com sua saúde, o que somado ao interesse em evitar a ida aos supermercados acabou acarretando um aumento na demanda por cestas nos primeiros momentos de pandemia. Observou-se que as ramificações econômicas da pandemia, somadas com uma adaptação por parte da população a esse risco e à diminuição das medidas sanitárias no Estado, fizeram com que posteriormente houvesse uma redução no número de consumidores, aspecto que afetou diretamente a situação financeira dos produtores.

Palavras-chave: cestas orgânicas, redes alimentares alternativas, práticas sociais, perspectiva multi-level

## **ST23 Infraestruturas e ecologias em crise: reflexões do tempo presente e de alianças futuras**

Jean Carlos Hochsprung Miguel  
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)  
jean.dpct@gmail.com

Lorena Fleury  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Renzo Romano Taddei  
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)  
renzo.taddei@unifesp.br

O objetivo desse ST é propor um espaço de reflexão e debate acerca da ecologia das infraestruturas, dos emaranhados humanos e não-humanos que relacionam tecnociência, sociedade e natureza no Antropoceno. O termo “crise ambiental” refere-se, dentre outras dimensões, a uma crise das infraestruturas que ocorre em escalas nunca presenciadas devido ao alto grau de interdependência desses sistemas com múltiplas ecologias. O antropoceno torna as infraestruturas um lócus de análise central para pensar as crises dentro das crises e os conflitos contemporâneos. As infraestruturas podem ser pensadas como “experimentações ontológicas” (Jensen; Morita 2015), isto é, locais onde vários agentes se encontram, se envolvem, entram em conflito e produzem novos mundos, nos indicando, portanto, um caminho possível para rastrear transformações, delinear os contornos das ontologias emergentes e, com isso, também perceber um ponto de partida para considerar as questões centrais de uma política não humanista: “com que outras criaturas vivemos? E como podemos viver de forma diferente?”. Em suma, o antropoceno exige que inventemos novas formas de perceber nossa relação com o mundo e novos modos de fazer política. Considerando que as infraestruturas são sítios importantes do trabalho antropológico e do esforço mais amplo de compreender o advento do antropoceno (Hetherington 2019), este ST busca reunir trabalhos que reflitam sobre o tema da crise ambiental global e seus efeitos locais, das novas experimentações ontológicas e alianças em curso, e dos conflitos que marcam as relações que permeiam as mais diversas infraestruturas.

Palavras-chave: infraestruturas, antropoceno, ecologias, entrelaçamentos, conflitos

## Sessão 1

Energopolíticas em crise: pandemia, mudanças climáticas e futuros energéticos no Brasil

Felipe Figueiredo (Universidade Federal de São Paulo)

Mestrando

Onipresente nas sociedades modernas, é difícil imaginarmos um mundo sem energia elétrica. A garantia do fornecimento elétrico é fundamental para o funcionamento dos objetos e sistemas que compõem nosso ambiente e, por isso, crises no setor energético são o pior pesadelo de qualquer grupo no poder. Durante a pandemia de COVID-19 a importância da energia elétrica esteve em evidência por garantir não apenas o trabalho remoto, mas principalmente a sobrevivência de pessoas hospitalizadas dependentes de aparelhos para respirar. No Antropoceno, a energia se torna uma questão de preocupação tanto pelos efeitos dos modos de produção atuais, que impactam de maneira dramática os ecossistemas no mundo todo, quanto pela busca de alternativas às infraestruturas produtoras de carbono para garantir a habitabilidade na Terra. Considerando os enredamentos sociotécnicos e ambientais que constituem o setor elétrico brasileiro, tenho como objetivo apresentar alguns dos impactos da crise pandêmica e climática em seus processos infraestruturais, levando em conta tanto seus aspectos materiais quanto as organizações políticas e os discursos que as imaginam e as constroem. Por um lado, temos uma pandemia que impactou drasticamente a carga de energia do país e os modelos de previsão do setor; por outro, atravessamos a pior seca em mais de noventa anos nos reservatórios das hidrelétricas, as principais usinas que compõem o Sistema Interligado Nacional. Momentos de crise evidenciam os aspectos contingentes e não-técnicos das infraestruturas através de eventos não planejados por seus desenvolvedores e gestores, mas que são parte de sua constituição, as considerando como processos de experimentações ontológicas que criam e recriam relações materiais entre diferentes entes humanos e não-humanos. Assim, que tipo de energopolíticas – relações sociomateriais da energia que pautam o fazer político – estão em jogo quando pensamos as crises sob o Antropoceno e, em particular, a crise hídrica e a pandemia no contexto brasileiro? Que relações podemos estabelecer entre essas duas crises? Que tipos de futuros energéticos começam a ser imaginados e colocados em prática a partir delas? Que desafios elas colocam para a Antropologia das Infraestruturas? Essas são algumas questões que surgiram no percurso de minha pesquisa de mestrado e que nortearão minha apresentação.

Palavras-chave: Infraestrutura, energia elétrica, crises, pandemia, mudanças climáticas

A crise climática e respostas situadas a partir da 'Convivência com o Semiárido'

Bruno Azevedo Prado (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Doutorando em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ)

A proposta da 'convivência com o semiárido', tomada como um paradigma de desenvolvimento rural distinto da modernização da agricultura baseada no 'combate à seca' no nordeste brasileiro, implica na revitalização e mobilização de recursos localmente disponíveis que conferem resiliência e eficiência produtiva aos agroecossistemas. A proposta foi desenvolvida ao longo das últimas décadas do século 20 a partir de centros de pesquisa e de organizações não governamentais com trabalho junto a agricultores familiares na região e ganha impulso, na virada do século, com a criação da ASA, a Articulação do Semiárido Brasileiro, e a formulação de programas públicos para a construção de um milhão de cisternas por meio de novos arranjos institucionais envolvendo o Estado e sociedade civil. Neste trabalho, busco ressituar processos de transição agroecológica baseados na convivência com o semiárido como projetos técnicos situados (Haraway, 2016) que oferecem alternativas às lógicas da modernização e à visão, baseada em determinismo ambiental e geográfico, da região semiárida como “problemática”. A proposta da substituição das cisternas de placa de cimento para armazenamento da água por cisternas de polietileno é tomada como exemplo para a discussão entre as visões contrastantes de desenvolvimento baseadas na convivência com o semiárido e no combate à seca. Trata-se, então, de projetos sociotécnicos que levam em conta, de modo diferenciado, os desafios impostos pela crise climática. Argumento que o primeiro passa necessariamente por reconexões entre os domínios chamados modernamente de “natureza” e “sociedade” e apresenta novas possibilidades de agenciamentos sociotécnicos e invenções institucionais dos quais emergem lições e ferramentas (locais e situadas) para as crises do Antropoceno.

Palavras-chave: semiárido, transição agroecológica, inovações sociotécnicas

As obras de infraestrutura nas fronteiras do desenvolvimento do sertão piauiense

Lennon Oliveira Matos

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (FFLCH/USP), Mestrado Acadêmico em Estudos Culturais (EACH/USP)

O estado do Piauí, anteriormente taxado de “atrasado” ou pouco desenvolvido, vem recebendo uma quantia expressiva de empreendimentos e grandes obras de infraestrutura nos últimos 10 anos. Os investimentos privados e públicos perfizeram a expansão das fronteiras de desenvolvimento regional que atravessaram o país em diversos empreendimentos e que avançaram também por este território, como, por exemplo, o setor elétrico, mineral, rodoviário,

hídrico e agropecuário. Todo este processo confluiu para impactos socioambientais as comunidades locais e para a conformação de um novo ordenamento da infraestrutura da região. No intuito de compreender este novo cenário, procurei questionar durante a pesquisa de Mestrado as relações envolvendo as instituições do Estado (nos âmbitos federal, estadual e municipal) e o projeto de desenvolvimento regional que está sendo implementado por estas, sobretudo na região conhecida como sudeste do estado do Piauí, porção territorial esta que possui relação direta com os estados da Bahia e Pernambuco. Para tanto, tomei como escopo etnográfico o trecho de 42 quilômetros da rodovia BR-324 que liga as fronteiras dos estados da Bahia e do Piauí, o qual se encontrava em estrada de terra e cuja obra de reconstrução foi acompanhada durante a pesquisa citada. Assim sendo, procuro neste trabalho apresentar as questões enfrentadas na pesquisa, que percorrem desde o contexto histórico que conforma a estrada, hoje rodovia BR-324; a relação da população local com esta estrada; o projeto de desenvolvimento regional colocado a cabo neste território, e, por conseguinte, as implicações entorno de uma etnografia das infraestruturas.

Palavras-chave: infraestruturas, desenvolvimento regional, fronteira, etnografia, sertão

Devir-rejeito: discussões sobre vida e não vida a partir do rompimento da barragem de Fundão (Mariana-MG)

Mariana Luiza Fiocco Machini (Universidade de São Paulo)

Doutoranda em Antropologia Social

A extração de minério de ferro é das principais atividades minerárias no mundo e o Brasil é um de seus principais exportadores. O extrativismo mineral local se expande hoje de MG para a região amazônica e o estado de GO, tanto pela qualidade das jazidas quanto pelo processo de esgotamento de fontes exploradas há décadas. O estado de MG lida em muito com o “passivo” da mineração: o que sobra dessa indústria em âmbitos materiais, sociais, ambientais, econômicos, políticos. Parte disso são os rejeitos, material sem valor comercial, dispensado quando se usa água para separar o mineral que será comercializado. Costuma ser composto por minérios mais pobres, areia, água, dentre outros materiais que possam ser encontrados na extração ou no seu beneficiamento.

Em novembro de 2015 ocorreu o rompimento da barragem de Fundão em Mariana/MG, que despejou cerca de 60 milhões de m<sup>3</sup> de rejeitos a uma distância de mais de 600Km até a costa. Desde o rompimento, há controvérsias sobre seus efeitos para as pessoas e o ambiente onde ele se depositou. Uma das avaliações divulgadas pelas empresas responsáveis pelo desastre é a de que o rejeito seria “inerte”, algo sem atividade ou sem movimentos próprios, dissociado de vida, e que causaria não muito mais que turbidez nas águas e diminuição de sua concentração de oxigênio, o que teria levado à mortandade de animais e plantas quando do rompimento. Como consequências do contato com os rejeitos, no entanto, a população atingida aponta alergias de

pele, doenças respiratórias, ansiedade, perda de perspectiva de futuro, solo menos fértil, peixes doentes, sofrimento social, perda de patrimônio cultural, entre diversos outros danos. Assim, parece difícil apostar que a “inércia” dos rejeitos seja sinônimo de não afetação dos seres ao seu redor, especialmente se consideramos suas diversas e muitas vezes desconhecidas possibilidades de interação com águas, terra, ar, microrganismos, pessoas, plantas etc.

Esses escritos pretendem então tratar de uma das materialidades da atividade minerária: os rejeitos de mineração. A reflexão se baseará no desastre causado pelo rompimento da barragem de Fundão e trará discussões sobre vida e não vida em um contexto complexificado pelo Antropoceno. Serão mobilizados autores como Tim Ingold, Bruno Latour e Elisabeth Povinelli. Interessa questionar como a não vida tem o poder de compor vidas. A mineração mostra o transformar da rocha de uma maneira de existência para outra: o rejeito-com.

Palavras-chave: mineração; rejeitos; vida; não vida

## Sessão 2

Paisagens do Antropoceno: Ruínas, Memórias e Transformações em Atafona-RJ

Juliana Blasi Cunha (Programa de Pós-graduação em Sociologia Política - Uenf)

Doutora em Antropologia

Carlos Abraão Moura Valpassos (Universidade Federal Fluminense)

Doutor em Antropologia

No delta do Rio Paraíba do Sul está situado o distrito de Atafona, no norte do Estado do Rio de Janeiro. Ao longo do século XX, Atafona constituiu-se como o principal balneário dos moradores de Campos dos Goytacazes, cidade vizinha, que lá construíram suas residências de vilegiatura e para onde sazonalmente passaram a deslocar-se com suas famílias. Há cerca de 50 anos o mar iniciou um processo de paulatino avanço sobre as áreas construídas do balneário, “engolindo” quarteirões inteiros e assim eliminando casas e demais construções da paisagem. À beira da praia, vergalhões, paredes, lajes e outros resquícios daquilo que outrora foram as casas de veraneio constituem as ruínas de Atafona, oferecendo, a um só tempo, as imagens do presente e as memórias de um passado relativamente próximo – além das conjecturas sobre o processo que constituiu tal cenário. Em um contexto em que a noção de localidade é borrada pelos impactos causados por ações tomadas a centenas de quilômetros e onde o passado e o presente se articulam a partir de uma paisagem em constante mutação, Atafona tem atraído a atenção de pesquisadores de diferentes áreas, bem como de artistas e da imprensa em geral. Nesse sentido, a partir dos álbuns de famílias de antigos veranistas – com fotografias das décadas de 1940, 1950 e 1960 -, bem como de imagens das ruínas em anos mais recentes, nas primeiras décadas do século XX, além de entrevistas e materiais da imprensa local, este ensaio

visa abordar Atafona como cenário e paisagem do Antropoceno. Tomando as ruínas como ponto de partida, apresentaremos a constituição do balenário como lugar de sociabilidade e sua progressiva transformação em função do avanço do mar. Desse modo, discutiremos a história local e as diferentes explicações apresentadas como forma de compreensão para os fenômenos vivenciados, destacando a articulação entre as ações humanas locais, extra-locais e as reações do Rio e do Mar.

Palavras-chave: atafona, ruínas, antropoceno, imagens

Sigatoka, un monstruo del Antropoceno: pensando plátanos, agroforestería y monocultivos en la alta amazonia peruana

Julián Antonio Moraga Riquelme (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutorando em Antropologia (PPGAS/MN/UFRJ)

La sigatoka negra (*Mycosphaerella fijiensis*) es una enfermedad que afecta a los plátanos y otras plantas y que debido a las conexiones actuales se expandió de Fiji al resto del mundo, principalmente debido a la presencia intensiva de monocultura asociada a los plátanos (*Musa x paradisiaca*). En términos antropológicos la sigatoka se ha transformado en uno de los monstruos en el Antropoceno y que, además de afectar a las plantas, tiene un impacto en las sociocosmologías indígenas. Los nativos kichwa en la Región de San Martín, Perú, desarrollan desde hace varios siglos una agroforestería dinámica, la cual les permite, entre otras cosas, alternar diversas actividades entre la chacra y el monte. Dentro de este esquema, nos encontramos a los plátanos, quienes son considerados como personas vegetal centrales en dicha transición. La aparición de la sigatoka en la región, a raíz de la expansión de las infraestructuras viales, los asentamientos colonos y el despliegue de monocultivos, ha generado que dicho monstruo del Antropoceno (Bubandt, Tsing) traiga algunas interrogantes para pensar en la continuidad de esta relación compañera entre nativos y plátanos. En esta ponencia se planteará algunos de los dilemas de este caso, colocando el acento en la expansión infraestructural y la excepcionalidad de la biocultura comprometida.

Palavras-chave: nativos kichwa, sigatoka, plátanos, plantation, agroforestería

Infraestruturas do Antropoceno: emaranhados sociotécnicos nos emaranhados dos rios e igarapés amazônicos

Júlia Menin (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutoranda em Sociologia - UFRGS

Aline Radaelli (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutoranda em Sociologia - UFRGS

Este artigo foi elaborado a partir de fragmentos de uma pesquisa de campo exploratória sobre mudanças climáticas em comunidades ribeirinhas do Amazonas. As interlocuções surgiram a partir da nossa prática em campo e foram trazidas pelos atores e atrizes ao longo dos diálogos. Os relatos evidenciam questões relacionadas às alterações de margens, movimento e leitos dos rios causadas por grandes obras ou infraestruturas do “desenvolvimento”, e como estas passaram a ser marcadores de efeitos para atores humanos e não humanos. Para uma interlocutora, moradora ribeirinha de um igarapé afluyente do Rio Negro, o evento de construção de uma estrada estadual a montante de sua comunidade transformou a vazão do leito e foi capaz de assorear alguns trechos. Os relatos surgiram quando ela nos informava sobre os períodos de secas dos rios. A obra é, portanto, um marcador de intensidade da seca. Outro interlocutor acessado conta sobre o projeto de uma ponte ligando Manaus a Careiro da Várzea que nunca saiu do papel porque as margens do rio Solimões, que se alteram a cada estação, não permitem. Ao mesmo tempo que nos diz isso, destaca a importância do programa Luz para Todos ter chegado às comunidades rurais, e então “cada casinha tem seu ‘ar-condicionadozinho’”. As linhas de transmissão de energia para esta região sudeste e nordeste do Amazonas é o conhecido “linhão de Tucuruí”, alimentado pela Usina Hidrelétrica de Tucuruí, no Pará. Um terceiro interlocutor acessado, desta vez na área de várzea do rio Amazonas, conta dos efeitos da passagem de navios cargueiros em períodos de cheia do rio: os banzeiros (sequência de ondas que uma embarcação produz ao se deslocar) se somam à agitação do rio e ganham força até chegar nas casas ribeirinhas, podendo estremecer a estrutura das casas, causando “uma sensação de impotência” segundo este. Mesmo elevadas, dependendo da intensidade da cheia no período, uma parcela da casa fica submersa, e é afetada pela força do banzeiro dos navios cargueiros. Discutimos a partir de relatos como estes de que forma infraestruturas “triviais” incorrem em “efeitos perigosos não projetados” operados por “infraestruturas industriais e imperiais” que se espalham como marca do Antropoceno (Tsing, 2019). Refletimos, portanto, os globais e locais em forma de navios cargueiros, estradas, ponte-por-vir e linhão afetando ribeirinhos de diversas maneiras, causando modificações e redistribuições de humanos, moradias, margens, barrancos e leito de rios.

Palavras-chave: Amazônia, Antropoceno, infraestruturas, emaranhado sociotécnico

Comunidades intencionais: poéticas de outras experimentações ontológicas

Claudyanne Rodrigues De Almeida (Universidade Federal de Mato Grosso)

Doutoranda em Estudos de Cultura Contemporânea - UFMT

Maria Thereza de Oliveira Azevedo (Universidade Federal de Mato Grosso)

Doutora em Artes Cênicas - ECA/USP

Diante da cena política contemporânea, especialmente no Brasil, a insustentabilidade do mundo, das sociabilidades, dos modos de viver ocidental/capitalista, agravada pela pandemia de covid-19, esta pesquisa investiga as potências de vidas/trajetos que se engendram e podem estar criando outras culturas. O objetivo é pesquisar/experienciar como alguns grupos estão materializando a possibilidade de modos de viver outra cultura espacial e cosmológica a partir de comunidades intencionais. Como procedimento metodológico, pretende-se dialogar com a cartografia afetiva, na medida em que o campo será vivenciado pessoalmente em algumas ecovilas, bem como em espaços de cohousing e coliving. Além disso, utilizaremos técnicas da antropologia visual para desenhar linhas de fuga, trajetos, memórias e sentidos associados às comunidades intencionais, esboçando assim a poética de outras formas de habitar o mundo e sua relevância e urgência para os limites biofísicos e a autossustentabilidade no mundo contemporâneo. Os principais conceitos e teorias a princípio são o bem viver (Acosta 2016) e agenciamento de possíveis (Lazzarato 2006). Em meio à realidade distópica em que vivemos na contemporaneidade, visualizamos as comunidades intencionais como uma “ontologia possível” para se viver uma realidade viável, já que tais comunidades têm como filosofia e prática a regeneração dos ecossistemas naturais e econômicos, revalorização de saberes tradicionais, qualidade das conexões e fluxos da natureza/do natural, a partir de espacialidades comunitárias e processos colaborativos.

Palavras-chave: comunidades intencionais, cultura regenerativa, estética comunitária, mundos possíveis

### **Sessão 3**

A caminho dos grandes rios: transformações míticas sobre o isolamento num mundo em colapso

Karen Shiratori (Universidade de São Paulo)

Pós-doutoranda DA-USP

A abertura, na década de 1970, da rodovia Transamazônia - a BR-230, cortou os territórios de diversos povos indígenas Tupi-Kagwahiva do sul do estado do Amazonas que, a partir de então, tiveram que lidar com o contato permanente com os brancos e, com isso, as invasões massivas

de suas terras, o desmatamento crescente, as epidemias que quase os dizimaram, além do conflito latente com os moradores das cidades que os cercam. Pepuku'hua é o "caminho comprido/longo" que atravessou a terra dividindo os parentes cuja vida coletiva foi, diversas vezes em sua história, abruptamente estilhaçada. Esta apresentação se propõe refletir sobre as transformações míticas desencadeadas por acontecimentos históricos recentes, a atualização das relações com antigos inimigos, o impacto das obras de infraestrutura nos seus territórios e a política de proteção dos povos isolados, aqueles parentes que seguem recusando o contato. Não se fala de isolamento sem despertar a saudade, a tristeza e certa esperança velada de um futuro encontro. Nas memórias tupi-kagwahiva que orientam esta apresentação, história e mito são entretecidas nas reflexões sobre a condição dos isolados, refugiados em resquícios de floresta. Num contexto em que as queimadas e o desmatamento batem recordes anuais, a luta pela terra e sua defesa caminham junto aos esforços para garantir a sobrevivência daqueles que escolheram a vida nas matas.

Palavras-chave: Transamazônia, obras de infraestrutura, povos isolados, transformações míticas, política de não contato

Entrelaçamentos possíveis em manguezais (antes) invisíveis: um chamado às ciências ambientais

Viviane Fernandez de Oliveira (Universidade Federal Fluminense)

Doutora em Ciências do Meio Ambiente - UERJ

Paula Maria Moura de Almeida (Universidade Federal Fluminense)

Doutora em Ciências do Meio Ambiente - UERJ

As Ciências Ambientais descrevem o manguezal como um ecossistema de indiscutível importância para a sociedade em função dos diversos bens e serviços que decorrem do seu funcionamento, como a proteção da linha de costa, a manutenção da pesca e a promoção da biodiversidade nas águas costeiras adjacentes. Em geral, sua presença pode ser considerada indicadora da qualidade de ambientes costeiros e sua conservação é uma meta científica e política em virtude de seu histórico de supressão frente aos usos da área costeira. Contudo, observações sobre o litoral do estado do Rio de Janeiro indicam um aumento inesperado e autônomo dos manguezais em baías, como Sepetiba e Guanabara, em lagunas, como Itaipu, e em pequenos estuários do norte fluminense. No lugar de somente se observar degradação e conversão de áreas de mangue, como seria esperado em tempos de Antropoceno, observa-se sua proliferação. É a imprevisibilidade desta reação que torna esses pequenos fragmentos invisíveis ao olhar científico predominante, que atribui o aumento de áreas à processos positivos (conservação, recuperação de áreas) e a redução de áreas à processos negativos (desmatamento, impactos), a menos que ambos representassem uma reação à fenômenos identificados como estritamente naturais (pretensamente neutros). De todo modo, nos dois casos, aumento ou

redução de área, a ação do manguezal (plantas, animais, sedimentos, água, pescadores etc.) não é percebida. Ele apenas reage a ação humana conservacionista ou degradadora. Mantêm-se, portanto, as dualidades típicas do pensamento científico moderno das quais o capital necessita para operar. O objetivo desta pesquisa, ainda em etapas iniciais, é problematizar a ação dos humanos e não-humanos nesses fragmentos do Antropoceno. Poderíamos, nos termos de Anna Tsing, considerar as árvores de mangue como espécies ferais? O manguezal, por estar localizado entre o mar e o continente, reflete ao mesmo tempo os aspectos oceanográficos e as questões continentais a montante e adjacentes a ele. Nesse sentido, em certas localidades, o crescimento do mangue pode ser reflexo da ação de ‘projetos humanos modificadores’ (infraestruturas) na bacia hidrográfica, que provocam assoreamento e promovem substrato para colonização da vegetação. Assim, dar visibilidade a esses manguezais (antes) invisíveis é torná-los portadores de múltiplas histórias entrelaçadas que precisamos aprender a contar para ‘adiar o fim do mundo’, como nos ensina Ailton Krenak.

Palavras-chave: sistemas ambientais, biologia feral, antropoceno mais que humano

Sítios do projeto Pesquisas Ecológicas de Longa Duração (PELD) no Brasil: Enfrentamentos à Crise Ambiental através da comunicação científica

João Pedro Arantes Bigato (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), vinculado ao Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade - NUPEM/UFRJ

Rafael Nogueira Costa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Professor, Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculado ao Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade - NUPEM/UFRJ

Que tipo de aliança os cientistas da ecologia fazem? Com quem dialogam e encontram saídas para a crise ambiental em curso? Como a infraestrutura científica nacional pode contribuir para a diminuição dos efeitos locais da crise ambiental global? Para responder as questões introdutórias, buscaremos identificar as alianças entre os Sítios PELD no campo da educação ambiental e do turismo comunitário. Identificar também as relações existentes entre as pesquisas científicas e os conhecimentos populares das comunidades inseridas ou cercadas pelos sítios PELD. Em momento posterior, objetiva-se avaliar através de metodologias quantitativas a qualidade dos instrumentos de educação ambiental dos sítios PELD em funcionamento atualmente, a fim de gerar um panorama geral dos principais instrumentos utilizados, bem como as dificuldades e potencialidades de cada um deles. Os métodos científicos filosóficos que instigam o desenvolvimento da atual pesquisa são aqueles identificados como unificadores entre os costumes sociais e étnicos, os aspectos socioeconômicos regionais e a conservação ambiental. Acredita-se que teorias como a

Socioecologia ou abordagem socioecológica e a Teoria Ator-Rede são caminhos para encontrar as conexões entre a ciência e as comunidades. Qual é a realidade das comunidades próximas aos sítios de pesquisa em ecologia? Existem potencialidades para a sustentabilidade socioambiental que emergem dessas comunidades? Em relação ao turismo comunitário, entende-se que a prática social do turismo é considerada uma atividade econômica que poderia funcionar como alternativa às dificuldades socioeconômicas enfrentadas por comunidades tradicionais que vivem no entorno das UCs. Como metodologia, será utilizada uma metanálise de dados, a fim de traçar uma rede entre as pesquisas científicas e as ações de EA e Turismo Comunitário nas proximidades dos Sítios PELD. A pesquisa se realizada também com base em entrevistas com os principais atores (comunidade local e gestores) dos sítios. Espera-se como principal resultado auxiliar no processo de integração dos documentos, pesquisas e artigos relacionados aos Sítios PELD, por meio de um panorama geral dos conflitos e potencialidades nesses locais.

Palavras-chave: sítios PELD, educação ambiental, turismo de base comunitária, decolonialismo

Uma Floresta em (Possível) Colapso: Torções entre infraestrutura e ambiente a partir da hipótese da savanização da Amazônia

Felipe Mammoli (Universidade de Campinas)

Doutorando em Política Científica e Tecnológica - Unicamp

A noção de que as mudanças climáticas podem afetar profundamente a floresta amazônica a ponto de transformar sua vegetação tropical em uma savana ou em uma vegetação degradada não análoga às atuais já tem mais de 20 anos. Popularizada como Hipótese da Savanização da Amazônia e elencada como uma incerteza central sobre o futuro do clima do planeta desde o AR4 do IPCC, ela propõe que as novas condições climáticas previstas para o final deste século podem tornar o clima da região incompatível com sua vegetação atual. Isso provocaria sua morte gradual e liberaria na atmosfera o carbono armazenado na floresta, o que agravaria ainda as mudanças climáticas. A hipótese propõe que a continuidade da Amazônia não depende apenas da manutenção de sua ecologia local, mas também dos longos feedbacks entre a atmosfera e a biosfera e que as consequências de seu eventual colapso serão devastadoras tanto em uma escala regional quanto global, precisamente pelos mesmos mecanismos de feedback que hoje ameaçam a floresta. As incertezas associadas ao futuro da Amazônia mobilizam uma agenda de pesquisa global que produz uma floresta instrumentada, distribuída em bancos de dados científicos globais, computacionalmente modelável e que tem o futuro de sua ecologia local entrelaçada com o futuro do planeta. Nesse trabalho, apresento como a hipótese da savanização contribui em produzir essa floresta multiescalar por meio da reconfiguração de suas relações ecológicas em relações infraestruturais e vice e versa. Com base nos "estudos de infraestrutura", argumento que a hipótese da savanização realiza uma espécie de inversão infraestrutural na Amazônia, colocando em primeiro plano sua relação com o clima global e

mostrando que seu futuro não está garantido, mas sim que precisa ser ativamente construído. Descrevo essa floresta a partir dos dados que um modelo computacional sobre a Amazônia necessita para produzir previsões e como essa demanda implica na produção material de uma floresta modelável. Concluo mostrando que os modelos ambientais de previsão podem ser instrumentos úteis para captar essas ecologias emergentes do Antropoceno, que desafiam e confundem (ou colapsam) as distinções entre infraestrutura e ambiente.

Palavras-chave: modelagem computacional, Amazônia, datificação

## **ST24 Tecnologias do cuidado: materialidades e afetos no compor-se com outres**

Valéria Macedo

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

vmacedo@unifesp.br

Maria Paula Prates

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); City University of London

José Miguel Nieto Olivar

Universidade de São Paulo (USP)

Modalidades de intervenção no mundo reconhecidas como cuidado têm sido tematizadas com intensidade crescente em diferentes campos antropológicos. Na área da saúde, nos debates feministas interseccionais e pós-coloniais, na etnologia ameríndia, entre outros campos em que tecnologias do cuidado engendram disjunções inclusivas, ou composições de diferenças, na expressão de Donna Haraway. Numa era do circuito integrado, farmacopornográfica e necropolítica, o cuidado pode remeter a capturas, assim como assumir a forma de uma cura antirracista e contra-colonial, coletiva e microfísica, como na poética negra feminista de Denise Ferreira da Silva. Esperamos reunir trabalhos que ativem conexões entre esses diferentes campos, incluindo transformações mais recentes e inclusivas dos feminismos, críticas negras e ou indígenas ao capitalismo e ao campo científico, políticas ontológicas na feitura de corpos e doenças, ou quaisquer outros que mobilizem tecnologias leves e duras, materialidades e afetos, vulnerabilidades e potências no compor-se com outres.

Palavras-chave: cuidado, tecnologias, interseccionalidades, políticas ontológicas, contra-colonialidade

## **Sessão 1: Cuidados mais que humanes**

Moderadora: José Miguel Nieto Olivar

Debatedora: Valéria Macedo

"Ela sabe melhor que eu quando não estou bem": Cuidados na relação entre humanos e elefantes em um Santuário

Ana Cecília Oliveira Campos (Universidade Federal de São Carlos)

Doutoranda em Antropologia Social - PPGAS/UFSCar

O Santuário de Elefantes Brasil é uma instituição destinada a receber elefantes que passaram suas vidas em circos e zoológicos. Inaugurado em 2016, próximo à Chapada dos Guimarães (MT) possui uma área de 1.100 hectares e capacidade para receber até 50 elefantes, o que até o momento se restringiu à espécie *Elephas maximus*. Em seus termos, a missão do Santuário “é proteger, resgatar e prover um santuário de ambiente natural para os elefantes em cativeiro” e objetiva prover um ambiente em que os elefantes possam expressar seus comportamentos naturais. O espaço, conta com a expertise de veterinários e biólogos no tratamento do que chamam de feridas físicas e emocionais de elefantes. Esse paper aborda a relação entre tratadores e elefantes no Santuário tendo em vista três aspectos: a maneira que essa relação desloca certos pressupostos científicos, a atenção que tratadores dão aos comportamentos de elefantes como parte da expressão de suas emoções; a atenção que elefantes dispõem para perceber o comportamento de humanos. Emerge dessa relação descrições em que o cuidado ora ocupa procedimentos técnicos e pragmáticos, ora é expresso na sensibilidade de um olhar entre espécies, conforme reiteram interlocutores. Tais considerações partem de conversas com tratadores que têm seu cotidiano e seus dias envoltos na rotina e nas preferências das elefantes do SEB. O argumento aqui é que a relação entre humanos e elefantes no SEB, é permeada por preocupações mútuas sobre emoções e estado de presença. Tratadores empenham-se para não incomodar elefantes, executar tratamentos e identificar suas emoções a partir de seu comportamento. Já as elefantas demandam deles atenção, presença integral, ensinando-os reativamente quando eles não estão bem ou integralmente presentes. Como disse uma interlocutora sobre uma elefanta que conhece há mais de dois anos: "Ela sabe melhor que eu quando não estou bem". Nas descrições, o cotidiano interespecífico é ocupado pelo preparo de alimentos e suplementação, tratamentos em patas e feridas, limpeza das grandes áreas do Santuário. Em meio a essas atividades alguns termos aparecem inquietos nos relatos de tratadores: amor, empatia, correspondência. Entre as técnicas mais rigorosas e as palavras mais escorregadias, os olhares de elefantes comunicam aos seus cuidadores os desejos mais ínfimos e histórias de vidas inteiras.

Palavras-chave: Relações interespecíficas, antropologia da técnica, cuidado

Cuidado e distância entre primatólogas e macacos-prego

Mateus Oka (Universidade Estadual de Campinas)

Mestrando em Antropologia Social - Unicamp

Quando abordagens antropológicas se voltam a estudar cientistas e, no caso desta discussão, primatólogas, tipicamente, há duas lógicas consideradas conflitantes no campo: uma que diz respeito à prática diária de observação dos primatas desempenhada pelas pesquisadoras e a relação que estabelecem com esses animais; e outra, aquela que postula um distanciamento para com os objetos de estudo como condição de objetividade científica. Geralmente, a primeira é privilegiada no debate antropológico, de modo a dar ênfase na proximidade entre cientistas e primatas não-humanos como um curto-circuito na razão da objetividade clássica das ciências. No entanto, a tese alternativa aqui proposta é que o distanciamento – e a possível objetividade produzida a partir dele – pode ser entendido como um cuidado. Isto é, ele não ocorre na negação ou negligência da relacionalidade, mas acontece a partir da negociação das relações possíveis. Essa proposta se baseia em um estudo de cunho etnográfico, conduzido desde o ano de 2020, que consiste no acompanhamento das atividades de pesquisa de primatólogas que estudam macacos-prego. O trabalho de campo é feito de modo remoto, em consonância com as medidas sanitárias de contenção da pandemia da Covid-19 – restrições a que as primatólogas também estão submetidas, trabalhando atualmente a partir de filmagens dos macacos, uma vez que estão impedidas de ir a campo. Nesse contexto marcado pelo distanciamento foi possível observar que não apenas as primatólogas, mas os próprios macacos, em algumas ocasiões, demonstram desejar se manterem afastados. Não é raro que os macacos-prego ameacem, vocalizem, ou fujam diante da presença de pesquisadoras. Estas, por sua vez, ao invés de aborrecidas, contam histórias de humor sobre quando seus sujeitos de pesquisa “não dão a mínima” para elas. O que ocorre, ao que parece, é uma negociação da distância entre primatólogas e macacos – algo que, como algumas das pesquisas delas sugerem, é feito constantemente entre os próprios primatas, que se rejeitam, se ameaçam, e se afastam uns dos outros em suas relações. Nesse sentido, os macacos e as pesquisadoras fazem perguntas similares, sobre qual a distância a ser eticamente negociada. Logo, distância e relação não são termos opostos, mas, ao serem ligados, revelam um tipo de cuidado que, embora sinalize um mundo multiespécie, não perde de vista que o melhor destas relações é feito, com frequência, com o cuidado da distância.

Palavras-chave: primatologia, Antropologia da Ciência, humano-animal, relação

Socializando saúde ou medicalizando vida? O uso de categorias científicas operantes em processos terapêuticos

Ítalo Cassimiro Costa (Programa de Pós-graduação em Antropologia e Arqueologia da UFMG)

Mestrando em Antropologia Social (PPGAn / UFMG)

Dois cenários se misturam. O primeiro, composto por agenciamentos de cuidados terapêuticos que integram noções e práticas das medicinas complementares e alternativas (OMS, 2019). Já outro, composto por um movimento político e epistêmico que discute tais práticas e diagnósticos. Trata-se de situações de pesquisa em que aparecem com frequência categorias como “social” (ou tudo que envolve fenômenos de socialização) e “medicalização” (ou tudo que envolve processos que tornam a vida resumida em linguagem e prática médica). Menos como uma separação abstrata e categórica de dois mundos diferentes, e mais como um recurso heurístico para contrapor discursos e práticas de saúde na contemporaneidade, este trabalho visa problematizar essas duas categorias científicas que operam na ordem do dia e evocam agenciamentos epistemológicos e políticos. Desse modo, os apontamentos aqui propostos serão discutidos a partir de reflexões depreendidas da minha pesquisa etnográfica em clínicas de equoterapia (terapia assistida por equinos) localizadas na região metropolitana de Belo Horizonte, e em diálogo com o movimento social Despatologiza (<https://www.despatologiza.com.br>). Com isso, busco no presente texto circunscrever deslocamentos teóricos e práticos que, imbricados nas noções de saúde e seus respectivos cuidados terapêuticos, operam também em um campo discursivo, epistemológico e de deslocamentos ontológicos, onde as premissas sociológicas se misturam com postulados biológicos sob categorias como “medicalização” e “socialização”. Assim, a partir dessas incursões etnográficas, problematizo e persigo artefatos e discursos científicos que estão inseridos em um movimento epistemológico e político tanto nas ciências sociais quanto nas ciências médicas e as áreas relacionadas. Entende-se que redes de medicalização da vida ou socialização da saúde se deslocam de perspectivas heterônomas para outros aportes que interagem com formas “alternativas” de tratamentos da saúde cujas intervenções podem (des)patologizar a vida através das relações entre humanos e extra-humanos. Esses dois conceitos (ou fenômenos como entendidos em alguns contextos) passam a fazer parte de um jogo de implicações políticas e epistêmicas que implodem o problema do dinamismo ontológico: enquanto medicalizar a vida significa deslocar “questões sociais” para práticas e linguagens médicas, socializar a saúde implica em reduzir os fenômenos do corpo a uma categoria sociológica?

Palavras-chave: medicalização, socialização, terapias alternativas

Imagem, imaginação e corpos nas tecnologias do cuidado.

Maria Christina Barra (Universidade Federal de Minas Gerais)

Doutorado: Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

A proposta deste trabalho é apresentar algumas indagações sobre o lugar da imagem nas tecnologias do cuidado tanto no corpo de quem cuida como no corpo de quem é cuidado. Partindo da expressão “corpo síntese do cosmo” do indígena Yepamahsã (Tukano) João Paulo Barreto (2021) e da ideia do “sensível” de Emanuele Coccia (2010), propõe-se experimentar através de perguntas o lugar da imagem ou da imaginação nas ações de cuidado. Diante das diferenças ontológicas na feitura dos corpos, para onde vão as imagens produzidas por nós? Que feitos e efeitos produzem nos corpos? O que pode causar uma planta enquanto imagem em diferentes corpos? E um medicamento? E um bicho das águas ou das serras? E um vírus ou uma bactéria? Mais do que apresentar reflexões, busca-se aqui abrir espaços para experimentações sensíveis da ação das imagens ou da imaginação como participação ao “mundo da vida” nas tecnologias do cuidado.

Palavras-chave: cuidado, imagem, corpo, sensível

Cultivo da consideração: repensando as relações de parentesco entre humanos e plantas na etnologia das terras baixas sul-americanas

Yuri Werner Biguetti Winkler (Universidade de São Paulo)

Mestrando em Antropologia Social - PPGAS/USP

Este trabalho analisa o tema do parentesco vegetal na etnologia ameríndia das terras baixas da América do Sul. Da década de 1980 até os dias atuais, pesquisadoras e pesquisadores notaram que, entre os povos ameríndios, as relações entre humanos e plantas eram conceitualizadas por meio do idioma do parentesco; atentando sobretudo para o cotidiano dos roçados, não são poucas as referências aos filhos-cultivares e às mães horticultoras (ainda que os homens, em alguns contextos, também fossem considerados pais de mandiocas, batatas, amendoins e outros vegetais). Nos últimos anos, aquilo que se convencionou denominar como parentesco vegetal tem ressurgido nas etnografias e nos debates de forma renovada: levando em conta a complexidade das relações travadas nos roçados, pesquisadoras e pesquisadores têm também discutido a proficuidade das relações entre humanos e não humanos nas florestas, capoeiras e mesmo nas grandes cidades. Além disso, o ‘parentesco’ deixou de ser entendido exclusivamente como filiação para, agora, incluir relações de afinidade e predação. É digno de nota, ademais, a ampliação de áreas etnográficas nesse debate – Brasil Central, Guianas, Juruá-Purus, Alto Xingu etc. – indicando que as relações entre humanos e não humanos, na América indígena, oferece importantes convergências e interessantes diferenças. Tendo em vista que nossa

pesquisa de mestrado, no contexto da pandemia de Covid-19, foi transformada em revisão bibliográfica, nosso interesse é mapear e discutir o tema do parentesco vegetal na etnologia ameríndia das terras baixas da América do Sul a partir de dois pontos principais. Em primeiro lugar, detalharemos os modos pelos quais povos indígenas e seus etnógrafos discutem as relações entre plantas e humanos, enfatizando a complexidade inerente ao idioma do parentesco na conceitualização dessas relações; interessa-nos, assim, explorar conceitos e práticas referentes aos filhos-vegetais e aos afins-planta. O segundo ponto, de natureza menos descritiva e mais propositiva, analisa duas perspectivas teóricas acerca do encontro entre mestres-donos e parentesco nas terras baixas sul-americanas. Se a perspectiva da metafiliação (Fausto 2008) figura como modelo inaugural para dar conta de assimetrias, argumentamos que a política da consideração (Kelly & Matos 2019) oferece instrumentos mais férteis para analisar as relações entre plantas e humanos nas sociocosmologias ameríndias.

Palavras-chave: parentesco, plantas, consideração, cuidado, assimetria, pessoa, cultivo, criação

## **Sessão 2: Enredamentos mais que vivos**

Moderadora: Maria Paula Prates

Debatedora: José Miguel Nieto Olivari

Arquivos pessoais de etnólogos no Brasil e suas redes de relações, reconhecimento, cuidado e respeito

Luísa Valentini (Centro de Estudos Ameríndios/Universidade de São Paulo)

Doutora em Antropologia Social - USP

Apresento aqui resultados da minha pesquisa de doutoramento (2019), dedicada à descrição e arranjo de acervos pessoais de três etnólogos que iniciaram seus trabalhos de campo no final dos anos 1960, hoje docentes aposentados em universidades brasileiras: Lux Vidal (1930-), Pedro Agostinho (1937-) e Rafael Menezes Bastos (1947-). A lida com conjuntos documentais, feita em diálogo com praticantes da arquivologia e da museologia em processos de caracterização dos acervos, que tiveram como horizonte a formalização de sua doação e disponibilização para novos consulentes em arquivos e museus universitários, trouxe ao primeiro plano da observação as redes de relações envolvidas na gênese de documentos e conjuntos documentais. Trata-se de relações de troca e interlocução com coletividades indígenas estudadas, com grupos de pesquisa formados e reproduzidos ao longo de décadas, com organizações da sociedade civil engajadas na defesa de direitos. O teor dessas relações exige ser adequadamente caracterizado, tanto para a descrição dos materiais e a definição de condutas pelas instituições que virão a custodiar e disponibilizar os arquivos, quanto para o reconhecimento de direitos sobre parcelas dos conjuntos documentais. Discuto aqui, em particular, uma linguagem dos cuidados e uma observação dos afetos e suas moderações

envolvidos nas diferentes etiquetas que cercam as atividades que deram origem a documentos e também o seu manuseio - éticas da pesquisa em antropologia, etiquetas indígenas (do reconhecimento, da hospitalidade, da corporalidade e das materialidades, da evitação, do silêncio, e da moderação), etiquetas não indígenas próprias do meio acadêmico e da prática docente (a produção de novos pesquisadores e novas redes de interlocução, a circulação de presentes, a sutileza própria dos pactos da correspondência). Considero que a observação desses gestos de cuidado e a atenção que eles exigem a materialidades e histórias de diferentes em encontro permite novos diálogos, numa nova aliança entre pessoas cuidadosas, que pode contribuir para a produção de novos futuros a partir de aprendizados intergeracionais.

Palavras-chave: arquivos pessoais, etnologia, ética de pesquisa, memória, etiqueta, materialidade

“Empatia não-humana” entre filosofias indígenas e transfeministas: cuidado, corpo e indeterminação ontológica em práticas artísticas mais-que-humanas

Bru Alana Pereira de Araujo (Universidade Federal de São Paulo)

Mestre em Ciências Sociais - UNIFESP

António Catrileo (University of Califórnia, San Diego)

Mestre - PUC-Valparaíso

Lucas Maciel (Universidade Federal de São Paulo)

Mestre - UNICAMP

Considerando as intersecções entre conhecimentos indígenas e transfeministas, nossa apresentação pretende por em questão a noção de cuidado, pensando-a através de práticas constitutivas de experiências corporais mais-que-humanas. Partindo da proposição de uma “empatia não-humana” (Comunidade Catrileo+Carrión), refletiremos sobre as técnicas experimentais de artistas indígenas em suas/nossas relações com seres não-humanos. De um lado, se a ideia de cuidado é usada para descrever algumas dessas relações na etnologia e nos feminismos, nossa intenção é habitar o conceito como um motivo para destacar o modo através do qual tais práticas abrem espaços de hesitação e de transbordamentos mais-que-humanos. De outro lado, isso nos possibilita elaborar sobre a autonomia ontológica da indeterminação e a opacidade da diferença como uma possível política de cuidado.

Palavras-chave: cuidado, empatia mais-que-humana, práticas artísticas, transfeminismos, indeterminação

Entre palavras, cantos e escuta: notas sobre sonoridades guarani nos contextos entre vida e morte

Sandra Benites (PPGAS/Museu Nacional/UFRJ)

Doutoranda em Antropologia - UFRJ

Renata Andriolo Abel (PPGAS/UFSC)

Mestranda em Antropologia / UFSC

Renan Pinna (Pari-c)

Mestre em Antropologia / UFSC

O eixo pelo qual esse trabalho se desenvolve é o das sonoridades que rondam e são evocadas pela morte entre os Guarani. Escrito a seis mãos e com base em trabalho etnográfico entre os Avá Guarani, os Chiripá e os Guarani-Mbya no Sul e Sudeste brasileiro, atentamo-nos para três momentos do processo coletivo de lidar com a vida e a morte pelo viés das sonoridades, das ressonâncias do mundo guarani. O primeiro se caracteriza como um momento anterior à morte, que traz consigo a possibilidade de evitá-la. Relaciona-se com o aprimoramento da escuta e do sentir, condensados na raiz verbal -endu, e culmina no desenvolvimento contínuo em vida de um estado de concentração e atenção, explicitado na palavra djapytchaka. Essa noção implica uma atitude de atenção sônica e perceptiva do mundo, uma atenção sensível às ressonâncias que estão em jogo em determinados espaços e momentos. Desenvolver e aprimorar djapytchaka surge como crucial para tecer agenciamentos, muitas vezes no sentido de antecipar acontecimentos desfavoráveis à vida, seja consigo mesmo ou com pessoas próximas. O segundo momento a ser perscrutado é aquele durante a morte, o processo de luto que advém da morte de um parente. As sonoridades que se evidenciam aqui são especialmente as dos cantos-choro. São cantos entoados coletivamente e muito importantes na elaboração da partida e na manifestação de apoio entre o corpo de parentes para atravessar as perdas. Destacam-se ainda as dificuldades de vivenciar esse modo específico de luto coletivo nos contextos em que a presença neopentecostal é acentuada. O terceiro momento caracteriza-se como o processo posterior à morte, onde entram em jogo os angue, espíritos que perderam a palavra e vagam pela terra, comunicando-se com os vivos apenas através do choro. Esse tipo de “silenciamento”, um outro modo de ressoar, ocorre como consequência de práticas em vida, daquele que faleceu, que destoaram das orientações do modo de vida guarani. Ainda que com essa limitação, esses espíritos mantêm agenciamentos, podendo mobilizar os angue de outros mortos para trazer pessoas vivas para a morte, por exemplo. Essas experiências, situadas em diferentes contextos, apontam para modos de cuidado com o corpo e suas afetações com outres, no sentido de composições que podem ser tanto vivificantes quanto perigosas. Isso significa que essas vulnerabilidades em questão têm a potencialidade de, por um lado, veicular curas e, por outro, desdobrar-se em adoecimentos.

Palavras-chave: Guarani, canto, escuta, palavra, morte

Kanhangang Êg My Há é estar junto dos filhos: mães indígenas na universidade

Ana Letícia Meira Schweig (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestre em Antropologia Social (UFRGS)

Rejane Paféj Nunes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestranda em Psicologia Social (UFRGS)

O presente trabalho pensa sobre as formas de cuidado de mães indígenas Kaingang que são estudantes universitárias. Com as ações afirmativas para populações indígenas, a busca pelo ensino superior entre mulheres indígenas tem crescido nos últimos anos. O ingresso na universidade faz com que muitas mães indígenas tenham que deixar seus filhos aos cuidados de outras pessoas na comunidade, gerando sofrimento. Apesar de dispor de vagas, a universidade dificulta a permanência de mulheres ao não oferecer estrutura para que suas famílias possam acompanhar durante o processo. O Kanhangang Êg My Há (o que nos faz bem como kaingang) é afetado quando mulheres se separam de seus filhos, contribuindo para o adoecimento de mães, filhos e parentes nas comunidades. Buscamos refletir sobre como as políticas e regras universitárias atuam como ferramentas de produção de diferenças, podendo atuar como instrumentos de invisibilidade de experiências indígenas, principalmente de mulheres.

Palavras-chave: mulheres, maternidade, cuidado, universidade

Cuidando e tomando cuidado: alguns caminhos percorridos por pessoas hupd'äh para lidar com mortes por enforcamento e envenenamento

Rafaela Achatz (Instituto de Psicologia da USP)

Mestranda em Psicologia Clínica

Gilberto Safra (Instituto de Psicologia da USP)

Professor titular do Instituto de Psicologia da USP

Desde os anos 2000, tem havido cada vez mais mortes por enforcamento (*k'at'it hu'yi'iy*) ou por ingestão de timbó (*d'uç ägyi'iy*) entre pessoas hupd'äh no Alto Rio Negro. Nesta comunicação, buscamos cartografar itinerários terapêuticos percorridos pelas pessoas hupd'äh para prevenir essas mortes e para lidar com as consequências de uma eventual morte, cuidando e tomando cuidado com os mortos, seus antigos familiares e amigos. Ao acompanhar tais itinerários terapêuticos, investigamos como se articulam sistemas terapêuticos cujos pressupostos ontoepistemológicos são distintos. Mais especificamente, buscamos escutar as dissonâncias, consonâncias e equívocos que emergem das composições realizadas por especialistas hupd'äh e por profissionais de saúde do DSEI-ARN para lidar com os

enforcamentos e envenenamentos. Partimos da hipótese de que um mapeamento das variadas maneiras dos Hupd'äh e dos profissionais de saúde perceberem-se e agirem nesta situação de intermedicalidade (Follér, 2004) pode ajudar a construir propedêuticas em conjunto que articulem diferentes tecnologias de cuidado e prescindam de uma etiologia única. Com isso, buscamos imaginar propostas terapêuticas que não se resumam a uma interculturalidade de fachada, mas que se sustentem no reconhecimento da legitimidade ontoepistemológica (Ferreira da Silva, 2019) dos sistemas de cuidado mobilizados pelas pessoas hup. A saber, propostas que sejam mais horizontais e nas quais as pessoas hupd'äh sejam protagonistas da elaboração, implementação e avaliação dos dispositivos de cuidado mobilizados.

Palavras-chave: Hupd'äh; suicídio; etnologia; saúde diferenciada; interculturalidade; etnopsiquiatria

### **Sessão 3: Remedi-ações**

Moderadora: Valéria Macedo

Debatedora: Maria Paula Prates

Saúdes xikrin: terapêuticas e o feminino

Clarice Cohn (Universidade Federal de São Carlos)

Doutora em Antropologia Social / USP

Jucimara Cavalcante (Universidade Federal de São Carlos)

Doutoranda em Antropologia Social / UFSCar

A atenção à saúde indígena e os cuidados biomédicos têm sido uma experiência constante para os Xikrin da Terra Indígena Trincadeira-Bacajá, e foi, inclusive, uma das razões para o estabelecimento de novas relações com não-indígenas (kuben) quando do que o Estado denomina o contato e a pacificação. Embora o acesso a vacinas e remédios alopáticos tenham de fato contribuído para uma melhoria nas condições de saúde quando do acirramento do contato com os kuben e as novas patologias, as condições adversas dessa situação devem também ser avaliadas, com os cuidados necessários. Essa comunicação visa salientar (1) as condições efetivas da atenção à saúde diferenciada para a população Xikrin do Bacajá; e (2) as condições específicas dessa situação, em que práticas de profilaxia, prevenção, promoção de saúde e cura xikrin convivem com as biomédicas, tendo em vista, particularmente, a saúde da mulher. Este caso se apresenta como especialmente revelador tendo em vista uma crescente dependência dos serviços de Estado na gestação, no parto e nos cuidados de recém-nascidos, casos de violência obstétrica, e suas contradições e as estratégias de intersecção das práticas indígenas e biomédicas em uma situação bastante nova para as famílias xikrin.

Palavras-chave: saúde indígena, saúde da mulher, Xikrin, biomedicina

O corpo ecológico: socioquímica do cuidado. Por uma abordagem integrada do parentesco, da alimentação e do regime de substâncias.

Diego Madi Dias (HCV-FSP/USP)

Doutor em Ciências Humanas - Antropologia Cultural (IFCS/UFRJ)

Este trabalho tem como base uma "conexão parcial" trans-indígena, cujo interesse reside em permitir uma visão microcós mica sobre o corpo e sobre o cuidado. Nesta comunicação, quero discutir uma aproximação entre o pensamento de Paul Preciado sobre sexo, drogas e biopolítica no livro *Testo Junkie* e o paradigma ameríndio da construção do corpo e da pessoa por meio do manejo de substâncias e relações. A reflexão proposta aqui não é resultado de uma pesquisa realizada, mas tem caráter programático, na medida em que busca colocar em evidência alguns pontos de contato entre o pensamento indígena e o pensamento transfeminista que podem ser úteis para uma antropologia crítica do capitalismo farmacopornográfico na modernidade. Essa crítica terá como objetivo principal requalificar a metáfora hegemônica sobre o corpo, que no pensamento dos modernos tem se perpetuado a partir da imagem do corpo-máquina. Com base no pensamento indígena (qualificado por Lévi-Strauss como uma "ciência do concreto") e transfeminista ou queer (cuja herança remonta ao feminismo materialista), quero enfatizar a pragmática do corpo como "ambiente", isto é, lugar de vida em interação no qual a materialidade está em constante produção e transformação por meio de práticas de controle e administração de substâncias que perpassam, circulam e afetam o corpo. Nesta comunicação, procuro reunir alguns casos de modalidades de relação associadas a práticas corporais conduzidas por "substâncias" para propor um modelo de análise que possa integrar os elementos de parentesco, alimentação e regime de substâncias, incluindo os fármacos e demais drogas. O marco de questionamento sobre a relação entre o corpo e as substâncias é a introdução da terapia medicamentosa para a prevenção do HIV (Prep), no sentido de que a vulgarização do acesso às tecnologias ARV produz para a homossexualidade moderna uma consciência nova que decorre da simetrização entre o cuidado de si e o regime de substâncias em questão. O exemplo cultural e histórico da farmacontologia gay, no contexto de introdução da Prep nas políticas de gestão da sexualidade e expansão recente do chemsex (sexo com substâncias), é hoje um caso crítico para a Saúde Coletiva, por seu alcance contemporâneo nas práticas, e também pela possibilidade de renovar as teorias sobre o corpo e reorganizar os princípios epistêmicos e metodológicos de abordagem sobre a vida e sobre o cuidado.

Palavras-chave: corpo, cuidado, parentesco, alimentação, substâncias

Entre agenciamentos e hackeamentos: Percepções sobre vivências de pessoas trans e/ou travestis atuantes dentro dos campos da biomedicina e da saúde

Lu Schneider Fortes (Universidade de São Paulo)

Mestrando em Saúde Pública (Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo)

Muitos estudos sobre transgeneridade dentro das áreas da biomedicina e ciências da saúde ainda tratam de questões estigmatizadas e/ou patologizantes acerca das vivências de pessoas trans e/ou travestis (MUJICA, 2019), colocando-as, muitas vezes como objetos de estudo (POKAROPA, 2020). Como uma forma de hackear esses campos e buscar por autonomia no desenvolvimento de seus próprios saberes, pessoas trans e/ou travestis que atuam nos campos da biomedicina e saúde disputam e (re)constróem esses espaços. Logo, esse trabalho se dispõe a analisar como profissionais de saúde que são pessoas trans e integrantes da Associação Brasileira Profissional pela Saúde Integral de Travestis, Transexuais e Intersexos (ABRASITTI) compreendem e (re)constróem seus corpos e suas produções de saberes dentro desses campos. Através de um trabalho de campo etnográfico, que conta com entrevistas e participações em reuniões online, esse trabalho traz percepções iniciais minhas como pessoa trans, biomédico, profissional de saúde e integrante da ABRASITTI sobre narrativas, vivências, trocas e agenciamentos coletivos e de construção em saúde por essas pessoas.

Palavras-chave: transgeneridade, saúde, biomedicina, agenciamentos

Performando corpo paisagem-coletivo: do controle ao cuidado na coprodução da Diabetes Mellitus Tipo 1 (DM1) durante a pandemia de covid-19

Júlia Mistro Rodrigues (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestranda em Antropologia Social (PPGAS-UFRGS)

Práticas terapêuticas de gestão glicêmica do sangue através da terapia hormonal quando orientadas pelo controle ou pelo cuidado, embora não necessariamente difiram entre si, coproduzem realidades sociais e corporalidades particulares distintas. No início da pandemia de Covid-19 pessoas diagnosticadas com DM1 foram categorizadas como parte do “grupo de risco” a partir da justificativa de estarem mais sujeitas à óbito em caso de infecção que pessoas sem o diagnóstico, que é feito tendo como base um valor específico da concentração de glicose no sangue. Como DM1, durante o primeiro ano da pandemia alterei drasticamente meu tratamento, mas orientando minha manipulação diária desse nível de concentração no meu sangue na busca de produzir o mesmo valor numérico de uma pessoa não diagnosticada como um modo de, segundo sugerido em consulta médica, “sair do grupo de risco” – deixando em segundo plano, neste primeiro momento, o meu próprio bem-estar (psíquico, emocional) e de minha comunidade. A partir de uma autoetnografia das minhas práticas terapêuticas cotidianas de gestão glicêmica (a terapia de administração hormonal de insulina e monitorização glicêmica

contínua via escaneamento do tecido intersticial alinhadas com contagem em gramas de macronutrientes – carboidratos, proteínas e gorduras –, gasto energético físico e variação hormonal cíclica incerta) neste contexto pandêmico específico, surgiram algumas inquietações (vitais): como se manifesta na minha prática situada a diferença entre cuidado e controle? Ainda: quais as implicações de uma e de outra no imbricamento entre o individual e o social? E principalmente: quais as possibilidades de alianças plurais e formas alternativas de se fazer, pensar e viver minha própria doença sob o capitalismo tecnocientífico? Sob a luz dos estudos feministas da antropologia da ciência e tecnologia e das teorias feministas decoloniais e interseccionais, num segundo momento alterei mais uma vez o modo de condução da minha gestão terapêutica, assim como tracei possíveis respostas às minhas próprias indagações: enquanto o controle aponta para uma escolha pelo aprimoramento numérico, tendo a culpa individual como aprisionamento de uma identidade excluída via "estigmatização", o cuidado enquanto processo árduo, interativo, atento e aberto que abre mão do controle, usufrui da responsabilidade coletiva e da ética amorosa de coprodução de um corpo paisagem.

Palavras-chave: cuidado, diabetes tipo 1, autoetnografia, teoria feminista

Tempos, Fazeres e Cuidados. Intervenções nos partos institucionais e domiciliários na região de Buenos Aires

Lucrecia Raquel Greco (Programa de Pós-Graduação em Antropologia - Universidade Federal da Bahia)

Doutora em Antropologia - UBA (Argentina)

Indagaremos de maneira crítica a prática de intervenções de rotina e cuidados realizadas nos partos institucionais e partos planejados em domicílio no contexto da cidade de Buenos Aires e região metropolitana. Baseada em diálogos com parteiras que trabalham em ambos os tipos de parto, e desde um standpoint centrado nas agências corporais das pessoas parturientes, focaremos no uso de oxitocina sintética, anestesia e nas intervenções na temporalidade dos processos fisiológicos. Consideraremos as agências des parturientes/nascentes assim como des acompanhantes, instituições e substâncias envolvidas na produção dos nascimentos humanos urbanos da região. Nossa perspectiva crítica visa relaxar e oxitocinizar criticamente nossas percepções do corpo assim como desanestesiarmos nossos agenciamentos e contracolonizar nossos modos somáticos de atenção.

Palavras-chave: partos humanos, intervenções, antropologia do corpo

#### **Sessão 4: Redes, capturas, levantes**

Moderadora: Maria Paula Prates

Debatedora: Valéria Macedo

A cura da T/terra: cosmopolíticas ameríndias contra o fim do mundo

Júlia Otero dos Santos (Programa de Pós-Graduação em Antropologia - Universidade Federal do Pará)

Doutora em Antropologia - PPGA/UFPA

Essa comunicação apresenta reflexões oriundas do projeto Cosmopolíticas da T/terra: a política ameríndia contra o fim do mundo, coordenado por mim na Universidade Federal do Pará (UFPA). O impulso para o projeto foi a intervenção contundente e cada vez mais frequente de lideranças, pensadores, intelectuais e artistas indígenas no debate público atual em torno, de um lado, da defesa de seus territórios (da terra) e, de outro lado, da defesa do planeta (da Terra) no contexto do novo regime climático (Latour 2020) em que vivemos todos/as. A partir da aproximação dos discursos indígenas, tomados em sua multiplicidade e materializados em diversos suportes (vídeos, textos, intervenções artísticas, podcasts, filmes, lives, debates), procuro mostrar como a noção de cura aparece como uma categoria importante para a ação política ameríndia contemporânea e para o estabelecimento de alianças com não indígenas. Mobilizada especialmente por mulheres, a cura associa-se principalmente a uma crítica ao modo predatório de relação com a T/terra estabelecido pelo povo da mercadoria (Kopenawa e Albert 2015). Negando uma separação entre corpo, espírito e território, como anunciaram as mulheres indígenas em marcha em 2019 e como vem insistindo particularmente Célia Xakriabá, a cura do corpo passa por uma cura da T/terra, isto é, pelo que vem sendo descrito como a promoção de relações de composição, diplomacia, atenção e cuidado com os múltiplos seres que povoam os lugares.

Neste sentido, a cosmo-política ameríndia, como já observado por diversos/as autores/as, passa necessariamente por uma política do cuidado ou da consideração (Kelly e Matos 2019) em um mundo povoado por sujeitos humanos e não humanos. É reivindicando a T/terra como espírito, parente, evento e lugar que diversos/as atores/as indígenas se colocam na vanguarda mundial da criação de modos de viver, habitar e existir com outros-que-humanos, um *dever-com* outras espécies (Haraway 2016) em tempos de fins de mundos e de ultra-mercantilização de tudo que compõem um território. Neste movimento, instaura-se uma diplomacia – ou um modo político do parentesco (Coelho de Souza 2020) – que arregimenta alianças bem como produz mal-entendidos, acordos pragmáticos e alguma esperança.

Palavras-chave: cura, terra, política do cuidado, capitalismo

Perspectiva indígena do cuidado a partir do território

Tiago Nhandewa (Universidade de São Paulo)

Mestre Antropologia Social - PPGAS/USP

Estamos conectados com os nossos territórios há muito tempo. Podemos afirmar sem sombra de dúvidas, que o território está em nós, e nós estamos nele, é um elo umbilical, como a mãe e o filho. É através dele que buscamos a cura para qualquer “mal ou mau”. Nós cuidamos dele e ele cuida de nós – “pelo menos deveria ser assim” -, são cuidados recíprocos, fraternal e umbilical. A partir do momento em que viemos ao mundo, tudo que é inerente a nossa existência vem dele, e é nele também que vamos receber os distintos cuidados. O cuidado com o corpo, com a mente e com o espírito. Os povos ameríndios por meio de suas tecnologias e práticas de cuidados ancestrais com a saúde, sempre demonstraram que é preciso uma harmonização entre o território e os seres que habitam nele. O que queremos mostrar nesta breve reflexão é a relação do território e os cuidados com a saúde dos nossos corpos, mentes e espíritos. Ainda sobre território como um dos temas mais atuais no contexto das lutas dos Povos indígenas pelos seus direitos em “tempos tão nefastos”, trouxe um pensamento para nos ajudar a compreender a ligação entre saúde e território, “Não é possível falar de saúde indígena sem falar de território. Os corpos indígenas são parte de seu território, seus territórios são parte de seus corpos.” (Fideles e Gibram 2020: 93). Outro conceito sobre a importância do território para com a saúde, podemos verificar por meio da ótica Guarani. De acordo com Nhandewa (2020: 131-132), para desenvolver o ser Guarani, e o tekó porã (bem-viver) é preciso do território. Como vimos até aqui o território é primordial para que se tenha uma saúde de qualidade, e tudo começa pelo cuidado (os), seja com o corpo, com a mente e com o espírito.

Palavras-chave: território, cuidados, corpos, saúde, povos indígenas

Batalha dominação: acuirromabamentos no largo São Bento-SP

Lais Gomes Borges (Diaspórica Consultoria)

Mestre em Ciências Sociais - UNIFESP

O presente texto se volta para a “Batalha Dominação”, uma roda de rima protagonizada por mulheres e cujo nome surgiu a partir da aglutinação do verbo “dominar” com os substantivos “mina” e “ação”, mas que também tem como público central pessoas não-binárias e gênero dissidentes. Até o ano de 2019 a batalha ocorria regularmente no Largo da São Bento, região central da cidade de São Paulo, mas desde a pandemia de COVID-19, tem sido realizada virtualmente. Legadas do movimento hip-hop, as batalhas de freestyle são divididas em duas modalidades: sangue e conhecimento. A primeira consiste em desafios entre MCs responsáveis por criar versos livres que provoquem de forma depreciativa seu adversário e na segunda

categoria, as MCs discorrem sobre um tema sugerido pelo público ou pela organização da batalha, se destacando quem expressa melhor o conhecimento sobre a temática proposta. Desde 1980 essas manifestações produzidas pela cena hip-hop foram reconhecidas como expressões protagonizadas majoritariamente por homens cisgênero heterossexuais, no entanto, nos últimos quinze anos a participação de mulheres e pessoas LGBTQIA+ vem crescendo expressivamente nesse cenário, a exemplo da “Batalha Dominação”. A referida batalha se destaca na cena hip-hop por sua capacidade de reunir corporeidades e experiências historicamente marginalizadas e também por favorecer alianças e redes de cuidado e afeto para além dos marcadores identitários. Com isso, tramas de relações e solidariedade são tecidas como alternativas aos segmentos tradicionais do movimento hip-hop, e com elas as possibilidades de minimização das condições precariedade a que são expostos seus participantes.

Palavras-chave: batalha dominação, acuirloabento, gêneros dissidentes, redes de cuidado

Prisioneiras das Incertezas: mulheres nos arredores do cárcere enquanto operadoras de mercado e cuidado.

Thamires Luz Chikadze (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestre em Sociologia Política - UFSC

Em diálogo com as atuais pesquisas em prisão que compreendem a instituição como produtora de múltiplos circuitos nos posicionamos em uma localização geográfica: o extremo oeste paulista; a fim de descrever a movimentação de mulheres visitantes de prisões masculinas, incorporadas na categoria nativa mulheres de presos, desde a óptica da sociologia dos mercados no que traz de reflexão referente à economia do cuidado. Por outro lado, a atual economia política do fenômeno do encarceramento em massa dialoga com as premissas referentes aos mercados contestados colocando em circuito objetos e relações passíveis de controvérsias morais. O argumento desta pesquisa, seguindo de perto Zelizer, é o de que o apelo ao cuidado é o elemento que dá significado à circulação de mulheres e os bens que as acompanham nas dinâmicas de mercantilização nos arredores do cárcere.

Palavras-chave: encarceramento em massa, mulheres, economia, cuidado

Por dentro das periferias: interseccionalidade e redes sociotécnicas de cuidado durante a pandemia de covid-19 em São Paulo

José Miguel Nieto (Universidade de São Paulo)

Doutor em Antropologia Social - UFRGS

Maria Fernanda Paiva Gonçalves dos Santos (Universidade de São Paulo)

Graduanda em Saúde Pública - USP

Este trabalho tem por objetivo apresentar a construção e mobilização de redes sócio-técnicas de cuidado por parte do coletivo “Nós, mulheres da periferia”, na cidade de São Paulo, no marco da pandemia de Covid-19. Este coletivo é formado por 6 mulheres jornalistas e atua na produção e disseminação de conteúdos produzidos a partir de uma perspectiva de mulheres, cuja produção editorial é focada na intersecção de gênero, raça, classe e território. Durante o primeiro ano da pandemia no Brasil elas produziram o podcast “Conversa de Portão” e diversos conteúdos enfatizando o agravamento da desigualdade social bem como a formação e/ou fortalecimento de redes de cuidado em populações vulnerabilizadas. Em 2021, passaram a publicar também dicas culturais, conteúdos visando o bem estar da saúde. Metodologicamente, a pesquisa em curso é híbrida online-offline, priorizando inicialmente a pesquisa online (site e facebook do coletivo) o que desafia a abordagem etnográfica inicialmente pensada. Atualmente estamos abrindo os caminhos para encontros presenciais com as jornalistas, suas redes e espaços de trabalho. Nessa apresentação buscamos fazer um pivô nos alimentos, para entender melhor formas, agentes e naturezas desta rede sócio-técnica. Alimentos, alimentação, insegurança alimentar e cadeias de produção ocupam um lugar importante nos conteúdos do Coletivo. Um alimento pode ser um ator dentro de uma rede sociotécnica pois constituiu-se como um elo de ligação entre outros atores como mulheres dos assentamentos e acampamentos do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) localizados nas bordas da cidade e famílias que estão em insegurança alimentar principalmente nas periferias da Região Metropolitana de São Paulo. Smartphones, tablets também se constituem como atores visto que são instrumentos de comunicação dentro dessa rede sociotécnica que se estrutura por meio da distribuição de cestas de alimentos orgânicos realizada pela Cooperativa Terra e Liberdade. Alimentos, conhecimento, resistências e organização sócio-técnica contra formas necropolíticas e racistas nos levam a pensar formas éticas e políticas que podem encontrar reflexo em ideias sobre quilombismo um em ancestralidades africanas (ubuntu, por exemplo).

Palavras-chave: cuidado, tecnologias, interseccionalidades, políticas ontológicas, contra-colonialidade

## **ST25 Encontro de Saberes: Transversalidades e Experiências**

Isabel Santana de Rose  
Universidade Federal de Alagoas (PPGAS/UFAL)  
belderose@gmail.com

Edgar Rodrigues Barbosa Neto  
Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG)

Marina Guimarães Vieira  
Departamento de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Retomando discussões iniciadas durante a VI ReACT, este seminário pretende reunir diferentes reflexões de natureza etnográfica, político-pedagógica e epistemológica tendo por objeto as experiências de “encontro de saberes” em contextos acadêmicos, englobando ao menos três tipos de iniciativas: 1) as direcionadas para a inclusão de mestres e mestras do conhecimento tradicional como professores; 2) aquelas em que os(as) estudantes tiveram acesso à universidade por meio de políticas de ação afirmativa ou vestibular diferenciado; 3) aquelas em que os(as) estudantes estão matriculados(as) em cursos de natureza intercultural, incluindo licenciaturas indígenas e quilombolas, entre outros. Nosso objetivo central é examinar as consequências desses encontros sobre as práticas de conhecimento e as formas de organização acadêmicas, e os diferentes modos em que esses encontros são implementados por seus participantes nos contextos fora da universidade. O debate em torno dos “riscos” implicados nesses encontros é parte fundamental da proposta: de um lado, um “verticalismo hierarquizante”, que apenas inverteria a posição respectiva de saberes acadêmicos e não acadêmicos; de outro, um “horizontalismo democratizante”, supondo que as relações entre esses saberes são de mera equivalência e que, no fundo, as diferenças não importam. Nesse sentido, nossa sugestão é um esforço para pensar a relação entre saberes heterogêneos enquanto heterogêneos numa experiência de “transversalidade criativa”.

Palavras-chave: encontro de saberes, transversalidade, conhecimentos tradicionais, práticas epistemológicas, processos de aprendizagem

## Sessão 1

Comentador: Edgar Rodrigues Barbosa Neto

Saberes e fazeres do povo de axé na universidade

Isabel Santana de Rose (PPGAS/UFAL)

Doutora em Antropologia Social - UFSC

Minha proposta neste trabalho é abordar a experiência da Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG partindo principalmente de uma das disciplinas oferecida neste programa: “Catar folhas, saberes e fazeres do povo de axé”. Esta disciplina contou com duas edições, em 2016 e 2017, e foi ministrada por três e mestras e um mestre, todos negros, ligados a diferentes vertentes de religiões afrobrasileiras no estado de Minas Gerais: Mametu Muiandê ou Mãe Efigênia Maria da Conceição, do quilombo Manzo Ngunzo Kaiango (Belo Horizonte); Pedrina Lourdes dos Santos, capitã da Guarda de Massambique de Nossa Senhora das Mercês (Oliveira); Iyanifá Ifadara ou Nylsia Lourdes dos Santos, do Ilê Asé Asegún Itèsiwajú Aterosún (São José da Lapa); e Pai Ricardo de Moura, da Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente (Belo Horizonte). A disciplina foi aberta para alunos e alunas de todos os cursos de graduação da UFMG; em sua segunda edição também foi aberta para alunos(as) de pós-graduação e para professores(as) da rede pública de Belo Horizonte. Procuro abordar aspectos como os espaços onde as aulas acontecem e seus desdobramentos; as relações e tensões entre os mestres dos saberes tradicionais e as burocracias acadêmicas; como presença de mestres(as) negros em sala de aula evidencia o caráter excludente, branco e eurocêntrico da universidade, ao mesmo tempo que aponta para possíveis linhas de fuga; a questão dos atores não humanos e seu papel central nas cosmovisões afro-brasileiras; e algumas questões preliminares sobre as relações entre antropologias e negritudes. Em um contexto de ataques à educação e à universidade pública, o texto pretende refletir sobre a importância das políticas de ações afirmativas; da presença dos mestres e mestras dos saberes tradicionais; e dos conhecimentos e epistemologias afro e indígenas nas universidades brasileiras.

Palavras-chave: Encontro de Saberes; ações afirmativas; religiões afrobrasileiras; saberes tradicionais

Diferença e desconcerto: Como cultivar modos de viver mais democráticos na universidade?

Elisa Sampaio de Faria (Universidade Federal de Minas Gerais)

Doutora em Educação / UFMG

Ana Maria Rabelo Gomes

Doutora em Educação / UFMG

Na tese *Confluências de axé nas instituições científicas: acontecimentos para pensar práticas de conhecimento*, Faria (2020) realizou o exercício de criar associações parciais entre as ciências e os terreiros de axé. As associações foram propostas com a intenção de que os modos de viver relacionados aos terreiros de axé e às ciências pudessem, reciprocamente, provocar pensamentos sobre seus mundos e suas práticas, gerando desconforto em nosso modo de pensar a prática das ciências. A trajetória dessa pesquisa se iniciou em cursos do programa Encontro de Saberes, ação que leva o nome de Formação Transversal em Saberes Tradicionais na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Prosseguimos com o exercício exploratório realizado por Faria (2020) ao criar conexões transversais entre cenas de campo com comunidades de terreiros de axé e narrativas de eventos que aconteceram em contextos acadêmicos, isto é, entre a cena de uma aula de Mametu Muiandê e Makota Kidoialê no curso “Catar folhas” na UFMG, a história do encontro entre Freire e hooks (hooks 2019) em um seminário na Universidade de Santa Cruz, Califórnia, e a história que se passou em uma oficina com cientistas ambientais e aborígenes Yolngu na Austrália remota (Verran 2013). Oportunamente, conectamos essas cenas a elaborações teóricas de Stengers, Latour e Goldman, buscando avançar nas explorações sobre as maneiras de imaginar diálogos e criar novas alianças dentro do nosso coletivo de praticantes das ciências e entre nosso coletivo e os muitos mundos diferentes do mundo das ciências. Ao associar transversalmente as três cenas, dialogamos com a ideia de “desconcerto epistêmico” descrita por Verran (2013: 144). O cultivo do desconcerto epistêmico pode trazer à consciência as práticas de conhecimento mais arraigadas em nosso ethos de praticante das ciências. Pode nos permitir que práticas sutis, naturalizadas e corriqueiras sejam levadas para análise. Pode provocar uma perturbação relacionada ao nosso comportamento descuidado e desatento. As associações que criamos entre as narrativas e as elaborações teóricas estão longe de abranger uma totalidade. Entretanto, as associações transversais nos permitiram desenvolver um pensamento sobre o cultivo do desconcerto epistêmico para criar práticas mais democráticas na universidade, práticas que respondam às exigências de outros mundos, se abram a mais pessoas para que a gente possa, em um vasto esforço coletivo, cultivar novas alianças.

Palavras-chave: encontro de saberes, Candomblé, desconcerto epistêmico, etnografia cosmopolítica

O povo das matas na rede do terreiro: firmando o ponto para os Caboclos da umbanda e da quimbanda

Jean Filipe Favaro (Universidade Tecnológica Federal do Paraná)

Doutorando e Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável

Hieda Maria Pagliosa Corona (Universidade Tecnológica Federal do Paraná)

Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento/UFPR

João Daniel Dorneles Ramos (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutor em Antropologia Social/UFRGS

Este trabalho tem por objetivo analisar as relações dos coletivos afroreligiosos com os actantes Caboclos. A etnografia que compõe esse escrito é oriunda dos estudos que ocorrem no terreiro Abaça de Oxalá, que é composto pelo cruzamento das linhas de quimbanda, umbanda e candomblé, dirigido pelo Pai Aldacir de Oxaguiã, localizado em Pato Branco-PR. O local é campo de estudos etnográficos desde o ano de 2016 até a data presente. Além da etnografia afroreligiosa, essa pesquisa é alicerçada pela Teoria Ator-Rede com diálogos com a Filosofia da Diferença e a Perspectiva Decolonial. Os Caboclos são mestres espirituais indígenas que se manifestam nos lados da umbanda (linha da direita) e quimbanda (linha da esquerda), e trazem o devir-indígena na pessoa afroreligiosa, por meio dos seus nomes (Guaraci, Tupinambá, Jurema, entre outros), das incorporações nos médiuns, dos seus pontos cantados e riscados, dos saberes transmitidos, do agenciamento dos vegetais, e de múltiplas formas que territorializam a floresta dentro dos terreiros. No Abaça de Oxalá a linha dos Caboclos também é nominada de povo das matas, e na umbanda é regida por Oxóssi, cujos entes cruzam suas presenças nas giras (sessões espirituais) com outras linhas, como a dos Pretos-velhos, falangeiros de Ogum e Orixás nagôs. Na quimbanda esse povo emerge pela identificação de Caboclos quimbandeiros, ou Exus e Pombas-giras das matas, e são regidos pelo Exu Pantera Negra. Também existem Caboclos que podem transitar entre os lados (direito e esquerdo), tal como, por exemplo, o Caboclo Arranca-Toco, Cobra-Coral e Treme-Terra. Entendemos o terreiro como um ponto de encontro das diferenças, uma encruzilhada que exprime resistência e multiplicidade, de movimentos desterritorializantes e (re)territorializantes, destacada pelo modo multidimensional de entrar em conexão com formas cosmo-ontológicas diferentes. Essa encruzilhada é aberta para o povo das matas firmar seu ponto em aliança/cruzamento com outros povos (das almas, das águas, da encruzilhada, entre outros) da rede do terreiro, promovendo bem-estar e curas com memórias, saberes e práticas ancestrais que são atualizadas pelos trabalhos. Nessa conjuntura, a presença indígena dos Caboclos fomenta a fuga do “rosto” branco impresso na lógica colonial presente no município, imerso em narrativas intolerantes e higienistas, que invisibiliza e/ou apaga a memória e os saberes inscritos nos fazeres das populações não ocidentais que nele habitavam e habitam.

Palavras-chave: Caboclos, povo das matas, umbanda, quimbanda, encruzilhada

## Sessão 2

Comentador: Antônio Bispo dos Santos

Notório Saber para os(as) mestres(as): caminhos para o reconhecimento institucional dos saberes tradicionais

Bruno Goulart (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB)

Doutor em Antropologia Social – UnB

Recentemente, temos visto nas universidades públicas brasileiras o reconhecimento institucional dos mestres e mestras dos saberes tradicionais, por meio do título do Notório Saber. Esse movimento está relacionado à disseminação dos conceitos de mestres e mestras nas políticas culturais e ao surgimento de projetos e propostas de inclusão epistêmica no ensino superior. Este artigo apresenta um levantamento e reflexão inicial sobre esse processo, procurando contextualizar e refletir sobre os caminhos que algumas universidades têm adotado para reconhecer os mestres e mestras com o Notório Saber. Ao final, será feita uma exposição sobre a experiência da resolução do Notório Saber em Artes, Ofícios e Cosmologias Tradicionais na UNILAB e sobre as particularidades desse processo numa universidade com apenas uma década, com foco na internacionalização e interiorização e com sede e campi em estados, Ceará e Bahia, com políticas pioneiras voltadas para os mestres e mestras.

Palavras-chave: mestres(as) dos saberes tradicionais, notório saber, universidade pluriépistêmica, UNILAB

ACCS Conexões Afropindorâmicas: reflexões sobre protagonismo feminino, atividades on line e remuneração de detentoras(es) de conhecimentos extra-acadêmicos.

Marina Guimarães Vieira (Departamento de Antropologia e Etnologia UFBA)

Doutora em Antropologia (Museu Nacional)

Hyndra Lopes (Universidade Federal da Bahia)

Graduanda em Ciências Sociais UFBA

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a realização de algumas edições da “Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS) Conexões Afropindorâmicas”, oferecida na UFBA. Trata-se de uma atividade de extensão curricularizada como disciplina optativa para vários cursos de graduação e pós-graduação. Busca-se aproximar a UFBA de comunidades/sociedades/movimentos e grupos sociais através da recepção, nos espaços de ensino, pesquisa e extensão, de mestras e mestres detentores de conhecimentos extra-

acadêmicos, que algumas vezes são trazidos simultaneamente de modo acadêmico, como é o caso de convidada(os) indígenas, candomblecistas, quilombolas, entre outras(os), que atuam como pós-graduandos(as) e/ou docentes. Em 2021, a ACCS, trouxe como diferencial a ênfase em feminismos, pluriversidades e interseccionalidades, além de ser realizada em AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem). Assim, elencamos três pontos principais de reflexão: 1) Discussões acerca do conceito de femininismo entre mulheres que nem sempre optam por esta rubrica para descrever seus modos de protagonismo, e os efeitos da participação majoritária de mestras nas aulas de ACCS. 2) Os efeitos da realização da ACCS em AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem). 3) As discussões trazidas por mestres/as, estudantes, docentes e ouvintes acerca da necessidade de remuneração de detentores(as) de conhecimentos tradicionais convidados(as) a participar de atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave: ambiente virtual de aprendizagem, feminismos, remuneração

### **Sessão 3**

Comentadora: Marina Vieira

A “escrita da cultura” na produção acadêmica Xakriabá

Ana Paula Santos Rodrigues (Museu Nacional/UFRJ)

Doutoranda em Antropologia - Museu Nacional/UFRJ

Desde 2005 a Universidade Federal de Minas Gerais instituiu entre seus programas de graduação o FIEI- Formação Intercultural para Educadores Indígenas, que visa à formação de professores em quatro habilitações: Ciências da vida e da natureza; Matemática; Letras, Artes e Literatura e Ciências Humanas e Sociais. Até o momento já participaram do programa estudantes dos povos Pataxó, Pataxó Hã Hã Hãe, Guarani, Maxakali, Krenak e Xakriabá. Este ensaio discorre sobre a produção acadêmica de professores/estudantes Xakriabá no programa, de modo a compreender quais inovações teóricas, metodológicas e estilísticas estes pesquisadores produzem na academia ao escrever sobre seu povo.

A produção analisada corresponde a quatro anos, de 2016 a 2019, e compreende as quatro habilitações oferecidas pelo FIEI. Foram abarcados 35 trabalhos de conclusão de curso (TCCs), de modo a traçar um panorama desses quatro anos. Para uma análise mais detida, focalizamos 12 trabalhos, escolhidos por abordarem diretamente a cultura ou tradição Xakriabá e expressarem como um de seus objetivos contribuir para sua manutenção.

Estudos já clássicos apontam para o papel da escrita etnográfica nas invenções e disputas que envolvem o conceito de cultura, porém pouco foi realizado no intuito de compreender as especificidades da escrita etnográfica realizada por acadêmicos indígenas, o que constitui uma lacuna a ser preenchida, especialmente no Brasil, onde a produção acadêmica indígena está em

expansão. Embora nenhum dos trabalhos abordados neste ensaio contenha a palavra etnografia e a maioria não reivindique uma conexão direta com a Antropologia, todos utilizam métodos desenvolvidos pela disciplina e oferecem reflexões importantes em temas caros a ela, como os conceitos de cultura e tradição, a autoridade etnográfica e a escrita da cultura, o que aponta para a produtividade de se estabelecer um diálogo entre a teoria antropológica e a produção acadêmica Xakriabá.

Palavras-chave: Povo Xakriabá, cultura, escrita etnográfica, FIEI

Transversalidade e linguagens: experiências em licenciaturas indígenas

Amilton Pelegrino de Mattos (Universidade Federal do Acre - UFAC - Floresta)

Doutorando em Antropologia - IFCS/UFRJ

Roberta Paredes Valin (Universidade Federal do Amazonas)

Mestra em Filosofia - UFAM

Esta apresentação consiste em uma reflexão sobre a experiência de “encontro de saberes” baseada em nossa atuação como professores e pesquisadores em licenciaturas indígenas situadas na região norte do país (Amazonas e Acre). Desde a perspectiva das áreas e habilitações Linguagens e Artes (Licenciatura Indígena – Ufac - Campus Floresta) ou Letras e Artes (Curso de Formação de Professores Indígenas – FAGED/Ufam) essa reflexão busca considerar o movimento e a articulação entre as atividades de sala de aula e as práticas de pesquisa desenvolvidas pelos acadêmicos junto às suas comunidades, incluindo as pesquisas monográficas que são requisitos para a conclusão do percurso nessas licenciaturas. Visando refletir sobre os riscos do “verticalismo hierarquizante” e do “horizontalismo democratizante” e, assim, pensar a transversalidade compreendida como relação entre saberes heterogêneos enquanto heterogêneos, pretendemos apresentar reflexões sobre experiências nessa zona de vizinhança em que emergem e se relacionam diferentes concepções de linguagem e aprendizagem. Desde esse campo de forças, a reflexão incide sobre as relações de captura e contracaptura que se evidenciam ora da parte dos procedimentos e dispositivos de “formação” da universidade, ora a partir (da apropriação) das práticas de pesquisa e escrita desses acadêmicos e suas comunidades.

Palavras-chave: licentura indígena, linguagens, arte, transversalidade

O objeto fílmico "Apyãwa (Tapirapé): Iraxao rarywa" e o que pode ser uma direção cinematográfica coletiva?

Yrywaxã Tapirapé (Universidade Federal de Goiás)

Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS/UFG

Vandimar Marques Damas

Doutor em Artes e Cultura Visual pelo PPGACV Fav UFG

Luís Otávio Mendonça de Oliveira

Bacharel em ciências sociais pela Fafich UFMG

Paula Grazielle Viana Dos Reis

Doutora em antropologia social pelo PPGAN Fafich UFMG

Apyãwa (Tapirapé): Iraxao Rarywa é um objeto fílmico, média-metragem de 44 minutos, posto em circulação pela primeira vez de forma online no 24<sup>a</sup> forumdoc.bh.2020 - Festival do Filme Documentário e Etnográfico. Mas também, é um filme documentário e etnográfico. Este filme documentário já circulou em mais dois festivais de cinema em 2021, a saber, o 8<sup>o</sup> Festival Internacional de Cinema Indígena Cine Kurumin e o 5<sup>o</sup> festival ecrã: experimentações audiovisuais. É importante mencionar que essa experiência cinematográfica perpassou ações compreendidas como do âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão universitária. Então, o objetivo deste trabalho é apresentar um relato etnográfico escrito por oito mãos desta experiência cinematográfica e universitária de forma que aponte algumas avaliações desta direção cinematográfica coletiva, uma vez que articulou quatro diretores na época discentes e/ou recém egressos da graduação e da pós-graduação das grandes áreas do conhecimento, a saber, Ciências Humanas e Artes.

Palavras-chave: Iraxao rarywa, cinematográfica, etnografia.

#### **Sessão 4 e roda final de conversas sobre os trabalhos**

Comentador: José Jorge de Carvalho

Encontro de Saberes: entre (des)entendimentos e confluências

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutora em Letras (UFRGS)

Carla Beatriz Meinerz (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutora em Educação/UFRGS

Cláudia Luisa Zeferino Pires (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutora em Geografia/UFRGS

Eráclito Pereira (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestre em Patrimônio Cultural/UFSM

Luciana Prass (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutora em Etnomusicologia/UFRGS

Marília Raquel Albornoz Stein (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutora em Etnomusicologia/UFRGS

Mauro Silveira de Castro (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutor em Medicina/UFRGS

Rumi Regina Kubo (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutora em Antropologia Social/UFRGS

Ao longo dos cinco anos de sua realização na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a interdisciplina Encontro de Saberes tem sido experimentada como um empenho multidisciplinar na direção de diálogos, mas também de tensões, dadas as possibilidades transformadoras das epistemologias de Mestras e Mestres de matrizes não ocidentais, a saber, negras, indígenas, tradicionais. Os processos de comparação e (des)entendimentos são, tendo em vista a natureza polímata desses sujeitos, construídos sob modos multidimensionais. Se, entre pessoas, o postulado das diferenças convive com demandas por igualdade, os aparatos da instituição estruturam linguagens e códigos que hierarquizam saberes, processos e pessoas, o que exige mediações, recuos, táticas. De um ponto de vista antropológico, nas relações tradutórias entre as culturas, dada a distância entre elas, muitas vezes se forma um vazio intertextual e contextual, sendo então possíveis tanto gestos de respeito como equívocos (Viveiros de Castro 2004). Postos os desafios de mediar esses encontros com “outros”, ou mesmo de politizar os lugares e tornar a Universidade e seus protocolos um “outro” entre outros, um dos maiores desafios tem sido efetivamente experimentar nas aulas as confluências das

práticas de povos politeístas, territorializados e de colaborações circulares, ou seja, transformar divergências em diversidades, e na diversidade atingir a confluência das experiências (Santos 2019). A escuta e o exame de criações e produções de estudantes que participaram dessa atividade de ensino desde 2016 foram o ponto de partida para dirigir nosso olhar para a capacidade de estudantes e docentes serem afetados em sua compreensão e convocados a deslocamentos, com todos os riscos que isso traz. Uma hipótese para tal tem sido a efetividade da experiência do sensível e do “fazer junto” na transformação do pensamento e do agir no mundo sob modos menos predatórias e de partilha. O que nos leva a refletir sobre as formas sensíveis de transmissão e a própria assimetria que se estabelece entre arte e ciência, no âmbito da academia. Na formulação do sentipensar (Escobar 2014), os territórios são contextualizados a partir dos grupos e povos que mantêm relacionalidade epistêmica e ontológica com seu entorno, incluindo elementos não humanos, de mundos acima e abaixo, que efetivam lutas não só pela terra, mas pelos símbolos e significados, uma luta cultural.

Palavras-chave: Encontro de Saberes, confluências, equívocos, fazer junto, sentipensar

“Outros” saberes e “outros” destinos?: Potências e perigos na trajetória de estudantes trans\* em universidades públicas

Brume Dezembro Iazzetti (HIPS/CEU)

Mestra em Antropologia Social - UNICAMP

Resultado do projeto de mestrado “Existe ‘universidade’ em pajubá?: Transições e interseccionalidades no acesso e permanência de pessoas trans\*” (financiada pela FAPESP e vinculada ao PPGAS/UNICAMP), esse paper tem como foco os modos como estudantes trans\* em universidades públicas brasileiras relataram sua presença nesses espaços institucionais e sua inserção em pesquisas acadêmicas entre o que denomino de “potências” e “perigos”. Enquanto, de um lado, são enfatizadas as potencialidades dessas experiências enquanto possíveis fontes de conhecimento e da possibilidade de transformação, a partir desses corpos, desses espaços, de outro, os relatos trazem os riscos e armadilhas de possíveis cristalizações e “Outrizações” dessas trajetórias e saberes. Como plano de fundo, o paper traz os modos como a trajetória de Matheusa Passareli (estudante trans da UERJ assassinada em 2018) surgiu em campo nas tensões entre “existências, sobre/vivências e re/existências”, perpassando os campos teóricos dos transfeminismos, feminismos negros e estudos feministas de ciência.

A partir dos relatos de estudantes trans\* temos as tensões entre “potências” e “perigos” que nos levam, primeiro, a observar a reivindicação do espaço universitário e acadêmico como possíveis campos de atuação política e profissional, assim como bases importantes para transformação social e subjetiva. É necessário, ainda, se atentar ao lugar da recusa nessas trajetórias. Ao mesmo tempo, a busca pela criação e fomento de “outros” espaços se constitui em relações parciais com essa dita “ocupação”. Almejar e legitimar “outros” saberes perpassa também uma

busca por “outros” destinos, ao mesmo tempo que se aproxima de modo tenso com processos de “Outrização” em meio a relações desiguais. Atravessando questões da educação e da epistemologia, e se aproximando de discussões acerca de experiências e subjetividade, o paper versa ainda sobre o lugar da produção etnográfica na re/produção de determinadas violências, assim como indica algumas linhas de fuga.

Palavras-chave: pessoas trans, ensino superior, epistemologias feministas, subjetividade, interseccionalidade

Mulheres, culturas populares e política pública: Um estudo etnográfico e interseccional junto a mestras do Registro do Patrimônio Vivo de Alagoas (RPV/AL)

Karine de Oliveira Moura (Universidade Federal de Alagoas)

Mestranda em Antropologia Social - PPGAS/UFAL

Em meio à heterogeneidade das trajetórias de vida de mestras reconhecidas por meio do Registro do Patrimônio Vivo de Alagoas (RPV/AL) é possível observar pontos em comum. As origens em zonas rurais do estado, as migrações para regiões periféricas da capital, Maceió, o enquadramento de seus saberes e fazeres como cultura popular, os baixos níveis de escolaridade e o trabalho informal são condições vivenciadas por muitas delas. O RPV/AL consiste em uma política pública de cultura desenvolvida no âmbito da patrimonialização de bens imateriais, voltada para mestras e mestres da cultura popular e tradicional. Entre os anos de 2004 e 2021 foram contempladas 64 pessoas, que passaram a receber uma bolsa vitalícia destinada a estimular a continuidade de seus ofícios e a transmissão de seus conhecimentos. Ao realizar um estudo a partir dessa política pública pude observar de um lado a demanda por estudos acerca das relações raciais no estado de Alagoas, uma vez que a predominância do viés folclórico tem relegado o negro a um lugar de passado, de memória (Silva 2018). Por outro lado, observa-se a necessidade de utilizar a etnografia para acrescentar novas questões ao campo do patrimônio, evitando reproduzir uma lógica historicizadora já bastante trabalhada nas abordagens sobre o tema, como demonstra Gonçalves (2005). Além disso, após analisar as aproximações e distanciamentos do conceito de cultura por parte de perspectivas antropológicas, Carneiro da Cunha (2009) considera que por meio da etnografia é possível trabalhar a “cultura”, com aspas, buscando seus mais diversos sentidos. Apesar da importância destacada da etnografia, a interseccionalidade também tem se apresentado como um importante instrumento teórico-metodológico desenvolvido por feministas negras. Ainda que no contato tardio e à margem da academia, essa ferramenta tem sido essencial na análise e na abordagem das trajetórias das mestras. Ela tem me possibilitado perceber como as questões de raça, gênero e classe estão interligadas ao estudar as culturas populares. Tanto o processo de amadurecimento do meu autoconhecimento enquanto mulher negra como o viés pelo qual é abordado o encontro com as mestras sofreram seus impactos. Na busca por uma compreensão acerca de demandas e sentidos impressos por essas mulheres sobre seus conhecimentos e fazeres, tenho realizado um estudo

etnográfico e interseccional almejando acrescentar novas questões ao campo dessa política pública de cultura.

Palavras-chave: mestras, culturas populares, etnografia, interseccionalidade, política pública de cultura

## **ST26 Digitalização da vida e novas transversalidades sócio-técnicas**

Letícia Cesarino

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

leticia.cesarino@gmail.com

Paulo Fonseca

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

pfonseca@ufba.br

Leonardo Nascimento

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

O Seminário Temático visa agregar contribuições da Antropologia da Ciência e da Tecnologia, e do campo dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (ESCT) de modo mais amplo, para discussões contemporâneas sobre o avanço extensivo (espacial) e intensivo (na relação com os indivíduos) da digitalização e seus efeitos sócio-técnicos transversais. Uma das características da plataformização da internet tem sido, como vêm sendo notando, o colapso de contexto ou confusão de fronteiras entre diferentes domínios outrora organizados pelos “divisores modernos” – público e privado, fato e ficção, original e cópia, indivíduo e coletivo, liberdade e controle, espontaneidade e manipulação – e entre as esferas sociais correspondentes: ciência, política, mercado, religião, entretenimento, justiça, etc. O impacto dessas mudanças chega também à própria antropologia, no imperativo de estreitar diálogos transdisciplinares e mesmo de um retorno à sua vocação holística nos “quatro campos” (cultura, linguagem, técnica e cognição incorporada). Assim, o ST acolherá, além de trabalhos de base etnográfica e antropológica sobre os efeitos da digitalização da vida e suas formas de eficácia, experimentos transdisciplinares dentro das ciências humanas, e entre estas e saberes teóricos e metodológicos ligados aos outros campos como a ciência social computacional, psicologia, mídia, artes, teorias da guerra, cosmopolíticas indígenas e outros diálogos que contribuam para fazer jus às complexidades emergentes da plataformização e suas múltiplas ressonâncias sócio-técnicas.

Palavras-chave: mídias digitais, transdisciplinaridade, ciência social computacional, cibernética, Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia

## **Sessão 1: Mídia, imagem e subjetificação**

Digitalização da vida: a plataformização do eu como recurso de autocuidado orientado por diagnóstico algorítmico

Milena Geisa dos Santos Martins (UFRRJ)

Mestra em Ciências Sociais - PPGCS/UFRRJ

Os usos de tecnologias estão cada vez mais presentes no cotidiano social. Atualmente, incontáveis atividades são desempenhadas através de recursos digitais. Ou seja, há uma infinidade de softwares designados para: trabalho, delivery, relacionamentos, educação, transações bancárias... e autocuidado. No que diz respeito a última categoria mencionada, os números são significativos. Por exemplo, desde o ano de 2017, mais de 10.000 aplicativos orientados à saúde mental encontram-se disponíveis para download através de smartphones (Torous; Roberts 2017). No Brasil, segundo informação da Play Store, o mais utilizado é Cíngulo Terapia Guiada – com mais 1 milhão downloads. Por isso, o elegi como objeto de estudo. A respeito dele, meus objetivos são: 1) identificar as razões pelas quais os indivíduos começaram a consumir terapia digital; 2) descobrir se os dados dos usuários são protegidos ou comercializados. É importante destacar que, como percurso metodológico para entender tais questões, escolhi utilizar: 1) netnografia e entrevista, para interpretar a relação dos consumidores com o aplicativo; 2) o Plugin PoliDroidAs (Slavin et al.: 2017), para investigar se o Cíngulo cumpre todos os termos de privacidade ou se pratica Capitalismo de Vigilância (Zuboff 2015). Ademais, é importante destacar que por se tratar de um projeto de pesquisa, o presente trabalho traz questionamentos e reflexões em lugar de respostas ou resultados.

Palavras-chave: Sociologia Digital, saúde mental, aplicativo, cibervigilância, capitalismo de dados

Aprender a articular modos possíveis para seguir a experiência: reflexões a partir de uma etnografia diante de práticas cotidianas digitais

Leonardo Pastor (Universidade Federal da Bahia / Universidade Federal de Sergipe)

Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas - UFBA

Este texto toma como ponto de partida uma etnografia diante da prática de selfie, realizada durante dois anos na cidade de Salvador, para discutir modos possíveis de seguir a experiência vinculada a práticas cotidianas digitais. O objeto de estudo não foi um ambiente digital específico, ou alguma comunidade em certa plataforma, mas uma prática que se articula diferentemente em distintos espaços, envolvendo uma diversidade de afetos e entidades humanas e não humanas que compõem a experiência seguida. As observações e interações

pautaram-se por um movimento de acompanhar e envolver-me com as maneiras através das quais imagens são produzidas e compartilhadas, algoritmos são articulados e rearticulados através das ações, ou possibilidades conversacionais são reveladas – sempre através das produções de diferença situadas, em eventos desenvolvidos na prática e que formam uma experiência cotidiana de autofotografia digital. Em um diálogo com uma antropologia pensada enquanto uma prática de aprendizado, como sugere Tim Ingold, busco, a partir da vivência com este trabalho etnográfico realizado com entrelaçamentos entre redes sociais, práticas digitais, ambientes e dispositivos, produzir reflexões que auxiliem na formulação de questionamentos voltados para investigações de práticas permeadas por amplas digitalizações da vida cotidiana. Nesse sentido, testo um modo de seguir a experiência que se volta para o acompanhamento de trajetos construídos na interação entre diversos ambientes, plataformas digitais e relações. Discuto não apenas o posicionamento, enquanto etnógrafo, de me manter aberto às possibilidades do que pode surgir em campo, mas também a relação com o que Isabelle Stengers chamou de uma “ética do pensamento” na filosofia de William James: uma abertura para o possível que acolhe o acaso e refuta uma determinação e fechamento do universo, e ao mesmo tempo aponta para o nível dos efeitos, obrigando a agir e simultaneamente hesitar diante das possibilidades de experiência. Tendo como inspiração o empirismo radical de James e o pragmatismo especulativo de Stengers, coloco em questão a investigação de práticas digitais cotidianas a partir de uma contínua reconstrução das experiências, obrigando o pesquisador a hesitar diante dessas possibilidades de experiência, desacelerar, adentrar-se no cotidiano, e criar maneiras para responder às questões que emergem na prática. Ou seja: aprender a articular modos possíveis para seguir a experiência.

Palavras-chave: etnografia, pragmatismo, práticas digitais

O Futuro Chegou! A popularização dos computadores e o presentismo nos anúncios publicitários brasileiros na década de 1980.

Luiz Filipe da Silva Correia (Universidade de São Paulo)

Doutor em História Social - FFLCH/USP

Na década de 1980, os computadores pessoais começaram a se popularizar em todo o mundo e os discursos usados para promover esses equipamentos, invariavelmente, relacionava-os a um futuro irremediável e imediato. Também, nesse período, ocorreu o que o historiador François Hartog chamou de quebra no Regime Moderno de Historicidade, que era voltado para o futuro. Com essa quebra, ocorre uma fragmentação das noções de tempo e passado, presente e futuro se fundem no presentismo e o tempo passa a ser percebido como um agora infinito. Nesse contexto, os discursos relacionados aos computadores também procuravam mostrá-los como um símbolo, um agente e um instrumento dessa fragmentação. Em 1984, a Apple divulgou o seu novo computador pessoal, o Macintosh, em um comercial de TV que propunha uma releitura do famoso livro de George Orwell. Neste anúncio o computador da empresa era

apresentado como responsável pela superação da ficção e pela completa revolução no futuro imediato. Enquanto nos países ricos os computadores pessoais invadiam os lares e quartos dos adolescentes, no Brasil, os preços proibitivos faziam com que o produto fosse mais facilmente encontrado nos escritórios das empresas. Contudo, a presença destes equipamentos no imaginário social e na cultura não passou despercebida no País. Em minha fala pretendo apresentar parte dos resultados da minha tese de doutorado para discutir, pelo viés da história e da cultura material, alguns dos anúncios de computadores difundidos no Brasil nos anos 1980. Esse foi um período em que o Brasil ocupou a 5ª posição entre os maiores produtores de computador do mundo. A criação de uma indústria de informática no país foi relacionada ao imaginário de um futuro democrático e promissor que se aproximava com a redemocratização. Meu objetivo, portanto, será discutir esse futuro "diluído" no presente que era mostrado na mídia em geral, com destaque para os anúncios publicitários de computadores veiculados no Brasil no período. Os anúncios apresentavam os computadores pessoais como supostos promotores de um futuro de benesses, que já estariam ao alcance das mãos de todos. Na minha fala irei me apoiar nas reflexões dos historiadores François Hartog e Franco Berardi para mostrar que nos discursos encontrados nestes anúncios é possível perceber elementos dessa diluição do futuro no presente bem como a anulação da própria noção de futuro a partir da aceleração do tempo com o uso da tecnologia.

Palavras-chave: História, popularização do computador pessoal, regime de historicidade

Bots, algoritmos, petições e postagens revoltosas: a recepção de filmes nas redes sociais e a polêmica pública online entre fãs sobre o filme Os últimos Jedi

Thais Farias Lassali (Universidade Estadual de Campinas)

Mestre em Antropologia Social (Unicamp)

Criada por George Lucas na década de 1970, a franquia Star Wars tem sido, desde então, um dos universos narrativos mais celebrados e consumidos da indústria cinematográfica hollywoodiana. Filmes, desenhos animados, gibis, livros, fantasias, bonecos, jogos eletrônicos, brinquedos ajudaram, no decorrer dos anos, a mediar a relação dos fãs com seus personagens e histórias favoritas. Com a popularização da internet, no final da década de 1990, o contato dos aficcionados entre si e com o universo da franquia ganhou novos mediadores: fóruns, sites de fanfiction, redes sociais e plataformas de compartilhamento de imagens e vídeos se tornaram locais online de encontro, compartilhamento, criação, elaboração e divulgação do universo narrativo criado por Lucas. Com isso em mente, a presente comunicação oral pretende lidar com parte da recepção do filme Star Wars: Episódio VIII – Os últimos Jedi (Star Wars: Episode VIII – The Last Jedi, Johnson, 2017). Considerado polêmico por parte do público, ele obteve uma recepção bastante dividida do fandom, com pessoas chegando a criar um abaixo-assinado online pedindo que a obra fosse retirada do cânone da franquia, principal objeto de apreciação dessa comunicação. O que se viu no referido caso é paradigmático do modo como tem se dado

a recepção de certos filmes em redes sociais, principalmente aqueles com protagonistas pertencentes a minorias sociais. De um modo geral, o que poderia ser apenas uma discordância entre fãs acabou se tornando uma polêmica pública cujo campo de batalha foram postagens, resenhas, petições e vídeo-ensaios, se tornando, em parte, um produto dos algoritmos que forçam o engajamento por meio da mobilização de afetos extremados. Para promoção dessas opiniões, tornou-se notória a utilização do uso de bots, de contas falsas e de atividades coordenadas. Assim, tal querela acabou envolvendo um emaranhado de redes sócio-técnicas que abrangem, dentre outros: as pesquisas de marketing na criação de obras ficcionais por parte de conglomerados de mídia, bem como a utilização dos algoritmos das redes e plataformas como estratégia de publicidade e de anti-publicidade e também os afetos mobilizados pela criação de grupos de afinidades e identificação intermediadas pelo consumo dos objetos midiáticos em questão. Tais redes tem se entrelaçado de maneira que as polêmicas envolvendo fãs nas redes tem se tornado cada vez mais comuns, influenciando novas formas de consumo e de relação com universos narrativos ficcionais.

Palavras-chave: cinema hollywoodiano, Star Wars, estudos de recepção, consumo, redes sociais

## **Sessão 2: Trabalho, empreendedorismo e economia**

Empreendedorismo Digital: uma abordagem antropológica da construção do sujeito neoliberal  
Gabriel Darío López (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestrando em Antropologia Social - UFSC

Esta pesquisa procura associar o estudo sobre subjetivação e construção de relações sociais em mídias digitais com a reflexão sobre neoliberalismo dentro da antropologia. Desenvolvida por meio de uma etnografia com pessoas que se dedicam a cursos de "empreendedorismo digital" oferecidos por entidades privadas - como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) -, a pesquisa visa, também, analisar a própria estrutura dos cursos pagos oferecidos em plataformas de ensino digital como Hotmart. O intuito é compreender o que seria a formação do "sujeito contemporâneo" através das características desse processo de construção de um "eu" digital e empreendedor, atentando-nos às técnicas e exercícios que nesses cursos são administradas. Para isso, pensamos a linguagem audiovisual como meio privilegiado de comunicação dentro de plataformas digitais tornadas instrumentos centrais, ainda que não exclusivos, para a constituição do sujeito neoliberal, que desempenham uma função pedagógica, cotidiana e imersiva que modifica a forma na qual o indivíduo se vê e aprende a se mostrar no mundo, modificando sua agência com o outro e a sua noção de "eu", transformando-a num "eu como empresa" e é esse processo de mudança que pretende ser abordada neste trabalho. Considerando que o indivíduo só se torna empreendedor na medida em que realiza uma certa "ação empreendedora", este trabalho procura focar no processo pelo qual o sujeito é ensinado a

construir sua noção de “eu como empresa”. Analisando este processo por duas etapas: a primeira, através de um levantamento bibliográfico que, em diálogo com a literatura sobre neoliberalismo dentro da antropologia, contribua para um aprofundamento sobre o contexto neoliberal e as tecnologias digitais. E a segunda, mediante o acompanhamento etnográfico que integre todas as etapas de ensino e aprendizado. Devido ao fato de a segunda etapa ainda se encontrar em andamento, este trabalho se limita à importante contribuição do diálogo bibliográfico acima mencionado.

Palavras-chave: empreendedorismo digital, neoliberalismo, mídias digitais

Um olhar antropológico sobre o mercado de eventos na COVID-19: Conflitos entre a temporalidade da razão econômica e a produção de tecnologia

André Guilherme Moreira (Universidade Federal de São Carlos)

Mestrando em Antropologia / PPGAS-UFSCar

Com a chegada da pandemia da COVID-19 no Brasil, em março de 2020, as autoridades brasileiras tomaram inúmeras medidas para regular ou mesmo proibir diversas atividades econômicas com o objetivo de evitar aglomerações e reduzir a taxa de contágio. Diante desse cenário, o setor de eventos foi um dos mais impactados, pois a paralização de suas atividades levou o faturamento de muitas empresas a R\$ 0,00. Como reação, as empresas passaram a investir na produção de tecnologias que permitissem “gerar caixa no mundo online” e diminuíssem a dependência do “mundo offline”. A partir do trabalho de campo em uma empresa de eventos realizado em meio a Pandemia da COVID-19, busco analisar as relações - de afastamentos ou aproximações - entre a temporalidade da produção de tecnologia, pensada como necessária para a inovação e lucratividade do setor, e a temporalidade da razão econômica que pauta as decisões da diretoria da empresa. Para tal me inspiro nos trabalhos de Yanagisako (2002) e Pardo-Guerra (2019) que discorrem, respectivamente sobre o processo decisório de sócios e diretores de empresas a partir de suas trajetórias históricas pessoais, e sobre as histórias dos engenheiros que produzem a tecnologia e fazem funcionar o mercado. Na esteira da proposta de Laura Bear (2014), utilizo a teoria do tempo de Gell (2014) e a reinterpretação da teoria crítica de Marx feita por Postone (2014) para analisar os mapas temporais produzidos a partir do trabalho no/do tempo, e seus efeitos na experiência subjetiva das pessoas e nas relações de dominação. O intuito é refletir sobre como, no amplo processo de digitalização da vida, há uma expectativa de agentes econômicos em criar mercados a partir de certas tecnologias, que faz surgir certos conflitos e incompatibilidades entre os mapas temporais da razão econômica e da produção de tecnologia. Isto é, sobre as tensões que surgem entre o mapa temporal da diretoria, que indica que “não se pode perder a oportunidade de negócio” e que se deve estar preparado para executar projetos “da noite pro dia”, e o mapa temporal dos desenvolvedores que recomenda que para a produzir ou modificar tecnologias, antes de qualquer coisa, deve haver uma coordenação entre diversas áreas da organização para evitar a interrupção das

relações entre empresa e clientes que são suportadas por essa infraestrutura.

Palavras-chave: covid-19, tecnologia, temporalidade, antropologia da economia

Entre jogo e trabalho: metamorfoses de jogadores e trabalhadores no jogo online Runescape  
Sergio Furtado Saar (Universidade Federal de Santa Catarina)

Graduado em Antropologia / UFSC

Viviane Vedana (Universidade Federal de Santa Catarina)

Doutora em Antropologia / UFRGS)

Este artigo pesquisa a fronteira entre jogo e trabalho, a partir de experiências de trabalho no jogo Runescape, utilizando o contraste entre trabalhadores venezuelanos e jogadores brasileiros, termos que serão complexificados no decorrer da pesquisa. Runescape, um MMORPG lançado há quase duas décadas, indicava uma fronteira rígida entre jogo e trabalho no início do jogo. Com o passar do tempo, uma certa lógica capitalista passou a atravessar o jogo e, com a introdução dos primeiros **gold farmers** (aqueles que utilizam o jogo exclusivamente para produção e subsequente venda do dinheiro do jogo) iniciou-se a gradual dissolução dessa fronteira. Alguns jogadores passaram a comprar e vender dinheiro do jogo, gradualmente abrindo-se para a possibilidade de monetizar seu tempo no jogo. Hoje, jogadores experientes estão sempre atentos à possibilidade de venderem seus acúmulos no jogo por dinheiro real. O quadro do tensionamento entre essas duas categorias é intensificado a partir do fenômeno do avistamento por jogadores de **gold farmers** venezuelanos, em meados de 2018. A surpresa dos jogadores se dava pela direta ligação da situação de trabalhadores venezuelanos neste jogo com a atual crise econômica no país. Tornava-se então indubitável que algumas pessoas usavam Runescape como trabalho para sustento próprio - pessoas que não tinham, anteriormente, contato com o jogo; eram, dessa forma, trabalhadores. Ao tentar entender como esses trabalhadores chegaram ao jogo e como encaram as relações dentro do jogo, e a partir de análises sobre a noção de trabalho tanto dentro quanto fora do jogo, pudemos perceber o quanto essas duas categorias, jogadores e trabalhadores, compartilham, principalmente no que tange modos de encarar o Runescape. No processo de familiarização com o jogo, trabalhadores transformam-se, paulatinamente, em jogadores. Da mesma forma, a presença de trabalhadores no Runescape explicita o modo como, na direção oposta, ao longo dos anos o jogo foi transformando-se, para jogadores mais experientes, em trabalho. Nesse artigo, estamos interessados, particularmente, nos pontos de interseção dessas duas categorias e no modo como o jogo em si, tal qual diversas outras esferas da vida moderna, metamorfoseia-se em trabalho; mais amplamente, nos modos como esse fenômeno é mais um exemplo dos inúmeros resultados das instabilidades causadas pelo atual estágio do capitalismo.

Palavras-chave: Antropologia e trabalho, jogo, realismo capitalista, runescape

Criptoeconomia: sistemas descentralizados e futuros imaginados

Bruno Campos Cardoso (Universidade Federal de São Carlos)

Doutorando em Antropologia Social – PPGAS/UFSCar

Este artigo pretende analisar alguns aspectos das economias político-materiais das criptomoedas em função da noção de criptoeconomia: o imbricamento, em plataformas digitais, de algoritmos criptográficos, modelos econômicos, mercados descentralizados e utopias libertárias. A partir de uma descrição técnica desses sistemas de dinheiro eletrônico, em especial o sistema Bitcoin, a primeira e maior criptomoeda em operação, objeto da minha atual pesquisa de doutorado, pretendo mostrar como certos enunciados e práticas características das plataformas digitais influem sobre os processos de difusão e especulação de criptoativos. Tais referentes, cultivados e disseminados em grupos e comunidades virtuais, muitas vezes como memes ou slogans neoliberais/ciberlibertários, descrevem o Bitcoin tanto como um "investimento financeiro vantajoso", em oposição aos instrumentos financeiros do mercado tradicional, quanto como "uma forma superior de dinheiro", em oposição às moedas emitidas pelos bancos centrais nacionais. Do mesmo modo, essas e outras propriedades técnicas do Bitcoin, em particular, e das criptomoedas e dos sistemas descentralizados, de modo geral, são frequentemente extrapoladas como soluções definitivas ou "inevitáveis" para problemas sociais, econômicos e de governança digital. À semelhança dos procedimentos computacionais de iteração e recursão, a repetição de debates acerca dos aspectos técnicos e dos pressupostos econômicos das criptomoedas contribui tanto para a apreensão coletiva desses sistemas como autoevidentes, quanto os diversos algoritmos neles implementados, ao codificarem em software certos pressupostos da teoria econômica neoclássica, acabam por performá-los como profecias autorrealizáveis. Um dos objetivos deste artigo é oferecer uma leitura cibernética do ecossistema das criptomoedas em função das imaginações de futuro que decorrem desses instrumentos financeiros, modalidades de transação, infraestruturas descentralizadas e ideologias tecnocráticas.

Palavras-chave: criptomoedas, sistemas descentralizados, cibernética, algoritmos

Para o capitalismo de vigilância, todo corpo é negro

Meghie Rodrigues (Universidade Estadual de Campinas)

Doutoranda em Política Científica e Tecnológica - IG-Unicamp

Este ensaio visa elaborar algumas questões sobre as relações entre capitalismo e tecnologia, especialmente nas suas manifestações como capitalismo de dados (Sadowski 2019) e capitalismo de vigilância (Zuboff 2015 e 2019) em suas práticas de extração de dados e na produção de instrumentos preditivos de comportamento. O texto se debruça mais atentamente

sobre alguns modos de funcionamento do capitalismo de vigilância, como elaborado por Shosana Zuboff, e busca suas raízes na extração de excedente comportamental, acumulado pelas empresas de tecnologia pela despossessão de seus produtores (Harvey 2004). O ensaio busca mostrar, então, que os processos de objetificação (Mbembe 2016) e despossessão que são agora acelerados e universalizados pelo capitalismo de vigilância já eram vivenciados – há muito tempo – pelas populações negras no mundo todo. Por fim, algumas observações de como estes processos se aceleraram e se aprofundaram durante a pandemia de Covid-19, e sobre a necessidade de se pensar alternativas possíveis a estes processos – e como movimentos como a greve dos entregadores de aplicativo em julho de 2020 aponta indícios para outros caminhos.

Palavras-chave: capitalismo de vigilância, biopolítica, necropolítica, Big Data

### **Sessão 3: Digitalizando esferas sociais**

A memória em tela: os grupos de estimulação cognitiva online para pessoas com a Doença de Alzheimer

Bárbara Rossin Costa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutoranda em Antropologia Social - Museu Nacional/UFRJ

Se na vida online as pessoas podem experimentar diversos aspectos delas mesmas e vivenciar múltiplas versões de si em diferentes lugares do ciberespaço (Turkle 1999), o mesmo pode ser dito a respeito daqueles que vivenciam a Doença de Alzheimer (e/ou outras demências). Conhecidas por afetar de maneira mais intensa a memória, o comportamento e as habilidades para executar tarefas no dia-a-dia (Engel 2020), as demências são condições difusas que deslocam subjetividades, ensinam aprendizados, viabilizam novas economias afetivas (Malabou; Miller 2012) e produzem novas práticas envolvendo uma pluralidade de sujeitos e dimensões. Neste trabalho, procuro refletir sobre o processo de digitalização de um serviço multiprofissional em saúde direcionado a pessoas diagnosticadas com a Doença de Alzheimer e/ou outras demências. Como material de análise, apresento alguns casos e relatos da minha pesquisa etnográfica nos grupos remotos/digitais de estimulação cognitiva do Centro de Referência em Atenção à Saúde do Idoso (CRASI), da Universidade Federal Fluminense (UFF). Tratarei de examinar parte das dinâmicas observadas, os desafios envolvidos nas interações com o ambiente digital e o trabalho de reconstrução e administração das memórias e funções cognitivas. Com base nessas descrições, espero analisar a recomposição dos vínculos em um contexto de isolamento e os efeitos da digitalização sobre a vida daqueles que vivenciam um processo demencial. Interessa-me investigar como as fronteiras que separam a realidade e irrealidade estão sendo desestabilizadas pela doença e pelas interações com o ambiente digital. Além disso, procuro examinar também como os novos arranjos sociomateriais, viabilizados por computadores e celulares, têm impactado sobre as dinâmicas de cuidado e subjetivação. A partir desse compósito de experiências, espero, por fim, analisar os meios pelos quais a memória e a

cognição podem ser encarnadas e entrelaçadas ao meio digital.

Palavras-chave: Alzheimer, memória, mídias digitais, cognição

Transformando uma doença em dados: a produção epidemiológica da sífilis no sistema de vigilância no Brasil

Eduardo Zanella (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestre em Antropologia Social

Esse trabalho descreve o processo de produção de dados sobre a sífilis pelo sistema de vigilância brasileiro, a fim de compreender o processo de reemergência da doença como uma epidemia, tanto nos termos do sentido desse conceito, quanto dos efeitos de escala que opera. Nesse trabalho, eu considero a realidade epidemiológica da sífilis no Brasil – onde a doença é considerada uma epidemia desde 2016. Eu foco especificamente no processo de produção de dados pelo sistema de vigilância, seguindo propostas de Ian Hacking em analisar a estatísticas como um estilo de pensamento dotado de desenvolvimento histórico e efeitos no ordenamento da realidade. Início com alguns eventos históricos da quantificação epidemiológica da sífilis, destacando os principais marcos que possibilitaram sua visualização em dados do sistema de vigilância. Foco especial atenção na criação da categoria de notificação “sífilis em gestantes”, me detendo nos processos políticos que a pautaram e nos efeitos dessa categoria na constituição da realidade epidemiológica da doença. Utilizo como material etnográfico para a elaboração do presente trabalho manuais, normativas e regulamentações do Ministério da Saúde, em bem como artigos e estudos das ciências da saúde do campo da epidemiologia. Argumento que a transformação da sífilis em dados epidemiológicos cria uma realidade que reclama uma verdade sobre a doença. Esse processo envolve a implicação mútua entre representações e intervenções e, como demonstro, essas duas dimensões das ciências modernas são ambas práticas. Objetivo refletir em questões como: O que significa a vida entre dados e informações? Quais são as condições de possibilidade e as consequências de tornar um fenômeno um conjunto de dados? Quais os efeitos desse processo para as formas com que a doença é entendida e performada?

Palavras-chave: dados epidemiológicos, sistema de vigilância em saúde, sífilis, etnografia

Midiatização, cibercultura e educação: vocabulário e processos de ensino aprendizagem na educação profissional

Breno Rodrigo de Oliveira Alencar (Instituto Federal do Pará)

Doutor em Sociologia e Antropologia (UFPA)

Pablo Rodrigues Nunes de Souza (Universidade Estadual do Pará)

Graduando em Medicina (UEPA)

A internet e as redes sociais têm se tornado, cada vez mais, parte do cotidiano e da aprendizagem de jovens, adolescentes e crianças, o que representa um desafio ao método tradicional de ensino das escolas brasileiras. Sendo assim, a presente comunicação discute a influência dos novos meios de comunicação no processo de ensino-aprendizagem, especificamente, no cotidiano de estudantes do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional do Instituto Federal do Pará (IFPA). Os resultados apresentados foram obtidos por meio de revisão bibliográfica, aplicação de questionário e entrevistas junto a estudantes de cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFPA, campus Belém. Por meio dela, notou-se a existência de um vocabulário social, que oriundo do ciberespaço, participa, crescentemente, dos processos sociais, em especial a educação. Notou-se, ainda, que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) estão, cada vez mais, presentes no ambiente escolar, participando dos processos de ensino-aprendizagem. Com base nestes resultados, foi possível inferir que a internet e as redes sociais não só participam ativamente da socialização e vida da maioria dos alunos, como também são componentes indissociáveis do processo de ensino-aprendizagem tradicional, demonstrando a importância de sua incorporação ao debate sobre o fazer pedagógico.

Palavras-chave: internet, redes sociais, cibercultura, TDIC, educação profissional

Acelerar e uniformizar: as ferramentas digitais do Superior Tribunal de Justiça

Sara Munhoz (Universidade Federal de São Carlos)

Doutoranda em Antropologia Social, Mestre em Antropologia - PPGAS/UFSCar

A apresentação será dedicada às vinculações crescentes entre sistemas de justiça e ferramentas digitais, especificamente aos modos como estas vinculações se dão no Superior Tribunal de Justiça brasileiro, instância encarregada de uniformizar a interpretação de toda a legislação infraconstitucional no país. Interesse-me pelas implicações da digitalização no que chamo de campo de visualização do STJ, ou seja, pelos modos como o ordenamento e a exposição maquínica dos dados que recebe e que produz este Tribunal impacta definitivamente suas possibilidades enunciativas e seu desejo de influenciar decisões judiciais em outras instâncias do país. Para enfrentar esta questão, descreverei três procedimentos que ao longo das últimas décadas apresentaram-se como soluções incontornáveis aos problemas da lentidão pelo excesso

de documentos em circulação no STJ. O primeiro refere-se à tentativa de criação de uma linguagem controlada, previsível, livre de ambiguidades e altamente indexadora na década de 1990. Muito tempo e energia foram investidos na feitura de um Tesouro que prometia acelerar significativamente o manuseio dos documentos e, conseqüentemente, os fluxos processuais. O segundo processo cuidou da digitalização de documentos e virtualização de todos os fluxos de trabalho durante a primeira década de 2000. Processo irreversível que confinou definitivamente os arquivos nas telas, prometendo libertá-los da lentidão de sua materialidade e exponencializar a conectividade dos dados neles contidos, produzindo informação de maior qualidade. Menos de duas décadas depois, os documentos digitais passaram a ser submetidos às primeiras tentativas de tratamento com o uso de computação cognitiva, o terceiro processo ao qual me dedicarei. Nos últimos cinco anos, a Inteligência Artificial tornou-se promessa viável e urgente a diversas rotinas de trabalho do STJ, incluindo algumas das tarefas de organização e disponibilização da informação jurisprudencial no site do Tribunal por intermédio de um mecanismo de busca. Ao descrever as ferramentas óticas processuais e computacionais indispensáveis à enunciação do STJ, discuto como as exigências da representação e da abstração, fundamentais ao direito e à computação, operacionalizam-se conjuntamente na feitura da jurisprudência do STJ.

Palavras-chave: jurisprudência, banco de dados, mecanismo de busca, justiça, STJ

#### **Sessão 4: Artefatos e agência**

Sobrevoos da (onis)ciência: breves rastreios de técnicas de pilotagem com drones na segurança pública do Distrito Federal/DF

Victor Cezar de Sousa Vitor (Universidade de Brasília)

Doutorando e Mestre em Antropologia Social - PPGAS/UnB

Esta proposta expõe minhas primeiras intenções e percursos iniciais de pesquisa etnográfica no doutorado (2020-2024), atenta ao amplo movimento de institucionalização governamental de Veículos Aéreos Não Tripulados (VANT's) – ou, popularmente denominados como drones – pilotados por agentes de polícia na gestão de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF). Ampliando o sobrevoos etnográfico que pretendo avistar, o estudo busca rastrear associações humanomaquínicas responsáveis por criar técnicas específicas de manejar drones videovigilantes e suas redes sociotécnicas, conformadoras de inovações nos modos digitalizados de visualização onisciente, telecomandada e verticalizada nas urbanidades da capital federal (Brasília/DF). Por essas e outras vias, meu interesse etnográfico pretende percorrer pela operacionalização institucionalizada de drones no setor da segurança pública do Distrito Federal, durante ocasiões de treinamento de agentes, agregada a demais aspectos rastreáveis, como I) os usos históricos dos VANT's/drones no campo da vigilância pública nacional; II) o processo de regulamentação legal de sua operacionalização no Brasil, assim

como as prerrogativas, dilemas (bio)éticos e demais condicionamentos para normatizações e manualizações de pilotagem no território nacional; e III) as possíveis transformações na percepção operacional de pilotos no exercício da vigilância pública, inauguradas por um tipo de manejo móvel e telecomandado, junto a formas específicas de mensurar e produzir distâncias, digitalizações, precisões, escalas, visões táticas e demais modos de fazer coisas ganharem certas composições, mediadas ao longo do manejo/telecomando/aeroveículo. Ainda, junto a experiência etnográfica, partirei da perspectiva básica de que há organicidades e materialidades constantemente articuladas, umas com as outras, infinitas e agrupadas por técnicas estabelecidas entre humanos e não-humanos, elementos orgânicos e inorgânicos. Aqui, leituras voltadas ao rastreamento de acoplamentos diversos (Tarde 2003; Haraway 1991, 1999, 2010; Latour 1994, 1995, 1997, 1998, 2000) no estabelecimento de correspondências diretas com ambientes, materialidades e modos de agir com esses (Mauss, 2004[1935]; Leroi-Gourhan, 1983, 1988; Simondon, 2021[1958]; Ingold, 2012, 2015; Serres, 2014) em meio a esforços associativos de estabilização, comando, controle e transmissão de informação cibernética (Wiener 1954; Mol 2008) serão imprescindíveis ao longo da etnografia.

Palavras-chave: VANT/drones, vigilância pública, telecomando, onisciência

Etnografia Orientada a Objetos Digitais: cientistas, recursos computacionais e AI em laboratórios de estudos de processos e campanhas eleitorais

Patricia Pavesi (PGCS, Deep Social Labs e Data Kula Lab - Universidade Federal do Espírito Santo)

Doutora em Antropologia (UFF)

Esta comunicação é baseada em resultados preliminares de uma pesquisa em Etnografia Orientada a Objetos Digitais (EOD) com abordagem Multimodal em torno das práticas de laboratório envolvendo agentes humanos e não humanos (cientistas, métodos e ferramentas computacionais e A.I.) em investigações de processos e campanhas eleitorais. Sendo a produção do fato científico fruto de uma complexa negociação entre agentes heterogêneos, procuro compreender objetos digitais a partir dos efeitos de suas agências nas práticas de pesquisa em Laboratórios de Ciência Política. A partir das narrativas e da produção acadêmica dos cientistas, discuto os sentidos que emergem na iteração entre objetos humanos e objetos digitais e os possíveis impactos dela em processos políticos para além dos laboratórios.

Tais questões serão tratadas a partir da aproximação da Ontologia Orientada a Objetos (OOO) aos debates das Ciências Sociais, sobretudo a partir de referenciais epistemológicos da chamada Antropologia Especulativa ou Xenopropologia. Esta tomaria como um de seus pontos de partida as noções de Perspectivismo e Multinaturalismo investindo na potência da especulação em torno de questões seminais da Antropologia, como a relação natureza-cultura e a alteridade, pensadas a partir de abordagens assentadas num redesenho da ideia de objeto. Da mídia social

à mineração de dados e às novas tecnologias de sensores, a mídia no século XXI trabalha em grande parte fora do âmbito da consciência perceptiva, mas ao mesmo tempo afeta o humano. Diante disso, a EOOD, parte de uma Ontologia da Mídia onde os meios técnicos e TIC's (especialmente os recursos computacionais) participam como agentes em formas não antropocêntricas de comunicação, afetando e modulando a individualidade humana sem pertencer de forma alguma ao humano. Na agenda de pesquisa da EOOD que procurarei contemplar nesta comunicação, destaco algumas questões: a) agentes humanos são objetos (não têm centralidade nas interações com outros objetos, técnicos ou não); b) os limites das análises focadas nos usos sociais das coisas digitais pois ainda dão primazia aos sujeitos humanos sem dar conta da complexidade da agência de objetos digitais tratando-os como meros suportes e instrumentos; c) a insistência na separação entre mundos digitais e materiais; d) a abertura à exploração sem preconceitos da chamada OOO e aos debates em torno dos objetos digitais como alternativa às abordagens etnográficas antropocêntricas.

Palavras-chave: etnografia, objetos digitais, AI, recursos computacionais, eleições, laboratório, cientistas

".jpg(1)" e o Risco do Incomensurável Gráfico: a Circulação das Imagens Digitais na Web e a alternativa das Linhagens Técnicas

Fábio de Oliveira Martins (Universidade de Brasília)

Mestrando em Antropologia Social - UnB

Diariamente, bilhões de arquivos de imagem são compartilhados digitalmente em todo o planeta, seja em sites integrados a navegadores, seja através de aplicações para dispositivos móveis. Ainda que para um cientista de dados isso possa significar uma variável numérica, ou a partir de termos do marketing e da publicidade online possa ser estratificado a partir de métricas de engajamento – como compartilhamentos e visualizações únicas –, para uma antropologia da técnica atenta às imagens digitais isso pode significar um problema difícil de contornar. Como abordar imagens digitais na web, quando uma uma imagem copiada, baixada ou carregada não é a mesma? Se nas inúmeras cadeias de reprodução e circulação uma nova imagem é gerada a cada nova ação? Se o uso for, efetivamente, uma forma de invenção?

Estes escritos pretendem considerar, a partir dos pensamentos de Gilbert Simondon e Yuk Hui e em contato com recentes explorações em meu trabalho de campo, possibilidades analíticas na abordagem de imagens digitais em produção, reprodução e circulação. Primeiramente, considerando o ciclo inventivo das imagens em Simondon, as imagens que repousam em objetos técnicos e suas pontes com a concepção de objeto digital, em Yuk Hui. Em seguida, explorando os tangenciamentos ao ciclo inventivo – a comunicação – modulados pelo planejamento visual de interfaces gráficas, jornadas de experiência de usuário e hardwares, que revelam a problemática da incomensurabilidade das imagens digitais – tanto em suas cadeias

de pixels, quanto em seus metadados –, quando as observamos a partir das lentes de uma antropologia da técnica. Ao final, a partir da acepção de linhagem técnica, em Simondon, exploro as potencialidades das transformações em termos de pixels e metadados como saltos ontogenéticos, que também podem se apresentar como coordenadas em cadeias de reprodução e circulação de imagens digitais.

Palavras-chave: imagens digitais, objetos digitais, Antropologia da Técnica

Seu ouvido é um pinico algorítmico - como o Spotify vai pasteurizando os ouvintes e direcionando os plays de acordo com seus objetivos comerciais.

Maximiano Augusto Gonçalves Neto (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestrando em Antropologia - UFSC

Vivemos no século XXI sobre a égide da música digital, os fonogramas perderam sua fisicalidade e os artistas majoritariamente vendem seus trabalhos em plataformas digitais de música onde os ouvintes acessam gratuitamente (ouvindo anúncios) ou pagam uma mensalidade para ter opções maiores de escolha e controle sobre o que ouve, além da ausência de anúncios durante a audição. O Spotify é hoje a plataforma de audição musical com maior número de clientes no mundo e divulga a cada quarto de ano estatísticas sobre seu crescimento, duas destas estatísticas, a saber, tempo médio diário de audição e quantidade de novos artistas escutados, são divulgadas com uma ênfase enorme no crescimento que possibilita “mais artistas faturarem dinheiro com sua música” e que “viver de sua música pode ser uma realidade mais simples”. Essa é uma falácia de marketing, já que a audição é direcionada por algoritmos programados para maximizar o faturamento dos parceiros preferenciais do Spotify e não dos mais de 3 milhões de músicos que disponibilizam seus fonogramas na plataforma. Uma quimera alimentada pelos usuários que em sua maioria ouvem passivamente em detrimento de uma postura ativa na escolha das próximas músicas que quer escutar. De fevereiro de 2019 continuamente até hoje tenho pesquisado os algoritmos que mantém a audição contínua e passiva quando os usuários estão conectados ouvindo música. O faço de forma simples, possuo um grupo de usuários premium rodando em diferentes plataformas (MAC, PC, Android, OS) tocando uma diversidade limitada de artistas e músicas e a partir daí observo as recomendações feitas pelos algoritmos. O resultado é surpreendente, e a ideia deste trabalho é apresentar a metodologia utilizada e os resultados alcançados em um período de dois anos desta cyberetnografia, demonstrando o quanto a passividade do ouvinte é direcionada para o ganho das grandes gravadoras em detrimento da experiência musical diversificada prometida pela plataforma quando um usuário se inscreve.

Palavras-chave: digitalização, plataformas de música, algoritmos, escolha, músicos

## **ST27 Antropologia da vida diante da catástrofe**

Suzane de Alencar Vieira  
Universidade Federal de Goiás (UFG)  
suzanealencar@ufg.br

Indira Nahomi Viana Caballero  
Universidade Federal de Goiás (UFG)  
indiranahomi@yahoo.com.br

José Alejandro Fujigaki Lares  
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)  
alejandrofujigaki@gmail.com

A proposta deste ST orienta-se por uma questão pragmática: como criar uma antropologia da vida no momento em que somos perturbadas/os pela catástrofe? Como habitar um mundo em ruínas, territórios existenciais devastados pelas mortes em série da pandemia da Covid-19 e por catástrofes ecológicas e climáticas? Nosso objetivo é testar ferramentas e conhecer outros arranjos ecológicos para tornar habitáveis nossos mundos pessoais e coletivos devastados e gerar reflexões para lidar com catástrofes e seus efeitos. No caminho, podemos nos encontrar com nós mesmas/os vulneráveis e desequipadas/os para lidar com catástrofes provocadas pelo modo capitalístico de gerir a vida coletiva no planeta. De um ponto de vista outro, a pandemia pode não ser a pior das catástrofes. Para outros povos, entre tantas possibilidades e desdobramentos, outras epidemias que acompanham mineração, grandes obras de infraestrutura e invasão agropastoril ameaçam continuamente destruir seus mundos. A perspectiva dos animais enleados a catástrofes ecológicas e climáticas também poderá provocar uma nova sensibilidade ecológica diante do que estamos vivendo. Nesse percurso possível, a antropologia da vida se vincula a uma sensibilidade ou atenção às diversas ontologias ambientais, pragmáticas e éticas ecológicas e a convivalidades multiespécies para tomar a questão: como aprender a viver num mundo em catástrofe sem ser unicamente através do desespero ou da negação? Como resistir a ela?

Palavras-chave: catástrofe, éticas ecológicas, convivalidades multiespécies

## Sessão 1: Resistência

Reconhecendo a rede terrestre: apontamentos para uma antropologia da vida

Beatriz Judice Magalhães (UFMG)

Doutora em Antropologia / UFMG

Ao se espalhar pelo globo com uma velocidade compatível com a dos fluxos ditados pelo capitalismo contemporâneo, a pandemia de Covid-19 produziu milhões de mortes e muitas incertezas. Se a epidemia foi surpreendente para os que, apesar dos inúmeros alertas referentes à crise ecológica e climática, acreditam cada vez mais no domínio humano sobre a natureza, notadamente por meio da ciência e tecnologia, estudiosos da crise já imaginavam a possibilidade de uma pandemia. Com a crise pandêmica, vêm à tona muitos aspectos subjacentes à nossa condição de viventes terrestres. O risco do adoecimento e as mortes em série explicitam a vulnerabilidade da condição biológica humana, tornando mais perceptíveis, assim, as conexões com os outros-que-humanos, que compartilham tal condição. Mas os riscos dos tempos atuais vão muito além da pandemia. Assistimos a acontecimentos catastróficos, como os incêndios na Amazônia e no Pantanal, e a eventos climáticos extremos, como as ondas de calor. Os alertas, provenientes de atores ligados à comunidade científica, ou a diversas outras instâncias, governamentais, do terceiro setor, locais ou internacionais, são cada vez mais comuns, se sobrepondo aos acontecimentos, em uma época em que o conturbado futuro anunciado parece se aproximar cada vez mais. Os planos de fuga, seja ela de soluções mais terrestres, seja, mais radicalmente ainda, do próprio planeta, ao se investir em voos espaciais para Marte, também estão presentes nesse tempo de crises, catástrofes e desestruturas. Refletir e se engajar para construir uma antropologia da vida requer atenção, sensibilidade e crítica a tantos acontecimentos e forças em jogo. Uma abordagem que busque uma resistência ativa às tragédias em curso, implica, em primeiro lugar, a necessidade de nos reconhecermos como terrestres, condicionalmente conectados ao planeta onde nascemos e à rede físico-biológica que permite que estejamos vivos. Admitir nossos vínculos com as demais espécies, recusando um antropocentrismo extremo e acionando imperativos importantes da ética ambiental, é um passo imprescindível para concretizar tal empreendimento. A presente proposta buscará trazer reflexões a respeito das temáticas aqui levantadas, contribuindo para os debates tão urgentes e necessários da habitabilidade em um mundo caracterizado pela crise/catástrofe ecológica e climática e das contribuições que uma antropologia da vida pode trazer para o entendimento e a reconstrução desse mundo.

Ao se espalhar pelo globo com uma velocidade compatível com a dos fluxos ditados pelo capitalismo contemporâneo, a pandemia de Covid-19 produziu milhões de mortes e muitas incertezas. Se a epidemia foi surpreendente para os que, apesar dos inúmeros alertas referentes à crise ecológica e climática, acreditam cada vez mais no domínio humano sobre a natureza, notadamente por meio da ciência e tecnologia, estudiosos da crise já imaginavam a possibilidade de uma pandemia. Com a crise pandêmica, vêm à tona muitos aspectos

subjacentes à nossa condição de viventes terrestres. O risco do adoecimento e as mortes em série explicitam a vulnerabilidade da condição biológica humana, tornando mais perceptíveis, assim, as conexões com os outros-que-humanos, que compartilham tal condição. Mas os riscos dos tempos atuais vão muito além da pandemia. Assistimos a acontecimentos catastróficos, como os incêndios na Amazônia e no Pantanal, e a eventos climáticos extremos, como as ondas de calor. Os alertas, provenientes de atores ligados à comunidade científica, ou a diversas outras instâncias, governamentais, do terceiro setor, locais ou internacionais, são cada vez mais comuns, se sobrepondo aos acontecimentos, em uma época em que o conturbado futuro anunciado parece se aproximar cada vez mais. Os planos de fuga, seja ela de soluções mais terrestres, seja, mais radicalmente ainda, do próprio planeta, ao se investir em voos espaciais para Marte, também estão presentes nesse tempo de crises, catástrofes e desestruturações. Refletir e se engajar para construir uma antropologia da vida requer atenção, sensibilidade e crítica a tantos acontecimentos e forças em jogo. Uma abordagem que busque uma resistência ativa às tragédias em curso, implica, em primeiro lugar, a necessidade de nos reconhecermos como terrestres, condicionalmente conectados ao planeta onde nascemos e à rede físico-biológica que permite que estejamos vivos. Admitir nossos vínculos com as demais espécies, recusando um antropocentrismo extremo e acionando imperativos importantes da ética ambiental, é um passo imprescindível para concretizar tal empreendimento. A presente proposta buscará trazer reflexões a respeito das temáticas aqui levantadas, contribuindo para os debates tão urgentes e necessários da habitabilidade em um mundo caracterizado pela crise/catástrofe ecológica e climática e das contribuições que uma antropologia da vida pode trazer para o entendimento e a reconstrução desse mundo.

Palavras-chave: habitantes terrestres, crise ecológica e climática, ética ambiental

“A doença do mundo”: invenção, xamanismo e pandemia entre os Baniwa

João Jackson Bezerra Vianna (Universidade Federal do Espírito Santo)

Doutor em Antropologia Social (UFSC)

Este artigo explora a pesquisa de um *iñapakaita*, benzedor, Afonso Fontes, homem baniwa do clã *hohedene*, por uma encantação xamânica para uma doença: a Covid-19. Essa busca será compreendida como inventiva, nos termos da dialética wagneriana (2010), pois ocorre a partir de seus conhecimentos do cosmos, dos mundos mítico e atual, não humanos e humanos, indígenas e não indígenas. A análise das fórmulas verbais contidas na encantação de Afonso contra o coronavírus descreverá o seu caráter composicional, explicitando perspectivas a partir das quais são constituídas, bem como a agência xamânica na reordenação do cosmos. Por fim, realiza-se apontamentos de ordem especulativa, desde uma crítica xamânica baniwa, sobre o surgimento das doenças como conectadas a outros colapsos e associados ao modo de vida dos não indígenas no Antropoceno.

Palavras-chave: Baniwa, Noroeste Amazônico, xamanismo, pandemia, antropoceno

Notas para (r)existir com e contra os fins de mundos: reflexões kaiowá sobre poderes, saberes e tecnologias dos brancos – karai reko kwera

Diógenes Egidio Cariaga (UEMS e PPGAnt/UFMG)

Doutor em Antropologia Social - PPGAS/UFSC

Celuniel Valiente

Pesquisador kaiowá doutorando do PPGAS/USP

Eliel Benites

Pesquisadora kaiowá, docente na FAIND/UFMG, doutor em Geografia (PPGG/UFMG)

As reflexões sobre fins e (re)criações de mundos são imanentes as teorias kaiowá sobre si e seus outros, atravessam temporalidades míticas e históricas sobre as quais pessoas e coletivos kaiowá descrevem modos, meios e potências capazes multiplicar seus modos de existência diante da degradação e decomposição de suas paisagens relacionais humanas e não humanas aceleradas pela capacidade de consumpção de mundos deflagrada pela intensificação da presença e dos karai (brancos). A existência dos brancos e os efeitos das relações com eles produziram reflexões conceituais e pragmáticas em torno dos conflitos ontológicos enredados através de variações e disputas de perspectivas sobre natureza e cultura diante da devastação ambiental e da desassociação de redes de parentesco, territoriais e de cooperação provocadas pelo avanço das frentes agropastoris, cidades e dos empreendimentos do agronegócio sobre os modos kaiowá habitar, existir possíveis de cartografar a partir das transformações de regimes de conhecimentos e o investimentos e outros e novas formas de criatividade diante de um mundo colapsado. Nesta apresentação pretendemos esboçar alianças reflexivas entre escritas indígenas e não indígenas que buscam articular e delinear traduções kaiowá sobre a existência, saberes e poderes dos brancos investido nossa atenção em esboçar uma crítica cosmopolítica kaiowá a mundo despovoado de multiplicidades relacionais provocado pelas catástrofes agenciadas pelo brancos e suas tecnologias de governo para demonstrar que o medo dos karai diante do fim mundo, acelerado pela pandemia de COVID 19, aponta que, do ponto de vista kaiowá, o mundos dos karai só acaba porque eles não são capazes de aliar-se com outrem para continuarem (r)existindo, mas com muitos.

Palavras-chave: Etnologia Guarani, cosmopolítica

Otomíes em Resistência e Rebelião: a tomada do Instituto Nacional de Pueblos Indígenas  
Petras Haruan Lago Antonelli (Universidad Iberoamericana – Ciudad de México)  
Mestre em Antropologia Social

Em 12 de outubro de 2020, aniversário da chegada de Cristóvão Colombo na América, um dos edifícios do Instituto Nacional de los Pueblos Indígenas (INPI) foi tomado por um grupo de indígenas Otomíes residente na Ciudad de México. Segundo uma nota pública emitida pela própria comunidade, a ocupação do edifício foi uma resposta aos 528 anos que seguem enfrentando “el despojo, la discriminación, el racismo, el desprecio, el asesinato, el desplazamiento y el genocidio para nuestros pueblos originarios y comunidades indígenas; 528 años de invasión a nuestras tierras, saqueo y explotación de nuestras riquezas y recursos naturales, robo de nuestra identidad, cultura, lengua y tradiciones”. Os Otomíes, etnia originária da região de Santiago Mexquititlán, na porção sul do estado de Querétaro, têm um longo histórico de migrações à Ciudad de México, cujos registros mais antigos remontam os anos de 1940, em busca de melhores condições de vida. Por diferentes razões, houveram picos no fluxo de migração a partir da segunda metade dos anos 1950, quando a Ciudad de México já estava sofrendo uma crise habitacional severa. Neste contexto, grande parte dos grupos migrantes terminaram vivendo nas ruas, pedindo esmola ou em subempregos. O levante armado zapatista no estado de Chiapas, em 1994, reorganizou os movimentos sociais mexicanos, dividindo-os entre rebeldes, ou seja, aqueles que se solidarizaram com o levante, e os não rebeldes, grupos que preferiram não endossar o levante. Alguns grupos Otomíes, contavam com o apoio de certos movimentos por moradia, como por exemplo a UPREZ (Unión Popular Revolucionária Emiliano Zapata), que em grande parte, não somente se solidarizou ao movimento zapatista chiapaneco, mas associou-se a ele. Coletivos familiares Otomíes, também se dividiram entre rebeldes e não rebeldes, e no dia 12 de outubro de 2020, decidiram que não mais viveriam em condições sub-humanas. Em uma ação histórica, tomaram o edifício federal e o transformaram em centro de resistência indígena, incrustado no coração da Ciudad de México. Minha proposta é debater como este espaço tomado tem funcionado como ponto focal de redes de movimentos sociais irmanados, abrindo novas perspectivas para a comunidade Otomí, ampliando o capital político e social da mesma através da proposição de novas vivências coletivas.

Palavras-chave: Otomí, Zapatismo, movimentos sociais, moradia

Sob a sombra da mineração, duas histórias de resistência  
Amanda Villa Pereira (PPGAS - USP)  
Mestre em Antropologia Social

Dentre os tantos megaprojetos arquitetados em conjunto por Estados e grandes empresas, a

mineração vem se destacando como centro e modelo último do extermínio liberal em todo o mundo. Seguirei os passos duramente caminhados pela América Latina neste sentido, a partir do estudo de um caso brasileiro e outro mexicano. No Brasil, segundo constam os registros disponíveis no site do Instituto Socioambiental, não há território indígena demarcado que não conte com múltiplos pedidos de avaliação de seu solo, apenas aguardando na fila até que a oportunidade legal adequada chegue. Enquanto isso, os desastres em locais de mineração permitida e a mineração ilegal seguem a todo vapor. Em um ensaio comparativo baseado em duas breves experiências etnográficas, proponho analisar os desafios que oferecem as mineradoras para os povos indígenas, focalizando especialmente nas estratégias adotadas como modo de resistência às catástrofes capitalísticas anunciadas pelo interesse em seu subsolo. Por um lado, trarei o contexto de uma exploração que se dá através de um garimpo aparentemente individualizado vivenciado pelos habitantes yanomami da região de Maturacá, na Terra Indígena Yanomami (Amazonas, Brasil), mas que afeta significativamente o cotidiano de toda sua população. Do outro, a experiência de um violento ataque armado pelo qual passaram os habitantes zapotecas da comunidade de San Pablo Cuatro Venados (Oaxaca, México), mais especificamente partindo dos relatos de duas representantes da paraje de Los Arquitos. Neste ataque devastador, ocorrido ao final de maio de 2019, mais de 500 mercenários realizaram uma forte ofensiva, munidos de forte poderio bélico e de tratores. Os dois casos contam com panoramas bastante distintos, mas apresentam ambas estratégias e experiências de gestão coletiva dos problemas trazidos pela mineração. Apostando em parcerias diplomáticas que auxiliam na propagação de tais querelas e na contenção de seus danos, juntos nos ajudam a refletir, como sugere este ST, sobre modos de viver o e resistir ao mundo em catástrofe para além do desespero ou da negação.

Palavras-chave: mineração, Yanomami, zapoteca, resistência

## **Sessão 2: Paisagens**

Caturritas, gafanhotos e javalis: relações entre pragas, lavouras e o agronegócio

Sarah Moreno (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestra em Antropologia Social (UFSCar); Doutoranda em Antropologia Social (UFRGS)

Neste trabalho trago alguns dados de minha pesquisa sobre as relações envolvendo humanos e animais considerados pragas para a agricultura nas regiões do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai, a partir dos pontos de vista econômico e ambiental. Caturritas, gafanhotos e javalis destacam-se por causarem danos às lavouras, cada qual à sua maneira, sendo passíveis de estratégias e medidas de controle que podem ser institucionalizadas por órgãos públicos. A fim de embasar a discussão acerca das pragas e exemplificar os impactos econômicos e ambientais, bem como as mobilizações institucionais, apresentarei alguns dados decorrentes de uma breve incursão etnográfica realizada na cidade de Bagé (RS), de seminários remotos promovidos pelo

SENASA da Argentina sobre os impactos e controle de gafanhotos no país, e de entrevistas com caçadores de javalis do Rio Grande do Sul. Os tópicos de interesse se referem aos danos causados por cada um desses animais, as estratégias de controle adotadas, em quais medidas eles vêm a ser considerados pragas agrícolas, bem como a maneira como o agronegócio se faz presente em todas essas relações, com a hipótese de que o mesmo seja principal “produtor” das pragas – uma vez que as regiões afetadas são grandes produtoras e exportadoras agrícolas. Outra hipótese é a de se assumir as paisagens rurais do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai como uma “paisagem de pragas” produzida, justamente, pelo agronegócio que decide quem vive e quem morre. Além disso, também se assume que os animais considerados pragas atravessam a dimensão econômica e são pautados também por lógicas ambientais, políticas e estéticas. A questão da fronteira entre os três países passa a ser um importante instrumento para estabelecer a metodologia da pesquisa, visando contemplar as legislações e políticas de controle de cada um dos animais considerados pragas em cada um dos territórios, considerando que, para esses, nossas fronteiras geográficas e políticas sequer significam algo. Por fim, a ideia de paisagem feral de Anna Tsing (2019) pode ser considerada fundamental para orientar as discussões aqui propostas, auxiliando na reflexão acerca de como caturritas, gafanhotos e javalis encontram condições favoráveis para sua vida e proliferação em ambientes que, teoricamente, não foram pensados para abrigá-los.

Palavras-chave: invasões biológicas, agronegócio, pragas, fronteiras, paisagens

Na iminência da catástrofe: a lama invisível de Barão de Cocais (MG)

Bianca van Steen Mello Laurino (PPGAS/USP)

Mestranda em Antropologia Social

Os rompimentos de barragens de rejeitos em Mariana, em 2015, e em Brumadinho, em 2019, delinearam um novo contexto para a mineração no Brasil, em especial em Minas Gerais. Se, por um lado, as atividades das mineradoras não parecem ter sido abaladas, com faturamentos que cresceram inclusive durante a pandemia; por outro, números passaram a chamar atenção do debate público, revelando um quadro de instabilidade: segundo a Agência Nacional de Mineração, das 841 barragens cadastradas no país em agosto de 2021, apenas 441 estão enquadradas na Política Nacional de Segurança de Barragens, sendo que 57 delas são de alto risco (43 em Minas Gerais) e 4 estão em nível de emergência (todas em Minas Gerais). Entre essas 4, está a barragem Sul Superior, localizada na Mina Gongo Soco, pertencente à Vale S/A. Desde fevereiro de 2019, a população do município de Barão de Cocais vive o perigo de um possível rompimento. Por conta de movimentações muito acima do esperado em sua estrutura, a barragem foi interditada e declarou-se estado de alerta máximo de risco de acidentes. Com o provável caminho da lama calculado, 4 vilas foram evacuadas e 458 pessoas foram retiradas de suas casas durante uma madrugada. Desde então, os moradores de Barão vivem com a presença do fantasma da tragédia. Apesar de o rompimento ainda não ter se efetivado, sua possibilidade,

por si só, afeta o território em diferentes dimensões. Nas palavras de uma das moradoras, a região já foi atingida pela “lama invisível”. O cotidiano local teve que ser reorganizado, a partir de novas estratégias para viver – e sobreviver. No interior desta paisagem incerta, percepções sobre medo, espera e a própria noção de incerteza se alteram à medida que o tempo passa. Muitas vidas, humanas e não humanas, foram colocadas em suspensão. A espera de algo que pode nunca vir a acontecer, mas que de certa forma também já aconteceu, embaralha a maneira pela qual passado, presente e futuro são percebidos. O que se rompe com o rompimento de uma barragem? Quais redes de relações são interrompidas e quais se criam com este tipo de acontecimento, ou de sua possibilidade? Que formas de vida são impossibilitadas? Há outras que emergem dessa situação? Essas são algumas das perguntas que guiam a presente proposta de trabalho, que diante da impossibilidade de estar em campo presencialmente, busca fragmentos que possam recontar uma história, "nomear nosso tempo, pensar nosso presente e visualizar o passado que o criou" (Hartman 2020: 31).

Palavras-chave: rompimento de barragens, mineração, catástrofe

“Tolar de dentro”: conhecimentos/reflexões/pensamentos quilombolas a partir do riacho de Extrema face ao Antropoceno

Márcia Sacramento Rocha (Universidade Federal de Goiás)

Pedagoga e Mestranda em Antropologia Social (UFG)

“Tolar de dentro ”: conhecimentos, reflexões e pensamentos quilombolas a partir do riacho de Extrema face ao Antropoceno O presente trabalho aqui apresentado é uma pesquisa etnográfica, e assim, pretende abordar acerca de um riacho existente na comunidade quilombola de Extrema, situada no município de Iaciara no Estado de Goiás, e sua implicação na vida dos quilombolas, bem como, de todas as formas de vidas existentes no riacho e em seus arredores face ao antropoceno, que com base em nossas ações, como elucida Ailton Krenak (2019), vem marcando o tom de nossa existência. Dessa maneira, a partir de saberes ancestrais quilombolas e da nossa relação com a natureza, trarei sobre as mudanças ambientais e ecológicas enfrentados por nós, e que foram observadas a partir do riacho que corta a Comunidade, e desta maneira, abordarei sobre as transformações que vem ocorrendo pelo uso inadequado das fontes naturais de forma indiscriminada, que há anos vêm provocando mudanças das interações, e das relações entre as várias gerações de quilombolas e a natureza.

Trabalho foi desenvolvido e apresentado ao curso de Antropologia da vida Diante da Catástrofe no primeiro semestre de 2021, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) na Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiás (UFG), por Márcia Sacramento Rocha, quilombola e mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás.

Tolar de dentro - Termo e ou expressão cultural muito comum, utilizada pelo povo quilombola

de Extrema para se referir a estar dentro de algo ou de alguma coisa, entrar dentro, estar junto, entrar junto, estar dentro alguma coisa ou lugar, seja uma conversa ou até mesmo um riacho ou floresta, como no o caso da expressão acima “Tolar de dentro do riacho”.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola de Extrema, Antropoceno, mudanças ambientais e ecológicas

Como amar uma planta: experiência, diversidade e relações multiespecíficas no semiárido paraibano

Gabriel Holliver (PPGAS/MN - UFRJ)

Doutorando em Antropologia

Baseado em um engajamento etnográfico desde 2015, o presente artigo pretende oferecer uma descrição do cultivo de alguns vegetais socialmente relevantes no semiárido paraibano. Através de três dimensões interconectadas: 1) a diversidade biogeomorfológica da paisagem; 2) a diversidade de técnicas e práticas; 3) e a agrobiodiversidade propriamente cultivada, procuro delinear alguns traços constitutivos do sistema agrícola tradicional desta região que se mantém a despeito de todas as investidas de colonizar os corpos humanos e outros que humanos que ali habitam. Começo com a descrição da morfologia da paisagem através da história da monocultura de algodão na região do Seridó, atividade predominante na região durante os primeiros três quartos do século XX. Sugiro que a história da ascensão e declínio da plantation de algodão pode ser pensada como uma história de sucessivos ‘desmantelos’ que deixou marcas permanentes nas pessoas e na paisagem. Em paralelo descrevo esses agricultores que se autodenominam por ‘agricultores experimentadores’. Aqui, a noção nativa de ‘experiência’ é central para compreensão deste modo de existência e suas práticas de criação. Em seguida me concentro nos cultivos sazonais de milho e feijão, atividade esta difundida por quase a totalidade dos agricultores habitantes do semiárido, em que enfatizo a diversidade de variedades e modos de cultivos presente nestes roçados. Posteriormente, abordo a cultura do arroz-vermelho, a longa história da repressão que envolve este vegetal e toda a complexidade de seu cultivo em uma região com baixos índices pluviométricos, quando atento propriamente para as interações interespecíficas que esta planta estabelece nos campos. Por fim, disserto acerca das relações entre humanos e plantas em um sentido que procura conectar as chamadas ‘sementes da paixão’ a questões relativas ao conhecimento tradicional, parentesco e regeneração da vida em um mundo desmantelado. Ao contar essas histórias, objetivo articular a relação social entre humanos e vegetais em três níveis distintos, a saber: 1) o seu registro biográfico – no que tange a experiência individual de cada pessoa; 2) a sua importância histórica – não apenas no que concerne às dinâmicas da morfologia das paisagens locais, mas em suas articulações a nível global, o que inclui suas relações com projetos transnacionais do capitalismo; 3) e por último, as plantas em suas relações como efetivamente parte constitutiva das famílias.

Palavras-chave: experiência, conhecimentos tradicionais, sistemas agrícolas, relações multiespécies, amor

Aprender a praticar pesquisa em um tempo de catástrofes ecológicas e climáticas

Gabriel Mattos Ornelas (Universidade Federal de Minas Gerais)

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE - UFMG), Mestre em Ciência Política e Graduado em Gestão Pública, todos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Lilian Alves Schmitt (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-RS

Alci Albiero Júnior (Universidade Federal do Amazonas)

Doutor em Ecologia Aplicada - ESALQ/USP

Andréia Meinerz (Instituto Federal de Educação e Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul)

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (UFRGS), Mestra em Filosofia - UFRGS e Professora no IFRS

Este trabalho surge a partir de um encontro ocorrido no âmbito da disciplina “Etnografias e Aprendizagens: Explorando práticas”, iniciada remotamente pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais no primeiro semestre de 2021. Tal disciplina tem como objetivo tratar de diferentes perspectivas sobre aprendizagem a partir da exploração de pesquisas etnográficas. Nós viemos de áreas de conhecimento diferentes, universidades diferentes e também de distintos cantos do país e nos reconhecemos, no âmbito da disciplina, coordenadas (Tsing 2019) pelas práticas de pesquisa de correspondência (Ingold 2020) às agências multiespécies em paisagens perturbadas - hortas urbanas em periferias, agroecologia nos currículos de ciências agrárias em disputas e árvores afetadas por efeitos de borda. Nesse sentido, nos percebemos implicadas em perseguir uma pergunta: Como praticar pesquisa em um tempo de catástrofes ecológicas e climáticas? Para nós, adentrar o campo da antropologia da vida vem como possibilidade de aprender a habitar em um mundo em transformação a partir de uma nova sensibilidade ecológica. Entendendo a “vida humana como processo contínuo e coletivo de descobrir como viver” (Ingold 2019: 7) e afetadas por essa questão, tecemos ao longo desses encontros contingentes uma síntese sobre o que, até agora, conseguimos aprender junto aos textos, principalmente de Stengers (2015) e Tsing (2010). As autoras, que não têm como objetivo apontar caminhos seguros e com finais felizes, nos levam a entender que a criação de mundos não é problema da ordem da resolução, mas da insistente e permanente negociação, que leva em consideração uma resposta à intrusão de Gaia, nos dando pistas acerca de nossa pergunta. A implicação política no/com o campo, a prática de constituir comunidade e fazer pesquisa desde o exercício da hesitação são pontos de atenção em nossos

percursos e encontros.

Palavras-chave: aprendizagem, práticas em pesquisa, comunidade, etnografia multiespécie

### **Sessão 3: Criações**

Como contar as histórias do Antropoceno? Ou, em busca de uma antropologia da vida.

Ana Clara Ribeiro Prado (Universidade Federal de Goiás)

Mestranda em Antropologia Social - PPGAS/UFG

Diante da intensidade do momento no qual estamos imersos, esse texto poderia começar pela pandemia em curso. Poderia falar sobre as incontáveis mortes, sobre as dores individuais e coletivas, sobre a necropolítica em vigor que é (des)governada pelo atual e inominável, presidente da república. Apesar da pandemia não ser o Antropoceno, ela é fruto dele e a velocidade de sua propagação se deve graças ao capitalismo desenfreado que tem sido um monstro – no sentido da monstruosidade, mas também no sentido de nos mostrar as consequências do que tem sido feito, escolhido e priorizado desde o advento da Revolução Industrial. Acontece que, apesar da pandemia ter mudado tudo de lugar e de ter se tornado parte de toda a qualquer pauta esse texto não é sobre ela. Esse texto é a tentativa de contar algumas histórias que têm como cenário o Antropoceno e com isso, tentar pensar como orientar uma antropologia da vida em meio ao Antropoceno? Os caminhos são repletos de plantas, seres infinitesimais, mas também de vulcões, montanhas, lagos, sobre a “teima” em resistir e caminhar por caminhos outros como estratégia para sobreviver, viver, fazer parentes diante do que se anuncia enquanto um período pouco propício para continuar existindo e sendo assim, a pandemia também se apresenta enquanto uma das histórias a serem contadas, pois como acreditava Paul Crutzen, o grande químico que popularizou o termo, o vírus SARS-Cov-2 não era o Antropoceno e sim fruto dele. Antes de partir para o texto em si, quero dizer que essa escrita é também sobre escolhas e criatividade diante do Antropoceno. Por não ser seguro realizar um trabalho de campo, precisei fazer dos textos o meu campo de pesquisa (um exercício de uma antropologia da antropologia por assim dizer) e da mesma forma com que fazemos em campo foi necessário delimitar algumas questões como por exemplo, a quantidade de vozes que dialogariam comigo ao longo dessas páginas. Sendo assim, estabeleci como critério de escolha trabalhar com textos e autores que me apresentaram essa discussão tão nova e tão antiga ao mesmo tempo e que assim fosse possível apresentar ao leitor as minhas descobertas e perspectivas em relação a esse emaranhado criativo de perspectivas entorno do que é nomeado por Antropoceno.

Palavras-chave: Antropoceno, histórias, perspectivas, fins de mundo

O lodo, o rio e eu...: narrativas sobre memórias, feralidades e confluências no Baixo rio São Francisco em tempos de crise ambiental.

Igor Luiz Rodrigues da Silva (PPGAS/ INCT Brasil Plural/ CANOA UFSC)

Doutorando em Antropologia - UFSC

Este trabalho busca, a partir do entrelaçamento de memórias e de observações, mergulhos e andanças de um ribeirinho antropólogo junto ao rio São Francisco, no sertão alagoano, narrar como o lodo, macrófitas aquáticas e outras espécies que habitam o leito e o fundo do rio, têm interagido e elaborado processos sociais mais que humanas. Ao mesmo tempo, têm afetado as práticas pesqueiras, a navegação, os modos como os ribeirinhos se relacionam com o rio, e de como estes fazem brotar novas rotas de habitabilidades e simbioses capazes de dar vida e reconfigurações a paisagens. Assim sendo, “O lodo, o rio e eu...” (ribeirinho e antropólogo), versa sobre modos particulares de feralidades em curso nas margens, beiras e profundidades do rio, principalmente no município de Pão de Açúcar e adjacências, entre os estados de Alagoas e Sergipe. O lodo é um efluente orgânico, um sedimento característico de terras inundadas e alagadas, entre os quais, o próprio rio, trazendo em sua composição, minerais, material em decomposição e juntamente outras espécies vegetais, como as plantas aquáticas e algas, que em associação e assembleia, provocado sistemáticos regimes de perturbações, de quebra de coordenação, sinalizando para os efeitos do Antropoceno no Baixo São Francisco com a baixa da vazão de suas águas, com a diminuição de cursos de navegação, provocadas sobretudo pela grande quantidade de barragens, hidroelétricas, pecuária, irrigação, poluição e o próprio aquecimento global, são decisivos para fazer emergir práticas de perturbação e diversidade contaminada, em que corpos, performances, tradições, memórias, histórias, vidas e mundos tem entrando em desorientação, inclusive as minhas próprias maneiras e afetividades para com o rio. Neste sentido, utilizo processos metodológicos fornecidos pelos escritos de Anna Tsing (2019), Tim Ingold (2015) e a reflexividade cosmopolítica de Ailton Krenak (2020a, 2020b), ao mergulhar e navegar sobre os dilemas de ser parte de um rio em desassossego e divergências de mundos, buscando as confluências sobre as quais nos fala Antônio Bispo (2020), para sermos caboclos atirando flechas que dobram a destruição e a proliferação da morte.

Palavras-chave: lodo, Rio São Francisco, paisagens, antropoceno, feralidades

Uma análise do antropoceno a partir da perspectiva necropolítica da película audiovisual Act without words I de Samuel Beckett

Armando da Silva Moura (Programa de Pós-Graduação em Medicina Tropical e Saúde Pública)

Mestrando em Medicina Tropical e Saúde Pública (PPGMTSP/IPTSP/UFG)

Adriel Diniz dos Reis (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais)

Doutorando em Performances Culturais (PPGIPC/FCS/UFG), Mestre em Performances Culturais (PPGIPC/EMAC/UFG)

Este estudo propõe fazer um ensaio do Antropoceno a partir da perspectiva Necropolítica da pandemia do Sars-CoV-2 na película audiovisual Act without words I de Samuel Beckett. A metodologia aplicada é um ensaio a partir da análise descritiva da película audiovisual Act without words I fundamentado teoricamente nas discussões teóricas propostas por Paul Crutzen, Eugene Stoermer (2000), Donna Haraway (2015), Achille Mbembe (2003) e Cecília Mello (2020). Interessa-nos, portanto, refletir as relações entre o Antropoceno, a Necropolítica e a pandemia do Sars-CoV-2 na obra beckettiana.

Palavras-chave: Samuel Beckett, teatro, audiovisual, ato sem palavras i, antropoceno, necropolítica, pandemia sars-cov-2

Escrita no tempo de catástrofes

Carlos Augusto Silva e Silva (Universidade Federal de Rondônia - UNIR / Instituto Federal de Rondônia - IFRO)

Mestre em Educação em Ciências (Universidade Federal do Pará)

O que pode a escrita num tempo de catástrofes? Que acontecimentos ou encontros podem ser gerados? A proposta a ser realizada assume o ato de escrever como fruições vitais em momentos de crise ecológica, não no sentido de reconhecer ou identificar uma prescrição sob uma tonalidade messiânica a ser utilizada para a salvação diante da catástrofe que se anuncia e, ao mesmo tempo, estamos vivendo, mas de instaurar atos de criação na escrita tendo como plano a catástrofe; uma prática coletiva e também singular da escrita, um movimento que produz afetações no corpo, aquele que é capaz de engravidar (-se) outrem de acontecimentos, afastando-se daquilo que Stengers (2017) chamaria do puro ato de anotar, pensando o escrever como uma espécie de metamorfismo que é antes, um posicionamento de pensar junto, um “com” que está sempre num por vir, num vir a ser, em mudanças metamórficas, um escrevercom; o qual, aproximando-se de Deleuze tomaríamos o escrever também como uma “questão de devir” (Deleuze 1997: 11). Inspirado nos autores supracitados, pressupõem-se duas questões: 1) as palavras de uma escrita não se articulam a partir de um significado e significante; se assim for, 2) a escrita a partir de uma origem humana recairá novamente na comunicação, um “querer

comunicar” para o autor e um “querer entender” ao leitor. A fim de resistir a tais pressupostos da linguagem, e a ideia de uma escrita originalmente humana, Stengers (2017: 11) propõe o escrever como “uma experiência animista, atestando o domínio de um mundo “mais que humano”. No entanto, há de se ratificar que em momento algum se quer produzir uma escrita “não humana” contrapondo uma escrita humana, o que se questiona, é a demasia humana e suas ressonâncias na escrita e na vida. Ademais, realizar-se-á pequenas fruições de escrita inspiradas nas catástrofes, uma nascente de mundos por vir, de escritas que geram, geraram e gerarão vidas. Pois a escrita, antes de tudo, é um modo de vida, Nietzscheamente falando, um modo de afirmar a vida, talvez um pouco mais que isso, a escrita é a vida se apresentando como pensamento, ainda insistindo um pouco mais, seria a vida insistindo para viver. É importante ser dito: não escrevo porque estou triste, escrevo porque estou alegre.

Palavras-chave: escrita, catástrofe, filosofia da diferença

Os fantasmas já eram tristes

José Joaquim Gomes Neto (Universidade Federal de Goiás)

Mestrando em Antropologia Social - PPGAS/FCS/UFG

Julliana Rodrigues de Oliveira (Universidade Federal de Goiás )

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV/FAV/UFG)

O texto se propõe, em sua primeira parte, na construção de um cenário reflexivo acerca da problemática da catástrofe humana na lógica do antropoceno. Os passos percorrem o território do corpo e das relações entre presença e ausência, entre humano e não humano, entre pertencimento e deslocamento, próprios da marcha do homem na lógica do antropoceno. Esse percurso inspirou o território para o ensaio visual da segunda parte, em que apresentamos três fotografias que compuseram o ensaio fotográfico chamado “Desvanecer”, bem como a narrativa da experiência de realizá-las. O Coletivo Bunker apresenta, através deste ensaio, a forma como tem refletido sobre as problemáticas da atualidade, valendo-se dos corpos dos artistas postos em relação um com o outro, e nesse caso a relação é transbordamento. Ao longo do texto, é construído um pensamento sob múltiplas percepções, desde o território das pesquisas em arte, da antropologia, no processo de criação visual e da narrativa de si, que nos fizeram ressignificar nosso “estar no mundo” enquanto humanidade. É apresentado também os resultados da reverberação dessas tratativas acerca do antropoceno, do corpo e da paisagem na produção artística do Coletivo por meio do ensaio fotográfico.

Palavras-chave: corpo, paisagem, relação, catástrofe

#### **Sessão 4: Limiares**

Notas sobre a catástrofe da sobrenatureza

Nicole Soares (Universidade Federal do Espírito Santo)

Doutora em Antropologia (UnB)

Entre os povos indígenas do “Complexo do Marico” (Maldi 1991) – rio Guaporé, sudoeste amazônico–, as mortes dos parentes produzem ou revelam uma espécie de toxidade anímica (ou potência perigosa) de certos lugares e certos corpos, saturando o campo de parentesco e requerendo cuidados e ações xamânicas de restauração e cura para quem permanece vivo. Dependentes do “tipo” de morte e do “tipo” de parente, esses cuidados indicam uma espécie de continuidade entre vivos e mortos, entre lugares e espíritos, que precisa ser interrompida ou controlada (por ritos funerários, interdições, prescrições). Contudo, ao que parece, esse tipo de controle não está imune à história de relações com os não indígenas e por ela é influenciada - incluindo epidemias devastadoras no passado, deslocamento forçado e depredação ambiental atual. Assim, a continuidade da vida entre parentes, e dos parentes, se inscreve em desafios atuais das relações com a terra e na terra, que pretendo abordar. A comunicação se guia por uma questão: como ser capaz de incluir na teorização sobre a continuidade da vida de um povo indígena tanto as repressões sobre a máquina primitiva a eles impostas a partir da invasão das Américas, quanto as transformações por eles exibidas nas relações com a terra? Seria possível pensar as sobrecodificações não indígenas a partir de seu diagnóstico e contraparte? Intuindo positivamente, estaria a ideia, ainda provisória, de “catástrofe da sobrenatureza”.

Palavras-chave: vida; morte; sobrenatureza; catástrofe; Complexo do Marico

Fuga das linhas: extinção e afastamento no convívio com os encantados na Ilha de Marajó

Kauã Vasconcelos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Doutorando em Antropologia (PPGAS/MN)

O presente texto é uma tentativa de aproximação da elaboração etnográfica do trabalho de campo que realizo em Soure, município da Ilha de Marajó, sobre o sumiço e afastamento de certos encantados e a temática da extinção – como apontada em alguns trabalhos antropológicos e filosóficos -, diante da catástrofe climática que se intensifica. É um primeiro esforço de pensar a partir da questão colocada pelos encantados, a continuação da vida por outras vias, para a temática de uma ecologia diante da devastação. Diferente da prática encontrada na encantaria amazônica, onde a morte é pensada como parte inerente da experiência da vida, a ideia de "extinção", presente nas leituras sobre os efeitos decorrentes da catástrofe climática, parece

indicar a impossibilidade da continuação da vida e da morte. Esta seria como uma "dupla morte", para usar a expressão apresentada por Deborah Bird Rose, a dupla morte, comenta Donna Haraway, é como "o assassinato da continuidade", "o assassinato da possibilidade de continuar" (Haraway 2020). Acabar com essa continuidade poderia se aproximar com o que a autora chama a atenção em outro texto, se referindo ao trabalho de Anna Tsing, sobre a perda de locais de refúgio, “a partir dos quais diversos grupos de espécies (com ou sem pessoas) podem ser reconstituídos após eventos extremos (como desertificação, desmatamento...)” (Haraway 2016:140), uma destruição desses espaços-tempo de refúgios que faz proliferar refugiados, humanos e não-humanos. Tanto a dupla morte quanto a perda dos refúgios parecem indicar um estado limite para a continuidade da vida em certos termos. A continuidade da existência desses seres que desaparecem, em diferentes planos, poderia igualmente estar comprometida pela intensificação desses fenômenos que colocam em cheque a própria morte em sua continuidade com a vida.

Palavras-chave: encantaria amazônica, religiões afroindígenas, extinção

Un breve acercamiento a las apreciaciones mayas contemporáneas sobre el fin del mundo

Julián Dzul Nah (Posgrado en Estudios Mesoamericanos, Universidad Nacional Autónoma de México)

Maestro en Estudios Mesoamericanos

Esta comunicación pretende explorar el modo en que distintos actores del pueblo maya peninsular contemporáneo interpretan las narraciones orales acerca del fin del mundo propias de su marco cultural, a la luz de algunas problemáticas actuales que les conciernen como colectivo. Planteo que tales narrativas pueden ser consideradas como una forma particular de escatología local, puesto que se configuran desde un constante proceso reflexivo sobre el propio devenir, vinculadas estrechamente con temores y esperanzas surgidas de situaciones críticas y que les impulsa a hacer frente a episodios catastróficos. Si bien tales historias suelen ser narradas en la cotidianidad, su fuerza se consolida cuando el momento resulta oportuno o bajo determinadas circunstancias, especialmente las adversas, que favorecen la evocación, profundización, renovación/actualización e interpretación de tales narrativas. En el caso contemporáneo que pretendo exponer, éstas se condensan, por lo general, con problemáticas ecológicas que tienen que ver con la contaminación del manto acuífero, la instalación de megagranjas porcícolas y despojos territoriales por parte del gran empresariado “blanco”.

Palavras-chave: Pueblo maya peninsular, fin del mundo, escatología local, narrativa oral, catástrofe ecológica

Claustro, exfermidade e algumas aves

Carlos Estellita-Lins (Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ)

Pós-doutor em Antropologia

O trabalho busca apresentar marcos de caráter escatológico ou de fim-de-mundo – a saber, confinamento na críse covid, acontecimento, empuxo ao discurso como experiência de adoecimento, solastalgia; para então discutir etnografias multiespécie a partir de situações limite, artificiais, constrangedoras. Percorre deste modo recortes de uma experiência pessoal, biográfica, pretensamente “autoetnográfica”, para confrontar-se com o desafio de uma etnografia multiespécie mínima em um espaço padronizado e difundido pelos modos de existência ocidentais – uma sala e sua janela num apartamento. Trata-se de uma reflexão que parte do conceito de acontecimento, durante a pandemia do new covid-19 SARS-2 no mundo, verificada a partir do claustro de modo absolutamente efêmero e circunstancial. Por um lado, havia a inserção quase permanente na web. Contatos com outros humanos e suas máquinas através de teclado, mouse, dedos deslizantes, microfones e impressões em papel. A súbita necessidade de descrição da experiência de doença (newsarscovid-19) por filósofos, sociólogos, antropólogos e intelectuais partia de um paradoxo nos primeiros meses da pandemia: a busca de soluções e a percepção de sua impossibilidade emergiam simultaneamente. Ser esclarecido era combater o negacionismo – portanto acreditar que o fim está próximo. O estatuto das reflexões filosóficas hodiernas sobre o fim de todas as coisas pode ser explorado a partir de Kant. A questão do Antropoceno e das zoonoses é tematizada neste contexto de modificação, onde os modos, etimologia insuperável do projeto moderno, se confrontam com impasses escatológicos de adiamento do fim do mundo. Cabe examinar a noção de exfermidade, entendida enquanto moléstia proveniente de uma exterioridade radical. Esta escatologia do contato com o limite extremo fica paradoxalmente apontando para o lixo, o resíduo, dejetos, poluição, pegada fóssil e química. A experiência de isolamento, que se tornou política, intransigente, orgulhosa – abriu-se para uma paisagem minimalista incontornável. Como um jardim zen ou a contemplação de um deserto havia uma paisagem por ser descrita e frequentada em minha própria janela. Igualmente, é preciso acompanhar as etnografias multiespécie com ênfase nas experiências de “edge”, de animais em extinção ou ameaçados. É imperioso debruçar-se sobre mundos em ruínas, escombros e resíduos. Ganha importância a possibilidade de fabulação de espécies possíveis, assim como de um gesto especulativo.

Palavras-chave: antropoceno, etnografia multiespécie, escatologia, exfermidade

Ecologias do fim do mundo: visões da ficção científica

Gabriel Cardozo de Lima (Museu Nacional - UFRJ)

Mestre em Antropologia Social - Museu Nacional, UFRJ

Este artigo relaciona algumas obras de J.G. Ballard (1930-2009), Jeff Vandermeer (1968) e outros autores. Suas ficções especulam sobre o fim do mundo a partir de um viés ecológico; Ballard é conhecido por construir futuros em que catástrofes naturais mudam o curso da vida humana (*The Drowned World*, 1962; *The Crystal World*, 1966; *The Wind From Nowhere*, 1966) enquanto Vandermeer, mais recentemente (*A aniquilação*, 2014), vem escrevendo sobre as implicações da aniquilação humana a partir da chegada de uma espécie alienígena desconhecida. Os autores desenvolvem reflexões caras à contemporaneidade, na medida em que especulam acerca de catástrofes que alteram o curso da vida humana. Podemos pensar junto desses autores, de modo a construir uma ferramenta analítica para especulação do futuro e reflexão do presente? Ou ainda: é possível imaginar outros futuros a partir das visões da ficção científica? Por que a natureza ressurgiu como uma forma de pensar a destruição e a transformação do humano frente ao futuro? Essas e outras perguntas são inspirações desse ensaio, uma espécie de incursão às ecologias do fim do mundo.

Palavras-chave: ficção científica, fim do mundo, ecologia

## **ST28 Ecologias biotécnicas: sistemas técnicos, manipulações e formas de vida emergentes**

Viviane Vedana

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

vi\_vedana@yahoo.com.br

Guilherme Moura Fagundes

Universidade de Brasília (UnB)

guilhermefagundesantro@gmail.com

Radamés Villagómez Reséndiz

Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

scorphylum@gmail.com

Em seu ensaio sobre a questão da ecologia, Georges Canguilhem sustenta que a relação dos viventes com seu meio é sempre mediada pela técnica. Assim, a ecologia não deveria se pautar numa oposição entre técnica e vida, própria a certo discurso ideológico sobre a “natureza”, mas sim na sua complementariedade. Este ST interpela alguns desdobramentos desta proposição para a antropologia contemporânea. Sobretudo junto a etnografias que se dedicam à compressão de variados modos de relação com animais, vegetais, microrganismos e ambientes. Estimulamos a submissão de pesquisas situadas em três nichos temáticos e suas interfaces. O primeiro se concentra na gênese de sistemas técnicos, inclusive digitais, relacionados às formas de manejo da água, da terra, do fogo ou de minerais, bem como às práticas de reversibilidade de materiais recicláveis. Também são bem-vindos trabalhos voltados às diversas formas de operação, coordenação e manipulação dos (e com) viventes, como projetos de biomemitemismo, processos da agrobiodiversidade, práticas de restauração ecológica e controle de vetores virais. Por fim, nos interessa debater conexões entre as formas de vida (forms of life) e formas da vida (life forms) que emergem de situações de degradação, erosão, esterilização e outras perturbações provocadas pelo capitalismo extrativista e suas monoculturas, como aquelas envolvendo o agenciamento de herbicidas, pesticidas, o derramamento de petróleo e outros resíduos tóxicos.

Palavras-chave: técnica, ecologia, manipulação, formas de vida

## Sessão 1

Águas comunitárias: sistemas independentes de gestão de água em Florianópolis

Priscila Oliveira dos Anjos (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestre em Antropologia - UFSC

Há em Florianópolis/SC dezenas de sistemas independentes de água, ou seja, de formas de abastecimento de água que não são administradas pela CASAN (uma empresa pública de economia mista e de capital aberto, que atua como concessionária do setor de saneamento em Santa Catarina). No bairro Costa de Dentro, localizado no extremo-sul da ilha, a associação de moradores da localidade faz a captação, tratamento e distribuição da água para 200 residências. Há 18 metros do solo são captados 15 m<sup>3</sup> de água a cada cinco minutos, por meio de um sistema de canos acoplados a uma bomba impulsionada por motores. Em agosto de 2021, iniciei o trabalho de campo com os moradores que administram as demandas diárias do sistema independente, a fim de acompanhar as práticas cotidianas dos que fazem a gestão das águas, as sociabilidades, e compreender quais são as técnicas elaboradas em torno do manejo das águas. No “ST28 - Ecologias biotécnicas: sistemas técnicos, manipulações e formas de vida emergentes” pretendo apresentar os dados iniciais desta pesquisa de campo e contar com o diálogo entre os pares para a construção de uma fundamentação teórica que contribua para a continuação da realização da pesquisa.

Palavras-chave: abastecimento de água, gestão comunitária, infraestruturas

Projeto Wolbito Brasil: divulgação científica fazendo alianças eco-imagéticas queers entre ciência, tecnologia e educação

Thiago Ranniery (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Doutor em Educação (UERJ)

Júlia Pompeu Fernandes da Costa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas / UFRJ

O presente trabalho deriva das intenções mais amplas de um projeto de pesquisa que vem buscando explorar os impactos ontológicos e as alianças políticas entre estudos curriculares, estudos da ciência e da tecnologia e estudos multiespécies. Para tanto, o recorte que, aqui apresento, parte de uma cartografia virtual de dois sites do World Mosquito Program (WMP), [www.wolbitonobrasil.com.br](http://www.wolbitonobrasil.com.br) e [www.wolbitonaescola.org](http://www.wolbitonaescola.org), e suas interfaces com convocações para a educação. O WMP é um projeto importado para Brasil pela Fundação Oswaldo Cruz que busca combater as epidemias virais transmitidas por mosquitos ao redor do mundo. Para tanto, trabalha a partir da liberação de mosquitos *Aedes aegypti* com a bactéria *Wolbachia*, o que

diminuiria a capacidade de infecção dos vírus da Zika, Dengue e Chikungunya. Além disso, um braço do programa desenvolve materiais didáticos para professores e realiza ações pedagógicas em escolas, através de experimentos sobre o desenvolvimento do mosquito e sobre o método Wolbachia. Ao entrelaçar os materiais catalogados dos sites, amparada, principalmente, pelas formulações sobre o ciborgue e espécies-companheiras de Donna Haraway com uma ampla discussão de ecologias queer, argumento que a divulgação científica agencia e tece um currículo ao recriar as relações discursivas, afetivas e materiais entre mosquitos, humanos e vírus. No coração desses sites o Wolbito, figura que representa o *Aedes aegypti* com a bactéria Wolbachia, dá nome a um mosquito que é um híbrido científico-natural, reimaginado como uma espécie de aliado entre humanos, bactérias e mosquito. Por meio de imagens, textos, vídeos, cartilhas e experimentos, essa estranha criatura é performada em uma aliança queer eco-imagética, ampliando possibilidades de emaranhamento entre currículos, práticas científicas, pessoas, mosquitos e bactérias. Por fim, o Wolbito se mostra provocador, pois caminha em sentido oposto à políticas de combate e do extermínio, se concentrando em uma relação afetiva interespecies. Assim, a lógica de matança não somente parece ser virada para uma dialética de domesticação, proximidade e intimidade, como traz à tona certo animismo imanente às práticas científicas que desafiam o imaginário educacional centrado no sonho da formação humana.

Palavras-chave: currículo, vírus, mosquito, *Aedes aegypti*, Wolbachia, divulgação científica

Micróbios e Mosquitos no Rio de Janeiro: Navegando Noções Mais que Humanas de Segurança

Luísa Reis Castro (Universidade do Sul da Califórnia / USC)

Doutora em História, Antropologia e Estudos da Ciência e da Tecnologia (Instituto de Tecnologia de Massachusetts / MIT)

O *Aedes aegypti* – mosquito conhecido por ser o vetor dos vírus Zika, dengue, chikungunya e febre amarela – está sendo liberado no Rio de Janeiro, como parte de uma iniciativa que visa transformar esse inseto em um “aliado” no controle de vírus patogênicos. O grupo que vem desenvolvendo essa estratégia libera mosquitos infectados com uma bactéria chamada Wolbachia, micróbio que reduz significativamente a capacidade de o *A. aegypti* de transmitir vírus. Fêmeas infectadas com Wolbachia transmitem a bactéria para a sua prole. Porém, para transformar esses insetos em ferramenta de controle vetorial, o projeto precisa que os mosquitos modificados se acasalem com “selvagens” espalhados pela cidade. Tendo em vista que o *A. aegypti* não voa longas distâncias, cabe aos humanos cruzarem a cidade para soltar esses insetos, navegando as múltiplas paisagens urbanas que compõem o Rio, de condomínios fechados a bairros de baixa renda de difícil acesso. Com base em trabalho de campo, realizado entre 2017-2018, junto a cientistas e técnicos do projeto Wolbachia e agentes de saúde que colaboraram nas solturas, esta apresentação examina as liberações desses mosquitos modificados no Rio, uma cidade marcada por violentos conflitos e uma constante sensação de insegurança. Minha

análise foca não na violência em si, mas no modo como essas experiências moldaram a implementação, explicação e compreensão do projeto. Discuto neste trabalho como a “segurança” – tanto da bactéria quanto dos mosquitos infectados – era descrita por meio de metáforas que faziam referência às diferentes táticas que as pessoas adotam para se sentirem “seguras” no Rio. Ademais, examino a afirmação dos cientistas de que o uso do mosquito com *Wolbachia* superaria as limitações das atuais estratégias para controlar doenças transmitidas pelo *Aedes*. Por exemplo, ao invés de os agentes entrarem nas casas para inspecionar potenciais focos, uma prática que vem se tornando cada vez mais difícil no Rio, planejava-se delegar esse esforço aos mosquitos. Por fim, analiso como a violência delimitou a coordenação, a logística e as possibilidades do projeto *Wolbachia*. Ao discutir como ecologias biotécnicas são também moldadas por noções mais que humanas de “segurança”, focalizando na maneira pela qual mosquitos e micróbios foram manipulados e mobilizados em novas formas de relações multiespécie, este trabalho oferece uma contribuição à antropologia da ciência e da tecnologia, em especial as discussões sobre “biossegurança”.

Palavras-chave: ecologias, saúde, mosquitos, micróbios, epidemias, biossegurança

“A gente conta pirarucu é na boiada dele”: concordâncias práticas, estimativa populacional e o manejo participativo

José Cândido Ferreira (PPGAS-Unicamp)

Mestre em Antropologia (UFMG)

Técnica e vida são indissociáveis no contexto do manejo participativo de pirarucus, realizado na região do médio rio Solimões, Amazonas. O movimento que permite o pirarucu (*Arapaima spp.*) viver é também motivo de sua maior fragilidade: é no momento que o peixe boia para respirar que ele se torna mais vulnerável ao arpão do pescador. No entanto, esse mesmo movimento permite que pescadores treinados identifiquem e enumerem os pirarucus, atividade que estruturante do manejo. O método que formaliza a contagem de pirarucus foi criado em um contexto de cooperação entre pescadores e cientistas e, atualmente, é a ferramenta padrão para realização de estimativa populacional no manejo de pirarucus, no estado do Amazonas. Os pescadores monitoram agrupamentos de peixes e os resultados subsidiam o cálculo de cotas de pesca. A lógica desse manejo alterou o foco da atuação de pescadores, que passaram a dar atenção à população-cota de pirarucus, em contraponto ao indivíduo-presca, na medida em que os esforços de conservação dos peixes nos lagos se sobrepõem aos de extração. Neste trabalho procuro explicitar as condições de acordos pragmáticos entre pescadores, cientistas e técnicos que permearam a criação da metodologia de contagem e a operacionalização do manejo participativo de pirarucu, a partir de um estudo etnográfico realizado em uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável, na região do médio Solimões, Amazonas. Em seguida, analiso o processo de contagem de peixes, a partir do funcionamento do campo operatório do pescador e do contador, em suas dinâmicas de encontro com os pirarucus. Para tanto, dou destaque aos

gestos e ferramentas utilizadas, bem como explícito o objeto de atenção do pescador e contador, a boiada do pirarucu. As conclusões do trabalho apontam para a eficácia dos conhecimentos e práticas de povos tradicionais para a conservação da biodiversidade. O exemplo do manejo participativo de pirarucu mostra que povos tradicionais podem e devem ser incluídos efetivamente na gestão de recursos naturais e dos territórios em que habitam, quesitos básicos para a garantia de justiça socioambiental.

Palavras-chave: manejo, participação, contagem, pescador, Amazônia

O basalto e a resistência do campo nativo na Pampa brasileiro-uruguaia

Caetano Sordi (Universidade Federal do Rio Grande do Sul; IPHAN)

Doutor em Antropologia Social (UFRGS)

Na fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul, e estendendo-se pelo norte uruguaio, vigora uma divisão do meio agrário entre dois domínios distintos. De um lado, uma paisagem de várzeas e coxilhas onduladas, formada por solos sedimentares e arenosos, propensos à agricultura. De outro, uma paisagem caracterizada por um relevo mais acentuado e rochoso, cujos solos rasos e afloramentos basálticos apresentam maior resistência à expansão da lavoura. Referidos pela população local como o basalto e a areia (ou areias), estas duas metades têm conformado, historicamente, sistemas produtivos distintos. Enquanto no basalto se preservam modos de vida associados à pecuária extensiva sobre campos nativos, a revolução verde do último século fez com que os monocultivos de arroz e soja se tornassem predominantes nas coxilhas e várzeas da zona de areias, suprimindo as pastagens. Para além de um determinismo geológico ingênuo, a distinção areia/basalto articula percepções e modos de habitar a pampa que reverberam o que a antropóloga uruguaia Maria Fernanda de Torres Álvarez (2011: 160) denominou de "a resistência do liso", na esteira dos conceitos de liso e estriado na obra de Deleuze e Guattari. Segundo a autora, a pecuária extensiva desenvolve uma verdadeira cosmologia do liso, em que "os campos são a superfície onde o olhar atravessa as coisas" (idem, *ibid.*). Mais recentemente, no entanto, uma forma de monocultivo em específico parece ter sido capaz de superar a resistência dos campos basálticos e impor "muralhas verdes" que reorganizam a dinâmica da paisagem e sua cosmologia: as plantações seriadas de pínus e o eucalipto, apresentadas em ambos os lados os da fronteira como nova panaceia para uma região economicamente deprimida. Nessa apresentação, exploro o contraste entre areias e basalto desde uma perspectiva inspirada pela antropologia ecológica e a geografia humanista, de modo a explorar o que está em jogo nos processos de transformação da paisagem agrária pampeana em vários níveis e escalas. Por fim, chamo a atenção para a possibilidade de uma "imaginação telúrica" como forma de compreender as relações entre domínios minerais e ecologias biotécnicas. Afinal de contas, como diz o geógrafo Eric Dardel (2015: 56), "a pedra é um acontecimento em si própria e uma possibilidade para todos os outros seres".

Palavras-chave: ecologias biotécnicas, paisagem, pecuária, solos, pampa

## Sessão 2

O que dá de plantar para comer? O arranjo da paisagem através da manipulação feita por agricultores, abelhas e plantas espontâneas

Patrícia Postali Cruz (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

Doutora em Antropologia Social (UFSC)

No projeto de fazer agricultura ecológica do agricultor Onécio e da agricultora Evani, as abelhas são constantemente associadas ao cultivo de plantas. Assim como a planta em sistemas agroflorestais, as abelhas em condição de intensa liberdade presumem muito mais uma ordenação do ambiente e de suas habitações do que um pretenso controle de seu desenvolvimento. A permanência nas caixas, pelas colmeias, está ligada a este ordenamento, ao ritmo de cuidado e atenção que é desprendido ao apiário. Aqui o arranjo da paisagem é constantemente construído. E é nessa construção conjunta, entre abelhas e humanos, que permite a permanência, a longo prazo, das abelhas nas colmeias. Além disso, há uma correlação entre os modos de habitar, da colônia de humanos e das colônias de abelhas. O terreiro onde Onécio habita é organizado em torno dos ritmos do cultivo das lavouras – periodicidade longa – e o cuidado com os animais – periodicidade curta (diário). O trabalho que inicia ao primeiro raiar do sol, às vezes antes mesmo de amanhecer, segue o ordenamento dos cultivos que colonizam o ambiente em companhia da família de humanos. Assim, na composição do arranjo da paisagem, através do cultivo de plantas, espontâneas ou de lavouras, há uma complementariedade entre os trabalhos exercidos por humanos e não humanos, uma espécie de simbiose fixada pelos interesses de cada coletivo. Nesse sentido, interessa refletir, a partir deste trabalho, sobre os arranjos inscritos nas paisagens através da cooperação entre humanos e não humanos, mais especificamente, entre Onécio, Evani, abelhas, lavouras e mato. É através de relações inter/intraespecíficas que as decisões entre o que plantar e quando plantar se constituem e, mais do que isso, é fruto de arranjos únicos e específicos, no tempo e no espaço. Em processos simbióticos, a vida cresce em meio a ações potentes do feijão no solo, das abelhas no feijão, dos humanos nas caixas das abelhas.

Palavras-chave: agricultura ecológica, antropologia da paisagem, apicultura, técnica, simbiose

Nos bastidores de um Webinário da Agrossociobiodiversidade: notas etnográficas dos diálogos entre pesquisadores em tempos de pandemia

Cristiane Tavares Feijó (Universidade Federal de Santa Catarina)

Doutora em Desenvolvimento Rural (UFRGS)

Rumi Regina Kubo (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Doutora em Antropologia Social (UFRGS)

O presente resumo emerge da pesquisa de Pós-Doutorado, então motivada pelos desafios que afloram cotidianamente na esfera científica e na interface política, e conseqüentemente, na sociedade. A ideia principal é contribuir com os estudos e reflexões oriundos da Antropologia da Ciência e da Técnica, no que tange, especificamente, as relações estabelecidas entre os diferentes sistemas de conhecimentos. Para isso, estamos empenhadas em seguir os caminhos da(s) ciência(s) e tecnologia(s), trazendo também como referência as relações construídas desde o Doutorado, entre o período de 2015 a 2019. Neste caminho à Embrapa Clima Temperado, através dos seus projetos no contexto denominado pelas práticas e conhecimentos dos guardiões de sementes crioulas, na conservação da agrobiodiversidade, segurança e soberania alimentar, é o fio condutor para compreendermos as construções, interações, convergências e conflitos no mundo da Ciência e Tecnologia. A partir dos bastidores do primeiro “Webinário de Agrobiodiversidade e Segurança Alimentar”, realizado pela Embrapa Clima Temperado, localizada no município de Pelotas, no Rio Grande do Sul (RS), buscamos analisar como o processo de construção e organização do Webinário, no contexto do ofício científico e suas diferentes relações, têm interferido direta ou indiretamente nas ações inscritas pelos discursos da conservação da agrobiodiversidade. Pode-se afirmar de antemão que a nossa escrita etnográfica virtual, tem sido afetada pelo entusiasmo dos pesquisadores em aprofundar seus debates, um tanto subversivos, sobre as temáticas da agrossociobiodiversidade, da erosão genética, e dos riscos que se inscreve pela contaminação das sementes tradicionais por transgênicos, em um contexto formulado pela revalidação da ciência na sociedade brasileira. Além disso, pode-se dizer que tais temas em questão ganham uma nova repercussão no interior da Embrapa contribuindo com a ampliação das suas interações entre pesquisadores, instituições, e organizações civis. Acredita-se que na medida em que o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), passaram ser ferramentas essenciais no ano de 2020, diante da crise sanitária mundial ocasionada pela COVID-19, o rumo da ciência produzido na Embrapa inscreve-se por novos postulados de uma inteligência coletiva, e uma cosmopolítica local, em defesa das vidas das pessoas, das variedades e espécies de sementes, sejam elas denominadas tradicionais e/ou crioulas.

Palavras-chave: Embrapa, agrossociobiodiversidade, TICs, cosmopolítica, webinário

Um olhar multiespécie para o queijo serrano

Guilherme Rodrigues de Rodrigues (PPGAnt/UFPeI)

Doutorando em Antropologia / UFPeI

Camila Ballus (PPGAnt/UFPeI)

Mestranda em Antropologia / UFPeI

Renata Menasche (UFPeI/UFRGS)

Doutora em Antropologia / UFRGS

Este é um resumo de duas pesquisas (uma de mestrado e outra de doutorado), as quais propõem um estudo etnográfico sobre o queijo serrano. O universo desta investigação está situado no nordeste do Rio Grande do Sul e sudeste de Santa Catarina. O queijo serrano integra a cultura alimentar da região, sendo sua receita secular entre gerações. Não apenas o saber fazer do queijo artesanal está intrínseco à vida dos habitantes mas, também, os utensílios, o uso de leite cru para elaboração do produto e relações de gênero empregadas. Práticas de sociabilidade, costumes e tradições associadas ao cotidiano das famílias rurais produtoras do queijo serrano evidenciam a relação entre os modos de vida dos produtores e a produção de queijo. Para além desses fatores, existe uma relação simbiótica silenciosa que pretendemos trazer à tona, entre produtores e microrganismos contidos no queijo, a qual modifica o ambiente de cada agente, produzindo um novo através de complexas interações. Fungos e bactérias são base fundamental para aromas, sabores, texturas e boa qualidade do produto, agregando diferenciais exclusivos aos demais queijos produzidos na região. No contexto pandêmico atual em que vivemos a fobia aos microrganismos, cultivada e propagada ao longo de nossa história sob o pretexto da biossegurança por higienistas e governos, motiva este trabalho a entender a relação e a comunicação multiespecífica existente na produção do queijo, paralelamente ao entendimento de como cada ator interfere, modifica e coevolui um com o outro e junto ao ambiente. O queijo serrano, em função da vida contida nele, hoje tem sua produção e distribuição ameaçadas por normas regulamentadoras sanitárias, difundidas tanto por parte da sociedade que se sente ameaçada pela falta da pasteurização da matéria prima - o leite cru -, quanto pelos órgãos reguladores que doutrinam seus agentes locais, impondo além de um leite pasteurizado, utensílios específicos na produção e estrutura da queijaria, conforme modelos industriais. Nesse sentido, este trabalho objetiva evidenciar as relações do saber fazer do queijo, mostrando o quão íntimo essa prática está na vida das pessoas, identificar o produto tradicional inserido na alimentação das comunidades, o que aponta também para essa cultura alimentar, porém dando foco na relação simbiótica contida entre produtores e microrganismos, através da vida contida no queijo, servindo como contraponto principal às discussões sanitaristas.

Palavras-chave: queijo serrano, multiespécie, simbiose, microrganismos, risco alimentar

Transformações técnicas na roça do Alto Vale do Itajaí (SC): hipóteses a propósito do declínio do mutirão agrícola

Yves Marcel Seraphim (Universidade de Brasília)

Mestrando em Antropologia Social

Este trabalho discute a história técnica das roças de colonos teuto-brasileiros no Alto Vale do Itajaí (SC) com foco na transição dos mutirões agrícolas à fumicultura agroindustrial. Demonstro que a atividade coletiva e coordenada de roçagem no *pixurum* consistia numa operação condicionante da queima (coivara) subsequente como meio de abertura espacial e fertilização do solo por meio das cinzas. Com base na história agropecuária de colonos teuto-brasileiros, o artigo explora as contradições e as articulações entre técnicas de adubação via cinzas (coivara para diversos cultivos) e técnicas de adubação via esterco animal (caso do tabaco). Nessas tensões, bem como nas transformações implicadas pela difusão do trator e nas representações de técnicos agrícolas, estão os motivos que encontro para o desfavorecimento das técnicas de coivara e, por conseguinte, o desaparecimento dos mutirões.

Palavras-chave: transformações técnicas, mutirões, fumicultura, teuto-brasileiros

Cosmotécnicas ameríndias no Grande Chaco Sul-americano: uma aproximação desde a etnografia toba (qom)

Pedro Emilio Robledo (Universidad Nacional de Córdoba, Universidad de Buenos Aires)

Doctor en Ciencias Antropológicas (Universidad Nacional de Córdoba)

Baseado em etnografia produzida entre 2012 e 2018, em comunidades toba (qom) localizadas no curso médio do rio Bermejo no Grande Chaco Sul-americano, exploro a noção de técnica que intervém na elaboração de artefatos, entidades ideais e corpos. Parto da ideia que as artes e seus efeitos, antes que responder a gradientes evolutivos ou à variabilidade cultural, se vinculam a uma negociação cosmopolítica que dá lugar a uma diversidade epistemológica e cosmotécnica, que pode ser entendida como articulações metafísicas e ecológicas mediadas por uma tecnologia localizada. Na mitologia toba (qom) os atributos e artes culturais provém de um contexto extra social e são adquiridos pelos humanos em situações contingentes graças à agência de espécies animais. Essa presunção de exterioridade das fontes de conhecimentos e habilidades práticas reaparece nos modos como são descritas experiências contemporâneas de aquisição de virtudes para a dança, o canto, a cura, a caça e a oratória, entre outras. Assim como em outras áreas das terras baixas sul-americanas, aqui a técnica é em primeiro termo um atributo não humano. Esta noção se desloca da historicidade contida na ideia de tecnologia como diacrítico universal do processo de hominização e afastamento da humanidade da natureza. Desde este ponto de vista, a técnica e seus efeitos produtivos se constituem num acontecimento que permite descrever, não uma cultura, senão interconexões entre humanos e não humanos, e

por seu intermédio as virtudes dos segundos e as ânsias dos primeiros.

Palavras-chave: cosmotécnica, arte, tecnologia, cosmopolítica, ecologia, toba (qom), Grande Chaco

### Sessão 3

Regeneração e toxicidade: notas sobre o carvão vegetal nos montes haitianos

Rodrigo C. Bulamah (Unifesp)

Doutor em Antropologia (Unicamp/EHESS)

O carvão vegetal representa a base do sistema energético haitiano. Calcula-se que 70% da demanda por energia no país é suprida por esse combustível, utilizado sobretudo em cozinhas urbanas e periurbanas. A produção de carvão é, contudo, mediada por técnicas e negociações que envolvem diferentes regimes de propriedade e herança, cálculos econômicos e ecológicos além da agência de espíritos que habitam árvores e outros elementos da paisagem. Sobre esse tema, predominam discussões que retratam a produção de carvão vegetal como irracional e responsável por um desmatamento descontrolado no país. A proposta desta apresentação é deslocar um pouco o nosso olhar sobre o carvão com o objetivo de trazer à vista outras dimensões da vida social nos montes haitianos, particularmente o par regeneração e toxicidade. Para tanto, tratarei não da produção de carvão propriamente dita, mas de outros elementos que compõem essa cadeia produtiva, como a venda e a economia dos rejeitos que resultam dessa atividade. Mercadoras haitianas foram personagens importantes em discussões sobre racionalidade econômica em contextos não-Ocidentais. Muito se escreveu sobre técnicas de venda e separação de mercadorias que funcionavam como formas de garantir a fidelidade das clientes e revelavam lógicas importantes no enfrentamento a dificuldades cotidianas ou o que no Haiti se conhece como *chache lavi* (buscar a vida). No caso das comerciantes de carvão, é notável o lugar de relativa marginalidade que ocupam em mercados locais. Ali, a fuligem toma conta da paisagem e adere não só aos espaços e meios por onde transita, mas também aos corpos que a fazem transitar – a tal ponto que se torna difícil separar figura e fundo, corpo e matéria, pessoa e carvão. Além disso, manipular o carvão é considerado algo extremamente perigoso, pois seus resíduos tóxicos causam doenças diversas. Esses resíduos do carvão, por sua vez, possuem um outro destino importante. Eles são utilizados para fertilizar o solo, criando uma circularidade na qual aquilo que é aparentemente destrutivo, como o corte de árvores, acaba contribuindo para uma agricultura bastante complexa. Com isso, menos do que resiliência, tais práticas surgem como formas de regeneração que tentam dar conta de distúrbios passados e presentes. Assim, se toxicidade e regeneração são parte de esforços individuais e coletivos na busca pela vida, esse par revela também como a própria vida é concebida e produzida nas paisagens montanhosas do norte do Haiti.

Palavras-chave: toxicidade, regeneração, carvão vegetal, vida

Restauração de recifes de corais: entre a técnica, a vida e a morte no contexto das mudanças climáticas

Larissa Brito Ribeiro (Docente do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais/UFTM)

Doutoranda em Antropologia Social – PPGAS/UnB

Este trabalho comporta elaborações iniciais acerca das técnicas de restauração de recifes de corais como estratégia de adaptação às mudanças climáticas. Estas tem levado a eventos recorrentes de branqueamento dos corais, reduzindo sua capacidade e tempo de recuperação. Na biologia marinha, corais são entendidos como construtores de recifes por uma complexa associação simbiótica entre eles e as zooxantelas. Seu declínio coloca em risco milhões de espécies marinhas que vivem em relações multiespecíficas, ecossistemas associados, as zonas costeiras, as atividades turísticas, de pesca e mariscagem, bem como as cosmologias das populações que deles dependem. É nesse sentido que a restauração de recifes de corais adentrou à política do clima como estratégia de adaptação às mudanças climáticas, por visar os efeitos destas, ao invés de suas causas, tarefa da mitigação. De acordo com Boström-Einarsson et al (2020: 06), as técnicas de restauração de ecossistemas têm como finalidade “devolver um ecossistema à sua trajetória histórica”, “às suas condições bióticas pré-existentes”, levando-o a conter “recursos bióticos e abióticos suficientes para continuar seu desenvolvimento sem mais assistência ou subsídio”. No caso dos corais, elas visam recuperar sua capacidade de reprodução e crescimento, garantindo sua sobrevivência e longevidade, uma vez que, quanto mais rápidos o crescimento e a reprodução, maior a probabilidade de recuperação. Desse modo, o encontro entre a noção de corais construtores de recifes e as técnicas de restauração dos mesmos nos levam à proposição de Canguilhem (2000) de que é a morte e, juntamente com ela, a vida, é que devem ser questionadas sob o nome de Ecologia, recuperando a mediação pela técnica na relação dos vivos com seu meio. Leroi-Gourhan (2002), por sua vez, propõe que a técnica não é exclusiva aos humanos havendo, no caso animal, uma associação operatória entre o utensílio e o gesto, e Sautchuk (2017) propõe que as técnicas abarcam humanos e não humanos, e são orientadas por algum tipo de finalidade, eficácia ou devir, assumindo papel significativo nos modos de existência de seres vivos e coisas envolvidas. O trabalho ora proposto buscará, então, refletir sobre a restauração dos recifes de corais como forma de mediação entre a vida e a morte, bem como uma negociação com o tempo, dada a long durée de formação dos corais e em que as mudanças climáticas passaram a se manifestar e afetá-los, reduzindo o tempo de sua recuperação.

Palavras-chave: recifes de corais, técnica, vida, mudanças climáticas

Nem tão cru assim: mapeando fricções no ambiente costeiro entre a pesca artesanal e o derramamento de óleo

Rafael Victorino Devos (UFSC)

Doutor em Antropologia / UFRGS

Viviane Vedana (UFSC)

Doutora em Antropologia / UFRGS

Gabriel Coutinho Barbosa (UFSC)

Doutor em Antropologia / USP

Em 2019 ocorreu o maior desastre ambiental no litoral do Brasil. Em 30 de agosto foram avistadas manchas de petróleo cru em praias do Nordeste Brasileiro, que se espalhou pela costa, nos Estados da Paraíba, do Maranhão e Rio Grande do Norte, chegando com força aos Estados de Pernambuco e Bahia, atingindo também o Sudeste. Voluntários juntaram-se aos serviços municipais na tarefa de retirar o óleo da beira das praias, dos recifes, do mar, somando, em poucos meses, mais de 5 mil toneladas de óleo retiradas de mais de 1000 localidades da costa brasileira. Para além de aves e animais marinhos cobertos de óleo, os possíveis danos a longo prazo foram anunciados com base em outros vazamentos de petróleo em ambientes costeiros: substâncias cancerígenas na água, reprodução de várias espécies ameaçada, cadeia alimentar marinha contaminada. Já na economia local, o impacto foi sentido de imediato em muitas localidades do litoral: pescadores e marisqueiras sem poder pescar ou vender o pescado, praias poluídas, prejuízos para pequenos e grandes comerciantes da indústria do turismo. Neste texto analisamos alguns dos relatos de pesquisas a respeito das dificuldades de rastrear as “origens” e os trajetos offshore dessas manchas de óleo e suas consequências nas condições de vida no ambiente costeiro inshore. Comparamos esses monitoramentos da costa com dados de nossa pesquisa etnográfica, com pescadores jangadeiros em algumas localidades do litoral nordestino, quanto às suas habilidades em navegar por pesqueiros e mapear a diversidade de animais e seus trajetos no interior da plataforma continental oceânica. Mobilizando referências a respeito das infraestruturas de empreendimentos em ambientes costeiros (exploração de petróleo, enclaves imobiliários, cadeias de comercialização de pescado), refletimos sobre fricções entre as práticas que se voltam para a produção de recursos desvinculados de conflitos socioambientais localizados e as práticas historicamente voltadas para a valorização de vínculos entre o ambiente costeiro e a diversidade de modos de habitá-la. Enquanto no offshore técnicas que se voltam para as dinâmicas entre forças oceanográficas, comércio internacional de petróleo e pescado são a pista para descobrir conexões transoceânicas entre ambientes costeiros, no inshore, as técnicas de navegação da pesca de pequena escala revelam socialidades entre o cotidiano das espécies que frequentam suas águas e o cotidiano de comunidades a beira mar.

Palavras-chave: paisagem costeira, técnicas de navegação, infraestrutura, desastre ambiental

O saber-fazer agroecológico sob as lentes de uma antropologia da vida

Amanda Antunes R. S. de Oliveira (Universidade de Brasília)

Mestranda em Antropologia (PPGAS/DAN/UnB)

A produção de alimentos é, segundo Altieri (2012), uma das atividades humanas que mais afetam a biodiversidade. O que agroecologistas como Altieri mostram é que a produção de alimentos baseada em princípios agroecológicos se desenvolve em práticas muito distintas da agricultura moderna/industrial. Percebendo que há processos de coprodução entre life forms e forms of life em sistemas agroalimentares, proponho refletir sobre prática(s) de conhecimento agroecológicas a partir de um agroecólogo de grande expressão no Brasil. Me inspiro em Altieri para pensar questões centrais do projeto de dissertação de mestrado no qual busco compreender a teoria e a prática agroecológicas a partir de seus formuladores.

O manejo agroecológico pode ser entendido como um conjunto técnicas e a técnica como práticas e formas de intervir no mundo, pretendo seguir o projeto antropológico de uma antropologia da vida que atenta para a articulação entre vida e técnica (Pitrou 2017a, 2017b). Assim, busco atentar para a combinação entre os processos técnicos e vitais informados pelo agroecólogo. Também procuro por formas de atender ao chamado de uma antropologia da ação, bem como uma antropologia que inclua os não humanos, procurando os tipos e princípios de ações humanas e não humanas na produção agroecológica visada por Altieri, bem como as possíveis associações e os tipos de interações que são fomentadas nessa produção (Fagundes 2019; Ferret 2012; Haudricourt 2013; Schiavoni 2021).

Ademais, inspirada por tais reflexões antropológicas busco tematizar qual tipo de vínculo humano-meio ambiente o discurso agroecológico agencia/mobiliza. Seguindo a proposta do ST, procuro, nas formulações de Altieri, seu entendimento sobre ecologia, ecossistema, natureza, técnica e vida, e que relações essas concepções pressupõem, e articulam, e como estas orientam as e se expressam em práticas. Assim, as reflexões podem se concentrar sobre as técnicas informadas pelo manejo agroecológico, como o manejo integrado de pragas (MIP), no qual parece haver uma valorização de um regime de coatividade entre humanos e não humanos, em que os humanos procuram se beneficiar de ações e relações de outras forças agentivas, entendendo que, dessa forma, o ambiente circundante é melhor beneficiado.

Palavras-chave: Agroecologia, Antropologia da vida, Antropologia da ação, manejo agroecológico

## **ST29 Resistências e Cosmopolítica: Modos de fazer a vida em tempo pandêmico**

Cauê Fraga Machado  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
cauefm@gmail.com

Luiza Dias Flores  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)  
luizaflores@ufam.edu.br

Humberto Manoel de Santana Júnior  
Universidade de Campinas (Unicamp)  
santanajrhumberto@gmail.com

Entrar em agenciamentos pandêmicos de modo a criar conexões insuspeitas tem sido um modo de “resistência” dos povos afropindorâmicos desde sempre. Com a pandemia estado-capitalista e estado-colonialista é assim. Políticas, cosmopolíticas e cosmologias políticas só são agenciadas por esses coletivos na chave das “resistências”, retomadas, ocupações e contra-colonialismos. É importante refletir sobre estes agenciamentos não pela óptica da reação, mas pela força criadora de “resistência”. A “resistência” é parte de uma composição baseada na autopreservação, autodeterminação, na luta pela vida e não no medo do fim. Se antes havia governos minimamente favoráveis às exigências dos povos afropindorâmicos, permitindo o acontecimento e a efetivação de políticas públicas e o respeito à Constituição, agora os tempos são outros. Os direitos fundamentais (mesmo parte de uma gramática estatal) já parecem não existir. Os retrocessos nos agenciamentos dialógicos são cada vez mais mortíferos e genocidas, agravados no contexto da pandemia do coronavírus – outra faceta da pandemia capitalismo. Encerrada no discurso negacionista da covid-19, a investida governamental atesta a intensificação de uma necropolítica de estado. Esse ST tem por objetivo reunir etnografias conectadas aos povos afropindorâmicos. Descrições que funcionem como verdadeiros “relatórios de guerra” - étnico-racial, ambiental, cósmica -, capazes de, por entre os escombros da pandemia capitalismo, trazerem a potência irruptiva dos povos de criarem estratégias de resistência e modos de fazer a vida em tempos de retrocessos.

Palavras-chave: resistência, cosmopolítica, contra-colonização, povos afropindorâmicos, pandemia capitalista

## Sessão 1

SARS-CoV-2, povos afropindorâmicos e plantas: Estratégias de resistência e modos de fazer a vida

Bethânia Gabrielle dos Santos (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Doutoranda em Ciências do Ambiente - PPGMA/UERJ

Geiseli Rita de Oliveira (Universidade do Estado de Minas Gerais)

Doutoranda em Educação e Ciências/UFMG

Com a Teoria Ator-rede de Bruno Latour, propomos aqui tratar das relações entre povos afropindorâmicos, plantas e outros-que-humanos mediadas pelo SARS-CoV-2. Ator que -ao contaminar nossos corpos- colocou-nos diante do desconhecido, provocando rupturas nas certezas provisórias que sustentavam nossos acordos e a emergência de controvérsias com disputa de narrativas. Nessa arena se desenrolaram dissensos e acordos próprios ao processo de produção do conhecimento científico. Entretanto, percorrer o labirinto da dúvida é uma tarefa atravessada tanto pelo tempo dos humanos quanto pelo tempo das coisas. E antes que a técnica pudesse nos salvar, as políticas de redução de circulação humana -destinadas à contenção da disseminação viral- foram contrapostas à demanda da manutenção das atividades econômicas. Ao mesmo tempo, perguntas agenciadas pelo Sars-Cov-2 para as quais ainda se buscava respostas foram recrutadas pela indústria das fakenews. Assim nos indagamos: Nesse momento de crise humanitária, o que a infodemia e o questionamento do status de verdade do conhecimento científico tem a nos dizer sobre nós mesmos? Movidas pelas incertezas, passamos a seguir essas notícias. Aqui nos atemos especificamente a um aspecto das mesmas, seu caráter híbrido. Composição que, com o fim de certificar inverdades, eventualmente articulou conhecimentos acadêmicos e populares relativos ao uso de plantas. A nosso ver, tal vinculação evidencia que se queremos discutir antropologias desde Abya Yala - a terra em florescimento- torna-se necessário estarmos atentas às ecologias afetivas que se formam entre humanos e o mundo vegetal. Expressas em diversas dimensões, das quais destacamos o conjunto das práticas científicas. Tanto as produzidas na academia -resgatando plantas como objeto de pesquisa laboratorial- quanto entre cientistas do cotidiano -que com elas cocriam seus modos de fazer a vida reelaborando saberes ancestrais-. Essas fricções entre academia e mundo nos trazem a potência irruptiva dos povos afropindorâmicos, mesmo diante da pandemia capitalismo.

Palavras-chave: humanos, plantas, povos afropindorâmicos, ecologias afetivas

O alimento da roça mexe com a memória das pessoas: a construção de resistências e futuros em meio aos desafios pandêmicos.

Ana Carolina Oliveira Marcucci (Universidade Estadual de Campinas)

Mestranda em Antropologia social - PPGAS/Unicamp

Para a realização de qualquer tipo de supressão de vegetação em área de Mata Atlântica, conforme disposto na Lei nº 11.428 de 2006, é imperativo que se tenha uma licença ambiental, sob o risco de aplicações de multas. Diante disso, a cada dois anos as comunidades quilombolas do Vale do Ribeira-SP apresentam, via associação quilombola, um pedido de autorização para realização das roças tradicionais à Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de SP). Apesar disso, o atraso na emissão das autorizações é uma realidade constante na vida das comunidades, o que prejudica ou mesmo inviabiliza o tempo correto de cada etapa do fazer da roça. As consequências disso para o futuro dessa população e do sistema agrícola são sérias, como a perda de sementes, impacto na soberania alimentar e na renda, além de prejudicar as relações de trocas entre as pessoas e entre outros viventes, seja de conhecimento, seja de alimento, já que, segundo os moradores, os animais são os que primeiro comem de suas roças. Portanto, o que as populações locais nos demonstram é que na roça estão implicados diversos tempos que se atravessam e devem ser respeitados. Com a pandemia de Covid-19, o tempo do alimento ficou em evidência e diante do risco da perda de grande parte da produção das roças quilombolas do Vale do Ribeira, uma vez que, antes da quarentena, mais de 95% da produção eram destinadas ao programa de compra de merenda para escolas públicas. Nesse cenário, uma grande parcela da renda das comunidades quilombolas e caiçaras se viu afetada e mobilizações criativas foram necessárias. Para isso, parceiros como o Instituto Socioambiental e os Institutos Linha D'Água e Brasil a Gosto auxiliaram na criação de uma campanha junto a cooperativa local (Cooperquivale) para arrecadação de recursos, na qual se formou uma espécie de consórcio de doações. O dinheiro arrecadado pagou pela mercadoria e transporte do alimento, que foi destinado a bairros periféricos em São Paulo, como o bairro da Brasilândia. O objetivo deste trabalho é olhar para essa experiência de resistência e formação de alianças para o enfrentamento de dificuldades e fome em meio a crise pandêmica a partir da roça quilombola. A doação de alimentos da roça aqui está para além de uma ação solidária; é uma estratégia que traz à tona temporalidades, memórias e afetos, e compõem mais um passo na manutenção dos modos de vida e na construção de possibilidades de existências e futuros comuns.

Palavras-chave: roça quilombola, doação de alimentos, memória, temporalidades

Cosmopolítica do brilho: notas sobre a arte indígena contemporânea na pandemia do coronavírus

Alberto Luiz de Andrade Neto (Universidade Federal de Santa Catarina)

Mestre em Antropologia - UFSC

Juliana Mesquita Zikan França

Mestra em Antropologia - UFPE

Com o objetivo de seguir as produções artísticas de Jaider Esbell, Graciela Guarani e Joseca Yanomami, realizadas durante a pandemia do coronavírus (2020), ao passo que aprendemos com elas, buscamos esboçar alguns aspectos de uma cosmopolítica ameríndia que tem se forjado a partir do brilho. Haja vista uma série de propostas contemporâneas concebidas com a luminescência, o que não é nenhuma novidade nos mundos ameríndios (Viveiros de Castro 2006; Lagrou 2009), mas que aqui operam de modo a produzir reflexões sobre o atual contexto pandêmico. Para tanto, com as restrições em relação à circulação de pessoas por conta do coronavírus, “demarcar as telas” – como expressão do Acampamento Terra Livre (ATL) virtual em 2020 – foi uma estratégia adotada pelas(os) artistas indígenas para promoverem a circulação das imagens de seus trabalhos nas redes e, por consequência, fazer brilhar suas cosmopolíticas também no ciberespaço. Em suma, o que faz esse brilho manejado pelas(os) artistas indígenas contemporâneos em suas produções? Assim, é de braços atados à qualidade do brilho que convidamo-las a caminhar com essa pesquisa que procura evidenciar aspectos dos conhecimentos ancestrais – os modos de estar no mundo – dos povos da terra, levantando novas considerações a respeito da “cosmopolítica do brilho” emergentes dos mundos indígenas. Tornando-se necessário, por ora, seguir mais de perto o que faz o brilho nessas propostas artísticas, de modo a estabelecer as convergências e as divergências de tal relevo comum.

Palavras-chave: ancestralidade indígena, arte contemporânea indígena, brilho, cosmopolítica, coronavírus

Caboclos e cosmopolíticas: encruzilhadas e invocações em um terreiro no recôncavo baiano

Fábio Alex Ferreira da Silva (PPGAS / Universidade Federal de Santa Catarina)

Doutorando em Antropologia Social - UFSC

A partir do culto aos caboclos em terreiros de candomblé no recôncavo baiano, reflito sobre as dimensões cosmopolíticas de suas práticas, que nos possibilitam pensar como determinadas disposições espirituais mobilizam ações de reexistência às capturas de projetos de transformação dos territórios, identidades e discursos. Para pensar os tipos de engajamentos criativos que quero enfatizar, experimentei chamá-los “feitiços reexistenciais”. Compreendendo feitiço enquanto uma possibilidade de ciência, tecnologia afro-confluente que permite viver

pluriontologias. Por reexistenciais, busco uma não dissolução da existência em formas de resistir específicas. O ato de existir já contendo o resisitir, inspirado nos saberes relatados por Nego Bispo, a partir de manifestações contracoloniais. Discuto então as confluências e os deslocamentos conceituais operados na cosmopolítica afroindígena no culto aos caboclos. Assim, pretendo refletir sobre algumas perspectivas de práticas e pensamentos abordando-as enquanto avessas, como uma fractalidade de atr[avessa]mentos, reforçando a ideia de fluxos, mas também como o avesso não perfeito de um bordado, que carrega marcas, trajetos erráticos, registro de processos e políticas de reexistência. Essa perspectiva nos possibilita pensar a noção de territórios desvinculada apenas da questão da terra, mas ligando-se a uma proposta de retomadas de formas de vida. Permite também, seguindo o pensamento de José Carlos dos Anjos - na proposição de uma filosofia política da religiosidade afro-brasileira, pensar o culto aos caboclos enquanto um modelo rizomático de encontro das diferenças que reexiste às capturas da identidade, abordado-as desde a encruzilhada. Nesse sentido, mobilizo a capacidade de enfatizar a Anunciação das formas de vida que reexistem e que cansadas de denunciar o Estado para ele mesmo empreendem ações necessárias para a continuidade da vida e no ato de posicionar-se através de ações cosmopolíticas, operam através da invocação, reativando a possibilidade de outras agencias e perspectivas que expressam um campo pulsante de práticas e que conjugam ações de humanos e mais-que-humanos, mas que principalmente, formulam suas propostas em relação à possibilidade e presença de um futuro colocado em outras temporalidades. Assim, postulam alternativas possíveis, porque apontam para um futuro que já aconteceu ou porque se comunicam com a concepção de que o futuro é Ancestral, como nos diz Ailton Krenak.

Palavras-chave: Caboclos, cosmopolítica, feitiço, reexistência

## Sessão 2

Los entreveros de la sangre. Paisanos, descendientes y blancos en la pampa argentina

Antonela dos Santos (Universidad de Buenos Aires -CONICET)

Doctora en Antropología (UBA)

“Creo que la sangre no se pierde, sino que va para arriba, como la savia de los árboles; va para arriba a nuestros abuelos y bisabuelos. Y como que, como pueblo, nos agarró el invierno: nuestra sangre bajó al tronco, pero está siempre, está siempre latente y después en tiempo oportuno vinieron las hojas, el follaje, todo lo de ahora”. Repliegue invernal y florecimiento; sangre que va para arriba, se esconde y luego baja, se esparce, fructifica y renace; un fin de mundo que no es tal, sino sólo una interrupción a la espera de un tiempo mejor. Esta es la manera en que Nazareno me explicó en 2014 lo que, bajo otras perspectivas, suele conocerse como la extinción o acriollamiento de los “últimos ranqueles” de la provincia de La Pampa (Argentina) en los años 1940 y su posterior “etnogénesis” o “reemergencia” desde fines de los

años 1980. En los últimos diez años, la reorganización y visibilización del pueblo ranquel — así como otros procesos similares ocurridos en Argentina— ha sido antropológicamente abordada desde perspectivas que focalizan, sobre todo, en los “regímenes de reconocimiento y poder” (Lazzari 2010) que operaron tanto en la decretada extinción ranquel como en su actual reemergencia. Con la vista puesta en las dinámicas de la etnificación, el vértice mayor en estos estudios parece ser el Estado y la forma en que él, a través de diversas agencias, modula a sus otros internos, quienes sólo tienen ciertos márgenes de reacción. Ahora bien, ¿qué sucedería si corriéramos a un lado al Estado —lo que no implica ni desconocerlo ni negarlo? Esta ponencia pretende ser una posible respuesta. Buscaré mostrar que cuando las personas ranqueles refieren a sus procesos personales y familiares del reconocerse indígenas y reivindicarse como tales, remiten a una hematología particular. La sangre, que hace cosas (tira, se esconde, baja, sube, se mezcla o entrevera, pervive, gana, etc.) y que es de cierta manera (espesa, duradera, fuerte), se vuelve la clave interpretativa del renacer (como) ranquel. Estas ideas corren por líneas paralelas a los relatos oficiales y oficializados sobre lo indígena en la provincia y nos invitan a pensar que paisanos (ranqueles), descendientes (casi-ranqueles) y blancos (no-ranqueles) son categorías que, más que indicar cortes abruptos, nos hablan de pertenencias hechas y rehechas a partir de transmisiones e interrupciones, entreveros y distancias.

Palavras-chave: ranqueles, sangre, reorganización y visibilización indígena

Me Kran owapa: Mebêngõkre-Xikrin virando a cabeça no mundo pandêmico

Rochelle Foltram (Universidade Federal de São Carlos)

Doutoranda em Antropologia Social - PPGAS/UFSCar

A presente proposta pretende ilustrar a chegada do mundo pandêmico guiado pelo COVID-19, na Terra Indígena Trincheira Bacajá, onde vive o povo Mebêngõkre-Xikrin, no estado do Pará. A partir de uma saída para retirada dos invasores de seu território e para visita de parentes, o COVID-19 entrou pela primeira vez nas aldeias. Nesse contexto, os Xikrin recriaram um ambiente para todos se manterem fortes e vivos diante da maior pandemia mundial, que todos nós vimos nos últimos tempos. As invasões que assolam a Terra Indígena Trincheira Bacajá, também farão parte dessa discussão, pois através da política governamental da não retirada dos invasores de territórios indígenas, aldeias inteiras foram contaminadas com COVID-19. Os Xikrin, se reinventaram para sobreviver durante um tempo que todos saíram de suas aldeia, os projetos acabaram e eles ficaram isolados até a chegada da vacina. A campanha de vacinação será um ponto de discussão nesse texto, já que aldeias inteiras se negavam a se vacinar devido a propagação de áudios circulando contra a vacina de COVID-19. Essa narrativa se torna necessária para mostrar como os Xikrin veem as doenças dos brancos, como criaram em seu mundo um modo de organização novo a partir do COVID-19 suscitando a sua reexistência na luta por suas vidas e por seu território.

Palavras-chave: Mebêngõkre-Xikrin, covid-19, vacina

Rexistências e cosmopolíticas afro-brasileiras em tempo pandêmico

Daniela Calvo (CETRAB / Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Doutora em Antropologia

A pandemia de Covid-19 se tornou logo uma emergência sanitária, econômica, social e política, que continua há mais de um ano. Insere-se na já existente pandemia estado-capitalista e na pandemia estado-colonialista, que se reforçam reciprocamente, afetando particularmente os povos afropindorâmicos e outros grupos às margens do estado, como os povos ciganos e os moradores de favelas. As necropolíticas do Estado e as desigualdades socioeconômicas fizeram com que os negros fossem particularmente afetados pela pandemia, como registram as estatísticas de morte por Covid-19. A primeira reação nas religiões afro-brasileiras foi de resistência, como manifesta na frase “Eles combinaram de nos matar, nós combinamos de não morrer”, pronunciada por Pai Adailton Moreira, do Aşê Omiojuaro, no Rio de Janeiro, num vídeo publicado na página Facebook da RENAFRO Saúde (Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde) e divulgado nas redes sociais dos membros das religiões afro-brasileiras. As medidas adotadas para proteger a si mesmo, a própria família e comunidade (o distanciamento físico, a suspensão das cerimônias e festas públicas, o aconselhamento seguindo as orientações da OMS e das autoridades de saúde, o cuidado, o apoio e diferentes ações sociais) foram apresentadas pelos membros das religiões afro-brasileiras como uma reação a uma emergência de que se sentiam particularmente ameaçados e sem nenhum amparo por parte do Estado. São formas de resistência e de reexistência, contra-coloniais e anti-capitalistas, em que os valores tradicionais, as relações e os cuidados se fortalecem e adaptam para enfrentar a emergência sanitária e social. Essas ações e estratégias foram acompanhadas por reflexões sobre o significado da pandemia em suas cosmopolíticas e cosmologias políticas, envolvendo a relação entre humanos e não humanos. Em muitos discursos, a pandemia é interpretada como uma consequência da ação dos seres humanos, que se separaram da natureza, a depredam, saqueiam, exploram e danificam, segundo uma lógica capitalista e utilitarista. A pandemia torna-se uma pausa, uma suspensão necessária para que a Terra descanse e se regenere, e para que os seres humanos reconsiderem e mudem suas relações com os outros seres, humanos e não-humanos e seu lugar no universo.

Palavras-chave: religiões afro-brasileiras, pandemia, cosmopolíticas

Pandemia e quilombos: os impactos da Covid-19 em dois quilombos amazonenses

Ozaias da Silva Rodrigues (Universidade Federal do Amazonas)

Doutorando em Antropologia Social

Discuto os impactos da pandemia da Covid-19 em dois quilombos do Amazonas: o Barranco de São Benedito, localizado em Manaus, e Santa Teresa do Matupiri, em Barreirinha, trazendo informações também sobre as outras comunidades de Barreirinha além de Santa Teresa. Disserto sobre os percalços da vacinação nesses dois quilombos, bem como a questão dos apoios que essas comunidades tiveram no quesito de alimentação e higiene, entre outras questões, no contexto pandêmico. Ambas as comunidades já tinham, antes da pandemia, dificuldades que são estimuladas pelo racismo e por preconceitos, sendo esta mais um adendo às adversidades com as quais os quilombolas precisam lidar cotidianamente. A discussão aqui proposta se dá a partir de bibliografia sobre comunidades quilombolas amazonenses e de conversas que tive com duas lideranças, enfatizando a mobilização quilombola como forma de se resguardarem dos impactos da Covid-19.

Palavras-chave: pandemia, covid-19, quilombos, Amazonas

### **Sessão 3**

Resistência e novas formas de fazer em um terreiro do sul do Brasil

Lauren Suzana Rodrigues (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Graduanda em Ciências Sociais - UFRGS

Roberta Wagner Ballejo (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Graduanda em Ciências Sociais / UFRGS

A partir de entrevista realizada de maneira remota com uma mãe de santo da cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, que coordena um “projeto social” dentro do seu terreiro e que é voltado para crianças e adolescentes, pretendemos descrever como esse projeto social, assim como as atividades religiosas, se reorganizaram para dar conta das urgências causadas pela emergência da pandemia de Covid-19, a fim de suprir as necessidades tanto das crianças e adolescente atendidos, como também da comunidade ao redor do terreiro atingidas pelos efeitos produzidos pelas políticas de disseminação do vírus. Através dessas descrições, nos propomos refletir sobre como novas dinâmicas de ações religiosas, a partir da abertura do terreiro pela mãe de santo, não refletem necessariamente uma defesa da abertura econômica, mas sim uma forma de manter o próprio projeto social e contribuir com a vida. Por conta disso, novas formas de fazer são necessárias dentro do terreiro, elaborando práticas que podem se configurar como modos de resistência frente a uma política da morte produzida por governantes. Este trabalho é

um desdobramento de uma pesquisa mais ampla intitulada “A Covid-19 no Brasil: análise e resposta aos impactos sociais da pandemia entre profissionais de saúde e população em isolamento”, a qual participamos como bolsistas de iniciação científica no eixo de estudos sobre idosos e a Covid-19.

Palavras-chave: Yalorixá, terreiro, resistência, pandemia da covid-19

Territorialidade e re existência indígena: efeitos e deslocamentos a partir das presenças Kaingang

Laísa Massena de Castro (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mestranda em Antropologia Social - PPGAS-UFRGS

A pesquisa parte da concepção do que é território indígena e dos efeitos produzidos em encontros coletivos, movimentos sociais e instâncias de controle social com a presença de mulheres indígenas Kaingang. Busca-se dialogar a importância da temática da interculturalidade em ações continuadas. Principalmente, no que se refere à saúde e alimentação e suas especificidades, bem como, nestes aspectos, perceber as agências das pessoas indígenas. "Território indígena é na cidade, na universidade, onde há indígenas", como me relatou uma interlocutora. A re-existência indígena acontece na presença, na corporalidade e seus efeitos. Assim sendo, pretende-se compreender ainda, como a alimentação e a presença originária em espaços hegemônicos constituem parte das re-existências dos povos indígenas. A pesquisa se iniciou com um trabalho coletivo e territorial, realizado como parte da Especialização em Saúde Mental (UNISINOS), realizado a partir de 2018. Durante 2018 e 2019 buscamos nos aproximar da dinâmica da vida em território da comunidade indígena Por Fi Ga. Em 2020, com o término da especialização, me mantive próxima, agora em um apoio afetivo e político não institucionalizado. Desde o início da pesquisa, portanto, a metodologia de pesquisa tem sido o convívio próximo com as questões políticas, afetivas, de territorialidades e de re-existências indígenas, principalmente a partir do contato com as mulheres indígenas artesãs, também protagonistas da/na alimentação da comunidade Por Fi Ga. Atualmente, tem sido realizadas conversas online e fortalecimento em iniciativas da comunidade, já que devido aos efeitos da pandemia da Covid-19, tem sido necessário restringir as idas à comunidade. Como reflexões parciais, mais do que "finais", os efeitos das presenças originárias produzem deslocamentos fundamentais para que possamos nos repensar enquanto sociedade. O povos originários ao retomarem seus territórios e espaços de luta coletiva fazem possível confrontar estruturas opressoras, racistas e hegemônicas. Pautados na diversidade, interculturalidade e pluralidade da vida, indígenas têm vivido de forma potente estratégias de re-existências cotidianas, através da arte, das práticas alimentares, saberes medicinais e movimentos sociais.

Palavras-chave: presença Kaingang, re-existência indígena, saúde alimentar Kaingang

"Do nada eu apareço na Beirada": imersões etnográficas sobre lazer, isolamento social e pandemia no bairro da Terra Firme, periferia de Belém

Bruno Ferreira dos Passos (Universidade Federal do Pará)

Mestrando em Antropologia - PPGSA-UFPA

Ivonete Pinheiro (Universidade Federal de São Carlos)

Graduada em Ciências Sociais, Mestre em Antropologia (PPGSA-UFPA) e doutoranda em Antropologia Social no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Este artigo é uma proposta de reflexão sobre lazer e periferia circunscritos no contexto da pandemia de covid-19. A discussão proposta tem como objetivo pensar como as pessoas do bairro da Terra Firme, periferia de Belém- Pará, ocupam as ruas e buscam estratégias de lazer à revelia das regras do distanciamento social impostas pelo governo do Pará. As análises são resultados de observações realizadas entre julho de dois mil e vinte e agosto de dois mil e vinte um, em festas de aparelhagens e outros locais de lazer nas beiradas do igarapé Tucunduba, o que sinaliza para a investigação a necessidade de pensar o lazer considerando a relação dos moradores com o igarapé. Partimos do pressuposto de que a etnografia por si só é movimento, o que nos motivou a produzir análises etnográficas a partir da nossa circulação cotidiana pelo bairro, onde acessamos lugares, pessoas e situações com aparente facilidade, o que nos leva a pensar acerca do nosso lugar enquanto pesquisadores. As pedaladas, andanças e travessias etnográficas nos mostram a repressão policial seletiva de eventos públicos e privados. Agentes da lei, munidos de exagerada força física e simbólica, reprimem moradores do bairro de forma institucionalizada através dos decretos oficiais. Como reação a isso, percebemos que parte das pessoas do bairro passou a seguir de forma parcial as normas de distanciamento se restringindo à reuniões nas calçadas junto a seus núcleos familiares, enquanto outra parte, constituída principalmente por pessoas mais jovens, passam a criar estratégias de lazer clandestino, geralmente às margens do rio.

Palavras-chave: pandemia, lazer, periferia, antropologia urbana, distanciamento social